

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em educação

Tânia Regina Raitz

Jovens, trabalho e educação:
rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa
Catarina

Porto Alegre

2003

Tânia Regina Raitz

Jovens, trabalho e educação:

rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa Catarina

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Dr. Nilton Bueno Fischer

Porto Alegre

2003

Ao meu pai Tadio Paulo Raitz – in memória, continua preenchendo espaços de aconchego no meu coração. À minha família , minha mãe Iloina, meus irmãos Geuvani, Paulo Juliano e Jussara, meu cunhado Rui, minha cunhada Cléa e meus sobrinhos Lucas, Gisinho e Rafael que constituem amores intransferíveis na minha vida, alicerces de emoções e esperanças divididas cotidianamente.

Agradecimentos

Ao professor, orientador Dr^o. Nilton Bueno Fischer, pela disponibilidade, confiança, estímulo, afetividade, sensibilidade, forma cuidadosa e respeitosa como acompanhou e orientou cada momento deste trabalho, apontando os principais caminhos a serem trilhados. Pela acolhida e amizade.

À professora, Dra. Malvina do Amaral Dorneles, pela maneira especial de ser e estar no mundo, pela tradução das linguagens, atos, gestos e amizade em momentos compartilhados, pelas elucidações e contribuições no projeto de pesquisa, cujas reflexões indicaram mediações necessárias.

À professora, Dra. Marília Pontes Sposito, pelas contribuições valiosíssimas, esclarecimentos de dúvidas apontando bibliografias e parecer competente na qualificação do projeto de pesquisa, abriu novos caminhos e novas questões na elaboração deste estudo. Pela aceitação do convite de retorno.

Ao professor e Dr^o Gilberto Ferreira da Silva, pelas horas de trocas intelectuais e afetivas, pelas belas reflexões nas leituras, pela compreensão em momentos de intranquilidade nos quintais floridos do conhecimento. Pela amizade que se tornou presença constante.

À professora e Dra. Conceição Paludo, pelas contribuições, sugestões, leitura criteriosa na qualificação de defesa do projeto de pesquisa, pelas conversas em momentos difíceis deste trajeto, pelas indicações bibliográficas, palavras carinhosas e amizade.

À professora Dra. Simone Valdete dos Santos, pelas sugestões extremamente pertinentes, ajuda incondicional desde as contribuições na defesa de qualificação do projeto de pesquisa, pela amizade duradoura.

Às minhas amigas inseparáveis, Kátia Maheirie e Lílian Schmeil, pelos incansáveis momentos compartilhados de dores e alegrias, pelos momentos sábios e catalizadores das tensões do conhecimento, pela escuta sensível e permanente, pelas modificações sugeridas na construção deste estudo, pela doce e profunda amizade de muitos anos com quem divido as perplexidades e os saberes cotidianos.

À Beth, Paulo e Bruno, pela afetividade, carinho, força, apoios diversos, preocupações e bela amizade que já dura muitos anos.

À Deise Luci, Carmem Martinez, Suzana Gutierrez, Dileno, Olga, Simone Saraiva, Coninck, Silvia e Laura, pelos momentos partilhados de alegrias, gargalhadas, pelas palavras afetuosas, pela força, coragem nos desafios, pela amizade em diferentes trajetos.

A todos do grupo de orientação e pesquisa, amigos com quem convivi e co-existi neste percurso, pela força, apoio, estímulos, alimentos do saber, críticas, sugestões, alegrias e angústias compartilhadas, pelos sorrisos, pelas lembranças carinhosas, pelos antídotos oferecidos em momentos necessários, pelos diálogos, dizeres e afetos dedicados.

Às professoras, Carmem Craydi, Regina Mutti, Jaqueline Moll, que proporcionaram, através de suas disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFRGS, trocas e diálogos na construção e (des) construção do conhecimento.

À Eliana Povoas, pela presença amiga nos momentos de dificuldades, escuta paciente e sensível, deixou marcas nestas páginas no dividir angústias e ansiedades nos momentos semelhantes vividos na construção de nossas teses.

Ao Arthur, amigo, que com presteza e competência me ajudou na tabulação do questionário, na elaboração das tabelas e deciframentos dos dados do IBGE.

A minha amorosa irmã e amiga Jussara Raitz, pelos momentos confortantes, pelos colos, pela imensa ajuda revisando toda a tese com competência, carinho e dedicação, tornando, desta forma, minha redação melhor.

À Isabela e Flávia, pelo apoio nas cuidadosas transcrições das inúmeras fitas da pesquisa.

Ao CNPQ que, através da bolsa de doutorado concedida, me possibilitou a realização deste estudo.

Ao SINE e a UNIVALI, pelas licenças concedidas e compreensão da necessidade de inserção no campo científico para novos conhecimentos.

À Mary Ignez, Ione, Marisa, Neusa e Eduardo pelas, muitas contribuições e orientações necessárias através do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.

Aos coordenadores Derci Pascoaloto, da CUT, e Paulo Reck, do SENAI, pela receptividade, disponibilidade e possibilidade de mergulho na empiria através de suas entrevistas.

Aos jovens, atores principais deste trabalho, minha especial gratidão, ultrapassaram a condição de expectadores para se tornarem protagonistas deste estudo. Suas inspirações, disposições, saberes e dizeres, tornaram visíveis minhas reflexões. Jovens que oportunizaram dividir um projeto de felicidade no qual o destino de cada um tem a ver com todos.

E a todos que, por ventura, no momento não me vem à memória, mas que, de uma forma ou de outra, contribuíram e iluminaram essa produção.

Nunca deixei de procurar a beleza. Muitas vezes o belo é o brilho do verdadeiro, quase a sua pedra de toque. O estilo é o sinal da invenção, da passagem por uma nova paisagem [...] por natureza, necessidade ou exigência, um irresistível amor pela vida, um prazer inexprimível e permanente de, pelo menos, existir e pensar, quando se proporciona. (SERRES,1996)

RESUMO

O campo sobre Juventude, Trabalho e Educação compõe a referência deste trabalho. O objeto desta pesquisa é analisar a rede de significados dos processos identitários de jovens egressos dos cursos de Educação Profissional da CUT e do SENAI na microrregião de Florianópolis, realizada nos anos de 2002 e 2003. A metodologia de natureza quantitativa e qualitativa teve como eixos de análise, num primeiro momento, 60 jovens e, num segundo momento, uma amostra de oito jovens constituiu fios condutores para a análise. Estes integrantes de grupos musicais religiosos, grupos de esportes, participantes em ações voluntárias e uma experiência de auto-gestão configuraram aquilo que denomino potência de ação como processo educativo. Diário de campo, questionário, entrevistas individuais abertas e semi-estruturadas foram instrumentos relevantes na investigação. Procura-se ainda analisar as relações que os jovens estabelecem com a família, o lugar e o sentido do trabalho, a experiência com o desemprego, seus projetos e sonhos, a escola e as interfaces com a Educação Profissional, bem como os processos de construção de suas identidades individuais e coletivas nestes espaços. As elaborações sobre identidade têm como contribuição essencial a obra de Alberto Melucci, compondo um esquadramento teórico referencial na área da pesquisa realizada. A análise dos dados empíricos também foi fundamentada nos principais autores: Sposito, Pais, Elias, Morin, Arendt, Sawaia e Dubet. As práticas desenvolvidas pelos jovens significam discutir que existe um processo educativo para além do trabalho formal como eixo estruturante. Os resultados da pesquisa apontam para uma rede complexa e heterogênea vivida pelos jovens, é na complexidade destas relações entre família, escola, formação, nos grupos e ações sociais que os jovens constroem sua identidade partir das experiências que coadunam com as transformações em curso na sociedade contemporânea. Este estudo também direciona para o foco de que pensar políticas públicas para a juventude, cursos de Educação Profissional, através de instituições como SENAI e CUT, significa planejar e potencializar essa diversidade encontrada nas experiências e ações desenvolvidas pelos jovens, numa nova concepção como sujeitos de direitos, que não sejam só ouvidos para subsidiar políticas para si próprios, que ‘assumam’ programas, atividades, ações como também responsáveis e não só executores, mas sujeitos de ‘autoria’.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Educação e Trabalho; Processos Identitários; Formas Associativas.

ABSTRACT

Youth, Work and Education are the reference fields in the present work. Its objective is to analyze the net of meanings of identity processes related to young people who have taken professional education courses at CUT and SENAI in the Florianópolis region. The quantitative and qualitative nature of the methodology covered, first, a sample of sixty youngsters; at a second moment, a sample of eight youngsters who were part of religious musical groups, sport groups, and participants in volunteer action groups. These eight youngsters had some experience at self-management and may be examples of what I name power of action as an educational process.

Field diary, questionnaire, open individual and semi-structured interviews were relevant tools for the investigation. The study also analysed the relationships between those young people and their families and environments, the meaning of work for them, the experience with unemployment, their dreams and projects, the role of the school and the interface with Professional Education. Moreover, this work analyses the construction process of their individual and collective identities in these spaces. Alberto Melucci's work has deeply contributed to the elaboration of identities and is an essential theoretical reference in the research area. The analysis of the data was also based in the following main authors: Sposito, Pais, Elias, Morin, Arendt, Sawaia and Dubet. The practices developed by the youngsters reveal an educative process beyond the formal work. The results of this work point to a complex and heterogeneous net experienced by the young people involved, and in the complexity of the relationships covering family, school, formation, groups and social actions from where they build their identity, and relate with the changes in course in the present society.

This study also it directs for the focus of that to think public politics for young, courses of Professional Education, through the institutions as SENAI and CUT, means to plan and to potencializar this diversity found in the experiences and actions developed for the young, in a new conception as citizens of rights, that are not alone ears to subsidize politics that 'assume' programs, activities, actions, as also responsible and not only executors, but citizens of 'authorship'.

KEY WORDS: Youth; education and work; identity processes; associative forms.

LISTA DE TABELAS

1 - Distribuição dos habitantes por sexo e idade nos municípios de Florianópolis, Biguaçu, Palhoça e São José.....	83
--	----

LISTA DE QUADROS

1 - Perfil dos oito jovens egressos pesquisados.....	157
2 - Distribuição da localidade atual de moradia dos jovens egressos.....	158
3 - Número de jovens nas formas associativas.....	243

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED - Associação Nacional de Pesquisadores em Educação
BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAPROM – Centro de Apoio e Promoção ao Migrante
CECCA - Centro de Estudos, Cultura e Cidadania
CBO – Classificação Brasileira de Ocupações
CEFET – Centro Federal de Ensino Tecnológico
CGT – Confederação Nacional da Indústria
CERIS – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais
CME – Comissão Municipal de Emprego
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNC – Confederação Nacional do Comércio
CNF – Confederação Nacional das Instituições Financeiras
CNI – Confederação Nacional da Indústria
CNM – Confederação Nacional dos Metalúrgicos
CODEFAT – Conselho Deliberativo do fundo de Amparo ao Trabalhador
COOSERV – Cooperativa de Serviços
CUT – Central Única dos Trabalhadores
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos
FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador
FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FLACSO – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
FS – Força Sindical
GJEA – Grupo Jovem Esperança do Amanhã
IARD – Instituto de Pesquisas Italianas sobre Juventude
IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MAVJ – Movimento Água Viva Jovem
MEC – Ministério da Educação
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização
MPAS – Ministério da Previdência e Assistência Social
MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
OIT – Organização Internacional do Trabalho
ONG – Organização Não-Governamental
PASEP – Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público
PJ – Pastoral da Juventude
PEA – População Economicamente Ativa
PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
PEQ – Plano Estadual de Qualificação
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
PIB - Produto Interno Bruto
PIS – Programa de integração Social
PLANFOR – Plano Nacional de Formação do Trabalhador
PME - Pesquisa Mensal de Emprego
RAIS – Relação Anual de Informações Sociais
SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas
SEFOR – Secretaria Nacional de Formação Profissional
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SENAT – Serviço Nacional de Aprendizagem no Transporte
SESI – Serviço Social da Indústria
SIGAE – Sistema Informatizado de Gerenciamento na Área de Emprego
SINE – Sistema Nacional de Emprego
SDSF – Secretaria de Desenvolvimento Social e da Família
UDESC – Universidade de Desenvolvimento de Santa Catarina
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UNITRABALHO – Rede Interuniversidade de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho
UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	09
LISTA DE QUADROS.....	10
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	11
INTRODUÇÃO.....	15
EVOCÇÕES DE VIDA: APROXIMAÇÕES COM O TEMA DE PESQUISA.....	15
1 JUVENTUDE, IDENTIDADES E DIVERSIDADE DE SENTIDOS SOBRE O TRABALHO.....	26
1.1 JUVENTUDE NUMA PERSPECTIVA DE CONSTRUÇÃO HISTÓRICA SÓCIO-CULTURAL.....	27
1.2 IDENTIDADE EM MOVIMENTO: PERMANÊNCIA E MULTIPLICIDADE NAS TRAJETÓRIAS JUVENIS.....	36
1.3 REVISÃO DA LITERATURA NO CAMPO JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO.....	47
1.4 A DIVERSIDADE DOS SENTIDOS SOBRE O TRABALHO.....	56
2 ITINERÁRIOS DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS MEDODOLÓGICOS.....	69
2.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS.....	69
2.2 TRAJETÓRIA PERCORRIDA.....	73
2.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	75
2.4 A PESQUISA QUALITATIVA E OS EIXOS DE ANÁLISE.....	79
3 UM OLHAR SOBRE O CONTEXTO SITUACIONAL DOS JOVENS NA ILHA DE SANTA CATARINA.....	82
3.1 CARACTERÍSTICAS DO MUNDO DO TRABALHO EM FLORIANÓPOLIS.....	82
3.2 APONTAMENTOS SOBRE JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA.....	90
3.3 RESULTADOS DA PESQUISA: A REALIDADE VIVIDA PELOS JOVENS EGRESSOS.....	96
4 A POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: CONCEPÇÕES E DESAFIOS.....	111
4.1 AS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: CUT e SENAI.....	119
4.2 RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....	137
5 CONECTANDO OS FIOS DA REDE ATRAVÉS DA HETEROGENEIDADE VIVIDA PELOS JOVENS.....	153
5.1 CONSTITUIÇÃO DE UM PERFIL.....	156
5.2 RELAÇÃO: JOVENS, FAMÍLIA E TRABALHO.....	162
5.3 TRAJETÓRIA ESCOLAR E INTERFACES COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....	180
6 SITUAÇÃO ATUAL DE TRABALHO E A EXPERIÊNCIA COM O DESEMPREGO.....	203
6.1 FLÁVIA E RAFAEL: PERMANECER ESTÁVEL OU IR EM BUSCA DO SONHO.....	203
6.2 MEIRELLE: IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO COMO PROJETO.....	208
6.3 ALESSANDRA: ESTÁGIO REMUNERADO CONSIDERADO COMO DESEMPREGO.....	211
6.4 ISRAEL, ROSANA, AURINO E WILSON: FLUTUAÇÕES ENTRE EMPREGO E DESEMPREGO.....	213
7 SENTIDOS E PROJETOS PARA O TRABALHO ENTRE OS JOVENS EGRESSOS.....	224
7.1 TRABALHO: SOBREVIVÊNCIA UM SENTIDO MAIS GERAL.....	225
7.2 TRABALHO: INDEPENDÊNCIA PESSOAL.....	227
7.3 TRABALHO: DIGNIDADE E RESPEITO COMO FORMADORES DE IDENTIDADE.....	229
7.4 TRABALHO: AUTO-REALIZAÇÃO.....	230

7.5 NÃO TRABALHO: VAZIO, TÉDIO E DESVALORIZAÇÃO.....	232
7.6 PROJETOS: ENTRE O REAL, O POSSÍVEL E O DESEJADO.....	233
8 FORMAS ASSOCIATIVAS, ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E A CONFORMAÇÃO DE IDENTIDADE DOS JOVENS	242
8.1 RAFAEL E WILSON: IDENTIDADE COLETIVA ATRAVÉS DA MÚSICA RELIGIOSA....	244
8.1.1 Rafael: interpretando o sentido da vida através da música religiosa.....	244
8.1.2 Wilson: música religiosa e o grupo como agregador em estar no mundo desempregado.....	255
8.2 ALESSANDRA, AURINO E MEIRELLE: CUIDADO, CIDADANIA, SOLIDARIEDADE E COMPAIXÃO COM O OUTRO ATRAVÉS DE AÇÕES VOLUNTÁRIAS.....	262
8.2.1 Alessandra: ser-no-mundo cuidado, compaixão, solidariedade e sociabilidade com as crianças.....	264
8.2.2 Aurino: ações sociais em favor de seus pares e de sua comunidade.....	268
8.2.3 Meirelle: solidariedade, altruísmo e cuidado em ações voluntárias espirituais.....	271
8.3 ROSANA E ISRAEL: O ESPORTE COMO LAZER, SOCIABILIDADE E FORMA FLUÍDA DE VIVER.....	275
8.3.1 Rosana: o futebol e o vôlei como uma forma de conviver, reconhecer e ser reconhecida.....	276
8.3.2 Israel: o futebol como adesão ao grupo e o surfe como coexistência lúdica.....	280
8.4 FLÁVIA: COOPERATIVA COMO UM ESPAÇO DE PARCERIA, AUTO-GESTÃO E VÍNCULOS SOLIDÁRIOS.....	284
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	290
O TECER E O DESTECER ININTERRUPTO DAS LIGAÇÕES DA REDE.....	290
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	304
ANEXOS.....	317
ANEXO A – QUESTIONÁRIO.....	320
ANEXO B – LISTA DOS JOVENS NÃO LOCALIZADOS (JUSTIFICATIVAS).....	324
ANEXO C - TABELAS DO QUESTIONÁRIO E DOS MICRODADOS IBGE.....	332
ANEXO D – PERFIL DOS 60 JOVENS PESQUISADOS.....	358
ANEXO E – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS JOVENS EGRESSOS.....	361
ANEXO F – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS COORDENADORES DA CUT E DO SENAI.....	365
ANEXO G – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	369

INTRODUÇÃO

EVOCações DE VIDA: APROXIMAções COM O TEMA DE PESQUISA

Através dos lugares e espaços de uma suposta rede interplanetária¹ na qual vivemos, somos sempre os sujeitos de nossas apresentações e representações, como seres existentes na sociedade e nas dinâmicas sociais. Ousa-se, primeiramente, nesta tese, fazer alguns vãos em direção aos trânsitos de minha experiência pessoal que perpassam e se entrecruzam com minha vida profissional². Sem dúvida, este processo mostra as inquietações trilhadas nesta produção, bem como revelam a coragem para assumir as responsabilidades pelas lacunas ou pela incompletude deste estudo, num movimento ao momento histórico no qual vivemos.

Como afirma Morin (2000, p 11), “[...] a percepção de certos acontecimentos em nossa vida pode incluir seleção do que parece principal, ocultação ou esquecimento do que incomoda, mas também que a lembrança pode alterar seriamente o que ela rememora”. Neste aspecto, concordo com o autor que o exercício do autoconhecer-se é necessário para o conhecimento e, muitas vezes, nossas trajetórias evocam um emaranhado de significados nas construções e (des) construções que costumamos fazer quando nos aproximamos de nossas temáticas de pesquisa. Nos desdobramentos deste caminhar, volto-me um pouco para o passado, em interações, estranhamentos e transformações que foram tecidos ao longo do tempo, sem a intenção de ficar presa a vivências que me façam esquecer do processo de pesquisas cujas demandas são do campo científico, epistemológico.

Sendo filha de descendentes alemães que cultivaram em suas vidas a “cultura do trabalho”, não posso negar que isto produziu em minha vida um intenso referencial. A memória que tenho de meu pai, que faleceu em 1993, foi sempre na “labuta do trabalho”, tentando em diversos ramos buscar alternativas de sobrevivência na roça, como alfaiate, numa fábrica de estofados e, por último, no comércio, em Florianópolis. Da mesma forma, minha

¹ Aqui me refiro à “planetarização do sistema”, termo referendado por Melucci (1996) em contraposição ao termo “globalização”. O sistema tornou-se um espaço único e planetário, os problemas que surgiam em espaços específicos passam a afetar o sistema como um todo, o sentido sistêmico abordado pelo autor configura o rompimento do espaço e tempo.

² Sinto-me de certa forma autorizada para este exercício a partir das reflexões que faz Fischer (1999, p. 13), no texto “Educando o Pesquisador: Relações entre o objeto e objetivo”, quando amplia suas idéias adicionando elementos trazidos por Melucci em diálogo com sua história pessoal. O autor mostra “[...] a importância do pesquisador mergulhar em seu próprio interior, vendo sua trajetória a partir de suas raízes e história de vida entendendo a dimensão da positividade que tal processo pode exercer nas áreas das ciências humanas e sociais” .

mãe, hoje com 70 anos, cuja atividade é do lar, sempre lutou e acompanhou meu pai neste processo.

Em relação aos processos educativos vivenciados, tanto por ele como por ela, não foram diferentes dos experimentados ainda hoje por muitos trabalhadores, pois só conseguiram estudar até a 4ª série do antigo primário. Nem por isso, apesar das dificuldades, eu e meus irmãos deixamos de vislumbrar todas as etapas de formação escolar.

Penso que talvez tenha sido justamente isto que desencadeou minha trajetória escolar e de trabalho. Esclareço que este retorno não tem nenhuma intenção de apresentar minha infância como algo difícil, numa espécie do que Paulo Freire (1994, p 31) chama de “salvo-conduto revolucionário”, apenas me reporto a este fato no sentido de que estes momentos “ [...] forjaram em mim, ao invés de uma conduta acomodada diante do desafio, uma abertura curiosa e esperançosa diante do mundo”.

Já a releitura que faço de minha pré-adolescência pode ser traduzida como um movimento lúdico de explorar territórios “inóspitos” e distantes, buscava adaptar-me à mudança de uma cidade de interior do Estado de Santa Catarina (nasci em Videira-SC) para sua capital Florianópolis-SC, cidade com natureza pródiga, denominada hoje por muitos como capital turística do MERCOSUL.

Estes foram os ingredientes dos meus primeiros anos de adolescência. Estudando em escola pública, no Instituto Estadual de Educação, aproveitava a disposição da idade para novas descobertas, buscas existenciais, gostava de escrever poesias, principalmente sobre minhas experiências afetivas, escolares e problemas que qualquer adolescente passa com relação à família. Tentativas estas de definir minha identidade, constituir personalidade, formar grupos, escolher uma profissão. Nem por isso essas experiências lúdicas me impediam de começar a questionar sobre nossa condição humana, tanto de felicidade como de sofrimento. Assim, engendrava minhas emoções.

Na maturidade, minha percepção se volta a estes tempos, e concluo que não importa tanto o que fizeram conosco, mas o que fizemos com o que nos aconteceu. Muitas vezes este momento de passagem para a vida adulta parece ser uma questão dramática, que na juventude se apresenta como algo a resolver num futuro muito próximo, se for o caso. Quando somos jovens, achamos que amadurecer significa estagnar, deixar de viver aventuras pertinentes somente àquela etapa. Os jovens, por sua própria condição histórico-cultural, parecem ter mais disposição para o novo. Porém, o tempo também nos mostra que pode não ser assim e começamos seriamente as escolhas que encaminham nossas vidas.

Naquela época, descobri que meu caminho ou (des) caminho dependeria de minhas opções de vida, que resultariam talvez em fracasso, mas acreditava mais na alternativa de realização de meus sonhos, na aposta, no desafio da vida que poderia ser uma aventura a me mostrar os diversos barcos ou jangadas nesta ilha e que o fundamental seria saber em qual embarcar para me dotar de instrumentos, objetos, abrigos para seguir adiante e povoar meus personagens.

Na minha juventude, a realidade era outra. O contexto social, econômico, político e cultural oferecia expectativas e alternativas diferentes das que a maioria dos jovens têm na atualidade. Terminei então na época o segundo grau (científico) e senti necessidade de buscar um emprego. Isto significava, além de independência, autonomia, dar vôos, abrir espaços, também conhecer novos lugares e colocar em prática o que tinha adquirido de informações e conhecimentos com os anos de estudo. Com o objetivo de encontrar um lugar no mundo e revelar as potencialidades que até então não considerava, fui aos poucos elegendo compromissos profissionais, percebendo que não conflitavam com o lado bom da existência.

Meu primeiro emprego foi decisivo, não tive que fazer muito esforço para consegui-lo, situação bem diferente vivenciada pelos jovens de hoje em suas andanças na busca do primeiro emprego e a vivência com o desemprego. Neste processo em que o mundo chegava até mim filtrado por uma visão pessoal, tentava delimitar o vivido e o inventado ou imaginado. Aos poucos, esse olhar foi se ampliando para uma apropriação e um maior discernimento da objetividade e subjetividade que constituem nossa realidade, revelando as diversas representações e significados por aqueles nela envolvidos.

Assim, entre idas e vindas, várias relações pessoais, ligações inesperadas me ajudaram a tomar certas decisões nesta nova trajetória existencial e profissional. Trabalhei durante 4 anos na área de planejamento da Fundação Catarinense de Desenvolvimento Social, oportunidade que me fez conhecer melhor a situação das comunidades pobres de Florianópolis, bem como foi meu primeiro contato direto com trabalhadores e trabalhadoras das classes populares.

Na perspectiva de continuar minha formação, não sem as indecisões próprias desta fase de transição entre a juventude e as responsabilidades da fase adulta, escolhi fazer Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina. As primeiras disciplinas já contribuíram para ampliar minha visão de mundo. Posso dizer que foram bons momentos, conheci grandes amigos que estão ao meu lado até hoje.

Neste período, já se apresentava em minhas reflexões uma significação que preservo até então do que imagino ser a “Educação” de um modo geral: um grande projeto

que possa vir a ampliar o presente, com liberdade de criar respostas para enfrentar o hoje e, ao mesmo tempo, ultrapassando-o . Isto significa oferecer asas para transcender o dado e se desprender do presente como possibilidade de inventar ou criar novas realidades e assim operar com alta energia, onde o combustível só pode ser a esperança.

Nesta época, alguns professores foram marcantes, outros nem tanto. O mais importante é que meus sonhos iam crescendo, bem como o processo de interação, interlocução e conscientização política e social do momento da chamada transição democrática do país, pós-ditadura militar.

Envolvi-me em várias manifestações políticas, de militância, desde participação no centro acadêmico do curso até movimentos mais radicais na faculdade e na cidade. Particpei de algumas ações coletivas dos jovens na Universidade (movimento estudantil), assim como em outros espaços que extrapolavam o meio acadêmico, contestações mais amplas na cidade sobre a conjuntura social, econômica, política e cultural da época.

A cada etapa meu campo de conhecimento aumentava e a energia era canalizada por mais buscas, instigada por novas conquistas ou construções e (des) construções teóricas e empíricas. Nunca estive satisfeita em termos de conhecimento, como até hoje não estou. Para mim, este movimento não tem fim, mesmo após o término desta produção, o mais comum é a sensação de incômodo , uma insuficiência, uma sensação de incompletude, principalmente naquilo que configura o momento histórico que vivemos, de contextos complexos³. Faço um registro, que mesmo sem dispor de mapas claros e precisos, continuo acreditando num projeto amplo, na alegria da invenção e no prazer de imaginar um futuro onde caibam nossos sonhos de dignidade e emancipação.

Em 1994, concluí o Mestrado em Sociologia Política na UFSC. Na minha dissertação intitulada: “Discursos plurais assessorando um movimento popular em Florianópolis: Estudo de caso de uma Organização Não-Governamental”, o objeto de pesquisa foi o Centro de Apoio e Promoção ao Migrante (CAPROM). Era um Centro Popular de Assessoria que atuava junto ao Movimento Sem-Teto, na cidade de Florianópolis, e no

³ Cito Morin (p. 201) como um autor que me ajuda a pensar um pouco sobre o conhecimento complexo que compreende o inseparável, o incerto e, justamente, o irracionalizável. O autor destaca três princípios do pensamento complexo: “o dialógico que se funda na associação complexa (complementar, concorrente e antagônica) de instâncias necessárias junto à existência, ao funcionamento e ao desenvolvimento de um fenômeno organizado; o princípio recursivo em que todo o momento é, ao mesmo tempo, produto e produtor do que o produz, que causa e é causado; o princípio hologramático em que não apenas a parte está no todo, mas que o todo está, de certa forma, na parte”. Melucci (1997, p 21 e 22) é outra referência importante na discussão sobre complexidade. O autor aponta três processos sociais para esta noção: “diferenciação, variabilidade e excedência cultural”: o primeiro é relativo à “diferenciação de espaço do âmbito da experiência”, o segundo, “à diferenciação dos tempos da experiência” e o terceiro constitui “o alargamento das possibilidades de ação”, ou melhor, “ um sistema complexo que coloca à disposição uma quantidade de possibilidades que ultrapassam a capacidade efetiva de ação dos sujeitos”.

período se destacava por suas lutas. O objetivo central da investigação foi analisar a contribuição teórica e prática das relações entre as assessorias e movimentos populares.

A luta deste movimento, mais especificamente por moradia, suas conquistas, a participação, a criação de condições para o desenvolvimento de uma prática coletiva, demonstrou a história da instituição. Apesar das diferenças ideológicas do grupo, este conquistou o agir coletivo em alguns momentos em favor deste movimento.

Os conflitos internos do grupo (demonstrados pelas várias posições dos sujeitos) se apresentaram no sentido de avançar como organização em seus propósitos democráticos e como colaboradores de possíveis mudanças na sociedade. O cotidiano vivido por estes sujeitos das classes populares revelou situações de baixo nível de escolaridade, analfabetismo, desemprego, mercado informal caracterizado pelo trabalho de biscate, catadores de vidro, papelão, por conta própria e sem carteira assinada, etc. Estas inseguranças no mercado de trabalho suscitaram em mim preocupações de pesquisa.

Neste mesmo ano, iniciei minha trajetória como educadora na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), bem como desenvolvi atividades no Sistema Nacional de Emprego - SINE na área de Informação e Análise do Mercado de Trabalho. Nas estatísticas e análises deste setor já aparecia o fenômeno do desemprego, sobretudo entre os jovens, demandando uma maior qualificação.

Em contato direto com o setor de qualificação profissional desta instituição, tive acesso às pesquisas feitas com os egressos dos cursos de formação profissional, inseridos no Plano Nacional de Formação Profissional (PLANFOR), do Governo Federal, cuja ênfase recai sobre as categorias de eficácia e de efetividade dos cursos e da demanda do mercado de trabalho, para análise dos impactos da qualificação para os treinandos⁴. Esta minha experiência cotidiana somou-se ao desejo de aprofundar os estudos sobre a temática juventude, trabalho e educação.

Em 1999, entrei no doutorado em Educação na UFRGS, na linha que ainda se chamava na época Políticas de Educação e Exclusão Social, escolhendo, como sujeitos centrais da pesquisa, jovens que tinham passado por cursos de formação profissional em duas

⁴ Na avaliação do Plano Estadual de Qualificação/Requalificação Profissional de Santa Catarina - PEQ, a pesquisa de egressos é parte integrante do Processo de Avaliação Externa, a cargo da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. A pesquisa de acompanhamento de egressos tem como objetivo principal identificar e descrever os benefícios decorrentes das ações de qualificação profissional, ou seja, a eficácia (categorias de encaminhamento ao mercado de trabalho, ocupação e renda), ações para os concluintes dos cursos, a partir de informações prestadas pelo próprio egresso. Também objetiva avaliar o grau de efetividade social, categorias de valorização pessoal e valorização social.

instituições formativas: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI e Central Única dos Trabalhadores - CUT.

O critério de escolha das instituições não foi aleatório, mas foi baseado em enfoques históricos, a primeira, por se constituir na mais antiga entidade de formação profissional no Brasil, e a segunda, por sua experiência mais recente e abordagem teórica diferenciada sobre a temática, sendo as duas instituições amplamente conhecidas.

Deixa-se claro que o objetivo deste trabalho não passa pela análise destas instituições em si mesmas, os seus movimentos serão observados, porém não se trata de um estudo de caso ou mergulho nestas. Elas criam espaços formativos como outras instituições, a família, a escola, o trabalho e os grupos, que também contribuem para os processos identitários dos jovens, espaços estes em que os jovens se inserem num ato de reconhecer e serem reconhecidos, e que, por sua vez, também contribuem para a construção de suas identidades .

Portanto, os jovens passaram por estas duas instituições num tempo, passado recente, diferentemente dos espaços que experimentam no presente, especialmente em relação ao lugar do trabalho em suas vidas e as formas associativas, por isso não se nega que estas ligações educativas também contribuíram para o acúmulo de suas experiências.

O estudo mostrou que os cursos de educação profissional, em conjunto com outros espaços analisados que incluem também a participação em formas associativas, constituíram para alguns jovens numa tentativa, uma busca a mais como processo educativo na orientação e estruturação de suas vidas. Para além do espaço escolar regular e de trabalho, a expectativa dos jovens esteve pautada num movimento de reconhecimento, de resistir e lutar para um espaço de pertença na sociedade. Neste sentido, os cursos de educação profissional também fazem parte de suas experiências, contribuindo para suas trajetórias vividas. É nesta perspectiva que foi analisada a Educação Profissional.

Reconheço que múltiplos são os olhares que poderiam dar-se na construção do objeto de pesquisa desta tese, a partir da realidade de uma sociedade plural, econômica, geográfica e culturalmente diferenciada. A tentativa aqui exposta não está baseada em soluções únicas, totalizantes e conclusivas que seriam aplicáveis a todas as realidades, nem tampouco num único paradigma, seria ingenuidade da minha parte.

Desta maneira, conjugo com Kuenzer (2000, p 13) que escreve “não há soluções simples para problemas complexos “ [...] não há mágica, nem verdades inquestionáveis na provisoriedade do conhecimento” . Esta tese fundamenta-se na área juventude, trabalho e

educação, que, como pano de fundo, implica um mergulho no espaço e no tempo das condições concretas que estão objetivadas para os sujeitos desta pesquisa.

Neste sentido, o ponto de partida desta viagem engendrou sobretudo conflitos, olhares, saberes e não-saberes, afetos, colocados diante de uma relação dialética frente à realidade que foi investigada. Este estudo constitui-se numa tentativa de vir a revelar alguns aspectos sem visibilidade da complexidade atual vivida por estes jovens.

Chega-se, assim, ao terceiro milênio com poucas certezas, muitos desafios, completamente perplexos com tantas transformações nas várias esferas societárias. Enfim, um tempo de transição, de mudanças, em que o projeto da modernidade não foi suficiente para solucionar os graves problemas da humanidade. Conforme Sousa Santos (1995), vivemos uma condição de perplexidade diante de inúmeros dilemas nos campos do saber e do viver, que além de serem fontes de angústias e descontentamentos, também são desafios à imaginação, à criatividade, à esperança e ao pensamento.

Aposto nesta perspectiva, buscando fundamentar nos processos da formação humana aquele conhecimento que vai além da lógica utilitarista, reducionista, das absolutizações e ajustes da escola e do trabalho, que consideram os jovens como massa uniforme, maleável e moldável, como assinala Arroyo (1998). Tem-se neste estudo uma preocupação com aquela formação humana que dá conta da pluralidade e diversidade, dos processos educativos como arte de conformar o humano, os sentidos, as vivências, as experiências, os impulsos, a sensibilidade, o vivido, os afetos, etc.

Os sujeitos centrais desta pesquisa são jovens egressos de cursos de Educação Profissional do SENAI e CUT, realizados nos anos de 1999 e 2000, que residem em quatro municípios da microrregião de Florianópolis/SC, perfazendo, além deste, Biguaçu, Palhoça e São José, pertencem às classes populares e classes médias baixas, vivem diferentes situações de trabalho: trabalho formal, trabalho informal, precário, temporário, estágios, experiências com o desemprego e alguns ainda participam de formas associativas de interação.

Em síntese, este estudo tem como objetivo central investigar a rede de significados que constitui os processos identitários dos jovens egressos dos cursos de formação profissional do SENAI e CUT, nas relações que estabelecem com a família, o trabalho, a escola, a educação profissional, os grupos musicais religiosos e de esportes, as ações voluntárias, cooperativas, as experiências com o desemprego, o lazer, seus projetos e sonhos, os sentidos sobre o trabalho, contribuindo, desta forma, teórica e metodologicamente com diagnósticos para as políticas públicas sobre juventude, bem como para os estudos na área juventude, trabalho e educação.

No desenvolvimento da pesquisa, as seguintes questões surgem como objeto de estudo: Como os jovens constroem suas identidades individuais e coletivas nestes espaços, na família, no trabalho, na escola, nos cursos de Educação Profissional e nas formas associativas? Quais as práticas educativas que estão sendo engendradas a partir destas experiências? Como formulam suas iniciativas, tentativas, ações e estratégias de inclusão social que podem ser traduzidas em suas diferentes orientações? Quais os sentidos que emergem sobre o trabalho e a experiência com o desemprego? Quais as ações sociais que desenvolvem nos grupos que participam? Como elaboram e quais são seus projetos e sonhos profissionais?

Para tentar responder aos objetivos desta pesquisa, partiu-se da hipótese de que as lutas cotidianas dos sujeitos pesquisados poderiam estar revelando novas ações, práticas, experiências, situações, que vão além do trabalho formal como eixo estruturante, ocupando também outros espaços educativos na constituição de suas identidades, tanto individual quanto coletiva, como a participação em grupos musicais, de solidariedade, ações voluntárias, cooperativas, experiências diferenciadas em relação ao mercado de trabalho informal, bem como as experiências de desemprego que poderiam estar vivenciando.

Essa hipótese esteve associada a outras formas educativas que, segundo Sposito (2000), podem ser propiciadoras de novas práticas, talvez um novo campo de conflito social que pudesse estar sendo gestado, através de recentes experiências vividas por alguns grupos juvenis.

A intenção desta pesquisa se concretizou nesta perspectiva, em trazer elementos, fenômenos e categorias norteadoras para essa hipótese. É esta a contribuição que este estudo traz, decifrar⁵ um pouco mais esta diversidade que se encontra nas experiências juvenis, no sentido de cooperar também com o debate de ressignificação da educação profissional a partir dos sentidos, angústias, práticas, esperanças e sonhos destes jovens para que possam participar, quem sabe, de uma nova utopia, colaboradores e construtores junto às políticas públicas para a juventude.

⁵ A conotação da palavra aqui não está associada à elucidação de enigmas ou mistérios que envolvem a fábula da esfinge na mitologia grega “decifra-me ou devoro-te”. Nesta fábula, Édipo, que ouviu do oráculo de Delfos o mistério de seu destino, matar seu próprio pai e casar com sua mãe, decifra o enigma proposto pela esfinge (mostro que assustava a todos e matava quem não decifrasse o enigma) que era o seguinte: “Qual o animal que de manhã tem quatro pés, dois ao meio dia e três à tarde?”. Édipo respondeu é o homem, pois na manhã da vida engatinha com os pés e as mãos; ao meio dia (fase adulta) anda sobre os pés; e à tarde (velhice) necessita de duas pernas e o apoio de uma bengala. Para maiores detalhes, consultar <http://www.Esfinge25.hpg.ig.com.br/esfinge.htm>

Partindo destes pressupostos e em graus diversos de complexidade, Melucci (2002) nos diz que, no âmbito de nossa vida cotidiana, experimentamos uma multiplicidade de papéis sociais configurando identidade múltipla, pessoal, social, familiar, nas formas de participação em grupos. Inclui-se aqui o espaço da Educação Profissional, a escola, o lugar do trabalho e os sentidos que damos a esses, etc.

Neste processo, o que muda mesmo é o sistema de relações no qual estamos inseridos. Isto passa pela capacidade de se reconhecer e ser reconhecido nestas diversas situações, constituindo o que o autor chama de identificações ou processos identitários. É na compreensão deste conjunto de relações e significados vividos por estes jovens, de como eles constroem suas identidades, que concentramos os esforços desta pesquisa.

Aqui inclui-se que pensar políticas públicas para a juventude equivale a planejar a partir desta diversidade e refletir uma possível ressignificação da Educação Profissional que deve estar baseada numa formação diferente, que ultrapasse as meras competências para o mercado de trabalho, num cenário em que, para muitos, nem existe mais emprego. Trata-se de pensar que esta deve ir muito mais longe, na perspectiva de uma formação humana, que inclui, além do desenvolvimento intelectual, o cognitivo, também o conhecimento tecnológico, o artístico, o afetivo e o emocional, no dar-se conta desta diversidade.

A estrutura da tese apresenta a divisão em oito capítulos seguindo as opções teórico-metodológicas do desenvolvimento da pesquisa. No primeiro capítulo busca-se, através dos referenciais teóricos, resgatar a partir de algumas áreas do conhecimento, as configurações diferenciadas sobre juventude, destacando sua construção numa perspectiva histórico-social e cultural que demarca a sociedade moderna como aquela que inaugura um significado mais sociológico em seu tratamento.

As profundas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais por que passa a sociedade atual, apresentam um sistema de complexidade em suas bases, provocando, neste contexto, novos referenciais no que diz respeito aos processos identitários. O estudo teórico procura esclarecer o paradoxo que contém a identidade, num movimento de permanência e multiplicidade, que envolve a construção da identidade individual e coletiva dos jovens da pesquisa.

A revisão da literatura sobre os estudos na área da juventude, trabalho e educação caracteriza os avanços que proporcionaram aproximações com o tema, ao mesmo tempo, mostra que ainda são poucos os estudos que apontam para investigações sobre lugar do trabalho dos jovens, trabalho informal, a experiência com o desemprego, sentidos sobre o trabalho, construção da identidade a partir destes lugares, formas associativas como ações

voluntárias e experiência de auto-gestão. Argumenta-se ainda a diversidade dos sentidos sobre o trabalho que caracterizam a crise e as mudanças no mundo do trabalho, produzindo novos significados para além do trabalho formal como eixo estruturante.

No segundo capítulo, exibem-se alguns pressupostos na construção de uma rede de apreensão analítica dos processos significantes da investigação, os passos e os movimentos trilhados indicam dois momentos complementares, caracterizando uma pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa. Os detalhes que contemplam cada etapa do desenvolvimento da investigação, a importância dos instrumentos de coleta de dados como questionário, entrevistas individuais e algumas coletivas marcam intensamente a interação entre pesquisadora e sujeitos, entre empiria e teoria.

No terceiro capítulo, resgatam-se algumas características do mundo do trabalho na microrregião de Florianópolis, cenário da pesquisa, marcas da sazonalidade que fazem proliferar ocupações temporárias e informais, os movimentos circulantes que configuram as trajetórias de trabalho e a experiência dos jovens com o desemprego. Também enfatiza-se alguns apontamentos sobre as políticas públicas para a juventude em Florianópolis, discute a ausência de orientações e novas concepções na compreensão dos jovens como sujeitos de direitos, bem como a falta de indicadores claros e conceituações que problematizem participações mais democráticas para a juventude. Neste mesmo capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa com 60 jovens egressos dos cursos de Educação Profissional da CUT e SENAI, utilizando um segundo instrumental com 13.450 jovens na microrregião de Florianópolis, que analisam tendências em relação à educação/ escolaridade, idade, trabalho, desemprego, gênero, estado civil, moradia e migração.

No quarto capítulo, situa-se teoricamente o Plano Nacional de Formação Profissional quanto às concepções e desafios atuais, bem como recupera-se historicamente o movimento das instituições CUT e SENAI, a recomposição de seus referenciais formativos, os resultados analíticos dos depoimentos de seus coordenadores em contraponto com a pesquisa com os jovens que participaram dos cursos, especificamente sobre a Educação Profissional.

No quinto capítulo, aborda-se a constituição do perfil dos oito jovens que participaram da segunda etapa da pesquisa qualitativa, busca-se explicitar sobre a heterogeneidade vivida pelos jovens na relação que estabelecem com a família e o trabalho, suas trajetórias escolares motivadas por suas saídas, permanência, retornos, os significados da escola na construção de suas identidades, como também as interfaces com a Educação Profissional. Argumenta-se que os atores e as instituições não se reduzem mais a uma única

lógica de ação, mas estão diluídos nas sociedades complexas num fluxo contínuo feito de ações sucessivas. Os jovens se constroem como sujeitos através de diversas experiências numa relação processual dinâmica.

No sexto capítulo, recupera-se a situação de trabalho atual dos jovens egressos, aprofundando a dimensão que este ocupa em suas vidas, seja no aspecto positivo ou negativo, a experiência com o desemprego, que mostra as oscilações, flutuações, inconstâncias, inseguranças e movimentos circundantes de continuidades e descontinuidades diante das transformações do mundo do trabalho.

No sétimo capítulo, apresentam-se os sentidos do trabalho, os projetos e sonhos profissionais dos jovens egressos, configurando um campo de significados ambivalentes e contraditórios. A diversidade dos sentidos é caracterizada pela complexidade da própria identidade sempre em constituição, em razão do mundo estar em constante mudança. Foram apreendidos como fios que se conectam e se entrecruzam, dependendo de cada contexto que os jovens vivenciam. As escolhas e incertezas ficam entre o real, o possível e o desejado quanto a seus projetos

Finalmente, no oitavo capítulo, busca-se focalizar as práticas educativas que ultrapassam os espaços analisados anteriormente. Outros fios são conectados a partir das experiências que os jovens desenvolvem nas formas associativas, em grupos musicais religiosos, ações voluntárias, na cooperativa, nos grupos de esporte como o futebol, vôlei e o surfe. Procura-se delinear estas práticas refletindo sobre as expressões de sociabilidade, agregação, solidariedade, cuidado com o outro, cidadania, potência de ação, espaços de pertencimento e vivências significativas na construção de identidades individuais e coletivas dos jovens.

Retoma-se nas considerações finais a rede de significados num movimento de tecer e destecer estas ligações que foram construídas em todo o estudo.

Registra-se ainda que na tese existem depoimentos dos jovens e dos coordenadores das instituições que são longos, mas optei por transcrever de forma extensa porque existem expressões significativas, que melhor refletem o significado dessas falas. Por indicação da revisora, ressalto também que optei por usar o verbo no impessoal, mas em alguns momentos ficando na primeira pessoa do singular, pois assim se fez necessário.

1 JUVENTUDE, IDENTIDADES E DIVERSIDADE DE SENTIDOS SOBRE O TRABALHO

VOLTE PARA CASA ! TUDO PERDOADO

Como alguém que na barra fixa executa o giro gigante, nós próprios quando jovens giramos a roda da fortuna, da qual então mais cedo ou mais tarde sai a sorte grande. Pois unicamente aquilo que com quinze anos sabíamos ou exercíamos constitui um dia nossos atrativos. E por isso uma coisa nunca pode ser reparada: ter deixado de fugir da casa de seus pais. De quarenta e oito horas de desabrigo nesses anos condensa-se como uma barrela o cristal da felicidade da vida. (BENJAMIN, 1987).

A percepção do presente revela uma certa saturação de referências aos papéis que os jovens devem desempenhar na sociedade e uma crescente valorização da própria idéia de juventude. Muito tem-se falado sobre adolescência e juventude, todavia, a afirmação de seu reconhecimento constitui um fenômeno relativamente novo, ressurgindo com mais intensidade na década de 90 do século passado, depois de um certo período de silêncio.

Neste resgate, é importante um certo volume de estudos que passam a problematizar a cultura juvenil a partir de suas experiências, percepções, sentidos, formas de sociabilidade e atuação. Mesmo assim, ainda se sabe muito pouco sobre a identidade de um conjunto de jovens brasileiros, que vivem uma realidade cotidiana, por vezes, permeada por travessias e encruzilhadas difíceis de apreender.

O olhar que se tem na vasta bibliografia existente sobre os termos adolescência e juventude, por um lado, auxilia e, por outro, pode confundir diante de tantas rotas, escolhas, pontos de partida, abordagens, agudezas, intensidades, problemáticas, similitudes, relações e diferenciações, elaboradas por diversas áreas do conhecimento: sociologia, antropologia, psicologia, história, economia, educação e outras.

Nesta pluralidade de ênfases constitutivas, que denotam não só uma, mas as várias juventudes, este estudo, pela própria complexidade da temática, engloba uma perspectiva que busca transcender a ótica meramente disciplinar, apesar de todas as suas difíceis implicações. Seria complicado não postular a necessidade de possíveis diálogos e interlocuções com várias áreas do conhecimento, que incluem, além das disciplinas mencionadas, a História e a Filosofia.

Portanto, busca-se suporte em alguns autores que vêm direcionando suas pesquisas, análises e debates aos problemas que afetam a juventude contemporânea no contexto sócio-econômico e cultural, fazendo um recorte nas interpretações e análises que se aproximam dos objetivos deste estudo.

1.1 JUVENTUDE NUMA PERSPECTIVA DE CONSTRUÇÃO HISTÓRICA SÓCIO-CULTURAL

Caso se iniciasse uma reflexão através do livro “História dos Jovens”, de Levi & Schmitt (1996), percebe-se-ia que atualmente a generalidade destas historiografias tem se mantido afastada do tema. Uma das explicações para tal paradoxo é dada por Bibiano (2003)⁶, que consiste num processo que é relativamente novo, de tomar injustamente a história recente como não-história. Na realidade, o autor faz uma crítica aos autores que conjugam com a idéia do fim da história.

Ao mesmo tempo, a compreensão sobre adolescência e juventude, conceitos que por si só - vistos no singular se tornam imprecisos - requer abordagens que busquem ultrapassar esta perspectiva, muitas vezes, complicada de desenvolver-se no núcleo de um universo em que ainda predomina, apesar dos indícios sonoros de mudança, uma excessiva compartimentação dos saberes.

Observando a gênese destas definições, constata-se que elas vêm sendo moldadas ao longo do século XX e começo do século XXI. Embora a suposta visibilidade no presente, da adolescência e da juventude, não dá para negar que muitos grupos ainda continuam sofrendo imposições sociais que impedem o exercício de sua autonomia, ou seja, as potencialidades⁷ que existem em cada um de nós, no desenvolvimento de sujeitos, na sua totalidade.

Essa mutilação sofrida por muitos jovens e adolescentes não ocorre sem conflitos, talvez aí aconteça o resgate de seus recursos potenciais, porque eles continuam protestando contra os olhares em sua negatividade, mesmo sem perceber, mesmo que não estejam organizados.

Ao mesmo tempo que se assiste uma crescente valorização desta fase da vida e de suas potencialidades, como mostram muitos estudos, tais como de Sposito, 1994, 1997, 2000, 2001; Abramo, 1997; Nakano, 1995; Marques, 1997; Carrano, 2000; Dayrell, 2002; Corrochano, 2000; Durand, 2002; Gil, 2003 e outros, também não se pode fugir dos referenciais que demonstram uma outra realidade, da negação em viverem suas singularidades. Estes estão alicerçados muitas vezes nos modelos impostos pela indústria cultural, na qual se criam padrões de comportamento e necessidades que ultrapassam as reais

⁶ Investigador-associado ao Centro de Estudos Juvenis de Lisboa, desenvolve pesquisas sobre “Culturas Juvenis e Participação Cívica”.

⁷ Potencialidade: aqui, deve ser compreendida no sentido que lhe atribui Spinoza (1957, p 144), ou seja, é a “possibilidade humana de agir, atuar no mundo, que pode ser aumentada ou diminuída de acordo com o contexto no qual o sujeito se encontra”. Sawaia (1999) desenvolve bem esta idéia, ao defender a unificação entre o agir, o pensar e o sentir na compreensão da constituição do sujeito.

necessidades dos indivíduos, aquelas que podem ser vitais. Segundo Giovinazzo, (2003), em muitas sociedades ainda existem obstáculos sociais, econômicos e culturais intransponíveis, impedindo uma formação mais completa dos indivíduos e das novas gerações.

Feitas estas considerações, retoma-se a discussão quanto ao tratamento das questões que envolvem os conceitos, adolescência e juventude⁸, ao longo do século XX, mostrando que o amplo leque analítico que as configura, deixa em aberto a pluralidade, a ambigüidade e a dicotomia entre estes termos. Num breve vôo pela literatura existente sobre as definições que foram construídas ao longo do tempo, demarca-se a sociedade moderna, como aquela que inaugura um significado mais sociológico destas fases da vida.

O estudo de Philippe Ariès (1981) intitulado “História social da criança e da família”, constitui-se, conforme Peralva (1997), o marco inaugural que destaca as idades da vida – infância, adolescência e juventude – não mais como fenômenos naturais, mas imbuídas de carácter social e histórico. Ariès desenvolve suas argumentações mostrando os vínculos particulares que ligavam crianças e adultos nos períodos moderno e pré-moderno. Destaca a juventude como uma fase socialmente distinta, que vai se moldando no desenvolvimento progressivo da sociedade moderna ocidental, mediante um espaço separado de preparação para a vida adulta.

Os elementos constituintes da sociedade Medieval mostram claramente a separação entre o mundo infantil e o adulto, bem como o processo simultâneo de separação do espaço familiar em relação ao universo social mais abrangente. A fase de transição no desenvolvimento social do indivíduo ocorria sem grandes rupturas, sem grandes destaques.

Assim, o reconhecimento social da infância e da adolescência iniciou-se apenas no século XVIII, num contexto marcado por uma economia mercantil ainda em fase de expansão. Neste contexto, era notório o processo aberto de troca que cada um deveria participar, de bens e de compra e venda da força de trabalho. A família era fundada na autoridade paterna, tinha como dever a conservação do patrimônio – herança – e o prolongamento da linhagem⁹.

O crescimento demográfico e a concentração urbana iriam acentuar as condições para algumas mudanças, em que a educação começa a assumir um papel crucial, após a passagem que afirmou a posição dominante da burguesia. Assim, no século XIX, começa-se a

⁸ Não cabe aqui realizar um vasto e extenso arcabouço analítico sobre a temática produzida sobre as categorias “adolescência e juventude”, apenas utilizar-se-ão algumas contribuições que dão suporte para um melhor entendimento de nosso objeto de estudo.

⁹ Este processo, sobretudo no território da burguesia, cede rapidamente o lugar à família conjugal, dentro da qual a criança e o jovem se transformavam num investimento, num capital que era preciso valorizar, e que ampliava ou diversificava as outras formas de patrimônio.

elaboração do cerco institucional para esta fase da vida – adolescência - que a torna cada vez mais específica em processos de aprendizagem profissional.¹⁰

Varela e Uria (1992), ao esboçarem as condições sociais do aparecimento de várias instâncias, que são fundamentais para entender o surgimento das escolas no princípio do século XIX, relatam que para as crianças das classes mais poderosas estava resguardada a tutela através da família e do colégio, já para os pobres bastava uma: a das instituições de caridade, que os mantinham afastados de suas famílias, apenas com atendimento esporádico. A descrição que fazem estes autores, da maneira que era imposto o ensino na época para as classes mais pobres, revela hábitos e costumes que se propagavam como um “ensino rudimentar, para gente rude e ignorante, sem a finalidade de acesso à cultura, senão inculcar estereótipos e valores morais em oposição aberta às formas de vida das classes populares, e sobretudo, impor-lhes hábitos de limpeza, regularidade, compostura, obediência, respeito à autoridade, etc” (VARELA E URIA, 1992, p, 15).

Estas práticas educativas, familiares e institucionais, impõem uma vigilância multiforme aos jovens. A educação, como projeto, passa a estabelecer a diferenciação entre as classes sociais, envolvendo o trabalho. Os espaços institucionais fechados e idealizados pelos moralistas servirá, segundo os autores, “de maquinaria” de transformação da juventude, estes irão diferenciar as disciplinas, abrandar, enfim, os destinos de seus usuários.

Ariès (1981) demonstra, entre muitas situações, que foi somente no século XX que a adolescência aparece como uma etapa distinta¹¹. Pode-se dizer que as máquinas que contribuem para autonomizar este processo se redimensionam em três: a escola, em suas diversas formas e diferentes graus de ensino, com um tempo de aprendizagem progressivamente alargado; a organização militar (Estado), com suas funções e formas de governar; e as instituições confessionais, que vêm concentrar um amplo campo de doutrinação e influência.

Estas máquinas constituíram-se como responsáveis pelo processo de identificação social e política da juventude, retirando do mundo familiar um número significativo de

¹⁰ As “máquinas disciplinares”, como chamou Foucault às instituições produzidas pelo Estado para dominar o indivíduo e a sociedade, deveriam cumprir sua função.

¹¹ No século XIX, a demanda por mão de obra infantil no desenvolvimento da indústria têxtil contribui para acentuar a precocidade da passagem para a vida adulta das crianças das classes populares. “Um desses elementos de generalização do trabalho assalariado na manufatura e na indústria nascente altera de maneira importante a organização familiar e os modos de vida das camadas populares “[...] a experiência das sociedades industriais no século XIX introduz elementos novos que aceleram essas transformações históricas, redimensionando-as, mas sobretudo redefinem o processo social de cristalização das idades, institucionalizando as diferentes fases da vida por efeito da ação do Estado “[...] ao fim do século XIX, consolida o processo de escolarização das crianças das classes populares, tornando-as objeto de uma ação socializadora sistemática por parte do Estado. A escolarização avança contra o trabalho, contribuindo com sua lógica própria para a modulação social das idades da vida.” (PERALVA, 1997, p.17).

pessoas em idade ativa e colocando-as em espaços delimitados. A partir deste contexto se expande a condição juvenil para outros setores sociais, diversificando-se cada vez mais, fazendo surgir novos significados, referenciais e limites etários.

De acordo com cada momento histórico, existem influências contextuais absorvidas nas produções sobre a temática. Obviamente sendo os jovens vistos como sujeitos histórico-sociais, a realidade e as análises não devem se manter estáticas durante o passar dos anos, portanto, estas mudanças são absorvidas de modos diversos, dependendo de cada momento histórico.

Partindo do cenário que emerge nas décadas de 50 e 60, os países mais desenvolvidos e suas semi-periferias retratam momentos importantes de ruptura de grupos juvenis frente aos vínculos familiares que eram estabelecidos até então. Estas duas décadas marcaram contextos importantes na busca de afirmação de experiências mais autônomas e mais livres. Para Abramo (1997), a juventude aparece como problema social, com sentimentos transgressores, configurados na tão célebre frase “rebeldes sem causa”, caracterizando-se assim essa “fase da vida” como difícil, turbulenta e , perturbadora, necessitando de maiores cuidados dos adultos. Neste sentido, torna-se emblemático o conhecido filme de Nicholas Ray, protagonizado por James Dean.

Em contrapartida, a valorização desta fase da vida dos jovens, permeada por novos valores, hábitos e gostos, era entendida como um problema, sendo identificada como geradora de uma crise de valores e de um conflito de gerações, tudo isso tornou inevitável o confronto com os setores da sociedade, incapazes de entender e muito menos ainda aceitarem as mudanças em curso:

Através da construção de formas alternativas ou estilos de vida ou instantes de libertação, mais coletivos trazidos pelos ambientes do estilo ‘rock and roll’. E nos anos seguintes, de maneira sistemática através da produção de “utopias concretas”, como as procuradas pelo movimento ‘hippie’ e pelos ‘provos’, ou por causas como o combate militante pelos direitos cívicos dos negros, pela emancipação das mulheres, contra o colonialismo, ou contra a guerra no Vietnã, alimentadas por um ativismo em larga medida de origem juvenil ou influenciado pelos meios universitários que constituíam seu núcleo mais dinâmico (BIBIANO, 2003, p. 2 e 3).

Nos anos 60 e 70, se destaca a radicalização dos movimentos estudantis (de oposição aos regimes autoritários) conjuntamente ao aparecimento das atitudes estéticas ligadas ao consumo da música de forma intensa. Estas características se fundem em um movimento sem precedentes no território da juventude, que direciona para uma lógica de ruptura com a ordem estabelecida. Desta forma, questiona-se a tecnocracia e todas as formas

de dominação, problemas que aparecem como sendo de toda uma geração de jovens (ABRAMO, 1997).

As transformações ocorridas, mais particularmente nas décadas de 80 e 90, têm sido, por vezes, associadas a um retorno de valores de uma cultura criada de forma homogênea à margem da cultura dos adultos, assim a juventude tem estado presente como uma categoria social carregada de símbolos na contemporaneidade.

Abramo (1997, p 29) diz que “a juventude, como uma categoria geracional que substitui a atual, aparece novamente como retrato projetivo da sociedade”. Essa mudança quanto à visibilidade social engendrada pelos jovens chama a atenção pela presença de inúmeras figuras juvenis, nas ruas envolvidas em diversas ações individuais e coletivas. Todavia, como observa a autora, os elementos que aparecem na maior parte destas ações estão ainda muito relacionados aos traços de individualismo, da fragmentação, desvio social, objeto de falha, risco e desordem para a continuidade da ordem social.

É nesta historiografia que se pode observar como os conceitos de “adolescência e juventude” vêm se transformando ao longo do processo de constituição de nossa civilização. Neste sentido, Sposito (1997, p 37), se referindo à juventude, diz que “a própria definição da categoria [...] encerra um problema sociológico, passível de investigação, na medida que os critérios que a constituem como sujeitos são históricos e culturais”, mas como teria dito Margulis (1996 apud SPOSITO, 1999, p. 3) “a condição histórica-cultural de juventude não se oferece de igual modo para todos os integrantes da categoria estatística jovem”.

A constituição de abertura e flexibilidade encontrada na literatura existente faz perceber que as categorias adolescência e juventude não aparecem como unas e homogêneas, mas, em muitos casos, alguns autores chegam a tratá-las como sinônimos, causando uma certa confusão. Uma posição metodológica mais adequada ou necessária no campo semântico da juventude é defendida por Pais (1993) quando argumenta que o olhar que se tem em sua aparente unidade deve ser transposto também em sua diversidade.

Não há, de fato, um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. As diferentes juventudes e as diferentes maneiras de se olhar essas juventudes corresponderão, pois, necessariamente, a diferentes teorias (PAIS, 1993, p. 37)

O estudo de Pais, intitulado “Culturas Juvenis”, constitui uma obra extremamente relevante nos estudos sociológicos sobre juventude. Num primeiro aporte reflexivo, traz a juventude como uma categoria socialmente construída, num segundo, faz um resgate de estudos de autores clássicos que investigaram a juventude na área da sociologia.

Neste trajeto exposto, na definição da juventude como condição autônoma, tem sido verificado a partir de dois grandes blocos de análise, que o autor agrupa para uma melhor compreensão: a corrente geracional e a corrente classista. A primeira, como a mais longa tradição na sociologia da juventude, pondera a constituição da juventude como um conjunto de indivíduos pertencentes a uma dada “fase de vida”, que marcaria a saída da infância até o ingresso da vida adulta, prevalecendo o reconhecimento da sua especificidade a partir da busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que a caracterizam.

Assim existiria uma “cultura juvenil” específica, associada a uma unidade grupal definida em termos etários. Esta perspectiva, que não deixa de mostrar suas bases operativas, pode também direcionar as análises para modelos e tipos de comportamentos juvenis generalizantes, engessados num tempo histórico curto. Este recurso, associado à noção de “conflito de gerações”, segundo o autor, pode tornar as análises pouco dinâmicas¹², muitas vezes esta visão acaba por deixar de identificar a coerência e o sentido mais geral dos processos de mudança.

De acordo com Sposito (1994, p.164), a contribuição dos estudos de Mannheim foi marcante para a análise da juventude através da idéia de transição. No entanto, a autora não deixa de explicitar que essa idéia de transitoriedade está vinculada a sua clássica formulação de marginalidade, compreendida “como isolamento relativo frente aos centros de poder, como capacidade de estranhamento e de tomar distância das amarras colocadas pela estrutura social”.

Uma das críticas retomadas por esta autora é feita por Melucci naquilo que diz respeito à contraposição existente na ordem adulta como estática e rígida e à posição de instabilidade vivida pelos jovens nas sociedades contemporâneas (SPOSITO, 2001). Esta imagem da transitoriedade, segundo Dayrell (2002), acaba sendo uma das mais incorporadas em nosso cotidiano, pressupondo que o jovem é um vir a ser, direcionando para o futuro o sentido de suas ações. Este tipo de abordagem refletida pelo autor contribui para uma tendência que muitas vezes leva a olhar a juventude em seu aspecto de negatividade, o que ainda não se chegou a ser, negando suas experiências vividas no presente.

¹² Pais explicita que o quadro teórico que domina esta posição baseia seus estudos nas teorias da socialização desenvolvidas pelo funcionalismo, principalmente em trabalhos de T. Parsons (1964) e N. Eisenstadt (1961) e na teoria sociológica das gerações, representadas por K. Mannheim. Seu clássico trabalho “O problema das gerações”, de 1982, serve como suporte para a compreensão da condição juvenil sob ótica geracional, este localiza a juventude no fulcro da problemática dos conflitos das gerações. A adolescência e a juventude, segundo Mannheim, possibilitam elaborações analíticas especiais nas quais se refletem e se acumulam as características gerais de outras categorias de análise. É nesta passagem que, mais que transição, é de crise que muitas elaborações se apóiam.

Diante das profundas mudanças observadas na vida social do mundo ocidental, Sposito (1999) salienta que o que se pode falar é de um alongamento dessa transição, que não deixa de assumir traços comuns, contudo, vem marcada por muitas diferenciações em relação às condições sociais dos jovens, tais como econômicas, culturais, religiosas, de gênero, regiões e outras, neste sentido, muitas são as representações e práticas que incorporam este trânsito.

O segundo bloco analisado por Pais (1993), a corrente classista, considera a juventude a partir de seu entendimento como agrupamento social, necessariamente diversificado, enfileirando as diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertencas de classes, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc, em síntese, direcionam as interpretações para a diversidade estrutural das formas de reprodução social e cultural.

Uma crítica interessante vindo ao encontro desta corrente é elaborada por Bibiano (2003), quando o autor se refere a algumas disciplinas das ciências sociais que partem em acentuar estes pressupostos. O autor menciona que estes podem se tornar muitas vezes parciais, na medida que são efetuados “in vitro” de determinados segmentos sociais. Isto não quer dizer que estes trabalhos não sejam interessantes, porém, devem vir com a preocupação de abordagens mais abrangentes, inter-relacionadas, estudos comparativos, capazes de situar estas culturas num contexto mais amplo.

Neste sentido, Pais (1993) diz que os trabalhos elaborados e interpretados seguindo esta direção tornam-se um tanto quanto lineares e deterministas. Traz um exemplo clássico visto na sociologia, em que a transição dos jovens estaria sempre repensada pelas desigualdades sociais, o sistema educativo e a condição social dos jovens acabariam por determinar que os filhos de operários se tornassem operários. Não se pode negar a existência histórica e estrutural destas abordagens, entretanto, diante das grandes transformações que ocorrem no mundo do trabalho, permanecer nesta direção pode fazer incorrer em precipitações.¹³ Uma referência importante para nosso trabalho neste sentido é o de Corrochano (2001) “jovens olhares sobre o trabalho: um estudo dos jovens operários de São Bernardo de Campo”, que se preocupa em trazer uma ampla abordagem teórica, questões

¹³ Pais (1993, p 45) argumenta que a condição de desempregado, atualmente, deixa marcas nos horizontes de preocupação da maioria dos jovens, independentes de sua condição social, claro que aqui uma ressalva é necessária em seu redimensionamento, este fenômeno “não atinge de forma semelhante os jovens provenientes do operariado e os jovens da classe média, mas para alguns destes o prolongamento da escolaridade continuará a funcionar como um travão ao desemprego”.

inter-relacionadas, bem como uma dimensão contextual relacionada ao seu objeto de estudo, jovens operários no ABC, olhando-os em sua diversidade.

Para solucionar a dicotomia existente entre estas duas correntes, que, de certa forma, não oferecem elementos compreensíveis sobre o cotidiano dos jovens, Pais (1993) sugere trabalhar com a noção de “cultura juvenil”, que se enquadra numa das mais recentes correntes teóricas na sociologia da juventude. Ao se contrapor e ao mesmo tempo relacionar as duas visões, sugere contemplar tanto os traços comuns como as diferenças, que se apresentam na prática diária dos jovens. Busca assim compreender as “continuidades e as discontinuidades intergeracionais”, definindo Cultura Juvenil em sentido lato como “o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomado como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (PAIS, 1993, p 54).

Neste sentido, as evidências observadas na nossa sociedade, tanto em sua complexidade que culmina em diversas relações societárias, como uma maior fragmentação de grupos e segmentos, acabam por extrapolar as divisões clássicas das classes sociais. Deste modo, é ponderável que estes conceitos sejam de certa forma refinados. Estudos como de alguns autores entre eles Levi & Scmitt, 1996; Melucci, 2001; Peralva, 1997; Abramo, 1997; Sposito, 1997, indicam este caminho, sem negar ou descartar que as classes sociais sejam estabelecidas por critérios econômicos, mas mencionam que cada vez mais torna-se necessário fazer o cruzamento com outras dimensões, através ainda de outros critérios.

No entanto, uma visão interessante é aquela abordada por Carrano (2000, p 12), quando diz que o mais adequado é compreender a juventude como uma complexidade variável “[...] a partir da própria realidade dos jovens, que se distinguem por seus modos de existir em determinados tempos e espaços sociais”. O autor traz uma observação importante quando argumenta que os jovens na sociedade não constituem uma classe social, ou grupo homogêneo, como muitas análises costumam deduzir, mas [...] compõem agregados¹⁴ sociais com características continuamente flutuantes. As idealizações políticas que procuram unificar os sentidos dos movimentos sociais da juventude tendem a ser ultrapassadas pelo contínuo movimento da realidade”.

¹⁴ Neste estudo, usar-se-á mais freqüentemente o termo “formas associativas” que aglutina indistintamente os termos agregados ou agrupamentos e grupos. Estas definições são trazidas por Nakano (1995, p. 80), como: “agregado e agrupamento – indivíduos que buscam algo em comum e se encontram por mera casualidade, temporariamente, dentro de uma área geográfica limitada. Eles estabelecem um relacionamento transitório, não orientam-se uns pelos outros, eventualmente, percebe-se regularidades de atitudes e comportamentos [...] grupo - só existe quando há uma relação significativa entre as pessoas, quando elas se orientam umas pelas outras e apresentam objetivos comuns”.

Esta observação do autor revela que as cidades passam a ser “territórios” privilegiados da ação social da juventude, apresentando-se como uma terra de certo modo estranha para aqueles que não conseguem enxergar os diversos sinais que emanam de suas múltiplas práticas. Neste sentido, pensar agregados sociais remete ao conceito de classe visto por Thompson (1987, p 10), cujo termo não simboliza nem uma “estrutura”, nem mesmo uma “categoria”, mas sim algo que ocorre efetivamente nas relações humanas.

A noção de classe, nesta perspectiva, é entendida como fenômeno histórico, que assim unifica uma série de acontecimentos díspares e desconectados, tanto no que se refere à matéria-prima da experiência como da consciência. Neste aspecto, o autor ressalta que, “como qualquer outra relação, é algo fluído que escapa à análise ao tentarmos imobilizá-la num dado momento e dissecar sua estrutura”. Esta relação estaria sempre encarnada em pessoas e contextos reais, cuja compreensão leva a lembrar que classe é uma relação e não uma coisa. Para Thompson:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram - ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe [...] A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma (THOMPSON, 1987, p. idem).

Ainda segundo esta idéia, a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história. Deste modo, a compreensão de classe passa, conforme Thompson, pela formação social e cultural, que surge de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um considerável período histórico. Neste caso, os chamados agregados sociais mantêm significativas relações que se estabelecem em determinado tempo e espaço com características flutuantes, não estando também, na visão de classe de Thompson, engessados em estruturas e categorias.

Deste maneira, apropriar-se-á do que sugere Pais (1993) para escapar das generalizações homogêneas que propõe olhar para a tese das reações diferenciadas dos jovens em relação ao trabalho, ao emprego e o desemprego. Caso se considerar que a juventude não é apenas um elemento da diversidade, mas contém unidade e diversidade, uma vez que os jovens vivem realidades sociais bastante diversas e constroem identidades também individuais e coletivas distintas, pode-se dizer que estes assumem características tão diversificadas quanto

os universos de relações sociais possíveis. É nessa perspectiva teórica, nessa forma de considerar o jovem que se filia a presente tese de Doutorado.

1.2 IDENTIDADE¹⁵ EM MOVIMENTO: PERMANÊNCIA E MULTIPLICIDADE NAS TRAJETÓRIAS JUVENIS

Uma das primeiras considerações a serem feitas quando se refere aos jovens e seus processos identitários é que está se falando de fenômenos marcadamente plurais e diversificados. Para discorrer sobre os processos experimentados pelos jovens que fizeram parte desta investigação, desenvolver-se-ão algumas questões que envolvem o conceito de identidade. Na nossa vida cotidiana, percebe-se que este termo deixa oculto uma multiplicidade de significados. Em muitas situações que vive-se diariamente a experiência da falta como incompletude, talvez seja a que mais chama a atenção. Melucci (2002, p 13)¹⁶ diz que “não podemos mais identificar nossas necessidades de modo unívoco porque estas pertencem a um campo simbólico atravessado de tensões”.

Para Dayrell (2002), as transformações globais que estamos presenciando não deixam dúvidas que acabam por afetar nosso cotidiano, conseqüentemente, nossa identidade. A sociedade contemporânea, em constante mutação, faz com que as dimensões simbólicas se espalhem de forma veloz, revelando assim relações de poder para aqueles que mostram capacidade de recursos na obtenção e interpretação dessas informações. Estas transformações não são apenas observadas no âmbito macrosocial, mas também nas relações interpessoais, levando o ser humano a fazer parte destes recursos. A identidade, neste contexto, se apresenta central, no sentido de capacidade dos indivíduos resignificarem-se. Nesse ambiente, que não deixa de apresentar tensões e conflitos, muitas vezes, nos apresentamos de forma frágil, outras vezes de forma criativa, às vezes esse campo nos parece claro, seguro, outras vezes confuso, denso de riscos e limites.

Melucci diz que é justamente frente à experiência da falta que nos constitui no mundo, como seres da incompletude, que surgem perguntas sobre nós, sobre quem somos, sobre quem é o outro, em síntese, sobre nossa identidade. Inegavelmente são perguntas abertas e complexas para se obter respostas tão rápidas, tão ligeiras, isto implica uma

¹⁵ Neste trabalho usar-se-ão identidade, subjetividade, eu, personalidade e constituição do sujeito como sinônimos, apesar de não se ignorar as diferenças conceituais e o debate epistemológico em torno do tema. Porém, em função do que se escolheu focalizar neste estudo, julga-se não ser necessário entrar no mérito da questão.

¹⁶ MELUCCI, Alberto. *Il gioco dell'io: il cambiamento di sè in una società global*. Milano: Feltrinelli, 1996.: “Tradução livre” realizada pela equipe do Seminário Avançado EDP 153: A obra de Alberto Melucci e suas contribuições para a educação. PPG/EDU/UFRGS, 2002.

complexidade maior, especialmente no caso dos jovens, que vivem se defrontando com estas perguntas.

O estudo sobre a formação ou construção da identidade aparece na antiguidade do mundo filosófico, porém, estes processos vêm sendo transformados ao longo da história ocidental. Kuhnen (2002) aponta que foi somente quando um contexto sócio-cultural mostrou-se favorável às questões identitárias que houve o desenvolvimento de tais estudos. Diante desta problemática, refletir sobre esta noção não é uma das tarefas mais fáceis, uma vez que existe toda uma tradição especialmente em áreas das ciências humanas, como a psicologia, a sociologia e a antropologia, que trazem abordagens variadas.

Todavia, parece consenso relacioná-la com a alteridade, bem como promover uma tentativa de ultrapassar os olhares que buscam apenas circunscrever e descrever a identidade individual e coletiva como um dado único e estático, isolado e recortado, como uma imagem congelada em uma fotografia. Neste sentido a idéia deixada pelo legado iluminista, de um indivíduo portador de uma essência pessoal, centrado, unificado, dotado de capacidades da razão, da consciência e da ação, cujo centro nascia com o indivíduo e com ele permanecia, não dá mais conta da complexidade do social, ao invés disso, aponta para outro pólo, sujeitos experimentando nas relações sociais suas múltiplas identidades.

O conceito de identidade, sob este ponto de vista, não pode mais comportar nenhum sinal linear, mas sim de permanência e multiplicidade. Laclau (1986), em seu trabalho “Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social” - uma contribuição sobre os novos movimentos sociais na América Latina- já apontava “a identidade dos agentes sociais” como articulação instável de constantes mudanças de posicionamentos, desmistificando identidade centralizada, fixada e homogênea nas sociedades avançadas.

O significado de algumas categorias teóricas deste autor ajuda na leitura de Melucci, quando Laclau (1986, p 41) elabora um novo paradigma a partir da crítica à teoria tradicional nas ciências sociais, rompendo com a unidade de três categorias: a) identidade dos agentes, classificadas através de categorias a priori; b) o tipo de conflito determinado segundo um “esquema diacrônico-evolucionário, movimento subjacente da história”; e c) pluralidade de espaços de conflito social reduzidos a um “espaço político unificado”.

Conforme Laclau, essas categorias tornam-se cada vez mais impossíveis nos resultados políticos complexos, até porque, atualmente o grupo concebido como referente não é permanente num sistema ordenado de posições de sujeitos, ou seja, estes não decorrem mais para efeito de análise apenas das relações de produção. Isto significa que estas posições

se tornam cada vez mais indeterminadas ¹⁷, uma vez que não é possível deixar de ver a pluralidade e instabilidade no social.

A partir do conceito de “posições diferenciadas de sujeito”¹⁸, o autor destaca que as expressões políticas e sociais expressam a “identidade” dos indivíduos de forma entrecruzada com suas diferentes experienciais. Ao romper com a categoria de sujeito como “unidade racional e transparente”, argumenta que não existe o ser essência, e sim o discurso. A psicanálise demonstra que, longe da personalidade organizar-se em torno da “transparência de um ego”, esta se estrutura em vários níveis fora da conscientização e da racionalidade dos sujeitos (LACLAU, 1986, p. 48).

Neste sentido, o sujeito aparece como pluralidade, fundamentando a inversão clássica da noção de subjetividade nas ciências sociais, através do descentramento do sujeito. Assim, vemos cada posição de sujeito ocupando locais diferentes no interior de uma estrutura ou conjunto de posições diferenciais que se dá o nome de discurso.

Ele aborda então o sujeito como plural na constituição de várias formações discursivas e, por outro lado, Castoriadis (1982) evoca esta atividade do sujeito que trabalha sobre si mesmo e encontra a multidão dos conteúdos - o discurso do outro-, com o qual esta atividade nunca termina de ocorrer.

Desta forma, Laclau, Castoriadis e Melucci se contrapõem à ideia de um ser de determinância, contudo, os dois primeiros autores foram trazidos ao texto apenas para pontuar que, diferentemente do terceiro, concentram mais suas bases teóricas nos sujeitos do discurso e no jogo livre da estrutura como gerador de novas configurações discursivas.

Em nossa vida diária, esbarramos com inúmeros acontecimentos, desde momentos de escolhas viáveis, como escolhas frustradas, acidentes, encontros, desencontros, enfim, uma infinidade de aspectos que fazem liberar as múltiplas identidades potenciais, já que somos seres instáveis ou mutáveis e não imutáveis. A transformação da identidade deve ser compreendida na complexidade dos diversos fenômenos que se configuram no sistema planetário, em contextos de mundialização e globalização.

A própria dinâmica das sociedades complexas exige no processo de identificação - de possibilidades e escolhas - uma constante redefinição e ressignificação do eu para a compreensão dos códigos que estão em jogo, de um “eu” relacional, móvel, plural, múltiplo.

¹⁷ Esse pressuposto se torna relevante na medida que ele rejeita apenas a visão racionalista do social.

¹⁸ Sobre o aprofundamento deste conceito e outras categorias de análise de Laclau, ver Dissertação de Mestrado de Tânia Raitz, intitulada “ Discursos plurais assessorando um movimento popular em Florianópolis: Um estudo de caso de uma organização não-governamental”, Florianópolis/UFSC, 1994.

Desta forma, a noção de identidade, no contexto das sociedades complexas em permanente movimento de transformação, apresenta uma perspectiva de um sujeito com características cambiantes, que se encontra num campo de ação social e de relações, contrapondo-se a idéias determinísticas, de uma identidade homogênea que não dá mais conta da heterogeneidade, complexidade e pluralidade do social.

Desta maneira, o empenho de Melucci quanto a seu referencial analítico é primordial quando, neste trajeto, reconhece a identidade como um campo de ação, da constituição da identidade que se define a partir de um conjunto de relações, de um eu que é permanente e múltiplo, que está em constante negociação através das experiências diversas de vida.

As formas simplificadas que trazem apenas dados a serem descritos uniformemente numa espécie de “cédula de identidade” se tornam preconceituosas. Várias afirmações taxativas se tornam por demais generalizantes, por isso, há necessidade de transcender a visão substantiva e determinista retratada na idéia de identidade, como algo subscrito nas relações sociais. A identidade deixou de ser compreendida como um referencial seguro e estável, ela se constitui em um processo em permanente construção. As identidades seriam processos relacionais que se formam nas interações sociais, cujos limites de adscrição são estabelecidos com os outros e não apenas através de uma definição grupal compartilhada, pois seus espaços de reconhecimento são múltiplos, neste sentido, há uma diversificação na experiência da juventude.

De acordo com Mische (1997), a noção de “identidade” apresenta uma série de dificuldades teóricas, uma vez que o problema principal é de como (re) conciliar as pressuposições estáticas, categóricas e substantivas da palavra com uma visão dinâmica, processual e interativa. Isto significa que só pode haver maior visibilidade a partir do reconhecimento pelos outros nos lugares mais específicos de interação:

[...] que é provocada por pessoas que servem de pontes e assim contribuem para desvelar a multiplicidade de identidades para ainda serem observadas em uma variedade de contextos sociais. Porém as ações conjuntas ou as conexões não estão necessariamente ligadas em uma concordância de objetivos, estas são sempre ambíguas, experimentais e, às vezes, contraditórias, embora possibilitem alianças provisórias e conjunturais (MISCHE, 1997, p.145).

Manuel Castells (1999, p 2) compreende identidade como um “[...] processo de construção de significado com base em um atributo cultural , ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) quais prevalece (m) sobre outras fontes de

significado”. O autor reafirma que pode haver identidades múltiplas, tanto individual como coletiva, sendo essa multiplicidade fios de tensão e contradição, refletindo, desta maneira, tanto na ação social como na auto-representação. Esta posição não deixa de anunciar o significado político da categoria, já que o autor propõe que a construção social da identidade seja observada em um contexto marcado por relações de poder.

Sousa Santos (1995, p 135), em suas contribuições no que diz respeito ao conceito de identidade, também menciona-a como uma categoria política. Para esse autor, a identidade seria uma “síntese de identificações em curso”. Desenvolve este pensamento apoiado naquilo que descreve como “resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação [...] identidades são, pois, identificações em curso”. Esta definição inclui movimentos contraditórios, vistos numa perspectiva aberta e dinâmica e não de forma acabada, estática e definitiva.

Neste sentido, Sousa Santos recupera duas características em sua definição, “identidade semi-fictícia e semi-necessária”. Ela se torna uma necessidade fictícia quando diante da ameaça do outro, que pode ser um grupo ou uma coletividade, se faz necessária como defesa, porém não deixa de ser fictícia, pois identidade como algo permanente e rígido não existe. Esse caráter, para o autor, é ilusório, explicita deste modo que a identidade envolve questões de poder, introduzindo identidade como categoria política.

Estas considerações feitas pelo autor, no que concerne às relações de poder incorporadas ao conceito, não serão desenvolvidas na análise empírica, mas suas reflexões são importantes para o entendimento de outros autores, como, por exemplo, Sawaia (1996, 1999), que traz novas questões sobre identidade. Não deixa de concordar com Sousa Santos, no que diz respeito ao termo identidade como “processos de identificação em curso”, porém, faz uma ressalva, na “identificação” não deve estar incluído somente o sentido de admiração e reconhecimento por aquilo que é igual, pois muitas vezes o desejo mesmo é ser diferente.

A autora, em sua construção sobre o conceito, revela a característica ambígua que a incorpora. Neste sentido, Sawaia acaba por elucidar a identidade como uma síntese inacabada de oposições, posição esta que permite garantir o que é individual e coletivo, o que é próprio e alheio, o que é igual e diferente, assemelhando a um fio que direciona ora para um ponto, ora para outro. Desta forma, afirma a relação paradoxal existente neste conceito, relativiza seu significado como algo que permanece ou como multiplicidade, conectando a uma visão semelhante à de Melucci.

Portanto, para a autora, estão contidos na identidade dois movimentos no processo de identificação, isto é, identidade significa permanência e multiplicidade. Estes dois

significados devem ser incorporados para a compreensão do homem como ser capaz de atuar, de refletir e de se emocionar, transformando a si mesmo e o contexto no qual se insere.

Maheirie (2002, p 35), complementando o pensamento de Sawaia, resgata o sujeito “como produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, conseqüência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto social”. Baseada em Sartre, para ela, o sujeito se concretiza dialeticamente a partir das determinações do contexto passado e em função do ainda-não-realizado, o futuro. Nesta perspectiva, identidade, segundo a autora, tanto singular como coletiva, passa a ser compreendida em sua dimensão temporal relacionada ao passado, ao presente e ao futuro. Assim, o sujeito ou a identidade perpassam por uma construção permeada por oposições, conflitos e negociações, sendo permanentemente tecida por estes sujeitos, em um processo aberto, nunca acabado.

Maheirie concorda com os dois movimentos expostos por Sawaia como “permanência e metamorfose”, apontando a “dimensão subjetiva do sujeito, que é capaz de construir, desconstruir e reconstruir a identidade constantemente, em que participam as percepções, emoções e as reflexões, quer críticas ou não em que o sujeito se auto-define” (MAHEIRIE, 2002, p 42). Neste sentido, ela alerta para a visão de um sujeito autor de sua própria história, mesmo que a construa de maneira pouco crítica.

Assim buscam-se mais alguns elementos para aprofundar e complementar com mais intensidade o “conceito de identidade” a partir dos estudos de Alberto Melucci (2002), questões que mostram as tensões que, segundo o autor, são inerentes a sua definição. Quando se reporta à identidade, pode-se estar falando de um indivíduo ou de um grupo, que contém três características principais: a permanência no tempo, isto é, a continuidade do sujeito, que vai além das variações do tempo e sua adaptação no ambiente; a delimitação da unidade, que estabelece os limites de um sujeito, garantindo distingui-lo do outro e, por último, a relação dos dois elementos anteriores como semelhantes, ou seja, capacidade de reconhecimento - reconhecer-se e ser reconhecido - .

Nesta construção da identidade, Melucci se refere sempre a um processo relacional e social, que é mantido dialeticamente em suas dimensões biológicas e culturais¹⁹, dando ao indivíduo uma capacidade plástica, ao longo de sua maturação, em modelar-se

¹⁹ Neste estudo, a noção de cultura é vista a partir da ótica de Nestor Canclini (1997), como um processo em constante transformação, diferenciando-se da tradicional visão patrimonialista, adotando uma postura de mobilidade e ação. Segundo o autor, todas as culturas possuem formas próprias de organização e características que lhe são próprias, embora possam nos parecer estranhas, devem ser respeitadas. Considera o consumo como umas das características da cultura contemporânea. Os aspectos culturais globais não perdem sua relação com o local, devido à complexidade do mundo em que vivemos. Conforme ele, viver-se-ia hoje a multiculturalidade ou a chamada “hibridização cultural”.

diante de novas circunstâncias e no desenvolvimento de novas funções. Este enfoque que elucidada a dimensão relacional e social está associado sempre à alteridade, assim emerge a idéia de reciprocidade, indivíduo e sistema se constituem nesta relação, sendo que o sujeito só se torna consciente de si na relação de delimitação a respeito de um ambiente externo. Nesta identificação, nos diferenciamos dos outros ao falar e agir, mas ao mesmo tempo ficamos nós mesmos, porém esta identificação só é possível ser for fundada no reconhecimento intersubjetivo,

pois ninguém pode construir sua identidade independente das identificações que os outros lhe enviam. Cada um deve supor que a sua distinção dos outros seja cada vez reconhecida destes e que tenha reciprocidade no reconhecimento inter-subjetivo. (Eu sou para ti o tu que és para mim (MELUCCI, 2002, p. 16)²⁰

Nesta perspectiva, como processo de aprendizagem, integra o passado, presente e futuro encontrando novas identidades num movimento de articulação da unidade e da continuidade de uma biografia individual. Melucci menciona também o paradoxo que contém a identidade no sentido de perceber-se semelhante ao outro – reconhecer-se e ser reconhecido – e ao mesmo tempo afirmar sua diferença. Isto equivale a dizer que a diferença, para ser firmada, também pressupõe uma certa semelhança e uma certa reciprocidade. Desta maneira, o autor sintetiza que a identidade tem uma conotação estática, naquilo que diz respeito à consistência, à manutenção dos limites, reconhecimento e reciprocidade, mas também uma conotação dinâmica quando diz respeito ao processo de individualização e de crescimento da autonomia.

A identidade, de acordo com Melucci (2002, p. 17), deve ser vivenciada mais como ação do que propriamente como uma situação, estando baseada num sistema de relações e representações tecidas tanto como internalização da cultura quanto como uma ou mais ou menos autônoma auto-definição do sujeito, sendo sempre fluxo de reflexividade produzida nos processos interativos. Neste sentido, sugere uma mudança no conceito, “a mesma palavra identidade” é inadequada para expressar esta mudança, e será necessário falar de “identização” para exprimir o caráter processual, auto-reflexivo e construído na definição de nós mesmos”.

A identidade, sendo fluxo de interação, produz também tensão (competição e conflito) entre o auto-reconhecimento e o hétero- reconhecimento, assim revela a importância

²⁰ Neste sentido, para o autor, se torna impossível separar, de modo rígido, os aspectos individuais e os aspectos relacionais e sociais da identidade, que se constitui como processo de aprendizagem elucidando a autonomia de cada história individual.

do pertencimento grupal, bem como das relações solidárias, reforçando, deste modo, a garantia da identidade individual. Conforme o autor “ [...] não nos sentimos ligados aos outros apenas pelo fato de existirem interesses comuns, mas sim porque esta é a condição para reconhecer o sentido daquilo que fazemos, [...] podemos nos firmar como sujeitos das nossas ações”, isto significa, de certo modo, conseguir vivenciar ou superar os conflitos que se introduzem nas relações sociais.

É na polarização entre o auto-reconhecimento, que culmina na continuidade e na permanência do nosso existir – a identificação perante o reconhecimento do outro – e, na diversidade – como nos distinguimos dos outros, afirmando nossa diferença, que está imersa a identidade.

Numa sociedade que demanda um esforço incrível para entender a complexidade que se apresenta diariamente perante nossos olhos, nos encontramos envolvidos em uma pluralidade de pertencimentos que brota da multiplicação das posições sociais, das redes associativas, dos grupos de referências. Nossas entradas e saídas dos sistemas e relações ocorrem com muito mais frequência que no passado. Assim parece mesmo que vivemos e somos como diz Melucci (2002, p. 21) “animais migrante nos labirintos das metrópoles, viajantes do planeta, nômades do presente. Participamos da realidade e no imaginário de uma infinidade de mundos”.

Neste caso, estabelecer fronteiras para nós mesmos, e no caso dos jovens, num mundo de incertezas, as escolhas são redefinidas constantemente, mas sem deixar de levar em consideração algo já construído anteriormente, mudando a forma, permanecendo o mesmo. Nesta perspectiva, a identidade juvenil passa a ser compreendida como um processo de contínua transformação, tanto individual como coletiva, que perpassa pela teia de suas múltiplas experiências e não mais determinada por sua idade biológica. Quando nos referimos aos jovens hoje, as análises não podem deixar de levar em consideração a heterogeneidade das sociedades complexas. Por isto mesmo, por estarem inseridos nestas sociedades, o conceito de “jovem” se apresenta com ambigüidade e imprecisão. Este autor diz que só as pesquisas mais pontuais podem trazer visibilidades e informações relativas à condição da juventude.

No âmbito da vida social, as experiências se apresentam na multiplicidade que caracteriza as formas de relacionamento, linguagens e regras específicas. Ao mesmo tempo que são postos limites, abrem-se possibilidades no que tange à ação individual, já que a experiência se mostra menos como um dado e mais como uma realidade construída através de significações e relações. É neste sentido que a adolescência aparece como uma “espécie de nômade no tempo, espaço e cultura” (MELUCCI, 1997, p. 9).

O conceito de identidade, nesta perspectiva, passa a ser significativo para entender como os adolescentes ou jovens constroem suas experiências pertencendo a uma pluralidade de redes e grupos. O autor argumenta que a entrada e a saída dessas diferentes formas de participação ocorrem de forma mais veloz e também acontecem de maneira mais freqüente do que antes, sendo que o tempo investido em cada uma delas é reduzido. Esta passagem relata esta idéia:

Os meios de comunicação, o ambiente educacional ou de trabalho, relações interpessoais, lazer e tempo de consumo geram mensagens para os indivíduos que, por sua vez, são chamados a recebê-las e respondê-las com outras mensagens. O passo da mudança, a pluralidade das participações, a abundância de possibilidades e mensagens oferecidas aos adolescentes contribuem todos para debilitar os pontos de referência sobre os quais a identidade era tradicionalmente construída [...] A unidade e a continuidade da experiência individual não podem ser encontradas em uma identificação fixa com um modelo, grupo ou cultura definidos. Deve ser, ao invés disto, baseada na capacidade interior de “mudar a forma” de redefinir-se a si mesmo repetidas vezes no presente, revertendo decisões e escolhas. Isto também significa acalantar o presente como experiência única, que não pode ser reproduzido, e no interior da qual cada um se realiza (MELUCCI, 1997, p. 10-11).

No entanto, a maneira como estas experiências serão vivenciadas vai depender de “fatores cognitivos, emocionais e motivacionais, isto é, como o indivíduo administra o seu estar na terra” (MELUCCI, 1997, p.8). O trabalho do autor, portanto, é uma análise do “self”, do eu, da própria pessoa, de si mesmo, da reflexão de si mesmo através de sua biografia. Deste modo, os estudos de Melucci aparecem como análise do “self” individual, sem deixar de apontar que a falta de recursos e desigualdades dentro e entre as sociedades põe limites mais restritos ou mais frouxos ao exercício da reflexividade e criatividade do indivíduo.

Muitas de suas idéias relativas à “ação individual” são, de certa maneira, propostas para tratar da ação coletiva. Em sua abordagem orientada para os movimentos sociais, tem como objetivo investigar como os atores constroem suas ações. Neste caso, parece que a biografia de cada um se torna cada vez mais imprevisível nos dias de hoje e os projetos de vida parecem depender da própria escolha dos indivíduos. Para o adolescente parece que isto se torna ainda mais agravante, na medida em que a relativa incerteza da idade se conjuga ou se multiplica por outros tipos de incertezas que derivam de uma ampliação ou não de perspectivas.

Elias (1994), na obra “Sociedade dos Indivíduos”, faz uma reflexão sobre a individualização nas sociedades altamente industrializadas ou complexas, diz que escolher por si entre as diversas alternativas é exigência que logo se converte em hábito, necessidade e ideal. Por um lado, isto possibilita um aspecto positivo neste tipo de comportamento, uma vez

que os sujeitos sentem orgulho em relação a sua independência, autonomia, liberdade e capacidade de agir e decidir por si próprios.. Por outro, também ocorre um maior isolamento mútuo, uma gama de sentimentos associados a uma percepção, uma sensação também de solidão. Estes dois fatores conjugam-se com um padrão básico do processo de individualização nas sociedades complexas. De forma mais explícita, salienta como isto aparece de forma mais concreta:

O elevado nível de individualização abre caminho para formas específicas de realização, mas também de insatisfação, chances específicas de felicidade e contentamento e formas específicas de infelicidade e incômodo [...] As oportunidades são muitas em relação à busca de anseios pessoais com base em suas próprias decisões, mas também envolvem riscos [...] a exigência é de persistência e visão, mas requer também que o indivíduo deixe de lado chances momentâneas de felicidade que se apresentam em favor de metas a longo prazo que prometam uma satisfação mais duradoura, ou que ele as sobreponha aos impulsos a curto prazo (ELIAS, 1994, p. 109).

Chama a atenção para que às vezes esse processo pode ser conciliado e outras não, pois uma maior liberdade de escolha e os riscos maiores andam de mãos dadas. Isto significa que a abundância de oportunidades e metas individuais diferenciadas na nossa sociedade se equipara às abundantes possibilidades de fracasso. Por certo, este caminho trilhado se torna extraordinariamente rico em ramificações ²¹, fazendo passar por bifurcações e encruzilhadas em suas decisões, de seguir este ou outro caminho. Muitas das vezes quando se olha para trás, vêm as dúvidas, mas geralmente as pessoas vivem num corre-corre, numa velocidade tão grande que a reflexão se torna ausente e se aceita facilmente o que ficou ou o que foi alcançado até então.

Conforme Melucci (1997, p 10), o adolescente percebe os efeitos dessa ampliação de possibilidades de forma mais direta através de uma expansão dos campos cognitivo e emocional, assim parece que o limite não é tão grande, tudo pode ser almejado, conhecido e tentado. A experiência acaba sendo invadida “pelo apelo simbólico, ela ameaça perder em um presente ilimitado [...] que sem muitas raízes, resta pouca esperança para o futuro, produzindo frustração, tédio e vazio” . Para lidar com tantas flutuações e metamorfoses, os adolescentes e os jovens podem sentir que a identidade deve ser enraizada no presente.

Diante de um futuro incerto, muitas vezes sem perspectiva, o presente invade as experiências dos indivíduos gerando ansiedade numa busca frenética por não deixar nada escapar, na realidade, uma aceleração dos tempos e uma fundamentação do presente. Neste

²¹ Sem sombra de dúvidas, não na mesma proporção para os indivíduos de diferentes classes sociais e, em se tratando dos países empobrecidos, essas chances diminuem.

sentido, o questionamento sobre limites torna-se um problema fundamental para os jovens de hoje.

Neste processo, a identidade coletiva, para Melucci (2001), em sua obra “Invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas”, se complementa por meio de um sistema que ele chama “de ação multipolar”. Este sistema é constitutivo de orientações diversas, envolve atores múltiplos, bem como implica um sistema de oportunidades e de vínculos que dá forma às suas relações, sem deixar de emergir como um processo que requer investimentos contínuos.

Neste sentido, define “a identidade coletiva” como interativa e compartilhada, ou seja, construída e negociada mediante as relações que ligam os atores, ao mesmo tempo em que proporciona o espaço para o reconhecimento entre eles. Melucci fundamenta este conceito a partir de três orientações que formam um “nós” e que pressupõem interdependência e tensão entre eles:

Aquelas relativas aos fins da ação (isto é, do sentido que a ação tem para o ator); aquelas relativas aos meios (isto é, às possibilidades e aos limites da ação); e , enfim, aquelas relativas às relações com o ambiente (isto é, ao campo no qual a ação se realiza) [...] o sistema multipolar da ação de um ator coletivo se organiza por isso em torno de três eixos (fins, meios, ambiente) (MELUCCI, 2001, p.46)

Penso que essas reflexões, no que se refere ao conceito de identidade, leva a descortinar um desenho para pensar os jovens desta pesquisa naquilo que configura a construção de sujeitos e de sua subjetividade nas relações sociais que estabelecem com o trabalho, a formação, escola, família, formas associativas ou práticas associativas, bem como em relação aos seus projetos futuros.

Diante do exposto, pode-se pensar que a identidade se manifesta através de um conjunto de relações e significações que as sociedades e os indivíduos constroem como experiência humana. Marques (1997, p 67), ao discorrer sobre a identidade dos jovens, diz que se quisermos pensá-la na relação com os outros, na família, na escola, no trabalho, no espaço da rua, temos que pensar qual a rede de significados que se insere o jovem e, só a partir daí, perceber o que estão dizendo sobre si mesmos, se aceitam ou não as “identificações que lhes são atribuídas pelos adultos, se estabelecem campos de negociação com outros atores, com os quais se confrontam, se transformam ou manipulam as representações que os outros fazem de si “.

1.3 REVISÃO DA LITERATURA NO CAMPO JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO²²

Com base nos estudos realizados por Corrochano & Nakano no balanço já citado, constata-se que o tema jovens, mundo do trabalho e escola encobre um conjunto diversificado de teses e dissertações que se assemelham nas investigações sobre as relações do jovem estudante do ensino fundamental e médio com o mundo do trabalho, formando assim uma “tríade” jovens, trabalho e escola ou educação. É mencionado o fato de que, nos últimos anos, essa linha de pesquisa tem crescido em quantidade e qualidade no Brasil. Uma das explicações seria que parte significativa dessa produção é subserviente de uma das áreas mais sólidas da pesquisa educacional no Brasil - Trabalho e Educação.

Sobre este tema, foi interpretado e analisado um conjunto de 80 estudos (sete teses e setenta e três dissertações) defendidos entre 1980 e 1998. É explicitada a dificuldade de agrupamento dos vários trabalhos, por isso foram apresentados de acordo com as temáticas centrais e a distribuição por sub-temas conforme os recortes necessários. No que diz respeito à quantificação das teses e dissertações, observa-se que, na década de 90, há uma maior concentração sobre a temática, 50%. Contudo, verifica-se uma diminuição em termos absolutos no último período, mas não há ainda uma real comprovação desta tendência de queda. Para a compreensão dessa tríade, inicialmente é feito um resgate de alguns momentos importantes dos estudos na área trabalho e educação consolidada nos anos 80, enfoque esse já percorrido em nossa proposta nas seções anteriores.

Destaca-se, no conjunto das 80 teses e dissertações reunidas neste balanço, a análise de diversas formas, diferentes pontos de vistas, um ou mais elementos na conexão

²² Neste texto, apresenta-se uma síntese das considerações elaboradas acerca dos estudos sobre a temática juventude, trabalho e educação. Os resultados aqui expostos foram obtidos através do artigo de Corrochano & Nakano, que constitui o balanço existente na produção de conhecimento sobre juventude no interior da área de Educação. A constituição deste acervo, chamado “Estado de conhecimento sobre Juventude na Área de Educação no Brasil”, foi realizada por uma equipe de pesquisadores de várias instituições com a coordenação de Marília Pontes Sposito, partilhada com outra equipe de investigadores, coordenada por Sérgio Haddad que realiza a pesquisa “Estado de Conhecimento sobre a Educação de Jovens e Adultos”. As fontes consultadas para este Estado de Conhecimento privilegiaram as dissertações e teses apresentadas e defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação, num período de dezoito anos (1980-1998). O universo delimitado tomou como ponto de partida os catálogos de teses em Educação e o CD-ROM da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, culminando em um Banco de Dados que contempla atualmente 387 registros somente na área de Educação e Juventude. Estes registros foram retirados da internet homepage, de Ação Educativa (www.Acaoeducativa.org), a qual disponibiliza este acervo. Segundo a equipe, para a realização do acervo, analisaram-se de modo completo 296 exemplares, considerando uma perda de 17% dos trabalhos devido à não obtenção de todas as teses e dissertações que foram enviadas após a conclusão da redação dos artigos. Ana Paula Oliveira Corti, Juarez Dayrell, Maria Carla Corrochano, Maria Cecília Cortez C. de Souza, Marilena Nakano e Paulo Cesar Rodrigues Carrano, além da coordenadora já citada, compõem a equipe. A tentativa no aproveitamento deste balanço é no sentido de localizar e buscar eixos de investigação já realizados e que avançam, também aqueles que se aproximam de nossa temática, bem como eixos investigativos pouco presentes nos estudos sobre juventude, e tentar indicar novas possibilidades.

entre trabalho e educação relacionando-a ao jovem. Conforme tabela apresentada, os sub-temas expressam, em ordem de frequência:

Temáticas sobre Curso Noturno, 50% (aluno que frequenta escola regular ou supletiva - ensino fundamental e médio) - seria o mais numeroso;

Jovens, trabalho e profissionalização - ensino profissionalizante e as diferentes habilidades profissionais a partir de seus alunos - segundo maior sub-tema;

Escolha profissional - dificuldades e expectativas, indecisões, frustrações, escolhas no campo profissional e mercado de trabalho - seria o terceiro maior sub-tema;

Significados e valores em relação à temática trabalho e sua interseção com a educação - quarto maior sub-tema;

Ponto de partida “o mundo do trabalho” - parte destes estudos examina espaço e setores de trabalho ausentes em outros estudos - zona rural, zona litorânea, serviços, construção civil e outras mais especificamente às transformações no mundo do trabalho, a partir dos anos 90, em sua relação com os jovens - último sub-tema.

O grupo composto por estudos que abordam a problemática sobre as significações e as representações de estudantes/trabalhadores relativas à escola e ao trabalho e a relação entre ambos, bem como as suas experiências e os processos de constituição de identidades, compõem quase metade de tudo o que foi produzido sobre os cursos noturnos no período estudado.

Analisando um primeiro sub-conjunto que contempla sete estudos, este evidenciou as representações e experiências dos sujeitos alunos. Estes jovens foram vistos como alienados, inseridos num processo de opressão, dominação e exploração não percebido por eles. A escola, por sua vez, passa a ser observada como um mecanismo que serve para buscar melhores posições na sociedade, cuja conclusão dos pesquisadores constitui um movimento ilusório. Estes estudos, segundo as autoras do artigo, revelam uma grande tendência de tomar o jovem a partir de sua presença na estrutura de classe subordinada à ideologia dominante. As inspirações teóricas estão fundamentadas no marxismo, mais especificamente na linha estruturalista, que vê a escola como aparelho ideológico do Estado. Os autores abordados são Althusser (1983), Baudelot e Establet (1976 e 1979), reforçados pela tese de Braverman (1981 e 1977) sobre a gradual e progressiva desqualificação dos trabalhadores.

Ainda acerca destes estudos, Corrochano & Nakano enfatizam que, apesar dos mesmos anunciarem a perspectiva de contradição evidenciada por autores marxistas como Thompson, Snyders e Giroux, as investigações se limitaram à abordagem sobre significados e

representações de estudantes trabalhadores marcados pela idéia de reprodução das relações sociais de dominação existentes.

O próximo conjunto analisado constitui cinco investigações que salientam, além do enfoque anterior, também os significados e experiências dos alunos marcados por capacidades autônomas de realizarem outras maneiras de inserção na vida e outra forma de constituir a própria identidade. As inspirações de Thompson compõem o referencial teórico neste grupo, tentativa esta de aliar a noção de sujeito e experiência. Todavia, a observação feita é que, da mesma forma que a abordagem anterior, acabam por realizar, em sua maioria, uma análise unilateral, num movimento oposto, de transgressão do sujeito, em um espaço controlado pela escola. Corrochano & Nakano expõem que a produção, no geral, não conseguiu estabelecer as devidas mediações entre curso noturno, aluno trabalhador e mundo do trabalho.

Um terceiro sub conjunto de quatorze estudos analisados apresenta duas investigações que dão ênfase aos significados que a escola e o trabalho têm para os jovens, sob a ótica da construção de suas identidades. Aqui aparece uma única tese de doutorado de todo o grupo, a de Marques (1995), por sinal muito interessante, investiga jovens de 14 a 24 anos em Salvador/BA, alunos da escola pública noturna. Esta pesquisa vai evidenciar como os jovens estabelecem suas relações com a escola, o trabalho, a família, a cultura, o lazer, suas expectativas, aspirações e como estão sendo construídas suas identidades nestes múltiplos espaços, para além do trabalho como eixo estruturante. Este estudo, acredita-se ser um dos que se aproximam de nossa problemática, diferentemente dos sujeitos que são egressos dos cursos de formação profissional e que já ultrapassaram o espaço de formação.

As conclusões na análise desta tese são muito interessantes. Os sujeitos que foram investigados, por um lado, se inserem no mundo do trabalho mais pela busca de respeito e autonomia, espaço de convivência, novas amizades, ampliação de conhecimentos, consumo de bens culturais do que em função propriamente da pobreza. O mundo do trabalho aqui perde a referência central na análise destes jovens. A escola, por outro lado, se tranforma num espaço importante de sociabilidade juvenil, além de constituir um local no qual esses sujeitos buscam conseguir um emprego melhor. Esta tese inclui os jovens como categoria social, deste modo, a autora percorre a literatura brasileira e internacional sobre o assunto, distintamente das outras. Na análise, também foi verificado que este estudo fez revelações importantes sobre as experiências e significados que jovens atribuem à escola noturna em sua relação com o trabalho. Meu estudo aponta também nesta direção mais para os sentidos do trabalho, porém com ex-alunos dos cursos de educação profissional.

Um outro sub-tema analisado por Corrochano & Nakano refere-se à juventude, escola e profissionalização, que corresponde a um bloco de onze dissertações e duas teses problematizando os cursos técnicos e as habilitações profissionais a partir dos alunos. Desse total, oito pesquisas analisam as relações entre o mercado de trabalho, o ensino profissionalizante e os jovens. Os espaços que foram investigados contemplam a escola, o trabalho ou a situação profissional dos jovens egressos. Quanto aos sujeitos egressos, nenhum destes trabalhos investigou aqueles dos cursos de formação profissional da CUT e SENAI com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT, sujeitos centrais de nossa pesquisa.

As quatro dissertações deste sub-tema abordaram as mudanças ocorridas na Legislação que estabelece a obrigatoriedade do ensino técnico em nível de 2º grau - Lei 5692/71, seguida da Lei 7044/82, que coloca a profissionalização como opcional. Estas alterações são analisadas tendo como preocupação o que muda na realidade dos jovens trabalhadores em relação à escola e ao mercado de trabalho. As conclusões destas pesquisas aludem que a experiência do ensino profissionalizante reverteu em fracasso. Destas quatro dissertações, apenas uma delas enfatiza a necessidade das escolas técnicas se apoiarem na Teoria do Capital Humano para atender às necessidades do mercado de trabalho.

No que diz respeito ao quadro teórico, as dissertações que perfazem o período dos anos 80 e início dos anos 90 concentram-se na revisão de estudos sobre o histórico do ensino profissionalizante enfatizando seu aspecto dualista - ensino profissionalizante para as camadas populares e propedêutico para as elites. Os quatro estudos realizados na década de 90 também avaliam o mercado de trabalho em sua relação com os jovens e os cursos profissionalizantes, mas novas questões são postas. O contexto do mundo do trabalho é analisado sob novas características, desestruturação do mercado, abertura econômica, processo da reestruturação produtiva, flexibilização, novas tecnologias, novas formas de organização do trabalho. Neste cenário, elevam-se os índices de desemprego, atingindo sobretudo grupos sociais mais frágeis, como os jovens, idosos e mulheres. Neste período, as análises recaem também para a discussão de uma nova Lei de Diretrizes e Bases de Educação - LDB, que veio a ser promulgada somente em 1996, alterando a legislação, referente ao antigo ensino do 2º grau.

Neste processo, a produção de conhecimentos apresenta novas análises dos cursos técnicos, ressaltando suas qualidades e defeitos, bem como tentativas na construção de alternativas a partir das informações e opiniões dos alunos. Neste sentido, as propostas se baseiam em pressupostos de uma escola que passe a considerar o trabalho como princípio educativo - escola politécnica. Estas alternativas perfazem a marca destes estudos no período.

As discussões também passam a incorporar a análise dos currículos dos cursos frente às transformações do espaço de trabalho, apontando ora a negatividade, ora a positividade de tais mudanças.

Segundo Corrochano & Nakano, as pesquisas que abrem o leque das investigações nos anos 90 têm em comum uma menor ênfase nos estudos sobre legislação educacional e no histórico do ensino profissionalizante. Nota-se uma abertura para as relações entre trabalho e educação, enfatizando mais a perspectiva teórica marxista baseada em Gramsci, através de autores brasileiros, e Braverman. Estas investigações fazem também uma revisão dos estudos nacionais que examinam a relação trabalho e educação a partir dos anos 70, lançando mão de autores como Rossi (1978), Salm (1980), Frigotto (1984), Kuenzer (1986,1988, 1987), Machado (1989). No que se refere à profissionalização e ao ensino médio/técnico, os estudos de Cunha (1977) e Franco (1991) são os mais citados como referencial teórico.

As autoras do artigo, citando Yamamoto (1996), revelam que estes estudos tratam da incorporação do referencial marxista para fins propositivos, uma vez que a adoção da perspectiva gramsciana anuncia a busca de princípios filosófico-políticos que apontam uma função transformadora do real pela ação escolar. Em alguns estudos da década de 90, foi verificada a ampliação do plano teórico abordando outros autores como Agnes Heller e Henri Lefebvre seguindo a vertente marxista através de autores nacionais que buscam suas orientações. Destacam-se também na produção dos estudos qualitativos as formulações de Ezpeleta e Rockwell (1989) e Marli André (1987). Nestes estudos foram presenciados, ainda que deslocado o material empírico do teórico, uma maior aproximação e um diálogo entre os dois.

As conclusões que chegam as autoras são que as contribuições mais intensas do conjunto das dissertações apresentadas reúnem conhecimentos sobre o fracasso da profissionalização mesmo após as alterações implantadas. Estes estudos acabam por defender um conjunto de medidas necessárias para que as escolas consigam preparar melhor os jovens para o mercado de trabalho, bem como o atendimento de suas necessidades, propondo um processo de democratização. Num apanhado sobre as considerações feitas neste balanço, incluindo todos os sub-temas, Corrochano & Nakanos tecem observações significativas sobre a produção discente examinada. Algumas delas são apontadas como possíveis reflexões para essa pesquisa.

De modo geral, este bloco revela que poucos são os estudos que se detiveram no mundo do trabalho do jovem, deslocando-se para outros espaços não escolares. Neste sentido,

esse estudo intenciona o alargamento destes espaços para além dos cursos que os egressos participaram. Porém, é relatado o avanço de alguns trabalhos quando a escola não é vista só como inadequada, mas é analisada como espaço sócio-cultural ou a partir do ponto de vista dos sujeitos, que apesar de amparar uma população que trabalha, a instituição aparece como local de desenvolvimento de relações afetivas, de amizade, de socialização, de construção de identidades.

As ponderações feitas por Corrochano & Nakano, acerca da produção apresentada nestas duas últimas décadas, estão fundamentadas no fato de que os diferentes pesquisadores, em seus estudos, se propuseram a realizar uma análise sobre a escola ancorada nos referenciais marxistas, ora enfatizando os processos de dominação ou exploração em relação ao trabalho, ora reforçando a busca de um novo modelo voltado para aqueles que precisam trabalhar e prosseguir seus estudos. Portanto, os trabalhos do final dos anos 80 e início dos anos 90 reiteram a defesa do princípio educativo do trabalho e da concepção da educação politécnica. Contudo, estes trabalhos acabam por apresentar estas concepções mais como ideário do que como ferramenta analítica, mas no final acabam por conjugar o mérito de ampliação do debate sobre o sentido da escola. Mesmo assim, segundo as autoras, estes estudos não ofereceram grandes possibilidades analíticas, pois, muitas vezes, houve uma distância ou desfoque do referencial teórico e do objeto empírico.

Um outro elemento significativo mencionado a respeito da produção dos anos 90 é a tentativa de alargar o entendimento do aluno que trabalha, mediante a incorporação da categoria juventude, colocada como um esforço inicial na articulação das dimensões analíticas das classes sociais tradicionais, nos estudos da área educacional com os recortes sócio-culturais do momento de vida.

Esta visão amplia a construção teórico-metodológica do objeto de pesquisa, incluindo o processo de interação do jovem, mundo do trabalho e escola. Neste ponto, aparecem referenciais teóricos diferenciados, surgindo autores que examinaram a questão juvenil, ao lado de recursos teóricos da sociologia da educação. Surgem também novos problemas ligados aos efeitos das mudanças tecnológicas sobre o jovem e sua busca por qualificação ou até mesmo sobre o sentido do trabalho na construção de sua identidade. O trabalho, como local de ação, de vivência de experiências, de aprendizagem dos jovens, passa a ser pesquisado mais intensamente nos anos 90, entretanto, conforme o balanço, ainda timidamente.

Na seqüência, mencionam-se, segundo este balanço, o que predominou nas investigações e as ausências de problemáticas:

a) A escola constituiu o universo e o espaço de reflexão sobre trabalho e jovens, equivalente a 71,3% da produção. Considerando a produção, que investigou a escola em conjunto com o trabalho ou bairro, tem mais de 80% de toda a produção;

b) Um pequeno percentual de 2,5% ou apenas dois estudos investigaram o local de trabalho sobre a relação entre jovens, trabalho e escola;

c) A ausência de estudos relativos ao trabalho juvenil no campo, no setor de serviços e no mercado informal, bem como estudos sobre o desemprego juvenil, que, conforme estudos de Pochmann (1999), aumentaram significativamente na década de 90. Suas obras revelam dados assustadores sobre o assunto no Brasil²³;

d) A categoria trabalhador foi utilizado de forma bastante genérica, em que o trabalho industrial aparece como modelo capaz de articular esta dimensão, sendo a escola pensada como instituição freqüentada especificamente por operários. Aqui se chama a atenção das devidas pontes e facetas que constituem o mundo do trabalho do jovem na sociedade brasileira;

e) A maioria dos trabalhos que discutem a respeito de jovens trabalhadores deixam de mencionar o mundo do trabalho e o lugar ocupado por estes sujeitos neste espaço. Pouco se sabe sobre isto;

f) Ademais, outros setores econômicos não foram investigados, como o rural, evidenciando mais pesquisas nos espaços urbanos;

g) Não foi observado neste conjunto nenhum estudo sobre desemprego e o trabalho informal, que sempre atingiram de maneira marcante os jovens brasileiros. Nada se sabe, por exemplo, como pensam, vivem, agem e sentem os jovens desempregados, fenômeno este que passou a chamar atenção na década de 90.

h) Na análise sobre os aspectos metodológicos, predominaram as pesquisas qualitativas, fazendo uso de estudos de casos e pesquisa exploratória. Uma observação feita é que, mesmo quando foi explicitada a opção pela pesquisa etnográfica, esta não se realizou. As informações obtidas por meio dos jovens mostraram-se limitadas através dos questionários e entrevistas.

²³ Um dos aspectos do desemprego juvenil destacado por Pochmann (2000) diz respeito à elevação do índice ou taxa do desemprego total. Nos anos 80, a taxa de desemprego juvenil manteve-se em torno de 1,5 vez acima do desemprego total, na década de 90, subiu para 1,8. Do total de 5,9 milhões de trabalhadores desempregados no Brasil, as estimativas do IBGE já mostravam, no ano de 1997, que 2,7 milhões de pessoas tinham de 15 a 24 anos de idade. Do total de desempregados, 46% eram jovens.

i) Existe uma forte demanda por pesquisas de natureza quantitativa, sobre as condições do trabalho do jovem na sociedade brasileira, que possam trazer novas hipóteses nos estudos que trabalham na perspectiva qualitativa.

j) Há ausência de trabalhos que se utilizam de ferramentas analíticas que problematizem ou interroguem o jovem para além de um conjunto de opiniões, mas que examinem também suas orientações e práticas.

Para finalizar, Corrochano & Nakano destacam aspectos que devem ser observados no que diz respeito às lacunas e possibilidades para as novas pesquisas neste campo que abordam a tríade juventude, trabalho e educação. Primeiramente, a preocupação em definir de que sujeito se fala, sem esta definição, corre-se o risco de diluir esse campo apenas nos dois elementos da tríade, trabalho e escola, repetindo o aprisionamento às questões institucionais, como se elas fossem autônomas e passíveis de análise através do uso exclusivo de categorias macro-sociais.

Uma outra alternativa citada pelas autoras consiste em não deixar de tomar a juventude como uma categoria social com especificidades que merecem ser investigadas, porém, deve-se fazer os cruzamentos necessários com questões que mencionem as características do trabalho, como o lugar ocupado pelos jovens na estrutura social, as novas questões de enfrentamento diante das novas tecnologias, os efeitos, as experiências e as ações desencadeadas pelos setores juvenis em torno de situações de desemprego e de trabalho informal. Estas questões podem ser reveladoras no desvelamento do mundo do trabalho, e principalmente, trazer elementos para a reformulação da escola, dir-se-ia, para as políticas públicas sobre Juventude.

Estas são as possibilidades conjugadas com a complexidade já trazida nestes diversos estudos analisados e que poderão marcar os novos anúncios para investigações futuras, início do século XXI. O maior adensamento da área exigirá, de acordo com as autoras, um maior diálogo com a Sociologia do Trabalho e a Economia, interação que deverá caminhar ao lado dos estudos que tratam a juventude como uma categoria social. É aqui que tento circunscrever minha pesquisa.

Os estudos destas duas autoras, Corrochano (2000) e Nakano (1995), duas dissertações de mestrado, perfazem estudos significativos para essa investigação mesmo que por vias diferentes. A primeira estuda os jovens operários no ABC paulista, abordando o lugar e os sentidos do trabalho na vida destes jovens, a segunda se concentra na vida associativa de jovens do Jardim Oratório também na região do ABC. Duas teses de doutorado recentes também referenciam, como de Durand (2000), com jovens do ensino médio e da Universidade

em Florianópolis. Esta autora privilegia suas práticas em múltiplos espaços, para além da instituição escolar. E a tese de Zuchetti (2002) com aproximações que analisa jovens egressos e não egressos do Centro de Iniciação Profissional (CIP) em Novo Hamburgo, abordando a formação profissional, o trabalho e os sentidos do trabalho para estes jovens. Incluem-se neste estudo, além destas relações, as formas associativas e a questão da identidade que perpassa todas elas.

Diante disto, esta pesquisa surge com a preocupação de contribuir com novos estudos analíticos decifrando a rede de significados dos processos identitários dos jovens após a vivência nos espaços de formação como o SENAI e a CUT. Portanto, observando que são poucos os estudos sobre a temática, bem como sua importância no contexto atual, o interesse para estudar e compreender este segmento aumentou.

Esta investigação resgata os sujeitos centrais que são jovens egressos que passaram pelos cursos de formação profissional, nas instituições formadoras SENAI e CUT, no ano de 1999 e 2000, na microrregião de Florianópolis. Por conseguinte, jovens que participaram destes cursos de formação profissional, subsidiados com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT, no momento em que se inscreveram nestes cursos muitos se encontravam desempregados e atualmente vivem em espaços circundantes e tempos diferenciados. Alguns continuam desempregados, e outros trabalhando, muitas vezes em condições precárias no mercado informal, talvez única alternativa num contexto histórico marcado pelo desemprego.

A primeira entidade a implementar cursos profissionalizantes foi o SENAI, e continua mantendo uma grande procura, além do fato de que alguns recursos são obtidos via cursos pagos e também do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT. A experiência da CUT, mesmo sendo recente no que diz respeito aos cursos de formação profissional, tem se mostrado até certo ponto com um discurso interessante, concepção de uma educação mais ampla ou alargada, recebendo um volume significativo do FAT. Passa-se a discutir na próxima seção sobre o trabalho e seus diversos sentidos.

1.4 A DIVERSIDADE DOS SENTIDOS SOBRE O TRABALHO

Muitos estudiosos, que se debruçaram sobre a realidade mundial nas últimas décadas, são unânimes em constatar as profundas transformações que assolam o mundo do trabalho, culminando no fenômeno do desemprego que atinge milhões de pessoas com índices

alarmantes jamais presenciados, especialmente aqueles demonstrados pelo desemprego juvenil. Não se pode mais dizer que essa realidade é mera ilusão.

O desemprego sempre foi uma característica da sociedade capitalista, mas o modo como o assistimos hoje resulta em muito da aplicação da técnica e da ciência em todos os setores econômicos e que, embora não seja relativamente novo, na atualidade as proporções se tornam inusitadas. Associado a esse fenômeno, segundo Pais (2001), a precariedade de emprego, entre muitos jovens na atualidade, expressa as várias dificuldades encontradas por estes quando desejam entrar para o mercado de trabalho, fato que leva muitos a lançarem mão de estratégias e facetas peculiares que chegam a abalar os modos tradicionais de entrada na vida ativa.

No senso comum e nos próprios meios de comunicação, observa-se que os termos “emprego e trabalho” são empregados, muitas vezes, de maneira associada, mas essa ligação pressupõe também significados diferentes. Pensando na história da humanidade, o trabalho é mais antigo que o emprego, o trabalho por si só existe desde o momento em que o homem começou a transformar a natureza e o ambiente em seu entorno, desde a fabricação de ferramentas e utensílios.

O emprego já é algo mais recente na história humana, surgindo por volta da Revolução Industrial, que estabeleceu a relação de venda e compra da força de trabalho. Esta descrição que fizemos de forma simplificada vai aparecer na história como algo de extrema complexidade, que se torna mais ainda ao longo dos séculos, até a problemática presenciada na história recente mundial.

No que se refere propriamente ao trabalho, encontra-se uma multiplicidade ou diversidade de sentidos, tanto na ampla literatura especializada, como na história das sociedades. Não se pretende, portanto, nos limites deste trabalho, reconstruir este constructo ou arcabouço existente sobre os diversos sentidos do trabalho e seus períodos históricos, muitos autores já o fizeram, e isso por si só já constituiria uma pesquisa teórica de grande envergadura, que no momento vai além de nossas possibilidades. Assim, pretende-se explorar algumas abordagens que dão suporte para que se possa analisar como se configuram alguns desses significados encontrados na pesquisa empírica. Diversas são as análises que levam a explicar o fenômeno, entre essas considerações, um debate polêmico e complexo que vem sendo engendrado é sobre a centralidade ou não do trabalho, colocando em xeque a questão do trabalho como sentido e valor e dimensionando o debate para outros espaços de inclusão além deste.

Ao mesmo tempo, esse debate se expande para o conteúdo da formação profissional, esse tem sido revisto, suas relações são discutidas, principalmente com outras formas de conhecimento que são reavaliadas, e seus objetivos também são colocados como necessidade de resignificarem-se.

Atores sociais apresentam diferentes visões e projetos para a formação profissional, negociam formas, processos e abrem novos espaços de ação, tanto na relação direta entre capital e trabalho, como destes com o Estado e a sociedade, seja do ponto de vista técnico, cultural, político ou econômico.

Desta maneira, observa-se que a educação profissional está nesta agenda, na qual as diferentes concepções formuladas apresentam convergências e divergências não apenas identificadas no âmbito dos antagonismos estruturais das sociedades, fundadas no modo de produção capitalista, mas o eixo também se desloca para o campo político-ideológico demarcando as diferenças nas propostas das lideranças das entidades analisadas, conforme ressalta Rummert (2000).

Neste quadro, autores como Frigotto (1998), que discorda e confronta o debate sobre a tese de Offe (1995) e Habermas (1987 e 1995) a respeito da perda da centralidade ou não do trabalho, alegam fundamentos que, segundo Ribeiro (2001), atingem também a concepção marxista de escola unitária, formação omnilateral, trabalho como princípio educativo e o termo politecnia. Anuncia-se neste contexto o fim dos empregos e da sociedade do trabalho, discussão esta que perpassa pela ética do valor do trabalho ou do trabalho como valor²⁴.

Pais (2001) argumenta que as próprias representações sobre o trabalho estão atualmente marcadas por instabilidades naquilo que se apresenta como turbulência, flexibilidade e impermanência nas trajetórias juvenis ou de seus percursos laboriais, isto não quer dizer que o trabalho não seja uma esfera importante na vida dos indivíduos, mas ganha novas dimensões.

Desta forma, é visível a própria diversidade e a heterogeneidade que caracterizam o mercado de trabalho atualmente no Brasil e, conseqüentemente que, leva a diferentes situações vividas por jovens trabalhadores e jovens trabalhadoras.

Conforme nos disse Sousa Santos na palestra no dia 07/05/2000, “como falar em não trabalho num contexto em que se trabalha demais, se trabalha dobrado, ninguém tem tempo

²⁴ Não se pretende, no limite deste estudo, aprofundar este debate, da centralidade ou não do trabalho, deixa-se claro que não se desconhece, todavia, a polêmica engendrada em tais reflexões e posições de vários autores como Offe (1989); Gorz (1982), Habermas (1987); Frigotto (1998); Antunes (1995, 2000); Hirata (1998,) dentre outros, necessitaria de um outro espaço que no momento não é possível.

para mais nada e numa velocidade muito mais intensa”. Porém, a questão da identidade pelo trabalho não se resume aos sujeitos que têm como preocupação essencial a sobrevivência, como nosso estudo vem demonstrar. Isto também não significa dizer que o trabalho é um universo único de inclusão para a juventude, até porque entre os jovens investigados as formas associativas revelam também traços identitários, que ultrapassam o mero rendimento ou apenas o se fazer pelo trabalho, bem como incorporam outras dimensões de trabalho, socialidade e lazer, neste caso aquele que mantém características voluntárias, formas solidárias de viver e interagir com o outro. Neste ponto, é importante ressaltar o que diz Ricardo Antunes, em seu livro “Os Sentidos do Trabalho”, enquanto uma vida cheia de sentido:

Dizer que uma vida cheia de sentido encontra na esfera do trabalho seu primeiro momento de realização é totalmente diferente de dizer que uma vida cheia de sentido se resume exclusivamente ao trabalho, o que seria um completo absurdo. Na busca de uma vida cheia de sentido, a arte, a poesia, a pintura, a música, o momento de criação, o tempo de liberdade têm um significado muito especial. Se o trabalho se torna auto-determinado, autônomo e livre, e por isso dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do uso autônomo do tempo livre e da liberdade que o ser social poderá se humanizar e se emancipar em seu sentido mais profundo (2000, p. 143).

Concorda-se com o autor quando menciona que isso ainda fica muito no nível da abstração, muitas conexões teriam que ser elaboradas para se falar em liberdade e trabalho, de qualquer forma, é preciso sublinhar a importância que adquire o trabalho para os jovens desta pesquisa, constituindo uma pluralidade de significações, que vai do imediato às oscilações flutuantes, ou provisórias que, são características das incertezas que configuram o momento atual, seja para os jovens das classes populares, seja para os das classes médias.

Isto não elimina seu significado instrumental, como poder-se-á ver mais adiante na análise dos sentidos e do lugar do trabalho na vida destes jovens, mas penetra na esfera do cotidiano repleto de outros sentidos, moral, simbólico, dimensão entre o individual e o coletivo, envolve aspectos cognitivos, de expressão cultural, aaim como possibilita interpretações de mundo.

Desta forma, caso se considere o mundo da vida prática, da vida cotidiana dos homens, do lado subjetivo da determinação dialética das condições de vida, a própria “alienação não se limita apenas aos aspectos econômicos, mas envolve aspectos políticos, morais, estéticos, etc, abrangendo a emancipação de todos os sentidos e atributos humanos” (KRAMER, 1993, p. 38).

No dicionário da língua portuguesa, encontramos algumas denominações para o conceito de trabalho: “aplicação das atividades mentais ou intelectuais; serviço; esforço; exercício; obra feita ou via de execução, discussões ou deliberações, aflições, cuidados, fadiga, difícil” (ROCHA, 1996, p. 611).

Nota-se, diante da circunstância explicitada tanto por Arendt (1995) como por Albornoz (1992), que em todas as línguas européias, antigas e modernas, existem duas palavras de etimologia distintas para denotar o que para nós, hoje, é a mesma atividade, conservando, desta forma, o uso repetido como sinônimo - labor e trabalho.

A língua grega diferencia entre *ponein* e *ergazesthai*, o latim entre *laborare* e *facere* ou *fabricari*, constituindo, desta maneira, a mesma raiz etimológica; o francês entre *travailler* e *ouvrer*, o alemão entre *arbeiten* e *werken*. Em todos estes casos, apenas os correspondentes ao labor têm conotação de dor, sofrimento e atribulação.

Nestas designações, o francês *travailler* substituiu uma palavra mais antiga *labourer*; que surge de *tripaliüm*, espécie de tortura que Albornoz destaca como um instrumento feito de três paus, que, por vezes, incluía algumas pontas de ferro e era utilizado pelos agricultores para bater o trigo, esmiuçar espigas de milho e rasgar o linho, sendo usado também para domesticar animais e torturar escravos. Portanto, a mesma origem de trabalho que é derivada de trabalhar oriunda do latim vulgar – *tripãliäre*, torturar, deriva de *tripãlium*, idéia inicial de sofrer que foi substituída por esforçar-se, lutar, pugnar e, por fim trabalhar²⁵.

Ao longo da história da humanidade, variando com o nível cultural e o estágio evolutivo de cada sociedade, percebe-se que o trabalho passa a ser tão antigo quanto o ser humano, como já foi mencionado anteriormente²⁶. Na concepção teológica bíblica, o labor já aparece como parte da própria criação do mundo e do homem, primeira forma de trabalho realizada no universo²⁷.

Este fato, levado a uma visão mais ampliada, aparece em a “Ética Protestante o Espírito do Capitalismo”, obra na qual Max Weber (1980) retrata o ascetismo protestante

²⁵Todas as palavras européias para labor significam dor e esforço e são usadas também para dores do parto. A palavra obra também é utilizada, já que a característica dessa atividade retrata a produção de objetos, que, por sua condição, empresta durabilidade ao mundo (ARENDRT, 1995, p. 81).

²⁶ O segundo texto grego mais antigo, cerca de cem anos mais novo que os poemas épicos de Homero, é um poema de Hesíodo (800 a. C), com o título “Os trabalhos e os dias”, que canta o trabalho de um agricultor. Tanto no ocidente como no oriente esses gestos de louvor eram puramente simbólicos. Nem Hesíodo, nem Virgílio, nem ninguém na época, estudaram de fato o que um agricultor faz e, menos ainda, como faz. Isto significa que o trabalho não merecia a atenção de pessoas educadas, abastadas ou que tivesse autoridade. (MELLO, 1994).

²⁷Na consulta das Sagradas Escrituras, observa-se que o homem recebeu a incumbência divina de dominar o mundo e o trabalho como forma de dignificá-lo, colocando-o em superioridade em relação a outras espécies no planeta. Foi através do pecado original que este sofreu o castigo de seu próprio trabalho como algo árduo e penoso: “comerás o teu pão com o suor do teu rosto” (Gênesis 3. 19).

como base da moderna civilização vocacional, um tipo de construção “religiosa”, da economia moderna. Neste estudo, o autor retrata como as várias seitas religiosas contribuíram para a acumulação do capitalismo e para a racionalidade da sociedade moderna.

O trabalho aparece como forma de agradar a Deus, como um meio de salvação para a entrada no reino dos céus. O homem era chamado por Deus para cumprir sua providência no mundo através de seu trabalho e, somente através deste, a humanidade renderia honras e glórias a Deus.

Reportando-se à sociedade grega, a distinção entre labor e trabalho denota os espaços público e privado que eram na Grécia antiga bem delimitados²⁸. Arendt (1995), em seu referencial, busca na polis aquelas capacidades humanas que levaram o conhecimento do mundo fundado pelos gregos.

A autora, em seu livro “A condição humana”, faz uma retrospectiva das condições que o homem recebeu conjuntamente com sua vida, num pertencimento, que conforme ela, vale em qualquer parte do globo e em qualquer tempo histórico.

A obra é estruturada a partir da revisão da categoria marxista de trabalho, num esforço de ampliação. Desenvolve seu pensamento num confronto constante com o ponto de vista antigo no que se refere ao valor reconhecido do trabalho, neste sentido, sugere ser uma crítica a Marx, bem como da interpretação que esse faz da sociedade moderna.

O seu estudo, especialmente das atividades que compõem a “vida ativa”, é fundamentado em três atividades que a constituem, e que são normalmente confundidas: o labor, o trabalho e a ação. Neste sentido, reconhece e trabalha a perspectiva da distinção entre uma “vida contemplativa e uma vida ativa”, encontrada na tradição do pensamento filosófico e religioso.

Segundo Arendt, a superioridade atribuída à vida contemplativa em oposição à vida ativa foi construída desligada da realidade, fazendo com que se ignorassem as diferentes formas de expressão desta:

O primado da contemplação sobre atividade baseia-se na convicção de que nenhum trabalho de mãos humanas pode igualar em beleza e verdade o Kosmos físico, que resolve em torno de si mesmo, em imutável eternidade, sem qualquer interferência ou assistência externa, seja humana ou divina. Esta eternidade só se revela a olhos mortais quando todos os movimentos e atividades humanas estão em completo repouso. Comparadas a este aspecto da quietude, todas as diferenças e

²⁸ “ Entre o doméstico que era um escravo e o chefe da casa que era um cidadão, entre as atividades que deveriam ser escondidas na privacidade do lar e aquelas que eram dignas de vir a público, apagaram e predeterminaram todas as outras distinções, até restar somente um critério: é na privacidade ou em público que se gasta a maior parte do tempo e do esforço? A ocupação é motivada por cura privati negotii ou cura rei publicae, para cuidar de negócios privados ou para atender às coisas públicas? “(ARENDRT, 1995, p. 73)

manifestações no âmbito da vida ativa desaparecem. Do ponto de vista da contemplação, não importa o que perturba a necessária quietude; o que importa é que ela seja perturbada (ARENDETT, 1995, p.83)

A condição humana do labor é a própria vida – metabolismo do homem com a natureza – que corresponde ao ciclo vital da natureza, atividade esta que estaria voltada para a sobrevivência da espécie, sem começo nem fim, movimento cíclico que perpassa geração após geração. É uma atividade que se realiza através de um movimento alternado na obtenção dos meios de subsistência e no próprio consumo desses meios, movimento este que só termina com a própria vida – estaria assim submetido o animal laborans – ²⁹.

A condição humana do trabalho, por sua vez, tem sua característica fundada na mundanidade, corresponde ao artificialismo da existência humana. O trabalho e seu produto, o artefato humano, são produtos de fabricação – objetos de uso e obras de arte que vão ocupar um lugar no mundo mantendo uma certa durabilidade, permanência e familiaridade – associados às mãos. Neste sentido, ganham independência em relação aos homens que com eles se relacionam, constituindo o mundo artificial em sua materialidade.

Porém, os objetos de uso, para Arendt, diferentemente das obras de arte, que não possuem fins utilitários, estão mais submetidos ao desgaste do tempo. De acordo com esta pensadora, o trabalho, inversamente do labor, tem uma conotação violenta, naquilo que tem de destruidor da natureza, quando o homem a utiliza para a construção do artefato humano.

Portanto, ao contrário do labor, este está determinado pelos meios e fins. Em síntese, o trabalho incorpora as noções de instrumentalidade e de utilidade vinculadas à atividade da fabricação. Elaborando um mundo utilitário, o “homo faber” realiza esta atividade - produção de objetos - excetuando as obras de arte, no isolamento, e destiná-os à privacidade do uso.

A condição humana da ação é a diversidade humana. A ação, diferentemente do labor, que é realizado pelo homem como espécie, e do trabalho, que é atividade executada no isolamento, está pautada no conviver entre os homens que vêm ao mundo, cada qual como ser único, e traz a marca do imprevisível. O agir incorpora a expressão da iniciativa. A ação fazendo parte da teia das relações humanas é apenas o início de um processo com desdobramentos imprevisíveis, em seu sentido não biológico é a própria manifestação da vida.

²⁹ A produção dos meios de consumo, numa quantidade maior do que o necessário para manter a vida do ser que labora, constitui uma característica do labor, assim sendo, para Arendt, o esforço e a dor estão associados ao mesmo processo de expressão da felicidade de estar vivo. “A bênção da vida como um todo, inerente ao labor, jamais pode ser proporcionada pelo trabalho, nem deve ser confundida com o breve intervalo de alívio e alegria que se segue à consumação de um feito e acompanha a sua realização” (ARENDETT, 1995, p. 119).

Arendt (1995) reafirma que a ação revela-se na singularidade do sujeito, pois esta não existe sem a palavra, sem o discurso que possibilita anunciar quem se é, o que se está fazendo, o que fez, ou aquilo que intensiona fazer, isto equivale à identidade. Por isso a ação coloca em movimento uma teia de relações humanas – medidas por vontades e intenções conflitantes – que, por sua vez, produz histórias, a história da vida de cada pessoa.

Algumas breves reflexões podem ser feitas também na questão do trabalho elaborado por Marx (1980 e 1989) que aqui estão ancoradas em seus pressupostos na obra “O capital, livro I, vol. 1 e 2” e nos “Manuscritos Econômicos Filosóficos”. Desta forma, pode-se buscar alguns elementos para pensar o trabalho como valor³⁰, perspectiva que amplia em muito a discussão sobre formação profissional, quando pensada no seu sentido da Omnilateralidade. A questão do “trabalho”, elaborada pelo autor, perpassa grande parte de sua obra buscando compreender a força motriz do Capitalismo em suas contradições.

Para Marx, a base fundamental constituída em cada sociedade humana passa pelo processo de trabalho, seres humanos cooperando entre si para fazer uso das forças da natureza e, portanto, para satisfazer as necessidades, para ele, humanas. Desta maneira, necessita ser útil, nesta perspectiva que o autor chama-o de valor de uso, pois, em primeiro lugar, deve ser útil para alguém³¹.

como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana (MARX, 1980, p. 50)

Todavia, diante das formas do capitalismo, os produtos do trabalho tomam a forma de mercadorias, que passam a ter valor de troca. Conforme o autor, todas as mercadorias têm um valor, do qual a troca é simplesmente o seu reflexo. O custo da produção só pode ser medido pela quantidade de trabalho empreendida à mercadoria, configurando trabalho concreto.

No que diz respeito a esse trabalho que é real e variado, sua complexidade impede uma medida exata de valor. Para encontrar essa medida, deve-se abstrair o trabalho em sua forma concreta, “portanto, um valor de uso ou um bem possui valor, apenas porque nele está

³⁰ Muito já se produziu acerca das idéias de Marx em várias áreas do conhecimento, não se pretende aqui se aventurar numa análise epistemológica ou ontológica de sua obra. Interessa sim compreender um pouco mais sobre o sentido do trabalho como valor. Para um aprofundamento deste assunto em sua ampliação como valor moral humano, ver Zuchetti (2002) e Boff (2000).

³¹ Essa necessidade satisfeita por um valor de uso não precisa necessariamente ser uma necessidade física, um livro, por exemplo, possui seu valor de uso. Deste modo, os valores de uso podem satisfazer vários propósitos.

objetivado ou materializado trabalho humano abstrato” (MARX, 1980, 47). Assim, pode-se dizer que o trabalho tem um caráter duplo:

Todo trabalho é, por um lado dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor da mercadoria. Todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob a forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho humano concreto útil produz valores de uso. (MARX, 1980, p. 53)³².

Deste modo, o trabalho de cada indivíduo ou grupo de indivíduos é trabalho social no sentido de que ele contribui para as necessidades da sociedade. Essas necessidades exigem todo o tipo de diferentes produtos, sendo necessário que diferentes tipos de trabalho útil sejam feitos.

O valor das mercadorias é determinado não pela quantidade total de trabalho usada para produzi-las, mas sim pelo tempo de trabalho socialmente necessário, ou seja, o tempo de trabalho. O trabalho social abstrato é assim não apenas um conceito, algo que existe apenas na mente das pessoas, ele domina a vida das pessoas, por isso seu valor, conforme menciona Zuchetti (2002, p. 93):

Assim ao fazer uma analogia entre as formas de mercadorias e os seus valores, encontra-se neles uma qualidade que não é física, mas puro elemento social, ou relação social humana, que contém em si, além do trabalho humano concreto, o trabalho humano abstrato que produz novas formas de valores, não só na relação do homem com a natureza, mas na relação com o próprio homem.

Nessa relação ou processo do trabalho visto como valor positivo, poder-se-ia pensar e ampliar a perspectiva do desenvolvimento integral das capacidades humanas, vindo a revelar a necessidade de uma concepção de formação emancipatória. Na obra de Marx (1989), “Manuscritos econômicos-filosóficos”, encontramos uma passagem que revela aspectos deste formação:

[...] os sentidos do homem social são diferentes dos do homem não social. É só por intermédio da riqueza objetivamente desdobrada do ser humano que a riqueza da sensibilidade humana subjetiva (um ouvido musical, um olho sensível à beleza das formas, em suma, sentidos capazes de satisfação humana e que se confirmam como faculdades humanas) é cultivada ou variada. Pois, são não só os cinco sentidos, mas igualmente, os chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (desejar, amar, etc), em suma, a sensibilidade humana e o caráter humano dos sentidos, que podem vingar através da existência de seu objeto, através da natureza humana. O cultivo dos cinco sentidos é a obra de toda a história anterior (MARX, 1989, p.128).

³² Foi aqui que Marx se separou das teorias dos economistas clássicos.

Para entender o desenvolvimento destas capacidades que introduzem o conceito de omnilateralidade, como foi desenvolvido por Marx e posteriormente por Gramsci, os cursos de formação profissional deveriam trabalhar esta perspectiva de forma mais concreta, ou seja, dimensionando a categoria trabalho, mas não é ainda possível dizer que assim acontece, como se observa na relação dos alunos com os cursos de Educação Profissional e a relação com a escola.

Sugere-se que as mudanças dadas na atualidade não conseguem dar conta para que isso ocorra. Este conceito é muito mais amplo do que imaginam alguns. Quando se reflete sobre os jovens que querem trabalho, pensam, antes de tudo, na sobrevivência, mas também pensam a fruição pela vida, música, afetos, sensibilidade, aprendizado, etc, poderia contemplar-se esse tipo de formação. Isto significa um ser integral bio-psico-social e deve ser atendido num sistema educacional também integral, que promova sua auto potencialidade.

Nota-se um processo dinâmico dos jovens que chegam e saem dos cursos de formação profissional e da escola, não dá para negar que estão marcados pela diversidade. Justamente por estas características, de um desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, que mesmo aparecendo como desiguais entre eles devido à própria quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, há demanda de uma formação mais abrangente

Contudo, em suas trajetórias escolares e de formação, o tratamento muitas vezes acaba sendo uniforme e homogêneo, vindo a consagrar as injustiças das origens sociais dos alunos. Por isso, a necessidade de compreender esses jovens quando chegam à escola e aos cursos como sujeitos sócio- culturais.

Como exemplifica Dayrell (1999, p 140), esta perspectiva implica superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno, dando-lhe outro significado. A abordagem que deve ser empreendida significa percebê-lo em suas diferenças, “enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas , valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, lógicas de comportamento e hábitos que lhe são próprios”.

Pensando nestes jovens que participam destes cursos de formação profissional, essa lógica revelada pelo autor reflete que muitas vezes pode ajudar em outra trajetória após sua formação, o que cada um deles é, ao chegar e ao sair, constitui-se como fruto de um conjunto de experiências sociais já vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais e vão seguir acumulando mais experiências que, por sua vez, se multiplicarão.

Resgatando Thompson (1984), na reflexão sobre a experiência vivida, estes sujeitos a experimentam em situações e relações produtivas como necessidades, interesses,

antagonismos e elaboram essa experiência em sua consciência e cultura, agindo de acordo com a situação determinada, assim o cotidiano se torna espaço e tempo significativos.

Neste sentido, pode-se pensar através do autor que a experiência é matéria- prima a partir da qual os jovens articulam sua própria cultura, aqui entendida como conjunto de crenças, valores, visão de mundo, rede de significados.

A experiência, diz Thompson (1987, p.130), é “resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”. As trajetórias dos jovens, nesta perspectiva, podem refletir o nível das interações na vida cotidiana, com suas próprias estruturas, características. O grupo social reflete a identificação pelas próprias formas de vivenciar e interpretar as relações e contradições entre si, a sociedade que produz cultura.

Dayrell (1999) enfatiza que é aí que os jovens percebem as relações em que estão imersos, se apropriam dos significados que lhes oferecem e reelaboram, sob as limitações das condições dadas, formando, assim, sua consciência individual e coletiva. São as diversas experiências que os jovens vivenciam que se constituem como sujeitos concretos, expressões de gênero, de raça, lugar e papéis sociais, escalas de valores, de padrões de normalidade.

Este processo dinâmico, criativo, ininterrupto é que constitui o espaço em que os sujeitos reelaboram suas interações e opções cotidianas. Dessa forma, os jovens que chegam à escola ou aos cursos de qualificação são também resultado de um processo educativo amplo, que ocorre no cotidiano das relações sociais, quando os sujeitos se fazem e se formam uns aos outros, com os elementos e com as estruturas sociais onde se inserem e as suas contradições.

Assim, apesar da aparência de homogeneidade, expressam a diversidade cultural, uma linguagem pode expressar múltiplas falas e experiências. Por isto, o autor lembra que a educação é um processo que deve ser entendido para além dos muros da escola e, eu diria, para além da qualificação profissional, trazendo para dentro da escola e dos cursos esta vivência. Da mesma maneira, Arroyo (1999) chama a atenção sobre os diversos processos educativos. Neste campo amplo estão incluídos família, escola, igreja, grupos, assim como o cotidiano difuso do trabalho, do bairro, do lazer, etc.

Nestes processos diversos que revelam jovens vivendo diferentes situações de trabalho e de vida, cada vez mais a preparação e a elaboração de um projeto para o mundo do trabalho tornam-se complicadas. Esse cenário é apresentado por outros estudiosos no que se refere à configuração e características que o compõem, tanto em suas estatísticas sobre o desemprego juvenil, como também direcionam para a precariedade das relações de trabalho, o lugar do trabalho e seus significados.

No Brasil, dois trabalhos, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, também servem de referência no que diz respeito aos sentidos do trabalho entre os jovens. Corrochano (2001), estudando os jovens operários e operárias do setor de autopeças de São Bernardo do Campo, chega a conclusões interessantes, diz que mesmo com baixos salários e ocupando cargos que exigem pouca qualificação e esforço físico, a grande maioria dos pesquisados considera o emprego atual como central em suas vidas. A realização pessoal, neste caso, fica em segundo plano. Porém, isto não significa que o trabalho deixa de ter vários sentidos, que vão além do acesso a renda, independência, realização pessoal e dignidade.

Zuchetti (2002), abordando os jovens em Novo Hamburgo, egressos e alunos de um Centro de Iniciação Profissional, conclui que, para estes jovens, trabalho e sobrevivência estão associados, mas este é apenas um sentido para o trabalho, aparecendo outros diferentes, como o viver que dá trabalho, o sentido relacionado ao gênero, o trabalho como formador de identidade, o trabalho entre as formas de sociabilidade, o trabalho precoce, o medo de não saber fazer, o trabalho e a relação com a escola e a formação para o trabalho.

Assim, além destas visões sobre o sentido do trabalho, outras pesquisas servem de referência para análise, não com o objetivo de estudos comparativos, mas refletem uma realidade que não é vivenciada só no Brasil. Entre estes, três estudos europeus mostram alguns aspectos significativos para reflexão (PAIS, 1993, 2001; BAJOIT, 1997; IARD, 1997).

Pais (1993), pesquisando jovens operários e jovens das classes média e alta, é um dos autores que mais chama atenção para a necessidade de olhar as atitudes e a diversidade juvenil, se contrapõe a duas idéias de estudos que analisam o trabalho, emprego e desemprego juvenil. Uma delas é sobre a inadequação da escola em relação ao mercado de trabalho (a velha dicotomia do ajuste da escola ao mercado de trabalho) e a outra, a alergia ao mercado de trabalho, revelando um processo contraditório na atitude dos jovens, que aparece em dois pólos, ora livres para as escolhas profissionais ora como vítimas do desemprego e das conjunturas econômicas.

Segundo o autor, estas teorias alegam que, na passagem da escola para o trabalho, os jovens estariam encontrando dificuldades de adaptação ao modo de vida adulta, em termos de disciplina, horários rígidos, etc. Assim, desenvolveriam uma alergia ao trabalho, desvalorizando-o em seu sentido ético tradicional, em síntese, haveria uma recusa na possibilidade de realização através do mesmo. O autor, refutando essa generalização, esse olhar homogêneo e ingênuo, sugere a tese das reações diferenciadas dos jovens em relação ao trabalho, ao emprego e ao desemprego.

Seu estudo com os jovens portugueses, “Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro”, publicado em 2001, que é interessantíssimo, vem reafirmar sua tese de que, embora o trabalho continue mantendo o significado de obrigação, de esforço e até de sofrimento, o certo é que alguns diagnósticos recentes mostram uma outra realidade, a atitude dos jovens em relação ao emprego e trabalho, aparecem de forma ambivalente ou ambíguas. Nesta passagem, observa-se como continua valendo o olhar das reações diferenciadas que o autor se refere:

Sobretudo os jovens valorizam a realização pessoal através do trabalho e os desfrutes relacionais que possam retirar do trabalho. Em termos ideais, muitos jovens não querem perder a vida tentando ganhá-la. Rejeitam a instrumentalidade do trabalho, mas valorizam as satisfações intrínsecas que dele possam retirar. (PAIS, 2001,p. 19).

Bajoit e Franssen (1997) examinam as representações, as atitudes e as expectativas dos jovens belgas, em relação ao trabalho, emprego e desemprego, através da crise e das mudanças em curso das referências culturais. A análise se encaminha para as interrogações das formas de desagregação do modelo tradicional da sociedade industrial, fundamentado pela centralidade da ética do trabalho.

A pesquisa elucida as várias lógicas que orientam os jovens a partir de suas diferentes vivências, demonstrando que os significados do trabalho e do desemprego aparecem de formas múltiplas. Os autores observaram através da pesquisa que a mudança ocorrida e os significados do trabalho estariam mais pautados não tanto pela importância do trabalho em si, mas como os jovens se relacionam com ele atualmente. Não se trata de uma recusa ao trabalho, mas que esse tenha mais sentido em suas vidas, para poderem viver uma vida com mais autonomia.

Chiesi e Martinelli (1997), tomando como ponto de partida os resultados de pesquisas realizadas pelo IARD³³ 1983, 1987 em 1992, analisam a relação do jovem italiano com o trabalho a partir das mudanças atuais da sociedade. A pesquisa na Itália, em 1992, vem confirmar alguns resultados das anteriores e aponta algumas novidades, bem como altera o significado do próprio conceito sobre juventude. As tendências observadas passam pelo prolongamento da idade juvenil, o retardamento da idade juvenil para a idade adulta e mudanças nas percepções em relação ao trabalho.

Os autores apontam como a crise atual tem provocado dificuldades na inserção dos jovens no mercado de trabalho, relacionam esta com o nível de escolaridade e com as

³³ Instituto de Pesquisas da Itália, cidade de Milão, que realiza investigações temáticas sobre aspectos da juventude italiana.

escolhas profissionais e suas expectativas futuras. O trabalho continua sendo um componente central na vida dos indivíduos, entretanto passa pelo desejo de um trabalho que esteja mais carregado de elementos de liberdade e autonomia.

A pesquisa de 1992, em relação a de 1987, demonstra que, apesar das condições favoráveis dos jovens no que diz respeito ao emprego, este decresce sobremaneira, cinco anos antes, quando são verificadas as condições de trabalho vividas pelos jovens, como os altos índices de desemprego, trabalho precário, ocasional, parcial, etc. Os referenciais mencionados nesta seção ajudam a refletir sobre as mudanças no mundo do trabalho atual, caracterizadas pelas oscilações que emergem sobre os sentidos do trabalho. Os passos metodológicos trilhados na investigação serão observados no próximo capítulo, bem como os instrumentais utilizados.

2 ITINERÁRIOS DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS

Houve períodos na construção e (des) construção dos pressupostos teórico-metodológicos que pensei ter o controle dos eventos que deveria percorrer no caminho escolhido. Porém, um outro percurso se apresentou recheado de muitos anúncios, incertezas, complexidades, dúvidas, questionamentos que foram permeados pela própria especificidade do objeto. Novos traços, durante todo o processo investigativo, se colocaram a frente para dar contorno à perspectiva desejada neste estudo. Neste processo, relações, sentimentos e movimentos metamorfoseados apareceram no itinerário.

Ao mesmo tempo em, que muitas mudanças ocorriam no mundo todo, estas eram processadas em mim na relação com o objeto de estudo desta tese. Neste processo, em muitas ocasiões, confesso, me deparei fazendo alusão ao contexto que viveu Ísis³⁴, que passou encarcerada por Seth ou tempos de morte em vida, como os mistérios de Neith em sua jornada em forma de serpente aos mundos ocultos dos deuses nas terras ocidentais, no meu caso, em terras estranhas e desconhecidas. No entanto, nestes movimentos, algo me levava a crer que nos tempos que precede o renascimento, seja de qualquer fruto ou alegoria, a mão do divino sempre trabalha arduamente.

Deixei assim neste percurso penetrar a prisão do tempo para que servisse de alinhamento, para dar forma, para estar alerta em considerar a adversidade e a diversidade que já pressupunha encontrar no trajeto deste caminhar.

Pela própria ambigüidade dos sentimentos, estes diversos retornos também foram acompanhados de profunda paixão, emoção e, porque não dizer, de encantamento como pesquisadora. Muitos retalhos metodológicos que se encontravam amassados durante esse itinerário foram sendo delineados em forma de experiências marcadas por uma tentativa de manter sempre o aspecto ético e respeitador em relação aos sujeitos desta investigação. Como

³⁴ Deusa do antigo Egito responsável por renovar a alma e trazer o rei à sua vida eterna e celestial. Deusa ligada à deusa vaca Hathor, em Crocodilópolis, Ísis aparece como Renpet, deusa do ano. Ela usa sobre a cabeça um broto de palmeira, que indica seus poderes rejuvenescedores. Renpet demonstra talento para o cálculo e as contas exatas, além de observar o crescimento preciso e o progresso de todas as formas de tempo. Assim, Ísis se torna, simultaneamente, a deusa do calendário e a deusa da eternidade, que dá vida longa, de muitos e muitos anos. Os mistérios desta Deusa são tão antigos como o próprio Egito. O poder dominado do canto da Deusa tem a idade da própria vida. Assim, neste mistério, entramos em contato com a natureza indizível da existência e muitas vezes da imprevisibilidade. Para maiores detalhes desse processo, consultar o livro “Deusas e Deuses Egípcios: festivais de luzes, celebrações para as estações da vida baseada nos mistérios das deusas egípcias”, São Paulo: Madras, 2003.

toda obra humana, esta também se apresenta imperfeita e inacabada, perspectiva esta pautada sob o ponto de vista de que toda realidade incorpora a incompletude.

Os instrumentos de pensamento, as palavras, muitas vezes, demandam mais que fenômenos reticulares para apreender os estados das coisas. Apropria-se da metáfora de rede descrita por Elias (1994) para explicar o sentimento que emana do tipo de inter-relação que se constrói e, em particular, na apreensão do objeto de estudo desta tese, derivada da rede de tecido. Aqui esta analogia entra para nos ajudar naquilo que chama-se de rede de significados dos processos identitários dos jovens que se estabelecem nas relações com a família, a escola, a formação, o trabalho e seus sentidos, o desemprego e as formas associativas, assim como seus futuros projetos e sonhos.

Sabe-se que numa rede muitos fios isolados se ligam uns aos outros, porém a totalidade desta rede não pode ser compreendida a partir da forma de um único fio ou ponte isoladamente, esta só pode ser entendida a partir do conhecimento de como eles se ligam numa relação recíproca. Por isso, falando metodologicamente no conhecimento, o desafiante é perceber que mais que conhecer o caminho é importante trilhá-lo, num movimento incessante de costura do tecido.

Considera-se que toda essa ligação empreendida na rede acaba por gerar um sistema de tensões no qual cada fio contribui de certa maneira, um pouco diferente de cada um, dependendo de seu lugar e função, para a rede como um todo. Neste sentido, existe uma modificação na forma individual de cada fio que altera a própria tensão e a estrutura existente na rede inteira. Todavia, essa rede nada significa além desta associação de fios individuais que no todo continua a revelar a unidade em si, tendo uma posição e uma forma singular dentro dela. Olhando apenas por este ângulo, como diz Elias, esta imagem se torna congelada, rígida e inadequada como todas as imagens deste tipo.

Entretanto, se for considerar de forma mais consistente um modelo para pensar as redes humanas, o autor argumenta que essa primeira idéia já se torna eficaz para clarear que uma rede de muitas unidades não se origina apenas de uma ordem estudada a partir delas, pois as relações nunca estão apenas expressas em simples formas espaciais. Essa visão acaba por revelar apenas um padrão estático.

Uma solução para atender um pouco melhor o seu objetivo passa por imaginarmos essa “rede em constante movimento, como um tecer e destecer ininterrupto das ligações. É assim que efetivamente cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que antes dele para uma rede que ele ajuda a formar” (ELIAS, 1994, p.35). O autor diz que quando nos relacionamos com outras pessoas, nosso eu, como seres singulares, não tem um começo e

nossas relações não possuem apenas “origens primevas”. O exemplo dado por Elias é que, numa conversa permanente, as perguntas de cada um evocam as respostas do outro e vice-versa:

Assim como determinada parte da conversa não provém apenas de um ou de outro, mas da relação entre os dois, a partir da qual deve ser entendida, também cada gesto, cada ato constituem uma função e um precipitado de relações, só compreendidas como imagem do fio da trama a partir da totalidade da rede. As idéias, convicções, afetos, necessidades e traços produzem-se na interação com o outro, como coisas que compõem seu eu, que expressa a rede de relações de que ele emergiu e na qual penetra. É dessa maneira forma-se o entrelaçamento contínuo de necessidades, num desejo e realização constantes, numa alternância de dar e receber (ELIAS, 1994, p. idem).

Sendo assim, é nesta relação recíproca, neste entrelaçamento que se faz num movimento incessante sem começo, que emerge a natureza e a forma do ser humano individual, “da estrutura da rede humana em que, como um de seus pontos nodais, ele se desenvolve e vive como indivíduo” (ELIAS, 1994, p.36).

Mills (1975), em “A imaginação sociológica”, já dizia que o pesquisador deve interpretar e construir concepções sobre os fenômenos sociais como um filtro sociológico que enxerga o que não é visível, o que não está na superfície, que articula a biografia (indivíduo) com a história (sociedade). Por isto, a tarefa e o desafio que a pesquisa nos impôs desde as hipóteses levantadas de que as lutas cotidianas dos sujeitos pesquisados poderiam estar revelando novas ações, práticas, experiências, situações, que iriam além do trabalho formal como eixo estruturante, ocupando outros espaços de formação na constituição de suas identidades, tanto individual quanto coletiva, como a participação em grupos de músicas, de solidariedade, etc, cooperativas, segmentos nas suas comunidades, movimentos, mercado informal, bem como a situação de desemprego que poderiam estar vivenciando, se constituiu nesta rede de significados que necessitou ser construída

O foco se dirigiu para o universo sócio-cultural e econômico destes sujeitos, compreendendo como eles vêem, sentem, se formam, constroem, agem nestes espaços, em suas relações, suas experiências no mundo que os cerca. O processo de acercamento e descoberta desses significados foi trabalhoso, mas também enriquecedor (MAGNANI, 1996). Este possibilitou desvendar um pouco mais a trama de significados que configura as experiências individuais e coletivas que modulam as identidades dos sujeitos, articulada com os processos sociais mais amplos. Foi no processo dialógico no qual o pesquisador e os pesquisados participaram que a realidade se tornou mais perceptível, na complexa rede ou teia que estão inseridos.

Todo esse processo leva a esclarecer em breves linhas o que se entende por sentido ou significado, conceitos utilizados em muitos momentos deste estudo. Entre diversas abordagens, dois autores, Charlot (2000) e Maheirie (2002), auxiliam em suas elaborações, as quais encontro aproximações para traduzir esta compreensão.

Para acentuar a mobilidade do que seja significativo, partiu-se do pressuposto de que há sentido quando os ditos ou enunciados sobre o mundo podem ser entendidos numa troca entre os interlocutores, a partir de três planos enfocados por Charlot (2000, p. 56): “o sintático (da diferença); o semântico (de referência) e o pragmático (da comunicabilidade)”. Desta maneira, o autor explicita que “significar é sempre significar algo a respeito do mundo, para alguém ou com alguém”. Neste processo de troca, identifica que “é sempre o sentido de um enunciado produzido pelas relações entre os signos que o constituem, signos estes que têm um valor diferencial em um sistema”. Assim, Charlot propõe uma tripla definição para utilizá-la fora de seu campo, na linguagem e na interlocução:

[...] Têm sentido uma palavra, um enunciado, um acontecimento que possam ser postos em relação com outros em um sistema, ou em um conjunto; faz sentido para um indivíduo algo que lhe acontece e que tem relações com outras coisas de sua vida, coisas que ele já pensou, questões que ele se propôs. É significativo (ou, aceitando-se essa ampliação, tem sentido) o que produz inteligibilidade sobre algo, o que aclara algo no mundo. É significativo (ou, por ampliação, novamente tem sentido) o que é comunicável e pode ser entendido em uma troca com outros. Em suma, o sentido é produzido por estabelecimento de relação, dentro de um sistema, ou nas relações com o mundo ou com os outros “(CHARLOT, 2000, idem)

Isto quer dizer que sentido é sempre para alguém, que é um sujeito que produz significações a partir das relações que vivencia no mundo. Estas significações, segundo Maheirie (2002, p. 39), “estão presentes em cada ato humano e estão presentes na totalização histórica, transformando-se ao longo dela, sendo superadas por outras significações que vão surgindo”. Portanto, se traduzem nas histórias passadas, em expectativas futuras e também no cotidiano:

O sujeito, a partir das relações que vivencia no mundo, produz significações. O homem é um ser significativo e esta sua condição de ser lhe permite singularizar os objetos coletivos, humanizando a objetividade do mundo. Suas significações aliadas as suas ações, em movimento de totalizações abertas, compõem a identidade que vai sendo revelada por expectativas. Em cada ato considerado, em cada gesto ou significação, o sujeito está se revelando como um todo, pois “em cada perspectiva encontramos aí um homem total objetivando-se num determinado sujeito”. (MAHEIRIE, 1994, p. 122 apud 2002, p. 31)

2.2 TRAJETÓRIA PERCORRIDA

Assim, apresentam-se os passos desenvolvidos na pesquisa, bem como os instrumentos metodológicos utilizados, questionário e roteiro das entrevistas. Partindo de uma primeira idéia que surgiu para dar conta dos procedimentos metodológicos e técnicas da pesquisa, tinha-se como meta promover uma atividade em dois momentos, no primeiro a aplicação de um questionário que objetivava mapear o perfil e trazer alguns indicadores sobre os jovens pesquisados e, no segundo a pesquisa qualitativa propriamente dita.

Uma das primeiras questões que se apresentaram era quanto à localização destes jovens. Entre enviar estes questionários³⁵, instrumento utilizado para a coleta de dados com questões fechadas e abertas³⁶, pelo correio, ou uma outra alternativa, aplicá-los diretamente em seus domicílios, constituindo assim uma pesquisa mais domiciliar, acabou-se escolhendo essa última. Esta opção ocorreu após contato com outros pesquisadores que já haviam tentado esta técnica e não obtiveram êxito, justificando a não presença dos sujeitos e o reenvio de um número pouco significativo de questionários.

Apesar de saber que não seria fácil localizar os sujeitos, acreditei mais na minha intuição que seria uma técnica mais representativa, a aplicação do questionário pela própria pesquisadora, como também o estar junto com os jovens, perceber seu cotidiano, compartilhar dúvidas, enfim, este foi o caminho escolhido. No entanto, muitas dificuldades naquele momento não foram percebidas. O tempo previsto tomou o lugar do imprevisível, o tempo concreto sobrepujou o tempo imaginário deste primeiro momento.

O objetivo também era encontrar alguns jovens que estivessem vivenciando formas de pertencimento grupal ou formas associativas para a amostra da pesquisa qualitativa. Sendo assim, os pré-testes foram feitos com jovens no balcão do SINE. O questionário utilizado como instrumento de coleta de dados conta com temas relacionados ao trabalho, escola, formação profissional, família, lazer, formas associativas ou pertencimento grupal, após tabulados através do programa SPSS, foram procedidos alguns cruzamentos.

³⁵ Ver anexo A

³⁶ As questões abertas foram, depois de agrupadas, categorizadas para uma melhor tabulação dos dados, isso não impediu a verificação de respostas significativas pós-resultados, estas foram consideradas para aprofundamento de algumas questões.

Em seguida, partiu-se para a localização dos jovens egressos, que se deu na maioria das vezes por telefone³⁷, quando esta possibilidade se esgotava, percorria pessoalmente residência por residência, num percurso que durou nove meses. Isto se tornou um grande esforço, por vezes, um cansaço exaustivo feito de muitas e muitas caminhadas. Algumas vezes o acesso era complicado, fora as dificuldades nos horários de ônibus.

Em alguns momentos, o desânimo se fez presente, especialmente quando chegava no local e o jovem já havia se mudado, o endereço não correspondia ou ainda estava incompleto, complicando sua localização. Nas inúmeras tentativas de encontrar outros informantes, a sensação foi de que algo estava truncado. O mito de Ísis tornou a aparecer em meus pensamentos quando esta perdeu Osíris, procurou em todo lugar do Egito e inclusive em terras estrangeiras, ficou até a lamentar a perda dele, embora ele estivesse lá, diante dela e dentro do pilar o tempo todo.

Às vezes a dor que sente-se por uma perda leva a lugares desconhecidos e inesperados. Estas jornadas tão comuns – não se encontram apenas nos processos amorosos-, mas nos vários mapas que se desenham fisicamente, em espaços pelos quais se passa ou de deseja passar, lugares também psíquicos e emocionais, que fazem muita vezes explorar os desapontamentos³⁸.

Assim, muitas trilhas foram tecidas nesta investigação, lugares ermos, lugares abertos, lugares mais fechados, lugares de trabalho, lugares de lazer, de sociabilidade, convites para café com bolo, biscoitos, refrigerantes, sucos, cheiro de comida sendo feita, lugares de paisagens estonteantes, morros, situações estranhas e outras engraçadas, planos em perspectivas mais retas, mais delineadas, periferias pobres, bairros médios, residências nas mais diversas cores, entornos e materiais, pose para fotos, jovens das classes populares e jovens das classes médias. Estas relações não foram em vão, pelo contrário, contribuíram para mostrar um pouco mais do cotidiano destes jovens.

A sensação de como o homem cria seus espaços e seu trabalho se torna extremamente significativa, o homem cria os lugares, acaba por torna-se “num objeto de conhecimento imediato, sensual, emocional, imaginário, de uma relação que se faz por afeição, e com duração por enraizamento” (BALANDIER, 1999, p. 62). É este conjunto de

³⁷ Algumas dificuldades se apresentaram na forma deste contato, pois como nossa amostra era com alunos que tinham participado dos cursos em 1999 e 2000, um ano a dois anos depois, muitos números de telefones já haviam mudado devido à troca de endereço e alguns números de celulares já não mais existiam.

³⁸ As justificativas de não localização dos jovens estão descritas no Anexo B, ao lado de cada sujeito.

produtos e relações que qualifica o espaço em que é mantida nossa relação com o mundo³⁹. Por isso um olhar a mais sobre a cidade, seus espaços, seus sujeitos.

2.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Do total de 190 jovens que fizeram cursos no SENAI e CUT, nos anos de 1999 e 2000, encontrados no sistema Sistema Informatizado de Gerenciamento na Área de Emprego (SIGAE) que funciona na forma de rede nacional⁴⁰, conseguiu-se realizar a pesquisa com 60⁴¹ destes jovens. Portanto, estes foram considerados como a população alvo desta primeira parte da pesquisa, constituindo uma amostra de aproximadamente 30% da população. A expectativa inicial era conseguir entrevistar toda a amostra, 190 jovens, porém, devido às razões já explicitadas anteriormente, esta amostra não deve ser considerada significativa em termos puramente estatísticos, generalizando para outros grupos as mesmas características.

Neste sentido, encontrou-se semelhança com a pesquisa empreendida por Zucchetti (2002) com jovens egressos dos cursos do Centro de Iniciação Profissional (CIP), em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Embora esta pesquisa também direcione para dados estatísticos, também não se configura numa pesquisa tipicamente quantitativa, do tipo probabilística, dados os seus elementos amostrais.

Desta forma, reflete a autora, esta não deve ser tomada como realidade, generalizando os resultados para todo o universo verificado. O que deve ser levado em conta é que a pesquisa identifica tendências que foram observadas no mundo do trabalho de uma parcela da população, neste caso, de um grupo de jovens egressos que participaram de cursos de formação profissional em duas instituições amplamente conhecidas.

A relevância na inclusão de dados quantitativos naquilo que se refere aos segmentos juvenis se torna imprescindível, no sentido de subsidiar políticas públicas locais e possibilitar suportes vários no tratamento que se queira empreender em relação aos problemas vivenciados pelos jovens. Todavia, com o objetivo de obter uma aproximação com a realidade observada nesta pesquisa, foi-se em busca de outras mais abrangentes, que captassem o movimento de uma parcela mais significativa da população jovem na microrregião de Florianópolis, não com o intuito de comparações, mas que pudessem trazer reflexões para

³⁹ Marc Augé (1994) faz uma bela reflexão sobre os lugares antropológicos, conferindo uma tripla função: de identidade, de relação e de história. Balandier diz que assim a antropologia consegue definir melhor os não lugares dos quais a sobremodernidade é uma força multiplicadora (idem).

⁴⁰ Essa rede informa as vagas de emprego disponíveis na cidade, o credenciamento e a habilitação das pessoas, bem como as executoras dos cursos, servindo de suporte para as pesquisas sobre o mercado de trabalho junto ao Ministério do Trabalho – MTb.

⁴¹ O perfil destes 60 jovens compõe o Anexo D.

essa pesquisa. No entanto, foi encontrada uma grande limitação, bem como uma falta de preocupação com dados sistematizados em relação à faixas etárias nesta microrregião. A PED⁴², a PME⁴³ e a PNAD⁴⁴ ainda não são realizadas em Florianópolis, que recentemente foi definida como região metropolitana⁴⁵.

Portanto, não tendo estes dados disponíveis, a única possibilidade encontrada foi trabalhar com os microdados da amostra do Censo 2000, sendo estes os dados atuais existentes, através da produção de um CD específico adquirido no IBGE⁴⁶, configurando um segundo instrumento da investigação. Neste sentido, trabalhar-se-á com os microdados produzidos pelo órgão, num recorte composto por 13.450 jovens nos quatro municípios.

Para o levantamento destes dados que não se encontraram disponibilizados de maneira simples e sintética, pois demandam conhecimento de linguagem específica, procurou-se apoio de estatísticos que ajudaram na busca dos dados, nas restrições, aferições e ajustes das frações.

O critério geográfico foi delimitado após observar que os 60 alunos que responderam os questionários desta pesquisa faziam parte de quatro municípios, Florianópolis, São José, Biguaçu e Palhoça, municípios que fazem parte da microrregião. Os dados dos quatro municípios foram agrupados para uma melhor compreensão das tabelas.

⁴² Pesquisa de Emprego e Desemprego, realizada em algumas regiões metropolitanas (Belém, Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo), tem por objetivo fornecer informações detalhadas sobre o funcionamento e dinâmica do mercado de trabalho nestas regiões. Apresenta dados mensais sobre emprego, desemprego e rendimentos da População Economicamente Ativa (PEA). Utiliza a metodologia desenvolvida pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE) e Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). A relevância metodológica da PED em relação à outras pesquisas é que permite medir não apenas o desemprego aberto, mas também o desemprego por motivo do desalento, conceito que busca um refinamento maior.

⁴³ Pesquisa Mensal de Emprego – PME, realizada pelo IBGE, em seis regiões metropolitanas (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife e Salvador). Esta pesquisa permite levantar informações voltadas para a avaliação do mercado de trabalho junto à População Economicamente Ativa (PEA), não tendo o mesmo teor metodológico da PED.

⁴⁴ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, é uma pesquisa realizada também pelo IBGE, a partir de uma amostra do Censo, as informações obtidas retratam a situação sócio-econômica brasileira, em âmbito nacional e nas seis regiões metropolitanas em que são realizadas as PME, em termos demográfico, educacional, de habitação e trabalho.

⁴⁵ As justificativas dadas para a não realização destas pesquisas por técnicos do DIEESE, IBGE e Secretarias do Estado é que elas são caras, envolvem muitos recursos, por exemplo, a PED, 20% vêm do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), o restante teria que ter uma contrapartida, interesse, prioridade dos Estados (secretarias ou institutos de pesquisa) para que elas ocorram. A prioridade dos recursos, neste caso, é que são direcionados para outras intervenções. Assim, perde a região Metropolitana, no sentido de sistematização de dados para políticas de juventude.

⁴⁶ Os arquivos de microdados são parte integrante do processo de disseminação dos resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000. Os dados podem ser recuperados até o nível de distrito, subdistrito ou área de ponderação que distribui os municípios. As variáveis auxiliares constituem um subconjunto das variáveis comuns à amostra e ao universo e são referentes a características de domicílios ou de pessoas. Na variável de pessoas, pode-se obter algumas características gerais como migração, instrução, nupcialidade, trabalho e rendimento por município e faixa etária.

Para uma melhor aproximação dos critérios referentes à faixa etária, o procedimento revelado por Sposito (1999) constitui o marco inicial numa primeira delimitação dos trabalhos. Neste caso, a autora diz que foram integrados no conjunto amplo, denominado juventude, segmentos etários que vão de 15 a 24 anos, seguindo as orientações de trabalhos na área demográfica. Mas alerta para os estritos limites desta consideração, pois no tratamento dos dados existem diferenças, inclusive sob o ponto de vista sócio-demográfico.

Essa explicação na definição do que é juventude perpassa por aspectos “historicizados” com tratamento muitas vezes relacional, uma vez que, segundo Sposito (1999, p 98), “ser ou não ser considerado jovem depende de circunstâncias históricas determinadas, como é o caso, por exemplo, de algumas estatísticas de países europeus na atualidade, que consideram jovens os indivíduos que possuem até 29 anos”.

Estas características são verificadas nas sociedades avançadas, onde há um prolongamento da escolaridade, fato este que ocasiona um período maior de convivência com o grupo familiar de origem. Esse alongamento dos limites superiores da faixa etária é observado naquilo que marca a vida adulta, inserção no mercado de trabalho, designado de vida ativa. Porém, o contexto do desemprego estrutural nas sociedades contemporâneas dificulta ou mesmo não assegura a inserção profissional do jovem no mercado de trabalho, mesmo após um período de preparação de sua escolaridade. Este fato, “conjugado com a perspectiva de constituir família e gerar filhos, ficam por ser adiados” (SPOSITO, 1999. p. idem). Por isso, a definição, em termos relacionais, permite a flexibilização dos limites inferiores e superiores da faixa etária. Já a tendência observada no conjunto da sociedade brasileira é de antecipação para antes dos 15 anos.

Neste sentido, Sposito (2001) argumenta que, para grande parcela dos setores empobrecidos, a inserção imediata no mundo do trabalho torna-se, em grande medida, o horizonte imediato. Sendo assim, esta definição possibilita, em alguns casos, a incorporação de pesquisas de faixas etárias um pouco anteriores ou superiores ao universo de 15-24 anos.

Para uma melhor aproximação das duas pesquisas, as faixas etárias dos jovens que compuseram a amostra tiveram que ser readequadas⁴⁷. A definição da faixa etária nesta investigação foi baseada nos estudos sobre juventude, como já mencionado, em alguns casos, retoma-se a discussão acerca da flexibilidade de faixas inferiores e superiores.

⁴⁷ As variáveis dos microdados da amostra do IBGE permitem agrupar as faixas etárias conforme a necessidade.

A partir da denominação instituída pelo 2º artigo da Resolução nº 258 do Plano Nacional de Qualificação ao Trabalhador – (PLANFOR), destaca-se a oferta de educação profissional com o objetivo de qualificar e requalificar pelos menos 20% da População Economicamente Ativa- (PEA), dos 16 anos em diante. Por isto, define-se o início aos 16 anos em que se toma como referência esta parcela significativa dos egressos que só podem começar a freqüentar os cursos de formação profissional a partir desta idade. O limite superior seria aos 25 anos, estendendo um pouco mais para aqueles egressos que estão com dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

Pensa-se que um outro recorte de jovens mulheres e jovens homens, que vai dos 16 aos 19 anos e outro dos 20 aos 25 anos, é significativo. Justifica-se este corte pelas próprias vivências, experiências e opiniões que podem em relação a estas idades. O percentual equivalente entre os sexos me causou uma certa surpresa como pesquisadora, quando terminei a investigação, tinha conseguido essa correspondência que se constituía na intenção inicial. Isto significou para mim um fato inusitado, já que não fiquei cuidando e me policiando para tal, pois estava sob pressões e dificuldades para achar os sujeitos.

Considerando a diferenciação anual das duas pesquisas, a do IBGE realizada em 2000 e essa em 2002, reafirma-se a impossibilidade comparativa, a primeira compõe um retrato que serve como referencial e dá suporte para a análise engendrada. Algumas situações ajudam a descobrir certas características do mundo do trabalho, escolaridade, gênero, idade, família, nupcialidade, renda e outras. No anexo C podem ser visualizadas as tabelas das duas pesquisas.

É revelante mencionar o fato de que, no início desta pesquisa, a idéia era pesquisar somente os jovens participantes de cursos mais longos como os supletivos. No entanto, na defesa de qualificação, foi discutido e sugerido sobre a não generalização entre os cursos mais extensos e os mais curtos, uma vez que, na Supervisão do Qualificar/RS, esses últimos aparecem também como importantes para alguns sujeitos. Esta discussão foi significativa para a verificação desta hipótese no questionário quando se trata da Educação Profissional. Diante da dificuldade de apenas localizar os sujeitos que tinham participado dos supletivos, que seria muito complicado, resolveu-se considerar, incluindo a multiplicidade dos cursos. No entanto, uma questão, como pesquisadora, foi ter constatado através da observação que, no universo de 60 jovens, dois podem ser identificados como afro-descendentes. Tal questão, embora tenha provocado para uma análise sobre as questões raciais, desfocaria do

objeto de pesquisa. Apesar de saber que essa questão no contexto brasileiro é relevante, optou-se para deixar para um próximo estudo.⁴⁸

2.4 A PESQUISA QUALITATIVA E OS EIXOS DE ANÁLISE

Esta pesquisa de natureza qualitativa, também se constitui em sua natureza quantitativa, levando em consideração as diversas justificativas já descritas anteriormente. Neste sentido, foi empreendido, num segundo momento, um esforço de aprofundamento das questões, com oito jovens que estariam vivenciando formas associativas ou participando de grupos em conjunto com outras experiências.

Assim, alguns critérios delimitados para os objetivos da investigação foram conseguidos, porém outros critérios não foram possíveis em termos de regularidade e homogeneidade dos cursos, entidades e formas de participação. O que se apresentou de forma mais consistente foram mesmo as diferenciações ou a diversidade, caracterizando o que Pais (1993 e 2001) enfatiza sobre a condição juvenil. Contudo, a escolha tomou como ponto de partida a questão gênero, quatro homens jovens e quatro mulheres jovens. Destes quatro que estariam trabalhando e quatro desempregados, em relação à idade neste perfil foram encontrados jovens de 20-25 anos. Quanto à participação em grupos, foram escolhidos aqueles com ações mais efetivas e permanentes, lideranças, jovens que pudessem ser mais representativos para a pesquisa. Neste caso, dois jovens homens com lideranças nos grupos musicais religiosos, duas jovens e um jovem em ações voluntárias, uma jovem no grupo de futebol e vôlei e um jovem em time de futebol e grupo de surfe e uma jovem com uma experiência de auto-gestão numa cooperativa.

Foram quatro meses de entrevistas, perfazendo três encontros com cada um dos jovens. Uma primeira idéia sugerida pela banca, na defesa da qualificação, foi colar em um sujeito para um mergulho aprofundado de seu percurso de vida. Isto, infelizmente, não foi possível, não que não houvesse aceitação por parte dos jovens, mas diante de diversos compromissos que poderiam comprometer outras vivências, namoradas (os), trabalho, esposas (os), filhos etc, ficou complicado optar por esta sugestão.

Uma segunda proposta, de fazer-se uma interação na Universidade Federal de Santa Catarina, numa sala específica, com os oitos sujeitos, após as entrevistas e sua

⁴⁸ Neste sentido, a tese de Silva (2001) “Do multiculturalismo à educação intercultural: Estudo dos processos identitários de jovens das escolas públicas de ensino médio na região Metropolitana de Porto Alegre”. Porto Alegre: UFRGS, discute amplamente esse tema trazendo contribuições importantes para pensar uma educação intercultural.

sistematização, que objetivava um retorno na observação das interfaces ou mesmo da ligação dos cursos com as formas de participação nos grupos, foi bem aceita por todos. Porém, este propósito também não se concretizou, uma vez que foi impossível arranjar um horário em comum no qual todos pudessem participar, mesmo nos fins de semana. Quando um ou outro podia, outros tinham compromissos. Apesar disso, nos encontros com estes jovens, nas entrevistas individuais, conseguiu-se inferir sobre estas questões.

As entrevistas foram semi-estruturadas (abertas e dialógicas)⁴⁹, constituindo oito eixos norteadores, por temáticas: identificação, família, trabalho, escola, cursos ou Educação Profissional, sociabilidade, ação coletiva, projetos e sonhos.

A mobilidade no que diz respeito às suas trajetórias pode ser observada nos dois momentos da pesquisa, num intervalo de praticamente cinco meses entre uma e outra, aplicação do questionário e entrevistas individuais, estas se moldaram, especialmente no que se refere aos seus percursos de trabalho. Alguns que se encontravam trabalhando, agora estavam desempregados, outros que estavam desempregados, agora tinham conseguido um lugar no mercado de trabalho.

Além dos jovens, foram entrevistadas duas pessoas que eram coordenadores na época da realização dos cursos de formação profissional, em 1999 e 2000, um do SENAI e outro da CUT, o roteiro dessas entrevistas compõe o Anexo F.

No total, foram gravadas vinte e duas fitas, numa média de uma hora cada encontro, neste caso, foram três encontros para cada sujeito jovem, e dois com os coordenadores. Neste sentido, a observação ocorreu de forma indireta naqueles momentos para além das entrevistas quando se ultrapassava o tempo em conversas informais e na realização de uma visita em um grupo musical religioso, a uma ação voluntária e num jogo de futebol.

Algumas ponderações podem ser feitas no que concerne ao uso da pesquisa quantitativa a partir das explicações metodológicas já explicitadas neste estudo, em continuidade com a pesquisa qualitativa. Por um lado, a investigação quantitativa pode vir a atuar em níveis da realidade na qual os dados se apresentam aos sentidos e tem como campo de práticas e objetivos trazer à luz fenômenos, indicadores e tendências observáveis até certo ponto. Por outro lado, a importância da investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, sentidos, representações, significados, opiniões que configuram uma maior complexidade de fatos e processos particulares e específicos de indivíduos e grupos. A

⁴⁹ Compõe o Anexo E

abordagem qualitativa que permeia este estudo manteve um grau de importância valioso para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna. Neste sentido, não há contradição do ponto de vista metodológico entre as duas e pode-se inferir que nenhuma é mais científica que a outra. Todavia, acredita-se que podem ser complementares, apesar de suas especificidades e diferenciações, tão pouco se opõem ou se contradizem, mas a tentativa neste estudo foi no sentido de dar uma contribuição mais efetiva para o conhecimento. No curso da investigação por vias de inferências, acabaram por se apoiar nas duas modalidades. Portanto, a riqueza inesgotável dos ditos, da palavra sonora, o seu uso conflitivo em contextos situacionais da pesquisa qualitativa, pode produzir significativas interpretações com apoio nos indicadores e tendências quantitativas.

3 UM OLHAR SOBRE O CONTEXTO SITUACIONAL DOS JOVENS NA ILHA DE SANTA CATARINA

3.1 CARACTERÍSTICAS DO MUNDO DO TRABALHO EM FLORIANÓPOLIS

Nos diversos momentos de um percurso de muitas caminhadas pelas localidades da Ilha de Santa Catarina, além do olhar de perplexidade diante de tão bela natureza e fabulosas paisagens, era necessário, antes de discorrer sobre a pesquisa propriamente dita, mencionar algumas características atuais da microrregião⁵⁰ de Florianópolis. A cidade passa por movimentos de expansão e desenvolvimento, ao mesmo tempo, mantém influências provocadas pelas grandes transformações mundiais, especialmente aquelas relacionadas ao mundo do trabalho juvenil.

O objetivo neste capítulo centra-se não só nas condições que a microrregião oferece aos jovens, mas consideram-se estas características para melhor situá-los no contexto, sobretudo no que se refere ao lugar do trabalho em suas vidas, a escola e outras categorias que emergiram no andamento da investigação. Em primeiro lugar, concentra-se o estudo em alguns aspectos predominantes da alteração do espaço e perfil da microrregião de Florianópolis, apontamentos sobre as políticas públicas sobre juventude na cidade, em seguida, apresentam-se os resultados da pesquisa que retrata a realidade de um grupo de 60 jovens egressos dos cursos de Educação Profissional a partir de algumas variáveis como escolaridade, trabalho, moradia, idade, gênero, estado civil, desemprego, migração e renda.

Nessa lente feita uma aquarela de cores infinitas, também a inspiração reflexiva se ocupou de recuperar um sentimento de “pertencimento a este lugar”, de observação da diversidade engendrada ao longo da história, de encontros e desencontros, das semelhanças e diferenças, dos conflitos, valores e representações que caracterizam esse lugar. Uma ilha que, como revela Scherer-Warren (2000, p. 13), se apresenta “num espaço fruto de uma dialeticidade entre natureza, cultura e construção social da realidade”.

As diversas experiências vividas, tanto pessoal como profissionalmente, na Ilha de Santa Catarina, descritas na introdução deste estudo, fazem ter um olhar sobre esta terra de muitas maneiras, às vezes difícil de definir, pela própria diversidade de cenários e jeitos humanos, pois os contrastes se repetem o tempo todo. Uma terra onde a agitação da vida moderna convive com a placidez das comunidades interioranas. Assim, Florianópolis, capital

⁵⁰ A microrregião de Florianópolis, conforme classificação do IBGE (2000), é integrada pelos municípios de Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Palhoça, Paulo Lopes, Santo Amaro da Imperatriz, São José e São Pedro de Alcântara. Os jovens que compõem esta amostra foram encontrados em quatro municípios, Florianópolis, São José, Biguaçu e Palhoça.

do Estado de Santa Catarina dispõe aproximadamente de 523 Km² de verdes encostas, lagoas, praias, separada do continente pelas baías norte e sul, na qual o espírito açoriano, herdado dos imigrantes, personaliza este espaço onde circulam os sujeitos centrais desta pesquisa, jovens egressos dos cursos de educação profissional do SENAI e CUT.

O incremento populacional da microrregião pode ser observado através dos dados divulgados pelo IBGE. Em 1996, o número de habitantes foi estimado em 271.281, já em 2000, a população correspondia a 342.315 mil pessoas⁵¹. Nota-se um aumento considerável de habitantes em apenas quatro anos, esse número é incrementado principalmente nos meses de verão e das férias, motivado pelas características litorâneas da cidade que atrai milhares de turistas a cada ano. No município de Palhoça, em 2000, foi estimado em 102.742 o número de habitantes⁵², em São José, 173.559 mil pessoas⁵³ e, em Biguaçu, o número de residentes perfaz 48.077 no total⁵⁴. Do total dos quatro municípios, estima-se que 132.877 são jovens de 16-25 anos, correspondendo a 19,93%, destes, 66.236 são do sexo masculino e 66.641, do sexo feminino. Na tabela nº 1 a seguir pode-se visualizar os percentuais em que demonstram que as mulheres jovens predominam na microrregião, nos quatro municípios.

Tabela 1
Distribuição dos habitantes, por sexo e idade, nas cidades de Florianópolis, Biguaçu, Palhoça e São José

Cidade	Habitantes	Masculino	Feminino
Florianópolis	342.315	165.694	176.621
Biguaçu	48.077	24.016	24.061
Palhoça	102.742	51.432	51.310
São José	173.559	84.591	88.968
Total	666.693	325.733	340.960
16-25 anos	19,93%	49,85%	50,15%
Total	132.877	66.236	66.641

Fonte: IBGE, 2000

Não só por sua inusitada configuração urbana, dividida entre o continente e a Ilha, a diversidade de paisagens, a parte insular caracterizada por um relevo irregular e por uma costa bastante recortada com suas 42 praias, tornou a microrregião conhecida internacionalmente. O também peculiar perfil humano da população, aliado a riquezas

⁵¹ Os dados dividem este total em 165.694 homens e 176.621 mulheres.

⁵² Este número é dividido em 51.432 homens e 51.310 mulheres.

⁵³ Do total, 84.591 são homens e 88.968 são mulheres.

⁵⁴ Esse total equivale a 24.016 homens e 24.061 mulheres.

naturais como lagoas, mangues, morros, dunas e pequenas ilhas, completam o quadro que faz de Florianópolis a beleza de uma ilha entre o mar e a montanha.

O estudo de Kunhen (2002) menciona que a cidade de Florianópolis não deixa de apresentar características semelhantes às outras cidades, porém é um lugar em que ainda existem alguns destaques singulares, especialmente aqueles ligados a fatores favoráveis a um estilo de vida mais próximo da tranquilidade cotidiana como o trânsito⁵⁵, outro fator seria a segurança, apesar do já observado aumento significativo da violência e criminalidade na cidade nos últimos três anos. Neste aspecto, o estudo de Carvalho (2001) traz dados importantes sobre a mortalidade juvenil no Estado de Santa Catarina e no município de Florianópolis. Por exemplo, mortalidade por homicídio no Estado de Santa Catarina é maior entre os homens, 18,24%, do que entre as mulheres, 4,05%, todavia, no total é menor, 11,20%, que no Brasil, com 47,63%. A mortalidade juvenil por lesões corporais e causas externas no período de 1998 e 2001, há uma tendência crescente, enquanto que no Brasil a taxa é de 2,29%, no município de Florianópolis⁵⁶ a taxa total é de 3,02%. No ranking entre as 10 maiores capitais brasileiras por taxa específica de lesões corporais, Florianópolis fica em segundo lugar, com taxa de 20,00%, perdendo apenas para Campo Grande, com taxa de 50,00%.

No que se refere ao binômio educação-trabalho, constata-se a presença de muitos jovens que se deslocam do interior do estado, de outros estados e até de países vizinhos da América Latina, portanto, migram para estudar e trabalhar em Florianópolis. Neste sentido, um dos fatores desencadeadores da progressiva mudança do perfil urbano da cidade foi, segundo estudiosos sobre a cidade, a ocorrência da implantação da Universidade Federal de Santa Catarina em 1961 e, nos últimos anos, a instalação de uma universidade estadual e várias particulares, contribuindo com um aumento significativo da população jovem na cidade.

O lazer relacionado especialmente ao contato com a natureza passa a ser uma das razões da concentração populacional na Ilha, não só os jovens, mas estes constituem parcelas significativas em busca destes atrativos ou características. Cada ano aumenta mais o número dos que chegam, se estabelecem e permanecem na Ilha. Contudo, a pesquisa de Carvalho (2001) pondera que ainda existem poucos estabelecimentos e equipamentos para cultura e lazer disponíveis, principalmente para os jovens das classes populares na cidade.

⁵⁵ Aqui se faz uma ressalva, a tranquilidade é vivida mais nas épocas de não veraneio, pois nestes meses o trânsito se torna caótico, provocando um dos grandes problemas da cidade.

⁵⁶ Os dados foram extraídos pela pesquisadora do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), taxa de mortalidade: óbitos por 100.000 habitantes, 2001.

As parcelas da população que chegam de fora encontram aqui os antigos moradores, neste contato surgem reconhecimentos e diferenças como em qualquer outro lugar, porém, esse crescimento observado na pesquisa de Kuhnen (2002, p, 17) “tem provocado uma série de mudanças em diversos setores da vida na capital catarinense”.

O desenvolvimento acelerado do turismo contribuiu para as grandes transformações sociais e culturais que ocorreram a partir do século XX na cidade, além do crescimento populacional, houve um crescimento no número de construções e casas de veraneio incrementando o setor da construção civil como um dos suportes econômicos do município. O turismo em Florianópolis, pode-se dizer que não é um fenômeno acidental, apesar de suas belas condições naturais. Esse despertar acontece no processo de “planejar o desenvolvimento” dos anos 70, quando, então, os planos governamentais vislumbram a possibilidade de explorar o potencial turístico de Santa Catarina, gerando, assim, uma política pública de desenvolvimento turístico.⁵⁷

Constitui-se como uma atividade econômica que cada vez mais faz parte da realidade local, não sem as divergentes opiniões daqueles que são contra, pelos efeitos provocados, principalmente no que se refere aos desequilíbrios ecológicos, e daqueles que acreditam em seu potencial como atividade econômica, social, política e cultural. Durand (2000) também expõe que essa realidade do turismo no município de Florianópolis acabou revolucionando a cidade e suas comunidades praianas, deixando marcas que hoje, que tornam-se bem visíveis, tais como:

a evolução populacional (triplicação da população na temporada); verticalização da orla marítima (verticalização 7,5 vezes superior à horizontalização); privatização da terra e das praias (exemplo dos condomínios fechados e grandes empreendimentos hoteleiros como o Costão do Santinho e Jurerê Internacional); transformação cultural (as pacatas comunidades, que até então entravam em contato com o mundo apenas por intermédio do rádio e da televisão, começam a ver e a vivenciar novas formas de falar, vestir, alimentar-se e sobretudo de pensar) (DURAND, 2000, p.73).

Este fato levou a uma transfiguração das antigas comunidades pesqueiras que foram expropriadas em suas localidades, contribuindo muitas vezes para a especulação imobiliária.⁵⁸, mudanças essas desafiadoras aos olhos e à compreensão principalmente de

⁵⁷ O Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul (CODESUL), em estudo precursor, apontava, na época, a prioridade em Santa Catarina de “canalização de investimentos” para uma política turística. Este documento é analisado por Lisboa (1996).

⁵⁸ O mecanismo da especulação imobiliária trata-se de um pedaço de terra (chamado de terreno de engorda), situado num local desprovido de infra-estrutura, que tem seu valor pequeno. Aos poucos, cresce em sua volta uma comunidade, que através de recursos públicos ou trabalho coletivo (mutirão), consegue melhorias urbanas

quem cresceu, viveu e vive nesta Ilha. A realidade atual da cidade de Florianópolis não deixa de mostrar também um perfil que caracteriza as grandes metrópoles do país, chamando a atenção por seus graves problemas sociais.

De modo geral, essa alteração, associada ao aumento da população jovem na cidade, contribui para formas sociais mais expressivas deste segmento juvenil, mas também chama atenção a fragilidade que os toca, no que tange às problemáticas relacionadas aos problemas sociais urbanos e às relações no mundo do trabalho.

As características do mundo do trabalho na Ilha demonstram que alguns setores econômicos revelam um mercado restrito quanto às possibilidades de trabalho. As opções estão muito alicerçadas na vida econômica que gira em torno de atividades administrativas (funcionalismo público) e comerciais, com pouca expressão no setor industrial da economia. Seus habitantes vivem mais dos recursos obtidos no setor de serviços, sendo o principal empregador de mão-de-obra, onde atividades como o comércio e turismo predominam. Estas características, aliadas ao fator migração, levam ao que mostram os diagnósticos sobre a cidade de impossibilidade de absorção da População Economicamente Ativa (PEA).

É dentro desta realidade que se insere também o migrante jovem que chega à capital, seja das classes médias, seja das classes populares, em que muitas vezes, para os jovens mais pobres, o único lugar encontrado para viver são as favelas e vilas nas periferias. Entretanto, as diversas situações de trabalho vivenciadas pelos jovens, trabalho precário, temporário, informal, parcial e a experiência do desemprego, não dizem respeito somente aos jovens migrantes, mas atingem de forma significativa aqueles que aqui nasceram.

Muitos deles perfazem mão-de-obra barata e pouco qualificada, aumentando o contingente de desempregados. Não obstante, tem sido estudado o processo de urbanização acelerado de países como o Brasil, no sentido de saber quais são seus principais fatores geradores, por exemplo, a questão da migração rural como consequência da mecanização agrícola e, acima de tudo, de uma injusta distribuição de terra no Brasil.

Martins (2000), em sua obra “A sociabilidade do homem simples”, explicita este fato conjugado à busca de oportunidades de emprego e de ascensão social do mundo urbano. É inegável que este último perpassa por um componente cultural, já que a imagem fabricada pelos mass media⁵⁹ de um mundo urbano idealizado e cheio de oportunidades invadiu o

necessárias à vida, ruas, rede de água, luz, etc. Aquele pedaço de terra, mantido à espera da “engorda, adquire um valor X muito superior ao valor anterior.

⁵⁹ Veículos de comunicação de massa, como rádio, TV, jornais, internet, celulares, etc

mundo rural através de uma TV onipresente em todo o território brasileiro, gerando um imaginário que desvaloriza a vida rural e sobrevaloriza o espaço urbano.

Conforme relatório do Centro de Estudos Cultura e Cidadania (CECCA)⁶⁰, esta problemática está ligada às sociedades em que a mão-de-obra ainda é tratada segundo regras pré-capitalistas e nas quais o pequeno agricultor vive permanentemente uma luta de sobrevivência, sem poder vislumbrar soluções de médio prazo de mudança. Desta maneira, sequer o acesso aos bens mais elementares de saúde e educação existe de forma efetiva, fazendo com que o caminho da cidade, principalmente numa sociedade que ganhou maior mobilidade, através da ampliação da sua rede viária e sistema de comunicações, parece a única solução, pelo menos para a população nas faixas etárias mais jovens. Isto retrata as características de muitas cidades brasileiras:

Nas grandes cidades brasileiras, a oferta de emprego urbano cresce a um ritmo bem menor que o da chegada dos migrantes, gerando-se assim o fenômeno endêmico da extrema miséria de largas faixas da população, condenada a sobreviver à margem da sociedade e da economia urbana informal. Santa Catarina não se afasta deste modelo e as diferenças existentes prendem-se, por um lado, ao fato da urbanização e da industrialização serem tardias e, por outro, ao fato da pequena propriedade, colocando um crescente cuidado em relação aos problemas já manifestados em outras regiões brasileiras (CECCA, 2001, p.1).

Estes fatores levaram a cidade de Florianópolis a se expandir, formando com os municípios vizinhos São José, Palhoça e Biguaçu o que os urbanistas chamam de área de conurbação⁶¹. Neste sentido, o crescimento populacional dos municípios mais centrais e polarizadores vai se espalhando para uma multiplicidade de localidades, devido aos preços dos terrenos, casas e apartamentos e dos aluguéis.

Além disso, especialmente as atividades econômicas vão se dispersando para os municípios de São José, Palhoça e Biguaçu. Mesmo assim, o acréscimo desses empregos ou as vagas criadas no mercado formal não são suficientes para incorporar todo o crescimento da População Economicamente Ativa (PEA), isto leva muitos jovens para atividades informais, que aqui são provocadas pela sazonalidade⁶², ou para o desemprego.

Muitos jovens ficam fora do mercado de trabalho ou experimentando relações precárias no mercado de trabalho. As atividades relacionadas com o turismo e com as

⁶⁰ O CECCA é uma ONG local que faz assessoria aos movimentos populares em Florianópolis. Para maiores detalhes, ver o site <http://www.cecca.org.br>.

⁶¹ “É uma área formada por uma cidade como núcleo central irradiador de influências e seus subúrbios, ou outros municípios com os quais se emenda, sem, no entanto, se confundir, numa interrelação espacial contínua, com relativo grau de interdependência”. (LAGO, 1996, p. 52)

⁶² Na alta temporada de verão, as atividades diversas recuperam suas escalas de negócios associadas ao turismo local, nacional e internacional e, em outros períodos, há estagnação ou queda destas atividades.

temporadas de verão, que com certa intensidade sentem durante muitos meses do ano uma quebra brusca de seus mercados, levam muitos jovens a viver com a redução de seus rendimentos, com outro trabalho ou com o desemprego até chegar nova temporada⁶³.

Na temporada, todas as atividades de comércio e de serviços recuperam suas escalas de negócios, proliferam-se com a abertura de micro e pequenas empresas, de trabalhos autônomos, enfim, atividades formais e informais, hotelaria, restaurantes, bares, serviços de lazer, de manutenção, de reparação, de segurança, bancário, transportes e outros, além do comércio de vários tipos, inclusive vendedores ambulantes. Atividades estas associadas ao turismo local, nacional e internacional. Porém, a conformação sazonal em outros períodos leva à estagnação nas variações conjunturais do emprego, em que há um crescimento, entre dezembro e janeiro, com redução progressiva, até brusca, de março em diante.

Assim, o lento crescimento da demanda frente ao grande crescimento da oferta de trabalho provoca um processo de seletividade e exclusão. Sendo a sazonalidade marca da microrregião, devido à temporada de verão - praias, festas de fim de ano e carnaval - muitos jovens oscilam entre o desemprego ou não emprego e o trabalho precário e temporário em poucos meses do ano.

No que diz respeito a um retrato mais geral do mercado de trabalho informal na microrregião, é problemático, uma vez que os dados precisos deste segmento não existem. O que se sabe com mais exatidão é que os empregos formais de verão são temporários, porque as vagas que abrem para a temporada sempre são fechadas após a evasão dos turistas. De acordo com estudo de Vieira (2003) os empregos formais criados no verão são eliminados logo que acaba o movimento turístico no Estado já a partir de fevereiro.

Essa realidade vivenciada por muitos jovens na Ilha introduz uma particularidade que não deixa de ser vivida por muitos outros jovens contemporâneos, em muitos lugares vivem um tempo de instabilidade e de incertezas no mundo do trabalho. Neste sentido, a tensão se faz presente naquilo que concerne ao presente e ao futuro, ao mesmo tempo que vivem momentos de se agarrar aos laços que persistem – dependência - também vivem momentos de angústias e desejos de se soltar, criar outros laços de independência.

Estes momentos, como argumenta Pais (2001, p. 7) foram criados pelo próprio capitalismo flexível que fez bloquear a própria linearidade tradicional das carreiras profissionais. Essas carreiras continuam, segundo o autor, num movimento que aqui se chama de circundante, porém, esse caminho se apresenta muitas vezes bloqueado para inúmeros

⁶³ Pode-se dizer que já é bem conhecido na microrregião o fenômeno da “sazonalidade” do emprego que enfrentam as microrregiões litorâneas.

jovens. Nos rumos que são engendrados por estes, muitas vezes “surgem encruzilhadas de sentidos vários”, retornos escolares, formativos e de trabalho, “becos de circulação difícil, ou mesmo sem saída”.

Estas trajetórias consideradas em movimentos, cambiantes, se moldam, muitas vezes, num período curto, outras vezes esse se alonga na condição juvenil, aqui chamados movimentos de permanência e metamorfose⁶⁴ na construção de suas identidades. É este significado que, conforme revela Pais, os sociólogos da juventude mencionam como transições dos jovens para a vida adulta, acentuando a vulnerabilidade e a forma imprevisível destes caminhos. Para estes jovens não existe uma única realidade de trabalho que se encaixe perfeitamente nos moldes tradicionais, mas sim diversas.

A argumentação do autor reflete que a estabilidade agora toma a forma de instabilidade em suas rotinas previsíveis que antes caracterizavam os tradicionais postos de trabalho. O mercado que agora se torna mais flexibilizado, leva muitos ao desemprego. Aqui, sem entrar nos diversos debates sobre o fim do trabalho, parece estar ocorrendo é uma substituição do emprego formal, sem as garantias ora beneficiárias assistenciais, por um emprego precário, informal, temporário, auto-gestionado.

Desta maneira, Pais (2001, p. 8) diz que os conceitos de emprego e desemprego parecem manifestar um desajustamento em relação à realidade vivida por estes jovens. Na verdade, “os jovens elaboram guiões múltiplos de futuro mas, muitas vezes, o futuro, não se deixa guiar por nenhum deles”. Por isso, estas trajetórias se apresentam, por vezes, alongadas, separadas, fraturadas, adiadas, ressignificadas, e, por que não dizer, frustradas.

Deste modo, o trabalho acaba por envolver modalidades múltiplas entendidas como trabalho doméstico, eventual, temporário, parcial, oculto ou ilegal, pluri - emprego, e outras que, segundo o autor, a linguagem comum se refere, expressões que os portugueses denominam como ganchos, tachos e biscates⁶⁵. A experiência real destes jovens pode se configurar em muitas construções, culminando em resultados que direcionam para a

⁶⁴ Este termo denota muitas associações, todavia, foi um recurso metodológico utilizado por Kafka, numa metáfora literária. Ultrapassando este recurso, Aued (1999, p 9), no livro *Histórias das profissões em Santa Catarina*, se apropria do conceito para explicar melhor seu significado “a dialética do mesmo e do diferente, das transformações históricas, insiste na demarcação das principais cristalizações deste tempo histórico e, portanto, insiste naquilo que é novo e no que é permanente, mesmo que estes assumam formas estranhas, não imediatamente reconhecíveis”. Este movimento introduz o que já foi ressaltado no capítulo em que discorreu sobre o conceito de identidade em Melucci (2002) e outros autores trabalhados.

⁶⁵ Segundo Pais, ganchos e tachos são termos equivalentes, correspondem a atividades profissionais de caráter precário ou secundário. Já quando se refere a atividades ilícitas, utiliza-se mais o gancho. Cunha, atualmente, estaria mais ligado a uma ocupação bem remunerada e conseguida através de influências pessoais

heterogeneidade vivida. Neste sentido, alguns apontamentos sobre as políticas públicas sobre a juventude se tornam pertinentes enfocar no próximo tópico.

3.2 APONTAMENTOS SOBRE JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA

Após a análise de algumas questões no presente estudo, pode-se dizer que foi um grande esforço encontrar dados, bem como o custo financeiro empreendido na pesquisa, no sentido de refletir uma realidade específica que demanda políticas e orientações que integrem os jovens como sujeitos de direitos. Isto significa que não sejam apenas ouvidos para subsidiar políticas públicas para si próprios, mas que possam assumir, programas, atividades e ações, responsabilidades e não apenas executores, mas sujeitos de autoria. Para tanto, há necessidade de uma nova concepção e um novo olhar sobre a juventude nos municípios da microrregião de Florianópolis.

Além disso, as dificuldades na manutenção sistemática ou permanente de informações dos segmentos juvenis, que possam possibilitar análises comparativas entre as diversas áreas que demandam políticas públicas e entre as diferentes instâncias locais (municipal, estadual e federal), é algo visível⁶⁶. O estudo de Carvalho (2001) sobre “O Jovem nas Políticas Públicas Municipais de Florianópolis” vem reafirmar a escassez destes dados, bem como o problema da incompatibilidade no que refere à interpretação dos já existentes. Essa preocupação não está baseada apenas em dados quantitativos que possam trazer aspectos do perfil dos jovens, mas sim em indicadores sociais que possam orientar uma concepção mais democrática na defesa dos jovens como sujeitos de direitos conforme sugere Sposito e Carrano (2003).

Não se descarta que as intervenções políticas dirigidas aos jovens normalmente procuram planificar o futuro, mas além destes fatores já enfatizados, as realidades imprevisíveis dos jovens impedem muitas vezes essa criação, as condições de incertezas invalidam estes planos. As políticas públicas⁶⁷ não conseguem muitas vezes visualizar ou

⁶⁶ A despreocupação com o rigor metodológico e a padronização na divulgação e apreensão das informações entre as diferentes instituições não contribuem para uma interpretação e análise mais consistente dos mesmos.

⁶⁷ Num balanço realizado por Sposito y Carrano (2003, p 266) sobre Juventude e políticas públicas no Brasil, no livro “Políticas públicas de juventude en América Latina : políticas nacionales”, editado por Oscar Dávila León, os autores distinguem políticas públicas e políticas governamentais, denominando “[...] Em su significación más genérica la idea de políticas públicas está asociada a un conjunto de acciones articuladas con recursos propios (financieros y humanos, envuelve una dimensión temporal (duración) y alguna capacidad de impacto. Ella no es solamente la implantación de servicios, ya que envuelve la dimensión de proyectos de naturaleza ético-política y comprende niveles diversos de relaciones entre el Estado y la sociedad civil en su constitución. Se sitúa también, en campo de conflictos entre actores que disputan en la esfera pública, orientaciones y otros recursos

perceber as diversas realidades vividas pelos jovens, que se desdobram segundo Pais (2001, p 8) em personagens possíveis de inúmeros “guiões de futuro”, porém, este “futuro imaginado por muitos deles assemelha-se a jardins labirínticos de sendas que bifurcam, como redes que enfileiram todas as possibilidades”. Estas possibilidades não se apresentam pré-determinadas, por vezes, vão se ramificando dependendo, da vivência de cada realidade contextual.

Neste sentido, para compreender a trajetória recente das políticas públicas destinadas aos jovens no Brasil, Rua⁶⁸ (1998, apud SPOSITO E CARRANO, 2003, p. 267) propõe uma definição significativa de políticas públicas “[...] como un conjunto de decisiones y acciones destinadas a la resolución de problemas políticos [...] em contraposición a la idea de “problemas políticos”, la expresión “estado de cosas”. A autora assinala que somente quando há um alcance de caráter político que, por sua vez, ocupa a agenda pública, alguns processos de natureza social abandonam o “estado de coisas”.

Num entendimento diferente das políticas públicas do conjunto da América Latina, Sposito e Carrano (2003, p. idem) aludem que no Brasil a tendência sobre as políticas destinadas aos jovens estiveram muito mais pautadas como “estado de cosas” do que direcionadas aos problemas de natureza política que requerem respostas. Assim, especialmente quando trata-se de saúde, educação e trabalho, estas políticas “no estarían siendo orientadas a partir de la idea que los jóvenes representarían un futuro en una perspectiva de formación de valores y actitudes de las nuevas generaciones”⁶⁹.

Os autores chamam a atenção para aspectos importantes com relação às ações que envolvem a juventude no cenário brasileiro. Um desses estaria focado em ações destinadas aos jovens a partir de “representações normativas” sobre a idade, que acabam por expressar a imagem construída pelo ciclo de vida e de seus sujeitos. Para Sposito e Carrano (2003), essa imagem pode provocar padrões dominantes na conformação de ações e programas públicos, deixando de visualizar novas representações para conceber a condição juvenil. Estas representações normativas também tratam de universos relacionais entre os jovens e o mundo adulto. Isto significa dizer que, no exercício de poder das instituições as possibilidades de

destinados a su implantación. Es preciso no confundir políticas públicas con políticas gubernamentales. Órganos legislativos e judiciares también son responsables por diseñar políticas públicas. De toda forma, un ponto definidor característico es la presencia del aparato público-estatal en la definición de políticas, en el acompañamiento y en la evaluación asegurando su carácter público aunque en su realización ocurran algunas sociedades”. Não se tem como objetivo reconstruir este balanço, mas apenas trazer algumas questões pertinentes para, em seguida, pensar sobre a Política Nacional sobre Formação Profissional – FLANFOR.

⁶⁸ RUA, Maria das Graças. As políticas públicas e a juventude dos anos 90 In: CNPD: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 2v, 1998

⁶⁹ Como o artigo dos autores se encontra em espanhol, me autorizo a fazer a tradução livre na interpretação do texto e opto por deixar as citações literais na língua original para não incorrer em erros.

interação, conflitos e solidariedade não deixam de estarem presentes. Por isso, há necessidade de levar em consideração que:

la disputa alrededor de las concepciones aún ocurre en las áreas públicas, protagonizada por los diversos actores sean ellos jóvenes o adultos, que desarrollan acciones junto a ese segmento, incluyendo en esa diversidad no solamente la sociedad civil como la propia composición de los aparatos de Estado. En Brasil, aún es posible observar la ausencia de estudios que reconstituyan los modos como fueron pensadas las acciones públicas destinadas a los jóvenes en el siglo XX. Sin embargo, de modo general, son percibidas algunas imágenes, reiterando algunas de las orientaciones de Latinoamérica. (SPOSITO Y CARRANO, 2003, p. 269).

León (2003), em seu artigo “ La década perdida em política de juventud em Chile; o la década del aprendizaje doloroso?”, diz que o verdadeiro alcance das temáticas juvenis na agenda pública deve transcender o nível dos discursos e de certos programas, bem mais quando não se tem perspectivas e ângulos com que se introduzem as mesmas.

Pues detrás de toda a política se encuentra una noción determinada del o los sujetos a quienes se destina y sus problemáticas concretas y dependerá de esa noción el tipo de políticas y programas que se generen como respuestas. Entonces, además de la visibilidad del sujeto o colectivos sociales y sus temáticas, los fundamentos para su jerarquización, adquieren una enorme relevancia. Si se nos permite utilizar la lógica *maniquea* para categorizar al sujeto joven entre “*joven sano*” y “*joven danado*”, con toda la carga subjetiva, en sentido fuerte de la expresión, pareciera ser que el discurso hegemónico en buena parte de la política social juvenil chilena se ha inclinado mayoritariamente hacia la segunda acepción de joven (LEÓN, 2003, p. 135-136).

Rodríguez (2003, p 28), se reportando a ambivalência com que as sociedades latino- americanas olham para seus jovens, explicita “[...] Se espera mucho de ellos, pero a la vez se desconfía significativamente de los posibles y temidos ‘desbordes’ juveniles”. O autor menciona o fato de que, no fundo, tudo isto ocorre porque os jovens não contam com grupos de pressão que defendam seus interesses específicos, o que, nas sociedades altamente corporativas como as nossas, constituem uma desvantagem muito evidente. Segundo ele, as políticas públicas dirigidas à juventude não têm conseguido romper com as lógicas perversas, que por sua vez acabam tomando os jovens como simples beneficiários de serviços públicos, sem aproveitar seu rico potencial como atores estratégicos de desenvolvimento e de direitos.

Um fato curioso a ser observado no cenário tradicional das políticas públicas do Brasil, ressaltado por Abramo (1997), diferentemente de outros países, é que efetivamente não existiram políticas específicas destinadas a este segmento- jovens- que fossem além da educação formal. Contudo, na Europa e nos Estados Unidos, esta tradição tem se

desenvolvido ao longo do século⁷⁰. Pode-se dizer que só recentemente e lentamente no Brasil a formulação de políticas públicas para os jovens - representados por algumas prefeituras e governos estaduais - vem ensaiando em suas agendas esta discussão que envolve mais precisamente programas de formação profissional e outros serviços de saúde, cultura e lazer. No plano federal⁷¹, não dá para negar que existe toda uma movimentação sobre este segmento, inclusive a política do Plano Nacional de Formação Profissional (PLANFOR). A autora faz uma reflexão a respeito destes projetos que pode até gerar muitas polêmicas, contudo, não deixa de ser pertinente uma primeira visão panorâmica sobre o assunto:

Pode-se verificar que a maior parte dos programas desenvolvidos por estas instituições dividem-se em dois grandes blocos, todos eles visando dirimir as dificuldades de integração social destes adolescentes em desvantagem: programas de ressocialização (através de educação não-formal, oficinas ocupacionais, atividades de esporte e “arte”) e programas de capacitação profissional e encaminhamento para o mercado de trabalho (que muitas vezes não passam de oficinas ocupacionais, ou seja, não logram promover qualquer tipo de qualificação para o trabalho). É necessário notar, porém, que em parte considerável desses programas, apesar das boas intenções neles contidos, o que se busca, explícita ou implicitamente, é uma contenção do risco real ou potencial destes garotos, pelo seu “afastamento das ruas” ou pela ocupação de “suas mãos ociosas”. Há alguns projetos preocupados com a questão da formação integral do adolescente, na qual se inclui a sua formação para a ‘cidadania’, enfoque que vem ganhando corpo mais recentemente (ABRAMO, 1997, p 26).

No entanto, sem desmerecer estas iniciativas, a autora se reporta a estes programas basicamente como busca de enfrentamentos dos “problemas sociais” que afetam a juventude, sendo que a causa sempre recai na família, na sociedade ou no próprio jovem, cujos problemas devem ser solucionados para reintegrá-los à ordem social. Esta discussão perpassa muitas vezes pela incapacidade de engendrar uma compreensão mais aprofundada, por parte dos agentes sociais, a respeito deste público - jovens. Isto equivale a levar em consideração as suas características, suas questões e modos de experimentar e interpretar os questionamentos e os problemas por eles mesmos.

⁷⁰ Por exemplo, nos países de língua espanhola da América Latina, esse fenômeno, de modo geral, já ganha maior visibilidade nos anos 80 (estimulados por organismos como a CEPAL, ONU e o governo da Espanha). Este processo, progressivamente, gerou pelo menos algumas iniciativas de cooperação regional e Ibero-americana, traduzidas em intercâmbios de informações e experiências, promoção de capacitação técnica, de encontros para a realização de diagnósticos e discussão de políticas. O Brasil parece ter passado ao largo deste movimento, conforme explicita ABRAMO (1997).

⁷¹ No Brasil, foi criada uma Assessoria Especial para Assuntos de Juventude, vinculada ao Ministério da Educação, com dois programas da Comunidade Solidária no governo de Fernando Henrique Cardoso, bem como projetos e programas destinados a jovens por parte de instituições e agências de trabalho social (ongs, associações beneficentes, instituições de assistência etc.). No que se refere ao objetivo destes projetos, observa-se um atendimento para adolescentes em situação de desvantagem social (carência é o termo mais exato) ou de risco, adolescentes (meninos de rua) que estariam submetidos à exploração sexual ou ainda envolvidos com o consumo ou tráfico de drogas e atos de delinquência.

Abramo (1997, p.27) menciona o fato de que, apesar de ter crescido o número de ações e programas destinados aos jovens, eles continuam “desfocadamente visíveis, obscurecidos por uma sensação de instrumentos e ‘jeito’ que se deve ao fato de que a adolescência é mesmo uma fase difícil de lidar”. Porém, assinala que existem exceções, por exemplo, o caso de projetos que se baseiam na idéia de protagonismo juvenil, isto é, que buscam desenvolver atividades centradas na noção de que os jovens são colaboradores e partícipes nos processos educativos que com eles se desenvolvem.

Observa-se que os projetos de vidas e sonhos idealizados pelos jovens abrem portas, mas também, algumas vezes, muitos são adiados completando o vazio existencial e temporal em seus percursos laborais. Em contrapartida, aparece uma outra perspectiva em que o presente também enche-se de possibilidades múltiplas (Melucci, 1997), de diferentes experiências e desejos profissionais. Neste sentido, há possibilidades, escolhas que são reversíveis, embora, para alguns, nem sempre possíveis.

Carvalho (2001, p.80), ao discorrer sobre o slogan da prefeitura municipal de Florianópolis em manter o renomado “índice de qualidade de vida” divulgado pela ONU em 2000 para a cidade, faz uma reflexão muito interessante e significativa, questiona os critérios de análise dos dados que garantem esta qualidade de vida. Estes indicadores que sugerem ser observados em toda a população “estariam garantindo até que ponto qualidade de vida de forma integral, se não entram nas especificidades de cada segmento etário, como por exemplo, a juventude? Como avaliar a questão juvenil se os dados em sua maioria são limitados?”

Neste ponto, se verifica muitas vezes nas políticas públicas uma ênfase distorcida sobre os jovens, ora só se enxerga o lado positivo ora só o lado negativo, faltando fazer a ponte necessária em suas diferenciações. Trazemos novamente Pais (2001) para a reflexão, quando este expõe que as políticas de juventude muitas vezes têm a tendência em estandardizar as transições dos jovens para a vida adulta. Neste sentido, definem escolaridades mínimas, circuitos escolares, formação profissional e políticas de emprego.

Todavia, a não percepção de que muitas vezes os jovens têm outra tendência que bifurca em autonomizar as suas vidas nas “buscas autônomas” de trajetórias que aparecem em movimento, ressignificadas o tempo todo, nem sempre se encaixam nas políticas prescritivas que tendem à “estandardização” destas transições. Isto ocorre possivelmente pela lógica de linearidade criada por estas políticas, na qual muitas vezes não se encaixa ou não se ajusta ao curso de vida de muitos jovens, percurso que o autor chama de (yô-yô), inversamente, se

constituem em trajetórias não-lineares. Pais (2001, p. 9) diz que “muitas destas políticas tendem a criar uma ordem artificial numa estrutura social que é caótica por natureza” .

O tratamento muita vezes dado pelas políticas públicas municipais, estaduais e federais sobre juventude está estritamente associado como estes poderes públicos conceituam a juventude. Equivale desencadear um processo múltiplo que requer orientar as ações públicas, conjugando objetivos, prioridades, necessidades e interesses reais dos segmentos juvenis, que passam necessariamente pelos direitos democráticos que vão além da abertura de canais de participações. Neste sentido, o estudo de Carvalho (2001) levanta uma série de restrições analisadas em termos de programas e ações para os jovens na Ilha de Santa Catarina.

Isto significa dizer que nem todos os setores possuem ações concretas, mas trabalham ainda muito sob o enfoque das prioridades estipuladas em termos de problemas, reportando-se as já analisadas ações públicas brasileiras voltadas, em sua maioria, para a resolução de problemas e a tentativa de evitá-los, enfatizando muito ainda ações de cunho assistencialistas, conforme a autora. Foi através dos resultados de sua pesquisa e dos depoimentos com autoridades municipais que Carvalho comprova estas hipóteses. Alguns questionamentos importantes são trazidos por Sposito e Carrano (2003) quando apontam campos de disputas de natureza conflitiva nas políticas públicas de juventude, especialmente no que se refere às formas como são estabelecidas as relações entre Estado e sociedade civil na constituição da esfera pública. O tratamento da juventude no debate público não deixa de ser importante, contudo, do ponto de vista analítico não é suficiente, segundo os autores. Chamam a atenção e propõem uma clara concepção de modos de praticar a ação política, naquilo que concerne à relação do exercício do governo e às relações com a sociedade civil na construção da esfera pública.

Por um lado, no aparelho do Estado, as políticas públicas denotam diversidade de orientações, há disputas de recursos e prioridades. Neste sentido, podem estar mais próximas de modelos participativos e democráticos em suas definições. Por outro lado, no deslocamento para a sociedade civil, existe um campo de disputas heterogêneas, no qual os próprios jovens são protagonistas ativos destas disputas. Como atores ativos, impõem sentidos traduzidos em suas diversas maneiras de pensar a si mesmos e seus pares, estabelecem projetos pessoais e coletivos, mas muitas vezes também reproduzem discursos dominantes adultos no contexto social. Todavia, não dá para deixar de considerar as oposições que estes também produzem quanto às representações dominantes permeadas no mundo adulto. Isto

significa que há muito para se fazer e sistematizar no interior das políticas públicas para ou da juventude.

3.3 RESULTADOS DA PESQUISA: A REALIDADE VIVIDA PELOS JOVENS EGRESSOS

Para uma melhor compreensão destas características expostas nos itens anteriores, apresenta-se os resultados da pesquisa realizada com um grupo de 60 jovens, alunos egressos dos cursos de formação profissional de duas entidades executoras, SENAI e CUT, no ano de 2002. Os caminhos percorridos e os procedimentos metodológicos da investigação se encontram no capítulo 2. Os dados trazidos para a reflexão são aqueles referenciados como “microdados da amostra IBGE, 2000”, num recorte feito pela própria instituição de 13.450 jovens nos quatro municípios, Florianópolis, Biguaçu, Palhoça e São José. No anexo C se encontram os dados sistematizados das duas pesquisas.

Os jovens egressos pesquisados (60) têm de 16 a 25 anos, 50% são do sexo feminino e 50%, do sexo masculino⁷².

Destes 22% têm de 16-19 anos e 78,0% de 20-25 anos⁷³. De 16 - 19 anos, 30,8% são do sexo masculino e 69,2% são do sexo feminino, de 20-25 anos 56,5% são jovens homens e 43,5% são jovens mulheres.⁷⁴ Os jovens egressos pesquisados representam uma amostra com mais idade em relação aos dados da amostra do IBGE, uma justificativa para esse percentual pode estar retratada na dificuldade que muitos têm ainda nesta faixa etária 20-25 anos de se inserir no mercado de trabalho, vivem muitas vezes situações de trabalhos desqualificados e empregos informais, aliado a isso, a defasagem escolar. Estes jovens buscam nos cursos supletivos geralmente elevação de escolaridade e, nos outros, experiência e qualificação profissional.

No que diz respeito à distribuição da amostra por cursos e por instituição no ano de 1999 e 2000, os egressos foram assim localizados: no SENAI: 21,7% no supletivo ensino fundamental, 11,7% informática básica, 10,0% costura industrial, 10,0% desenho de moda e estilismo, 10,0% mecânica de motor diesel e de popa, respectivamente, 5,0% pintura de

⁷² Nos microdados do IBGE, a amostra apresenta 49,8% do sexo masculino e 50,2% do sexo feminino. Ver Anexo C, tabelas nº 1 e 2.

⁷³ Os jovens pesquisados pelo IBGE mostram uma distribuição um pouco mais neutralizada por idade, 41,5 % têm de 16-19 anos e 58,5 têm de 20-25 anos. Ver Anexo C, tabelas 3 e 4.

⁷⁴ Na amostra do IBGE foram encontrados dos 16-19 anos , 41,6% do sexo masculino e 41,5% do sexo feminino . Na faixa etária dos 20-25 anos, 58,4% são do sexo masculino e 58,5% são do sexo feminino, estes percentuais mostram um maior equilíbrio entre os sexos na microrregião de Florianópolis. Verificar nas tabelas nº 5 e 6 no anexo C.

residência, 1,7% eletrônica, reciclagem de papel e lixo, monitor de transporte escolar com o mesmo percentual. Em relação à amostra dos cursos da CUT, os egressos assim se distribuem: 20,0% no supletivo ensino fundamental (Recomeçar) e, nos outros quatro cursos, ecoturismo (gestão ambiental), capacitação pedagógica, formação de lideranças e reciclagem de papel e lixo, 1,7%, respectivamente⁷⁵. No total, foram encontrados 44 jovens egressos do SENAI e 16 da CUT que estavam disponíveis para participar da pesquisa, a problemática no encontro de critérios mais uniformes para relacionar os cursos e instituições está devidamente justificada nos passos percorridos na investigação dada às dificuldades de localização destes.

Quanto à situação escolar dos jovens pesquisados, 63,3% não estão freqüentando a escola e 36,7% permanecem na escola⁷⁶. Os índices dos jovens pesquisados pelo IBGE na microrregião demonstram maior expressividade de permanência na escola. Esta tendência pode estar relacionada à escolaridade mais baixa que os jovens egressos possuíam antes da freqüência nos cursos supletivos. Como um dos critérios no oferecimento destes cursos era para alunos com baixa escolaridade, a maioria aproveitou para compensar a disparidade que se encontravam em relação à idade e à escolaridade, embora ainda esse descompasso continue a existir, como se pode ver na análise que segue.

Para um maior aprofundamento dos motivos de permanência ou não na escola, a variável escolaridade entre os jovens necessita ser melhor explorada nas duas pesquisas. É possível perceber que a realidade escolar dos jovens pesquisados pelo IBGE é um pouco mais precária que a dos jovens do SENAI e CUT, uma vez que os índices apresentados demonstram níveis mais baixos de escolaridade quando se avalia o curso mais elevado que freqüentou.

Dos 55 jovens egressos que responderam a esta questão, fez-se a soma dos percentuais do ensino médio incompleto e ensino médio completo apresentando um índice de 56,4%, mesmo assim, pode-se observar um percentual de 25,5% no ensino fundamental incompleto, diagnóstico que mostra a necessidade de continuidade na busca por vínculos de melhoria da situação escolar, surgindo, neste caso, uma realidade semelhante quanto ao descompasso idade escolaridade nas duas pesquisas.⁷⁷

⁷⁵ Observar no Anexo C a tabela nº 7a, na tabela abaixo de nº 7b, pode-se visualizar a duração dos cursos em meses e anos, nos casos de 1 até dois anos, são os supletivos com períodos mais longos.

⁷⁶ Nos microdados, os que não estão freqüentando a escola, mas já freqüentaram, são 54,8% e, somando os que freqüentam a rede pública e particular, por sexo e idade, este percentual equivale a 44,3%. Ver Anexo C, tabelas de nº 8 e 9.

⁷⁷ Há uma concentração no ensino fundamental completo de 55,1% e no ensino médio completo 38,4% nos microdados da microrregião de Florianópolis. Quando se observa por faixa etária, os índices não deixam de associar a defasagem idade e escolaridade, com percentuais no ensino fundamental completo 51,2% e ensino médio completo 40,8%, na faixa etária de 20-25 anos. Verificar no anexo C as tabelas de nº 10, 11, 12 e 13.

Neste sentido, reflete-se que os baixos níveis de escolaridade continuam existindo em parcelas da população jovem na microrregião de Florianópolis. Embora isto represente frágeis vínculos com os meios escolares, há uma direção de aposta na permanência e inclusão seja na escola formal, seja nos supletivos, como foi o caso da pesquisa com os egressos, especialmente para aqueles que trabalham e estudam.

Os indicadores amostrais das duas pesquisas com os jovens egressos e a parcela pesquisada pelo IBGE na microrregião, quando verificado o critério gênero, apontam tendências semelhantes em que o sexo feminino possui maior escolaridade que o sexo masculino, as jovens mulheres têm mais anos de ensino em relação aos jovens homens⁷⁸.

Esse episódio já é bem conhecido em outras pesquisas, apesar da pouca idade, nos últimos anos, estas vêm buscando uma melhoria em sua situação escolar, conseqüentemente, uma melhor posição no mercado de trabalho. As razões são diversas, mas duas delas são bem discutidas, a busca de mais informações, maior independência financeira e profissional, bem como, em alguns casos, apoio no sustento da família ou mesmo como provedora na ausência do homem, seja o pai ou marido.

Dos 36,7% egressos que estavam freqüentando a escola no ano de 2002, além de ser um grupo que busca superar o descompasso idade/escolaridade, aqueles que estão desempregados buscam possibilidades de conseguir um emprego, os ocupados, melhorar o emprego atual e ainda dar continuidade nos estudos para almejar uma profissão através dos meios universitários. Destes, 36,4% freqüentam o ensino médio, o mesmo percentual, 36,4% aparece para aqueles que estão no pré-vestibular e 27,3% cursando a faculdade. Em relação ao critério gênero e freqüência escolar os dados mostram uma certa parcialidade entre os sexos dos ex-alunos do SENAI e CUT.⁷⁹

No que diz respeito à situação familiar, 91,7% dos alunos egressos moram com suas famílias, constituída pelos irmãos e pais naturais. Apenas 8,3% deles moram sozinhos em suas próprias casas⁸⁰. No que concerne ao estado civil dos egressos, 72,4% são solteiros e 27,6% são casados ou vivem maritalmente com seus companheiros, segundo informações

⁷⁸ Ver anexo C, tabelas de nº 14 e 15.

⁷⁹ Nos microdados do IBGE, quanto ao curso que freqüenta, estes percentuais aumentam para 37,5% no ensino médio seriado e 30,2% no ensino superior. Observa-se também um aumento significativo do sexo feminino nos cursos mais elevados freqüentados na microrregião de Florianópolis. Visualizar no Anexo C as tabelas de nº 8, 16, 17, 18 e 19.

⁸⁰ Ver anexo C, tabela de nº 20 e também a de nº 21, que mostra os percentuais em relação ao estado civil dos egressos.

destes, a maioria têm filhos e alguns ainda moram com seus pais ou vivem na casa dos pais do companheiro ou da companheira.⁸¹

Essa configuração familiar de união consensual, que aparece de forma mais intensa nos jovens pesquisados pelo IBGE, está muito associada ao que revela Pais (1993, p. 321) em sua pesquisa com os jovens portugueses sobre a vertente conjugal. Segundo o autor, a conjugabilidade não estaria mais constituindo uma etapa fundamental de acesso à idade adulta, como acontecia antes. A coabitação dos jovens com um companheiro, por exemplo, também passa a ser mais aceita pelos pais, “como uma etapa intermediária entre o abandono da casa dos pais e a constituição de uma nova família”. Assim, tanto a vertente conjugal como a profissional têm vindo a afetar as diferentes descontinuidades e rupturas nas transições juvenis.

Em seguida, introduz-se mais especificamente a categoria trabalho entre os jovens pesquisados, algumas questões foram aprofundadas somente na segunda parte da pesquisa mais qualitativa, uma vez que, nesse primeiro momento, o objetivo era conseguir um mapeamento mais geral e não tão detalhado sobre a problemática.

Do total de 60 jovens pesquisados, 61,7% se encontravam trabalhando na época da pesquisa. A renda individual média mensal está configurada em termos de salários mínimos. Destes, 14,3% recebiam menos de um salário mínimo, 37,1% recebiam de 1 a 2 salários mínimos, 34,3%, de 2 a 3 salários mínimos, 11,4%, de 3 a 4 salários mínimos e 2,9%, de 4 a 5 salários⁸². Pode-se dizer que há uma tendência em considerar que a renda dos egressos é ainda mais baixa do que a amostra dos jovens pesquisados na microrregião de Florianópolis.

Na presente pesquisa, a renda serve para muitos aportes reflexivos, inclusive no sentido de definir mais precisamente de que jovens se está falando, jovens das classes populares e jovens das classes médias. Zuchetti (2002, p 167), em seu estudo com jovens

⁸¹ Na amostra do IBGE, em relação ao estado civil e ao indicador sexo, os percentuais para os solteiros se apresentam assim: 92,5% sexo masculino e 84,2% sexo feminino. Dos casados, 14,7% são jovens mulheres e 7,2% são jovens homens. Quanto à natureza da união por sexo e idade, predomina a união consensual com índices de 87,8% para o sexo masculino e 74,6% para o sexo feminino. Destes, 90,4% do sexo masculino vivem com uma companheira e 80,2% do sexo feminino vivem com companheiro. Na variável relação com a família, 58,4% se identificam como filhos, 16,8% como cônjuges e 15,3% responsáveis pelo domicílio. Verificar no Anexo C as tabelas de nº 22 e 23, 24 e 25.

⁸² O salário mínimo de referência na pesquisa realizada junto aos egressos foi o de maio de 2002 que correspondia a R\$ 200,00. No ano da pesquisa do IBGE, tomou-se como referência o salário mínimo da época, R\$ 151,00. Os jovens que estavam trabalhando remunerados em junho de 2000 pesquisados pelo IBGE perfazem um percentual de 51,4%. Os rendimentos categorizados mostram que os jovens tanto do sexo feminino como do masculino da microrregião de Florianópolis têm rendimentos baixíssimos, a maior concentração fica entre a faixa de 1 a 3 salários, e aprofundando mais ainda, observa-se que os jovens homens continuam ganhando mais do que as jovens mulheres. Visualizar no Anexo C tabelas de nº 26, 27, 28, 29, 30, 31.

egressos de uma instituição de formação profissional em Novo Hamburgo/RS, ponderando sobre a baixa renda dos sujeitos de sua pesquisa, diz que, além disso, são “jovens com baixa escolaridade, moradores da periferia e oriundos de programas de formação profissional, de natureza assistencial”. Diante disso, levanta a questão de que isso “não significa, necessariamente, acesso ao trabalho em condições de igualdade de oportunidade e renda quando comparados com outros grupos com idade idêntica, moradores da mesma região”.

Na presente investigação encontram-se semelhanças em um percentual significativo de jovens com estas mesmas características, inclusive quando se analisa a renda individual, configurando, em sua maioria, jovens das classes populares. Todavia, no mesmo grupo encontram-se alguns jovens não oriundos da periferia, que não possuem baixa escolaridade, estão empregados e alguns possuem salários razoáveis para a pouca idade, de 3 a 5 salários. Mas o balizador dessas reflexões se direciona para a variável renda familiar, dependência da família e outra vertente sobre o apoio nas despesas da família. A renda mensal média familiar foi respondida por 57 jovens egressos, aparece um índice de 43,9% no item 5 salários mínimos ou mais, neste sentido, foi utilizado o mesmo o salário mínimo de referência da renda individual.

Aqui é importante uma ressalva, infelizmente foi cometido um erro amostral, quando não se colocou um teto máximo para os rendimentos. Isto significa dizer que a análise ficou prejudicada para maiores detalhes, porém, a riqueza do diário de campo sempre nos ajuda quando se registra para além do instrumento questionário. Em algumas respostas obtidas oralmente e registradas no diário de campo, permite-se fazer ponderações sobre a renda familiar, sem sombra de dúvidas, considera-se fazer parte desta pesquisa alguns jovens também das classes médias.

Neste sentido, sugere-se que os programas de Educação Profissional com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) também atendem uma clientela que não necessariamente está em desvantagem social ou em situação de risco social, prioridade que deveria ser revista pelo PLANFOR⁸³. Nas seleções, segundo os coordenadores entrevistados do SENAI e CUT, eram a clientela prevista pelo PLANFOR:

Eram pessoas desempregadas, pessoas excluídas e também aqueles que estavam empregados, mas com risco de desemprego. A faixa etária era de

⁸³ O guia do PLANFOR 1999-2002 define o público alvo: pessoas desempregadas beneficiárias do seguro desemprego, candidatos ao primeiro emprego, pessoas sob o risco de desemprego, trabalhadores por conta própria, pessoas que exercem atividades sujeitas a sazonalidades, pessoas de baixa renda, pessoas com instrução inferior a quatro anos de estudos, mulheres chefes de família, jovens em situação de risco social, minorias étnicas.

16 anos para frente. Não tinha limites. Era 16 porque o próprio PLANFOR exigia, mas sempre que apareciam mais candidatos do que vaga se fazia normalmente uma prova escrita ou o próprio SINE local já indicava os candidatos. Eles faziam a inscrição lá no SINE, já existia todo um critério deles. Os candidatos se dirigiam aos postos do SINE, em alguns casos no SENAI (mas era raro), preenchiam aquela ficha de cadastro do trabalhador e ali já tinham os critérios que eram o perfil da clientela (PAULO RECK, SENAI).

Os cursos eram executados, na sua concepção, como prioridade para os desempregados ou pessoas que tinham uma baixa qualificação profissional ou não escolarizadas. Então isso significa que há uma tendência dentro do mercado, que essas pessoas, diante das mudanças, seriam pessoas com mais facilidade de serem atingidas pelo desemprego. Os nossos projetos de qualificação profissional visavam essas duas categorias: a faixa etária era de 16 a 25 anos, esse era um critério nosso pra seleção dos alunos, porque o PLANFOR e o Ministério do Trabalho não admitiam menos. Porque teoricamente esses alunos teriam que estar na escola. No nosso caso, a questão dos 16 aos 25 tem a razão de um critério que nós utilizávamos, porque na região sul, mesmo se colocando de uma forma diferente do resto do país, a questão da escolarização dentro dessa faixa tem problemas muito sérios. Nós chegamos ao dado de que mais ou menos 74% dessa faixa não conseguiram concluir o ensino fundamental. Por isso que nós utilizamos o critério de atender essa faixa. Embora não houvesse nenhum elemento que proibisse alguém com mais de 25 anos de participar desse projeto. (DERCI PASCOALOTO, CUT)

Nota-se, entre os jovens entrevistados, no que diz respeito ao apoio no sustento da família, que 58,3% não ajudam em casa, dentre estes, alguns estão desempregados, não possuindo nenhum rendimento, e um percentual significativo de jovens que não têm condições, motivados pela baixa renda. Desta forma, são 68,3% dos jovens pesquisados que responderam depender da família para se sustentarem⁸⁴. Isto significa que há uma rede de solidariedade familiar como mola propulsora nos desdobramentos econômicos.

Retomando as questões entre os jovens que trabalham, quando verificado o critério gênero, o sexo masculino apresenta um percentual mais significativo, perfazendo 54,1%, por sua vez, as jovens representam 45,9%. Se for considerar a faixa etária, 75,0% têm de 20 a 25 anos. Nos microdados do IBGE há uma diminuição para 72,8% nesta mesma faixa etária para o sexo masculino e um aumento de 73,6% para o sexo feminino⁸⁵.

Quanto à situação de trabalho dos jovens que responderam estar exercendo alguma atividade remunerada, objetivou-se conhecer as várias situações que os jovens estavam vivenciando, desta forma, a questão foi direcionada para respostas múltiplas em que

⁸⁴ As três tabelas, de nº 32, 33 e 34, sobre a renda familiar, ajuda nas despesas de casa e dependência financeira da família, são apresentadas no Anexo C.

⁸⁵ Ver no anexo C tabelas de nº 35,36 e 37.

muitas vezes mais de uma resposta apareceu para demonstrar em que situação o jovem se encaixava.

Estas atividades estão assim distribuídas: 45,9 % trabalho remunerado exercido regularmente, 40,5% assalariado com carteira assinada e 29,7% sem carteira assinada, 10,8% trabalham por conta própria, 8,1% negócio familiar, biscate, e outra situação com o mesmo percentual, 5,4% trabalhador eventual, temporário, trabalhador doméstico, cooperativado, servidor público, empresário, respectivamente, 2,7% membro de associação. O aprofundamento sobre a ocupação atual dos jovens será revisto no capítulo 6 na análise qualitativa com os oito jovens eixos da pesquisa.⁸⁶

A pesquisa de Pochmann (2000) sobre o “Emprego e desemprego juvenil no Brasil” mostra a situação do jovem no heterogêneo mercado de trabalho brasileiro que vem atingindo-o de forma mais intensa pelo desemprego, enfrentando inúmeras dificuldades de inserção profissional. Diante deste fato, constata-se também que houve, a partir da década de 90, uma aceleração nas ocupações autônomas (não-assalariadas), mas estas não se apresentam como suficientes para atender à oferta dos jovens no mercado de trabalho. Conforme as pesquisas do autor, os que mais se destacam são os postos de trabalho por conta-própria. Ao invés de um trabalho subordinado, ganha mais expressão a ocupação autônoma entre os jovens, deste modo, sugere-se que estes se encontram diante de uma nova perspectiva profissional. Dois aspectos desta questão se apresentam: por um lado, uma maior flexibilidade quanto às formas hierarquizadas e de controles externos e, por outro, esta trajetória se torna mais instável, com o acúmulo de diversas experiências profissionais. Em Florianópolis, observa-se que este aspecto se torna uma das características do mercado de trabalho atual, pois sua atividade econômica predominante - o turismo - faz proliferar as atividades informais, especialmente para os mais jovens. Durand (2000), analisando os depoimentos de alguns jovens na Ilha de

⁸⁶ Na microrregião de Florianópolis, entre os jovens ocupados, há uma concentração do sexo masculino com carteira de trabalho assinada em 77,1% na faixa etária dos 20-25 anos e 59,4% sem carteira assinada nesta mesma faixa etária. Em relação ao sexo feminino, encontram-se os percentuais de 78,6% com carteira assinada e 65,7% sem carteira assinada de 20-25 anos. Conforme o Código Brasileiro de Ocupações, as atividades estão distribuídas da seguinte forma: sexo feminino, 14,7% trabalhadores domésticos em geral, 12,9% vendedores e demonstradores em lojas e mercados, 7,11% escriturários e agentes administrativos em geral, 5,87% secretários de expedientes estenógrafos, 4,29% recepcionistas, 3,56% caixas e bilheteiros, 3,46% atendentes de creches e acompanhantes de idosos, 2,48% trabalhadores nos serviços de manutenção e conservação de edifícios, 1,94% vendedores ambulantes e cozinheiros, 31,3% em outras situações. Quanto ao sexo masculino, 8,3% vendedores e demonstradores em lojas ou mercados, 5,0% escriturários em geral, agentes e auxiliares administrativos, 4,9% trabalhadores de estruturas de alvenaria, 4,8% ajudantes em obras civis, 3,6% outros trabalhadores dos serviços, 2,7% garçons, barmens e copeiros, 2,4% contínuos, 2,1% mecânicos de manutenção de veículos, 2,0% pintores de obras e trabalhadores nos serviços de manutenção e conservação de edifícios, respectivamente, 1,9% gerentes de produção e operações, 1,8% marceneiros e afins, 1,7% trabalhadores de cargas e descargas, 1,6% padeiros, confeitários e afins, 1,5% representantes comerciais e téc. em vendas, 1,4% condutores e operadores polivalentes e 52,4% outras ocupações. Aqui se consideraram as primeiras dezessete ocupações do CBO. Visualizar no Anexo C tabelas de nº 38, 39 e 40 a e 40 b .

Santa Catarina sobre o trabalho, conclui que, para alguns, esta atividade temporária se constitui como um mal necessário, momentâneo, não garantindo perspectivas profissionais desejadas, apenas uma base material à espera das futuras profissões, que hoje podem nunca chegar ou se concretizar.

Este fato, conforme a autora, emerge como atividade de aproveitamento do potencial turístico, isto é, o movimento sazonal do turismo que ocorre principalmente no verão. Por um lado, este tipo de trabalho precário (sem carteira de trabalho) aparece para alguns jovens com possibilidade de maior autonomia, não tendo vínculo, o compromisso e a responsabilidade tomam um sentido mais fluído, confirmando o exposto por Pochmann em relação aos empregadores. Por outro lado, nestes casos, o universo da ocupação informal não propicia perspectivas futuras, mas se constitui como o marco inicial para estes jovens.

Continuando a análise sobre a situação dos 35,0% dos jovens que responderam não estarem trabalhando, as múltiplas respostas sugerem: 24,4% que se atribuem ou dizem se encaixar como trabalhadores desempregados, já tendo trabalhado; 11,0% desempregados sem seguro desemprego, desemprego aberto⁸⁷, respectivamente; 8,5% não estão procurando emprego porque estudam, desempregados com dificuldade para conseguir trabalho com o mesmo percentual; 7,3% desempregados e não tem dinheiro para procurar emprego ou montar seu próprio negócio; 6,1% desempregados cadastrados em agência de emprego privada, desemprego oculto pelo trabalho precário⁸⁸, sem trabalho e não procurou trabalho nos últimos 30 dias por desestímulo do mercado de trabalho ou por outras circunstâncias, mas procurou de forma efetiva nos últimos doze meses⁸⁹, respectivamente; 3,7% desistiu de procurar trabalho por desânimo e com o mesmo percentual aparece outras situações; 2,4% desempregados procurando emprego⁹⁰.

Estas características apresentam bem as marcas da informalidade e do desemprego entre os jovens em modalidades diversas na microrregião. Desta forma, refletindo-se sobre a questão de como gestam trabalhadores jovens em cursos de educação profissional, em um espaço de pleno desenvolvimento da informalidade, rotatividade, desemprego, de circulação interna de muitas pessoas na Ilha, durante um período do ano que é freqüente a sazonalidade,

⁸⁷ Aquele desempregado que está procurando trabalho nos últimos 30 dias, mas não exerceu nenhum trabalho nos últimos sete dias. Este componente foi apropriado da metodologia do DIEESE que leva em consideração esta situação.

⁸⁸ Da mesma forma que a metodologia do DIEESE, esta situação que configura o indivíduo que procurou trabalho efetivamente nos últimos dias ou nos últimos 12 meses e se encontra nas seguintes situações: trabalho remunerado, trabalho não remunerado de ajuda em negócios de parentes, trabalho inclusive recebendo em espécie ou benefício.

⁸⁹ Situação também verificada na metodologia do DIEESE.

⁹⁰ Observar tabela de nº 41 no Anexo C.

as possibilidades de geração de renda em formas alternativas deveriam vir ao encontro para viáveis soluções na desagregação do mundo do trabalho juvenil. Esta dimensão é vista pelo coordenador dos cursos de educação profissional da CUT nos anos 1999 e 2000, a partir do enfoque sobre desenvolvimento que informa que a discussão de possibilidades de geração de trabalho e renda fora do mercado de trabalho informal não é fácil de ser construída, mas que era um dos elementos fortes em busca de alternativas, não só a cooperativa (uma das formas), a questão de incubadoras era uma possibilidade para oferecer a quem já tinha uma iniciativa ou proposta de fazer uma incubação. Isso, de acordo com ele, pode oferecer, num primeiro momento, para a empresa aportes técnicos, de assessoria, de recursos, de tal forma que uma pessoa consiga viabilizar essa empresa. Seu depoimento revela como era feita a discussão:

Tentou-se discutir isso, e nós introduzimos essa discussão através da idéia de economia solidária. Acho que esse é um viés possível, está dentro das características da Ilha em alguns setores. Agora é claro que isso está limitado às condições da própria cidade e não adianta se você tem aqui um contingente enorme de desempregados, certamente você não vai conseguir formar cooperativas, empresas auto-gestionáveis e incubadoras suficientes para empregar todo esse contingente. Isso tem que estar aliado a uma discussão de desenvolvimento e de projetos na própria cidade, no Estado, etc. O turismo é muito importante, talvez a única forma de se pensar trabalho, mas teria que ter uma discussão da qualificação profissional, do emprego, associada a uma discussão mais ampla da própria visão que se tem de cidade, de estado e região (DERCI PASCOALOTO, CUT)

Uma das limitações, retirando a vocação que a Ilha tem para o turismo, é que não existem pesquisas concretas sobre as demandas diárias para se pensar cursos específicos nestas áreas. Porém, uma ou outra alternativa que começa a surgir na Ilha, no interior de alguns setores é a manicultura. Muitos dos pescadores artesanais que não tiveram mais condições de continuar com este tipo de pesca por várias razões, com o desenvolvimento de uma proposta de criação de ostras, mariscos, etc, voltaram a ter uma atividade mais rentável no próprio mar. Se isso fosse incentivado num processo de continuidade, então seria possível a industrialização até a comercialização. Contudo, o que normalmente ocorre é que se incentiva a produção, mas o passo seguinte fica quebrado pelas políticas públicas. Estas dificuldades são ressaltadas pelo coordenador da CUT:

Se nós queremos hoje que o filho do pescador, que não encontra trabalho nos hotéis, restaurantes, etc, que ele continue tendo uma ocupação própria na pesca, nós temos alternativas para isso, mas necessita-se de políticas públicas que possam viabilizar para que isso ocorra, não adianta tocar para chegar março...e não ter capacidade frigorífica para armazenar, isso

depende, como já disse, de políticas públicas e de uma discussão do conjunto da Ilha ou cidade (DERCI PASCOALOTO, CUT)

Esse aporte reflexivo proposto poderia florescer não como simples apêndice dos sistemas produtivos, mas dentro de estratégias de desenvolvimento regional sustentável, mas parece que as próprias forças locais não bastam, a identidade comunitária, neste sentido, passa por alianças com parceiros outros globais que possam vir a regenerar a relação local-global, em especial com outras cidades situadas em ilhas ou em ecossistemas semelhantes aos nossos.

Segundo Lisboa (1997, p 229), no relatório do Centro de Estudos Cultura e Cidadania (CECCA), o campo da economia popular, também denominado “economia social” ou “solidária” surge como uma possibilidade, “como um outro circuito diferenciado do mercantil e do estatal, não caminhando para o desaparecimento”. Corragio (1993) também salienta esta perspectiva para alçar vôo como origem de alternativas para a cidade. Aqui não está se falando da “economia informal”, que muitas vezes se constitui como mera “sombra” da economia de mercado, e sim da produção-reprodução material da sociedade fora das relações mercantis, com base no trabalho vernacular (autônomo) e em uma cultura de solidariedade.

Sobre a mesma temática, no diálogo com o coordenador do SENAI, aparece as características do mundo do trabalho na Ilha direcionadas para a problemática da demanda dos setores econômicos encontrados no espaço da cidade:

Muitos jovens olham aquelas histórias do Rio, São Paulo, etc, na televisão e depois pegam um ônibus e vêm para Florianópolis se aventurar, mas o que, na verdade, existe aqui de comércio e indústrias não atende nem a população residente. Com isso cria-se uma massa de pessoas que ficam excluídas, primeiro, porque não tem lugar para todo mundo, e com essa idéia de que um cara contrata mais barato, mesmo que se tenha uma boa qualificação, às vezes é contratado por um salário baixo, se ele não pegar isto que está sendo oferecido, não consegue nada. A indústria é rara por aqui, ocorre mais lá em São José, e mesmo o comércio não suporta esta massa, a área mais forte, mesmo na microrregião, é de serviços. Se tu precisar de um pedreiro, de um pintor ou de um garçom, todo mundo diz que é, tu abre a porta e aparece um monte, mas não são qualificados. Por exemplo, um dono de hotel vai pagar tanto (ele tem um limite dentro de seus custos) e para esse tanto todo mundo se submete. Neste sentido, ele pode pegar um cara bom ou não. Os que são qualificados estão desempregados ou saem porque não conseguem viver só com aquilo. Então você vai dar um curso para estas pessoas, elas vão se qualificar, mas vão querer ganhar mais e não querem mais aquele emprego, vão procurar outro. Esta vaga vai ficar novamente para aquele que não está qualificado. É um ciclo, e são apenas três meses de pique. Durante o ano fica cheio de gente e de jovens desempregados rodando por aí (PAULO RECK, SENAI)

Ampliando essa discussão, entre o total dos jovens pesquisados, 60% responderam que têm encontrado dificuldade em conseguir uma ocupação, mesmo depois de terem passado pelos cursos de educação profissional. As diversas razões, na opinião dos jovens são as seguintes: 20,4%, falta de experiência profissional; 18,5%, escolaridade baixa; 14,8%, falta de emprego ou vagas; 10,2%, falta de mais cursos de qualificação; 8,3%, falta de tempo, filhos, tratamento de saúde, especialmente as jovens; 7,4%, choques de horários entre escola e trabalho; 6,5%, distância do local de moradia e trabalho; 5,6%, não está procurando, pois está satisfeito com a atual ocupação; 3,7%, gravidez e filhos pequenos, no caso das jovens mulheres; e 4,6% constituem outras situações⁹¹.

Essa realidade apreendida quanto ao trabalho e à experiência do não trabalho entre uma parte significativa dos jovens desta investigação e também dos jovens da microrregião de Florianópolis vem carregada de componentes já percorridos anteriormente a partir das reflexões de Pais (2001). Revela um conjunto de situações diferenciadas vividas na condição juvenil, incertezas e inseguranças no mundo do trabalho, frágeis vínculos empregatícios, trabalhos temporários, precarizados, desemprego, o que configura o próprio contexto sócio-econômico das características predominantes do mundo do trabalho na microrregião de Florianópolis. Esta realidade, pode-se afirmar que é vivida tanto pelos jovens migrantes como não migrantes. Entre o total dos 60 jovens egressos pesquisados, 55% não são migrantes e 45% vieram de outros lugares⁹². A tendência, nas duas pesquisas, direciona para um diferencial pouco significativo entre jovens migrantes e não migrantes.

Algumas ponderações podem ser feitas a partir dos percentuais apresentados até aqui. Concorda-se com Zuchetti (2002, p. 171) quando diz que a realização de um curso de educação profissional nem sempre significa acesso ao emprego, melhor qualificação ou melhores condições de trabalho, isto fica claro quando os jovens revelam as diversas razões ou obstáculos que vivenciam na busca de inserção no mercado de trabalho, mas há outras conhecidas como discriminações nos processos de seleção, em que estereótipos de gênero, moradia, cor, maneira de se vestir, etc , contribuem para as barreiras.

Ressaltando a perspectiva argumentativa da autora, que enfatiza que “a formação profissional realizada não é suficiente para proceder uma inserção diferenciada desses jovens no mercado de trabalho”, questionam-se também as formas de inserção para a juventude pobre no mercado de trabalho, que permite muitas vezes apenas processos de aprendizagem e

⁹¹ Ver no Anexo C as tabelas de nº 42 e 43.

⁹² Nos microdados da amostra IBGE, os percentuais de migração por sexo, através da variável sempre morou neste município, apontam para: 50,6% não são migrantes e 49,4% nasceram em outros estados e migraram para a microrregião. Visualizar no anexo C as tabelas de nº 44 e 45.

exigências de formação contínua, independente de certificações, seja em qualquer instituição executora, inclusive SENAI e SENAC⁹³. Além disso, nesse processo há os casos dos jovens que trabalham o dia inteiro e no período noturno frequentam a escola regular ou cursos de qualificação profissional, tentativa de conciliar estudo e trabalho.

Esta visibilidade encontrada de forma semelhante em nossa pesquisa no que se refere às certificações, neste caso do SENAI e CUT, pode ser ampliada na medida em que um dos principais obstáculos mencionados pelos jovens é a falta de experiência profissional, sugerindo ser este um grande entrave no mercado de trabalho. Esta é uma exigência feita pela maioria dos empregadores e pouco avaliada, mesmo diante de mais de uma certificação e elevada escolaridade, as chances não são melhores ou tão positivas como imaginam alguns, não se constituindo garantias de vagas no mercado de trabalho.

Desta maneira, os jovens questionam como vão adquirir experiências se nem chances lhes dão nas primeiras oportunidades, e como vão adquirir senão pelo próprio trabalho, muitos são descartados nas primeiras entrevistas, outros acabam fazendo um estágio mal remunerado só para obter experiência. As empresas, quando contratam um jovem, querem retorno imediato, resultados de produtividade para além do que o jovem está preparado. Isto, na prática, não acontece, o jovem entra numa empresa, muita vezes, num ritmo intenso, principalmente aqueles oriundos de uma qualificação profissional e que já estão formados, mas sem nenhuma experiência (maioria dos jovens), por sua vez, as empresas transferem para as instituições “que não deram a formação adequada”, não possibilitando fases de adaptação para os jovens alegando não estarem preparados para o devido posto de trabalho. .

O ex-coordenador dos cursos da CUT, hoje adjunto do presidente da Assembléia Legislativa, se referindo a este problema, bem como à questão do primeiro emprego para os jovens, relata o fato de que recebeu representantes do movimento negro da cidade propondo que abrissem vagas na Assembléia Legislativa, sugerindo que cada gabinete de deputados petistas tenha, durante seis ou sete meses, dois jovens estagiando com bolsa trabalho. Este objetivo viria ao encontro para promover experiência de trabalho para alguns jovens no mercado de trabalho, bem como possibilitar outras alternativas que ultrapassem a realidade em que se encontram estes quando ficam trabalhando quase de graça só para adquirir experiência, essa possibilidade, segundo ele, ficou para ser avaliada posteriormente.

⁹³ Os processos de aprendizagem que se refere a autora permitem que o aluno trabalhe e estude simultaneamente, ou então uma empresa ou firma banque este estudo a partir de uma lei que obrigasse estas a terem aprendizes.

Retomando dados da investigação, quanto aos meios que os jovens utilizam para a busca de trabalho, aparecem os maiores percentuais, 25,4%, anúncios de jornais; 21,1%, indicações de amigos; 13,4%, anúncios de rádios⁹⁴. O Sistema Nacional de Emprego (SINE), mostra um índice pouco significativo para uma agência de emprego pública, 9,2%, uma vez que tem um setor específico de intermediação de mão-de-obra.

Estes dados são confirmados por estudos realizados pelos próprios técnicos da instituição, alguns resultados apresentados por Vieira (2003), entre 1999 e 2002, demonstram que o grau de eficiência do setor de intermediação de mão-de-obra foi de 7,6% no período, isto significa que, em cada 100 trabalhadores admitidos em Santa Catarina nos quatro anos considerados, pouco mais de sete foram colocados através do SINE, fica evidente que uma grande parcela de trabalhadores (93 em cada 100) usou outros mecanismos (agências de emprego privadas, jornais, rádios, relações pessoais, etc) aparentemente mais efetivos para a inserção no mercado de trabalho.

Na opinião do coordenador do SENAI, o que falta é mais informação sobre a instituição, inclusive diz ele: “ muitas vezes os jovens nem sabem o que é o SINE ou onde há o balcão do trabalhador”, quem mora , por exemplo, em bairros mais distantes não vai até lá perguntar se tem uma vaga :

[...] quem vem de Palhoça, São José, etc. Com o dinheiro do transporte, o jovem compra um diário de domingo e tenta a sorte nos classificados, é mais rápido porque está na mão dele. Estando na rodinha do futebol, um colega diz: “ tem uma vaga lá na empresa que eu trabalho”. É cultural, eles não vão sair lá da Palhoça para vir aqui na Mauro Ramos, no centro da cidade, muitas vezes não têm nem dinheiro para pegar um ônibus. O próprio SINE deveria se vender melhor através de anúncios em jornais como agente. Por isso que os índices de intermediação são baixíssimos. As pessoas não sabem que existe esta hipótese para conseguir vagas, algumas pessoas que fizeram os cursos no SENAI me disseram que não sabiam que o SINE intermediava emprego (PAULO RECK, SENAI).

O coordenador da CUT faz uma observação, “ o SINE trata essa questão de forma distante do que realmente deveria ser feito, acho que não tem clareza do seu papel na questão da intermediação de mão-de-obra”. Os depoimentos são fundamentais, confirmam e trazem elementos importantes para pensar no papel do SINE como intermediador de mão-de-obra. Através dos números, mostra uma certa limitação, fragilidade e precariedade em seu sistema de informação, assumida, inclusive, por seus técnicos e coordenadores de instituições

⁹⁴ Nos microdados do IBGE, na variável providência para conseguir trabalho por sexo, visualiza-se um percentual expressivo dos jovens que não tomaram providências, 62,6% do sexo masculino e 70,9% do sexo feminino. Ver anexo C tabelas 46 e 47.

que mantêm parcerias com este órgão. Sugere-se que tem atingido pouco os jovens, investe-se pouco como meio de informação num mundo em que esta ganha várias outras dimensões, se espalha e circula por outros meios e campos, mostrando muito mais capacidade no próprio cotidiano dos jovens em momentos de sociabilidade. Neste sentido, sua infra-estrutura tem se mostrado frágil na mediação do mundo do trabalho com a juventude.

Porém, uma reflexão importante é elaborada por Santos (2003, p 337) quando menciona que “[...] falta uma interpretação da vida presente nas rotinas das agências do SINE que contemplem o modo-de-ser-cuidado nas relações estabelecidas pelos funcionários do SINE com os desempregados”. Um olhar que ultrapasse o local como mera passagem burocrática, de preenchimento de cadastro, mas que pode ser visto também com permanências, reconhecimentos, cuidado em relação ao desempregado. Segundo sua argumentação:

[...] Evidentemente que o planejamento, a integração das ações por si não coadunam para a ética do cuidado com os desempregados, mas podem cuidar, a princípio, daqueles que são funcionários da instituição, no diálogo sobre suas práticas, na valorização e reconhecimento de suas ações, quem sabe na transfiguração do olhar para o desempregado para além do emprego, vislumbrando suas interações comunitárias, nos movimentos sociais, nas religiões, potencializando, assim, as formas e os resultados das políticas vinculadas aos Centros Regionais de Desenvolvimento, Trabalho e Renda, bem como a transfiguração das agências do SINE para um lugar também do desempregado (SANTOS, 2003, p. 336-337).

Diante do exposto, e avaliando a seguir mais especificamente sobre a Educação Profissional, não se nega que é indispensável a um bom desempenho profissional, mas o que está em jogo, na realidade, é a necessidade de investir mais e melhor nela, contudo, isto também não significa solucionar o problema do desemprego juvenil. Estes pressupostos argumentativos são discutíveis e são muitas vezes usados por ideólogos em crenças que, conforme Pais (2001, p, 51), retratam “ que a escola não prepara adequadamente os jovens para o mercado de trabalho”. Na verdade, são muitas delas que precisam ser ultrapassadas, mas especialmente aquelas que estabelecem de que só com a Educação Profissional as barreiras de inserção profissional dos jovens estariam solucionadas.

4 A POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: CONCEPÇÕES E DESAFIOS

Algumas inflexões sobre a nova “ordem” ou “(de) sordem” mundial que designa o cenário das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais contemporâneas, pode-se dizer que estão intimamente relacionadas às grandes mudanças que estão sendo desencadeadas no mundo ao longo das últimas décadas, mas estas ganham corpo principalmente nos anos 90. As modificações perfiladas por um conjunto de situações “novas” estariam a exigir “novas ações e políticas” e até mesmo um “novo olhar” sobre o mundo. A internacionalização, mundialização e globalização dos mercados econômicos estão na base do quadro, produzindo diferentes impactos no campo das políticas sociais e públicas. Esta década é marcada por profundas transformações nos processos de produção e reprodução da vida social determinadas pela reestruturação produtiva, em face da acumulação flexível do capital, reforma do Estado e novas maneiras de enfrentamentos da questão econômica, cultural e social.

Neste contexto, a educação tem ocupado um lugar de destaque nos debates, conferindo-a um lugar privilegiado nos processos de reestruturação produtiva, no desenvolvimento econômico e na inserção de grande parte da força de trabalho em uma sociedade permeada pelos códigos da modernidade. Barone (2001, p 7) ressalta que esse processo de valorização da educação vem se mostrando impregnado por uma concepção alicerçada nos pressupostos da economia:

Educar para a competitividade, educar para o mercado, educar para incorporar o Brasil no contexto da globalização. Tal visão restrita acabou por deixar de lado muitos dos valores que anteriormente vinham informando o fazer educacional: educar para a cidadania, educar para a formação política, educar para construir cultura, educar para a vida em geral.

Esse cenário é marcado por novas e maiores exigências no que se refere à “preparação para o trabalho”. Há um consenso de que a solicitação de uma formação geral é demandada dos novos processos produtivos e da base informacional que marca a sociedade contemporânea. Parte significativa dos debates que se realizam entre diferentes segmentos da sociedade civil é, em larga medida, materializada através de diferentes propostas e políticas educacionais governamentais, articuladas em torno dos pressupostos amplamente divulgados pelos organismos internacionais - Banco Mundial/ BIRD, BID, FMI, ONU, UNESCO e, atuando especificamente na América Latina, CEPAL.

No Brasil, em vários momentos diferentes, a formação profissional fez parte da agenda política, mas é somente a partir da última década do século XX que passa a se constituir numa agenda política comum entre diversos atores sociais. Os contornos que começam a ser delineados para a formação profissional brasileira, a partir da década de 90, colocam em foco negociações entre representantes do governo federal, via Ministério da Educação (MEC) e Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), empresários e empregados através das centrais sindicais face ao Plano Nacional de Formação Profissional (PLANFOR)⁹⁵.

Todavia, não se pode negar que são poucos os problemas enfrentados de comunicação entre os que atuam neste campo, a generalização de linguagens, terminologias e expressões contribui para as dificuldades do uso e acepções sobre a formação profissional. Há uma heterogeneidade de orientações teóricas e filosóficas e de instituições que nela intervêm. Tais entraves, para Machado e Fidalgo (2000, p 9), prejudicam “a relação e o diálogo entre os diversos agentes que interagem nesta esfera e dificultam o pleno desenvolvimento das pesquisas e estudos acadêmicos sobre os assuntos de seu interesse”. Fato este que leva a se admitir que o mundo mudou, as tecnologias avançaram, atingindo por completo a área de educação e trabalho. Ainda segundo esses autores, as teorias sociais e educacionais são desafiadas à atualização, aparecendo novos termos e conceitos sem que estejam claros para muitos que atuam neste campo.

Franco (1998, p 103), abordando a mesma problemática diz que depende do ponto de vista dos sujeitos envolvidos, sejam eles empresários, trabalhadores e o Estado. Conforme a autora, os termos formação profissional, educação profissional, qualificação, re-qualificação e capacitação ganham complexidade e novos significados no atual contexto. Neste sentido, problematiza chamando a atenção de que “não há consenso sobre os termos mais adequados, mas há critérios e referências teóricas para sua escolha”. Em seu artigo, resgata a posição de alguns autores que contribuem para revelar algumas representações utilizadas.

A autora cita Machado (1996, p. *idem*,) que se posiciona criticamente em relação a alguns autores que utilizavam o termo qualificação “freqüentemente, ainda dentro de uma visão taylorista-fordista da produção. O que evidencia uma visão reificada e essencialista, que não considera a historicidade dos processos”.

Franco resgata Hirata (1994), que, apoiada em autores como Freyssenet (1992), Zarafian (1992), Coriat (1994) e outros, critica também o “modelo de competência” que teria

⁹⁵ Para maiores informações do PLANFOR, ver o site na internet (<http://www.mtb.gov.br>)

suas bases nas estratégias empresariais, mencionando o fato de que esta noção de qualificação associada a este modelo restringe seu valor, pois deixa de incorporar a subjetividade do trabalhador e a divisão internacional e sexual do trabalho. Esta visão pressupõe valorizar os processos de subjetividade engendrados pelos trabalhadores, principalmente como alternativa, saída, para sua condição de desempregado, conforme argumenta Santos (2003). Na entrevista com o coordenador dos cursos da CUT de 1999 e 2000, sobre os resultados que são possíveis quando se reconhece o resgate da auto-estima, leva a ouvir frases como esta de um aluno “hoje, estou entendendo o que significa se libertar de uma escravidão”. Para o coordenador, um dos elementos mais visíveis deste resgate era quando completavam o curso e podiam ter um certificado. Outro elemento destacado por esse coordenador era o fato de ele se sentir cidadão e participante de um processo. Desta forma, começa a tomar iniciativas para pensar algum tipo de atividade diferente, mesmo quando está desempregado.

Franco (1994, p 104) em seu artigo assinala, ainda, as ponderações de Frigotto (1995) que “encaminha a questão do ponto de vista da relação entre as exigências de novas qualificações e a educação básica”. A autora também ressalta as elaborações de Deluiz (1995), que analisa as implicações para a formação profissional quando no conjunto das qualificações, deixa-se de integrar o mundo do trabalho e o mundo cultural.

Nesta abordagem, apropria-se das considerações elaboradas por Santos (2003) sobre o conceito de “Educação profissional”, quando essa autora considera ser mais abrangente seu significado para refletir os processos de formação:

(enquanto apropriação de habilidades, aprendizagens diversas) e de qualificação (oportunidade de aperfeiçoamento de habilidades, aperfeiçoamento de aprendizagens) dos indivíduos relacionados ao trabalho, seja ele remunerado ou não, na medida em que a maioria dos envolvidos na pesquisa [...] têm poucas perspectivas de inserção no mercado de trabalho, sendo a demanda principal por “Educação”, em seu sentido amplo” (SANTOS, 2003 p. 203)

Por meio da nova LDB (Lei nº 9394/96), aprovada em dezembro de 1996, que se tem como desdobramento a criação de um Sistema Nacional de Educação Tecnológica, gestado pelo MEC no Governo Collor, surgirá, posteriormente, através da ação conjunta do Ministério da Educação (MEC) e Ministério do Trabalho (MTb), a proposta de Educação Profissional, primeiramente exposta no Projeto de Lei nº 1603/96 e, depois, no Decreto nº 2.208/97.

Neste sistema, propõe-se articular as várias iniciativas de educação profissional, definir políticas e normas e delimitar as diversas áreas de atuação dos diferentes órgãos de

modalidades, de forma a compatibilizá-los com os desafios da era tecnológica. Deverá ser formado pela rede de Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) e entidades associadas, universidades e escolas isoladas com ensino de engenharia, escolas agrotécnicas estaduais e técnicas estaduais e municipais, SENAI, SENAC e demais instituições particulares voltadas para o ensino técnico.

Para Moraes (1998), a atual mudança do ensino técnico de nível médio, ocorreu no Governo de Fernando Henrique Cardoso, através do Decreto nº 2.208/97, que propõe a reformulação geral do ensino médio e anuncia como prioridade a melhoria da oferta educacional, sua adequação às novas demandas econômicas e sociais da sociedade globalizada, portadora de novos padrões produtivos de modernidade e competitividade.

Neste sentido, a proposta é de modernizar o ensino profissional brasileiro para acompanhar o avanço tecnológico e atender às demandas do mercado de trabalho, que exige flexibilidade, qualidade e produtividade. Esta concepção se destinará a alunos e egressos do ensino fundamental, médio e superior, bem como ao trabalhador em geral, jovem, adulto, independente de sua escolaridade. Os objetivos do ensino profissional se definem em:

- a) formar técnicos de nível médio e tecnólogos de nível superior para os diferentes setores da economia; b) especializar e aperfeiçoar conhecimentos tecnológicos; c) qualificar, requalificar e treinar jovens e adultos com qualquer nível de escolaridade (MORAES, 1998, p. 108)

No que diz respeito às linhas mestras do Programa de Reforma da Educação Profissional - PROEP, tem-se:

- a) reestruturação da rede federal de Escolas Técnicas, visando sua transformação para atendimento mais amplo e diversificado; b) reordenamento dos Sistemas Estaduais de Educação Profissional, visando à recuperação das escolas profissionalizantes; c) atendimento ao segmento comunitário, assegurando expansão da oferta de matrículas e apoiando sindicatos, associações comunitárias e o setor público municipal na implementação de programas de educação profissional MEC-SEMTEC-MTb-SEFOR (idem).

São várias as medidas organizacionais que instituem a reforma do ensino técnico e da educação profissional. Todavia, em síntese, poder-se-ia dizer que as principais mudanças introduzidas são a nova vinculação entre ensino básico e educação profissional, desvinculação entre educação geral e profissional, certificação de competência, organização preferencial do

ensino técnico em módulos do currículo e ampliação do atendimento da rede tecnológica federal e estadual para além dos níveis médio e pós-médio⁹⁶.

Neste universo de reformas e estrutura para a formação profissional, cabe destacar que a mesma pretende atingir uma multiplicidade de público, diferenciado em termos de idade (adolescentes, jovens e adultos), sexo, escolaridade, formação profissional prévia, interesses, necessidades e expectativas ocupacionais.

Neste sentido, os gestores passam a recorrer a uma série de instituições públicas e privadas, complementarmente à rede pública de ensino, em especial no nível médio, além de sugerir a criação dos Centros de Educação Profissional, que devem ser entendidos como um pólo de cursos, serviços e assessorias à comunidade e ao setor produtivo. No que concerne mais especificamente ao PLANFOR, na condição de programa oficial destinado a viabilizar e implementar a educação profissional, sobretudo para os setores mais empobrecidos da população, não se pode negar que este desencadeou um extenso processo de “formação profissional” em nível nacional, mas ao mesmo tempo excitou um intenso debate sobre ele próprio. O documento da Unitrabalho e da Confederação Nacional dos Metalúrgicos, denominado “Diagnóstico da formação profissional: ramo metalúrgico”, elaborado por vários autores, menciona alguns destes aspectos:

quer no tocante a seus aspectos propriamente econômicos (capacidade para atingir fatias significativas da PEA e para criar condições efetivas de inserção e/ou de permanência do público alvo no mercado, etc), quer nos aspectos sociais (poder de sensibilizar o público-alvo, capacidade de contribuir para a superação de processos de discriminação social/ou contribuição para a permanência de tal circunstância, etc), quer no plano psicológico (criação de expectativas quanto à melhoria de vida e sua satisfação/não satisfação, só um exemplo), quer no plano político-ideológico (atribuição aos trabalhadores, de responsabilidade quanto à inserção no mercado de trabalho, quando esta é determinada principalmente pelas políticas econômicas, governamentais e sociais (1999, p. 74).

Este plano vem sendo desenvolvido pela Secretaria Nacional de Políticas Públicas de Emprego-SPPE e pela ativação do Sistema Nacional de Emprego-SINE, desde 1995, embora sua implementação tenha ocorrido em 1996 através da Resolução nº 126, de 23 de outubro⁹⁷. A rede nacional que constitui o PLANFOR é estruturada nos estados e municípios

⁹⁶ Na crítica à reforma, dois aspectos são fortemente tensionados: a forma pela qual se deu a definição e sua implementação e o outro se refere ao conteúdo. Os trabalhos de Kuenzer (1997) e Ferretti (1997) são boas referências sobre estes aspectos.

⁹⁷ Foi concebido em 1995 e implementado a partir de 1996, como parte do projeto de desenvolvimento social do Governo Fernando Henrique, tendo sido selecionado, desde 1996, como uma das prioridades do Governo Federal, incluído no plano “Brasil em Ação”. A legislação do PLANFOR é instituída através das resoluções do Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador - CODEFAT. As informações sobre as resoluções que regulamentam o PLANFOR, nº 96, de outubro de 1995, nº 126, de outubro de 1996, nº185, de junho de 1998, nº 194

da federação. Essa rede vem se materializando em coordenações estaduais que conduzem programas e atividades de forma integrada nos seguintes campos de ação: seguro-desemprego; intermediação de mão-de-obra; qualificação profissional; geração de informações sobre mercado de trabalho e programas de apoio e geração de emprego e renda.

A implementação do PLANFOR, na perspectiva de participação institucional, depende muitas vezes de como esta política é implantada pelos gestores estaduais e municipais, culminando nos Planos Estaduais de Qualificação - PEQ, sob a responsabilidade das Secretarias de Trabalho - STb, sujeitas à aprovação dos Conselhos Estaduais de Trabalho - CET e negociações com os Conselhos Municipais de Emprego - CME.

A contratação de uma rede de entidades de educação profissional depende também da vontade política dos governos estaduais, não existindo uma fiscalização sistemática quanto ao fomento desta participação por parte do Ministério do Trabalho, pois não existe uma regra específica na contratação dos espaços existentes, mas sim na execução dos cursos em si.

Em cada período de execução dos planos pode estar saindo e entrando novas entidades, contudo, essa rede geralmente se constitui de maneira ampla, formada por universidades federais e privadas, centros tecnológicos, escolas técnicas de nível médio, Sistema S, fundações, associações, sindicatos, organizações não-governamentais, articulações com os movimentos sociais, etc. O PLANFOR de acordo com Santos (2002, p. 6) é uma “política pública de formação profissional de caráter compensatório, com descentralização na forma de planejamento e execução dos cursos”. A centralização está mais direcionada à distribuição dos recursos e do calendários de execução destes.

O financiamento para sua operacionalização se dá com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT)⁹⁸ conforme Lei Federal 7.998 de 1990, tendo como base as instâncias do Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador - CODEFAT e das Comissões Estaduais e Municipais de Emprego. O CODEFAT é o órgão que define a política global a ser implementada, tem a responsabilidade de fomentar, administrar os recursos, traduzir, orientar, assessorar e aprovar os planos para qualificação dos trabalhadores.

O CODEFAT é composto pela representação paritária e tripartite, três representantes do Estado, três representantes dos empresários e três representantes dos

de setembro de 1998, nº 196, de outubro de 1998, nº 2000 abril de 1999, nº 205, de março de 1999, nº 216, de setembro de 1999 e as últimas podem ser vistas com detalhes no site http://www.mtb.gov.br/FAT/Codefat/1995_idx.htm.

⁹⁸ Este fundo vem da arrecadação do PIS/PASEP, do Seguro-Desemprego e abono de 20% do imposto sindical. Portanto, é resultante de descontos do trabalhador.

trabalhadores. A bancada do governo é formada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS) e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). A bancada dos empresários é formada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), Confederação Nacional do Comércio (CNC) e Confederação Nacional das Instituições Financeiras (CNF). A bancada dos trabalhadores compõe-se da Central Única dos Trabalhadores (CUT), da Força Sindical (FS) e da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT).

Santos (2001) destaca que, entre as atribuições do CODEFAT, a principal tarefa é a aprovação do Plano Nacional de Qualificação Profissional, mediante as parcerias e convênios anuais estabelecidos com os 26 estados e o Distrito Federal, que objetiva a execução dos Planos Estaduais de Qualificação Profissional (PEQ). Por meio das Secretarias Estaduais do Trabalho são feitas as contratações das entidades executoras para a realização dos PEQ, que envolvem entidades sindicais, patronais, organizações não-governamentais e instituições assistenciais, já citadas.

Deste modo, a construção de uma nova institucionalidade para a formação profissional no Brasil é apresentada pela Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional - SEFOR “como um processo fundamental para a modernização das relações capital-trabalho e para a adequação desta atividade educativa às novas facetas dos novos mercados de trabalho” (FIDALGO, 1999, p. 132).

A estratégia, segundo a SEFOR, é suprir as lacunas deixadas pela escolarização básica, que passaria pela construção destas parcerias entre diversos interlocutores políticos envolvidos:

O termo “empregabilidade” é utilizado para traduzir o alvo almejado pelas proposições em termos de políticas para a formação profissional, pois este conteria os segredos das capacidades de adaptabilidade e de sobrevivência num mercado de trabalho extremamente mutante, uma conjunção de competências técnico-operacionais com a disposição de aprender a aprender e a empreender (FIDALGO, 1999, p. 133).

Este propósito se configura pela formulação e implementação das políticas para a formação de capacidades de trabalho e pela construção de um mercado da formação profissional subordinado à lógica da concorrência intercapitalista. Neste sentido, o conceito de formação é substituído nos documentos do PLANFOR pelo de educação profissional e pelo binômio que informa esta relação “educação e trabalho”. Isto exemplifica o pressuposto de que o desenvolvimento da educação é que vai possibilitar as condições para a criação de postos de trabalho cada vez mais qualificados.

Não obstante, esta idéia gera um papel redentor e civilizador da educação, na qual esta seria capaz de redimir os desequilíbrios causados pelo baixo nível de qualificação e de escolarização da População Economicamente Ativa (PEA). Porém, esta associação deixa muitas dúvidas, uma vez que os dados sobre a escolarização mostram que o desemprego não pára de crescer mesmo entre os trabalhadores com níveis elevados de escolaridade.

Quanto às entidades que executam os PEQ, pode-se aferir que as Centrais, sindicatos e outras organizações dos trabalhadores, bem como o sistema S (SENAI, SENAC, SENAR, SENAT, SEBRAE, SESI, SESC) perfazem as instituições que mais têm obtido recursos em consonância com o número de treinandos⁹⁹. Nos tópicos seguintes, desenvolvem-se algumas considerações acerca das duas instituições analisadas, SENAI e CUT.¹⁰⁰, num movimento de contraponto em relação às informações obtidas pelos jovens pesquisados e às entrevistas com os coordenadores dos cursos no ano de 1999 e 2000. Primeiramente, assinala-se que há um movimento discursivo destas instituições como parceiros de uma política mais abrangente como o PLANFOR, que perpassa por concepções diferenciadas sobre formação, qualificação e educação profissional.

Todavia, apesar de ponderar-se sobre estes discursos, esta pesquisa não tem como objeto central uma análise comparativa entre os projetos ideológicos, discursos, cursos e políticas destas instituições, isso, por si só, necessitaria de um estudo mais aprofundado centrando o objeto de estudo nos processos avaliativos, o que não é o caso.

A justificativa para tal, está circunscrita nas prerrogativas discursivas teóricas que não demonstraram grandes ambivalências, enquanto estratégias pedagógicas reais mencionadas pelos jovens pesquisados destes espaços formativos. Neste sentido, as especificidades garantem mais a realidade observada, sem a priori diagnosticar semelhanças e diferenças que, muitas vezes, aparecem na teia constitutiva das políticas públicas.

⁹⁹ Conforme tabela apresentada por Fidalgo (1999, p. 164).

¹⁰⁰ Os dois tópicos a seguir foram desenvolvidos a partir de estudos realizados por três autores. Sônia Maria Rummert, através de seu livro "Educação e Identidade dos Trabalhadores: As concepções do capital e do Trabalho" (2000), doutora em Educação pela PUC-Rio, professora da Faculdade de Educação da UFF, membro do Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação e desenvolve pesquisas sobre movimento sindical e educação dos trabalhadores. Fernando Fidalgo, "A formação Profissional Negociada" (1999), é professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, doutor pela PUC- São Paulo, membro do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação da UFMG. Neise Deluiz é professora-adjunta da UFRJ, especialista da Faculdade Latino americana de Ciências Sociais (FLACSO), socióloga e doutora em Educação/ UFRJ, professora da pós-graduação da UNESA - Estácio de Sá. A obra Trabalho e Educação: Centrais Sindicais e Reestruturação Produtiva no Brasil, elaborada em parceria com Donald Bello de Souza e Marco Aurélio Santana (1999), é resultado de uma pesquisa desenvolvida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro entre 1998 e 1999, na qual os autores trazem um apanhado histórico a respeito da reestruturação produtiva e seu impacto sobre as necessidades de formação dos trabalhadores e sinalizam as concepções sobre educação e formação profissional presentes nos discursos das três maiores centrais sindicais do Brasil, CUT, CGT e Força Sindical. Para tanto, os autores analisaram documentos e entrevistaram sindicalistas. Uma das conclusões a que chegaram é que há diferenças consideráveis nas concepções e ações das centrais.

4.1 AS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: CUT E SENAI

Volta-se no tempo no sentido de entender um pouco mais o surgimento das instituições analisadas. Em 1826, aparece a primeira ação concreta na aprendizagem de ofícios, através de um projeto de lei sobre a Instrução Pública no Império do Brasil. Entretanto, é somente a partir da década de 30, com a criação do Ministério de Educação, que há uma maior centralização das decisões e unificação da política educacional, que a “formação profissional” passa a ser organizada e forjada como uma modalidade específica de profissionalização. Este contexto é marcado pelo desenvolvimento e consolidação do capitalismo no Brasil, passando a exigir um avanço das forças produtivas, após a crise do modelo agro-exportador. Com o início do processo de industrialização e urbanização no imediato pós-guerra, os centros urbanos tornam-se palco de diversos movimentos que vão ser porta-vozes do problema do desemprego que começa a surgir na sociedade brasileira. Portanto, estes movimentos passam a requerer das políticas públicas demanda por mais educação, visto que cresce a exigência por mão-de-obra mais especializada.

Conforme Cunha (2000, p. 6), nesta época, passa a fazer parte, como elemento nacional, uma nova “ideologia de valorização do trabalho”, isto é, seria preciso “valorizar a busca da qualificação profissional como algo que dignificasse o trabalhador, como algo dotado de valor próprio”. Por conseguinte, o ensino profissional deveria deixar de ser destinado aos miseráveis, órfãos, abandonados e delinquentes e fazer parte da vida do trabalhador em geral. Essa mudança ideológica era resultante das novas exigências do processo produtivo, este passava a exigir trabalhadores qualificados que não poderiam resultar de “processos aleatórios”, mas deveriam atender aos requisitos do taylorismo.

O autor menciona que esta valorização do ensino profissional não deveria implicar tentativas de eliminação da divisão social e técnica do trabalho no aparato educacional. Observa-se que, mesmo nas tentativas de implementação de práticas vocacionais em todas as escolas primárias, como na reforma Fernando Azevedo, no Distrito Federal (1928-1930), o objetivo era mais pedagógico do que profissional, continuando a existir escolas destinadas à formação das elites (no ensino secundário e no superior) e outras à formação de trabalhadores manuais. Este contexto da política educacional do Estado Novo vai reforçar a dualidade escolar, que se divide entre o ensino secundário, destinado às “elites condutoras”, e os ramos profissionais do ensino médio, às “classes menos favorecidas”.

Após este período, o ensino industrial passa a assumir um papel de destaque na formação de mão-de-obra do país, principalmente a partir de 1942. O ensino profissionalizante acontecia especificamente no nível médio, com cursos de longa duração. Como era urgente a demanda por uma formação mínima do operariado, foram criados paralelamente aos cursos técnicos regulares cursos rápidos e mais práticos de aprendizagem, especialização e aperfeiçoamento, através da Lei Orgânica do Ensino Industrial e da reforma Capanema. Esta lei distinguiu, nitidamente, as escolas de aprendizagem das escolas industriais. Estas eram destinadas aos menores que não trabalhavam e as outras, aos aprendizes que estavam empregados. Em vista disso, o curso de aprendizagem passou a ser entendido como uma parte da formação profissional do curso básico industrial. Neste contexto, foi criado primeiramente o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, em 1942, e mais tarde, em 1946, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial- SENAC para participar diretamente do aperfeiçoamento dos trabalhadores para o mercado de trabalho¹⁰¹.

Por um lado, estas entidades apareceriam como públicas¹⁰², pois foram criadas por decretos-leis, o que é confirmado pelas constituições de 1946, 1967 e 1988, bem como pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 e 1996 e, por outro lado, quando vistas pela ótica do poder institucional e da gestão dos recursos, são inegavelmente instituições privadas. Cunha (2000, p.45) salienta que se “ observa uma participação mínima do Estado no que se refere a estas instituições, são os sindicatos patronais que dirigem a entidade, escolhem seus diretores e determinam a política a ser seguida”. Neste sentido, um debate âncora sobre a educação profissional levado a cabo pelas centrais sindicais é a questão da gestão de todos os recursos de origem pública destinados à atividade¹⁰³.

¹⁰¹ Sobre o contexto e criação do SENAI e SENAC, ver: Machado (1982), Iari de Menezes Vasconcelos (1995), Fidalgo (1999), Cunha (2000) e Santos (2000).

¹⁰² O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial- SENAI foi criado com o objetivo de qualificar trabalhadores para o setor da indústria. Sua administração é feita pela Confederação Nacional das Indústrias - CNI e pelas Federações das Indústrias dos Estados Brasileiros. O financiamento do SENAI resulta da contribuição da folha dos trabalhadores do setor, o percentual é de 1,5 % sobre o valor dos pagamentos efetuados pelas empresas vinculadas à Confederação. Este mantém Escolas e Centros de Formação Profissional, onde busca desenvolver o ensino da prática profissional. Já o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, criado em 1946, pelos Decretos-Lei nº 8.621 e 8.622, com o objetivo de qualificar trabalhadores para o Comércio e Serviços. É administrado pela Confederação Nacional do Comércio e se mantém através de contribuição compulsória de 1,0 % do total da folha de pagamentos efetuados pelas empresas vinculadas a essa Confederação. Essa entidade presta às empresas serviços de assistência técnica, assessorias e consultorias voltadas para o aumento da produtividade, redução de custos, melhoria da gestão empresarial. Busca também ampliar e ajustar esses serviços às mudanças em curso na organização do trabalho. Estas duas instituições fazem parte do “Sistema S”.

¹⁰³ Segundo Fidalgo (1999, p. 141), “ (...) o sistema S financia suas atividades com o montante proveniente de 1% da folha de pagamento recolhido pelas empresas, recurso considerado, pelos trabalhadores, como público. Entretanto, a administração de tais receitas processa-se privadamente e sob o controle de órgãos ligados

Retomando a discussão, é somente em 1961, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, que ocorre, pela primeira vez, uma manifestação em prol da articulação entre os ramos secundário de 2º ciclo e profissional com finalidade de acesso ao ensino superior. Neste caso, os cursos realizados pelo SENAI e SENAC poderiam ser organizados de modo a equivaler aos níveis fundamental (1º grau) e técnico (2º grau). Portanto, é em decorrência do desenvolvimento crescente dos setores secundário e terciário da economia no período analisado, acarretando na diferenciação de vários ramos industriais, que começa a existir, de certo modo, um reconhecimento de outros saberes, não só os de cunho geral, na etapa que se caracteriza como tradicional nova, mas do ponto de vista do princípio educativo. Porém, apesar de esta diferenciação no princípio educativo passar a mesclar um projeto pedagógico humanista clássico, fundamentado no aprendizado das letras, artes e humanidades (via para o ensino superior) junto às alternativas de cursos profissionalizantes, não se observa nenhuma alteração na existência destes dois projetos pedagógicos que continuam a distinguir ou atender às necessidades definidas pela divisão técnica e social do trabalho de formar trabalhadores instrumentais e trabalhadores intelectuais através destes sistemas.

Um olhar mais geral sobre os interesses demandados e observados na literatura a respeito da temática mostra, em síntese, que alguns educadores buscam uma compreensão da educação como elemento constitutivo e constituinte, em sentido amplo, não só como educação escolar, mas como formação humana. Ao longo dos anos, estas preocupações adentraram a pesquisa sobre formação profissional, sinalizando a perspectiva das relações entre sociedade, processo produtivo e educação. Logo, o entendimento do homem em suas relações práticas e sociais¹⁰⁴.

Convém salientar que as pesquisas que relacionam educação e trabalho, no Brasil, surgem na década de 60, através da difusão da Teoria do Capital Humano que deu origem à disciplina Economia da Educação nas faculdades de Educação¹⁰⁵. Os pressupostos desta teoria

exclusivamente às Confederações Empresariais, com mecanismos poucos flexíveis e pouco transparentes de prestação de contas”.

¹⁰⁴ O texto “Qualificação, reestruturação produtiva e formação profissional no Brasil: contribuições da sociologia do trabalho e educação”, de Shiroma & Campos (1997), oferece um bom panorama sobre os principais debates na área educação e trabalho.

¹⁰⁵ Esta disciplina dedicava-se a medir a taxa de retorno do investimento educacional e explicar os diferenciais de renda da população em função da escolaridade dos indivíduos. A sistematização do campo que viria a ser conhecido como a Teoria do Capital Humano ocorreu no Grupo de Estudos do Desenvolvimento, coordenado por Theodore W. Schultz, nos Estados Unidos, na década de 50. De acordo com os princípios dessa teoria, extensamente divulgada, discutida e criticada nos meios acadêmicos, a qualificação é vista como um fator de desenvolvimento econômico, explicando que as diferenças na formação de renda pessoal e da produtividade são fruto do nível de educação adquirida pelo indivíduo. Essa idéia vai respaldar os estudos de economistas que, ao

conduzem, pois, ao princípio genericamente estabelecido entre os formuladores da política educacional de que as decisões em tal campo devem tomar por base o valor econômico da educação e a contribuição dela para o crescimento econômico.

Esse tratamento atribuído especialmente ao sistema educativo, em nome da garantia de sua maior produtividade, justifica a ênfase dada ao planejamento educacional pelos organismos administrativos governamentais. Se o enfoque economicista dado à educação teve na teoria do capital humano seu referencial básico, é no bojo dessa teoria que se encontram os fundamentos da pedagogia tecnicista, a nova vertente teórica que floresceu paralelamente ao seu desenvolvimento. Embora sua tendência já se visualize em meados dos anos 50, sua consolidação se evidencia nos anos 60. Esta, à guisa de obter resultados mais imediatistas, passou a pautar-se por uma pedagogia fundamentada nos princípios da racionalidade e da eficiência que regem a lógica do mercado, dando ao trabalho escolar um caráter acentuadamente tecnicista, que se materializava numa proposta de aprendizagem para saber fazer¹⁰⁶.

Não obstante, A Lei de Diretrizes e Bases do Governo Militar, nº 5692/71, promulgada no âmbito de intensificação das relações entre os interesses capitalistas nacionais e internacionais, marcada por um contexto de aparente demanda por mão-de-obra qualificada para o desenvolvimento econômico que se anunciava como o “tempo do milagre” e o surgimento de empresas de grande e médio porte, com organização taylorista/fordista, produção em massa de produtos homogêneos, etc, propõe substituir a equivalência entre os ramos secundário e propedêutico pela obrigatoriedade da habilitação profissional para todos os que cursassem, o que passou a ser chamado de ensino de 2º grau.

Neste sentido, a educação voltada para o trabalho passa a fazer parte integrante dos currículos, sendo um dos objetivos o de introduzir no ensino secundário um currículo tecnicista¹⁰⁷. Diante desta observação, a velha dualidade, que praticamente não havia sido realmente questionada, voltava a se manifestar. Pode-se notar que mais uma vez o enfoque de uma profissionalização baseada na visão “humanismo e tecnologia” não vingou.

pesquisarem a distribuição de renda no período de 1960-70, no Brasil, acabaram por responsabilizar a educação pelos baixos níveis de produtividade e de renda da população. Segundo Kunzer (1987, p. 38), “os defensores dessa concepção argumentavam que mesmo as escolas acadêmicas deveriam definir seus cursos a partir dos imperativos do mercado”.

¹⁰⁶ Para saber em detalhes sobre a gênese, natureza e pressupostos da “Teoria do Capital Humano”, ver : “A produtividade da escola improdutiva” de Gaudêncio Frigotto, 1984.

¹⁰⁷ Sobre esta concepção e sua crítica, o livro “Documentos de identidade: uma introdução à teorias do currículo”, de Tomaz Tadeu da Silva (1999), é uma boa referência, em especial o capítulo 2, que apresenta um panorama das teorias tradicionais e críticas.

Na década de 70, muitas foram as críticas à concepção da teoria do capital humano formuladas sob a influência da tendência crítico-reprodutivista, principalmente no meio acadêmico, via estudos teóricos marxistas, que tentavam identificar a contribuição da educação para a reprodução do capitalismo. Estes estudos resultaram em uma nova sociologia da educação, influenciada por obras dos reprodutivistas franceses, sobretudo Bourdieu, Althusser, Passeron e Establet. Segundo a literatura, estes contribuíram com a difusão, no Brasil, da idéia de que a escola era um aparelho ideológico do Estado, afirmando, entre outras coisas, que a escola servia apenas aos interesses do capital (SHIROMA & CAMPOS, 1997).

O contexto da década de 80 no Brasil foi caracterizado por muitas mobilizações, sobretudo pelos diversos movimentos sociais que clamavam por conquistas democráticas em várias esferas. As greves dos trabalhadores na área da educação tiveram um papel essencial na luta por direito e cidadania¹⁰⁸. Neste cenário, as idéias difundidas começam a incorporar as bases da pedagogia histórico-crítica, numa perspectiva sócio-política mais ampla de transformação. Para Shiroma & Campos (1997, p. 20), no conjunto das lutas pela efetiva democratização da sociedade brasileira, discutiam-se projetos de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, destacando as concepções de escola unitária pautada nos estudos de Gramsci. A escola defendida por vários pesquisadores no campo da educação se pautavam “por uma proposta de escola orientada por um ensino politécnico que tivesse como finalidade a formação omnilateral do homem [...] deixando a qualificação na penumbra”.

Na realidade, em meados e final dos anos 80, os educadores com fundamentos em Marx estavam empenhados em pesquisar o caráter ontológico do trabalho como atividade teórica e prática, categoria voltada à elaboração do conhecimento como princípio educativo¹⁰⁹.

Shiroma & Campos (1997) explicitam que é nos anos 90 que pode ser identificado um novo debate através da discussão das novas tecnologias que viriam a mudar os enfoques das pesquisas realizadas na área. O propulsor foi o lançamento do “Programa Brasileiro de Produtividade e Qualidade”, no Governo Collor, que começa a apontar para a centralidade da educação como fator decisivo para a competitividade do país.

Chegamos ao terceiro milênio, constatando o fato de que vive-se em um novo momento da história mundial, perpassado por forças hegemônicas que intensificam um

¹⁰⁸ A obra de Sader (1988) mostra uma excelente constituição das lutas neste período. No que diz respeito, mais especificamente, aos movimentos sociais engendrados na área da educação, a obra de Marília Pontes Spósito (1993) assume fundamentos essenciais para a compreensão desta década.

¹⁰⁹ São referências os trabalhos de Franco, M.C (1989); Nosella (1989); Frigotto (1985); Machado (1989); Kuenzer (1984)

perverso processo de reconcentração da riqueza, do conhecimento e do poder. Uma nova forma de sociabilidade moldada pela lógica mercantil é tecida segundo os valores centrais do projeto identificatório neoliberal. Essa ideologia que se expandiu no tecido cultural sustentando as práticas políticas e econômicas marca as transformações que o Brasil viveu nos anos 90, regidas fundamentalmente pelos interesses hegemônicos internacionais, repercutindo significadamente no campo da educação.

Rummert (2000, p 64)), mencionando sobre esta suposta sociabilidade, diz que esse processo pode conduzir à anomia social e que procura responder às características de um “momento marcado por formas transitórias de produção que repercutem, diretamente, na degradação dos direitos sociais e do trabalho, conquistados por meio de amplas negociações e em árduas lutas travadas ao longo do século”. Neste contexto, as demandas relativas à educação convergem para pontos consensuais, principalmente no que se refere a uma formação geral, nas recomendações dos organismos internacionais, na valorização dada à educação pelos meios de comunicação de massa, nas reivindicações de trabalhadores e nas vozes de dirigentes empresariais.

Os fundamentos deste discurso se reportam à idéia de que as novas tecnologias e formas organizacionais requerem mão-de-obra qualificada para que o país possa competir no mercado internacional. O destaque atribuído à educação, envolvendo tanto questões econômicas, sociais e culturais, passa a ser o catalizador essencial para o qual o neoliberalismo retoma os elementos de seu projeto identificatório. Esta centralidade no que tange à educação não se constitui como novidade, ao contrário, ocupou lugar relevante em diversas lutas sociais desde a fundação do Estado moderno. Desta forma, alude-se o fato de que “tal centralidade tem se expressado através de embates de diversas ordens, assumiu, ao longo da história, diferentes configurações, ocupando espaços diversos e tendo pesos diferenciados na permanente luta por hegemonia” (RUMMERT, 2000, p. 66).

Como já foi salientado anteriormente, no caso brasileiro, o período que caracteriza os anos 60 e 70, marcado pela ditadura militar, centraliza a questão da qualidade na educação associando-a à expansão quantitativa do ensino básico, seguindo tendência mundial. Neste sentido, destaca-se especialmente os anos 60 como o período de divulgação da Teoria do Capital Humano¹¹⁰, conduzida por fundamentos desenvolvimentistas e sinalizando a produção intelectual conservadora no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Porém, é

¹¹⁰ A análise crítica da Teoria do Capital Humano é elaborada por Frigotto (1984) e (1995).

nos anos 70 que esta teoria ganha espaço relevante no Brasil, sendo incorporada pelos ideólogos educacionais afinados com o regime militar.

Os anos 90 marcam a ênfase do discurso empresarial sobre a qualidade na educação, privilegiando a aferição de sua efetividade através do rendimento dos estudantes. O desempenho desta efetividade deveria ser medido através de diversos indicadores, em particular avaliações comparativas entre diferentes redes, estabelecimentos, estados e países. Paludo (2001, p. 72), ao analisar a difusão da Teoria do Capital Humano neste final de século sob as transformações mundiais em curso, enfatiza:

terceira revolução industrial, globalização, neoliberalismo, mudanças no papel do Estado nacional, hegemonia do capital especulativo (dinheiro que gera dinheiro pela esperteza) queda do socialismo real, mudanças nos padrões culturais, verifica-se que a Teoria do Capital Humano é reeditada e se apresenta como a Pedagogia da Qualidade Total.

Ainda segundo Paludo (2001, p. 73), como concepção de Educação, a Teoria do Capital Humano “dissemina uma visão economicista transformando-a num bem de produção (capital), apregoando a adequação da Educação às necessidades do mercado de trabalho-formação de recursos; cria uma dicotomia entre Educação e Ensino, reforçando este último, mercantiliza a educação e veicula uma visão utilitarista e pragmática do conhecimento” (p. 73). Embora sejam relevantes os próprios condicionantes históricos, culturais, sociais, políticos e econômicos, o Brasil vai viver este período (década de 90) incorporando a nova conotação de qualidade na educação a partir do discurso apresentado pelos organismos internacionais já citados. Este posicionamento é identificado por Frigotto (1995) como uma reedição da Teoria do Capital Humano, agora apresentada com um “rosto mais social”, em que a educação perfaz a via de superação das desigualdades entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento e entre indivíduos de uma mesma nação.

os conceitos ou categorias pontes são: flexibilidade, participação, trabalho em equipe, competência, competitividade e qualidade total. No plano da formação humana são: pedagogia da qualidade, multi-habilitação, policognição, polivalência e formação abstrata. Nesta perspectiva configura-se uma crescente unanimidade do discurso da “modernidade” em defesa da escola básica de qualidade (FRIGOTTO, 1995, p. 55).

Frigotto parte do pressuposto de que estas novas categorias fundantes do atual discurso educacional, como qualidade total, formação abstrata, polivalente, flexibilidade, participação, autonomia e descentralização, impõem ao sistema educacional uma verdadeira fragmentação. Estas categorias não aparecem por acaso, mas decorrem da própria mudança

que vai sendo estabelecida no desenvolvimento do sistema capitalista, em que a concepção neoliberal, em conjunto com a defesa do fim da sociedade do trabalho, tenta impor ao sistema educacional sua subordinação aos interesses imediatos do capital.

Esse ressurgimento, conforme o autor, que vem acompanhado de todo o substrato que dá sustentação à produção flexível e às recomendações de eficiência e produtividade, estaria ligado à crise pela qual passa o capital na sua versão globalizada.

O autor desenvolve esta crítica no sentido de servir como referência e compreensão de que o ser humano não é a-histórico, não vive descolado de um conjunto maior de determinantes sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais. Desta forma, aposta na fragilidade da Teoria do Capital Humano, que não deve ser buscada exclusivamente nos campos prático e ético, mas deve ser contestada epistemologicamente, pois sua construção se desenvolve dentro de um referencial analítico que não apreende o ser humano e sua história na complexidade de tramas e das relações nas quais está inserido.

A educação é compreendida, segundo a ótica empresarial, como um problema cuja solução tem influências diretas no crescimento e desenvolvimento econômico e social do país. Desta maneira, a concepção de formação profissional está presente nas demandas do empresariado junto ao governo e nas propostas patronais de capacitação para o trabalho, relacionadas à competitividade empresarial e à educação. Este novo padrão de formação profissional se fundamenta na extensão da escolaridade básica da força de trabalho. De acordo com os documentos da CNI analisados por Fidalgo (1999), os empresários advogam a universalização da escola pública com garantia de qualidade de ensino. Este consenso entre os empresários, da necessidade de melhoria da escolarização básica dos trabalhadores, seria o mecanismo que garantiria elementos de competitividade da indústria brasileira..

Deste modo, os empresários sugerem sua participação efetiva na gestão das instituições do sistema educacional. Essa intervenção direta na escolarização aparece nos empresários como pressuposto básico de que a educação hoje e a formação profissional devem desenvolver nos indivíduos a capacidade de empreender, ter desempenho profissional nos processos de trabalho e responder às necessidades de gerenciar suas próprias vidas.

Nestas propostas, expõem que o Sistema S deve constituir-se como parte integrante das políticas educacionais para o país, exercendo um papel ativo na definição de suas diretrizes, servindo como exemplo de readequação aos novos tempos. Todavia, argumentam ainda que é preciso superar a visão de formação profissional como escolha educacional para os setores carentes ou menos escolarizados da sociedade. Para os empresários, é necessário desenvolver um sistema de formação para os que estão incluídos no

mercado de trabalho, já que são estes trabalhadores que garantem o aumento da produtividade das empresas brasileiras.

Este discurso já é evidenciado em 1992, num estudo divulgado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), que analisa a situação atual do país face à globalização. Num dos itens abordados neste documento, destaca-se que a empresa, para ser competitiva, precisaria de um trabalhador que, além de saber fazer, deve saber pensar. Portanto, para alcançar as diretrizes de uma política de modernização competitiva, este trabalhador deve ser portador de um elevado nível de escolaridade.

O teor contido em outro documento, intitulado “Competitividade: propostas dos empresários para a melhoria da qualidade na educação”, de 1996, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), mostra semelhanças entre os diagnósticos e as soluções apresentados para a reforma que propõem para a educação brasileira. Entretanto, a diferença que pode aparecer entre um e outro documento revela o que motiva esta reforma. Enquanto antes relacionavam a educação diretamente às novas necessidades da produção, quatro anos depois, assumem outro discurso, colocando a educação como central para a vida em sociedade, fortalecimento da cidadania, construção da democracia, da geração de bens e serviços, do bem-estar e da realização integral das pessoas. A grande dúvida permanece se houve realmente mudança na concepção ou apenas na estratégia empresarial com relação à educação. Para Rummert (2000, p 71),

O ethos empresarial, no qual a cidadania está inteiramente associada à competitividade, se apresenta, no discurso das forças hegemônicas, como o coroamento da passagem do eixo das relações societárias do nós - fundado em premissas ultrapassadas e equivocadas - para o eu - espelho da modernidade a ser conquistada. Sua difusão objetiva, portanto, corromper as bandeiras integradoras de luta da classe trabalhadora e inculcar a idéia de que cada um pode, e deve se, considerar empresário de si mesmo. Essa perspectiva, embora se apresente como expressão de valorização de cada indivíduo, re-significa o homem sob os parâmetros do consumo, enfocando-o como objeto que se reifica nas relações de mercado. Do mesmo modo, a educação é submetida a esse processo reificador, e é em seu bojo que emerge, nos dias atuais, a discussão sobre a temática da qualidade que lhe deve ser conferida.

Em suma, as diversas fontes consultadas, tanto por Rummert (2000) como por Fidalgo (1999), direcionam para amplas demandas e expectativas do empresário em relação à educação básica e ao trabalhador que vai emergir desse processo educativo. No que se refere aos aspectos cognitivos e de formação de atitudes, os discursos fazem menções, de modo genérico, a competências básicas, à qualificação polivalente, a habilidades básicas, específicas e de gestão, abarcando aspectos distintos e de largo espectro que, na realidade, abrangem, na

maioria das vezes, as mais diversas necessidades imediatas que o empresariado identifica ao se defrontar com os novos desafios tecnológicos. A seguir, são feitas algumas reflexões acerca da educação profissional na ótica dos trabalhadores.

Nas últimas décadas, o movimento sindical brasileiro vem passando por sérias e profundas transformações. Em seu conjunto, a Central Única dos Trabalhadores -CUT, a Central Geral dos Trabalhadores - CGT e a Força Sindical - FS, ao longo dos anos 90, adquirem um papel importante como entidades representativas e reconhecidas na interlocução com seus pares, com o empresariado e com instâncias de Governo do Estado, especialmente face ao PLANFOR. A participação, como interlocutores, ocorre em fóruns e debates sobre os problemas e propostas relativos à educação e à formação profissional do trabalhador.

O surgimento destas centrais sindicais remonta ao período da história do sindicalismo brasileiro denominado, normalmente, como Novo Sindicalismo¹¹¹, que marca uma nova fase da atuação e organização dos trabalhadores. A brecha para novas formas de lutas abrangendo conquistas imediatas, como reposição de perdas salariais acumuladas durante os anos 70 e mais um ampliado leque de demandas como direito de greve, liberdade sindical, filiação a organismos sindicais internacionais, redemocratização do país, se dá após o período de repressão da ditadura militar. Neste contexto, Antunes (1991) expõe que se efetivou um avanço na luta pela autonomia e liberdade dos sindicatos em relação ao Estado, aumento do número de sindicatos, aumento nos níveis de sindicalização, configurando-se um quadro favorável para o novo sindicalismo ao longo destas décadas.

O ano de 1978 marcou decisivamente o movimento quando da ocorrência de grandes greves que, iniciadas no ABC paulista, espalharam-se por todas as regiões envolvendo trabalhadores da indústria, setor agrícola, setor de serviços e os funcionários públicos. Neste sentido, genericamente, pode-se entender um pouco sobre o novo sindicalismo a partir dos pressupostos enfatizados por Rummert (2000, p. 109.):

como marco histórico do início de um processo no qual, ao longo das duas últimas décadas, vem se delineando a construção de novos padrões de relação entre o capital e trabalho, bem como de novos padrões de relações no interior do próprio campo do trabalho, entre as bases e suas lideranças. Esse processo, marcado por acertos e erros, avanços e retrocessos, constrói-se e reconstrói-se cotidianamente, tanto no que concerne à sua própria definição quanto a seu grau de abrangência.

Constata-se, nos anos 80, a expansão significativa do sindicalismo brasileiro em que perfaz a força de mobilização dos trabalhadores num cenário até então favorável da

¹¹¹ Entrar na abordagem sobre as características do “novo sindicalismo” fugiria do escopo desta proposta. A obra de Ricardo Antunes (1991) “O novo Sindicalismo” é uma boa referência para seu entendimento.

conjuntura brasileira, que apresentava baixas taxas de desemprego. De modo geral, a década de 80 representou, para o movimento, uma fase fecunda de ampliação, avanços em diversos aspectos e destaque no cenário político-econômico. Porém, quando se reflete sobre as transformações vivenciadas no sindicalismo dos países centrais em paralelo com aquele praticado no Brasil, existem mediações que, de acordo com Antunes, é necessário fazer. Conforme o autor, o novo sindicalismo viveu, na década de 1980, ora no fluxo, ora no refluxo das tendências de um contexto econômico, social, político e cultural que tem traços universais do capitalismo globalizado e mundializado, ao mesmo tempo, tem singularidades que, uma vez apreendidas, possibilitam resgatar aquilo que é típico desse canto do mundo e, de um modo peculiar, de reter essa particularidade.

Trata-se, portanto, na visão de Antunes, de uma globalidade desigualmente combinada, podendo contabilizar, na década de 80, um saldo bastante positivo a partir dos aspectos já relatados, mas paralelamente a este processo, nas últimas décadas de 80, acentuam-se tendências econômicas, políticas e ideológicas que inserem o novo sindicalismo numa onda regressiva. A automação, a robótica e a microeletrônica, desenvolvidas dentro de um quadro recessivo intensificado, deslançam um processo de desproletarização de importantes contingentes de operários, no qual as propostas de desregulamentação, flexibilização, privatização acelerada e desindustrialização tiveram, no neoliberalismo do projeto Collor, um forte impulso.

Os anos 90 apresentaram características diversas que alteraram significativamente o universo sindical. Nas palavras de Rummert (2000, p 110), diversos fatos mostram sinais de que o recuo das práticas sindicais, na sua marca de enfrentamento direto com o capital, diminuiu. O exemplo mais relevante dado pela autora refere-se “às greves que, na década de 1990, foram, gradativamente, cedendo lugar a intensas negociações, nas quais o diálogo e os argumentos dos sindicalistas passam a constituir as principais formas de relação com o patronato”. Outro fator destacado está associado à atual dificuldade encontrada pelas lideranças sindicais em mobilizar suas bases, a não ser em situações específicas, principalmente quando está em jogo a manutenção dos postos de trabalho. De acordo com Rummert, em outros momentos, o que se verifica é a dificuldade de mobilização, bem como o distanciamento entre a grande maioria dos trabalhadores e os dirigentes de suas entidades representativas.

Não dá para negar que as décadas de 70 e 80, apesar de todas as crises enfrentadas pelo sindicalismo brasileiro, foram muito importantes para sua consolidação no Brasil. Embora tenham se constituído, pela sua organização e pelas greves articuladas nestes anos,

em sujeitos de fundamental importância na cena política do país, as entidades de representação dos trabalhadores vêm sofrendo, acima de tudo, com a gradativa flexibilização das relações de trabalho - que fez precarizar os empregos existentes e aumentar o desemprego -, trazendo, desta forma, incertezas e inseguranças para os assalariados.

Ao final da década de 90 e início do terceiro milênio, pode-se dizer que, mesmo com todas estas dificuldades e, de certo modo, conseguindo manter suas diferenças políticas, o sindicalismo como um todo ainda demonstra capacidade de resistir e buscar novas estratégias para manter sua força de negociação. Esta perspectiva é confirmada por Souza, Santana e Deluiz (1999) no livro “Trabalho e Educação: Centrais Sindicais e Reestruturação Produtiva no Brasil”, em que procuram também identificar as características dessas mudanças e seus desdobramentos. No entanto, percebem-se as diferenças político-ideológicas que vão marcar as trajetórias das correntes sindicais no Brasil, manifestando-se também na década de 90, quando aumentam as discussões sobre as estratégias para enfrentar os desafios da reestruturação produtiva e as mudanças no mundo do trabalho.

Para o Secretário Geral da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, Marco Aurélio Spall Maia¹¹², a década de 90 mudou o quadro anterior. A introdução do suposto projeto neoliberal no país apontando novos elementos estruturais e conjunturais fez com que novas reorientações passassem a fazer parte do movimento sindical diante de um dos dilemas mais intrigantes e desafiadores desta década: o desemprego em massa. Ao levantar o tema do desemprego como central nas suas lutas, o movimento sindical “também aguça o medo, o receio e a dúvida na cabeça dos trabalhadores, ele provoca um reverso na mobilização e desperta um sentimento de impotência, de fragilidade, de incapacidade de apresentar alternativas pelo caminho da luta” (MAIA, 1999, p. 22).

Inerente a esta problemática, observa-se que as três centrais sindicais (CUT, CGT e Força Sindical), frente às dificuldades impostas pela realidade desta década, identificam na questão educacional, com ênfase na Educação Profissional, aspecto de fundamental importância para o cálculo de alternativas de ação. Na verdade, estas centrais sindicais tiveram que se adaptar às novas situações. Nos anos 80, os elementos de enfrentamento giravam em torno dos efeitos das novas tecnologias, e a questão da escola, do sistema educacional e da educação profissional só ganham destaque com a globalização e a abertura da economia. Contudo, embora a questão da educação seja considerada importante pelas entidades sindicais, há diferenças quanto à concepção da educação e do alcance da ação

¹¹² Ver seu artigo “Uma Experiência Inovadora” in: Trabalho, educação e cidadania: reflexões sobre o Programa Integrar - RS. Porto Alegre, 1999.

educativa, que se manifestam através das propostas políticas e das perspectivas de transformação social assumidas por cada central.

Não pretende-se, aprofundar a história de cada uma destas centrais, apenas reportar-se a algumas características, principalmente da CUT, que possam dar suporte à compreensão das propostas educacionais que estas formulam. A origem da CUT tem como paralelo as lutas que emergiram no final da década de 70 dentre as diversas tendências sindicais que objetivavam a criação de uma entidade representativa do conjunto de trabalhadores do país. Porém, as divergências, segundo Rummert (2000), eram profundas, o que impossibilitou que naquele momento, assim como nos anos que seguiram até 1983, se constituísse uma base unitária em prol da constituição de uma central única dos trabalhadores.

É somente em agosto de 1983 que os sindicalistas que integravam o chamado “bloco combativo”, liderados pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, na realização do I Congresso Nacional da Classe Trabalhadora - I Conclat, criaram a Central Única dos Trabalhadores. Este grupo tinha como meta maior promover profundas transformações na estrutura sócio-econômica do país. A perspectiva adotada pela Central de inserção na luta política e na disputa por hegemonia, completou o eixo central em que a CUT construiu suas próprias representações, bem como dos demais setores da sociedade,

que a concebem até hoje, como uma entidade que se caracteriza pela oposição ao modelo capitalista. Em seu primeiro estatuto [...] se definia como uma central unitária, classista, democrática e de massa, empenhada na luta pelas reivindicações de caráter imediato, bem como as de cunho histórico dos trabalhadores. Pretendendo construir uma sociedade democrática e sem exploração, a central assumia como tarefa unificar a classe trabalhadora e recusava a idéia de cooperação entre as classes sociais. Apesar dos estatutos terem sido algumas vezes modificados ao longo do tempo, esses princípios mantêm-se inalterados, em sua essência, ao longo da vida da central. Embora os princípios que regem a atuação da CUT se mantenham fiéis à mesma perspectiva político-ideológica, isso não representa uma unidade de concepções no interior da central. Ao contrário, no campo da CUT há uma variedade de tendências, nem sempre facilmente identificáveis, algumas com contornos indefinidos e instáveis. Essa diversidade muitas vezes se traduz em acirradas disputas internas, que podem redundar em ações até antagônicas às decisões coletivas tomadas a partir de procedimentos formalmente democráticos, como os congressos e as plenárias (RUMMERT, 2002, p. 112-113).

A autora apresenta alguns aspectos destas dificuldades que podem ser traduzidos:

a) no fato de que uma parcela significativa dos sindicalistas tem dificuldade de entender a complexidade da dinâmica que resulta no binômio vontade e realidade, interpretando erroneamente o que assinala “Thompson, de atribuir à classe social que

representa uma consciência e uma concepção de mundo que ela raramente tem” (RUMMERT, idem);

2) em equívocos expressados geralmente nos congressos, na crença de dirigentes, lideranças e delegados de que a aprovação das teses que defendem resultaria necessariamente em sua própria realização, o que, muitas vezes, não corresponde à realidade;

3) no aspecto cultural, marca histórica da cultura brasileira, presente não só na CUT, mas em todo tecido social. Este aspecto reflete na prática da própria central, o conhecimento e a relação pessoal interferem e definem as próprias relações institucionais, em que a confiança e a fidelidade perpassam por mecanismos próprios das relações interpessoais.;

4) Este aspecto está relacionado a problemas práticos do cotidiano no que se refere à administração e ao atendimento de reivindicações ditas convencionais. Isto gera, de certa forma, demandas de caráter imediato, que, freqüentemente, ocorrem de forma desordenada. Esta atitude resulta muitas vezes em ativismo, revertendo num processo “ésteril” e “dispersor de energias” que poderia estar sendo canalizado para o enfrentamento de embates mais significativos.

Em linhas gerais, Rummert anuncia a prática da CUT carregada ainda pelo que se convencionou chamar de “sindicalismo de reação”, no sentido de que suas ações e decisões se originam muito mais no campo do capital ou no âmbito do Estado. Estes elementos, em vez de proporcionar a preterida transformação, aprisionam a central numa agenda de ações definidas por forças sociais a ela externas e antagonicas.

As resoluções formuladas que visam nortear as ações da central são permeadas pelos congressos. No decorrer da década de 80, além do I Conclat/1983, a CUT realizou mais três congressos nacionais, chamados Concuts, 1984, 1986 e 1988. Todavia, a educação apresentada de forma breve e genérica entre teses, resoluções e planos de luta, não deixava de ser sempre enfatizada a importância de sua democratização. De fato, até esta década, não se percebiam sinais significativos da presença das idéias dos organismos de representação dos trabalhadores nas políticas referentes à qualificação ou requalificação profissional. Os anos 90 é que vão inaugurar essa etapa de proposições sobre o tema da formação profissional por parte do movimento sindical.

Não cabe aqui aprofundar as resoluções de todos os congressos realizados, mas anunciar que é a partir do 4º Concut, 1991, que se marca um período de transição para a CUT, no sentido de percepção das transformações significativas que ocorriam tanto no plano nacional como internacional, afetando de modo direto a vida dos trabalhadores. Esta fase reitera um movimento dos líderes sindicais em prol da reflexão sobre novas formas de

atuação, que superassem a fase de reação para uma fase mais propositiva. É com este objetivo que, ainda em novembro deste ano, a CUT realizou o seminário nacional “A educação e os trabalhadores”, no qual os vários temas se tornaram produto da primeira publicação da CUT Nacional sobre Educação, resultando no livro com o mesmo título do seminário.

É na realização do 5º Concut, em maio de 1994, a partir da décima quarta resolução, que a Educação Básica é abordada subsidiando a proposta relativa à formação profissional, que, conforme os documentos da CUT revistos por Rummert (2000, p 118), seu entendimento passa a abordá-la como:

patrimônio social e deve ser colocada sob a responsabilidade do trabalhador e estar integrada ao sistema regular de ensino, na luta mais geral por uma escola pública, gratuita, laica e unitária, em contraposição à histórica dualidade escolar do sistema educacional brasileiro

Na visão da autora, este congresso não mostra avanços em relação ao anterior, em termos da formulação de uma proposta para a educação básica e para o enfrentamento da problemática educacional vivida pelo país, mesmo levando em consideração a referência à escola pública, gratuita, laica e unitária.

No entanto, em março de 1995, no seminário Nacional da CUT em Defesa da Educação¹¹³, foi aprovado o documento intitulado “CUT- Rumo à construção de um projeto educacional para o país”. Este documento revisita temas gerais da educação e destaca o caráter público da educação, acesso e permanência, engajamento em lutas imediatas em defesa da educação, tais como aprovação da LDB que no momento transitava no congresso, melhoria das condições dos trabalhadores junto às empresas e ao governo, envolvimento do movimento sindical com os problemas da parcela da população excluída do mundo do trabalho, participação dos sindicatos nos processos de gestão democrática do ensino e elaboração de um Plano Nacional de Educação.

Pode-se dizer que é no 6º Concut, em agosto de 1997, que aparece pela primeira vez o tema da educação como resolução específica, separada da formação profissional. No entanto, em função das divergências políticas que se apresentaram naquele momento relativas às políticas permanentes da CUT, não houve votação, sendo adiadas e remetidas para a 9ª

¹¹³ Este seminário foi organizado pelas Secretarias Nacionais de Políticas Sociais, de Política Sindical e de Formação e pelo Departamento Nacional de Educação, que teve “como eixos básicos: 1) Análise do projeto educacional do governo; 2) Caráter público da educação: escola e cidadania; a) escola e mundo do trabalho; b) educação, trabalho e politecnia; c) formação profissional; 3) Democratização da educação; a) acesso e permanência; b) financiamento; c) formação do professor; d) condições de trabalho dos trabalhadores em educação; 4) Campanha; eixo, estrutura e calendário” (Rummert, 2000, p. idem).

Plenária Nacional, que foi realizada em agosto de 1999. Nesta plenária, manteve-se a abordagem da Educação separada da Educação Profissional.

Rummert menciona o fato de que esta abordagem significa um avanço em relação às plenárias anteriores, no entanto não é possível negar que o tratamento dado às duas temáticas constitui-se como desiguais. O exemplo revelado pela autora é aquele que contempla a questão da política da CUT sobre formação profissional e sistema público de emprego, aos quais são dedicadas 16 páginas de profunda reflexão e apenas duas páginas dedicadas à educação de forma geral.

Para além das diferenças existentes entre as centrais sindicais, considerando os pressupostos político-ideológicos que sustentam suas visões, estas vão tentar enfrentar o novo contexto dos anos 90, lidando com desafios quantitativos e qualitativamente distintos daqueles que enfrentou ao longo de sua história. Neste sentido, há um consenso entre as três centrais sindicais de que a Educação, quer geral, quer profissional, não deveria ser tarefa exclusiva do Estado ou do patronato, cabendo também uma participação dos trabalhadores. Porém, apesar deste ponto em comum, as mesmas irão se diferenciar no que tange às formas de incorporação e às propostas de ação em torno das questões educacionais.

É possível verificar, segundo Deluiz, Souza e Santana (1999), que uma das grandes distinções formuladas entre as leituras feitas pelas Centrais é o fato de que a CUT concentra sua análise e proposições na lógica do sistema e as outras duas acabam por centrar-se na perspectiva individual. Neste sentido, os autores dizem que ao passo que a CUT procura combater a idéia de uma “adequação” dos trabalhadores às novas exigências do mercado, as duas outras, especialmente a Força Sindical, indicam a necessidade do trabalhador se potencializar no sentido de ocupar seus espaços no novo modelo.

Nota-se “por isso que raramente encontra-se a preocupação com a empregabilidade nos documentos da CUT, e quando ocorre, é em sua forma crítica, à medida que é bem mais freqüente o tratamento da questão nas formulações das duas outras centrais” (DELUIZ, SOUZA E SANTANA, 1999, p.2). A CUT, tendo leituras e propostas mais abrangentes que as outras duas centrais, assume uma perspectiva mais crítica, abordando de forma mais aprofundada o desenvolvimento e os impactos do processo de reestruturação produtiva em curso.

Os autores argumentam que, em termos de alternativas, a CUT, além de ressaltar a importância das negociações nas mais diversas esferas, enfatiza a dimensão organizativa e mobilizatória, instrumentos estes fundamentais e indispensáveis à barganha por parte dos trabalhadores. Em relação ao desemprego, observam-se certas áreas de consenso entre as

centrais sindicais. A CUT e a CGT defendem ampla mobilização contra o desemprego, que consideram um dos frutos mais cruéis de todo o processo. Ao mesmo tempo, fica visível na proposta das três centrais, ainda que diferentemente, a visão de que os trabalhadores podem e devem se utilizar da qualificação profissional para encarar os novos tempos. Desta forma, a educação - geral e específica- passa a desempenhar um papel de destaque na proposição das três Centrais Sindicais.

A CUT propõe que a política de formação profissional deve ter caráter público. Isto significa, em sua visão, a possibilidade de integração efetiva da educação geral com a Educação Profissional. No entanto, para que haja a implementação desta política, é necessária a construção de Centros Públicos de Formação Profissional, estes entendidos “como espaços para a formação de trabalhadores comprometidos com a luta pela transformação da sociedade” (FIDALGO,1999, p. 139).

No que concerne à posição da CUT sobre o desemprego, este deve ser combatido através de seus aspectos estruturais e não por meio de mecanismos ou propostas que reduzam o ensino profissional ao “mero adestramento, treinamento ou à mera garantia de promoção da competitividade dos sistemas produtivos” (DELUIZ, SOUZA e SANTANA, 1999, p. 5). Para a central, isto significa refletir sobre a formação profissional para além de uma preparação técnico-instrumental, buscando integrar nesta dimensão a transmissão de conhecimentos científicos e tecnológicos aos conhecimentos gerais sobre a sociedade e a cultura.

Ainda segundo este pressuposto, o que está delineado é o ensino profissional como patrimônio social, conforme já exposto anteriormente, um saber sobre as realidades social e de trabalho, devendo, por isto, estar sob a responsabilidade dos trabalhadores, integrado ao sistema regular de ensino na luta geral por uma escola pública, gratuita, laica, unitária e de qualidade para toda a população. Esta perspectiva está ancorada no comprometimento político da classe trabalhadora com a luta pela transformação da sociedade. Neste sentido, a educação orientada para o trabalho é vista e definida pela entidade como educação profissional e educação política.

A vertente seguida pela CUT é da concepção politécnica¹¹⁴ de educação. A central afirma que as necessidades sociais por formação profissional exigem a adoção de políticas

¹¹⁴ Segundo Machado (1991, p 54), o senso comum toma o conceito de politecnia de uma forma mais elementar, observando apenas a etimologia do termo poli (múltiplas ou várias) e tecnia, técnicas, concluindo que seria o ensino de várias técnicas, esta seria a noção mais corrente. Todavia, se for vasculhar um pouco mais sobre a noção dentro da própria teoria da educação, pode-se verificar que é um conceito mais amplo. A autora diz que a “palavra tecnia estaria dando a noção de construção. Tecnia vem do grego, significando construção, e poli significando várias. Quando utilizada em termos do ensino politécnico, estaria adjetivando a palavra ensino”. Portanto, seria um ensino que tem por objetivo permitir um processo amplo, de múltiplas construções, ensino

que respondam às demandas gerais dos trabalhadores e por outras formas de profissionalização. A dimensão exposta pela entidade acerca da educação pública e gratuita é caracterizada através da defesa de que o Estado deve assumir diretamente o ensino profissional, contudo, em conjunto com a efetiva participação da sociedade e, especialmente, pelos trabalhadores tanto em relação à definição como em relação à gestão, acompanhamento e avaliação das políticas e dos programas de formação profissional governamentais e/ou privados, estes ministrados pelo Sistema S, instituições como o SENAI e o SENAC.

Observa-se, assim, que as formulações da CUT em relação às outras centrais são mais críticas, propõem uma concepção de Educação mais ampla voltada para a transformação da realidade, articulando trabalho, educação e cidadania. Defendem a educação geral, incluindo a necessidade de conhecimentos científicos e tecnológicos, bem como sociedade e cultura, estabelecendo, desta maneira, um vínculo com a cidadania. Suas proposições estão embasadas na questão da cidadania, mas esta não se limita às condições de trabalho, e sim a um tipo de educação que, ao invés de se basear apenas em respostas técnicas às exigências do mundo do trabalho, venha subsidiar a luta de classes.

Deste modo, ao identificar a necessidade de intensificar a ação sindical no plano institucional com uma maior participação no espaço das políticas públicas, para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores, começa a fazer parte dos diversos fóruns institucionais incorporando questões relativas à educação e formação profissional e praticando uma série de ações conjuntas: seminários, encontros e discussões referentes ao assunto.

A partir de 1996, com os recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT, novas experiências de formação profissional foram desenvolvidas, incorporando novas áreas de formação específica para o trabalho. Estas experiências fazem parte dos projetos desenvolvidos pelo conjunto da Rede Nacional de Formação da CUT, que têm como objetivo garantir a qualidade à atividade formativa e atingir um número relevante de trabalhadores e dirigentes sindicais.

Está organizada nos âmbitos nacional, regional, estadual e micro-regional/local. São 5 (cinco) os projetos desenvolvidos¹¹⁵: a) Terra Solidária, efetuado pelo Fórum Sul (agricultura familiar), Escola Sul e parceria com ONGs, se destina à formação e a capacitação de filhos de agricultores, familiares e assalariados da região Sul, os programas são: ensino

este que permitiria formar o homem em suas múltiplas dimensões, capaz de fazer com que o homem desenvolvesse as suas potencialidades construindo-se suas dimensões intelectual, física, ética, artística, etc. Para Machado, a própria tecnologia teria, neste sentido, que ser vista numa outra dimensão, como estudo das técnicas, estudo teórico e prático, tentando compreender a tecnologia, inclusive como elo entre as ciências naturais e humanas sociais.

¹¹⁵ Informações no site <http://www.cut-sc.org.br/rnf.htm>.

fundamental e médio, alfabetização, gestão social e solidária, pesquisa, formação de formadores, sindicalismo e desenvolvimento, projeto mais direcionado à juventude; b) Recomeçar, desenvolvido pelas CUT da região Sul e Escola Sul em parceria com outras entidades (Unitrabalho, Dieese, Escolas Técnicas Federais).

Estes projetos objetivam formar e capacitar trabalhadores desempregados com ações voltadas para o ensino fundamental e sindical e outras de caráter político-organizativo. Estes dois com financiamento do Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT: c) Integrar, desenvolvido pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNN) e CUT, para a capacitação de trabalhadores metalúrgicos desempregados e criação de novos parâmetros para políticas de combate ao desemprego e à exclusão social e o desenvolvimento de iniciativas alternativas de geração de trabalho e renda; d) Observatório Social é um projeto em parceria com a Unitrabalho, o CEDEC, o Dieese e a Escola Sul, onde funciona sua sede. É uma iniciativa sindical e social pela globalização de direitos como condição essencial para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, e o quinto projeto chama-se Integração, executado pela CUT com a finalidade de desenvolver um processo de qualificação profissional e, ao mesmo tempo, possibilitar a contratação coletiva e políticas de educação, gestão e outras. Na próxima seção deste capítulo, apresenta-se os resultados da pesquisa com os jovens e os coordenadores das instituições, CUT e SENAI, mais especificamente sobre a Educação Profissional.

4.2 RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Para maiores informações do processo engendrado pela CUT nos anos de 1999 e 2000, ano de referência dos cursos realizados pelos jovens pesquisados, entrevistou-se Derci Pascoaloto, 59 anos, diretor de Formação da Escola Sul da CUT, que desenvolvia na época atividades de coordenador da equipe formadores da Escola Sul da CUT. Sua vinda para Florianópolis ocorreu com a criação da Escola de Formação Sindical em 89, num projeto que envolvia os três estados, Santa Catarina, Rio grande do Sul e Paraná, com sede em Florianópolis. Atualmente ocupa cargo de comissão na Assembléia Legislativa, assumindo, depois da eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a assessoria política da presidência da casa, agora petista.

No SENAI de Santa Catarina, entrevistou-se o diretor de educação e tecnologia, Paulo Reck ,47 anos, que coordenava os cursos conveniados com o PLANFOR nesta época, a atividade de formação profissional fazia parte de sua diretoria. Como diretor, se ocupava dos

curso de nível básico, nível técnico e tecnológico superior em todo o Estado, constituindo 27 unidades da instituição, exercendo esta função durante 4 anos, 1998 a 2001. Atualmente trabalha na área de educação no SENAI em Brasília. Sua profissão é professor, formado em eletromecânica, administração e tem duas pós-graduações em Administração e Turismo e no momento está realizando Doutorado em Ciências Empresariais na Universidade de Buenos Aires.

Na investigação com os jovens egressos, mais especificamente sobre a Educação Profissional, faz-se um contraponto com as entrevistas realizadas com os dois coordenadores das instituições analisadas, objetivando maiores esclarecimentos e aprofundamento de questões sobre o assunto.

Quanto aos principais motivos que levaram os jovens a frequentar os cursos de Educação Profissional no SENAI e CUT, a distribuição por ordem de preferência (8) apresenta os seguintes percentuais: 19,9%, para conseguir um emprego ou melhorar o atual; 18,7%, aprendizado e experiência profissional; 17,5%, para se qualificar e se atualizar; 15,8%, elevação de escolaridade, gratuidade, horário dos cursos e localização próxima ao trabalho ou moradia, respectivamente; 5,8%, ocupar o tempo, 4,1%; confecção própria e comercialização. Apenas 2,3%; responderam as amigadas, perfazendo um índice pouco expressivo¹¹⁶.

Uma consideração importante deve ser feita em relação à gratuidade dos cursos, alguns jovens pesquisados mencionaram um fato um tanto que inusitado, no início os supletivos eram gratuitos, todavia, depois de uns seis meses ou mais, começaram a cobrar uma taxa, basicamente de R\$ 30,00 ou R\$ 40,00. Em busca de informações do ocorrido, pois os recursos para os cursos são advindos do FAT, freqüentemente gratuitos, este fato gerou muitas expectativas nos alunos da continuidade ou não dos cursos. Um jovem inclusive mencionou que quando vinha algum técnico do SINE supervisionar eram dados os passes para o transporte, depois as respostas eram que não tinha mais passe porque o SINE não estava repassando.

As informações obtidas através dos técnicos do SINE, foram que o gerente, aleatoriamente, cortou os convênios que vinham sendo realizados com algumas executoras entre elas SENAI e CUT, especialmente os recursos vindos para os supletivos, que eram cursos muito longos. Neste sentido, o mais grave desse acontecimento, conforme os jovens egressos, é que alguns tiveram que desistir porque não tinham recursos para continuar e os

¹¹⁶ Ver Anexo C, tabela 48

que desejam sua continuidade tiveram que pagar. O coordenador do SENAI da época diz desconhecer este fato. Todos os cursos realizados com parceria do SINE e PLANFOR eram totalmente gratuitos.

Se foi cobrado, foi depois dessa parceria, porque os cursos continuam sendo oferecidos e hoje o SENAI cobra os cursos de qualificação, mas enquanto feito com convênios, eram 100% gratuitos. Se os alunos falaram que foi cobrado, tinha alguma irregularidade que eu desconheço, mas não por parte do SENAI. Pode ser, que seis meses está dentro da parceria, mas se ele não conclui, então ele vai continuar e, se nesse período não estiver coberto pelo convênio ele vai ter que pagar para concluir. Quanto ao transporte e alimentação, era feito um contrato entre SENAI e a Secretaria da Família. Tinha uma cláusula que previa que quem morasse tantos quilômetros da escola receberia o passe, mas isso no primeiro momento, depois foi excluído, porque estava onerando muito e tinha aluno que vinha de carro e se achava no direito de receber passe. Então teve uma série de casos, até uma época que o convênio não previu mais este fornecimento. Em relação aos lanches, não tinha, eram só para os cursos da Epagri que os alunos ficavam oito horas. Agora nesses nossos cursos, que eram os supletivos e todos os outros de qualificação, não, pois eram só de três ou quatro horas (PAULO RECK, SENAI)

O coordenador da CUT argumenta que as “políticas públicas de educação, que atendem jovens e adultos, deveriam ter propósitos diferentes dos atuais, o ensino supletivo” segundo sua opinião “não atende a maioria”, é uma proposta que de acordo com ele, não serve, “além dos custos, deve-se ter outras alternativas”. Mesmo perfazendo 720 horas observa que são curtos em relação ao ensino fundamental todo, levando-se em consideração as exigências que se têm hoje, de “se trabalhar outras dimensões , informática, questão cultural, etc, ficava-se muito no desafio e, para muitas pessoas, era uma dificuldade muito grande dar determinados conteúdos num espaço tão curto de tempo”. Ele pondera ainda que os cursos exigiam uma dedicação muito grande para as pessoas acompanharem.

Os recursos conforme o coordenador da CUT, chegavam em Santa Catarina através de dois caminhos. Um era o convênio do Ministério do Trabalho com a CUT nacional, redistribuídos para as várias regiões do Brasil. Uma parcela deles era destinada para a execução dos projetos Terra Solidária e Recomeçar. Sobre estes recursos, existia um grau de governabilidade maior, o problema é que esses recursos são anuais, não havia condições de estabelecer com o ministério um projeto para dois anos ou mais, além de serem anuais, a liberação nunca acontecia antes de maio ou junho, eram aprovados em janeiro ou fevereiro, mas só liberados nestes outros meses, isto significava um grande atraso, encurtava o tempo de execução do projeto, dificuldade concreta para a continuidade dos cursos.

O segundo caminho era através da Secretaria da Família, que também eram recursos do FAT, só que eram distribuídos pelo governo estadual. Esse processo era idêntico. Apresentavam-se os projetos para serem aprovados e liberados. Os recursos via Estado atrasavam ainda mais que o Federal. Era difícil receber antes de junho, julho ou agosto. A segunda questão analisada pelo coordenador passa pela concepção da qualificação profissional:

Toda a concepção do Ministério do Trabalho, SINE e Secretaria era montada em cima de cursos rápidos ou então de treinamentos. A palavra exata é treinamento, de 15 dias, um mês no máximo. Todos os projetos da CUT, aliás, com a força sindical já se enquadrava nesse critério de treinamento e não de cursos de qualificação. Nós perdíamos força na hora de discutir a nossa proposta com o Ministério do Trabalho porque uma das nossas centrais defendia a mesma concepção do SINE, etc. A concepção da CUT era para cursos mais longos com um processo onde se trabalhava pelo menos três questões: ensino fundamental (escolarização); qualificação profissional e integração com a sociedade. Era uma discussão entre os educadores e as instituições que colocava o desenvolvimento destes alunos com a comunidade [...] até o ano 2000, nós, da CUT, não tivemos essa prática de cobrar, inclusive porque isso é proibido. Se ocorreu, foi depois desse ano, eu não tenho prática de trabalhar os custos desta forma. O que nós propusemos foi de que o transporte e o lanche fossem negociados com as prefeituras. É possível que isso não tenha sido negociado e então alguém teve que pagar para ter continuidade. Uma das questões era que o próprio conselho tinha uma política de, gradativamente, ter uma redução de recursos destinados à qualificação para depois destinar estes recursos para geração de emprego e renda, mas este é um aspecto que não atingia fortemente o projeto (DERCI PASCOALOTO, CUT)

Diante destes depoimentos, fica claro que há todo um tensionamento em termos de recursos e concepções da educação profissional no PLANFOR. Os supletivos são programas de longa duração que prevêem elevação de escolaridade, sendo de alto custo, sugerem não ser bem vistos por alguns dos parceiros.

Referindo-se especificamente ao curso que os jovens freqüentaram no SENAI e CUT, se este contribuiu para conseguir emprego, 57,6% mencionaram que não e 42,4% responderam afirmativamente. Uma segunda questão com relação aos efeitos que o curso teve na sua vida profissional, a indicação de maior preferência (6) foi localizada nas respostas que perfazem os seguintes índices: 23,3% adquiriram mais experiência e aprendizado; 20,9%, melhoraram profissionalmente; 17,8%, adquiriram mais conhecimentos; 16,3%, não melhoraram profissionalmente; 10,1%, se sentiram valorizados e auto-estima; 7,8%, melhoraram pessoalmente e outros efeitos, 3,9%. No que se refere mais especificamente sobre

o conteúdo do curso na opinião dos jovens pesquisados, 43,1% responderam que foi bom, 37,9%, que foi ótimo e 19,0%, que foi regular¹¹⁷.

Segundo os depoimentos dos coordenadores do SENAI e da CUT, os motivos que levaram estes jovens a procurar os cursos na instituição através do PLANFOR, sugerem ser, principalmente, a elevação da escolaridade nos supletivos, os mais procurados pelos jovens mais pobres:

Se está desempregado, é para conseguir emprego, e se está empregado, para conseguir uma ascensão no próprio emprego. Tem muito jovem que fez o supletivo e hoje está fazendo a faculdade e evoluindo. É um dos programas que é de longa duração, não bem visto pelo SINE porque não dá números imediatos, mas para as pessoas que participaram, a realização, a ascensão social, a mudança é muito mais palpável do que um curso de eletricista, etc. Eu acho que os cursos supletivos acabam gerando uma expectativa, a própria instituição, o próprio Ministério do Trabalho gera essa expectativa no jovem, no aluno, na população carente, que depois não dá conta. Quanto mais se investe, o retorno em relação aos outros cursos seria maior, pois se teria uma escolaridade mais adequada ao mundo de hoje, e aí sim faria um curso profissionalizante já com outra visão, mais fácil, com menos evasão, com mais objetividade [...] ao mesmo tempo que ele termina o fundamental, faz o médio, depois uma faculdade ou vai fazer outros cursos de formação profissional, vai conseguir ler bem os manuais, entender melhor, acompanhar todo o processo de formação. Por exemplo, lá no supletivo, ele pode ter uma disciplina de inglês que depois num curso de qualificação ele pode precisar. (PAULO RECK, SENAI)

Acho que é escolarização para terminar o ensino fundamental e ao mesmo tempo ter um curso de qualificação. A elevação de escolaridade para os mais pobres é um motivo para poderem buscar uma ocupação, um emprego, etc, mas têm muitos jovens que vêm para estes cursos pensando em continuidade. Nós recebemos solicitações muito fortes para que continuássemos no ensino médio. Nós tivemos uma experiência interessantíssima aqui em Florianópolis, de uma turma de 30 que concluíram o ensino fundamental conosco, eles se organizaram e foram para um cursinho (Energia), discutiram e conseguiram um desconto de 50%. O que eu queria ressaltar é que o ensino fundamental para eles é um meio de conseguir um emprego, mas também para poder dar continuidade, porque aspiram uma faculdade (DERCY PASCOALOTO, CUT).

No que diz respeito às pesquisas com egressos através das executoras, 94,8% dos jovens entrevistados responderam que nunca foram procurados pelas instituições após os cursos para informações mais detalhadas¹¹⁸. O coordenador do SENAI justifica dizendo que fazem regularmente contato com os egressos dos cursos de aprendizagem, cursos técnicos, mas nos cursos de qualificação é raro, segundo ele, não fazia parte do contrato com o SINE

¹¹⁷ Ver Anexo C, tabelas de nº 49, 50, 51.

fazer pesquisas com egressos. Já o coordenador da CUT dá um exemplo em que a Escola Sul fez um acompanhamento nos cursos de turismo e hotelaria:

Tinham cursos de um mês inteiro e cursos de 15 ou 20 dias, e estávamos também introduzindo, com apoio dos recursos do FAT, o curso pós médio de tecnólogos que era um curso de formação em turismo e hotelaria. Esses alunos, por parte da Escola Sul, tiveram acompanhamento e, inclusive nós fizemos várias atividades e surgiram algumas iniciativas a partir deste acompanhamento, como por exemplo, o surgimento de uma cooperativa de mão-de-obra na área de turismo e uma outra iniciativa mais cultural. E também no sentido de ter um cadastro permanente para que, no momento em que houvesse necessidade de um trabalho feito junto com a rede hoteleira, nós passávamos muita mão-de-obra. Isso funcionou com os alunos para conseguirem uma oportunidade, o que não aconteceu com os outros projetos. (DERCI PASCOALOTO, CUT)

Com relação à questão o que mais gostou no curso que frequentou, as respostas de maior preferência (6) perfazem os seguintes percentuais: 29,4%, professor; 22,5%, currículo e metodologia; 17,5%, material e infra-estrutura; 14,4%, colegas/amigos; 5,6%, gratuidade do curso/transportes e lanches, com este mesmo índice outros; 5,0%, horário e localização. Em relação ao que menos gostou no curso as respostas se apresentaram: 29,5%, material e infra-estrutura; 19,2%, horário e localização; 14,1%, currículo e metodologia; 11,5%, gratuidade, que aqui se refere ao já mencionado problema observado pelos jovens, no início os cursos eram gratuitos e depois começaram a ser cobrados, também sobre os passes e lanches, com este mesmo percentual; 11,5%, professor; 10,3% outros; e 3,8%, colegas/amigos.

Estas duas perguntas mostraram algumas contradições, para respostas mais precisas, foi possível fazer um cruzamento o qual se obteve confirmações dos percentuais mais significativos indicados nas respostas anteriores.¹¹⁹ Buscou-se conversar com os coordenadores das executoras sobre as respostas dos jovens. O coordenador do SENAI reflete que estes percentuais dizem mais respeito aos cursos supletivos que não são realizados na estrutura da instituição e sim nas comunidades (escolas públicas, algumas precárias, salão paroquial, centro comunitário, etc). Em relação ao material institucional, concorda que algumas vezes poderiam ser melhorados. Todavia, o coordenador da CUT acha que a crítica dos alunos procede. Primeiro, porque, segundo ele, os recursos do FAT não prevêm recursos para infra-estrutura, mas, na realidade, existe uma contrapartida que deveria ser dada pelo

¹¹⁸ Ver tabela de nº 52, Anexo C.

¹¹⁹ Verificar Anexo C, tabelas de nº 53, 54 e 55.

sindicato das federações ou por quem criou o projeto, desta forma, às vezes, não priorizava esta questão:

Então uma sala qualquer serve, uma mesa inadequada serve e por aí afora. Esse é um dos problemas que nós enfrentamos e nós não conseguimos dar uma solução adequada. Isso remete a duas outras questões: primeiro que não se pode pensar num programa de qualificação profissional com estas dimensões se você não pensar no conjunto das necessidades para planejar um curso. Um curso não é só pagar o professor, dar lanche, tem que ver a sala, transporte, etc. Não tínhamos recursos para comprar material, tinha que pedir emprestado televisão, vídeo, etc. Isso era mais nos supletivos. O segundo é que as próprias executoras, e não estamos excluindo a CUT dessa responsabilidade, ou não tinham como investir, ou às vezes não queriam investir porque a prioridade não era numa sala de aula e sim em outros setores. Um pouco dessa mentalidade de “o que a gente oferece de graça ninguém pode reclamar” (DERCI PASCOALOTO, CUT).

Diante do exposto, foi verificado com os jovens pesquisados o que eles mudariam nos cursos caso pudessem, salienta-se a indicação nas respostas anteriores com percentuais significativos de 29,1% para infra-estrutura e material; 22,4%, currículo e metodologia, aparecendo desta vez uma outra variável com índice de 12,7%, que aumentariam a carga horária dos cursos¹²⁰. Essa resposta foi mencionada obviamente pelos jovens que freqüentaram os cursos mais rápidos ou mais curtos, pois, segundo eles, estes não ajudaram a conseguir emprego, nem qualificar. O coordenador do SENAI está de pleno acordo que teria que aumentar a duração dos cursos, mas é contra cursos muito longos na área de Educação Profissional, registra em seu depoimento a sua própria experiência:

O curso que eu fiz profissionalizante levou dois anos e hoje se faz o mesmo curso e em um ano e com qualidade melhor do que aquele que eu freqüentei. Depende da ocupação, não é a duração que vai definir a qualidade do curso. Se o curso vai ter 60 horas, tem que ver a finalidade dele, o objetivo. Se tem 200, 600 horas vai depender do objetivo e da qualificação que está se dando, não se pode generalizar [...] hoje, se usa a carga horária como um fator de avaliação, o que eu acho errado, eu acho que tem que observar o que está sendo oferecido. Não adianta ter um curso de 60 horas se não tiver laboratórios adequados, porque aquelas 60 horas eu poderia fazer em 20 horas se eu tivesse todos os equipamentos, assim estaria qualificando, mas sem isso vou sair com deficiências (PAULO RECK, SENAI)

¹²⁰ Observar tabela de nº 56 no Anexo C.

Ainda sobre a carga horária dos cursos, o problema já aparece inicialmente nos cursos ofertados, as pessoas interessadas ficam sabendo quando os mesmos já estão estruturados, formatados, materializados. A estrutura envolvida não permite conforme o coordenador do SENAI, condições para adequar as necessidades:

Se fosse fazer a primeira turma conforme nós programamos e as próximas adequar às necessidades em função daquilo que as pessoas manifestaram, aí sim, mas não é assim. São X pacotes e terminou! O curso supletivo que tem essa oportunidade é criticado, imagina se o de qualificação fosse também pensado a partir de uma abordagem mais integral. Eles são totalmente diferentes na própria origem. Não dá para associar uma coisa com os egressos. São diferentes, objetivos diferentes. O ensino regular completa os nossos e os nossos complementam o regular. Se fosse diferente, por que estaria no Ministério do Trabalho e não no Ministério da Educação? (PAULO RECK, SENAI)

Com relação à metodologia e currículo, alguns jovens mencionaram que nos supletivos (elevação da escolaridade) colocava-se o aluno já alfabetizado com aquele que ainda não estava, reclamaram que isto atrasava a aprendizagem e as aulas se tornavam repetitivas, tediosas, pois tinham que esperar pelos outros, um jovem diz que “técnicas utilizadas com massinhas não era para eles e sim para crianças”. O coordenador do SENAI explicita que isso era um problema de composição das turmas:

Na seleção, abria vagas para tal módulo (matemática) [...] então tem aquele que sabe alguma coisa e aquele que não sabe nada. Têm X vagas, 20 ou 40 vagas de matemática, completa os 40. Não dá para separar, senão você teria que ir segmentando, você teria que fazer duas turmas de matemática, uma para iniciantes e tem 30 que já viram um pouco. Eu sei, é um problema para aqueles que estão adiantados e têm que ficar esperando (PAULO RECK, SENAI)

Na entrevista com o coordenador da CUT, esse problema inicialmente não era observado, porém depois houve uma certa preocupação:

No início passou despercebido. Nós tínhamos nas turmas pessoas de fato com um grau de alfabetização maior, pessoas que tinham feito uma ou duas séries na escola tradicional, etc, e tínhamos pessoas que não sabiam ler nem escrever. Então a partir do segundo ou terceiro ano, o teste de seleção tinha esse sentido, nivelar o conhecimento da turma. Se houvesse pessoas que não sabiam ler, nem escrever, não participariam destes cursos. Foi assim que nós tentamos, inclusive aqui em Florianópolis o curso de alfabetização era uma nova forma, um tipo novo de frente que nós estávamos abrindo para dar condição a quem não fosse alfabetizado ou tivesse tido uma

alfabetização precária, dando primeiro condições para dominar a escrita e a leitura para depois participar dos cursos (DERCÍ PASCOALOTO, CUT).

Os jovens foram abordados sobre se o curso que participaram se parece com a escola regular, os índices mais representativos são: 17,5%, o curso de Educação Profissional na opinião dos jovens, é mais livre, as regras são mais frouxas e o horário mais flexível; com 12,4%, conteúdo e metodologia são iguais; 10,3%, curso é mais específico/técnico; 9,3%, na escola regular o conteúdo é mais abrangente/forte, com o mesmo percentual aparece conteúdo e metodologia são diferentes; 7,2%, rotina/rituais iguais, com o mesmo percentual o curso de educação profissional tem apenas um professor, mas é mais qualificado; 4,1%, professores e colegas iguais, curso é mais rápido, curso explora iniciativa, respectivamente, e 11,3%, outros¹²¹.

Estes percentuais mostram algumas diferenças em termos de ensino, mas também uma complementação entre um e outro, isto não quer dizer que o curso substitui a escola regular em sua formação continuada e em suas diversas modalidades. A educação profissional pura, sem uma escolaridade, sem uma formação básica desarticula uma política integrada de educação. O ensino regular e a Educação Profissional devem estabelecer agregações ?

De acordo com documento do Seminário Nacional de Educação Profissional: concepções, experiências, problemas e propostas (2003, p. 14), “a antinomia entre formação geral e formação técnica, impediu a construção de uma educação politécnica ampla e afim com as propostas de uma cidadania ativa e crítica”. O mesmo documento reafirma que se estabeleceu um sentido positivo à educação profissional, da mesma maneira atribuído à educação escolar. Isto significou uma redução na compreensão da educação como um bem que leva não apenas ao domínio instrumental das técnicas, mas ao seu entendimento no conjunto de outros conhecimentos, garantindo a leitura do mundo do qual os seres humanos fazem parte. Neste sentido, discurso e política provocaram uma redefinição polêmica das atribuições da educação escolar. Na opinião do coordenador dos cursos da CUT em 1999 e 2000, a escola regular hoje não atende às necessidades que esses jovens e adultos têm por vários aspectos:

Primeiro porque eu acho que ela segue uma linha pedagógica fora do contexto desse jovem, tem períodos muito longos, não leva em conta o saber acumulado dessas pessoas, não consegue fazer a reflexão da realidade que esse ser humano vive, além de não atender às necessidades do ponto de vista

¹²¹ Observar, no Anexo C, tabela de nº 57

tempo e recursos, do ponto de vista pedagógico e também do ponto de vista das várias dimensões que se deve colocar. É uma escola que se restringe ao saber fragmentado e não ao saber mais global, mais completo. Os cursos levam em conta principalmente isso, eles fazem a ligação entre o que ele acumulou, por experiência, pela vida, pelo saber também acumulado da academia, dos intelectuais etc, segundo, coloca o indivíduo em contato com outras realidades, o que a escola regular não consegue fazer. Atividades como o trabalho, a cultura, a questão afetiva, a questão da religiosidade, da convivência social, etc. Estes cursos também valorizam o ser muito mais pelo que ele é, muito mais do que ele pode traduzir numa prova, num trabalho escrito, etc, leva-se em conta muito mais a postura e aquilo que ele consegue refletir do que a forma que ele consegue se expressar através de uma prova ou coisa parecida (DERCI PASCOALOTO, CUT).

O fato de os cursos se diferenciarem da escola regular atinge outros objetivos que, segundo o coordenador da CUT, estavam presentes na valorização do conhecimento adquirido pelo jovem e adulto como ponto de partida para todos os trabalhos engendrados pela Escola Sul. A ênfase não era colocada nos conteúdos, mas como estes poderiam servir para a prática daquele aluno. Para ele, “não interessa muito se o aluno sabe dizer a palavra certa ou escrever certo, mas se o que você diz ou escreve vai servir para alcançar os objetivos”. Num mesmo aporte reflexivo, a finalidade era inserir esses jovens e adultos no contexto real. Este ponto de vista, conforme ele, aponta trabalhar todas as dimensões. Um outro elemento salientado, era mostrar para aquele aluno o potencial que ele tem dentro de si para superar uma série de dificuldades e obstáculos:

Dizer você é um ser humano que tem condições, se você tiver os elementos necessários pode superar determinadas questões que hoje o impedem de fazer coisas. Um último elemento seria tentar restituir uma certa dignidade para esse indivíduo que está desempregado, etc, mostrando a ele que, na medida em que ele conseguisse fazer qualquer outra coisa que lhe favorecesse condições de vida, ele passaria a se ver digno no contexto da sociedade (DERCI PASCOALOTO, CUT)

Uma das diferenças apontadas por alguns jovens pesquisados sobre os cursos e a escola regular era que na escola têm vários professores, um para cada disciplina, mas nos cursos tinha um professor apenas para todas elas, isso os confundia muitas vezes. Segundo o coordenador da CUT, fazia parte da proposta pedagógica, mas assume que essa tinha limites e problemas, mas se tivesse tido continuidade, ele diz que teria apontado uma série de avanços do ponto de vista pedagógico para jovens e adultos. Em seu depoimento tenta esclarecer que seria uma concepção diferenciada de educação que pressupõe uma educação pensada para a omnilateralidade:

Não estou falando da educação para a criança na escola, que é outra coisa, mas no aspecto de uma educação para jovens e adultos, acho que nós conseguimos elencar uma série de elementos que se fossem levados adiante, ou pelo Ministério do Trabalho (PLANFOR) ou por algumas universidades, nós teríamos produzido aí uma nova concepção de educação de jovens e adultos, onde o importante não era só saber o produzido pela academia e pelos intelectuais, e sim a valorização do conhecimento produzido e adquirido a partir da experiência de cada um. Essa é uma experiência que eu acho que se perdeu porque a CUT também não deu continuidade. Esses projetos hoje estão praticamente falidos e a própria CUT tem responsabilidade. A CUT não soube levar adiante e abrir isso com a sociedade, com as academias e com o próprio Ministério. Nós fizemos uma ótima discussão com o CEFET de Pelotas e com as escolas agrotécnicas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul que também entraram no processo de certificação. Então já havia todo um processo que nós começamos a apresentar de propostas alternativas, inclusive para instituições tradicionais de esquema regular de ensino, e que eram aceitas e passaram a ser temas de discussões, estudos e aprofundamento nas instituições de ensino. Esse é outro aspecto que nos dava satisfação poder continuar e se engajar com o projeto. Outro elemento que fez parte dessa trajetória toda é o resgate de outros elementos, que normalmente a educação não trabalha, que é a questão do lazer, da cultura, das outras dimensões pessoais, enfim, da própria afetividade, do ser humano integral. (DERCI PASCOALOTO, CUT)

Quanto à questão quais outros temas que os jovens gostariam que os cursos tratassem, os maiores percentuais estão para: 14,5%, drogas/violência e educação sexual, respectivamente; 10,3%, música; 8,3%, artes/teatro/pintura/dança; 7,6%, ecologia; 6,9%, política e mercado de trabalho, respectivamente; 6,2%, relações interpessoais e humanas; 4,1%, informática e tecnologia; 2,8%, esportes; e 17,9%; outros (temáticas variadas), que compõem um leque sobre experiências de vida, cidadania e trânsito, preparação para concursos públicos, conhecimentos sobre o mundo, arquitetura das cidades, nutrição, filosofia, racismo, animais, trabalho voluntário, religião, cultura, etc¹²². Esta questão estaria sugerindo uma educação mais integral e como são planejados os cursos em termos de conteúdo programático. Na entrevista com os coordenadores das duas instituições, essa questão foi levantada para que se posicionassem sobre os conteúdos dos cursos e sobre a opinião dos ex-alunos:

É aquela coisa, o foco é para formação profissional e para isso já é pouco tempo, imagina agregar todas estas informações necessárias. Como política pública de trabalho e renda deveria ser contemplado, mas em compensação, teria que agregar também o tempo adequado para isso. Qual era o objetivo deles? Era número, era dizer que formou o cara torneiro,

¹²² Verificar tabela de nº 58, Anexo C

zelador, e aí passa uma margem superior. Tem que ter uma política séria para eu formar 20 e saber se estes 20 são bem capacitados, que vão ter uma trajetória de vida diferente e não continuar iludindo esses 100 que vão continuar achando que estão qualificados, mas que têm essas deficiências. Ficou muito condicionado ao que a instituição tem para oferecer e não ao que eles têm necessidade de receber. Esses outros temas podem não ter nada a ver diretamente com a qualificação profissional, mas tem a ver com a vida, com o mundo que eles estão. Nos nossos cursos normalmente temos inserido a questão da qualidade, do meio ambiente, segurança, saúde, a questão das drogas. (PAULO RECK, SENAI).

Do ponto de vista teórico, a CUT pregava e dizia que era para fazer exatamente isto e se tentou fazer de duas formas: primeiro, tentando qualificar, dar condições para que os educadores pudessem fazer esse tipo de abordagem, e segundo, mostrando a necessidade que eles tinham em articular com outras entidades, outras pessoas, com outros profissionais (como da área da saúde), para poder fazer com que essa discussão acontecesse em sala de aula. Essa era a proposta. Na prática isso nem sempre foi possível de acontecer. Por quê? Primeiro, pela fragilidade de alguns educadores, segundo, pelo isolamento de algumas turmas (tinha uma turma funcionando no interior de um município e você tinha dificuldades de encontrar alguém que entendesse da saúde para ir lá discutir uma questão mais ligada à sexualidade, etc), terceiro, é a questão do tempo e da carga horária, muitas vezes o educador priorizava essa questão e não outras [...] nós perguntávamos “o que vocês querem”, mas de uma forma muito espontânea, não era uma coisa organizada. Era mais um levantamento do que uma pesquisa. (DERCI PASCOALOTO, CUT).

Estes aspectos que poderiam estar sendo pensados acerca de uma educação integral que a CUT teoricamente busca formular como concepção de Educação Profissional, segundo o coordenador, não foram possíveis, faltou marcar mais profundamente estes elementos que presenciou enquanto responsável pelas atividades de uma equipe de professores, bem como a satisfação quando era possível ampliar as dimensões educativas:

É uma coisa extraordinária ver o filho de um trabalhador, que com 40 anos nunca tinha entrado num teatro, nunca tinha entrado num cinema, isto quebra e mostra que têm outras dimensões que são extremamente importantes e que ele passa a querer participar disso. A outra coisa, também extraordinária, é quando estes trabalhadores têm contato pela primeira vez com um computador. Todos os nossos cursos tinham a informática básica. Eles tinham medo! Diziam “o computador não é para mim”. A partir do momento que ele toca, sente e consegue digitar duas palavras, ele quebra esse medo. São inúmeras coisas que esses cursos com sua longa ou curta experiência colocaram na discussão do dia-a-dia da questão da educação dos jovens e adultos. Eu acho que isso é um dado muito importante. (DERCI PASCOALOTO, CUT)

Todavia, os coordenadores das duas instituições também se referem aos problemas que vivenciaram no cargo, as angústias e as impossibilidades de avanço de uma política educacional enquanto parceiros do PLANFOR. No depoimento do coordenador da CUT, fica claro que houve dificuldades para discutir com órgãos governamentais a proposta pedagógica da CUT:

O mais angustiante era essa descontinuidade dos cursos. Isso implicava, refletia no aluno, no educador, no projeto, em todo mundo. Esse aspecto da descontinuidade, da não garantia, era um negócio extremamente complicado. A dificuldade de discutir com o Ministério do Trabalho, SINE, Secretarias a nossa proposta em superar essa visão estreita de treinamento para algo que pudesse trazer outras dimensões, algo mais amplo. Falar sobre educação integral como uma educação com o trabalho como processo educativo. Não reduzir apenas o trabalhador para fazer o ofício, ter o controle de uma máquina e que não interessa as outras dimensões da vida dele. Acabar com essa visão de fazer os cursos para conseguir rapidinho um trabalho, que às vezes não leva a nada. Tivemos algumas experiências interessantes, porque muitos técnicos do SINE participaram dos nossos cursos de formação de educadores. Era interessante como eles passavam a fazer críticas à nossa proposta, mas também à proposta deles. Nós tínhamos problemas internos, dentro da própria central, de divisão de duas concepções [...] uma mais com os cursos do ensino fundamental restringindo a escolarização, mas tem outras questões de envolvimento com a sociedade, conscientização com o meio ambiente, etc. Um quarto elemento interno era a disputa que se estabelecia entre os educadores e os dirigentes políticos das federações dos sindicatos [...] a visão dos dirigentes era muito aparelhista, tipo: “eu quero que o trabalhador venha aqui para aprender o que é sindicato, venha aqui se engajar na minha luta sindical, pra fazer reivindicação, pra fazer greve” [...] quando isso podia ser uma consequência e não uma das diretrizes do nosso trabalho. Havia tensões muito fortes. A idéia era tenho 30 alunos e quero 30 militantes. A questão da militância é uma questão pessoal e política e não uma imposição do curso. Outro problema era o excesso de burocracia para fazer o controle e a prestação de contas que estes recursos exigiam. A CUT defendia controle absoluto. Esse excesso de papéis não garantia, não tínhamos nenhuma certeza de que não houvesse corrupção, desvios, etc, era um sobretrabalho que não dava garantia de nada. (DERCI PASCOALOTO, CUT).

Já o coordenador do SENAI explicita que os maiores problemas enfrentados no ano de 1999 e 2000 estavam relacionados aos recursos financeiros e à duração dos cursos, segundo seu depoimento:

Uma das dificuldades é que os cursos que o SENAI oferecia, não só os supletivos, alguns programas que queríamos oferecer não eram incluídos no convênio. Nós tínhamos candidatos, tínhamos interesse, mas era um custo elevado e nós não podíamos oferecer sem ter um ressarcimento, então nós não oferecíamos. A grande dificuldade era essa, deixar de oferecer um programa por falta de recursos. No SINE, o valor estipulado era fixo, se

desse um curso só na sala de aula ou um curso com laboratório, com máquinas, consultas e materiais, o valor era o mesmo. Então um curso como o supletivo, que é só sala de aula e apostilas, tem um custo, agora se você tem outro curso de pedreiro, eletricista que tem que ir até firmas, etc, isso é custo. Outra dificuldade era a duração dos cursos. Isso nós deixava angustiados, nós queríamos oferecer uma duração maior para ter uma qualificação melhor e éramos limitados pelo Ministério do Trabalho, que dava uma faixa de 80 horas, 100 horas. Porque o Ministério do Trabalho queria fazer números, estatística. O supletivo para eles era uma coisa que tinha um custo, pois era a longo prazo, e os números também vão aparecer a longo prazo. Eu sempre critiquei com eles essa filosofia, não adianta eu colocar 20 pessoas no mercado de trabalho que não vão atender e deixar de colocar uma ou duas que vão atender. Pode ser mais longo o curso mais lá na frente tem mais empregabilidade, enquanto que o outro cria mais uma ilusão, pois chega no mercado de trabalho e não é o que ele imaginou. Eles estipulavam X% do PIB para capacitar por ano e temos que nos adequar para fazer alguma coisa ou não fazer nada (PAULO RECK, SENAI)

Analisando mais detalhadamente sobre como era configurada a seleção para assumir a docência dos cursos, como instrutores ou professores das instituições estudadas, o SENAI, por exemplo, exigia que fosse no mínimo portador de um curso técnico, embora 80% hoje possuem nível superior. Para cada atividade o docente deve ter um perfil em termos de escolaridade, formação profissional, tempo de experiência na área. Se apareceria mais de um candidato apto, o coordenador diz que a instituição submetia a um teste de seleção, na entrevista justifica as críticas de que alguns instrutores não têm formação ou didática:

Nos cursos do SENAI, antes do educador entrar em sala de aula, ele tinha toda uma metodologia de como se monta uma aula, como se dá uma aula, etc., pode até ter havido críticas, mas eles já tinham trabalho anterior. Tinham instituições que contratavam direto a pessoa para dar o curso e a pessoa ia aprender durante. O custo que se tinha com um docente desse não porque o SENAI tinha os funcionários contratados em que só se pagava o adicional pelo tempo a mais era baixo. Eles não tinham como pegar uma pessoa exclusiva para dar um curso desses, os valores eram baixos. Tinham pessoas que se submetiam a dar esses cursos sem ganhar nada, o que ganhavam pagava apenas o transporte. (PAULO RECK, SENAI)

O curso superior é uma exigência do MEC para poder certificar, a CUT, que tinha professores com mestrado, utilizava também o critério que demandava participar dos cursos de formação destinados a eles. Nestes, era trabalhada a unidocência, sem, , exigir rigidez no sentido de que o profissional fosse da área da pedagogia. O coordenador diz que tinham agrônomos como educadores, químicos como educadores, não tinham pedagogos, filósofos, etc. No início, a equipe achava que os cursos suprimiam outras qualidades que na prática não se mostrou. De acordo com ele, “um agrônomo, por exemplo, tem dificuldades para trabalhar determinadas questões dentro de um curso de escolarização de ensino fundamental, a mesma

coisa ocorria com o educador licenciado em química que era craque nas ciências naturais”. Estas dificuldades começaram a se apresentar em outros pontos.

Sugere ser essa a crítica elaborada por alguns especialistas na área da educação, de que alguns educadores não têm a especialização adequada. Todavia, o coordenador menciona, que nos processos seguintes, a CUT continuou buscando essa diversidade, só que começaram a exigir também experiência educacional, disciplinas pedagógicas, didática, o que conforme ele, aos poucos foram se adequando a essa finalidade. Os cursos de formação proporcionavam o preparo deste professor, através de uma equipe de educadores especialistas, mas existia, segundo ele, um tensionamento:

Tinham pessoas que defendiam que para ser professor só podiam ser aqueles que passaram pelos cursos de pedagogia e outros não. Alguns falavam que deveria ser mais aberto. Isso era uma questão mais pacífica entre nós, mas “o que é importante num currículo?”. Havia problemas que nós vivíamos na equipe responsável pela formação dos educadores, essas eram as seguintes: a discussão da unidocência (não era pacífica), a questão do currículo, a questão da qualificação dos educadores e a questão da avaliação. Tivemos inúmeras discussões sobre qual seria a forma de avaliação dos alunos, tinham pessoas que não aceitavam prova e tinha gente que não queria nada que lembrasse o exame da escola regular. Eu acho que têm elementos da escola formal que são básicos, e têm outras coisas que nós não podemos aceitar. No próprio grupo responsável pelas elaborações, havia muitas dúvidas, vários questionamentos, etc. (DERCI PASCOALOTO, CUT)

Retomando a pesquisa com os jovens entrevistados quando perguntados sobre quais os melhores meios de aprendizagem, os mecanismos recaem para as seguintes respostas: 20,1%, curso de qualificação; 14,5%, família; 12,3%, escola; 10,1%, trabalho; 8,4%, livro; 5,6%, revistas; 4,5%, conversando com amigos; 3,9%, igreja; 3,4%, trabalho voluntário, televisão e jornais, respectivamente; 2,8%, participando de cooperativas e revistas, com o mesmo percentual; 1,7%, rádio; 1,1%, movimento ecológico, grêmio estudantil, associação de moradores, respectivamente¹²³. Na visão desta clientela, o coordenador do SENAI menciona estar correto os jovens apontarem como prioridade os cursos de qualificação, já o coordenador da CUT preferiu não opinar.

Com relação ao lazer, quando perguntados sobre o que costuma fazer quando não está trabalhando ou estudando, os maiores índices apresentados são: 15,6%, fica em casa; 12,3%, assiste televisão; 10,1%, joga bola; 9,5%, vai para à praia, conversa e se reúne com os amigos; 7,8%, caminhadas e passeios, 6,7%, escuta música, leitura, namora e vai dançar;

¹²³ Observar no Anexo C, a Tabela de nº 59.

8,4%, outras situações que incluem ir para igreja, sair com a família e com os filhos.¹²⁴ As atividades centrais de lazer sugerem ser o ambiente doméstico e a presença familiar o espaço ocupado pelos jovens, isto representa também a falta de recursos econômicos para usufruir de bens de consumo. Outro aspecto já observado, há carência de equipamentos e estabelecimentos culturais para as classes populares nos quatro municípios da microrregião de Florianópolis. Neste sentido, alguns aproveitam o que as cidades oferecem em termos de natureza e acesso gratuito ao lazer, como praias, caminhadas e passeios ao ar livre.

No capítulo seguinte, direciona-se a análise para o perfil dos oito jovens da amostra qualitativa, a relação jovens, trabalho e família, a experiência escolar e seus significados e as interfaces com a Educação Profissional.

5 CONECTANDO OS FIOS DA REDE ATRAVÉS DA HETEROGENEIDADE VIVIDA PELOS JOVENS

As rápidas mudanças que ocorreram nos últimos trinta anos não só modificaram o mundo, mas também mudaram a própria maneira do ser e do olhar. Os jovens de hoje têm pensamentos novos e novos sonhos¹²⁵. Isto significa refletir o que Melucci e Frabbrini (2003, p 3) propõem e chamam a atenção, no sentido de ampliar o foco para além de um ponto de vista, pois a realidade denota mobilidade e capacidade de deslocar-se, mudar de perspectiva.

¹²⁴ Ver Tabela de nº 60 no Anexo C.

¹²⁵ Melucci, Alberto e Frabbrini. A idade de Ouro: Adolescentes entre o sonho e a experiência. Tradução livre da introdução feita por Elton L. Boff, da Universidade Federal de Caxias do Sul.

Por isto, neste estudo, tenta-se compreender o jovem a partir deste olhar, como “inteligências desejosas de conhecer e de pôr-se à prova, pessoas que não se contentam em sonhar e iludir-se, mas que querem crescer e entrar na experiência vivida [...] inventar uma vida que valha a pena ser vivida”.

Aqui pode ser que o realismo ou não esteja permeado por um sentido complexo, que tem como preocupação o requerimento, até certo ponto, em decifrar um pouco mais a heterogeneidade da realidade que os rodeia. Nesta complexa rede em que se inserem os estudos sobre juventude, o importante é entender um pouco mais a respeito deste conhecimento integrado, desta forma, falar também em trajetórias pode parecer um tanto complicado, dado seu conceito estar circunscrito a linearidade, como alude Pais (2001).

Para ultrapassar a linearidade, não basta estar atento basicamente ao mesmo que se passa com outros conceitos, mas sim entender que sucessivamente se incorporam outros, quer em seu devir, quer em suas conexões. Isto significa dizer que o conceito de trajetória inclui conceitos, como, por exemplo, vida familiar, vida escolar, vida profissional, vida grupal, feixes estes que se incorporam a outros ainda, numa necessária conexão. Assim as trajetórias se cruzam às esferas da vida articulando seus componentes.

Inúmeras são as transformações por que tem passado a sociedade, em todas as esferas que a compõem, neste sentido, o inventar dos jovens muitas vezes direciona a novas formas de sociabilidade¹²⁶ e novas formas de expressões culturais que proliferam a cada dia. Segundo Sposito (2002), as pesquisas mais recentes têm recorrido a novas abordagens, incluindo aquelas que sinalizam os estudos às formas associativas e de expressão cultural dos segmentos juvenis.

Essa hipótese estaria associada a um novo entendimento dos processos socializadores contemporâneos, diferentemente dos paradigmas abordados pela sociologia clássica, vista por Durkheim - estudos sobre socialização¹²⁷ - e Weber (1982) - estudos sobre

¹²⁶ Neste estudo, o conceito de sociabilidade como categoria sociológica é referendado por Simmel (1983), como uma forma autônoma e lúdica de interações que acontecem por objetivos específicos (religiosos, eróticos, lúdicos, violentos, etc), como o indivíduo é influenciado e influencia estas interações. A sociabilidade é uma forma lúdica de se relacionar com o outro, está presente nas relações prazerosas, na valorização das amizades, das reuniões, festas, da troca, da convivência agrupadora, dos encontros e diálogos, despida de um caráter mais instrumental.

¹²⁷ O conceito de socialização tem um mal presságio entre alguns cientistas sociais, devido ao eixo que tem sido utilizado, principalmente no marco da visão funcionalista de sistemas para expressar a forma como os membros de uma determinada sociedade chegam a compartilhar os mesmos valores, princípios e normas sociais. No entanto, o termo não tem porque ser entendido num sentido homogeneizador. Martin Baró (1999), propõe entender a socialização como aqueles processos psicossociais em que o indivíduo se desenvolve historicamente como membro de uma sociedade. Três configurações são importantes: 1) um processo sempre caracterizado temporal e espacialmente, que requer examinar as circunstâncias de cada situação histórica concreta; 2) socialização é um processo de desenvolvimento da identidade pessoal. Não é que existe primeiro o indivíduo por

as lógicas de ação. Muitos autores vêm questionando a centralidade de agências tradicionais socializadoras como a família, a escola e o trabalho e as lógicas de ação ou de condutas que as orientam, estas estariam passando por crises e ganhando novos significados. (Dubet, 1996; Zaluar, 1985; Colbari, 1995; Pais 1993, 2001; Dayrell, 2002; Sposito, 1997)

Sugere-se, assim, um olhar atento para a heterogeneidade das experiências sociais e das expressões culturais que introduzem novas lógicas de ação no cerne das transformações em curso nas sociedades contemporâneas. Como explicita Pais (1993), a maneira como os jovens vêm sendo socializados, quer pela família, quer pela escola, quer pelo trabalho, quer pelas diversas experiências alimentadas por suas expectativas futuras, resultantes muitas vezes de processos de socialização, não sinaliza mais uma correspondência unívoca com a realidade que estes esperam. Nas oportunidades de emprego, tipos de trabalho, lazeres, sociabilidades, constituição das famílias, parece emergir novas formas de interação orientando as lógicas de ação.

Conforme o autor, as mutações decorrentes nas sociedades atuais provocam deslocamentos das fronteiras antes delimitadoras dos campos de ação destas instituições, estariam mais sujeitas a desmoronamentos, ainda que persistam suas lógicas disciplinadoras. A tendência mesmo é dispersar de maneira mais fluída por todo o tecido social. Os muros que garantiam uma autonomia destas instituições encontram-se colocados em xeque. Fica cada vez mais complicado distinguir o fora e o dentro destas agências, o problema passa pela própria definição dos poderes e campos de ação.

Os centros organizadores, de acordo com este autor, a partir dos quais a sociologia clássica se desenvolveu, se espalharam, isto não quer dizer que os conceitos de classe e sociedade desapareceram, mas se tornaram insuficientes para dar conta da complexidade das formas e forças sociais, todavia, seus efeitos singularizaram-se em estilos, combinações e processos complexos. Por isso, diz que é necessário inventar novos conceitos mais finos, próximos da pluralidade das experiências vivenciadas.

um lado e, a sociedade por outro, como duas realidades acabadas e interdependentes. A pessoa vai se configurando, vai chegando a ser diante da sociedade, como afirmação de sua individualidade. Socializar-se não é uma simples mudança de um estudo a outro, mas um passo até o ser.. No processo de socialização, a pessoa não muda, a pessoa se faz, a pessoa emerge. A sociedade não é algo externo a identidade, mas um elemento configurador essencial de seu ser pessoal. Essa concepção rompe com a tradicional dicotomia entre natureza e meio ou sociedade e indivíduo (ELIAS, 1999, p. 3). A socialização é um processo desenvolvido da identidade social. A identidade da pessoa, depende de um modo muito primordial da identidade que seu grupo social lhe proporciona. Por isso, a identidade é, sobretudo, um pertencimento objetivo, ao fazer parte de um grupo a pessoa adquire o caráter peculiar desse grupo e,, desenvolve aqueles aspectos específicos que o grupo faz possível.

Neste mesmo caminho, Dubet¹²⁸ (1994, apud CHARLOT, 2000) já apontava idéias para estas reflexões quando construiu o conceito de “experiência social escolar”, considerando a questão da subjetividade. Este autor afirma que a noção de “ação” central na sociologia clássica não é mais relevante para entender uma vida social que sofre cada vez mais um amplo processo de fragmentação, mostrando a impossibilidade de reduzir a sociologia ao estudo das posições sociais. Neste sentido, critica a sociologia clássica em sua visão de sociedade como unidade funcional – o ator seria o sistema - sendo assim apenas interioriza as normas e os valores sociais em posições definidas no interior deste.

Essa sociologia não mais satisfaz, uma vez que apenas explica os indivíduos a partir de determinados lugares específicos no sistema, deixando de lado a subjetividade que os engendra. Os atores e as instituições não estariam mais reduzidos a uma única lógica, isto significa que as condutas sociais não se reduzem a meras aplicações de códigos interiorizados ou a cadeias de escolhas estratégicas fazendo da ação uma série de decisões racionais, ou seja, essas condutas não estão diluídas no fluxo contínuo de uma vida cotidiana feita de interações sucessivas, elas não são mais organizadas por princípios estáveis, mas sim por princípios heterogêneos. É nesta heterogeneidade que o autor fala da experiência social que se define a partir da combinação de várias lógicas de ação. Sob este enfoque, o ator não seria mais socializado somente por orientações das instituições, conseqüentemente, sua identidade não seria construída apenas pelas marcas do sistema. Contudo, os indivíduos se constroem socialmente através das diversas experiências numa relação processual dinâmica (MELUCCI, 2002).

Segundo ainda Dubet e Martuccelli¹²⁹ (1996 apud CHARLOT, 2000), é a experiência social do indivíduo que constrói uma identidade, um significado para suas ações sempre dialogando e articulando com as lógicas de ação que já se encontravam estabelecidas. Pelo exposto, concebe-se que em seu conhecimento crítico da estrutura da sociedade, no encontro e desencontro entre si e os outros, como membros de vários grupos sociais com os quais eles mantêm relações complexas, de pertencimento e negação, de adequação, distância e de identificação é, que nascem as experiências heterogêneas.

Neste sentido, ressalta-se que cada jovem desta pesquisa, embora esteja localizado num determinado grupo social ou forma associativa, não se limita apenas a este vínculo como forma de pertencimento num espaço único da estrutura social. Não estão

¹²⁸ DUBET, François. Sociologie de l’expérience. Paris: Editions du Seuil, 1994.

¹²⁹ DUBET, François et MARTUCCELLI, Danilo. À l’école, Sociologie de l’expérience scolaire. Paris: Editions Seuil, 1996.

submetidos apenas a uma lógica de orientação. Como assinala Dayrell (2002), os jovens estão inseridos numa sociedade em processos de socialização recebendo mensagens que estão disponibilizadas conforme suas necessidades, interesses e representações. Assim, as fontes e agências socializadoras clássicas como a escola e o trabalho estariam mostrando uma certa fragilidade como referenciais de normas e valores, sendo que a família seria ainda uma instituição que continua como forte núcleo de referência formativa.

Existe uma rede de pertencimentos que os identifica, essa por sua vez, constitui aquilo que se tem chamado de rede de significados dos processos identitários, onde o próprio jovem interpreta e dá sentido a sua vida através de suas experiências, faz escolhas, age sobre sua realidade, sendo fruto de múltiplos processos.

5.1 CONSTITUIÇÃO DE UM PERFIL

Para uma melhor compreensão dos significados construídos pelos jovens pesquisados a partir de suas experiências, iniciar-se-á com um breve perfil ou uma primeira identificação contextualizando suas experiências. Os sujeitos que participaram desta etapa da pesquisa são oito jovens, com idades entre vinte e vinte cinco anos, quatro são do sexo masculino e quatro, do sexo feminino, escolhidos a partir da primeira amostra da pesquisa. Estes constituem eixos analíticos relevantes com critérios de escolhas já explicitados no capítulo sobre os itinerários da pesquisa. Um critério importante foi estar participando de alguma forma associativa. Em relação aos outros critérios, foi muito difícil encontrar uniformidade ou semelhança. A marca mesmo que os caracteriza são alguns traços comuns e a diferenciação, isto pode ser observado principalmente em suas situações de trabalho e formas associativas de ação, no quadro abaixo¹³⁰.

Quadro 1

Perfil dos oito jovens egressos pesquisados

Nome	Idade	Estado civil	Situação atual de trabalho	Curso de Educação Profissional e instituição	Forma associativa
Alessandra	24	Casada	Estagiária numa Loja de Informática	Costura Industrial (Senai)	Trabalho voluntário com crianças

¹³⁰ Os nomes não são fictícios, desde o início da pesquisa conversou-se muito com os jovens sobre se colocar-se-iam ou não seus nomes. Todos reafirmaram que gostariam que aparecessem seus verdadeiros nomes, sendo assim, mantiveram-se os mesmos.

					doentes num hospital
Aurino	23	Solteiro	Desempregado	Supletivo fundamental e tecnólogo em recepção (Cut)	Trabalho voluntário faz palestras sobre AIDS numa associação de moradores
Flávia	24	Solteira	Líder de digitação na COOSERV	Desenho de moda (Senai)	Participa como membro de uma cooperativa
Israel	23	Solteiro	Desempregado	Supletivo fundamental (Cut)	Participa de um grupo de surfe e time de futebol
Meirelle	24	Casada	Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal	Capacitação pedagógica e espanhol (Cut)	Participa de um grupo espírita de assistência e promoção social
Rafael	21	Solteiro	Editor de Jornal de um Laboratório Digital Terceirizado	Mecânica de Motor a Diesel e Motor de Popa (Senai)	Participa de uma Banda no Movimento Água Viva Jovem (MAVJ) (Igreja Católica)
Rosana	25	Solteira	Desempregada	Supletivo Fundamental (Cut)	Participa de um time de futebol e vôlei
Wilson	20	Casado	Caixa em uma Loja de Materiais de Construção	Supletivo fundamental e estilismo de moda (Senai)	Participa de uma Banda no Grupo de Jovens (GJEA) e da Renovação Carismática

A cidade de Florianópolis recebe por ano um número significativo de migrantes jovens, como já discorrido em item anterior, fenômeno também já observado em estudos

anteriores¹³¹, buscam qualidade de vida e um lugar mais tranquilo para se viver, que possibilite estar em torno da natureza exuberante e do mar. Embora o aumento da criminalidade, violência e problemas sociais, ainda é um lugar muito procurado, não só por jovens, mas por muitos que desejam manter-se distantes do stresse vivido nas grandes metrópoles.

Apesar deste incremento populacional a cada ano, dados já mencionados na pesquisa no capítulo 3, notamos que destes oito jovens entrevistados, apenas uma jovem não nasceu na microrregião de Florianópolis, vinda de outro estado, do Rio de Janeiro com apenas um ano de idade.¹³² Em alguns casos houve mudanças de um bairro para outro, o que poderia se falar em migração das comunidades litorâneas para locais ou bairros mais centrais da capital. Essas mudanças são justificadas por fatores como compra de terrenos mais baratos, casamento, saída dos pais da casa dos avós, trabalho e estudos dos pais. Na tabela a seguir, se encontra a distribuição dos locais atuais de moradias destes jovens.

Quadro 2

Distribuição da localidade atual de moradia dos oito jovens egressos

Alessandra	Aurino	Flávia	Israel	Meirelle	Rafael	Rosana	Wilson
Corrégo Grande/ Fpolis	Saco Grande/ Fpolis	Forquilha/ São José	Ponta das Canas/ Fpolis	Ponta das Canas/ Fpolis	Costeira/ Fpolis	Ponta das Canas/ Fpolis	Jardim Eldorado / Palhoça

Nenhum destes jovens são migrantes vindos de outro estado, destes, apenas dois são filhos de migrantes que vieram de outros lugares, um pai que veio do Rio de Janeiro para estudar em Florianópolis e uma mãe que veio da Bahia junto com uma família na qual trabalhava de doméstica. Dois nasceram no próprio estado de Santa Catarina, um pai vindo de Blumenau e uma mãe, de Criciúma.

Os motivos destes dois deslocamentos são atribuídos ao casamento. As pessoas geralmente saem dos lugares em busca de melhores condições de vida em qualquer lugar, até mesmo do nada, pelo simples fato de mudar ou migrar, mas falando especialmente do migrante que sai do nordeste do país, por mais quilômetros que viaje, continua muitas vezes no território da pobreza, da exclusão social, como é o caso da mãe da jovem que veio da Bahia:

¹³¹ Ver Lago, Mara Coelho de Souza. Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Fpolis: UFSC, 1996.

¹³² As localidades de nascimento dos jovens estão assim distribuídas: Ribeirão da Ilha/Fpolis, Itacorubi/Fpolis, Forquilha/São José, Cachoeira do Bom Jesus/Fpolis, Centro/Fpolis, Serraria/São José, Centro/Fpolis, Nilópolis/Rio de Janeiro.

Minha mãe veio pra cá com 15 anos da Bahia, foi uma família que trouxe, ela é doméstica, trabalhou nessa casa 30 anos, e agora está com problema sério, inclusive, tem que fazer uma cirurgia, de hérnia de disco, e de tanto que ela trabalhava nessa casa, não tinha férias, não tinha 10º terceiro, não tinha direito nenhum, e de uma certa forma, ainda saiu prejudicada na saúde” (Rosana, 25 anos)¹³³

O Brasil vive, desde a década de 60, um acelerado processo de concentração populacional nas cidades, em função do êxodo rural que é provocado pela estrutura fundiária e pelas políticas econômica e agrícola dos governos¹³⁴. Não obstante, tem sido estudado o processo de urbanização acelerado de países como o Brasil, no sentido de saber quais são seus principais fatores geradores, por exemplo, a questão da migração rural como consequência da mecanização agrícola e, acima de tudo, de uma injusta distribuição de terras no Brasil.

Este fato se junta à busca de oportunidades de emprego e de ascensão social do mundo urbano. O fenômeno da migração surge cada mais difuso, o vai-e-vem contínuo de pessoas retrata um país em movimento¹³⁵. De todos os lugares em busca de um lugar ao sol surgem pessoas de qualquer canto do país circulando. Florianópolis não deixa de viver estes problemas, a migração mais intensa ocorre nos municípios mais pobres e nos bairros periféricos da capital¹³⁶.

No que diz respeito ao estado civil e à vida familiar destes oito jovens, cinco continuam solteiros, três jovens homens e duas jovens mulheres. Os outros três são casados, duas jovens mulheres e um jovem homem. Estes seguem os padrões tradicionais de união (registro civil e religioso). Mesmo neste caso, é importante registrar o que alguns estudos já evidenciaram, que a percentagem de jovens mulheres casadas é significativa em relação aos jovens homens e que estas se casam mais cedo do que eles (POCHMANN, 2000; CORROCHANO, 2001).

¹³³ Várias são as concepções que surgem sobre as causas dos processos migratórios, variando de acordo com a abordagem teórica, no entanto, para que se possa, efetivamente, entender o processo, é necessário, entre os fatores, a sua vinculação com a mobilidade da força de trabalho e, portanto, com as necessidades de (re) produção do capital. As considerações de Martins (2000) são extremamente significativas com relação a essa problemática e contribuem com novos direcionamentos do impacto da migração ao migrante.

¹³⁴ Nas grandes metrópoles, favelas e periferias aparecem como a face mais transparente da pobreza, ganhando um novo qualitativo na década de 80 e 90, chamado por muitos de “pobreza urbana”. Esta formulação denota em si mesma uma nova maneira de pensar a cidade e a questão social, contribuindo para compor um quadro dos grandes problemas sociais.

¹³⁵ De acordo com o último censo do IBGE/2000, quase trinta milhões de pessoas mudaram pelo menos uma vez de municípios, entre estes, mais de 15 milhões foram morar longe do seu município.

¹³⁶ Na investigação que realizei no Mestrado (1994), pude constatar que estes grandes contingentes populacionais vêm do litoral e interior do Estado, de diversos outros estados, inclusive do nordeste.

Dentre os que permanecem casados, apenas uma jovem não têm filhos, argumenta que se casou recentemente, deseja terminar os estudos e melhorar financeiramente para fazer esta escolha. Já no que diz respeito ao jovem homem casado, houve o caso de gravidez precoce de sua esposa com apenas 14 anos, levando-o ao casamento:

Depois que a filha nasceu, a gente foi obrigado, né ... com apenas 18 anos e já tava sendo pai, então não tinha apreendido nada na vida. Minha primeira namorada foi a minha esposa, com 14 anos engravidou, nunca tinha trabalhado na vida, fui lá, arrumei serviço, tive que batalhar, é ruim que às vezes até a gente pensa assim: acordo de manhã, 6 horas, fico sentado na cama, meu Deus, o que é que eu tô fazendo aqui, às vezes a gente pergunta, por que eu tô vivendo isso, nunca tinha vivido uma situação dessas, mas depois fazer o que, não escutou o pai (risos). (Wilson, 20 anos)

Em relação à composição familiar e moradia, os solteiros continuam morando com suas famílias - constituída pelos pais e filhos, elementos da família nuclear - não conseguindo ainda sua independência, apenas um jovem solteiro mora com a mãe e outros parentes, caracterizando uma unidade pluriparental.¹³⁷ Já os três jovens que estão casados vivem em moradias independentes com seus cônjuges e filhos, porém no mesmo terreno cedido pelos parentes para sua construção¹³⁸.

Essa nova composição deve ser levada em consideração diferentemente do que ocorria algumas décadas atrás. Uma justificativa plausível elaborada por Pais (1993) está baseada em que a inserção profissional ou a busca de um melhor emprego não necessariamente estariam associadas ao abandono da escola, nem ao abandono da família de origem. Neste caso, até mesmo o casamento começa a não mais constituir uma etapa fundamental de acesso à idade adulta, a vertente conjugal e a vertente profissional configuram itinerários pouco lineares e uniformes para grandes ênfases conclusivas, porém, não se pode negar que esta etapa intermediária entre o abandono da casa dos pais e a constituição de uma nova família continua valendo dependendo do contexto sócio-econômico que estão inseridos os jovens.

¹³⁷ Os estudos de Fonseca (1995) são contribuições importantes no que se refere às lógicas e modelos de funcionamento ou composição familiar.

¹³⁸ Este fato coloca em discussão o conceito de “emancipação”. Conforme Bernardete Aued (1999), o desemprego e os baixos salários dos jovens não decorrem de uma conjuntura adversa interna ou externa ao Brasil, internacionalmente, a Alemanha, a Itália, a Espanha também vivem situações problemáticas em relação ao jovem, sendo este “flagelado” nos dias de hoje. O exemplo que a autora dá é o da Espanha, que enfrenta um dos piores níveis de desemprego no mundo. Este país já começou a rever o conceito de emancipação, que teve que ser redefinido e alargado, pois mesmo os jovens formados não encontram emprego, o que os impede de emanciparem-se, não podendo morar sozinhos, e, quando casam, muitos continuam morando com os pais. Muitos chegam aos 35 anos vivendo com eles e continuam não emancipados. Este problema também está sendo visto no Brasil, segundo Pochmann (2000).

Como bem revela o autor, as novas condições sócio-econômicas acabam por mudar “os antigos sistemas de referência que regulavam as formas de transição entre as gerações mais velhas e as mais novas” (PAIS, 1993, p.321), sugere-se estar ocorrendo um desajuste destas novas condições de entrada na vida ativa. Isto significa pensar que as descontinuidades intergeracionais manifestam-se, conforme Pais, de diferentes formas, na tendência que se verifica entre os jovens que permanecem na casa dos pais e a aceitação dos pais em coabitar com sua companheira muitas vezes o mesmo espaço.

Este processo culmina num esforço adaptativo às novas realidades conjunturais, em que os signos de descontinuidade intergeracional introduzem uma revisão dos sistemas de referências normativas tradicionais, envolvendo, por sua vez, conjuntamente pais, filhos, jovens e velhos, novas e antigas gerações, alargando e alongando este período. Por isso, a forma, a duração e a combinação destes diferentes processos variam segundo os grupos e contextos sociais.

Em relação à renda total familiar dos jovens, a mais alta corresponde a R\$ 3.000 e a mais baixa, R\$ 300,00¹³⁹. Já no que tange à renda total individual dos jovens que estão trabalhando, a mais alta equivale a R\$ 900, 00 e a mais baixa, a R\$ 200,00. Destes, três, no momento, estão desempregados, não recebendo nenhum tipo de salário ou remuneração, engrossando, desta forma, os gastos da renda total familiar. Outras variáveis do perfil destes jovens relacionadas ao lazer serão abordadas conjuntamente às questões verificadas no último capítulo sobre análise de interação entre os grupos ou formas associativas.

5.2 RELAÇÃO: JOVENS, FAMÍLIA E TRABALHO

Como se viu anteriormente no capítulo I, as imagens a respeito da juventude estariam muito ligadas àquelas que a consideram como condição de transitoriedade, passagem para a vida adulta permeada por crises, fase difícil, dominada por conflitos em relação à auto-estima e/ou personalidade dos jovens. Normalmente, esta tendência acaba por considerar a juventude como um momento de distanciamento da família, justamente pelos conflitos entre gerações, ressaltando uma possível crise da família como instituição primária de socialização.

A partir dos oito jovens que são os fios condutores desta pesquisa, analisar-se-á como acontece essa relação com a família, entremeada com o lugar do trabalho na vida dos jovens e de seus pais. Como já se verificou na parte sobre o perfil dos jovens, a microrregião

¹³⁹ As faixas de renda das famílias concentram-se em torno de 1,5 a 15 salários mínimos, já a renda individual dos jovens é de aproximadamente 1 a 4,5 salários mínimos, quando se realizou a pesquisa, o valor do salário mínimo era de R\$ 200,00.

de Florianópolis recebe um fluxo migratório que, por certo, é significativo, porém, não foram registradas características migratórias intensas no que se refere à naturalidade dos pais destes oito jovens pesquisados, assim, pode-se dizer que, na sua maioria, não são filhos de migrantes vindos de outros estados, mas estes viveram processos de ocupação urbana antiga no município de Florianópolis.

Quanto à escolaridade dos genitores, nota-se que apenas uma mãe não possui instrução nenhuma, nunca frequentou a escola, segundo ela, não por falta de vontade, mas porque nunca foi possível. Neste sentido, sua filha, uma das jovens entrevistadas, é a única que se encontra com menos de quatro anos de estudo com ensino fundamental incompleto. Totalizando esse quadro, são três mães e quatro pais que possuem apenas o ensino fundamental incompleto, com menos de quatro anos de estudo, contribuindo assim para o aumento da taxa de analfabetismo funcional. Com quatro anos de estudo completos - ensino fundamental completo - foram encontradas duas mães.

Em relação aos três jovens que possuem ensino médio incompleto, apareceram três pais e uma mãe. Com oito anos de estudos completos – ensino médio completo – encontramos um pai, duas mães e um jovem. Com terceiro grau incompleto - superior - aparecem dois jovens, uma que está cursando a Faculdade e o outro que trancou porque estava insatisfeito com o curso. Com o terceiro grau completo, encontra-se apenas um pai e uma jovem que já ultrapassou esta etapa e se encontra fazendo pós-graduação na área de Pedagogia. Portanto, mesmo não tendo uma inferência estatística nestes casos, observa-se que os jovens têm mais anos de estudos que seus pais.

Todavia, mesmo diante destas tendências observadas nas gerações anteriores, não se pode afirmar que não continuam se processando problemas nas etapas escolares, como poderá ser visto na relação dos jovens com a escola. O que se pode considerar é que este fato também ocorre pela expansão da rede escolar em algumas localidades da Ilha de Santa Catarina, resultado da própria luta de sua população pela expansão do ensino, diferentemente dos inúmeros sacrifícios que demandava estudar quando estes pais eram jovens e tiveram muitas vezes que paralisar seus estudos. Além disso, conforme Sposito (1993), a conquista a escola, após intensos e árduos movimentos protagonizados pelos habitantes de um bairro em particular, inclui uma série de razões em que o desencanto, o descrédito e até a recusa estabelecem relações entre as expectativas familiares e a extensão da vida escolar.

No que diz respeito à situação de trabalho dos pais, as ocupações que predominam são nos setores serviços e público. Estas ocupações estão assim distribuídas: no setor de serviços, um pai é pintor de móveis, um, técnico em televisão, um, jardineiro, um, vendedor

num Box do Ceasa em São José, uma mãe que era até recentemente doméstica numa casa de família e outra que trabalha em casa com confecção ; no setor público, um pai que trabalha numa gráfica da Assembléia Legislativa, uma mãe ocupa o cargo de serviços gerais numa escola básica do Estado e outra no Centro Integrado de Cultura em Florianópolis, um pai que é técnico de telecomunicações na Telesc/SC e outro que é engenheiro na Celesc/SC. Um pai é falecido, sua ocupação era caminhoneiro, e cinco mães são donas de casa ou do lar, responsáveis pelo trabalho doméstico.

Nota-se que a maioria das mães são donas de casa e ocupam o setor de serviços, apenas duas mães têm ocupação no setor público. As ocupações dois pais se distribuem de forma mais homogênea entre estes dois setores. Apesar de não poder visualizar a significância estatística, pois são apenas oito jovens, mostra uma certa tendência das características do mercado de trabalho em Florianópolis, sendo estes dois setores os maiores empregadores de mão-de-obra. O setor de serviços geralmente absorve a mão-de-obra pouco qualificada.

Pode-se dizer que o perfil dos pais destes jovens aponta para não migrantes, escolaridade baixa, sendo que os filhos possuem mais anos de estudo que os pais, se encontram fundamentalmente no setor de serviços e público, os quais são setores predominantes do mundo do trabalho na Ilha de Santa Catarina.

Como não foi possível entrevistar os pais diretamente, tentou-se, através dos próprios jovens, obter informações sobre a visão que eles imaginam que seus pais têm com relação ao trabalho, à escola e seus relacionamentos. Estas considerações serão feitas, pois entende-se que nelas se pode encontrar um sentido para refletir o que levou estes jovens a trabalharem tão cedo, bem como os significados sobre o trabalho construídos em suas famílias. Os bairros de Florianópolis, São José e Palhoça são os locais que, juntamente com a família, deram início à história desses jovens, constituindo, assim, seus primeiros momentos de socialização. Considera-se que a disposição deles em falar sobre a família, no que se refere à relação dos pais com o trabalho, já demonstra aproximação, o valor da família na vida destes jovens.

O material de análise proporcionou observar uma certa centralidade que a família tem na vida destes jovens, sugere-se que esta continua sendo um referencial importante e estruturante, como lugar de construção positiva de suas identidades e de lugar de acolhimento. Alguns estudos como de Dayrell (2001), com jovens músicos em Belo Horizonte, Corrochano (2000), com jovens operários no ABC, Nakano (1995), com jovens no Jardim Oratório no ABC e Gil (2003), com jovens músicos em Santo Antônio da Patrulha/RS, são só alguns

exemplos de trabalhos que mostram que a família continua sendo um núcleo de segurança e proteção para muitos jovens.

Sarti (1996) diz que os estudos sobre a temática “família” normalmente mencionam a dificuldade em tratar deste assunto, pois remetem a uma realidade que nos é próxima demais, ao mesmo tempo confunde-se com o que nós somos, com nossa identidade pessoal. A autora levanta outra dificuldade na realização destes estudos, que são as velozes mudanças que ocorrem em suas relações internas, especialmente nas últimas décadas. Há mudanças internas, mas os resultados da pesquisa mostram a família como um núcleo fundamental na formação destes jovens.

Nos depoimentos dos jovens, quando foram abordados sobre o que era mais importante em suas vidas, o papel da família se apresenta como uma matriz direcional:

A minha família vem em primeiro lugar e o trabalho vem em segundo. Eu tenho amigos que são de fora e deixaram a família para tentar alguma coisa aqui. Para ele,s em primeiro lugar vem o trabalho, a família fica em segundo plano. Eu acho isso completamente errado porque tu não vieste do trabalho, mas sim da família. Tu tens aquela raiz com a família [...] o trabalho, se você perde, você pode até demorar um pouco, mas você encontra. Agor,a se um familiar teu morre, você não vai arranjar outro. Por isso eu dou tanto valor à família. Quando minha avó morreu eu estava trabalhando, quando recebi o telefonema, eu larguei tudo que estava fazendo. Eles disseram que eu não poderia sair assim, então eu disse para dar baixa na minha carteira e me demitir. (Aurino, 23 anos)

Também em alguns casos parece se transformar em retaguarda simbólica na qual reestrutura as representações que a legitimam. No caso de provedor, esta legitimação pode vir ampliada:

O mais importante para mim é minha família, em primeiro lugar, a minha família, depois vem meu emprego, vem a religião, minha vida espiritual e daí por diante. O trabalho é importante, porque tenho que sustentar minha esposa e filha, mas é consequência na vida, tu tens que trabalhar para viver, mas tu não vive para trabalhar, tu não pode viver 24 horas para aquilo, tu não agüenta, tu vai pirar, vai ficar maluco... (Wilson, 20 anos)

Não é que eu seja materialista, mas depois da família é o trabalho que pode me dar um certo conforto [...] a gente tem que comer, comprar roupas, etc (Flávia, 24 anos).

A família, como locus de sociabilidade, proporciona alegria entre os tempos para além do trabalho, que já são poucos:

O momento de estar com a família, tipo um aniversário ou até aqueles simples minutinhos que restam pra ti estar com tua família. Eu acho isso muito importante (Aurino, 23 anos)

A família é o lugar que eu mais me divirto, com minha mãe estou sempre conversando, rindo, faço tudo pela minha família (Rosana, 25 anos)

As razões para a família ocupar lugar central na vida da maioria destes jovens não deixam de retratar motivações de trocas afetivas, arranjos domiciliares, ambiente protetor e de sociabilidade, mas não sem conflitos, reprodução material de seus membros e outros apoios que estes podem contar. Talvez uma justificativa mais concreta esteja pautada também no caráter ameaçador do mundo externo. Neste sentido, as ponderações de Sennet (1988) de uma cultura intimista, na qual a esfera privada marca a sociedade contemporânea em prol da esfera pública, podem ser pensadas na configuração da atual sociedade que condena uma parcela significativa de sua população a condições de insegurança, de instabilidade e de ilegitimidade, fatores estes que acabam por reforçar a família como espaço da experiência e interação, eixo de sociabilidade e da construção de suas identidades. Há uma postura intimista, pois o Estado não dá conta das necessidades da população, o Estado provedor não provê, a família acaba ocupando este espaço. Na tese de Santos (2003), observa-se, pelos resultados de sua pesquisa, que a ajuda de um membro da família a outro acaba se tornando uma prática comum entre eles, o marido que está desempregado e a esposa que trabalha. No caso dos dois estarem desempregados, o filho, jovem de 20 anos, trabalha e ajuda, outro irmão da esposa dá apoio em dinheiro.

Para uma melhor compreensão dos significados construídos sobre o trabalho no interior do núcleo familiar e os significados atribuídos por estes, é necessário retomar alguns estudos que ajudam a refletir as ambigüidades que se apresentaram tanto em relação aos membros das famílias como entre os jovens pesquisados. Os estudos de Zaluar (1985) e Colbari (1995) são referências importantes para essa reflexão que introduz, muitas vezes, a motivação para o trabalho precoce nas famílias brasileiras.

O que se percebe nos significados sobre o trabalho é que, em alguns momentos, remete-se a uma situação particular, individual, mas, em outros, aparece ligado a objetivos sociais, principalmente quando se observa a incorporação deste a uma ordem social. Isto pode se alterar segundo os desejos pessoais e os projetos coletivos. Estas percepções, de acordo com Colbari (1995, p. 236), muitas vezes “expressam uma trajetória cujo os fragmentos vão se armando e desarmando na imaginação de quem informa”.

Nos países pioneiros do industrialismo, a presença da família, em sua moralidade, é bem conhecida, esta foi carregada de elementos religiosos da ética do trabalho estabelecida por Max Weber (1980), entre a ética protestante e o espírito do capitalismo. O surgimento da moral do trabalho firmou, segundo este autor, as bases religiosas e éticas para o ato do trabalho, transformando-o em dever.

Todavia, conforme Colbari,(1995), para uma necessidade do trabalho que acabou se generalizando como um imperativo moralizador no mundo ocidental culminando numa sociedade operária, foi necessário mais que um fundamento religioso e ético ao ato de trabalhar para a população pobre. Neste sentido, a família exerceu papel central na viabilização da transformação que ocorria em operários de fábrica e provedores de família.

Para esta mesma autora, a ética do provedor de família passa a acionar, simultaneamente, os dois padrões de comportamento, o tradicional e uma dimensão mais instrumental do trabalho, desta maneira, dissocia uma base religiosa e ética para afirmá-lo mais no viés da racionalidade dos fins – o sustento da família. Porém, esse reconhecimento da condição de provedor que marca a moralidade para o trabalho não resolve as ambigüidades no que se refere à posição do trabalho e da família na construção das representações da vida social.

Estas ambigüidades envolvidas na concepção do trabalho, bem como o lugar que este representa na estrutura de auto-representação da própria sociedade, alicerçadas nos pressupostos da vida humana e da existência material (Marx, 1980), são também analisadas por Zaluar (1985). Esta autora diz que a ética do provedor seria uma versão brasileira da ética do trabalho e admite que existem dificuldades de se firmar, na nossa tradição cultural, uma concepção apenas moral do trabalho que possa vir a transcender os aspectos meramente instrumentais.

É através da ética do provedor, diferentemente, da ética do trabalho vista por Max Weber (1980), que, segundo ela, leva os membros das famílias a aceitarem a disciplina do trabalho, sendo desta forma que o trabalhador alcançaria a redenção moral e dignidade pessoal.

Zaluar (1985, p 121) não deixa de mostrar as oscilações que permeiam esta concepção, revela que os trabalhadores pobres, muitas vezes, desprovidos de tradição artesanal e impossibilitados de desfrutar da satisfação moral que decorre de um sentido religioso do trabalho como valor em si, acabam por oscilar entre uma “visão escravagista do trabalho como sinal negativo entre os mais jovens e uma concepção de trabalho como valor moral que predominariam entre os pais de família e as mulheres”.

Algumas considerações desta autora acabam mostrando a complexidade em relação aos elementos da rejeição do trabalho e a conseqüente dificuldade de se implantar uma socialização adequada da população jovem e de se interiorizar a moral do trabalho. Estes elementos têm sido apontados também nos estudos sobre os aspectos do mundo do trabalho na cultura ocidental contemporânea, já mencionados pelos autores abordados na parte que se recorreu à diversidade de sentidos sobre o trabalho.

Alguns traços são recorrentes quando se observam as trajetórias dos jovens e de seus familiares que acabam por revelar um sentimento paradoxal, algumas vezes este aparece como condição da ética do provedor em outros momentos aponta a ética do trabalho em seu sentido mais valorativo. O início precoce no trabalho, a responsabilidade, o esforço, a renda, independência, pressão familiar e ética do provedor se misturam aos impulsos éticos da família na motivação para o trabalho, em que algumas vezes este aparece como valor moral e dignidade, tendo a família como maior impulsionadora.

Os oito jovens entrevistados começaram a trabalhar muito cedo. Cinco deles iniciaram aos 14 anos, idade permitida por lei¹⁴⁰ quando aprendizes, o que não foi o caso, dois deles, que começaram aos 12 anos, o que já configuraria trabalho infantil ilegal, apenas uma jovem iniciou aos 18 anos.

A maioria deles ingressou no mercado de trabalho para contribuir com a renda de suas famílias, porém, esta ajuda não, necessariamente significou manter com seu trabalho a subsistência familiar, o apoio aqui é o que fica visível, que além disto, proporcionava adquirir alguns bens de consumo e maior independência. Aparece apenas um jovem que realmente começou a trabalhar em virtude do falecimento de seu pai, fato que o levou a tornar-se o provedor da família na ausência do pai. Em seguida apresentam-se as necessidades que levaram estes jovens a trabalhar.

Fui trabalhar porque não podia depender da minha mãe que ganhava muito pouco e meu pai que, jardineiro, também tem um salário muito baixo. Queria ter minhas coisas, mas também precisava ajudar em casa, eles não podiam me dar nada e meus irmãos também não ajudavam. (Rosana, 25 anos).

A história de Rosana, que começou a trabalhar aos doze anos, mostra que suas necessidades estão muito associadas à renda média familiar, que equivale a menos de quatro

¹⁴⁰ Em nosso país, a Constituição Federal de 1988 tratou, em seu artigo 7º de proibir o trabalho noturno, perigoso e insalubre, aos menores de 18 anos e de qualquer trabalho a menores de 14 anos, o que foi ratificado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, ressaltando a hipótese de aprendiz. Porém, sabe-se que a realidade nem sempre se apresenta como uma normalidade da lei e de que deseja a natureza humana. Acontece que, na prática, o trabalho da criança e do adolescente aparece como continuado em termos de exploração.

salários mínimos. O trabalho precoce desta jovem iniciou-se numa casa em que sua mãe permaneceu como doméstica por trinta anos e ela, dos 12 aos 21 anos.

Rafael, outro jovem que começou com essa idade, ressalta que como a mãe era dona de casa e o pai garçom profissional resolveu ajudar para aumentar a renda da família, neste apoio, escolheu ajudar seu pai na mesma profissão em festas, formaturas, etc, trabalho que gostava muito. Faz uns três anos que seu pai começou a trabalhar na gráfica da Assembléia Legislativa, entrou nesta mesma instituição como garçom, inclusive trabalhando em cerimoniais e velórios. Nestes dois casos que poderiam ser configurados como exploração de trabalho infantil, eles estavam assegurados com uma certa proteção, trabalhando junto com a família.

O jovem Aurino começou a trabalhar aos 14 anos, diz que as necessidades também foram de apoio no sustento da família e por pressão de sua mãe, seu primeiro emprego foi numa floricultura de entregador de mercadorias:

Eu não agüentava mais ficar em casa ouvindo minha mãe falar que eu precisava trabalhar. Aquilo foi me deixando mal, com uma sensação ruim, saí para arrumar um emprego ,e como ela, ajudei a criar minhas irmãs (Aurino, 23 anos).

A mãe pressionava o único homem da casa para ajudar a criar as meninas, ele ficou com o papel do homem, do pai. As palavras repetidas por sua mãe, que tinha iniciado muito cedo no mundo do trabalho como doméstica e ainda cuidava de uma irmã pequena, fez com que o jovem iniciasse suas primeiras atividades profissionais que, por fim, acabaram influenciando seu comportamento. Seus pais se separaram quando o jovem tinha 12 anos.

Já a jovem Alessandra, que aos 14 anos começou a trabalhar como balconista numa padaria, estava em busca de uma maior independência familiar, realizar seus sonhos de consumo, comprar roupas, etc. Atualmente a jovem está com 24 anos, diz que essa necessidade se modificou, segundo ela, o trabalho passa a ser um meio para custear seus estudos, bem como possibilita apoio ao marido, que tem quatro filhos de um outro casamento, necessitando dar pensão alimentícia a eles.

Wilson também iniciou sua trajetória de trabalho nesta idade, ajudava seu pai que era presidente de um campo de futebol, suas atividades eram: cortar grama, pintar e limpar esse espaço, como ele mesmo se refere fazia bicos:

Eu trabalho desde os 14 anos para ajudar meu pai, na época, era para poder no final de semana ter um dinheirinho para comprar chicletes, balas, algodão doce, bolinha de gude, etc. A gente trabalhava para gastar o

dinheiro, ir para o parque, essas coisas, depois a gente cresce e a maior real passa a ser a família. É isto que me leva hoje a trabalhar, acordar todos os dias às seis horas da manhã e não desistir, não virar de volta na cama e dormir, olhar pro lado e ver que quem está dormindo do meu lado é a esposa e a filha. (Wilson, 20 anos).

Flávia, outra jovem que começou aos 14 anos, entrou através da PROMENOR, instituição que exige que o menor esteja trabalhando somente a partir desta idade. Como off-girl, realizava atividades com pagamento em bancos, malote, etc na Caixa Econômica Federal. Suas razões iniciais retratam o apoio que poderia dar à família:

Foi pelos meus pais, eles precisavam, como continuam precisando, sempre ajudei muito em casa, ajudo a pagar telefone, minha mãe sempre necessita de alguma coisa, ajudo com o vale alimentação também. Foi mesmo para ajudar minha família, acho legal poder ajudar meus pais (Flávia, 24 anos).

A jovem conseguiu esse trabalho por meio de um tio, influências pessoais, de certo modo designa o que Pais (2001) chama de “cunhas”. Flávia refere-se a esta expressão como uma “peixada” conseguida por parentes, emprego este que mantém até hoje. As necessidades que levaram esta jovem a trabalhar estão bem marcadas por esse apoio que tem na família o elo principal. Apesar de seu salário individual ser o mais alto encontrado entre os demais, quando observada a renda média mensal total da família, há um decréscimo, e isso justifica sua preocupação.

O primeiro emprego de Israel, aos 14 anos, foi também de jardineiro como o de Wilson, conseguido através de um amigo em um bairro próximo a sua moradia, no bairro em Ponta das Canas, município de Florianópolis. Comenta que no início ganhava muito pouco. Após esta atividade, outras apareceram, já puxou “banana boat”¹⁴¹ na praia para os turistas, bem como já trabalhou numa lancha que puxa pára-quadras na praia. Seu último trabalho foi como marinheiro em uma escuna no verão. Assim, trabalhou quatro temporadas em atividades que, segundo ele, lhe davam muita satisfação pessoal, pois adora o mar e o contato com as pessoas, mas ao mesmo tempo vive sempre inseguro, pois durante o ano fica geralmente desempregado.

As reflexões de Melucci (1997) faz pensar que num mundo de incertezas, de continuidades e discontinuidades, de permanência e multiplicidade, é cada vez mais difícil para os jovens fazerem suas escolhas, até porque as opções são diminutas, são poucas as

¹⁴¹ “Banana boat” é um bote que cabe de cinco a seis pessoas usado como uma atividade de lazer no mar, muito comum nas praias litorâneas. Muitos jovens que estão desempregados costumam ter essa atividade de puxar este bote do mar até a areia no período de veraneio, trabalho temporário integrante da marca da sazonalidade na Ilha de Santa Catarina.

escolhas, é agarrar o que tem ou passar fome com a família. O contraditório aparece entre os encontros e desencontros que configuram as imposições e as possibilidades de realizações do mundo que os cerca.

Eu parei de estudar na quarta série quando meu pai ficou doente, daí fui trabalhar, isto fez com que eu ficasse muito tempo sem estudar, até que ele faleceu, fez três cirurgias e não adiantaram. Só mais tarde eu voltei a estudar pela Escola Sul da Cut, lá fiz o supletivo e terminei em nove meses. Consigo trabalho só no verão, o resto do ano fico desempregado, só estudando com o dinheiro que acumulei neste período [...] Meu pai não queria que eu parasse de estudar, a minha mãe também não, mas tive que ser o arrimo da família, cuidar de minha mãe e meus irmãos. É muito pesado, muita responsabilidade, bastante sofrido, por isso meu relacionamento com minha mãe é muito complicado, temos várias divergências, eu não entendo ela e ela não me entende [...] eu fui trabalhar pela falta de dinheiro, pelas dificuldades após a morte de meu pai. (Israel, 23 anos)

Neste sentido, nota-se que a história de Israel no que diz respeito ao trabalho está muito carregada de sentimentos de responsabilidade e satisfação pessoal, porém quando se aprofunda nos reais motivos que levaram ao ingresso no mundo do trabalho, os impulsos da ética do provedor se sobrepõem a estes. Essa trajetória que, segundo ele, teve início com o falecimento de seu pai, colocou-o frente aos dilemas como aumento de responsabilidade numa idade precoce, não tendo muitas escolhas bem antes do início da passagem para a vida adulta. No começo, argumenta que não precisava ajudar em casa, todavia, quando ocorreu este fato (o pai tinha câncer), teve que parar de estudar para ir trabalhar, contexto que o tirou da escola por seis anos. O luto da perda do pai com o luto da perda da escola gerou a perda de sua juventude, ficou adulto com 14 anos.

Já o caso da jovem Meirelle é o de menor enfrentamento, de menos contratempos em relação às dificuldades de inserção profissional, suas necessidades de ingresso estiveram mais pautadas pela busca de independência e realização pessoal :

Meus pais sempre me apoiaram quando eu precisava de alguma coisa, claro que com as limitações deles [...] eu percebo que eles estão satisfeitos pela formação que eu tive, sempre me elogiavam e me davam força para continuar [...] fiz quatro anos de magistério, um ano de materno infantil, quatro anos de faculdade, desde o segundo grau direcionei tudo para a educação. Meus pais acreditam que cada um deve seguir aquilo que gosta, independente de ser médica, professora, enfermeira. Eles queriam que eu seguisse a carreira em que eu achasse que fosse minha vocação, batalharam para isso. A partir do momento que pude trabalhar, fui em busca de minha independência, ter meu próprio salário para poder gastar e não ficar dependendo deles, até pelo fato de que quando eu comecei a

trabalhar, o meu pai não ganhava o que ele ganha hoje como sócio de um Box no Ceasa. Eu era solteira e, se quisesse ir a uma festa, necessitasse de dinheiro, eu sei que eles não tinham condições de ficar bancando. Então tudo que eu tenho comprei com meu próprio dinheiro, meu jogo de quarto, roupas, sapatos, etc. (Meirelle, 24 anos)

Apesar da renda total familiar da jovem não ser alta, teve a oportunidade de se dedicar aos estudos e começar a trabalhar só aos 18 anos. Atualmente, faz curso de pós-graduação com apenas 24 anos, sendo a escolaridade mais alta encontrada entre os entrevistados. Seu primeiro emprego foi numa clínica médica por seis meses antes de passar num concurso na Prefeitura de Florianópolis. Meirelle fala que seus pais contribuíram muito, apesar de poucos recursos, para que pudesse estudar. Quando conseguiu trabalho, começou a bancar suas próprias despesas.

A visão dos pais destes jovens sobre o trabalho faz pensar sobre uma parte da rede formativa que faz do cotidiano vivido destes jovens uma experimentação múltipla, suas experiências são marcadas por uma diferenciação em relação à identidade que tentam construir a partir do trabalho. Sob a ótica de seus pais, este lugar aparece algumas vezes de forma diferenciada e ao mesmo tempo se assemelha.

Aurino, recordando novamente as palavras de sua mãe quando esta diz que ele nunca deve deixar de estudar e trabalhar, não pensa em seguir a profissão deles:

[...] minha mãe prioriza demais o estudo, como meu pai não mora comigo, ele não opina, já meu padrasto pensa como minha mãe, primeiro estudar, depois o trabalho. Meu pai gostaria que seguisse a mesma profissão, mas minha mãe discorda. Ela fala que funcionário público trabalha, trabalha, trabalha e não tem seu trabalho reconhecido. Meu pai gostaria que eu fosse um técnico em televisão como ele, só que eu não quero fazer o que ele faz. Ele nem ajuda em casa, já colocamos até juiz na jogada para ele pagar pensão. Por isso eu não deixo ele opinar. (Aurino, 23 anos).

O jovem revela uma mágoa em relação ao pai, como não moram juntos não há intimidade no relacionamento, mas sim conflitos. No momento em que seus pais se separaram, os filhos ficaram morando com a mãe. O jovem argumenta “ela foi pai e mãe, e isso já faz dezesseis anos”. Entre as reais possibilidades e o desejo do que gostaria de fazer, o trabalho autônomo seria o sonho:

Eu gostaria de trabalhar para mim mesmo, penso um pouco diferente de minha mãe. Como ela trabalha numa fundação do Estado dezesseis anos, sei que ela luta pelos direitos dela, mas eu faria totalmente diferente. Eu já teria batalhado para mudar de cargo, já teria exigido um ambiente de trabalho mais adequado (onde ela trabalha é muito precário). Se eu fosse trabalhar na função dela, ia ser diferente. A mesma coisa com meu pai. Eu

não ia querer trabalhar na oficina de alguém, eu ia querer ter minha própria oficina. Trabalhar, para minha mãe, também é independência, como para mim. É mostrar que tu podes conseguir teus objetivos. É uma questão de sobrevivência, neste ponto, pensamos igual (Aurino, 23 anos)

O significado de suas palavras chama a atenção para a ambigüidade que incorpora a identidade, movimento que, segundo Sawaia (1999), se apresenta como contraditório, de oposições, ambigüidade, que ora aponta para um pólo ora para outro, desejo de ser igual, mas muitas vezes o desejo é ser diferente. Pode-se ter vários interesses sem perder a identidade, respeito por ser quem se é, sendo diferente ao mesmo tempo, respeito pelo contraditório, pela relação dialética que se introduz no cotidiano. Até porque a contradição é a vivência diária desse jovem, sua mãe compõe o número significativo de mulheres chefes de família do censo do IBGE 2000, contrariando a posição anterior que era do homem, neste caso, seu pai, que, pela tradição da família nuclear, deveria ser o provedor e, no momento não contribui com o sustento da família. Logo, Aurino não aceita suas opiniões, o que não deixa de ser sofrido, contraditório no entendimento de outro homem, o papel de filho.

Entre os jovens pesquisados, a prioridade dos estudos parece ser uma marca repetida constantemente no interior das famílias, que não deixa de se misturar aos sentidos do trabalho, mas muitas vezes esse percurso é interrompido, dando lugar a outras necessidades que não estavam previstas, mudando planos e projetos de vida:

Meus pais uma época só falavam para estudar, claro, também para trabalhar, quando consegui um trabalho depois de um tempo desempregada, minha mãe teve que fazer uma cirurgia. Tive que sair para ajudar em casa. Não tenho como estudar e trabalhar ao mesmo tempo e agora pior ainda, às vezes nem durmo direito com tantas preocupações (Rosana, 25 anos)

A jovem diz que seus pais não gostariam que seguisse a mesma profissão, depositam esperança de que ela possa ter outros planos, ter outra profissão que não de doméstica e jardineira, ganhar mais e não vivenciar a situação de necessidades que eles passaram a vida inteira. Os sentidos se configuram muito mais como instrumentais do que como uma possibilidade de se realizar profissionalmente. O relacionamento com seus pais é tranquilo, diz que não existe conflito como em outras famílias, neste sentido, pensa igual aos seus pais em relação ao trabalho e estudo:

[...] porque se meus pais tivessem estudo, tivessem um bom trabalho a gente tinha mais facilidade, poderia ter outras coisas, a gente podia montar um bar, um restaurante, um supermercado. Eu me deixei levar e tenho muitas

dificuldades, porque também não estudei, nem terminei o ensino fundamental, assim hoje é difícil conseguir trabalho. Para meus pais, se não trabalhar nem estudar, ninguém é nada na vida. Penso assim também. É mais sobrevivência mesmo, trabalhando, a gente consegue as coisas. (Rosana, 25 anos).

Rafael é um jovem que diz ser muito pressionado pelos pais para estudar, imaginam que essa atividade que ocupa atualmente (editor de jornal na Assembléia Legislativa) não é definitiva. Para Rafael, esse incentivo está pautado na não dependência deste seu trabalho como única possibilidade. Seus genitores acham que deve procurar algo além, novos horizontes. Neste sentido, tem dúvidas se o pai gostaria que seguisse a mesma profissão ou não, fala que nunca conversaram profundamente sobre o assunto, mas como ele é funcionário público, acredita que sim:

Acho que meu pai até gostaria que fosse um emprego do governo, uma coisa mais fixa em que é mais difícil tu ir para a rua hoje, ser demitido. Na realidade sempre me incentivou para a área militar, que ele nunca pode ir, mas como eu passei no vestibular, decidi não ir. Assim, me incentivou para estudar e conseguir um bom emprego. A preocupação dele é que eu estude para ser alguém, mas se eu conseguisse um emprego no Estado, na área Federal, teria mais estabilidade, às vezes penso como ele (Rafael, 21 anos)

Nota-se uma ambigüidade e contradição em suas palavras, constituinte da própria construção da identidade como um processo que denota abertura e síntese do inacabado. Também pela situação atual do emprego que é do inacabado, da instabilidade. Apesar de achar que é difícil ser demitido, o serviço público não é mais a marca da estabilidade haja vista as propostas de privatizações. Deste modo, ao mesmo tempo em que, às vezes, pensa como seu pai que trabalho é sobrevivência, há uma mistura, um entrecruzamento destes sentidos quando menciona a diversidade que o trabalho pode lhe trazer como realização pessoal:

Trabalhar, para meu pai, é uma questão de sobrevivência, necessidade, fundamental na vida de todos, penso assim também, mas pretendo aprender muito mais coisa. Não viver só diagramando, quero me especializar, quero trabalhar também em outras áreas, ajudar a sociedade ambientalmente, projeto que estaria ligado com pescaria que gosto muito. Eu não me vejo fazendo uma coisa só, mas várias. (Rafael, 20 anos).

Neste aspecto, de auto-realização, este sentido perpassa pela colaboração social, preservação ambiental, para além de sua sobrevivência, trabalhar para que os outros sobrevivam também. Quanto ao relacionamento com seus pais, comenta ser aberto, fala que

não existem grandes conflitos, dialoga com sua mãe da mesma forma que com seu pai, os mesmos assuntos são colocados na roda.

Meu pai conversa abertamente com a mãe dele, minha avó, mesmo tendo um pouco de dificuldade na criação. Uma criação mais antiga com pessoas mais fechadas, mesmo assim, a amizade, o carinho que eles têm, mesmo daquele jeito mais bruto (que não é passado através do beijo). Hoje eu beijo meus pais quando saio e quando chego em casa. Apesar de que meu pai não beijava o seu. Algumas coisas eu herdei deles, outras eu adquiri com os trabalhos na igreja, com a vida, com palestras. A gente vai crescendo como pessoa. Podem não ter estudos, mas meus pais me deram uma base legal. Meu pai é quem manda. É o chefe da família, só que não tem aquela coisa de autoridade, de muitas regras. Por exemplo, “até tal idade você não pode fazer isso”. Eu acho que hoje não tem mais como proibir um filho de sair. Se proibir, ele se revolta e acaba fugindo. Antigamente o pessoal casava cedo, por quê? Para sair da casa dos pais. Eu sou livre, meu pai só quer eu tenha a cabeça no lugar, que escute seus conselhos. Ele orienta mais do que manda. (Rafael, 20 anos).

Observa-se que a espiritualidade completou a educação familiar para Rafael, trouxe sensibilidade para essa família, o jovem beija seus pais ao sair e chegar. O beijo como expressão de aproximação, de pertencimento, de cuidado, de afeto. A religiosidade como agregadora da família. O estudo de Santos (2003) mostra isso quando analisa seus sujeitos de pesquisa, pentecostais e umbandistas. Para Rafael, o catolicismo valorizou expressões de afeto suas com seu pai e sua mãe, período que muitos jovens nem se aproximam de seus familiares, não aproximam os corpos em transformação, ele ousa aproximar.

Meirelle também se reporta ao relacionamento com seus pais de forma carinhosa, dizendo que sempre houve muito apoio, todavia, diferentemente de Rafael seu pai sempre foi muito rígido com ela e suas irmãs, mas na sua percepção isso foi bom, proporcionou ser quem é, uma pessoa que não prejudica os outros e nem possui vícios. Em relação especificamente ao trabalho, menciona que pensa um pouco parecido com os pais “trabalhar é sobrevivência, independência e também realização pessoal, claro que quanto à realização, penso mais que eles, ainda mais agora que eles atingiram uma certa idade e aí chega o cansaço da aposentadoria”. O estudo de Santos (2003) enfatiza que, para os adultos, a realização já foi tirada do projeto de vida, ter ganho, alimentação, espiritualidade são as perspectivas de realização que não se encontram no trabalho. Talvez, para alguns jovens, ainda seja possível pelo tempo que têm para pensar.

Alessandra, outra jovem que reafirma a importância do estudo pelos pais, diz que é essa cultura valorizada por sua família, o modelo de seu pai é passado como um exemplo a ser

seguido pelos filhos, inclusive que ele mesmo gostaria que ela seguisse a mesma profissão, seu pai é engenheiro:

Meu pai e minha mãe acham que estudar é muito mais importante que trabalhar, porque o trabalho é consequência do estudo. Acham que, para uma pessoa se dar bem na vida, tem que estudar muito e ter uma profissão definida, a partir daí, ter um bom emprego, um bom salário, poder ter uma vida confortável. Meu pai gostaria que eu seguisse a sua profissão. Os meus dois irmãos estão fazendo engenharia e eu, administração, mas ele faz a maior questão. O meu irmão tentou para engenharia elétrica, e não conseguiu, entrou em materiais e está fazendo três disciplinas para tentar transferência para elétrica igual meu pai, a minha outra irmã faz engenharia civil. (Alessandra, 24 anos)

Alessandra não se importa com a imposição ou pressão de seu pai, pois, conforme ela, seu relacionamento com eles é ótimo, melhor impossível, relata que seus pais são muito compreensivos e ajudam em tudo que for preciso, mas quando percebem que os filhos vão se dar mal, acabam, como todos os pais, orientando para que isso não aconteça. Em seu depoimento, o estudo e o trabalho aparecem como reflexo da visão instituída no interior da família:

Eu penso igual ao meu pai, que a gente só chega em algum lugar se trabalhar. O meu pai trabalha desde novo. Quando ele era pequeno lá no Rio de Janeiro, era tudo muito difícil. Meu avô era alcoólatra, minha avó nunca trabalhou, era aposentado da aeronáutica e todo o dinheiro de casa era para a bebida. Meu pai pulava a linha do trem para estudar, ele não queria viver aquela vida e sabia que era através do estudo que iria conseguir. Então ele passou tudo isso para a gente. Ele fazia pipa e vendia para ajudar a família (ele e o irmão). Sempre nos passou que o trabalho é bom, mas o estudo melhor ainda. A gente tem que estar sempre lutando para ter uma vida melhor. Ficar parado não vai levar ninguém a nada. (Alessandra, 24 anos)

Não fica muito claro se ocorre uma submissão velada pelo bom relacionamento que mantém com eles ou se realmente pensa desta forma, porém, é nas recordações da infância de seu pai, na relação trabalho-educação, que mostra como a experiência sofrida dele deixou marcas e serve como modelo para toda a família. Em seus comentários sobre a aposentadoria do seu pai, menciona que uma única vez que ele ficou sem trabalhar, num período de dois meses, ficou quase louco. As mulheres da casa são incentivadas a prosseguir suas carreiras profissionais, sua mãe, que trabalhou na prefeitura de Florianópolis, saiu para cuidar dos filhos. Esse comportamento foi um ponto de divergência entre o casal, pois o pai de Alessandra discordou da atitude da companheira, na opinião de seu pai, segundo a jovem, a

mulher deve ter seu lugar na sociedade, por isso faz questão que as filhas estudem e trabalhem para não ter a profissão do lar como a mãe. Aqui se apresenta um projeto de uma classe média remediada, o sofrimento levou o pai a triunfar estudando engenharia.

Sobre o sonho que muitos pais têm de ver seus filhos na Faculdade, Wilson é outro jovem que menciona não desconhecer essa vontade de seu pai. A cobrança para que estudasse mais sempre existiu, ele até entende que o desejo de vê-lo como um doutor, um técnico ou algo assim passa pela cabeça de seus genitores. Todavia, fala que isso no momento não é compatível com seu cotidiano, na verdade, os estudos ficaram para trás. O jovem fala que seu pai gostaria muito que ele seguisse a mesma profissão em telecomunicações, área que até acha bastante expansiva, porém, também acha que ele não tem muito que reclamar.

Wilson comenta que existem jovens com o grau de escolaridade maior que o seu e não conseguem arrumar trabalho (não terminou o ensino médio). Provavelmente, os pais dele não aceitam muito bem este insucesso do filho, que se viu na contingência de ter que parar os estudos por causa do casamento e gravidez precoce. Em sua fala, expressa a cobrança em relação as suas escolhas:

Não posso negar que meu pai sempre cobrou da gente, minha mãe é até mais compreensiva. Às vezes ele diz assim, “é, não ouviu o que eu falei, se tivesse estudado, não estava nessa situação, se tivesse me ouvido, não estava desse jeito”. Sempre falou que queria que a gente estudasse para quando ele saísse da TELESC, quando se aposentasse, a gente montaria uma empresa de telecomunicações, montar uma empresa em família, a minha irmã como técnica em contábeis faria a parte administrativa e eu e meu irmão, a mão-de-obra, para não depender dos outros (Wilson, 20 anos).

Os pais projetam sonhos nos filhos, o pai trabalha na TELESC como empregado, gosta do ofício, mas quer ter a própria empresa com a ajuda deles, o jovem que casou cedo cortou seu sonho. Apesar das pressões, Wilson assegura que o relacionamento com os pais é muito bom. As discussões sempre foram muito em função do casamento precoce, mas, de acordo com ele, depois que sua filha nasceu, aceitaram melhor. Explica que quando a mulher engravidou foi complicado para seus pais compreenderem o que estava acontecendo, a idade dos dois gerou uma preocupação a mais para a família, ele com 18 anos e ela com 14. Confessa que chegou a se assustar muito, os problemas que iriam enfrentar diante da situação, a falta de condições econômicas acabou por mobilizar toda a família. Wilson não pensa diferente de seus pais em relação ao trabalho, acha que este dignifica o homem. Antes

de começar a trabalhar não pensava assim, depois mudou seu pensamento, pois hoje acha “[...] que o homem sem trabalho complica o viver, se você tem trabalho, você tem dignidade e pode se realizar um dia”, seu pai conforme ele, não sabe fazer outra coisa na vida a não ser trabalhar, é nas recordações entre memória e fotos que fala sobre o início da trajetória do pai:

Aprendeu a vida todinha a fazer só isso, hoje dá aulas, palestras para o pessoal que vem de fora, São Paulo, Rio de Janeiro, na área de telecomunicações. Ele só teve o ensino médio incompleto, mas acabou se especializando na área, fez uns cursos quando era novo e começou a trabalhar na TELESC. No início, era auxiliar de cambistas, carregava aqueles postes de madeira, tem foto dele arrastando aquele poste no ombro, deve ter uns seis metros. Me pai foi um exemplo que cresceu na própria empresa, foi galgando degraus e hoje chega a fazer palestras, trabalha dentro do carrinho dele, inclusive tem sua sala (Wilson, 20 anos)

Esse é um modelo de trabalho e de trabalhador do Brasil da década de 50, crescimento no próprio local de trabalho, com pouca escolaridade, modelo que está se exaurindo diante do desemprego estrutural, a empresa quer o trabalhador formado, não quer ter custos com sua formação. É diante destas experiências e significados sobre o trabalho que se percebe que os processos de transição para a vida adulta não se configuram numa visão de linearidade, muitas vezes a metamorfose que constitui as trajetórias juvenis faz pensar naquilo que Melucci (2002) expõe sobre a identidade, como um processo relacional, auto-reflexivo, que denota capacidade de mudar constantemente, e os jovens sentem muito mais isso num mundo de incertezas, de complexidades. Este caminho trilhado, conforme Elias (1999), se torna rico em ramificações, fazendo passar por bifurcações e encruzilhadas em relação à melhor decisão a ser tomada, em seguir este ou outro caminho. Esse processo permite, algumas vezes, conciliações, porém, outras vezes não. As dúvidas não deixam de aparecer, mas o “corre-corre”, a velocidade com que tudo acontece, a reflexão se torna ausente e se aceita o que ficou e o que foi alcançado até então. As poucas escolhas, algumas vezes, são possíveis, outras vezes não, dependendo do contexto que se apresentam.

Já Flávia diz que não é muito cobrada pelos pais, sua atitude de sempre estar “ligada”¹⁴² não os preocupa. Neste sentido, a jovem fala que eles não gostariam que seguisse a mesma profissão, “nunca meu pai ou minha mãe me influenciaram, apenas me apóiam naquilo que pretendo fazer”, não tem muito contato com o pai, a intimidade é permitida mais com a mãe, mas diz não ser revoltada por isso.

¹⁴² Expressão usada pela jovem como estar atenta ou alerta.

Israel, em virtude do falecimento de seu pai, vive em permanente conflito com a mãe, argumenta existirem várias divergências e muitas brigas, as imposições se expressam quanto ao tipo de atividade que desempenha, pois trabalha no verão embarcado numa escuna e no inverno fica só estudando (frequenta o ensino médio), desta maneira, não pode contribuir com apoio financeiro. Seguir a carreira do pai que, era caminhoneiro, não é seu propósito, pois explica que seu pai teve uma vida muito sofrida e de muitas dificuldades. Assim, pensa diferente de sua mãe quando o assunto é trabalho:

Para minha mãe, você tem que ter um emprego fixo para se manter o ano todo, é necessidade. Para mim, não importa a questão financeira se eu não fizer o que gosto, tenho que me realizar naquilo que estou fazendo (Israel, 23 anos)

Em síntese, verifica-se que, para os pais destes jovens, as necessidades de sobrevivência se sobrepõem a busca por realização pessoal, a ética do provedor ainda está muito presente no ser trabalhador, para outros, ainda o trabalho está muito associado ao estudo, ou seja, para os genitores, é através deste que se consegue um bom trabalho, que ganha uma conotação moral na construção de uma identidade digna e honesta, o estudo é trabalho. As pressões sobre o desejo de que os filhos continuem seus estudos não deixam dúvidas quanto a isso. Nota-se que alguns destes jovens pensam igual aos seus pais, almejam um curso superior ou sua continuidade, porém isto também significa, para alguns, realização pessoal. Esse desejo de um trabalho mais realizador, mais compatível com seus projetos de vida se contrapõe e se constitui um problema na atualidade, uma vez que a falta ou a ausência dele na sociedade globalizada dificulta conseguir qualquer trabalho, principalmente para aqueles que já se encontram um tempo desempregados. Talvez por isso, já que as oportunidades são poucas, quem sabe criar outras boas oportunidades, pois o próprio trabalho sem sentido está escasso, quem sabe, procurar trabalho com sentido.

Não dá para negar que existem alguns conflitos dos jovens em relação aos genitores que, segundo Melucci (2002), registram a própria tensão existente no processo de construção da identidade, entre o que se é e o que se quer ser, o que os outros pensam de mim, o que os outros querem de mim e o que eu faço diante dos outros. Esse diálogo é mutante, interativo, o eu se modifica, num processo de construir, desconstruir e reconstruir. Os depoimentos dos jovens indicam também uma rede de solidariedade, tanto econômica como afetiva em família, que numa relação intersubjetiva, no “conjunto das subjetividades”, eu sou

para ti o que és para mim, pode ajudar a diminuir os conflitos que se introduzem nas relações sociais.

Nota-se que, diante dos conflitos existentes entre pais e filhos, como na pesquisa de Corrochano (2000, p.90), os jovens “não parecem estar tão distantes da valorização do trabalho presente entre os pais”, os dilemas se apresentam mais no que se refere ao tipo de trabalho, nas dificuldades de associar estudo e trabalho, nos mecanismos de prover a família. O que parece ocorrer de fato estaria muito associado ao que Pais (2001) reflete acerca dos sentidos sobre o trabalho, o desejo para alguns jovens não passa por um trabalho que os escravize, ao mesmo que não o rejeitam, alguns buscam construir suas identidades frente a ele de maneira mais realizadora. Este se apresenta de forma ambivalente, que oscila entre o desejo e a insegurança, como meio de sobrevivência, independência, dignidade, auto-realização, como vazio, tédio, desvalorização frente ao desemprego. Analisa-se a seguir a trajetória escolar dos jovens e as interfaces com a Educação Profissional .

5.3 A TRAJETÓRIA ESCOLAR E INTERFACES COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Através da trajetória escolar e dos cursos de educação profissional dos oito jovens pesquisados, apresenta-se a seguir a situação educacional que se encontram, os motivos configurados em suas saídas, permanência e retornos neste espaço, a relevância ou não da escola em suas vidas, as interfaces com os cursos de Educação Profissional e, por fim, o significado que a escola e os cursos assumem para eles. Todos, de uma forma ou de outra, passaram por uma instituição de ensino, alguns permanecem, outros não deram continuidade em seus estudos e alguns retornaram depois de um tempo parados.

Entre os jovens que permanecem na escola em busca de escolarização, dois jovens estão freqüentando o ensino médio, uma jovem está cursando a Faculdade e outra se encontra fazendo curso de pós- graduação. Apenas uma jovem não concluiu o ensino fundamental (no momento está sem estudar, com intenções de retorno). Três deles no momento não deram continuidade a seus estudos, uma jovem com ensino médio completo, porém esperando oportunidade para ingressar na faculdade, um jovem com ensino médio incompleto e outro com ensino superior incompleto. Apesar do grau de escolaridade entre eles não ser baixo, encontram-se jovens que não tinham completado o ensino fundamental e o ensino médio, embora já tivessem idade para tal. Percebe-se, a partir do exposto, que há diferenças significativas entre os jovens homens e as jovens mulheres, elas possuem maior escolaridade que os jovens homens.

Entre eles, três se encontram desempregados no momento, contam suas histórias complicadas e difíceis que representam abandonos, retornos na vida estudantil, constituindo processos de continuidade e descontinuidades, configurando aquilo que se chama de movimento de permanência e multiplicidade na constituição de suas identidades. Estas trajetórias estão recheadas de razões e motivações como mobilização ou não para seus sonhos e projetos. Neste sentido, as lembranças negativas, em contraponto com as positivas, são trazidas para a reflexão delineando a visão que os jovens têm a respeito da instituição escolar e do espaço das instituições de educação profissional.

Embora a escola possa e deva ser motivadora para os projetos dos jovens, muitas vezes, ocorre uma inversão em seu cotidiano que leva a uma desmotivação através da própria fomentação de suas práticas pedagógicas, bem como de certos preconceitos e estereótipos vindos de colegas e professores. Neste caso, a escola deixa de perceber e aceitar a maneira singular da juventude em relação aos seus próprios estilos e comportamentos. O caso de

Rosana é muito interessante para se analisar esse percurso que foi interrompido por diversas vezes.

Sua trajetória escolar só foi iniciada aos oito anos de idade. Quando chegou na quarta-série, com doze anos, se achava muito alta para a idade, revela que foi a vergonha e a falta de estima que a fizeram abandonar seus estudos, “Ah, todo mundo pegava no meu pé, ficavam comentando um com o outro, “guria tão grandona ainda na quarta série”, hoje sei que foi besteira, mas aí não agüentei e saí”. A repetência já na primeira série provocou uma sensação de mal estar:

[...] Entrei com 8 anos, rodei na primeira, aí fiquei com 9 nesta mesma série, rodei na segunda, fiquei com 10, saí com 12 anos, por aí. Era muita pressão não em casa, mas na escola mesmo, dos companheiros, amigos e professores, aí fui trabalhar com minha mãe de doméstica em seu trabalho. (Rosana, 25 anos)

As lembranças de Rosana revelam uma imagem negativa da escola como ambiente hostil, que não respeita as diferenças e gera mágoas profundas atingindo a auto-estima. Aos 23 anos, Rosana resolveu retornar aos estudos, quando apareceu a oportunidade de frequentar o supletivo de ensino fundamental na CUT. Como a Escola Sul fica próxima a sua residência, era o que faltava para motivá-la depois de 11 anos sem estudar. No entanto, este percurso é interrompido mais uma vez. Quando faltava apenas um mês para concluir o ensino fundamental, desiste novamente dos estudos, argumenta que foi o medo que bloqueou seus pensamentos. Em seu depoimento, narra como isto aconteceu, a falta de estima e a vergonha são configuradas novamente como barreiras em seu caminho, parece que nem o curso na CUT conseguiu lhe dar apoio neste sentido:

[...] medo de não saber fazer as provas, senti muito medo das provas finais. Pensei que não ia conseguir, aquela voz me dizendo que não adiantava fazer, que eu não ia passar, que eu ia passar vergonha, que iam rir de mim, aí me mandei, não quis mais. Sou muito acanhada, tímida, tenho medo de falar, de me expressar. Quando era para apresentar os trabalhos, eu me escondia, ia direto para o banheiro, não apresentava de jeito nenhum, quando as pessoas me olham, isso me incomoda, sei que tenho que perder isso, aliás, já perdi muito na minha vida por ser assim. É uma coisa terrível, pensa que não me incomoda? (Rosana, 25 anos)

Neste caso específico, diferentemente do que abordou o coordenador dos cursos da CUT quanto ao resgate da auto-estima dos alunos, não houve êxito. Para Elias (1999), a auto-estima só acontece no olhar estimado do outro, nas relações sociais, como o outro me

enxerga, no caso de Rosana isto não aconteceu. Os motivos subjetivos que se referem ao fim com que se busca a ação não podem desconsiderá-los como produto de experiências intensas, onde a memória permanece também como significante na construção da identidade (MELUCCI, 2002). Isto, de certa forma, explica os motivos alegados quando os atos cotidianos remetem às vivências traumatizantes do passado e justificam as não realizações. O medo se reproduz nas situações vivenciadas por Rosana em simples atos cotidianos contribuiu até para afastá-la dos amigos. A jovem relata que no supletivo da CUT, quando teve aulas de informática, 30 alunos realizaram o curso e ela foi a única que não fez, enxergava o computador como um bicho. Isso, de certo modo, prejudicou-a no seu último emprego que foi num hotel em Cachoeira do Bom Jesus. O emprego que conseguiu foi de camareira, sua atividade era anotar as roupas que saíam e entravam, mas, segundo ela, se chamassem para digitar no computador, ela não saberia o que fazer.

Argumenta que todas as suas amigas obtiveram diploma do curso, menos ela. Na realidade, acha que o problema começou em casa, nos primeiros anos de socialização. Hoje olha sua sobrinha ir para o jardim bem cedo, mas ela e seus irmãos não tiveram essa oportunidade. Todos entraram tarde na escola. Rosana culpa os pais, que não tinham escolaridade suficiente para ajudá-la, diz que não liam historinhas, nem tão pouco ensinaram a ler e escrever. Apesar de todos estes problemas vivenciados e de uma imagem negativa em relação à escola por muitos anos, bem como de sentimentos de rejeição que constituíram até então sua trajetória como estudante, hoje aposta na escola que se apresenta como espaço para razões instrumentais, bem como ligado a outras aprendizagens.

Hoje acho bom estudar, significa aprender muitas coisas, também sei que hoje sem estudo não se consegue emprego. Aprender para viajar é outra coisa que o estudo ajuda, se você tem estudo, pode viajar para fora do país, sabe falar inglês, se não, você vai só até o centro e volta. Pretendo chegar lá e fazer curso para bancária, Administração ou Ciências Contábeis, deve ser muito massa trabalhar num banco de caixa atendendo as pessoas, sonho com isso (Rosana, 25 anos)

Rosana salienta que atualmente pensa de forma distinta de seus pais, especialmente do genitor:

Eles nunca me incentivaram muito, meu pai não pensa que não se consegue trabalho por causa do estudo. Acha que têm muita gente que não possui estudo e consegue, outros qualificados estão desempregados, trabalhando até na rua. Um tempo atrás me disse para estudar, mas foi um relance. Minha mãe até pensa diferente, acha que, se eu tiver estudo, não vou

passar a situação que eles passaram. Hoje eu acho mais importante o estudo que o trabalho (Rosana, 25 anos).

A jovem ainda comenta que, quando estava trabalhando e estudando era difícil conciliar estudo e trabalho, não conseguia lidar muito bem com estes dois tempos, um atrapalhava o outro. Não conseguia realizar as atividades recomendadas na escola, vivia numa correria, não fazia nada direito, “acabava não estudando porque iria me atrapalhar no trabalho, não conseguia muitas vezes chegar no horário das aulas, ou trabalho ou estudo”. Ela disse que foi por medo que não fez as provas finais, mas também afirma, ou trabalho ou estudo, parece ser estes dois movimentos, medo e pouco tempo para estudar, que se apresentam para a jovem. Estudar exige dedicação, conciliar com o trabalho é penoso. No momento, Rosana não está nem trabalhando e nem estudando, está desempregada vivenciando uma situação muito difícil, pois sua mãe se encontra adoecida dependendo de seus cuidados e, de acordo com ela, muitas dificuldades econômicas se apresentam.

Em relação propriamente ao curso que realizou na CUT, argumenta que aprendeu muita coisa como a Matemática, disciplina da qual não gostava, mas que no final acabou gostando. Segundo Rosana, o curso ajudou-a conseguir trabalho e fazer novos amigos, apesar de ser um tanto quanto fechada. Fez comentários sobre a diferença da escola regular para o curso, o aspecto que chamou sua atenção foi o conteúdo das disciplinas:

É que o curso colocava as matérias todas juntas, no começo achei estranho, eu não gostei, estava um tempo fora da escola. Com esforço, fui pegando o jeito, vi que era melhor que na escola. Nossa professora falou que têm muitas coisas que ela passava que a gente nunca estudou na escola (Rosana, 25 anos).

Esse processo constitutivo da trajetória escolar de Rosana e de muitos outros jovens deve ser observado pelas instituições escolares, seja no ensino regular ou nos cursos profissionalizantes, são marcas da diversidade, características do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social que, mesmo aparecendo como desiguais entre os alunos, configura a própria quantidade e qualidade de suas experiências, que, como argumenta Thompson (1984, p 130), é matéria-prima a partir da qual os jovens articulam sua própria cultura, aqui entendida como um conjunto de crenças, valores e visão de mundo. Além de tudo, a experiência é “resposta mental e emocional [...] a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”. Contudo, nas trajetórias escolares e de formação dos jovens, o tratamento muitas vezes acaba sendo uniforme e homogêneo, vindo a consagrar as injustiças

discriminatórias dos alunos. Um sentido mais profundo para a escola se humanizar é trabalhar a diversidade, que, para Spósito (1997) ajuda a compreender os jovens quando chegam à escola como sujeitos sócio-culturais, com suas vivências, comportamentos, estilos e trajetórias diferenciadas, aqui se referindo também aos cursos de Educação Profissional.

Dayell (1999) assinala que esta perspectiva implica superar a visão estereotipada e homogeneizante da noção de aluno, dando-lhe outro significado, deve-se compreendê-lo em suas diferenças, com sentimentos, emoções, visões de mundo, escalas e desejos próprios. Essa lógica implica pensar que quando estes jovens participam da escola e dos cursos de formação profissional, o que cada um é, ao chegar e ao sair, constitui-se como fruto de um conjunto de experiências sociais já vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais e vão seguir acumulando mais experiências que, por sua vez, vão se multiplicando. Os alunos são bem mais que estudantes, são jovens que possuem experiências exteriores à escola, constroem sua identidade interagindo com o mundo de formas variadas, em diversos espaços, são diversificados entre si, embora compartilhem de constructos sociais comuns.

Israel, outro jovem que está desempregado, terminou o ensino fundamental no supletivo da CUT e, na época da pesquisa, estava terminando o ensino médio no Colégio Energia (escola de nível médio), que mantém um convênio com a Escola Sul, este proporciona a continuidade dos estudos para alguns alunos que se saíram bem no curso, oferece uma bolsa que equivale a 50% das mensalidades¹⁴³.

Sua trajetória escolar também foi interrompida na quarta série do ensino fundamental aos treze anos, a morte do pai foi o motivo que agravou este processo, na época, o contexto para Israel era de ajudar a custear a família, precisava trabalhar e os estudos ficaram perdidos no tempo. O jovem só voltou a estudar pouco tempo atrás, em seu depoimento, resgata como aconteceu essa volta:

[...] há uns três anos atrás minha irmã conseguiu um supletivo na CUT e eu não consegui, pois era mais para quem tinha família ou para quem era mais velho. Fiquei desanimado, mas então saíram três pessoas do curso e a professora me encaixou. Daí eu aproveitei a oportunidade (Israel, 23 anos)

Hoje Israel diz não faltar a nenhuma aula, quer recuperar o tempo perdido, acredita que assim conseguirá algum trabalho, já que está desempregado. As razões instrumentais caracterizam sua volta à escola, diz sentir a pressão do mercado de trabalho, e a experiência

¹⁴³ Aqui pareceu estranho uma central sindical indicar uma escola privada para seus alunos de supletivo, realizar convênio com uma escola particular, já que no discurso a central luta por escola pública de ensino e, neste caso, estudantes de classes populares têm que pagar metade do curso.

do desemprego lhe causa um sentimento de impotência. O jovem, quando estava trabalhando e estudando, menciona que lidava bem com estes dois tempos, era tranquilo, o trabalho, que consistia em passeios de barco, encerrava-se às 18:00 horas e sua aula só começava às 18:45 horas. O significado da escola hoje para Israel ganha outra conotação.

Atualmente meus estudos são fundamentais. É tudo. Há uns 10 anos atrás não era nada. Depois de sete anos parado sem estudar, foi quando me bateu a vontade de retornar, pretendo estudar até conseguir alguma coisa boa (Israel, 23 anos)

O curso não ajudou Rafael a conseguir trabalho, apesar disso, aponta outros benefícios que trouxe para sua vida e para a continuidade de seus estudos.

A gente fica com outra formação, até para conversar, se expressar melhor, foi muito bom, porque também me deu a oportunidade de continuar no Energia, pagando menos, assim posso continuar meus estudos, pretendo prestar vestibular para Geografia. (Israel, 23 anos)

Mesmo assim, aposta mais na escola regular, evidencia que se o jovem tem tempo, é melhor que o supletivo, justifica que na escola o tempo não é tão corrido, em sua opinião, isso proporciona um aprendizado mais abrangente. O custo de seus estudos provêm do ganho que consegue durante o trabalho temporário no verão.

Aurino, outro jovem desempregado, também relaciona razões instrumentais para voltar a estudar, argumenta que hoje o mercado exige que se tenha conhecimento adequado, que não adianta ter apenas o ensino fundamental, mas deve-se prosseguir no ensino médio e ir se aperfeiçoando. Quando foi realizada a pesquisa, estava freqüentando o último ano do ensino médio, numa escola pública localizada num bairro próximo a sua casa. Como Rosana e Israel, teve seu percurso escolar interrompido, as condições objetivas não possibilitaram conciliar trabalho e estudo, os horários, segundo ele, se chocavam, mostrando que os horários não são adequados a realidade do estudante:

Começou a atrapalhar porque como eu não tinha horário fixo no meu trabalho, às vezes eu trabalhava de dia, às vezes de noite, então não dava de ligar o trabalho com os estudos (Aurino, 23 anos)

.Ficou praticamente sem estudar por dois anos, parou quando estava na primeira série do ensino médio. Apesar dos contratempos, tem uma visão positiva da escola, gosta

muito de fazer os trabalhos escritos e orais, mas comenta que detesta a bagunça dos outros alunos. Reprovou uma vez na quarta-série do ensino fundamental. Para ele, estudar significa:

[...] Conhecimento de tudo. É estar sempre aprendendo alguma coisa que tu não conhecia ainda ou conhecia pouco, é estar presente no mundo, se informando. Quando puder vou fazer Administração (Aurino, 23 anos)

Neste sentido, pensa igual aos seus pais, valoriza a escola, dizendo que nunca se deve parar de estudar. Sua mãe parou muito cedo e não quer que os filhos cometam o mesmo erro. Aurino, frequentou dois cursos na Escola Sul da CUT, o supletivo ensino fundamental e o curso de tecnólogo em recepção. O resultado, sob seu ponto de vista, foi bom, pois estava na época desempregado como agora e, após sua realização, conseguiu emprego, mas faz uma avaliação crítica, assegurando que gerou muitas expectativas, imaginou que o curso lhe daria muito mais do que na realidade lhe ofereceu. Em sua fala, sintetiza porque:

Eu acho que no curso a apostila era o resumo do resumo, do que sobrou do resumo. É pouco conhecimento e, além do mais, eles não oferecem inglês. Tem espanhol, que é o mesmo que vais aprender na segunda fase do segundo grau. Nisso, acho que o curso não era tão abrangente. (Aurino, 23 anos)

A volta à escola para os jovens pouco escolarizados e desempregados revela razões, conforme Corrochano (2001), menos pautadas por uma busca pessoal e realização pessoal, mas muito mais pela obtenção de uma credencial em um mundo do trabalho cercado pelas incertezas. Estes voltam à escola com o desejo de obter um emprego, sobretudo, aqueles que escolheram um supletivo como meio mais rápido de escolarização. Nestes processos diversos, nota-se que os jovens vivem diferentes situações escolares, de trabalho e de vida, em que cada vez mais a preparação e a elaboração de um projeto para o mundo do trabalho tornam-se complicadas.

Os outros cinco jovens pesquisados estão trabalhando ou exercendo alguma atividade remunerada. Suas trajetórias escolares são aqui também examinadas a partir das motivações para a permanência ou não no espaço escolar, bem como os significados da escola fundamentados pelas experiências vividas no espaço escolar e nas instituições de formação.

Entre os sonhos e projetos que os jovens desenvolvem em seu imaginário, algumas ilusões se apresentam no que diz respeito à escolha profissional, muitas vezes ocorre um tempo para repensar qual o melhor caminho a seguir. Pensando nas palavras de Pais (2001, p 77), as “ilusões de vida são puras criações de espírito”, produtos da atividade de concepções,

mas de acordo com ele, são também sintomas, sinais que requerem interpretações. Além do mais, estas podem se apresentar tangíveis, tão próximas do real quanto se queira. No entanto, seguem sendo ilusões, que não necessariamente são falsas ou enganosas.

[...] São sintomas, rastros de desejo. Os desejos são as realidades das ilusões. Poderemos querer ver as ilusões, tais como elas se apresentam: como ilusões. Contudo, o próprio das ilusões é não deixarem ver-se como são. Muitos jovens alimentam ilusões razoáveis em relação ao futuro. Preservam-nas e acarinhm-nas. Amarram-nas à realidade que confundem com as ilusões, ambigüidade perigosa que pode desembocar na perda do sentido da realidade, há um refúgio no sentido da realidade (PAIS, 2001, p. idem)

A identidade incorpora esse movimento de ambigüidade mesmo, numa relação dialética entre o possível no presente e o desejo de escolher para o futuro. A juventude é um momento mágico da vida que alimenta as ilusões, o que seria de todos nós sem esse mundo do imaginário. Adultos bem sucedidos tiveram grandes ilusões, não é a toa que a juventude se engaja mais facilmente em causas dos movimentos sociais, ela se ilude, acredita. Neste sentido, Rafael oscila entre o que é possível fazer e o que gostaria realmente de fazer, de ser. O curso de computação que estava freqüentando numa universidade particular não lhe agradou, desistiu na terceira fase. O jovem não nega que o curso lhe servia para a área, pois trabalha com editoração gráfica na Assembléia Legislativa de Florianópolis, porém seu projeto é a Faculdade de Jornalismo e Comunicação, profissão que poderia garantir melhor seu futuro:

Me serviu muito, eu tenho agilidade com o computador, não fico na mão. É uma área que eu vejo que o jornalista é muito deficiente. Toda hora eu tenho que estar lá arrumando páginas para os caras, quanto a isso, não sinto mais problemas. O curso me serviria se um dia faltasse alguma coisa e, invés de eu chamar um técnico, faria um programa e fim. Só que eu não teria a visão que tem um jornalista, a maneira de bater fotos, como escrever melhor para o jornal, etc. A Comunicação que é a parte que gosto. A faculdade de Jornalismo e Comunicação vai associar mais a área que é meu sonho. Vou me realizar pessoalmente e profissionalmente, é um curso mais extenso, depois, meu projeto é trabalhar com a área ambiental. Computação, neste ponto, não tem nada a ver, vou apenas colocar páginas na internet, imagens. A Comunicação vai me dar mais, posso fazer projetos ambientais, etc. (Rafael, 20 anos)

Rafael também imagina que, além de ganhar mais com o curso de Jornalismo, o campo de estudos lhe possibilitaria novas oportunidades, acha que é uma porta aberta para sua realização pessoal e profissional. Sendo assim, suas iniciativas vão além da satisfação salarial, da garantia das condições mínimas de subsistência na atual conjuntura da agudez do

desemprego. Argumenta que não vai deixar de estar ligado à computação, apesar de saber que a publicidade e a propaganda estão relacionadas aos programas de computador, mas cinco anos em sua vida é muito tempo para ficar aprendendo apenas atividades funcionais. O jovem diz que até poderia fazer o curso, mas sem compromisso no futuro, no momento nem pensa nisso, não tem tempo, nem dinheiro para pagar uma Faculdade desta maneira. A formação que deseja estaria diretamente ligada a área que desempenha como editor de jornal. Pensa, inclusive, que todo jornalista deveria saber computação, ou pelo menos fazer um curso nesta área.

Eles estavam quebrando a cabeça para separar por CEP, banco de dados, etiquetas, separar por ordem crescente no computador, os caras queriam separar na mão, ia levar um tempão, olho no olho, imagina como tu vai separar mais de 4.000 CEP em ordem crescente? Não tem condições. (Rafael, 20 anos)

Na Faculdade, o que Rafael mais gostava eram as aulas práticas, aulas teóricas, segundo ele, eram um saco, chatas demais, não gosta também da maneira que ensinam inglês nas universidades, acha que existem outras maneiras mais interessantes para se aprender a língua. Em seu depoimento, expressa o que o fascinava nas aulas:

Eu adorava quando a professora começava a falar de sistema operacional. Eu achava aquilo fascinante, eu pensava “como isso pode existir?”. É tudo através de pulso elétrico, tu apertas uma tecla e tem um código e esse código passa por uma placa, essa placa emite um pulso elétrico para outro, a outra responde, daí aparece o monitor. Uma coisa muito louca! E a hora que nós íamos trabalhar com a prática, fazer programas, tu não tem nada a não ser uma tela preta, tu digita palavras e códigos, depois do enter fecha o comando e tudo acontece. Essa praticidade é muito fascinante. Agora teoria não gosto, aprender lógica de programação, para mim, não dá. (Rafael, 20 anos)

A competição na universidade é um dos fatores que contribuem para uma imagem negativa que Rafael tem desta instituição de ensino, conta que os próprios professores os incentivam a competirem repetindo palavras do tipo “aquele cara é que é bom”. O desencontro entre o mundo da escola e o mundo dos jovens acaba por colocá-los às vezes imersos numa rotina desinteressante, onde o competir é a lei, diferentemente da cooperação. Isto implicou, para Rafael, vivenciar duas reprovações, uma em “geometria analítica e álgebra linear” e outra em “álgebra debuli”, ele diz: “pensa bem, não é um nome esquisito e difícil, isto me fez trancar a Faculdade, fiquei traumatizado, pois para tu fazer Computação a Matemática é fundamental, exige raciocínio lógico e rápido”. No momento, Rafael só está

trabalhando, antes disso, já tinha ficado seis meses sem estudar. Assegura que trabalho e estudo ao mesmo tempo dificultam sua organização, mas se pudesse escolher:

Se eu tivesse condições, fosse filho de família rica, eu queria só estudar, me dedicar sem aquela preocupação com o trabalho. Eu vi que quando estudava, eu não queria nada com nada, bem, aquela cabeça de gurizão, sabe como é, mas depois que tu começa a trabalhar, a pensar no futuro, vê o quanto é difícil trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Também me toquei que deveria ter aproveitado melhor meu tempo, um atrapalha o outro, é muita coisa para pensar, temos que aprender a dividir o pensamento. Eu não conseguia esquecer e pensar só no jornal, não conseguia esquecer que tinha as coisas da Faculdade para fazer. Agora que não estou trabalhando consigo dividir melhor meu pensamento, me organizo melhor. (Rafael, 20 anos)

Todavia, nota-se que os sentidos em relação à escola são ambivalentes, porque ao mesmo tempo em que vivencia estas dificuldades e tem uma imagem negativa da universidade, dá muito valor aos estudos, acha fundamental para o ser humano, seu depoimento expressa seu significado:

O desenvolvimento pessoal e de identificação perante a sociedade. No mundo em que a gente vive hoje, eu acho que significa tudo. Se tu não tem estudo tu não é ninguém. Olhar uma pedra no costão e saber que ela não foi feita assim redonda, que ela era inteira e que foi o mar que foi batendo e lapidando fazendo com que ela ficasse redonda. Para saber como ela foi se formando, precisa ir em busca do conhecimento, não somente em relação à a matéria bruta, mas em relação aos porquês.. (Rafael, 20 anos).

Essa valorização dos estudos é vista por seus pais de forma ampliada, menciona que eles dão um peso enorme para a escola, muitas vezes acham que o filho relaxou, mas diz saber o que está fazendo e que não vai deixar de estudar, idéia que não passava pela sua cabeça três anos atrás, chegou a falar para sua mãe que era tolice fazer Faculdade. Hoje seu pensamento mudou, deseja cada vez mais buscar novos conhecimentos, vai custear sua Faculdade não tanto por orgulho, mas não deseja incomodar seus pais, bem como não quer ser pressionado.

As modificações no pensar, no fazer-se cotidianamente redefinem-se em múltiplas identidades, as escolhas fazem parte do jogo, os jovens se espelham em si mesmos como meio para enfrentar os desafios e as mudanças na construção de suas identidades. O conhecimento, para Rafael, ultrapassa o meio acadêmico, a sala de aula, como lugar específico, é apenas mais um lugar:

Pode acontecer no dia-a-dia, através dos livros, do envolvimento com outras pessoas, a vida é um aprendizado, é uma escola, todos os dias se aprende alguma coisa, a escola é uma das maneiras de se estudar. Conheço pessoas que nunca fizeram faculdade e conhecem mais que muitos presidentes por aí, falar nisso, eu não sou PT, não tenho nenhum partido, mas o cara me chamou atenção, o Lula [...] conseguiu chegar à presidência, realizar o sonho dele sem praticamente ter estudado. O que ele conhece hoje, o que ele pensa e sua filosofia são exemplos para muita gente no país. É uma personalidade que é referência. Ele pensa no próximo, pode ser que ele não consiga fazer muita coisa, mas a história dele sempre foi em função disso. (Rafael, 20 anos)

O depoimento de Rafael representa a diversidade cultural quando menciona outros espaços de aprendizagem. Como lembra Arroyo (1999), a educação é um processo que deve ser entendido para além dos muros da escola, como eu diria, para além dos cursos de educação profissional, trazendo para dentro destes espaços outras vivências, os diversos processos educativos. Neste campo estão incluídos a família, a rua, a vida, os grupos, o cotidiano difuso do trabalho, do bairro, lazer, etc. Em todos eles vive-se apenas uma parte interativa do que se é ou pretende ser.

Durante esse percurso, Rafael também frequentou o curso de mecânica de motor a diesel e motor de popa no SENAI via recursos do FAT, num período de três meses. Esse curso foi planejado para pescadores do bairro da Costeira, em Florianópolis, como seu pai é presidente da associação, conseguiu que os dois fizessem. Conta como aconteceu e o que significou ter realizado o curso:

Para mim, foi muito bom, pois também pesco. Se tiver um problema com o motor do barco, eu já consigo resolver algumas coisas, se for com o carro de meu pai, vou saber pelo menos identificar o problema. Por exemplo, tem uma coisa que eu nunca esqueci, se tiver sem diesel no motor, posso juntar um percentual de óleo de cozinha e um percentual de álcool e colocar no motor. Me ajudou em termos de conhecimento, mas nada a ver com meu emprego. Fiz outro pago no Senai também, esse sim me ajudou, foi de manutenção, informática. Fiz antes da Faculdade onde aprendi a diagramar e fazer editoração, neste ponto, ninguém mais me enrola. Não vou dizer que o outro não me ajudou, mas não para conseguir emprego, a gente não tem que viver só mexendo em computadores, precisa estar aberto para outras áreas. Isso tem mais a ver com meu sonho, porque adoro a natureza, o mar e barcos. Meu pai é que se deu bem, depois do curso, começou até ganhar um dinheiro extra arrumando barcos para os outros. (Rafael, 20 anos).

A diferença, para Rafael, entre os cursos profissionalizantes e a escola regular são as aulas práticas, argumenta que a escola deveria se preocupar mais neste sentido, por exemplo, se em Biologia vai se estudar uma folha, o objetivo seria levar os alunos para ver

essa folha. Em seu ponto de vista, falta associação entre teoria e prática, fala que na escola se estuda muita teoria, que no final vira um simples decorar e um dia se esquece, diferentemente dos cursos que aliam as duas:

Por que a gente aprende Matemática? Claro, não posso negar que tenho dificuldades nesta disciplina, mas quando tu aprende, nunca mais esquece. Se não praticar, não aprende. Por isso que o pessoal é ruim em História e Geografia. O Português a gente ainda usa no dia a dia, pratica-se todo dia um pouquinho. Inglês todo mundo aprende depois de um curso. Ficar três meses sem praticar qualquer coisa, se esquece (Rafael, 20 anos).

Observa-se, na história de Rafael, que possui escolaridade mais elevada que os outros jovens homens, também renda individual e familiar mais elevada, cujos pais atribuem sentidos de dignidade ao trabalho e valor central à educação, possibilidades e esperanças, até certo ponto, mais concretas em relação aos sonhos e projetos futuros. Porém, as contradições no que diz respeito as suas escolhas remetem às reflexões de Elias (1999, p 109) quando da individualização nas sociedades complexas, “que abre caminhos específicos de realização, mas também de insatisfação”, chama atenção que às vezes esse processo pode ser conciliado e outras não, pois uma maior liberdade de escolhas e os riscos maiores andam de mãos dadas. Isto significa que a abundância de oportunidades e metas individuais diferenciadas na nossa sociedade se equipara às abundantes possibilidades de fracasso, este caminho trilhado se torna rico em ramificações, não deixando de levar em consideração que não na mesma proporção para os indivíduos de diferentes classes sociais e, em se tratando de países empobrecidos, estas chances diminuem. Da mesma forma, Melucci (1997) lembra que, num mundo de incertezas, estabelecer fronteiras para nós mesmos, e no caso dos jovens, as escolhas são redefinidas constantemente culminando em identidades múltiplas, sem desconsiderar que o já construído permanece como constitutivo de nossa identidade. Assim, nossas entradas e saídas dos sistemas de referência ocorrem com muito mais frequência que no passado.

Alessandra, que é casada, permanece cursando Faculdade de Administração Bacharelado em Cidades numa universidade particular, tem projetos mais definidos, o desejo de tornar-se uma profissional na área é forte, apenas parou de estudar por um tempo para criar sua filha. Como ganha pouco como estagiária em uma empresa de informática, se esforçou e conseguiu uma bolsa de 50% para poder estudar.

Este estágio lhe proporciona um aprendizado na área, pois ajuda sua chefia na contabilidade e na administração da empresa. A única dificuldade é seu salário, que é muito baixo, mas comenta que como está difícil conseguir algo melhor, vai ganhando experiência,

problema vivenciado hoje por muitos jovens que não têm nem essa oportunidade. Com o desemprego, os estágios se colocam como primeira experiência de trabalho para os jovens, vão sendo prolongados, sendo que os jovens exercem as mesmas atividades que seus colegas e recebem menos, com direitos trabalhistas diminuídos.

Uma política regulamentadora dos estágios, fiscalizadora das condições pedagógicas oferecidas para os jovens pelas instituições que encaminham para os estágios é fundamental em nossos dias, pois, na maioria das vezes, o estágio, é mão-de-obra barata, não corresponde à experiência de trabalho supervisionada, como alternativa de aprendizagem, como deveria.

De acordo com Alessandra, o ensino superior é seu projeto, apesar de ter uma imagem positiva da instituição, que, na sua opinião, é exemplar, não gosta muito dos seminários que ocorrem toda semana, pois treme quando tem que se expor ou falar. Encontrar os amigos e os professores, para ela, é uma alegria a mais. Alessandra, que tem 24 anos, reprovou uma vez quando estava no primeiro ano do ensino médio e duas vezes no vestibular, comenta que isso atrasou seus estudos, retratando um descompasso idade/escolaridade.

Fiz dois vestibulares e não passei, agora que consegui, não vou mais parar de estudar, vou me dedicar, pretendo depois fazer mestrado, doutorado, etc. Sei que estou atrasada em termos de idade, mas isso não vai me impedir...(Alessandra, 24 anos)

Para a jovem Alessandra, trabalho e estudo são conciliáveis, nem ajuda, nem atrapalha:

O tempo dá certinho porque trabalho das 9:30 às 11:30 horas e das 14:00 às 18:00 horas e a minha Faculdade começa às 18:45 horas. Saio do trabalho, pego um ônibus que vai direto. Têm dias que chego lá às 18:20, dá para administrar legal. Nos dias de prova, meu chefe ainda deixa eu ficar só atendendo ao telefone para poder estudar um pouco. (Alessandra, 24 anos).

A centralidade dos estudos na vida de Alessandra vem do modelo instituído em casa principalmente por seu pai, seu grande incentivador, mais que o trabalho, ocupa uma parte muito significativa em sua vida. Esta positividade se reverte nos sonhos/ilusões que imagina possíveis, mesmo diante da perplexidade no mundo atual:

Para mim, estudar é tudo, minha educação melhorou, o meu modo de pensar, abriu minha mente. Além disso, hoje eu estudo porque gosto, porque eu quero, porque eu penso não só no meu futuro, mas da minha

filha também, se eu tenho um futuro, ela terá esse futuro. Antes eu pensava que só fazendo o segundo já estava bom, mas depois que ela nasceu pensei em fazer Faculdade, se eu tiver uma profissão, posso lhe dar uma instrução melhor. Eu acho que meu exemplo vem de casa, que tudo é possível. O meu pai passou tantas dificuldades, passou fome para poder fazer uma Faculdade, por que eu que tenho tudo não vou fazer? Acho que meu pai pensa da mesma forma, que estudar é tudo. Para ele foi mais que necessário, quando ele estava no final do curso, fez dois semestres praticamente juntos para poder se formar, num momento que já tinha família. Como já comentei, ele pulava a linha do trem para estudar, não era fácil. Ele contava que tinha um policial lá que deixava ele passar porque sabia que era para estudar. Meu pai me ensinou, tudo que aprendeu na vida passou dentro de casa. (Alessandra, 24 anos)

Ademais, Alessandra frequentou o curso de costura industrial gratuito no Senai, sua participação, de início, teve um motivo mais emocional, pois sua mãe se encontrava em depressão (ficava muito tempo em casa) e resolveu acompanhá-la. Esse curso foi uma surpresa para Alessandra, inclusive hoje utiliza seus ensinamentos no trabalho voluntário que realiza com crianças doentes nos hospitais, costura roupinhas para as bonecas, interface que será aprofundada no último capítulo sobre as formas associativas. Apesar de mencionar que o curso não a ajudou a conseguir trabalho, outros benefícios podem ser observados:

Profissionalmente até agora nada, mas, pessoalmente, acho que foi ótimo, porque agora eu sei costurar. E lá tu vai aprendendo outras coisas, truques com as amigas, além do que a professora mostra. Hoje, se eu precisar fazer a barra numa calça, eu não preciso mais pagar, se tiver que trocar um fecho, também não pago, já é um dinheiro que economizo. O coordenador do curso no Senai me falou justamente isso que, pelo menos podemos fazer economia. (Alessandra, 24 anos)

As perspectivas de Alessandra lhe conferem uma relação com o saber modelado pelas relações e vínculos familiares, que não deixa de configurar-se numa relação intergeracional, numa relação com o mundo e com uma forma de apropriação do mundo. Segundo Charlot (2000, p 72), “ toda relação com o saber comporta também uma dimensão de identidade, aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção da vida”.

A relação com os outros, muitas vezes, produz imagens que temos de nós mesmos e que queremos dar aos outros, neste caso, de pai para filho. Todavia, toda relação com o saber se constitui também numa relação consigo próprio, neste sentido, através do aprender, qualquer que seja a figura sob a qual se apresente, sempre está em jogo a construção de si mesmo e seu eco reflexivo. Neste caso, a auto-definição do sujeito pressupõe pensar o

conceito de “identização” que traz Melucci (2002, p, 17) “para exprimir o caráter processual, auto-reflexivo e construído na definição de nós mesmos”. Sendo que a juventude é uma definição em processo, de experiências, pois na verdade, nos forjamos até a morte, nossos processos de identidade só se findam quando não nos relacionamos mais, mas a juventude é o período da vida especial para estes movimentos.

Entre os oito jovens pesquisados, Meirelle, que já estava cursando especialização em educação infantil e séries iniciais numa universidade particular de Cascavel/Paraná, é a mais escolarizada, com projetos bem definidos, inclusive realizando seu sonho quanto ao trabalho. O curso está diretamente relacionado com seu trabalho, é professora na rede de ensino municipal de Florianópolis. Suas razões para permanecer estudando não deixam de ser instrumentais, garantindo aperfeiçoamento para o trabalho, entretanto, se apresenta também como realização profissional e pessoal, pois gosta muito do que faz. Em se tratando da Faculdade, os trabalhos com dinâmica de grupo são seus atrativos, proporcionam pontos de vista diversos, já o que menos gosta é a hipocrisia de alguns professores. Em seu histórico escolar não tem nenhuma reprovação, porém, ficou um ano sem estudar antes de fazer a Faculdade por opção. Muitas vezes, não consegue conciliar trabalho e estudo:

Em parte atrapalha, porque se eu tivesse um período do dia só para me dedicar aos estudos e outro só para me dedicar ao trabalho, seria bem melhor e mais produtivo. Eu tenho aula na sexta-feira à noite, então saio do serviço cansada direto para a aula, mas sei o quanto é importante para mim. (Meirelle, 24 anos).

Meirelle anuncia que, mesmo com estas dificuldades, pretende estudar até onde for possível, entretanto, está em seus planos uma parada estratégica depois que terminar sua especialização, quer estruturar sua vida, que inclui formar uma família, está casada há apenas seis meses.

Estudar, para mim, é se aperfeiçoar, ter outras visões de mundo, ampliar meus conhecimentos, qualificar e me atualizar cada vez mais. O mundo está muito exigente e acho que devo estar preparada para lidar com muitas situações, mas também pretendo ter filhos. Meus pais só não estudaram mais por falta de oportunidade. (Meirelle, 24 anos)

A jovem, também sintonizada com o discurso da empregabilidade, das competências, da crise do capitalismo, denominada como desordem por Balandier (1999), realizou três cursos na CUT – Escola Sul: espanhol, recreação turística e capacitação pedagógica. Estes cursos, segundo ela, foram totalmente gratuitos. Na época, trabalhava na

creche da própria instituição (convênio com a prefeitura), as vagas foram disponibilizadas para o pessoal da área da educação, mas sua expectativa era bem maior do que o anunciado pelo curso, mesmo assim, acha que houve algumas contribuições.

Em algumas questões na sala de aula, do cotidiano mesmo, de como lidar com as diferenças, questão da liderança numa sala de aula> Não me ajudou conseguir trabalho, porque eu já estava trabalhando, foi aperfeiçoamento mesmo, também me ajudou no currículo e atualmente me ajuda no cotidiano da educação, mas esperava mais do que isso. A diferença que vejo dos cursos para a escola regular é que, nos primeiros, tudo é específico, direcionado, e na segunda, é geral, mais integral (Meirelle, 24 anos).

Dois outros jovens não estão estudando no momento, apenas trabalhando, como grande parte deles, a dificuldade é conciliar estudo e trabalho. Flávia completou o ensino médio em escola pública e no momento da entrevista estava esperando ingressar na Faculdade, mas comentou que não tinha tempo para se preparar, trabalhava muito durante o dia e à noite estava sempre muito cansada, contudo pretende continuar batalhando, pois seu desejo maior é o curso de modas, o qual exerce um grande fascínio sobre a jovem.

Terei uns cinco meses de meio expediente no trabalho daqui um tempo quando começa um curso vocacionado. Sempre estudei em escola pública, acho que tenho que me preparar, não está nada fácil, fiz duas vezes vestibular e até agora não deu (Flávia, 23 anos)

Não está insatisfeita com seu trabalho, desempenha atividades numa cooperativa conveniada com a Caixa Econômica Federal, ganha relativamente bem, inclusive é a melhor renda individual encontrada entre os jovens, todavia, o curso de modas é a profissão que acha que se realizará pessoal e profissionalmente. O trabalho que desenvolve atualmente não está vinculado diretamente com a área pretendida, mas se torna o lócus de olhares para seu futuro sonho, faz comentários quando encontra com as pessoas no corredor, dá opiniões sobre suas roupas, ajuda quando lhe pedem sugestões. Na escola, o que mais a atraía eram os exercícios de redação.

Eu adorava o segundo grau, eu inventava em minhas redações, viajava mesmo, mas ficava envergonhada quando tinha que ir apresentar para a galera, ficava vermelha, gaguejava, a turma falando um monte de besteiras, mas quando era para estudar uma matéria a sério, era complicado. (Flávia, 23 anos)

A reprovação na primeira série do ensino médio foi um dos momentos mais tristes para a jovem:

Quando eu reprovei, fiquei muito decepcionada, aí eu não fui mais, eu e meu namorado estudávamos juntos, na mesma sala, saí para saber onde ele estava, fui tomar água, quando voltei, fiquei sabendo que ele tinha passado e eu não, me deprimi, fiquei um ano parada. (Flávia, 23 anos)

Apesar da decepção, Flávia salienta que pensa diferente de seus pais sobre a escola, em suas palavras “[...] apesar da fome, da violência, do desemprego, acho que está mais fácil estudar agora do que na época deles, mas penso outras coisas”, continuando seu depoimento, notam-se motivos menos instrumentais em sua relação com o estudo, isto implica:

Aprender muitas coisas, não só para arrumar um emprego, mas se utiliza o conhecimento para a vida em geral, para nosso dia-a-dia, são tantos conhecimentos para tantas coisas, eu gosto de estudar, já para os meus pais, se estuda para adquirir um emprego melhor, uma vida melhor, meu pai, mais do que minha mãe, acha que tem que estudar para conseguir bens, dinheiro, essas coisas assim. (Flávia, 23 anos)

Esse pensamento de Flávia resgata a escola politécnica, a questão da omnilateralidade em Gramsci. O curso de desenho de moda que frequentou no Senai, num período de três meses, significou muito para Flávia, reafirmou que é a profissão que deseja seguir, funcionou também como uma orientação vocacional:

[...] só me deu mais certeza, fiquei mais interessada por moda ainda. Depois deste curso [...] imagina se eu chegasse lá e não gostasse de moda, não soubesse desenhar, fazer os cortes, etc, mas não, vi que era isso mesmo que quero fazer, ser modista. Não me ajudou conseguir trabalho, até porque não adiantaria eu procurar agora, tenho que adquirir mais conhecimentos de moda, pretendo fazer a Faculdade, depois sim entro mais definida na área. (Flávia, 23 anos)

Os cursos rápidos com recursos do FAT, tanto para essa jovem como para Alessandra, que aprendeu a costurar tiveram um papel interessante de favorecer outras oportunidades, não é de todo negativo como a CUT apregoa, não deixam de exercer um papel importante diante da falta de laboratórios nas escolas, de outras experiências práticas nos projetos pedagógicos do ensino fundamental e do ensino médio. Da criticada preparação para o trabalho da ditadura militar – 5692/71 que de fato não preparava para nada, tem-se um apelo

atual à teoria sem qualquer fim prático – 9394/96. Precisa-se encontrar um meio termo que atenda a essa valoração dos cursos de curta duração do FAT que alguns jovens apontam na pesquisa, bem como na elevação da escolaridade.

Quando abordada sobre os outros benefícios ou não que o curso lhe proporcionou, Flávia relata que, como já estava empregada, tudo que aprendeu em relação à parte teórica era usado em suas observações diante das pessoas em seu trabalho, parentes e amigos. A estratégia era olhar o que vestiam, dava toques, ajustava a roupa se estivesse esquisita, dependendo da ocasião, sugeria qual seria a melhor vestimenta para usar. Em sua opinião, foi uma bela experiência ter realizado o curso. Neste ponto, a jovem fala das diferenças que notou entre os cursos profissionalizantes e a escola regular:

Nos cursos não há cobranças, tu estás ali porque tem vontade, porque quer, ninguém está te obrigando, existe troca, na escola é tudo muito certinho, cheio de regras, obrigações, sempre pensei assim. (Flávia, 23 anos)

O jovem Wilson (casado), que também projeta para seu futuro uma profissão ligada às artes, deseja ser desenhista profissional, vive uma situação bem mais complicada para voltar a estudar, seus horários de trabalho no momento o impedem totalmente de pensar num retorno. Está há dois anos sem estudar, abandonou os estudos no primeiro ano do ensino médio .

Difícil uma escola aceitar um aluno que um dia vai chegar às 19:00 horas, outro dia às 20:00 e outro ainda as 22:00 horas. Meu horário de trabalho não é fixo, trabalho às vezes doze horas por dia. Eu vejo pelos meus colegas que estão na universidade, uma colega que entrou para a Pedagogia e outro colega que está fazendo Ciências da Computação, final de semana morreu o tempo deles, não fazem mais nada, nem dormir, o final de semana é para fazer trabalhos, dizem “ah, vou mostrar serviço para o meu pai e para minha mãe”. Por isso a gente vê que para conciliar trabalho com estudo hoje em dia não dá. Outra coisa é pagar as mensalidades, além do material. Mesmo sendo pública, tem que comprar livros, tirar xerox, lanche, é tudo uma cacetada, e sem dinheiro é complicado. (Wilson, 20 anos)

As razões para Wilson estar fora do espaço escolar estão associadas às dificuldades encontradas após o nascimento de sua filha, teve que aceitar qualquer trabalho. É mais comum do que se pode imaginar, como salienta Pochmann (2000), a alteração da trajetória escolar dos jovens em função de suas famílias. A crise no mercado de trabalho, principalmente a partir dos anos 90, reflete uma piora nas condições de vida das famílias, relacionada às altas taxas de desemprego, geração de postos de trabalho precários, baixos

salários, levando muitos jovens a se afastarem da escola para contribuírem com a renda familiar. Isto significa, em alguns casos, conforme Corrochano (2001), aceitar trabalhos menos qualificados, prejuízo de ascensão profissional e o sonho de continuar seus estudos ou entrar numa universidade. Além desses fatores, o funcionamento da escola acaba, no ponto de vista de Wilson, não facilitando:

O método de ensino que eles colocaram agora é muito ruim, na metade do ano tu roda ou passa, 1ª fase, 2ª fase, 3ª fase, etc, se tu roda numa matéria, tem que voltar e recuperar tudo no final. É muito tempo, não gostei. Depois quando tu roda, tem que fazer em outro período e eu não tinha condições, meus horários de trabalho não permitem. Assumo que também ia para a escola muito para desenhar (Wilson, 20 anos)

Pensa em fazer um supletivo, mas somente quando arrumar outro trabalho com horário mais decente. Na escola, o que o jovem mais gostava eram as aulas de artes e educação religiosa, hoje faz parte de uma banda num grupo de jovens da igreja católica:

A professora sempre levava um violão, sempre fazia alguma coisa diferente, o resto era tudo uma monotonia. Ah, gostava também de educação física. Não gostava de inglês, até conseguia ir bem, mas uma parte é o português, nossa língua acaba sendo mais difícil, às vezes é mais fácil falar chinês do que falar português. (Wilson, 20 anos).

As reprovações na escola, que ocorreram duas vezes na 6ª série do ensino fundamental, estão novamente relacionadas ao seu sonho, suas palavras deixam isso explícito [...] rodei porque eu ia para a escola para desenhar, já notou qual é a minha, né?”. Apesar da desmotivação de Wilson para um possível retorno e uma certa descrença na escola, os sentimentos aparecem ambíguos pela falta que essa também lhe faz. O desenho é fundamental, porque excluir esse jovem que gosta tanto de desenhar, sendo um saber tão complexo?

Hoje eu vejo que estudar faz falta na minha vida, se eu tivesse estudado, aposto que seria diferente. Se tivesse investido no meu sonho, ser desenhista profissional, naquilo que eu realmente queria fazer, eu não estaria passando em casa o que passo, são muitas as dificuldades. Estudar é uma coisa necessária, a gente tem que estudar mesmo, precisa (Wilson, 20 anos).

Como se observa, suas palavras mostram razões interrelacionadas, por um lado, se apresentam com uma conotação mais instrumental quando estudo e trabalho se conjugam para superar as dificuldades econômicas e, por outro, um desejo forte de realização pessoal nem sempre possível, ou pelo menos no momento. A valorização dos estudos, para seus pais, é central, neste sentido sempre incentivaram todos os filhos desde pequenos a estudarem, mas Wilson tem uma visão diferente no que se refere aos métodos de ensino da instituição escolar:

O ensino, para mim, deveria ser assim: Português, Matemática, todas as matérias, porque todos precisam, mas, a partir do 2º grau, deveria ser direcionado para o que tu vai querer fazer realmente. Ah, mesmo que tu não saiba, porque os pais ficam opinando muito, deveria ser quatro horas de matérias diversas e mais duas para fazer um curso de aperfeiçoamento naquela área que tu vai querer aprofundar, sei lá, alguma coisa assim [...] funcionaria, tu não estaria forçando ninguém a fazer o que não quer, quem tivesse mesmo com vontade de crescer e ter um futuro, iria ter mais chances, quantas pessoas hoje em dia querem fazer Educação Física, querem fazer Artes, Computação, mas não fazem, não é certo fazer só o que os pais querem que façam (Wilson, 20 anos)

Para seus genitores, o estudo é o principal elemento na vida de um jovem, por isso se sente muito pressionado, sempre ouvindo palavras proferidas, especialmente por seu pai “viu, se tivesse estudado mais, não estaria enfrentando tantas dificuldades”, visão esta que mostra muito mais o sentido de provedor da família do que de um ser realizador. Wilson tem projetos futuros, pretende voltar a terminar o ensino médio e tentar ingressar na Faculdade no curso de designer de produtos, já que tem a vocação para desenho.

Vou guerrear, correr atrás de meu sonho, pode até demorar, ainda estou na idade, tenho que arrumar outro emprego isso sim, mas já foi tão difícil esse [...] outros horários, conseguir dinheiro para fazer a Faculdade de designer, vamos ver, espero... (Wilson, 20 anos).

Wilson, em busca de seu projeto, realizou o curso de estilismo associado ao desenho de moda, no SENAI, com recursos do FAT. Nota-se que a área incorpora um aprendizado, para ele, ligado a seu desejo pelo estético nos traços do desenho, mas até hoje não conseguiu trabalho na área:

A área de estilismo tem que ter nome, é difícil, só consegue emprego quem se sobressai demais num curso deste, né? Pra crescer já tem que ter uma caminhada, feito a própria roupa, vender primeiro na rua e depois abrir um atelier, eu não tenho dinheiro nem para poder estudar, imagina [...] fiz empolgado, mas depois vi as dificuldades. (Wilson, 20 anos).

Quando abordado sobre a escola e os cursos profissionalizantes, percebe-se que o jovem tem uma visão negativa sobre a escola, o que sugere, além das dificuldades econômicas para voltar a estudar, uma rejeição pelos métodos, o que confirma suas falas anteriores. Numa primeira reflexão, diz que na escola a falta de atenção é o que predomina, inclusive conta que tem um sobrinho de sete anos que só porque tem um série de dificuldades a professora chamou ele de “burro” porque não passou pela creche. A experiência com o curso de educação profissional, para Wilson, apesar de não ter ajudado a conseguir trabalho, se constituem em bons momentos de aprendizagem:

Para começar, a professora era excelente, eles dão atenção para o aluno, querem saber se tu estás aprendendo mesmo, se não tiver, te incentivam, na escola não tem muito incentivo, tu vai pra lá quase por obrigação. Depois o professor não te incentiva, não faz nada para isso. É engraçado, o professor chega ali, pega um livro e só. Hoje em dia ensinar não é só isso, não é só pegar um livro e ler, é mais do que isso. Não se preocupam se o aluno aprendeu ou não, apenas se tirou zero numa prova e deu, eles não querem saber o motivo por que aconteceu, não vão conversar contigo sobre isso, acho que depois de uma prova deveria ser explicado e conversado sobre os porquês. No curso só para dar um exemplo, aquele que tinha mais dificuldades eles davam mais atenção, como eu já sabia desenhar, tudo bem, mas tinha muita gente ali que não sabia desenhar nem um palito, aqueles bonequinhos de palito e saía desenhando otimamente. Acho que a educação precisa mudar. (Wilson, 20 anos)

A crise econômica e o casamento precoce são razões que impossibilitaram Wilson de prosseguir seu projeto profissional que realmente o realizaria, ao invés de uma universidade e outros cursos na área, seu horário de trabalho, no momento, não permite aliar trabalho/escola, um trabalho pouco qualificado, segundo ele (caixa de uma loja de materiais de construção), constitui seu presente, mas o tempo também aparece apenas como cronológico, no momento em que o trabalho o tira do presente e o coloca no tempo futuro em relação as suas expectativas. Pochmann (2000) diz que, no Brasil, ainda permanecem profundas desigualdades econômicas e sociais entre os jovens, muitos são os que não conseguem concluir suas trajetórias educacionais, seja por causa de uniões, filhos e mudanças

de endereços, etc. Um outro problema muito comum que aparece nas pesquisas realizadas no país é aliar trabalho e estudo, ou processos de aprendizagem (cursos supletivos ou de qualificação profissional), situação que leva muito cedo alguns a assumirem responsabilidades, especialmente para ajudar a família.

Os motivos para que esses jovens pesquisados estivessem fora ou dentro do espaço escolar não podem deixar de ser olhados a partir das reações diferenciadas, segundo (Pais, 1993), em relação ao nível de escolaridade, sexo e estado civil, o lugar do trabalho em suas vidas aliado aos salários, às condições econômicas das famílias e à experiência com o desemprego. Todavia, percebe-se que as experiências da maioria dos jovens demonstram que absorver as tarefas do trabalho e do estudo (escola regular e cursos) exige uma certa energia, disposição e um grande esforço pessoal, principalmente para os mais escolarizados.

As permanências, abandonos e retornos escolares representam um constante movimento circulante em seus cotidianos no sentido de garantir reconhecimentos em trajetórias múltiplas que se moldam, se ressignificam, se modificam em busca de aprendizagens e conhecimentos, ao mesmo tempo em que o cotidiano, o presente, incorpora a permanência materializada em tarefas rotineiras em relação à escola e ao trabalho. Dormir tarde e acordar cedo passa a ser a rotina destes jovens e se torna uma dificuldade a ser enfrentada no dia-a-dia na busca de seus projetos e sonhos, da mesma forma para os que estão desempregados que acordam cedo em busca de trabalho. A multiplicidade aparece nas alternativas, estratégias e tentativas, no desdobrar dos sacrifícios para aliar trabalho e estudo, as horas vagas são poucas, o esforço pessoal passa a ser uma tentativa de inclusão pelo que já foi produzido em suas trajetórias. Neste sentido, como diz Melucci (2002), o eu não deixa de ser impermeável, ao mesmo tempo que penetra o desraizamento do já constituído, do já vivido.

O permanente e o múltiplo, o ir e vir constante marca o desejo de chegar a ser muito mais do que se foi na construção de suas identidades. A multiplicidade de tempos e papéis que são requeridos em suas experiências acaba por dividir a experiência cotidiana, em que se criam circunstâncias num campo aberto de escolhas, pressões, controles e manipulações. Através das falas destes jovens, nota-se que não deixam de perceber as mudanças no mundo do trabalho e sua relação com a escola, por mais que alguns não gostem, a preocupação com a escolaridade está presente, a permanência na escola também se apresenta como possibilidade para o trabalho, apesar de que, para alguns, o trabalho impede a volta para a escola.

Os cursos de Educação Profissional, para a maioria dos jovens da pesquisa, não ajudaram a conseguir emprego, apenas dois deles que fizeram os cursos na CUT tiveram estas chances, mas se apresentaram como espaços educativos que trouxeram outros benefícios, mais pessoais do que profissionais. Neste sentido, aparecem em espaços mais livres, as regras são mais frouxas, aprendizado mais técnico e específico, menos teórico, diferentemente da escola, que o conteúdo é mais abrangente, segundo alguns. Tanto os cursos como a escola se apresentam, para alguns, como um espaço de sociabilidade, encontrar amigos e conversas informais.

Observa-se que os que já estão frequentando o ensino superior apostam na universidade como um meio mais fértil para suas realizações pessoais do que conseguir melhores empregos, não se iludem em relação ao mercado de trabalho, análise semelhante encontrada na pesquisa de Corrochano (2001) com jovens operários no ABC. Para alguns, prolongar a escolaridade seria o caminho mais próximo e estimulante para a satisfação pessoal e um trabalho mais realizador.

Não deixam de perceber que a multiplicidade de papéis exigidos lhes impõe capacidade de mudar a forma permanecendo o mesmo, as mudanças em seus trajetos escolares, de formação e de trabalho, para além da necessidade de aquisição de conteúdos cognitivos, os colocam diante de situações que os levam a enfrentar novos e inesperados problemas, neste ponto, a identidade tem jogo, oscila, se contradiz. As interações nestes espaços produzem necessidade de se tornar reflexivo, aprendendo continuamente a aprender, suas trajetórias se moldam no cruzar de seus caminhos e destinos. Nesse processo de “identização”, as escolhas nem sempre são possíveis. Como nos lembra Carrano (2003), o rumo algumas vezes escapa, fazendo retornar e rever-se diante de um cenário em que o tempo se torna escasso e ameaçador para o destino das escolhas frente às múltiplas redes relacionais que os jovens vivem cotidianamente.

É nesta relação com o passado, o presente e o futuro que os jovens encontram sua unidade e continuidade, a identidade passa a ser sentida como um exercício permanente que necessita de interação, de reconhecimento recíproco entre nós e os outros contendo uma tensão não resolvida entre a definição de nós mesmos e o reconhecimento que os outros nos dão. Assim, identidade passa a ser reforçada quando no interior das famílias os pais agem de forma solidária, os jovens se sentem parte de um espaço que reforça, garante a identidade, são reconhecidos a partir do que fazem. Isso ajuda a superar alguns conflitos que se introduzem nas relações familiares. Pode-se dizer que o encantamento e a recusa da escola pressupõem a dialética de afirmação e negação, de permanência e multiplicidade. No capítulo a seguir,

apresenta-se a situação de trabalho ou o lugar que esse ocupa na vida dos jovens, bem como a experiência “no estar desempregado” para alguns.

6 SITUAÇÃO ATUAL DE TRABALHO E A EXPERIÊNCIA COM O DESEMPREGO

A situação atual ou não de trabalho entre os jovens ou a ocupação que desempenham atualmente no mercado de trabalho e a experiência de desemprego é mais um elemento importante para compreender a dimensão que esse lugar ocupa em suas vidas, bem como no entendimento de seu significado, quer seja no seu aspecto negativo ou positivo. Chega-se ao terceiro milênio com poucas certezas, muitos desafios, perplexos com tantas transformações nas várias esferas societárias, onde o projeto da modernidade não foi suficiente para solucionar os graves problemas da humanidade, suas referências, de certa forma, se esgotaram. Neste sentido, sem sombra de dúvidas, torna-se cada vez mais difícil para os jovens construir suas identidades a partir do trabalho, mas para além disso, continuam desafiando a imaginação e a criatividade configuradas em esperanças pela capacidade de transformação que o homem é capaz.

Deste modo, não dá para negar que as identificações continuam em curso perante a participação em várias instâncias onde se vive uma parte do que se é, o trabalho é uma delas, mesmo admitindo que não é mais uma referência central na vida dos jovens, pelo menos o trabalho formal, os sentidos se modificam, ganhando ar de diversidade.

6.1 FLÁVIA E RAFAEL: PERMANECER ESTÁVEL OU IR EM BUSCA DO SONHO

Nas entrevistas com Flávia e Rafael, destaca-se a importância de seus trabalhos atuais como um meio para expectativas futuras, em que o presente se torna apenas um tempo cronológico que marca as linhas traçadas para as múltiplas possibilidades que visualizam para o futuro em busca do que acreditam ser seus verdadeiros sonhos. Os dois casos refletem situações de trabalho que Pais (2001) caracteriza como “cunhas”, conseguidas através de influências pessoais e até certo ponto atividades bem remuneradas, como é o caso destes dois jovens.

Flávia deseja se profissionalizar na área de modas. Jovem, 24 anos, branca, cabelos pretos, cacheados, olhos verdes, meiga, muito disposta e ativa, se posiciona cheia de esperanças para enfrentar o que pressupõe ser seus desafios profissionais.

Sua primeira ocupação foi de off-girl na Caixa Econômica Federal por meio da PROMENOR, instituição que recruta ocupações para menores aprendizes a partir dos 14

anos, conseguiu este emprego mediante um tio que trabalhava na instituição. Seu trabalho consistia em fazer serviço de banco, malote, pagamentos diversos.

Ao completar 18 anos, teve que sair, como tinha feito muitos amigos na Caixa Econômica conseguiu retornar com a CONSERV (Cooperativa de Serviços) que trabalha através de licitações com algumas instituições em Florianópolis. Faz quatro anos que desempenha a atividade de supervisora em digitação, trabalha, durante alguns meses, 30 horas por semana e outros 40 horas quando o trabalho requer. A jovem ajuda a sustentar a família, já que só ela e seu pai trabalham, Flávia tem mais uma irmã que está desempregada. Como faz parte desta cooperativa, Flávia menciona alguns aspectos positivos e negativos em relação à sua ocupação atual:

Não posso dizer que ganho mal, financeiramente até acho razoável para uma pessoa que não tem filhos, ajudo em casa, me satisfaço, gosto do ambiente de trabalho, gosto de fazer o que faço, sempre acordo de manhã com vontade de ir trabalhar, ficar em casa sem fazer nada é angustiante, ver televisão e outras coisas não vale nada, eu gosto de estar trabalhando, a amizade também, é um grupo legal de trabalhar [...] como é uma cooperativa, não tenho carteira assinada, ela não proporciona certos direitos, não tenho férias, 13º não existe, se tu trabalha, recebe, se não trabalha, não recebe, os lucros são divididos, ela não arrecada, mas compensa pelas pessoas, pelo espaço.

A jovem comenta que nunca ficou desempregada, mas diante das incertezas no mercado de trabalho, teme que isso possa vir a acontecer, por isso valoriza demais seu trabalho, apesar de não se constituir em sua verdadeira vocação, ainda pretende ir em busca de sua realização pessoal. Neste sentido, fala que está sempre revendo as metas e no trabalho faz um esforço para não vacilar:

Tenho que fazer tudo o que eles esperam, ser profissional mesmo, me preocupo com isso, até porque me considero nova e já tenho sob minha responsabilidade 30 digitadores, alguns mais velhos, com 40 anos, pais de família, e tenho que estar sempre impondo respeito, porque, senão, aquela coisa “ah, ela é menininha” [...] é um jogo de cintura, para não parecer nenhuma menininha bobinha, metidinha, fraquinha, etc [...] eu batalho bastante, a competição é grande, tenho que mostrar mais, cada vez mais, senão, tu perde (...) superar limites, se tu ficar paradinha, mostrar só aquilo que eles estão pedindo, daí se ferra [...] tu não pode ficar só naquela rotina, tem que ser capaz de mais (Flávia, 24 anos)

Os problemas vivenciados em sua ocupação estão mais associados na maneira de se relacionar com as pessoas de mais idade que supervisiona. Acha constrangedor chamar a atenção de uma pessoa que é casada e tem filhos e muitas vezes tem que cobrar coisas desnecessárias, tornando os relacionamentos complicados:

Olha só, é uma cooperativa, as pessoas não levam muito a sério, pensam assim: “ah, não deu certo este contrato, a gente consegue outro, não tem carteira assinada mesmo”, mas o serviço é complexo, é difícil, as vezes tenho que fazer sozinha, porque acho chato delegar (Flávia, 24 anos)

Flávia considera um bom trabalho aquele que se ganha bem e, além do mais, possibilita horários compatíveis com o lazer e a família, mas diz não saber se é possível encontrar hoje em dia esse tipo de trabalho, talvez, se tiver muita força de vontade, estar sempre atualizada, estar estudando, fazendo cursos, é possível. O trabalho não deve ser alienante, em sua visão, não se deve passar a vida apenas trabalhando, mas, ao mesmo tempo, deve-se acordar e ter vontade de ir para o trabalho. As características que as empresas exigem atualmente para Flávia se constituem num “mar” de desempenhos complicados, às vezes impossíveis de alcançar, como boa dicção, boa aparência, experiência, formação, são tantas que os jovens ficam perplexos quanto às transformações inseridas em seus cotidianos.

Quando abordada sobre se tinha amigos que estavam desempregados e quais as razões em sua opinião, Flávia diz que sim, e acha que a experiência é um fator que predomina, mas a falta de iniciativa, acomodação e a crise econômica são fatores que contribuem, o desemprego, em sua visão, ocorre mais por falta de vagas no mercado que está saturado, dependendo da área. Flávia salienta que, quando começou a trabalhar, costumava gastar seu salário com besteiras, chegava a gastar tudo numa calça, e hoje as coisas mudaram, seu salário é para cursos, seus estudos, lazer, não gasta mais por gastar.

O tempo presente aparece na fala de Flávia como eco-reflexivo, estratégico para o ficar e o ir adiante nas múltiplas possibilidades que espera encontrar num tempo futuro, como pode se ver, é possível ter vários interesses sem perder a identidade, os jovens desejam ser respeitados por serem eles mesmos e ao mesmo tempo diferentes:

Na verdade, eu não estou totalmente satisfeita, o que desejo na minha vida é fazer meu curso de modas, ser uma grande estilista, viajar muito, mas vou ter que dar um tempo. Pretendo fazer mais cursos, vou me esforçar, ser mais feliz, talvez daqui uns dois anos vou sair deste emprego, quero arrumar outro. Não vou dar um passo maior que a perna agora, não quero ficar ali a vida toda numa cooperativa, não é isso que eu quero, mas por enquanto está bom.

Rafael é um jovem de 21 anos, branco, cabelos castanhos e lisos, olhos castanhos, extremamente comunicativo, sorridente, ativo, transmite uma energia muito positiva, se relaciona com a vida mantendo muita esperança ao seu redor. Sua primeira profissão foi de ajudante de garçon, com seu pai que exercia profissionalmente essa atividade, preparava e servia bebidas em festas e formaturas. Mora com os pais e um irmão que ainda não está trabalhando, a renda da família vem de seu emprego e do pai. Atualmente, trabalha como editor de jornal na Assembléia Legislativa em Florianópolis, é terceirizado com carteira assinada da Digilab (Laboratório Digital), que faz serviço de editoração de imagens. Trabalha 40 horas por semana, mas como está num órgão público, diz que existe favorecimento no horário, porém, muitas vezes não tem horário para sair, sobretudo algumas vezes no mês quando da produção do jornal. Antes disso esteve por um ano desempregado, sobre esta experiência, conta como se sentiu:

Neste ano, eu me senti muito angustiado. Eu ficava em casa só estudando, queria muito arrumar um emprego. Daí, depois de um ano, ligaram dizendo que estavam precisando de mim. Neste período eu não fiquei preocupado, fiquei foi apreensivo. Sentia angústia, queria ser alguém, queria me sentir útil para a sociedade. Hoje é diferente, posso produzir todos os dias, ajudar alguém. Quando eu ia para casa à tarde, ficava andando de um lado para o outro procurando alguma coisa para fazer. Minha mãe dizia para eu ficar calmo, não me preocupar, porque eu era novo ainda. Não cheguei a ficar em depressão porque eu tinha essa maturidade de saber que eu tinha um tempo pela frente. Eu ficava imaginando um pai de família nessa situação, o quanto deve sofrer com o desemprego, tendo crianças para sustentar. Eu, pelo menos, tinha casa, um pai, uma mãe, comida e roupa lavada. Realmente esse emprego acabou sendo em parte por indicação de meu pai que depois de garçon passou a trabalhar na gráfica aqui. Eu tinha que fazer uma revista para o trabalho de filosofia na escola, meu pai autorizou que imprimisse aqui. Eu já tinha feito cursos. O trabalho, modestia à parte, ficou lindo, ficou um trabalho profissional. Um cara que trabalha com meu pai viu e me chamou para diagramar o jornal deste órgão, durante três meses trabalhei sem ganhar nada, peguei e fui embora. Depois de um ano me ligaram dizendo que estavam precisando de mim, que não tinha diagramador. Daí começaram a me pagar em diárias e sempre dizendo que estavam tentando me contratar, só após este período que conseguiram através da Digilab. (Rafael, 21 anos)

Quando Rafael começou a trabalhar, já tinha feito um semestre do curso de computação na universidade, mas descobriu que não era o que gostava, não desejava prosseguir, por isso trancou a Faculdade, fala que não tinha muitas informações sobre o curso, apenas se concretizou como mais uma experiência. O jovem considera o mais importante em seu trabalho a produção do jornal:

Sem o jornal este trabalho não tem nada para mim, quando chega a hora de produzir, eu dou minha alma, mesmo que eu esteja cansado, mesmo que eu esteja estado numa festa na noite anterior, eu venho para cá de manhã e só saio quando o jornal, estiver feito. Se não tiver o jornal eu não tenho emprego, entende?

Rafael diz que por enquanto está satisfeito com seu atual trabalho, o que o motiva, na realidade, é seu salário, de acordo com ele, aprendeu para fazer aquilo ali e está conseguindo ir além, desenvolver outras idéias, outros conceitos, que não só dois ou três, mas se for preciso, inventa outro número. O problema que vivencia mais de perto em sua atual ocupação é o horário, reclama que sua chefe é muito stressada, conforme suas expressões “Nós somos seres humanos, de vez em quando eu bato de frente com a personalidade de outras pessoas, por exemplo, minha chefe”. Rafael pretende ficar neste emprego mais um tempo, para aprender mais, se especializar e ser melhor do que é na área que trabalha.

Até aprender o bastante para conseguir um emprego melhor. Por exemplo, aqui eu estou no nível dez, para ir para outro emprego, eu tenho que ter conhecimentos nível quinze. E esse emprego só necessita nível dez. Se chegar aos quinze, vou ter muito conhecimento para pouco serviço (Rafael, 21 anos)

O jovem considera um bom emprego aquele que possibilita um salário justo para viver bem e aproveitar a vida, em sua opinião, deve ter um ambiente saudável para se sentir bem trabalhando. Para Rafael, que diz ter amigos desempregados, o problema está relacionado ao sistema econômico, que não propicia garantia de vagas no mercado, mas também acha que muitos jovens são acomodados. Assim, conta a história de um amigo formado em Educação Física e está dois anos sem trabalho:

Esse amigo tem 23 anos, está desempregado já faz dois anos, ele já foi até para outros estados e não conseguiu, chegou a ir a Belo Horizonte. As academias não pagam um salário legal para quem está formado, ao contrário, preferem contratar alguém que não terminou a faculdade para pagar menos. Acho que 50% é por causa do sistema econômico e 50% porque são acomodados. (Rafael, 21 anos)

Neste contexto, o desemprego se apresenta sob várias dimensões, isto tem deixado muitos jovens perplexos quando tentam se inserir no mundo do trabalho. A primeira delas é que não conseguem um posto de trabalho, não só os trabalhadores com baixa escolaridade, mas aqueles considerados aptos, que adquiriram as mais variadas gamas de qualificação. Uma

segunda dimensão é a duração prolongada de desemprego, o que leva as pessoas a buscarem individual ou associativamente alternativas para sua sobrevivência. Mas o discurso que aparece na fala de Rafael, passa pelas novas exigências do mercado:

A pessoa tem que conhecer bem a área, ser um profissional aberto, ter novas idéias e ser uma pessoa calma. As empresas fazem as seleções com dez para contratar apenas um, o melhor também tem que ter experiência, acho difícil sem experiência conseguir alguma coisa. Se ela tem cinco funcionários para escolher e os cinco têm o mesmo nível de conhecimento, se um tiver tempo de experiência a mais, falar um idioma a mais, ela vai contratar esse. (Rafael, 21 anos)

Bock (2000) menciona que o discurso que chega ao jovem e ao adulto de hoje é de que o emprego não existe mais, que uma das saídas é o trabalho autônomo, que só sobrevivem no mercado aqueles que são empreendedores, que tudo só depende deles e, na disputa do mercado profissional, o autônomo vai competir com outro autônomo e sobreviverá o melhor. Não é suficiente uma qualificação específica, para conseguir uma boa colocação, o jovem tem que ser polivalente. Neste sentido, este discurso acaba sendo incorporado nas preocupações dos jovens, quando abordados sobre os requisitos exigidos para conseguir emprego.

6.2 MEIRELLE: IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO COMO PROJETO

Meirelle é uma jovem de 24 anos, branca, cabelos castanhos escuros e lisos, olhos castanhos, casada recentemente, se diz estudiosa do saber, faz pós-graduação numa universidade particular no Paraná, curso que realiza com aulas de quinze em quinze dias nos sábados. Começou a trabalhar aos 18 anos numa clínica médica como recepcionista, durante este período, fez o curso de magistério e atualmente está esperando ser chamada no concurso para professora de educação infantil no município de Florianópolis, trabalha como professora substituta. Em relação ao seu trabalho e ao momento que está vivendo atualmente, diz que se empenhou muito para chegar até aqui na sua idade, que não foi fácil sua trajetória, houve um esforço conjunto de sua parte e de seus pais para que isso acontecesse, apesar dos poucos recursos. No que tange à experiência de conseguir trabalho frente às pessoas com mais idade, argumenta:

Essa questão foi muito discutida no começo do ano, porque na prefeitura o concurso esse ano teve uma normativa diferente, foi por grau de instrução, depois por pontuação de cursos, e o terceiro era ser mais velho. Então muitas pessoas com o mesmo grau de instrução saíram na minha frente na

classificação. Eles não contaram anos de experiência, consideraram a idade, indiferente da pessoa já ter trabalhado na educação ou não. Por um lado, eu acho que tem que dar oportunidade, mas, por outro, a grande maioria das pessoas ficaram chateadas porque, por exemplo, já venho nesta luta como professora substituta há sete anos. Todo ano a gente faz inscrição, agente passa por concurso, a gente se sacrifica, não temos emprego garantido, o contrato é anual, termina o contrato e a gente está desempregada, temos que começar tudo de novo. Esse ano entrou muita gente que nunca tinha trabalhado na educação. Escolheram cargos bons, escolheram carga horária e tem muita gente que está há quinze ou dezesseis anos e não conseguiu vaga. Por um lado, é bom, mas, por outro, prejudica aqueles que estão há anos buscando, se sacrificando para fazer a prova. Todo ano fica se humilhando para conseguir um emprego, todo ano é um processo seletivo que a gente não sabe se vai passar ou não. Hoje o mercado de trabalho está muito difícil. Tu tem que estar investindo, se especializando. É importante fazer cursos de especialização, mas tu não ganha subsídios para fazer o que está fazendo, tens que tirar do teu próprio trabalho. Muitas mães que têm família tiram dinheiro da alimentação para fazer cursos. Isso não quer dizer que eu não concorde que se tenha que dar oportunidade para as pessoas mais velhas. (Meirelle, 24 anos)

A jovem ressalta que as atividades que desenvolve com as crianças na escola se diferenciam todos os dias, pois mesmo com qualificação que, segundo ela, é campo que fica muito na teoria, a prática a faz enfrentar desafios que não estavam previstos, o aprendizado passa pela capacidade de rever e refletir cotidianamente o conhecimento:

A cada ano estou numa escola diferente, a cada ano tenho experiências novas, trabalho com crianças de diferentes idades. Aprendo todos os dias com as crianças e os colegas da escola. Geralmente a gente trabalha em um grupo que em sua grande maioria são efetivos, então eles já têm uma bagagem, já fazem um trabalho de mais de um ano dando continuidade, e a gente vai adquirindo na prática coisas boas que podem ser pensadas com a teoria, as crianças trazem muitas experiências (Meirelle, 24 anos).

Os problemas alegados pela jovem em seu trabalho atual estão ligados ao vínculo que estabelece, por ser substituta, deixa de aproveitar certos direitos:

Quem é efetivo mantém certos direitos, por exemplo, trabalho direto, em janeiro também na colônia de férias, dou apenas um intervalo de uma semana e em fevereiro já começam as aulas. Os outros professores não. Eles têm férias, a cada cinco anos têm licença prêmio, eu não. Essa é uma questão complicada de ser substituta, não ter os benefícios que o efetivo tem (Meirelle, 24 anos).

A jovem oscila em continuar na educação, ser efetivada, que passa pela sua realização pessoal, e arrumar outro trabalho de meio expediente:

Pretende continuar trabalhando com a educação, espero ser chamada, mas também posso trabalhar meio período em outro lugar, até em outra área. Na clínica que trabalhava, eu também gostava. Na educação, trabalho o dia inteiro, cuido de bebê, eu chego, na maioria das vezes, em casa morta, passo oito ou nove horas com eles naquela correria. É muito cansativo. Seria bom se a gente trabalhasse meio período e fosse remunerada pelo tempo integral para poder se dedicar mais (Meirelle, 24 anos).

Meirelle, desde que começou a trabalhar, nunca ficou desempregada, mas diz ter uma irmã que também é professora e está constantemente nesta situação. As razões, segundo ela, passam pela formação, salário, mas também pela exigência de experiência:

Muitas empresas exigem formação, a questão salarial também é outro problema, muitas pessoas estão trabalhando por um salário mínimo, trabalhando demais apenas por um salário. A qualificação que é exigida requer investimentos, para isso tem que estar trabalhando. Não te dão oportunidades, para muitas áreas eles te exigem anos de experiência. Minha irmã não conseguiu trabalho porque não tinha experiência, como ela vai ter experiência se não dão oportunidade para ela? (Meirelle, 24 anos)

A pesquisa de Pochmann (2000) sobre o “Emprego e desemprego juvenil no Brasil” mostra a situação do jovem no heterogêneo mercado de trabalho brasileiro que vem atingindo-o de forma mais intensa pelo desemprego, enfrentando inúmeras dificuldades de inserção profissional. Em seu último livro “A batalha pelo primeiro emprego” (2000) , o autor exhibe um dos temas atuais mais desafiadores da sociedade brasileira - o primeiro emprego - questão chave tanto na decisão individual do jovem, como na perspectiva familiar, tendo repercussões nacionais significativas. O primeiro emprego geralmente representa muito na trajetória futura do jovem, é sabido que quanto melhores suas condições, mais favorável será seu desempenho e evolução profissionais.

Para Meirelle, um bom emprego seria aquele no qual pudesse se realizar, fazer o que gosta, ser reconhecida:

Porque a gente trabalha, trabalha, vai em busca de qualificação e quase sempre não dão o devido valor. A gente tem que ter a realização, mas a gente precisa sobreviver, poderia ser com um salário digno, porque tudo está muito caro. Muitas pessoas até conseguem sobreviver com um salário mínimo, mas a gente sabe como é difícil. (Meirelle, 24 anos)

A experiência desta jovem revela que qualificação não é sinônimo de salário digno, boa colocação, diferente dos depoimentos dos demais, que ainda almejam por formação, talvez em função dos baixos salários do magistério e a constante exigência por

aperfeiçoamentos. Meirelle já tem profissão definida, tem investimento em sua carreira cuja realidade são parcos salários e um favorecimento a pessoas de mais idade, vinculando idade à experiência, quando, na realidade, a jovem revela pouca idade e muita experiência. Com a reforma da previdência, a idade cada vez será mais um agravante para o trabalho, não deixará de ser mais favorável aos mais jovens. A jovem costuma gastar ou consumir seu salário com as despesas de casa, comenta que, “quando era solteira, era a minha Faculdade, agora é alimentação, meus cursos de aperfeiçoamento, água, luz, quando dá, guardo um pouquinho para construir a parte de cima da minha casa”.

6.3 ALESSANDRA: ESTÁGIO REMUNERADO CONSIDERADO COMO DESEMPREGO

Alessandra, uma jovem de 24 anos, branca, loira, olhos castanhos, casada, com uma filha, um pouco tímida, mas muito prestativa, mora com o marido e a filha num terreno aos fundos cedido por seu pai, se considera desempregada, apenas fazendo estágio obrigatório para a Faculdade de Administração, numa loja de informática próximo a sua casa. Na verdade, ganha uma ajuda de custo para o transporte que possibilita ir para a Faculdade. Trabalha seis horas por dia. Seu primeiro emprego foi de balconista numa padaria aos 14 anos. Alessandra diz que o desemprego a persegue, antes deste estágio, ficou nesta situação por cinco anos:

É horrível! Às vezes fico pensando em quem tem filhos. Eu ainda tenho o apoio de meus pais, da minha família. E quem não tem apoio e precisa de dinheiro para sustentar todos. Muitas vezes vi lá no hospital que faço trabalho voluntário pessoas com crianças doentes, sem ter dinheiro nem para comprar remédio e as enfermeiras fazendo vaquinhas porque o hospital também não tinha (sabe como é o sistema público hoje em dia). [...] porque eles também estavam desempregados. Eu acho que a união faz a força [...] desempregada, eu sinto como se eu não fosse capaz. Tu vai procurar um emprego e tens até qualificação para aquilo, mas não te aceitam. Não sei o que acontece! Inúmeras vezes fui e não consegui. Está difícil para os jovens e também para as pessoas mais velhas, conheço um senhor de 45 anos que procura, procura, ele tem uma vasta experiência (informática, técnico) e não consegue nada. Quando ele fala a idade, o cara diz “depois a gente te chama ou a gente vai analisar teu currículo”. A minha tia tem 28 anos, fez faculdade, tem bastante experiência e está desempregada, eu já vi ela ir a vários lugares e não está conseguindo. (Alessandra, 24 anos)

Esta última consideração de Alessandra e de sua própria situação remete para a problemática que se expande no país: o desemprego dos trabalhadores com nível universitário. Márcio Pochmann, economista e atual Secretário do Trabalho da Prefeitura de São Paulo, em entrevista ao jornal da Folha de São Paulo no dia 09/05/2003, argumenta que isso se deve ao baixo índice de crescimento da economia do país. O autor fala de uma nova categoria os “neopobres”, idéia trabalhada no “Atlas da Exclusão”, estudo lançado em março que contém indicadores sociais de todos os municípios brasileiros. Segundo Pochmann, o baixo índice econômico de crescimento da economia brasileira, em média 2,2% ao ano entre 1981 e 2002, criou a categoria dos “neopobres”, chamados de novos excluídos e para os quais não tem política de atendimento.

Os “neopobres” têm perfil diferente: são desempregados, muitos dos quais com nível universitário, e os jovens que concluíram o ensino médio e até mesmo a universidade, mas não conseguem entrar no mercado de trabalho. Apesar do alto nível de escolaridade, se comparados a maioria dos brasileiros, os “neopobres” são filhos de famílias que perderam renda ao longo dos últimos anos, não têm herança e dependem de ocupação para se manter. Os “neopobres” são um fenômeno típico das cidades mais ricas do país. A renda ainda não foi estudada, mas muitos já vivem abaixo da linha da pobreza [...] na capital paulista há 45 mil desempregados com nível superior ante 23 mil desempregados analfabetos. (Folha de São Paulo, 09/05/2003)

Como argumenta Pais (2001, p 66), vivemos numa modernidade de “reflexividade social”, isto significa que as “decisões são tomadas na base de informações apropriadas, mas paradoxalmente, quanto mais informado se está, menos segurança se sente”. Este traço dos modos de vida na atualidade se tornam, conforme o autor, naquilo que ele chama de “labirinto, época marcada por “dilemas da insegurança” em que os esforços bem intencionados para alcançar a segurança se traduzem, muitas vezes, num reforço da insegurança”. E os jovens contemporâneos inseridos em estruturas sociais que crescem nestas formas “labirínticas” se desenvolvem em trajetórias que o autor chama de yô-yô, movimento de ziguezague, de voltas e rodopios que a vida dá.

Retomando, Alessandra tira proveito do estágio como forma de aprendizado, já que não consegue trabalho:

O importante no momento é o que estou aprendendo lá, tudo é experiência. Isto vai me ajudar futuramente daqui a quatro anos, então, quanto mais aprender, melhor, tudo é válido enquanto estiver aprendendo. Vou ficar aqui até agosto, que é final do meu contrato do estágio. Depois disso eu tenho que ir atrás de outro estágio (tenho que fazer 300 horas de estágio), depois vou em agências, parar não dá! (Alessandra, 24 anos)

A jovem considera um bom emprego aquele que oferece um bom ambiente de trabalho, um salário razoável, que pague pela capacidade que, de acordo com ela, hoje está difícil. Conseguir um bom emprego, para a jovem passa pela disposição de aprender permanentemente:

Tem que estar muito preparada e disposta a aprender constantemente. Mesmo que tu não tenhas muita experiência, tem que estar disposta a aprender coisas novas, mesmo que não entendas, tu tem que tentar, tem que quebrar a cabeça, tem que fazer acontecer e ir em frente. As empresas exigem experiência para não gastarem com treinamento (Alessandra, 24 anos)

Para Melucci (1997), no âmbito da vida social, num mundo de complexidade, as experiências se apresentam na multiplicidade que caracteriza as formas de relacionamento, linguagens e regras específicas. Ao mesmo tempo em que são postos limites, abrem-se possibilidades no que diz respeito à ação individual, já que a experiência se mostra menos como um dado e mais como uma realidade construída através de um processo relacional. Isto indica para os sujeitos a capacidade de mudar, de experimentar as várias identidades que estão colocadas em jogo nas relações sociais.

Alessandra costuma consumir seu salário geralmente com o material de aula e transporte ou cadernos para sua filha, o pouco que recebe com o estágio é gasto com a educação que, acredita, levará ao seu projeto futuro na área da Administração.

6.4 ISRAEL, ROSANA, AURINO E WILSON : FLUTUAÇÕES ENTRE EMPREGO E DESEMPREGO

As profundas transformações que vivemos atualmente, no plano econômico, social, político e cultural, segundo Elias (1990), são tratadas como uma “crise do processo civilizatório”. A crise do trabalho assalariado, neste caso, o aumento do desemprego estrutural constitui um dos problemas políticos e psicossociais mais agudos da história humana, conforme Frigotto (1998). Este problema aponta para a multiplicidade que se apresentam os problemas sociais, recobrando uma indiferenciação nas infinitas situações em que está sujeito o gênero comum. Castel (1999) faz uma pergunta muito pertinente sobre a temática. Que coisa pode ser compartilhada por um homem desempregado há muito tempo e por esta situação recolhido à esfera privada (família), e por um jovem cuja única ocupação penosa é

feita de andanças sempre tendo que recomeçar?. De certo, diz o autor, estes não têm os mesmos valores, nem a mesma experiência em relação ao seu passado e ao futuro, nem sua vivência. Todavia, sem deixar de reconhecer a importância do trabalho como constituinte de sociabilidade humana, também não dá de deixar de reconhecer a dificuldade que os jovens têm enfrentado em relação a esta atividade.

As vivências dos quatro jovens que se apresenta a seguir mostram as crescentes inconstâncias, flutuações, continuidades e descontinuidades, metamorfoses, movimentos de vaivém, como se estes jovens exercitassem, como assinala Pais (2001), a sua capacidade de pássaros migratórios, naquilo que configura suas trajetórias de trabalho.

Israel, um jovem de 23 anos, branco, cabelos castanhos escuros, olhos castanhos, alegre, cuja profissão diz ser de pescador, começou a trabalhar aos 14 anos cortando grama e limpando churrasqueiras em residências em Ponta das Canas, no município de Florianópolis. Sua situação se modifica constantemente pelo tipo de atividade que desempenha, emprego temporário, característica do mundo do trabalho na Ilha de Santa Catarina. Quando se aplicou o questionário em 8/5/2002, ainda estava trabalhando como marinheiro num barco de turismo e pesca (na Ilha do Arvoredo, Baía dos Golfinhos), porém, nos encontros para a entrevista final realizada em março e abril de 2003, se encontrava desempregado, apenas estudando. Conforme narrou, fica desempregado praticamente durante o inverno, conseguindo trabalho só na época de veraneio.

Já faz uns quatro anos que vivo assim, mas é só no verão, começa em novembro, praticamente trabalho apenas cinco meses. Bem, é situação de trabalho temporário. Durante o ano passo dificuldades. Ganho esse dinheiro no verão e seguro no inverno, porque tenho que pagar o colégio e o passe escolar. Tinha dias que eu trabalhava 24 horas, o barco saía durante o dia, fazia dois passeios e na volta, final da tarde, fazia uma pescaria. Daí ia para 70m ou 120m e ficava pescando a noite toda. As vezes eu dormia uma semana inteira dentro do barco. (Israel, 23 anos)

Nota-se que Israel já ficou desempregado diversas vezes, considera-se trabalhador durante cinco meses do ano e desempregado durante sete meses. Comentando sobre a experiência do desemprego, Israel expõe seus desafios:

Para mim, é bastante difícil, porque quero comprar minhas coisas e não quero pedir para minha mãe, que já ganha pouco com uma mixaria de aposentadoria. Por isso tento ganhar essa grana no verão para tentar me manter no inverno e não ter que pedir para ninguém. É muito difícil, mas eu consigo. Eu me sinto mal vendo as pessoas trabalhando e eu parado. Eu não consigo ficar parado dentro de casa. Eu ganhava em média R\$ 400,00, sei que é pouco, mas não tem outra maneira, além de tudo, tenho que

guardar. É tudo na caneta. São R\$ 60,00 em passe escolar, R\$ 70,00 mensalidade do colégio, ajudo a pagar telefone e alimentação em casa. (Israel, 23 anos)

Israel menciona que o mais importante no seu trabalho eram as amizades e a oportunidade de conviver com pessoas de vários lugares do Brasil e do exterior, a insatisfação, segundo ele, advém da temporalidade desta atividade, sente também porque sabia que mais três amigos iriam ficar desempregados como ele. O jovem fica entre o que é possível no momento, terminar o ensino médio, e o que pretende em relação aos seus projetos, prestar vestibular de Geografia ou Biologia Marinha, depois disso, arranjar um emprego fixo. Isso fica no hipotético, uma vez que Israel não desconhece as dificuldades de inserção profissional:

O problema é que aqui no bairro a maioria é pescador. Para uma pessoa que já é formada e não tem trabalho, acho que o mercado está complicado mesmo. Imagina para um pescador! Tem um rapaz que mora aqui perto que é químico e trabalha de motorista de ônibus. (Israel, 23 anos)

Um bom emprego, para Israel, seria aquele que proporciona segurança e ganhar dinheiro, as expectativas com relação ao trabalho são reduzidas à sua dimensão instrumental: uma fonte de ganhos, uma preocupação atualmente econômica, mas reafirma que esse aspecto configura apenas o momento, não deixa de ter sonhos futuros pensando numa universidade. De acordo com Bajoit e Franssen (1997, p 81), para muitos jovens, a experiência da precariedade é originária de uma socialização familiar que muitas vezes não oferece recursos adequados, mas sim frágeis associados ao percurso no sistema escolar repercutindo nas “[...] dificuldades prolongadas de inserção no mercado de trabalho que impedem estabilização no modelo de trabalho ao qual aspiram e se traduz por uma desestruturação de suas referências identitárias”.

Aurino é outro jovem de 23 anos, branco, cabelos castanhos e olhos também castanhos, calmo, fala mansa, que também vive às turbulências do mercado de trabalho em Florianópolis. Em outubro de 2002, primeiro encontro com o jovem, este se encontrava sem trabalho, na temporada conseguiu um emprego por dois meses num hotel nos Ingleses, bairro afastado de sua moradia, e no último encontro, em março de 2003 estava novamente desempregado.

No momento, estou desempregado. O meu último emprego foi de tecnólogo em recepção em um hotel (Estrela do Mar), foi com carteira assinada por

dois meses apenas, o contrato acabou e eles não quiseram renovar, porque a temporada estava acabando, faz um mês.

O jovem fala de sua experiência de desemprego se reportando ao próprio ser jovem e da dificuldade de construir identidade a partir do trabalho:

As pessoas mais velhas têm dificuldade para conseguir trabalho por causa da idade. O jovem até consegue algum emprego, mas eles acham que, por sermos jovens, não precisamos pagar um salário decente, que o ambiente também não importa muito, temos tempo. Eles sugam o jovem e às vezes têm jovens que são mais fracos que uma pessoa de mais idade que já trabalhou antes. [...] É chato porque tu não tem dinheiro, todo mundo pergunta se tu trabalha e tu diz que não, alguns pessoas pensam que tu és filhinho de “papai e mamãe” e tu não é, pelo contrário, tem que ajudar em casa ainda. As pessoas têm preconceito. Eu fico muito desanimado às vezes, e outras vezes sinto raiva por estar nessa situação, mas também tenho que acreditar que um dia as coisas mudam. Às vezes eu digo “chega”! Estou cansado, não vou conseguir nada. Está pior para mim do que para uma pessoa idosa, principalmente aqui na Ilha de Santa Catarina.

Antes disso, Aurino já tinha ficado um ano desempregado porque seu trabalho era à noite e a escola também, então preferiu ficar sem trabalho do que estudar no turno diurno e saiu. No momento está terminando o ensino médio e fala novamente da dificuldade de encontrar trabalho na Ilha devido à sazonalidade, característica do mundo do trabalho na microrregião de Florianópolis, confirmando os dados já percorridos na pesquisa quantitativa, no que diz respeito ao problema da experiência exigida pela maioria dos empregadores:

Eu não acho que na Ilha deve-se deixar de trabalhar com o turismo, mas as relações de trabalho são precárias, só emprego sazonal, só contrato temporário, não dá. Tu trabalhas só três meses e o resto do ano fica desempregado. Eu acho que aqui não é só no verão, carnaval e acabou. Acho que tem muita coisa que poderia se fazer. Trabalho de temporada é um bico. Se for de carteira assinada, tu só acaba sujando ela. Por exemplo, se tu trabalha de caixa numa loja, eles dizem “o teu tempo de experiência nessa loja foi muito pouco. Foram só dois meses”. Daí tu fala que foi na temporada, mas não adianta. Eu estava trabalhando na recepção de um hotel, a mulher do departamento pessoal só assinou minha carteira porque quis e porque eu tenho carga horária maior que dois meses. Para tu trabalhar num hotel, eles te exigem um ano de experiência, só que eles não te dão um ano, mas sim dois meses ou no máximo três meses, não dá para entender. (Aurino, 23 anos)

O jovem que também ganhava em média dois salários mínimos em seu último emprego costumava gastar seu salário com roupas e ajudava em casa pagando luz, água e

telefone. No caso de Aurino, pode-se dizer que o SINE obteve bons resultados como intermediador de mão-de-obra, em seu depoimento, conta como conseguiu seu último emprego:

Foi através do SINE, inclusive estou pretendendo voltar lá, ver se tem alguma coisa. Só que não vou ficar dependendo só disso, também vou passar no Shopping e deixar meu currículo nas lojas [...] eu fui no SINE me cadastrar. A moça lá me falou que tinha um hotel nos Ingleses que precisava de um recepcionista e me passou o papel. Quando fui no escritório do hotel, já me mandaram pegar o uniforme e me deram o horário para trabalhar. (Aurino, 23anos)

O jovem considera um bom trabalho aquele que patrão reconhece e dá valor aos funcionários, o ambiente também se constitui, para Aurino, uma questão fundamental aliado a um horário compatível para poder ao mesmo tempo estudar. Dá um exemplo que, em seu ponto de vista, era um bom ambiente de trabalho:

Quando eu trabalhei no Mc Donald's, a gente tinha muito incentivo para o trabalho. Se tu for um bom funcionário, a tua foto vai estar lá por um mês, vai receber uma gratificação no teu salário, vai receber um piercing para colocar na tua camiseta, uma viagem talvez [...] tem um incentivo para ganhar mais, apesar que sei que isso gera competição. (Aurino, 23 anos)

Aurino acha que atualmente as empresas estão muito exigentes, querem que os jovens façam “mil” cursos, tenham força de vontade, boa aparência, que saibam se expressar, que saibam computação, espanhol e inglês. O jovem acha que estas competências são fundamentais, ainda mais num lugar que o turismo é a atividade predominante, mas reclama: “como fazer isso sem condições econômicas”. Neste sentido, as escolas públicas de ensino médio da Ilha deveriam privilegiar o turismo como área de abordagem principal sobre o “mundo do trabalho”.

Rosana, uma jovem de 25 anos, branca, cabelos curtos, olhos pretos, muito tímida, cuja primeira ocupação foi de doméstica aos 12 anos de idade está no momento desempregada e sem estudar, abandonou os estudos, como pode ser visto em item anterior, atualmente com o ensino fundamental incompleto. Da mesma forma que Aurino e Israel, consegue apenas trabalho na temporada. Estes jovens, conforme Pais (2001), sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, oscilações, continuidades e descontinuidades.

A jovem mora com seus pais e mais dois irmãos que também estavam desempregados no último encontro mantido com ela no final do verão de 2003. Estes desempenhavam ocupações temporárias e informais na temporada. Rosana diz que sua

profissão é doméstica, babá e camareira cuja ocupação desempenhou em seu último trabalho, durante um período de apenas 10 dias num hotel na praia de Cachoeira do Bom Jesus. Antes disso, trabalhou de faxineira durante os três meses de verão em residências de turistas no bairro onde mora em Ponta das Canas, trabalhava uma média de 9 horas por dia e no hotel inclusive sábados e domingos. Desde que saiu de um emprego aos 21 anos numa residência que trabalhava junto com sua mãe, já passou por várias fases de desemprego, fica geralmente metade do ano empregada e no restante sem trabalho. Comentando sobre a dificuldade de conseguir emprego, diz que gostaria que fosse próximo de sua moradia:

Até aparece um ou outro, mas aqui no bairro não tem mais nesta época, mas lá no centro tem, só que como vou sair daqui, ir pra lá muitos não pagam a passagem, né? Querem que durma no serviço, mas eu não gosto, tenho que vir para casa. Estou acostumada a ficar em casa e não na casa dos outros, e mesmo assim, tem minha mãe para cuidar, ajudar a fazer as coisas. (Rosana, 25 anos)

No depoimento da jovem, a experiência do desemprego é marcada pela negatividade, em alguns momentos, como desesperadora a ausência de trabalho aparece como angústia por ficar sem fazer nada, porque o trabalho caracteriza-se como meio de sobrevivência.

É muito ruim querer trabalhar e não ter ou porque não pode, a gente quer dinheiro para comprar coisas, não é nada bom ficar desempregada, passa muito trabalho, não é fácil. Ficar parada, andar para cá e para lá e não encontrar nada, a gente fica pensando besteira, fica desesperada, sem jeito. (Rosana, 25 anos)

A jovem diz ter amigos também desempregados, se mostra preocupada com o cenário do desemprego no país alegando que isso acontece porque seus amigos, como ela, não têm escolaridade adequada com as exigências atuais, bem como a falta de experiência:

Um bom estudo [...] meus amigos, como eu, não têm segundo grau que eles exigem, agora até para varrer as ruas pedem isso, só estudo mesmo para conseguir um bom emprego, tem que ter sabedoria, minha cabeça é fraca [...] experiência também em computação, todo tipo, se não tiver, não adianta, até empregada doméstica dizem que tem que saber línguas, né? Aqui no hotel Cassis, se não tiver o segundo grau e falar espanhol, eles não contratam [...] para trabalhar de camareira, no bar, no restaurante, tem que ter tudo isso, não adianta [...] Se eu tivesse estudo, acho que hoje teria um futuro, porque é com ele que a gente consegue. Pretendo continuar estudando, mas não tenho muita fé. (Rosana, 25 anos)

O primeiro encontro, em 7/11/2002 com Wilson, branco, alto, magro, cabelos escuros raspados, olhos castanhos, casado, falante, se constituiu num momento difícil para o jovem, estava abalado, pois tinha sido despedido naquela semana e dependia daquele emprego para sustentar a família. Uma alternativa, diante da situação, foi providenciar o seguro-desemprego através do SINE. Na área pretendida, que é de desenho ou estilismo, o jovem fez um curso pelo SENAI, após sua realização, ficou dois anos procurando emprego em lojas para trabalhar como vitrinista e não conseguiu nada, apesar de desenhar desde os nove anos. Fez um concurso na comunidade e ganhou, diz que, por não possuir experiência na área, ninguém lhe dá uma oportunidade. Iniciou suas atividades de trabalho aos 14 anos com seu pai cortando grama e limpando um campo de futebol. Desde essa idade, comenta que fez vários bicos. Seu último emprego, naquela época da aplicação do questionário, tinha sido de balanceiro de concreto, pesava concretos e encaminhava para as lojas, conta um pouco sobre essa atividade:

Tinha o material, areia, brita, cimento e o tambor. Eu operava o botão, aí trazia a balança, pesava e o material caía espalhadinho, certinho. Depois balanceava o peso, claro, na tabela, largava. Tinha a soma total que o engenheiro fiscalizava., e misturava tudo, tipo betoneira que chamam na empresa.

Depois deste trabalho, ficou durante cinco meses desempregado e, quando aconteceu a entrevista pela última vez, tinha conseguido trabalho como caixa numa loja de materiais de construção, perto de sua moradia. Hoje mora numa casa que é dividida entre nove pessoas: a sogra, esposa, filha, cunhados, cunhadas e sobrinhos. O jovem, que chega a trabalhar umas 10 horas por dia, inclusive aos sábados, conta que chega em casa muito cansado, mas ainda tem disposição para participar do ministério da música na igreja católica, renovação carismática. Quanto à experiência de conseguir trabalho em relação às pessoas mais velhas, apesar de ter ficado desempregado, Wilson se posiciona argumentando o seguinte:

Essa semana ainda foi um senhor lá de uns 50 anos, já tinha uma aparência meio cansada, foi tentar conseguir serviço de motorista, bem, não conseguiu, eles querem jovens. A empresa pensa assim, já vi isso, “se eu contratar um jovem, ele pode ficar uns 20 anos, se eu contratar um senhor daqui a cinco anos ele tá saindo, tem que pagar um monte de coisas para ele, um monte de direitos, porque acaba se aposentando pela minha empresa”. Então tudo isso eles pensam, principalmente as de grande porte, preferem investir num jovem, que é menos despesa, uma pessoa mais velha tem despesa com saúde, é mais frágil para sofrer acidentes e ficar doente

do que um jovem, isso tudo é tempo e dinheiro para a empresa. Então eles pensam muito. (Wilson, 20 anos)

Wilson se reporta à vivência de desemprego contando sobre seus sentimentos e de fato como aconteceu sua demissão, que o levou a preocupações durante estes cinco longos meses:

A primeira coisa, quando cheguei no serviço, eles falaram para mim “oh, assina aqui tua carta que tu vai embora, eu pensei “puts, como fica minha família e a minha pequena, o que eu vou fazer agora, o que vou dizer na hora que chegar em casa?”. Ah, o desespero bateu, vim de lá de bicicleta para economizar o passe pensando o que dizer. A vontade foi me atirar na frente do primeiro caminhão que passava, mesmo tendo o fortalecimento da religião, me dava agonia, angústia. Tu olhar a perspectiva de que no Brasil é mais desemprego do que emprego, muita gente desempregada, tu houve as pessoas dizerem, ah, tô desempregado faz um ano, dois anos, não consigo arrumar emprego. Então o que pensei, puts, se as pessoas tão há mais tempo trabalhando, não conseguiram arrumar, imagine eu, vou ficar desempregado e a minha família vai passar fome”. Então bateu um desespero total na minha frente. Ouvir assim, “tu vai para a rua, não precisa pegar os 30 dias de aviso, nada, a gente vai pagar tudo”. Confesso, o desespero foi bem grande, não sabia o que ia acontecer no dia de amanhã, tu não sabe se vai ter comida na mesa para colocar para tua filha, para tua mulher. Era correria, todo o dia atrás, ainda meu seguro-desemprego deu rolo, não consegui até hoje tirar esse seguro. Na empresa não deram baixa, fui na Delegacia Regional do Trabalho e disseram que meu médico não tinha dado baixa na minha carteira antes da perícia, só que era mentira, tenho a carteira assinada, tudo certinho [...] um problema na minha coluna. Eles me mandaram embora por causa disso. (Wilson, 20 anos)

A religião lhe dá fortalecimento no momento de desespero, neste sentido, não se pode negar que tem vantagens sobre outros desempregados sem este fortalecimento. Todavia, na espera por um direito que existe, mas não lhe foi garantido, o jovem cansou e desistiu, por outras vias e estratégias de inclusão, buscou encontrar outro emprego:

Fiquei esperando, daí, pô, pensei! Não vou ficar aqui esperando sentado o seguro-desemprego, não sei se isso vai levar um ano ou mais, fui atrás de trabalho, me mexi. Num certo dia saí de casa, antes tirei foto 3x4, não tenho computador para scanear, coleí no meu currículo para verem a foto, hoje em dia é uma coisa importante, coloquei que já tinha trabalhado com materiais de construção, graças a Deus, depois de meses desempregado, consegui, qualquer emprego eu já tava aceitando [...] eu deixei o currículo, o dono não tava, deixei com a secretária, mas não adianta falar com elas, guardam numa gaveta e pronto. Voltei outro dia, conversei com o dono, daí ele falou a frase de sempre “depois eu volto a ligar pra ti quando der”, voltei de novo outro dia e insisti, porque, querendo ou não, se tu tá insistindo, é porque quer aquele emprego, então ele vai ver isso também, daí deu certo. (Wilson, 20 anos)

Nas condições econômicas atuais, encontrar um trabalho a qualquer preço são as expectativas. Como diz Corragio (2000, p. 92), “sendo assim, as pessoas passam a procurar “algum emprego”, um emprego qualquer para fazer alguma coisa, mesmo que não tenha nada a ver com suas capacidades e sua trajetória como trabalhador.” Os empregos acabam sendo aceitos mesmo se constituindo em precários e abertamente informais, com jornadas excessivas, com baixo salário, pela ausência de serviços vinculados à previdência social, etc. Isto nada mais é do que a subjetividade que conforma a identidade do ser trabalhador, relação de submissão com o trabalho, em que o medo intenso sobre o desemprego acaba por gerar um aspecto negativo, alienante, se aceita qualquer trabalho, qualquer salário, longas horas. O trabalho como atividade sensível e emancipadora, como apregoa Marx (1980), como atividade produtora de ser, de objetividade social não-estranhada, ou seja, de objetividade como expressão das potências ativas dos indivíduos, como expressão das relações humano-sociais e não entre relações de coisas e valores, mas como potencialidades humanas universais, não mais se reconhece na sociedade atual.

Wilson comenta sobre a satisfação e ao mesmo tempo sobre os problemas que vivencia no trabalho:

As pessoas que trabalham comigo são conhecidas na comunidade, isso facilita, há harmonia, né! Tem confiança, então o aspecto positivo é isso, faz só um mês que estou lá, mas como o cara me conhece do bairro, sabe que pode confiar em mim, com o dinheiro. E também posso sustentar minha família, apesar de ganhar pouco. O maior problema para mim, é o horário, me cansa, às vezes me estresso mentalmente. Acordo às 6 horas da manhã e volto às vezes 20:30 horas, isso quando meu patrão, como na sexta-feira passada, pediu para mim ajudar a desmontar sua moto. Cheguei em casa meia noite “ e vai dizer para o patrão: não, não dá? Todas terças-feiras e quintas chego mais tarde também porque tenho a renovação carismática, vou para o grupo que me faz muito bem, me segura. Meu maior problema no trabalho é o horário, estudar nem pensar. (Wilson, 20 anos)

Quando abordado até quando pretendia ficar neste emprego, Wilson diz que, como tem que pensar no grupo, na família, pretende se manter, se garantir por enquanto:

Quem tá dentro quer sair, mas quem tá fora quer entrar no meu lugar, têm quinhentos esperando ficar no meu lugar, então penso assim, prefiro ficar, criar uma estabilidade, um jeito de crescer lá dentro. Hoje sou caixa, amanhã posso ser vendedor, depois, quem sabe, gerente na confiança. Não tenho nenhuma pretensão de sair. Para sair dali, só se alguém vir com uma oportunidade, né! É difícil arrumar outro emprego, só se baterem na minha porta e dizer “oh tem oportunidade, quer trabalhar comigo?”, senão

porque sair dando murro no escuro, pode acabar se dando mal. Do jeito que o Brasil está, pode ficar cada vez pior. (Wilson, 20 anos).

Wilson destaca que tem amigos que estão desempregados, a maioria do grupo de jovens que participa na igreja, as razões, segundo ele, são diversas:

A maioria até tem um certo grau de instrução, tem estudo, mas falta experiência. Também hoje não basta ter o segundo grau, tem que ter curso de aperfeiçoamento, qualificação numa área técnica [...] Então a maioria diz “ah, tenho aquilo e mais aquilo, aí perguntam, quantos anos trabalha nesta área? “Ah, nunca trabalhei porque nunca me deram oportunidade”. Nunca ninguém quer ser o primeiro a dar oportunidade, entendeu? É a falta de experiência, qualificação, acomodação, etc. As pessoas dizem que ensino médio não adianta mais, se não tiver um curso também, se não tiver uma profissão [...] Os jovens também acham que basta fazer o ensino médio, que já estudaram o bastante, eu também pensava assim, mas hoje vejo com a necessidade da minha família, depois de ter tido minha família, sei, foi muito cedo, a gente vê que se estivesse esperado mais um pouco, tivesse estudado mais, minha família daqui uns anos poderia dizer “ah, ele é um técnico em tal área”. A experiência eles exigem para tu chegar e fazer tudo, se tu chegar numa empresa e eles terem que te ensinar tudo, evoluir devagar eles não querem, dão uns três meses e mandam embora. Tu tem que dar uma de gato, ser esperto. Se te perguntarem se tu sabe fazer, tem que dizer que sim, tem que mentir “ah, sim, tenho computador, desde os 12 anos mexo, olha, sou quase um nerd”. Muitos jovens não têm o segundo grau e mentem no currículo, dizem que trazem o certificado, depois isso nunca acontece. Eu sei, já vi amigos meus fazerem isso. Não têm experiência, mas dizem que sim. Tive que dizer que já tinha trabalhado num bar, que entendia de caixa, não é mentir, é apenas se defender da forma que tu pode, do jeito que tá aí (fica quieto refletindo). (Wilson, 20 anos)

Um bom emprego, para o jovem, em primeiro lugar, é necessário achá-lo, complicado demais hoje, depois deve-se gostar do que está fazendo:

Porque vou trabalhar numa área que não me satisfaz, nunca vai virar um bom emprego, por mais que tente se aperfeiçoar naquilo, tu nunca vai conseguir. É um bom tratamento entre patrão e empregado, saber dosar, né? O patrão não pensa muitas vezes no funcionário que trabalha 10 horas por dia. Mas não posso dizer que não, vou estar queimando meu filme [...] o bom emprego é quando pensam no lado humano, não como empregado, mas aquele cara como um ser humano, quando o dono da empresa tem uma postura humana. E hoje também é muito a aparência, às vezes é mais forte que qualificação.

As experiências mostradas aqui em relação ao desemprego configuram aquilo que Pais (2001, p. 74) chama a atenção, “a crescente desativação dos jovens no mundo do trabalho, devido ao desemprego, o mesmo acontecendo com os jovens envolvidos em trabalho

temporário”. O autor se refere ao desemprego de longa duração entre os jovens que tem apontado para o surgimento de fenômenos relevantes de exclusão, especialmente para os jovens de baixa qualificação. Porém, a característica da precariedade de emprego, outro ponto nodal, faz com que muitos jovens, mesmo escolarizados, “andem, como dizem ‘aos saltos’: de trabalho em trabalho, passando pelo desemprego, num recorrente movimento yô-yô”. Neste sentido, o autor diz que muitos estudos têm assinalado que a [...] “escola nem sempre funciona como um tampão ao desemprego”. Na Europa Ocidental, ainda com as aposentadorias, fundos de pensão remanescentes do Estado de bem-estar social, é ainda possível prolongar o período de formação do jovem, pois os demais membros da família provêm o sustento. No Brasil, com nossa idiosincrasia¹⁴⁴ de Estado de bem-estar social, o jovem precisa trabalhar seja sazonalmente, seja fazendo bicos, pois é necessário contribuir para o sustento da família, o prolongamento de educação que estes estudos denominam “tampão” aqui não ocorre, realidade possível ainda nos países cujo Estado outrora foi provedor. No capítulo seguinte, analisa-se os sentidos do trabalho para os jovens egressos, em conjunto com seus projetos e sonhos

¹⁴⁴ In Santos (2003)

7 SENTIDOS E PROJETOS PARA O TRABALHO ENTRE OS JOVENS EGRESSOS

Nas entrevistas, nos depoimentos dos jovens, muitas questões acabam sendo colocadas como necessidade de traduzir aquilo que configura um campo de significações nem sempre inteligível, respostas diversas obtidas e entrecruzadas tomadas em sua individualidade e subjetividade reúnem conteúdos para se analisar e interpretar, denotando correspondências, mas também duplos sentidos que se manifestam.

Os significados produzidos pelos jovens em relação ao trabalho e seus projetos nem sempre se situaram em limites de fácil compreensão, uma vez que o “dito”, como argumenta Pais (1993, p. 333), “é um hábil recurso à verdade não dita, ocultada. O discurso significante não deve ser tomado ingenuamente como uma fonte pura de sentidos, vestíbulo de significações indiscutíveis”, mas se constitui em “artimanhas” apanhadas a partir dos pontos de vistas e dos lugares que os informantes ocupam em determinado contexto, numa rede de sentidos social e culturalmente construídos. Conforme o autor, “[...] como quem apanha uma malha caída em uma meia”.

Considerar o modo como os jovens dão significado ao que dizem e ao que fazem cruza-se aos contextos de produção dessas intenções e de seus comportamentos. Nesse processo de apreensão do real, de suas vivências, o exercício se configurou numa tentativa de aproximar a produção de significados sobre o trabalho, projetos e sonhos. Para acentuar esta mobilidade do que seja este significante, procura-se abordar os ditos e os enunciados a partir de uma troca entre os interlocutores, em que, de acordo com Charlot (2002, p. 56) “significar é sempre significar algo a respeito do mundo, para alguém ou com alguém”, neste processo de troca, identifica que “é sempre o sentido de um enunciado produzido pelas relações entre os signos que o constituem, signos estes que têm um valor diferencial em um sistema”. Isto quer dizer que sentido é sempre para alguém, que é um sujeito que produz significações a partir das relações que vivencia no mundo.

Estas significações, segundo Maheirie (2002, p. 39), “estão presentes em cada ato humano e estão presentes na totalização histórica, transformando-se ao longo dela, sendo superadas por outras significações que vão surgindo”. Portanto, se traduzem nas histórias passadas já analisadas (suas experiências socializadoras na família, na escola, na formação), no cotidiano, no presente (lugar específico do trabalho, bem como em sua ausência e nos sentidos do trabalho) e em expectativas futuras (projetos e sonhos em relação ao trabalho).

Desta maneira, a intenção não passa por incorrer no uso de classificações sobre os significados do trabalho de acordo com cada sujeito pesquisado, mas sim deixar que as vozes

se façam presentes e ressignifiquem por si só estes sentidos pronunciados nas suas várias formas expressivas, no lugar do trabalho em suas vidas, nas próprias vivências, nas relações e nos diversos espaços sociais que foram identificados por estes jovens.

Os sentidos sobre o trabalho foram apreendidos como fios que se conectam e se entrecruzam na totalidade da rede, apresentam correspondências, simultaneamente, aparecem significados diversos numa mesma fala, num mesmo sujeito, mostrando como estes ganham dimensões diferentes dependendo da ênfase mais intensa em cada um deles a partir do contexto que vivenciam.

7.1 TRABALHO: SOBREVIVÊNCIA UM SENTIDO MAIS GERAL

É possível observar que o sentido inicial das falas da maioria dos jovens entrevistados se direciona à renda, ganham em intensidade como possibilidade ou como garantia de adquirir certos bens para sua sobrevivência e para a família, como algo necessário para a continuidade de suas vidas, independente do gênero e da escolaridade:

Trabalho é sobrevivência, porque o salário, mesmo sendo baixo, faz com que tu não vá até o Ceasa comer repolho jogado fora, tu ganhar o teu dinheiro pelas tuas próprias mãos para poder ter as coisas (Wilson, 20 anos).

Querer trabalhar para sobreviver e não ter, não poder comprar as coisas que tu gosta, é muito ruim. (Rosana, 25 anos)

Eu pretendo trabalhar por causa do dinheiro, hoje está tudo precário, tu não consegues comprar nada se não tiver trabalhando, não consegue sobreviver sem um trabalho, por isso preciso encontrar um. (Aurino, 23 anos)

Faz parte da vida como qualquer outra coisa, é importante pela parte da sobrevivência. (Rafael, 20 anos)

Neste momento é uma questão financeira, no, infelizmente, não entra realização pessoal para mim, só no futuro (Israel, 23 anos)

Está ligado à sobrevivência, mas também à realização pessoal (Alessandra, 24 anos)

Trabalho é sobrevivência, mas não puramente, mas ajuda para comprar as coisas que eu quero, ajudar as pessoas que gosto. (Flávia, 24 anos)

O trabalho como um meio para ganhar a vida introduz assim um primeiro sentido entre os jovens, verificado também em outras pesquisas como a de Corrochano (2001), com

jovens trabalhadores no ABC em São Bernardo do Campo e de Souza Martins (1997) com jovens trabalhadores do setor metalúrgico de Osasco. Todavia, nesta investigação, como pode se notar, diferentemente da renda, que nas duas outras investigações está relacionada mais com o emprego formal, aqui fica evidenciado este sentido tanto para os que estão trabalhando como para aqueles em que a renda tem indicativo de falta, privações, ausência.

Zuchetti (2002, p. 107), quando, em sua análise sobre o sentido do trabalho entre os jovens do Centro de Iniciação Profissional (CIP) em Novo Hamburgo/RS, significa “o viver que dá trabalho”, explicita estas carências, inclusive a do emprego para aqueles que não o têm, em que o “sem trabalho” indica a dificuldade de sobrevivência ou de remuneração. Na pesquisa, o medo também passa a ser um componente central no contexto do desemprego, existe toda uma preocupação em perder o trabalho conquistado, observações já vistas quando se trata sobre a situação de trabalho atual e a experiência do desemprego entre os jovens em item anterior. Já para os que estão trabalhando, a renda possibilita pensar algo para além da simples sobrevivência:

Quero ver minha casa pronta, poder ter os meus filhos, poder ter uma vida mais estável para poder dar melhores condições para eles, poder ajudar a minha família. (Meirelle, 24 anos)

Entre os casados, a renda obtida pelo trabalho é muito mais utilizada para a própria subsistência e para a de sua família do que para a aquisição de bens pessoais:

Meu salário é para as despesas de casa, água, luz, alimentação, fralda e leite para minha filha, também a gente arruma um pouco a casa. (Wilson, 20 anos)

Bajoit e Franssen (1997) analisando as novas orientações no que diz respeito ao trabalho e às atitudes dos jovens com relação ao desemprego, ultrapassando a questão de acesso à renda, mostram que os sentidos não são atribuídos de forma homogênea, resgatam as múltiplas significações, explicitando que:

Trabalhar – quer dizer, exercer uma atividade produtiva com caráter social assegurando uma independência financeira – permanece, para todos os jovens que entrevistamos, uma expectativa básica, por vezes essencial, sempre importante. Entretanto, por trás da aparente homogeneidade das expectativas – um trabalho de que se gosta num ambiente positivo, que assegure ganho e reconhecimento social – as experiências vividas e as significações atribuídas ao trabalho são múltiplas. As palavras são as mesmas (trabalho-emprego-desemprego), mas as significações são diversas. (BAJOIT E FRANSSEN, p. 79)

Para além da renda e sobrevivência, outros sentidos em nossa investigação se apresentam, uma vez que a pluralidade marca os jovens entre si, diferenciando-se os espaços que estes ocupam como trabalho formal, informal e a experiência do desemprego.

7.2 TRABALHO: INDEPENDÊNCIA PESSOAL

Sabe-se que as assimetrias de gênero têm uma origem contextual/situacional e histórica, constituindo-se em práticas discursivas construídas na subjetividade dos sujeitos em uma relação com o outro e seus semelhantes. Por esse motivo, as diferenças sexuais devem ser compreendidas numa dada sociedade ou em um determinado grupo estando interligadas à produção de identidades de homens e mulheres também no espaço que ocupam na sociedade. Neste sentido, a palavra “independência” relacionada ao trabalho, outro sentido que se evidencia na pesquisa, tem um significado diferente entre as jovens mulheres e os jovens homens. Este sentido é encontrado nas entrevistas de três jovens mulheres, duas casadas e uma solteira e apenas de um jovem homem. Para as casadas, além do trabalho estar ligado à renda, que possibilita ajudar no sustento da família, a independência pode proporcionar uma valorização maior não encontrada no trabalho doméstico, apesar de conjugarem em suas rotinas estes dois.

O trabalho me ajuda a não depender de ninguém, nem do meu marido, trabalhar é aprender novas idéias, me comunico com as pessoas, é um modo de vida que me deixa mais independente. Ficar só em casa é muito chato, passa, lava e pronto, rotina massante (Alessandra, 25 anos)

Trabalhar, para mim, me ajuda a comprar as coisas que quero, ter minha independência, mas também é conhecer outras vidas, outras histórias, aprender é uma necessidade que encontro no trabalho, me sinto valorizada trabalhando, não gosto de fazer tarefas domésticas, gosto de interagir com outras pessoas, vivenciando outras realidades diferentes da tua. (Meirelle, 24 anos)

Da década de 70 até os dias atuais, é notório um aumento da presença feminina no mundo do trabalho, assim também as relações de trabalho ganham novos significados e complexidades a partir desta inserção. Neste sentido, as mulheres, muitas vezes, procuram desconstruir estereótipos sociais e culturais há tempos construídos, para que as conquistas adquiridas por elas sejam base para uma construção de direitos que ainda se constituem em barreiras em sua relação com o trabalho.

Face à situação econômica e às transformações no mundo do trabalho, tornou-se necessária a participação da mulher no sustento da família, ou ainda, o trabalho da mulher em benefício de seu próprio sustento, ou em situações em que ocorre o desemprego do marido. A troca do trabalho doméstico por uma profissão remunerada, cujos objetivos maiores se findam numa maior independência de seus companheiros e numa busca por mais autonomia, representa para muitas mulheres um fator de desenvolvimento, de emancipação.

A oportunidade de se comunicar com os colegas de trabalho, com pessoas de diferentes visões de mundo, em princípio, contribui para reduzir a timidez que geralmente acomete a mulher que por muito tempo viveu à sombra do masculino, seja pai ou marido, ao mesmo tempo, proporciona troca de experiências a partir de seu ponto de vista e de sua maneira de enfrentar os problemas cotidianos. Isso ocorre tanto para as mulheres casadas como para as solteiras, estas, uma maior independência em relação aos pais e namorados, ampliando os desejos de obtenção de renda para o consumo próprio, mas sem deixar de se envolver com atividades que se comprometa, como é o caso de Flávia, que é solteira:

Trabalhar me deixa solta, faço o que quero com meu dinheiro sem precisar dar explicações em casa. Gosto de ir jantar com meu namorado e pagar a pizza, dividir, assim me sinto independente. O trabalho significa se relacionar com os outros, ah, eu me comprometo mesmo, além de que é uma atividade essencial, se você fica em casa sem ter o que fazer (claro tem o serviço de casa, mas não é a mesma coisa), é uma atividade física e mental, tu tens outra visão de mundo, de vida, tu precisa te socializar. (Flávia, 24 anos)

O trabalho aparece como independência no depoimento de um jovem associado à renda como meio necessário de conquistar autonomia em relação à família, bem como adquirir dinheiro para consumir como bem desejar:

Eu acho que trabalhar é uma questão de independência, ter teu dinheiro. Eu acho que o significado do trabalho é liberdade de fazer o que quiser, consumir do teu jeito. Eu, que estou desempregado, não quero mais ficar dependendo de minha família que já é pobre, mas tenho esperança que esse novo presidente que está aí possa lançar um projeto de trabalho para os jovens que seja mais adequado, menos explorador. Essa é minha expectativa. Eu pretendo trabalhar por causa do dinheiro, sem trabalho fica difícil. A realização pessoal fica um pouco de lado. Se tu vai trabalhar num emprego num cargo baixo e depois de alguns meses tu sobes de cargo, é claro que isso vai levantar teu ego e tu vais buscar tua realização pessoal. Diante do que estou passando, qualquer coisa serve para buscar minha independência, minha liberdade financeira, por isso deixo de lado a realização (Aurino, 23 anos).

Com dificuldades de inserção no mercado de trabalho, desempregado, o trabalho no momento ganha uma conotação mais instrumental para Aurino, muitos jovens que estão nesta situação acabam valorizando intensamente o emprego quando o conseguem em função da renda. Depois de muitas andanças, acabam aceitando qualquer emprego, mesmo aquele que não possibilita nenhuma realização pessoal, a preocupação passa a ser a renda no final do mês.

7.3 TRABALHO: DIGNIDADE E RESPEITO COMO FORMADORES DE IDENTIDADE

A ênfase neste sentido aparece em dois jovens marcados pela baixa escolaridade, jovens mais empobrecidos da pesquisa, uma jovem solteira que está desempregada e um jovem casado que viveu essa situação recentemente. O trabalho aparece para estes dois jovens em duplo sentido, próximo da ética do provedor, quando possibilita adquirir bens necessários à sobrevivência, primeiro sentido abordado no estudo. Porém, também se apresenta para além da possibilidade da mera aquisição de uma remuneração, mas trabalhar significa fonte de dignidade e respeito para não serem chamados de “malandra” e “vagabundo”.

Trabalhando a gente se sente digno, eu batalhei, não vão estar me chamando de vagabundo, não quero ser ladrão [...] pô, antigamente meu pai comprava tal brinquedo e a gente quebrava, hoje valorizo isso, “ah, estragou o ventilador”, mas tenho como arrumar de novo, como quando me roubaram minha bicicleta, isso é um vazio que tu sente [...] o trabalho te valoriza e tu aprende a dar valor às coisas por causa do emprego. É sobrevivência, mas te dignifica. (Wilson, 20 anos)

Eu gosto de trabalhar, gosto de fazer as coisas, por quê? As pessoas daqui viam a gente como “malandra”, depois todo mundo dizia quando eu ia trabalhar, “ah, aquela é trabalhadeira.”. Trabalho é respeito, a pessoa que trabalha todo mundo respeita, se não já te chamam de vagabunda, e posso ajudar em casa também (Rosana, 25 anos)

Portanto, percebe-se que o trabalho como “fonte de dignidade” se apresenta, de forma semelhante à pesquisa de Corrochano (2001, p 163)) “com dois lados complementares – um positivo ligado à ética do provedor, e um negativo ligado à necessidade de se distanciar do “bandido”. O primeiro é a condição humana do “labor”, que, segundo Arendt (1999), corresponde ao ciclo vital da natureza, atividade voltada para a sobrevivência da espécie, movimento cíclico que perpassa geração após geração. É uma atividade que se realiza através de um movimento alternado na obtenção dos meios de subsistência e no próprio consumo

destes meios, movimento, que conforme a autora, só termina com a própria vida. Atualmente pode-se dizer que cada vez mais estaria o animal laborans submetido na luta deste sentido.

O segundo sentido, que relaciona o trabalho como necessário para não ser chamado de vagabundo, também aparece fortemente no estudo de Zuchetti (2002, p 113), nas falas dos jovens pesquisados, em que a construção da identidade pelo trabalho parece vir colada a um “sujeito dado a priori, que é acabado”, com um sentido antecipado, ao invés de um sujeito que vivencia sua identidade como um processo aberto, inacabado, em processos de identificações em curso, como nos diz Sawaia (1999), que produz suas experiências a partir de um contexto sócio-histórico cultural para em seu cotidiano modificá-las.

Essa designação aponta para uma idéia do trabalho como definidor da identidade de trabalhador visto como dever, como obrigação, construindo sua identidade no isolamento, incorporando às noções de instrumentalidade de que explicita Arendt (1995, p. 88). Diz a autora que “homo faber”, ao executar sua atividade subjugada, destina-se apenas à privatividade do uso, construindo sua identidade num mundo artificial, diferentemente da condição humana que é a diversidade humana, pautada no conviver entre os homens, cada qual como ser único que traz a marca do imprevisível. Para alguns jovens, o ideal é a ação e não o trabalho, a ação que possa vir a favorecer a mais pessoas, como se pode ver nas formas associativas. A ação que revela a singularidade do sujeito “[...] coloca em movimento uma teia de relações humanas – medidas por vontades e intenções conflitantes – que, por sua vez, produz histórias, a história da vida de cada pessoa”.

7.4 TRABALHO: AUTO-REALIZAÇÃO

Um último sentido que se evidencia entre os jovens se refere ao trabalho como fonte de realização pessoal, este aparece predominantemente na fala das duas jovens casadas, que também enfatizaram o significado de “independência” em relação ao trabalho, e um jovem solteiro. São jovens mais escolarizados (nível superior incompleto e completo), dois deles, um jovem homem e uma jovem mulher, recebem salários razoáveis, almejam através do trabalho desenvolver sua subjetividade e criatividade:

Eu desejo trabalhar na minha área quando me formar, é minha realização pessoal, quero fazer o que gosto, trabalho, para mim, não é só sobrevivência, a gente tem que se realizar profissionalmente e pessoalmente. Poder criar, desenvolver idéias. Apesar de meu pai ser engenheiro, a Administração para mim é o canal, vai me proporcionar o que sempre quis ser, uma administradora. (Alessandra, 25 anos)

Já estou me sentindo, até certo ponto, realizada, o curso de especialização que estou fazendo era um projeto possível, já me sinto nele. Quero crescer cada vez mais, a profissão que escolhi sempre esteve nos meus planos, adoro o que faço, esse componente, para mim, é fundamental, gostar do que se faz. (Meirelle, 24 anos).

Nos depoimentos, a busca por um trabalho que corresponda as suas aspirações está intimamente associada a um projeto para o mundo do trabalho, mas isto não deixa de apresentar as contradições entre o que se deseja e suas fronteiras. A recusa por um trabalho que impõe limitações aparece nas palavras como uma maneira de buscar um trabalho mais expressivo que possibilite alçar outros vãos, investir mais quando se pode adotar uma atitude menos instrumental em relação ao emprego. No entanto, conforme Bajoit e Franssen (1997, p. 86), “essa aspiração à auto-realização e essa relação dessacralizada com o trabalho se traduzem também em uma outra relação com o tempo, quer se trate do tempo cotidiano ou da divisão das etapas da vida”. Os autores, se referindo ao modelo tradicional de trabalho, no qual o próprio trabalho se constituiu um dado indiscutível determinado pelo ritmo da existência como norma de tempo integral e para toda a vida, hoje não parece mais manter esta segurança. Sem desconsiderar os jovens que mantêm esta aspiração, até porque o possível, a esperança sempre é instituinte de motivação, uma segurança para a existência, “[...] forçoso é constatar que há menos empregos estáveis, e que a norma do emprego em tempo integral e para toda a vida tende a aparecer como um contra-modelo”.

A busca por realização pessoal através do trabalho está na voz também de um jovem que tem muitos projetos como Rafael, para ele, o trabalho atual de editor de jornal na Assembléia Legislativa é uma possibilidade que lhe permite aprendizado e um percurso, um caminho para outros desejos:

Meu trabalho me proporciona pensar nas expectativas futuras, trabalhar com Jornalismo, curso que pretendo fazer, depois unir com meio ambiente [...] tranquei a faculdade de computação porque não estava gostando. Aqui ganho razoavelmente bem, já estou até guardando dinheiro [...] trabalho é uma coisa necessária para todo mundo, mas não ser escravo dele. Por exemplo, o índio trabalhava também, mas não era escravo do trabalho como nós hoje em dia. Não pode deixar ele virar teu dono. (Rafael, 21 anos)

Esta passagem é muito significativa para observar como continua valendo o olhar das reações diferenciadas que Pais (1993) se reporta. O autor, em seu livro *Ganchos, Tachos e Biscates* (2001, p 19), diz que, embora na atualidade o trabalho continue a manter um sentido

de obrigação, de esforço e até de sofrimento, algumas pesquisas mais recentes demonstram um significado ambivalente entre os jovens “[...] valorizam a realização pessoal e os desfrutes relacionais que possam retirar do trabalho. Em termos ideais, muitos jovens não querem perder a vida tentando ganhá-la”. Neste sentido, ocorre uma rejeição quanto à instrumentalidade do trabalho, mas concomitantemente “valorizam as satisfações intrínsecas que dele possam retirar”.

7.5 NÃO TRABALHO: VAZIO, TÉDIO E DESVALORIZAÇÃO

Refletindo-se a respeito do significado ou sentido do não trabalho na vida dos jovens, a partir da dimensão do desemprego, considerando suas singularidades e vivências, encontram-se situações carregadas de sofrimento, uma referência constante ao trabalho, justamente por sua falta. As significações e as experiências do desemprego, como destaca Bajoit e Franssen (1997) aparecem como opostas ao trabalho, indicando que as expectativas e as aspirações com relação ao trabalho se apresentam normalmente como frustradas, o desemprego geralmente é vivido de forma negativa. Neste sentido, não se encontrou nenhum jovem que vive essa fase de moratória explicitada como um tempo em que os jovens se beneficiariam de apoio econômico da família para redefinição de projetos pessoais. Esse tempo vivido negativamente se reflete inclusive para os jovens que experimentam mais diretamente projetos associados à auto-realização.

Schnapper (1984, apud BAJOIT E FRANSSEN, 1997, p. 90) comenta sobre o desemprego total que caracteriza o sentimento de humilhação, aparece o tédio e a dessocialização. Esta experiência estaria implicando num tempo vazio, desfeito, “sem atividade de substituição e com o sentimento de sua própria inutilidade”. É o caso de Wilson, um jovem que passou por esta experiência de forma negativa e retrata bem este sentido:

Antes de casar, o trabalho, para mim, não acrescentava nada, era apenas o que meu pai tinha que fazer para me sustentar, para dar o que nós queríamos. Meu pai sempre batalhou, hoje vejo a necessidade do trabalho. Acho que o trabalho é a parte que preenche, esse tempo que fiquei desempregado, parado, o cara se acostuma tanto com aquilo a sair de casa todos os dias para trabalhar, lutar, depois, quando o cara volta para casa, fica parado, sem fazer nada, ficava 24 horas na frente da televisão vendo besteiras, depois que comecei a trabalhar verdadeiramente [...] hoje não consigo ficar sem fazer nada, mesmo quando estou em casa, dá um vazio estar desempregado, um tédio, por isso hoje o trabalho preenche 50% da minha vida. (Wilson, 20 anos)

O sentimento de desvalorização pessoal e social analisado também por Bajoit e Frassen (1997), entre os jovens que pesquisaram, foi encontrado em nosso estudo como uma conotação de “vergonha, culpa” que provém desta situação, demonstrando que alguns jovens não se reconhecem na imagem que a sociedade cria deles. A designação de desempregado fica engasgada na garganta afetando sua identidade pessoal e social. É o caso de Aurino, Rosana e Israel.

Fico muito deprimido, revoltado, com raiva mesmo, vejo as outras pessoas da minha família trabalhando, parentes, me sinto um inútil. Os dias se alongam, limpo a casa, cuido da minha irmã pequena, ouço rádio, mas tudo fica meio preto. O tédio é ruim [...] o desânimo é grande, me sinto desvalorizado pelo mundo (Aurino, 23 anos)

É difícil, porque olho e penso, as pessoas devem estar achando que não tenho vontade de fazer nada, que não sei fazer nada, isso é ruim para minha cabeça que já é fraca, às vezes me sinto envergonhada (Rosana, 25 anos).

Me sinto desvalorizado, às vezes penso que é uma fase, outras vezes me dá um desânimo. O surfe é um momento que nem penso nisso. Sei lá, está muito difícil, os períodos que fico desempregado são diferentes, é ruim. (Israel, 23 anos)

7.6 PROJETOS: ENTRE O REAL, O POSSÍVEL E O DESEJADO

Independente da escolaridade, renda, gênero, idade, situação econômica, os jovens pesquisados não deixam de ter projetos futuros e sonhos, expectativas que a longo prazo venham permitir encontrar a tão sonhada realização pessoal e profissional. Como já foi observado, a diversidade é o contorno por onde circulam os jovens, os diferentes projetos também marcam a pluralidade entre eles, mas os unem em algumas áreas projetadas. Neste ponto, continuam acreditando no inventar-se, numa vida que vale a pena ser vivida (Melucci, 2003) através de suas aspirações futuras. Os limites são incorporados a partir da percepção sobre as transformações no mundo do trabalho, sobre a crise imposta, mas isso não os impede de projetar, de se tornarem sujeitos de suas próprias vidas e de seus desejos. Heidegger (2001, p. 260), no livro “Ser e Tempo”, explicita que:

ser-no-mundo, cujo mundo se projeta primariamente como mundo do desejo, perde-se, de modo insustentável, no que se acha disponível e isso de tal modo que o que está disponível como único manual jamais é suficiente à

luz do que se deseja. Desejar é uma modificação existencial do projetar-se da compreensão que, na de-cadência do estar lançado, ainda adere pura e simplesmente às possibilidades. Essa adesão fecha as possibilidades; aquilo que está “presente” na adesão do desejo torna-se mundo real. Ontologicamente, desejar pressupõe a cura.

O simples fato de existirem projetos em seus imaginários emerge como sonhos de transformação por mais que essa realização esteja colocada num tempo futuro. Entre os oito jovens entrevistados, apenas duas jovens gostariam de prosseguir na área que se encontram, Meirelle na área da Educação e Alessandra na Administração, entretanto, continuar na atual ocupação, somente a primeira jovem que espera ser efetivada na Prefeitura após realização de concurso.

O projeto de montar negócio próprio é o desejável para Aurino (terminando o ensino médio) e Alessandra (nível superior incompleto), almejam assim ser empreendedores – não ter patrão futuramente. Alessandra, que atualmente faz o curso de Administração de Empresas e trabalha como estagiária numa loja de informática, projeta, para quando se formar, ter um bom emprego, diz que no momento percebe não ser possível, mas não vai desistir de ir em busca de sua independência e auto-realização, sentidos atribuídos ao trabalho pela jovem, sua aspiração se constitui:

Eu espero ter um bom emprego, também pretendo montar meu próprio negócio, mas não vai ser possível imediatamente e eu também quero adquirir antes uma boa experiência para poder montar. O que eu mais queria era ter uma consultoria na área de administração. Não dá muito dinheiro, mas é uma coisa muito interessante. Tu não vai lidar só com uma empresa, mas com várias, vários negócios diferentes na área. Eu espero conseguir isso. Eu quero me realizar como profissional, não quero trabalhar a vida inteira atrás de um balcão, mas sim na área que eu escolhi. (Alessandra, 24 anos).

A procura por um negócio próprio parece atrair um bom número de jovens que, de acordo com Corrochano (2001, p. 168), vem “permeada de questões relativas ao atual mercado de trabalho e à busca por autonomia”. A pesquisadora, que descobre em seu estudo que esse desejo predomina entre os jovens operários, menciona o fato de que parece estar muito associado à atual situação do mercado de trabalho e que pode também significar uma independência das oscilações do mundo industrial, porém, penso que não só neste espaço de trabalho, mas as flutuações permeiam o mercado de trabalho como um todo. E no caso da rotatividade do mundo do trabalho na Ilha, este fator se mantém mais intenso, essa é a realidade de muitos jovens na microrregião, como observado na pesquisa de natureza

quantitativa no capítulo 3. É justamente por essa característica que Aurino, desempregado, vislumbra através deste sonho sair da situação que se encontra, da temporalidade do trabalho. No momento está em busca de qualquer emprego, mas isso não elimina persistir no desejo de sua independência, esta possibilidade, segundo ele, viria de ao encontro da a liberdade tão esperada, quer ser dono do próprio nariz, não ser mandado por ninguém, mas o sentido também é instrumental:

Meu sonho é não trabalhar para os outros, mas trabalhar para mim mesmo. Liberdade, essa é a palavra. Eu queria montar uma boate. Assim eu iria dar emprego para muita gente, ninguém ia botar os bedelhos no meu negócio, iria gerenciar da minha maneira, poderia ajudar também minha família, meus parentes que estão no fundo do poço, meu desejo é este.(Aurino, 23 anos)

O IARD (1997, p 112), que pesquisou jovens italianos, demonstra que é significativo o aumento pelo trabalho autônomo já verificado a partir da década de 90, os jovens desejam abrir um negócio por conta própria, serem responsáveis pelo seu trabalho. Porém, na última pesquisa realizada, houve um progressivo redimensionamento destas expectativas sobre o trabalho autônomo, “expressão do fato de que as transformações no processo produtivo (desenvolvimento dos papéis profissionais e de condições laborais com alto grau de autonomia) caminham mais lentamente do que seria exigível pelas expectativas dos jovens”. A pesquisa mostra também que não só filhos de autônomos, mas também os de funcionários almejam este tipo de trabalho, neste caso, Aurino e Alessandra são filhos de funcionários públicos, no caso do primeiro jovem, conforme ele, sua mãe ocupa o cargo mais baixo no Estado, auxiliar geral, já o segundo pai é engenheiro na Telesc. Portanto, a referência sobre os desempregados, que é baixa na investigação do IARD, não conjuga com o caso de Aurino.

Seguir a carreira universitária, excluindo as duas jovens que já estão cursando, inclusive uma fazendo pós-graduação, é vontade de seis jovens. Nota-se que esse desejo vem associado a uma possível realização profissional, valorização e reconhecimento. Rosana, que deseja ser bancária no futuro (ensino fundamental incompleto), comenta que gostaria de ter estudo para concretizar este sonho, mas se coloca limites:

Meu sonho é ser bancária, mas acho que tem que ter muito estudo, eu já estou acima da minha idade, eu não creio que consiga, porque tá tudo muito caro, a escola, a faculdade, os cursos. “ O silêncio por alguns instantes, tomou conta do lugar, mas num movimento de construção mútua entre pesquisador e pesquisada, entrou o diálogo “calma’, não

desanima, não pode desistir, não quer dizer que com um certo esforço não consigas, a gente tem que batalhar, lutar, um dia as coisas podem mudar, tu não acredita em mudanças”? Sim, acredito, preciso ser mais perseverante, só isso. (Rosana, 25 anos).

O desânimo, o desalento, a desvalorização por estar desempregada e com baixa escolaridade apontou a própria constituição do sentido do trabalho para Rosana como respeito e dignidade, como já observado anteriormente. Construir a identidade pelo trabalho denota o acaso para Rosana. Como assinala Pais (2001, p 127), embora cada história contada se apresente diferente das demais, acabam sendo generalizações dos casos tomados, conjuntamente, em suas singularidades. “Aliás, a comparação dessas singularidades de vida aponta para um padrão marcado pela vivência comum de situações de precariedade de emprego, embora vivida de maneira muito diferente nos labirintos da vida”.

Flávia (ensino médio completo) e Wilson (ensino médio incompleto) projetam a carreira universitária em cursos ligados à arte:

Meu sonho é ser desenhista profissional gráfico, desenho desde pequeno, além dos cadernos, uma carteira para mim na escola era pouca. Todo o dia tinha que trocar de carteira, já ganhei até concurso de desenho na minha comunidade. Quero a parte de designer de produtos, marca de produtos, fazer logotipos para empresas, idéias novas. Poderia até trabalhar na Mormai, loja de roupas de surf, fazendo desenhos. Como já fiz aquele curso de estilismo no SENAI, colocava mais o designer em cima, matava a pau, para mim, não tem nada melhor do que ganhar a vida com arte. (Wilson, 20 anos).

Wilson comenta que esse impedimento ocorre por falta de escolaridade e condições objetivas, econômicas. Segundo ele, parou de estudar faz dois anos, mas ainda pretende voltar a fazer um supletivo para terminar o ensino médio e depois fazer um curso universitário, provavelmente na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que oferece o curso desejado. No entanto, esse potencial todo no presente fica adormecido no sentido de profissionalização, um projeto um pouco distante do que vive, uma ocupação, como ele se refere, desqualificada como caixa numa loja de materiais de construção. Recebe um baixo salário que é dedicado à família já que é casado e tem uma filha. O jovem diz que, mesmo o curso sendo gratuito, precisará gastar com livros, xerox, lanches, transporte, etc. Sendo assim, a realização profissional fica em segundo plano, e o sentido do trabalho se torna instrumental associado à questão da dignidade e respeito como formadores de identidade.

Já Flávia que terminou o ensino médio se encontra mais perto de seu sonho. Quando se entrevistou a jovem em fevereiro/2003, pretendia fazer o vestibular na UDESC para o curso de Estilismo de Moda.

Meu sonho é trabalhar com moda, passarela, desenho de moda ou produção com moda, vou batalhar para isso, já tive uma loja de confecção que no final não deu certo, mas vou adiante. Desejo me profissionalizar na área, vou fazer em julho o próximo vestibular. Acho que essa criação de moda tem muito da minha mãe, ela sempre está inventando alguma coisa, tricô, costura, etc, ela me conta histórias que saía comprar tecidos, o presente que ela mais gostava de ganhar era tecido, fazia suas costuras. Então acho que tem muito dela, eu a mesma coisa quando vejo uma calça velha, já vou lá na máquina e transformo, uma saia, vou criando. (Flávia, 24 anos).

Não deixa de estar satisfeita com o trabalho atual na cooperativa, ocupa a função de líder de digitação, recebe um bom salário que lhe possibilita chegar mais perto de seu projeto. O lugar atual de trabalho é uma ponte, como já foi observado, para sua independência e realização pessoal e profissional, sentidos que foram atribuídos ao trabalho pela jovem. Porém, Flávia diz que, mesmo que passe no vestibular, não pretende sair do emprego atual, acha que precisa de muito tempo ainda para se profissionalizar na área, ganhar experiência.

Outros dois jovens que pretendem seguir a carreira universitária se diferenciam dos demais em relação às áreas pretendidas, mas se unem em projetos que estão relacionados ao meio ambiente. Israel, que atualmente está terminando o ensino médio, gostaria de fazer o curso de Geografia ou Biologia Marinha. Esse gosto está muito relacionado à natureza e ao lugar que vive tanto em relação ao trabalho como ao lugar geográfico de moradia, na praia. Mora em Ponta das Canas, um bairro praiano de Florianópolis, e vive a situação de trabalho temporário como pescador e marinheiro de escunas, atualmente desempregado, como já foi visto quando se trata da ocupação de trabalho e experiência com o desemprego.

Quero ser biólogo marinho ou fazer um vestibular para geografia, coisas ligadas com a natureza, adoro o mar, tudo que está ligado à natureza. No momento não dá, fica em segundo plano, neste momento desempregado, só posso pensar na sobrevivência. (Israel, 23 anos)

Israel não desconhece as crises no mercado de trabalho e as dificuldades para realizar esse sonho, no entanto, não deixa de projetar, de criar ilusões nas quais as razões instrumentais aparecem em suas expectativas futuras. Segundo ele, estar formado

possibilitaria ganhar muito dinheiro para ajudar a família, ter a casa própria, sonhos de consumo, como se refere, mas também é solidário quando pensa em ajudar seus amigos que também se encontram desempregados. Não deixa de ter esperanças, acha que tudo é possível, mas fala que tem que correr atrás, suar a camisa, e no momento, para ele trabalho significa meramente sobrevivência.

Rafael, que desistiu do curso universitário de computação por não estar satisfeito, projeta retornar para a universidade para fazer Jornalismo.

Meu sonho seria a pesca. Não precisa ser necessariamente a pesca, mas com o meio ambiente. Como hoje não tem como sobreviver dela, não vou encarar, é fora da minha realidade. Os meus planos são ligar o jornalismo com o sonho que eu tenho que é trabalhar com o meio ambiente. De repente ser um repórter ambiental. (Rafael, 21 anos)

O jovem diz que não está insatisfeito com seu trabalho atual, mas que não traz satisfação porque não está trabalhando com o que mais gosta. A realização pessoal e profissional, para Rafael, também é não ser escravo do trabalho, como já verificado em relação aos sentidos do trabalho, mas não deixa de sentir-se realizado quando produz o jornal na Assembléia Legislativa. Neste ponto, oscila entre o presente e o futuro, pois, se pudesse não faria, diz que, se tivesse dinheiro, ficaria só curtindo a vida, pescando, fazendo o que gosta, não esquentaria com nada, mas como isso não é possível, acaba tirando proveito da situação.

Entre os oito jovens, Meirelle é a que se apresenta com projetos mais definidos, fazendo curso de pós-graduação na área educacional, não pretende mudar de área, luta no momento para ficar onde está, professora de ensino em séries iniciais, deseja se estabilizar para fazer um trabalho contínuo nas escolas. Segundo ela, já se sente realizada em seu trabalho atual, mas não descarta que um outro trabalho num departamento público mexendo com papéis e arquivos também lhe traria satisfação. A jovem busca, desta forma, sua independência e realização profissional, sentidos atribuídos ao trabalho.

Em suma, nota-se que o trabalho não deixa de ser importante e central na vida destes jovens, entretanto, vem marcado por sentidos diversos justamente por causa da complexidade da própria identidade sempre em constituição, bem como pela própria conjuntura do mundo do trabalho nas sociedades atuais. Observa-se, neste capítulo, que um primeiro significado que emerge para os jovens, independente do gênero e da escolaridade é que o trabalho está intimamente associado à aquisição de renda como possibilidade primeira de adquirir os meios de sobrevivência, para ajudar a família, para a própria continuidade de

suas vidas e num segundo momento, a renda contribui principalmente para os que possam trabalhar ir além na aquisição de casa própria, despesas necessárias de alimentação e bens pessoais, já para outros, proporciona lazer e auxilia como possível concretização de sonhos e projetos de vida. Aprofundando o que significa trabalhar para estes jovens, descobrem-se outros sentidos que despontam em seus depoimentos que ultrapassam a renda como mera sobrevivência. Em suas percepções se misturam sentidos de independência, dignidade e respeito como formadores de identidade, como auto-realização, e um último sentido ligado à experiência do desemprego como ausência de trabalho e de privações, dependendo dos espaços que ocupam.

Como independência pessoal, este sentido aparece diferenciado para duas jovens casadas, além da renda para ajudar no sustento da família, a independência, para estas jovens, proporciona valorização em contraposição ao espaço doméstico, modo e estilo de vida diferente, em que conhecer e interagir com outras realidades e novas histórias e possuir uma maior independência de seus companheiros ganha significado como fator de desenvolvimento e emancipação. Para a jovem solteira, alguns destes fatores são importantes, mas aqui a independência se apresenta em relação aos pais ou namorado, bem como para a obtenção de renda para consumo próprio. Já para o jovem solteiro que se encontra desempregado, a independência tem conotação mais instrumental em função da renda que poderia vir a lhe proporcionar um bom salário final do mês e não depender da família.

Um duplo sentido se apresentou de forma complementar para dois jovens, mais empobrecidos e com baixa escolaridade neste contexto. Uma jovem e um jovem que evidenciaram o trabalho como dignidade e respeito como formadores de identidade e mais próximos da ética do provedor. O primeiro sentido evidenciado está associado a um aspecto negativo como valorização do sujeito que denota um distanciamento de estereótipos como “malandra e vagabundo”, diferenciação no confundir-se com bandidos. Esse significado leva a uma reflexão da própria constituição da identidade que pressupõe, ao invés de um processo aberto, inacabado ao balizar as identificações em curso, sugere um sujeito dado, a priori, que é definido no isolamento, relegando as totalizações históricas do próprio construir sujeito. O segundo sentido mais positivo configura-se sobre a ética do provedor. Conforme Arendt (1999), seria o próprio movimento alternado da vida, está ligado na obtenção dos bens de subsistência que só se finda com a própria vida, atualmente parece ser a este significado que muitos estariam submetidos.

Na fala de duas jovens casadas e um jovem solteiro (jovens mais escolarizados e com melhores salários), o sentido enfatizado em relação ao trabalho passa pela auto-

realização, almejam através deste desenvolver suas subjetividades e criatividade, fazer o que gostam, criar novas idéias. Não se desconsidera em relação a esse sentido a aspiração que é possível e desejável, as disposições são constitutivas da esperança, no entanto, como explicita Bajoit e Franssen (1997) não dá para desconsiderar que, na conjuntura atual, os empregos estáveis e seguros para toda a existência dificultam a auto-realização.

A experiência do desemprego de quatro jovens marca este estudo como um aspecto negativo, como flutuações e oscilações no estar empregado e desempregado, indicando sentimentos de desvalorização, tédio, vazio, vergonha, culpa, sentido de inutilidade, impotência. Alguns passam a procurar qualquer emprego, a qualquer custo, com baixos salários, longas horas de trabalho, trabalhos precários e informais numa relação que acaba por gerar atos de submissão, alienação e medo intenso com o desemprego. O trabalho como expressão das relações humano-sociais, como potencialidades humanas universais parece não mais ser reconhecido na sociedade. Neste sentido, o trabalho regular, como menciona Carrano (2003, 135), “já não pode ser considerado um dado único numa ordem estrutural de produção capitalista, a realidade do trabalho precário, em suas distintas formas, reserva para o jovem o forte vínculo entre trabalho e incerteza”, isto significa que os jovens vêm estabelecendo com ele um significado ambivalente que oscila entre o desejo e a desconfiança.

Da mesma forma, não dá para deixar de considerar que há as diversas maneiras de se construir como sujeitos e que, segundo Dayrell (2002, p 3), uma delas se coloca nos contextos de “desumanização”, âmbito em que o ser humano é “proibido de ser, privado de desenvolver suas potencialidades, de viver plenamente a sua condição humana”. Isto não quer dizer também que não se construam como sujeitos, ou que se apresentem pela metade, mas a construção de suas identidades também depende das especificidades e dos recursos de que dispõem. Assim, os jovens mostram uma maneira diferente de ser e de viver que deve ser respeitada. Encontra-se um sentimento semelhante nesta pesquisa com aquilo que Dayrell (2003, p 5) menciona nos resultados de sua pesquisa com jovens músicos em Belo Horizonte que leva a perceber o que se torna visível no contato com os jovens, estar perto deles proporciona perceber que são jovens que “ amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam diante dela, possuem desejos e propostas de melhoria de vida”.

Como sujeitos singulares, se apropriam do social, modificando sentidos, aspirações e práticas que se tornam educativas, interpretam e significam seu mundo e as relações que estabelecem. Isto significa que estes oito jovens têm projetos, sonhos e desejos, como já observado. Sintetizado nos resultados desta investigação, montar o próprio negócio é

o desejo de um jovem solteiro que quer ter sua própria boate e uma jovem casada na área de Administração que quer trabalhar com assessoria, estes jovens conjugam maior liberdade sem depender da família ou de um patrão. Encontram-se apenas duas jovens que não desejam mudar de área. No entanto, são seis jovens que sonham com a carreira universitária, uma jovem que deseja ser bancária, mas se impõe muitos limites pela baixa escolaridade e baixa-estima, uma jovem e um jovem que desejam associar cursos à arte, moda e desenho, dispondo seus potenciais talentosos. Outros dois jovens pretendem cursos mais ligados à natureza, um deles, Jornalismo com meio ambiente e, o outro, como é pescador e surfista, deseja fazer Biologia Marinha ou Geografia. Se são possíveis estas realizações? Para alguns o presente se apresenta como possibilidade, já para outros só o futuro em sua imprevisibilidade balizará os acontecimentos. Portanto, apresenta-se na concepção de alguns jovens, quando elaboram, seja simbolicamente ou não seus projetos profissionais, uma necessidade de algum tipo de trabalho para que se possa viver mais intensamente ou plenamente. Percebe-se, como diz Pais (2001, p. 7), “que não querem ser escravos do trabalho, mas também não o rejeitam, tanto como fonte de rendimento como de realização pessoal”.

Todas estas ponderações estão expostas nesta rede de significados que se apresenta como um movimento constante, como um tecer e destecer ininterrupto destas relações e ligações, que por si só são inacabadas, rede essa que os próprios jovens ajudam a formar cruzando, entrelaçando os sentidos sobre o trabalho, sobre seus projetos, sonhos e desejos. Fios que aparecem conectados e desconectados não deixam de gerar tensões no sistema da rede como um todo. Neste sentido, cada fio contribui, de certa maneira, diferentemente um do outro, dependendo da função que cada jovem ocupa, perfaz uma associação de fios individuais, revelando unidade em si e, ao mesmo tempo a continuidade nas relações que se formam e emergem, não em simples formas espaciais, mas cada jovem individualmente ajuda a construir e a formar o tecido da rede na qual as perguntas e respostas evocam uma relação recíproca e produzem-se na interação com o outro. As idéias, afetos, necessidades e traços produzem a rede de relações em que o próprio sujeito emergiu e na qual penetra. Isto significa dizer que há um entrelaçamento contínuo de necessidades, desejos, sentidos, realizações. A continuação da rede aponta para a intersubjetividade que se passa a analisar no último capítulo desta tese, a participação em grupos, ações voluntárias e uma experiência de auto-gestão.

8 FORMAS ASSOCIATIVAS, ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E A CONFORMAÇÃO DE IDENTIDADE DOS JOVENS

Para além das relações do mundo do trabalho como eixo constitutivo da rede investigada, o contato com os 60 jovens pesquisados possibilitou encontrar alguns deles desenvolvendo e estabelecendo práticas cotidianas que configuram formas de participação, interação, convivência lúdica, formas de pertencimento, reconhecimento e sociabilidade em grupos com interesses em comum.

Apesar da existência de manifestações dominantes de certos grupos com “adesão integral”, como alude Sposito (2000), é preciso considerar conforme Gil (2003, p. 127) que embora existam preconceitos, determinismos e fechamento em alguns deles, um outro entendimento na diversidade de ser jovem e as mudanças culturais que protagonizam devem ser expressos, caso contrário, “ratificam-se visões estereotipadas e homogeneizadoras que desenham um futuro sombrio para a juventude”. A pesquisadora, se referindo a esta diversidade, não deixa de abordar a existência de antagonismos descartando uma compreensão em não perceber as clivagens entre eles. Neste estudo também não se desconsidera esta abordagem, no entanto, é importante perceber que as interligações se direcionam para uma teia constitutiva na construção da identidade dos jovens a partir de ações individuais e coletivas que se apresentam numa relação que é interativa, compartilhada, negociada e conflitiva ao mesmo tempo no fazer-se como atores sociais jovens (MELUCCI, 2002).

Nota-se, no quadro abaixo, que o esporte e a religião predominam entre os jovens desta pesquisa. Além dos grupos, outra modalidade de experiências coletivas surge a partir de um certo associativismo em torno de ações voluntárias, comunitárias ou de solidariedade, com temas de combate à exclusão, qualidade de vida e saúde, informação sobre consumo de drogas e AIDS. Também a cooperação ou auto-gestão através da referência de uma cooperativa é constituinte de ações sociais desenvolvidas por uma jovem.

Quadro 3

Número de jovens nas formas associativas

Formas Associativas	Total de Jovens
Esportes	9 jovens
Religião (Música)	6 jovens
Ações voluntárias	5 jovens
Cooperativa	1 jovem

Considerando os eixos de análise, pode-se dizer que foi possível encontrar na pesquisa jovens que participam de forma mais organizada e estruturada em grupo¹⁴⁵, ganham existência nestes espaços estabelecendo relações significativas através de suas atividades e temáticas, como na pesquisa de Nakano (1995), com jovens no Jardim Oratório em São Bernardo do Campo, e de Gil (2003), com jovens em Santo Antônio da Patrulha, desenvolvem, desta forma, práticas que se revelam como educativas naquilo que denominou-se “potência de ação” partir de Spinoza (1957) e Sawaia (1999), como uma maneira de agir, atuar e se emocionar no mundo.

Neste aspecto, deixam o isolamento para ocupar um lugar de sociabilidade, solidariedade, interação, conflito, pertencimento, reconhecimento através das relações intersubjetivas que estabelecem nestes lugares. É mediante os rituais realizados nestes espaços e dos recursos que utilizam que se dá a construção de identidades individuais e coletivas de forma positiva. Foram escolhidos oito jovens que mantêm relações mais efetivas nos grupos e nas formas associativas. Estes são os mesmos de toda a análise anterior, permeiam e ampliam o contexto da rede que vem sendo costurada e conectada em toda a tese.

8.1 RAFAEL E WILSON: IDENTIDADE COLETIVA ATRAVÉS DA MÚSICA RELIGIOSA

¹⁴⁵ Weffort (1994, p. 17) define de forma muito sugestiva o que seja grupo “ [...] pode-se falar em grupo, quando um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes se reúnem em torno de uma tarefa específica. No cumprimento do desenvolvimento das tarefas, deixam de ser um amontoado de indivíduos, para cada um assumir-se participante de um grupo com um objetivo mútuo. Isto significa também que cada participante exercitou sua fala, sua opinião, seu silêncio, defendendo seus pontos de vista”. Portanto, a autora menciona que cada participante é diferente, tem sua identidade, mesmo existindo objetivos comuns. “Neste exercício de diferenciação - construindo sua identidade – cada indivíduo vai introjetando o outro dentro de si. Isto significa que cada pessoa, quando longe da presença do outro, pode “chamá-lo”, em pensamento, a cada um deles e a todos em conjunto”.

Rafael e Wilson se organizam ou se agrupam em torno da religião, de atividades culturais, sociais e de lazer, formando os grupos de jovens, Movimento Água Viva Jovem-MAVJ, da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem no Saco dos Limões, bairro de Florianópolis, e o Grupo de Jovens Esperança do Amanhã – GJEA, da Igreja Católica, no Jardim Eldorado, município de Palhoça¹⁴⁶. Estes grupos se apresentaram como um espaço de sociabilidade, interação entre os pares, meio de expressão e laços solidários, em que a religião se coloca para os sujeitos da pesquisa como componente mediador na convivência grupal.

8.1.1 Rafael: Interpretando o sentido da vida através da música religiosa

Rafael, como já foi mencionado, é um jovem de 21 anos, trabalha como editor de um jornal na Assembléia Legislativa, desistiu do curso de Computação e deseja voltar à universidade para concretizar seu projeto futuro que está associado ao curso de Jornalismo e meio ambiente. Ao mesmo tempo, significou o trabalho como meio de sobrevivência e auto-realização, para ele, o trabalho é importante, mas esse não deve ter a conotação de escravidão. Neste sentido, o trabalho não deve ser alienante, tira proveito da situação atual de trabalho para mais tarde realizar seus sonhos. Dos 14 aos 18 anos participou do grupo de jovens Amigos Integrados de Cristo – GAIC na Costeira do Pirajubaé, bairro onde mora em Florianópolis. Também participava de um grupo de pagode, ligação inicial com a música.

O jovem menciona o fato de que, na época, sua namorada fazia parte do mesmo grupo e, como tinham terminado o namoro, saiu do grupo para não encontrá-la. Ficou afastado durante três meses, momento que o deixou em depressão, pois era apaixonado. Um tempo depois, em contato com amigos que faziam parte da Banda do MAVJ, da Igreja Católica dos Saco dos Limões, bairro próximo de sua moradia, começou a participar deste grupo de jovens. A união destes vários grupos nas paróquias de Santa Catarina forma a Pastoral da Juventude¹⁴⁷. Na realidade, a Pastoral da Juventude se configura na ação orgânica

¹⁴⁶ Numa primeira vez deixa-se o nome completo e a respectiva sigla ao grupo religioso ao qual pertence os jovens, após irá se referir apenas as iniciais.

¹⁴⁷ Não se pretende aqui reconstruir a sua história, no entanto, pode-se dizer que a Pastoral da Juventude é uma organização da juventude ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), comprometida com a evangelização, em especial de jovens empobrecidos. É herdeira de uma história que vem sendo construída no país desde 1930 com a chamada “Ação Católica” na formação dos jovens. A ação católica no Brasil foi marcada por dois momentos distintos, o primeiro com a chamada Ação Católica Geral (de 1932 a 1950), e o segundo com a Ação Católica Especializada (de 1950 e 1960). Com a Ação Católica Geral, difundiram-se movimentos como a Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil (JEC) e outras, culminando em reflexões da “Telologia da Libertação”. A partir da década de 70, estes movimentos se tornam cada mais politizados, se reorganizam e se expandem em quase todos os países da América latina como força impulsionadora para as repressões e as injustiças sociais. Portanto, Gil (2003, p 154 e 155) chega a conclusões

da Igreja para evangelizar a juventude, tendo os jovens como protagonistas de sua própria evangelização, o contexto é a própria sociedade em mudança e a diversidade dos ambientes em que se encontram. A base da Pastoral da Juventude são os grupos de jovens das comunidades e das diversas especificidades, é no grupo e pelo grupo que a PJ acontece. É quando o grupo busca aprofundar e viver a fé, atuar na comunidade, descobrir como transformar a realidade junto com os demais grupos, ser evangelizador de outros jovens significa que está se fazendo a Pastoral da Juventude e se fazendo nela.. Segundo os Cadernos da Pastoral da Juventude de Santa Catarina (2001), são mais de 30.000 jovens integrantes ou militantes no Estado. Em cada cidade pode ser encontrado pelo menos um grupo.

Isto faz pensar o envolvimento dos jovens com a religião. Conforme Ana Lúcia Modesto (1999), em seu artigo “Religião, escola e os problemas da sociedade contemporânea”, argumenta que, na visão de muitos, a religião não teria mais uma função a desempenhar no mundo, estando hoje relegada à condição de uma ilusão já desfeita vista por Freud, não condizendo com a realidade, uma vez que a autora sugere que a história tomou um caminho diferente do previsto.

Assiste-se nos últimos anos, especialmente no findar do século XX, àquilo que alguns estudiosos sobre religião chamam de um reavivamento do sentimento religioso. “[...] A adesão de pessoas de diferentes países e classes sociais ao movimento Nova Era, o crescimento do pensamento esotérico e de novas religiosidades, sem falar nos movimentos renovadores dentro do cristianismo” (MODESTO, 1999, p.78)

Contrariamente aos pensadores da modernidade, atualmente o discurso que domina é o da transformação destes constructos, conjuntamente ao advento da pós-modernidade, em que a racionalidade predominante da visão iluminista de um homem liberto do fascínio religioso não dá mais conta da racionalidade da ciência. Será que estar-se-ia vivendo hoje uma retomada de uma era neo-romântica, com o ser humano sendo atraído por tudo aquilo que parece envolto em mistério, misticismo, mundo “reencantado” pela espiritualidade? Pode-se argüir que no Brasil nunca se ficou distante da religião, a própria ausência de explicações da racionalidade instrumental agrava o poder das religiões.

em sua pesquisa com duas jovens ligadas à Pastoral da Juventude que o movimento “reúne ingredientes importantes para a experiência juvenil [...] o discurso da fraternidade na busca da aceitação do outro, absorvendo as singularidades [...] cria uma rede de solidariedade que contribui na construção de suas identidades, pois o grupo se torna um espaço de pertencimento [...] Obviamente não se pode esquecer que a Pastoral da Juventude representa o instituído e há uma pressão da hierarquia da Igreja. Com objetivos precisos, a Igreja busca ampliar seu rebanho, porém importa pensar que significados os jovens estão construindo para as vivências cotidianas nos grupos religiosos”.

Neste âmbito, não se pode negar que o modo de produção do conhecimento tem sido reavaliado. Ana Lúcia Modesto, fundamentando seu pensamento na função formadora da religião, mesmo com a perda de sua influência e legitimidade, diz que esta continuou exercendo seu papel de educadora de massas, apesar da escola ser responsável oficial pela transmissão da cultura. Esta conseguiu articular, inclusive, áreas da experiência humana que o Sistema de Educação Oficial não soube trabalhar, no entanto há de ponderar-se que os papéis sociais e históricos são diferentes.

Todavia, o argumento desta articulação estaria pautado no campo da formação humana que encobre o próprio termo religião: re-ligare, que significa juntar compactamente. Sob esta lógica, a religião estaria caracterizando uma função integradora que acaba por reunir atividades do homem sob a sombra de uma finalidade comum, bem como conjuga as obrigações do homem possibilitando uma interpretação de forma semelhante pelos integrantes de uma mesma comunidade. Além disso, “através das festas, a religião contribui para a existência de sentimentos coletivos e, simultaneamente ao indivíduo, o sentimento de si” (MODESTO, 1999, p. 79).

Rafael faz três anos que participa do grupo que existe há doze anos, baterista da banda, principal animador do chamado Ministério de Música Água Viva, produtor da homepage do MAVJ, é uma liderança forte no movimento. O jovem revela que se identifica como músico profissional, tocando anteriormente em banda de pagode. Segundo ele, a música faz parte de sua vida desde pequeno.

Comecei pequeno tocando violão, depois surdo e dó depois comecei a tocar bateria, daí começaram a me convidar para tocar na igreja. Aí me proibiram de tocar porque o pessoal da igreja era muito antigo e diziam que a bateria era um instrumento muito moderno e não podia tocar. Eles ainda não tinham essa noção de renovação. Então surgiu a oportunidade de tocar numa banda de pagode, o nome da banda era acorde. Eram todos amigos da igreja. Fomos a primeira banda de pagode a tocar no Arantes, tocamos em festa de aniversário, etc, aí eu me profissionalizei, precisa da carteira de músico. Depois disso terminou a banda e fui para a banda Compasso. Fiquei três meses. Acabei me decepcionando muito como coisas de traição, falsidade, não era o que eu queria. Meu sonho era achar um pessoal para tocar música de igreja, que eu gostava muito. Aí a igreja mudou, aquelas músicas novas, acho legal, tocam-se vários ritmos, balada, pagode, música lenta, Pop Rock, Rock progressivo e mais metal. Ritmos bem diversificados. (Rafael, 20 anos)

De acordo com Baggio (1997, p. 65), em seu livro “A Revolução na Música Gospel”, os cristãos estão vivendo uma revolução litúrgica, causada pela presença da música e

dos ritmos populares no culto de adoração nas igrejas, seja nas evangélicas, seja nas católicas. Neste renascimento, diz o autor, “os jovens estão expressando sua felicidade através da música rock e dos diversos ritmos e estilos populares antes rejeitados pela igreja”. Três componentes desta revolução estariam por trás: os sermões expositivos, a troca de hinos antigos por canções com melodias contemporâneas e a recepção das pessoas como estar sem pré-requisitos para sua salvação, isto vem trazendo um número significativo de jovens para as igrejas. Os sermões expositivos dão o tom conservador da cerimônia, a forma pode-se dizer que é diferente do discurso.

Dorneles (2000, p 2), em seu artigo “Transe Místico: o fator de identificação entre o culto carismático e o culto primitivo”, assinala que o “Culto Pentecostal e a Renovação Carismática”¹⁴⁸ são as razões de uma renovação litúrgica hoje em curso em todo o cristianismo. O tipo de música utilizada no culto seria o motivo de toda essa mudança que tem ênfase na emotividade. Além disso, o resultado estaria baseado numa persistente campanha de rejeição do estilo tradicional de adoração, desencadeada por pastores, teólogos e músicos. Com as pessoas emocionadas, o padre pode falar qualquer coisa. Conforme Santos (2003), isto lembra um pouco os movimentos messiânicos: Canudos, Contestado, que mobilizavam as pessoas por questões sociais, em especial pela disputa de terra, com formas de cultos conservadores que emocionavam, peregrinações, jejuns, etc. Estes questionamentos estariam associados a um movimento cultural litúrgico que já começou a mudar a partir dos anos 60 com “os movimentos sociais nativistas e outros preocupados com a preservação das tradições dos povos”, chamando a atenção para uma liturgia própria identificada com a cultura nativa, ao invés da importação dos ritmos de igrejas americanas e européias. Esse movimento cultural cristão levanta ponderações no que se refere aos instrumentos utilizados como o órgão e o piano para adorar a Deus, contrariando a guitarra, quenás, bumbos e outros tanto de sopro

¹⁴⁸ Gil (2003, p. 143) explicita que a Renovação Carismática configura um movimento da Igreja Católica que se volta para a 3ª pessoa da Trindade, o Espírito Santo. Neste sentido, há uma substituição do lado racional da fé por vivências mais emocionais da fé com características celebrativas esplendorosas, longas reuniões de massas. Ao mesmo tempo, é uma “adaptação da Igreja ao fenômeno da revanche do sagrado, ao surto religioso que surgiu e se afirmou nas últimas décadas com a explosão do número de movimentos e Igrejas Pentecostais”. Dorneles (2000) argumenta que o louvor no culto da Renovação, em função da adoração coletiva realizada em ritmo festivo e alegre, é o ponto central da vida espiritual dos fiéis. É o momento quando todos se fazem um, no Espírito Santo, o clima emocional e envolvente do culto é criado pelo uso da música popular, de diversos estilos. Nas igrejas tradicionais, a presença dos ritmos musicais populares passa a ser considerada a causa desse reavivamento, chamado de “Terceira Onda de poder do Espírito Santo”, especialmente nas igrejas evangélicas. As reflexões deste autor foram extraídas do terceiro capítulo de sua dissertação de mestrado “Liturgia Pentecostal Rompe Barreiras entre o Religioso e o Popular, encontrado em texto na homepage <http://advir.com.br/sermoes/musicaemovimentocarismático.htm>.

quanto de percussão que caracterizariam nossas práticas culturais e não de outras culturas, confinando a música nas igrejas apenas a sacra ou gospel¹⁴⁹.

A incorporação da música popular no culto foi possibilitada, segundo Dorneles (2000), pela informalidade e menor rigidez trazidas pelo culto pentecostal. Posteriormente, começou a cativar também os católicos e os protestantes históricos, questões que não deixam de se transformar em prolongadas controvérsias dentro e fora das igrejas. Essa nova liberdade nos cultos que introduziram cânticos mais dinâmicos, onde os gestos expressam saudações místicas, afirma o autor, trouxe uma atmosfera mais acolhedora. No que concerne aos instrumentos, há uma substituição do órgão por sintetizadores e dispõem-se também de instrumentos como flautas, guitarras elétricas, bateria. Baggio (1997) concorda que adoração é a grande revolução na igreja moderna, mas também fonte de muitas polêmicas. Tudo isso não deixa de ser paradoxal, que a renovação carismática, com seu discurso conservador, se aproxima do jovem pelas suas práticas: usar bateria, pop rock nas celebrações.

Retomando mais especificamente a vivência do MAVJ, foram realizadas três entrevistas com o jovem Rafael em seu trabalho, numa sala separada fora de seu expediente normal de trabalho. Uma destas entrevistas foi surpreendente, o jovem tinha dormido poucas horas, pois tinha ficado até tarde da madrugada fechando o jornal na Assembléia Legislativa, a conversa durou praticamente 4 horas, diga-se de passagem, com muito entusiasmo. Também participei de uma atividade que estava sendo realizada pelos chamados “grupinhos” em 15/02/2003 no salão paroquial da Igreja do Sacos dos Limões, para observação *in loco* da interação, diálogo, bem como do processo educativo que estabelecem entre si e com os outros.

Há uma diversidade nas atividades e temáticas do grupo, a identidade do grupo também é bastante heterogênea, as diferenças se apresentam em termos de classe, gênero, cor, bairros, etc. As atividades são mensais e anuais, sobretudo os retiros que acontecem duas vezes ao ano com aspirantes e o ingresso de novos jovens. Quatro vezes por mês ocorre uma primeira reunião geral na qual participa o grupo todo, normalmente 40 ou 50 jovens. O segundo domingo de oração se constitui em um ritual a ser respeitado, o terceiro domingo, a reunião de grupinhos mostra um momento compartilhado, de negociações e divergências na busca de recursos para as atividades, temáticas e daquilo que baliza as experiências de cada um. A música entra nas atividades para interiorizar, para a reflexão em todos os momentos possíveis.

¹⁴⁹ Com estilos diversificados, a música litúrgica, chamada gospel, estende suas raízes nas culturas nativas, existindo uma ligação íntima entre essa música e o jazz especialmente americano. Daí as palavras que em geral acompanham os cânticos, o balanço do corpo na necessidade de expressar o poder da música na totalidade da emoção religiosa. Baggio (1997) defende que o gospel não é um estilo musical novo, mas uma música de estilos variados, com letra cristã. Neste aspecto, existiria o jazz gospel, o reggae gospel, o country, além do rock, samba e o blues, que completam o quadro de ritmos presentes no pentecostalismo e na renovação litúrgica cristã.

Segundo os integrantes do MAVJ, é dividido em “grupinhos” para facilitar o convívio. As conversas individuais ocorrem mais nos “grupinhos” que são formados geralmente de 6 a 13 jovens. As mudanças nos grupos ocorrem a cada ano, demonstrando que a rotatividade e fluidez fazem parte da própria estruturação. Nesta prática de convivência e pertencimento grupal, pode-se perceber quanto o aprendizado, a interação, o diálogo, as trocas afetivas e a emoção são constitutivos da construção de suas identidades. Eles se libertam, choram, falam constantemente de suas vidas, suas angústias, alegrias, divergem, entram em contradição, negociam, cantam, dançam. A religião acaba sendo um fator que agrega o movimento ou grupo. Neste sentido, se “identização”, como explicita Melucci (2002), pressupõe uma relação intersubjetiva é neste momento que pode-se dizer que também ela ocorre. Regina Novaes¹⁵⁰ (2001), em seus estudos sobre juventude e religião, tem como preocupação perceber como as repercussões da escolha espiritual refletem em termos de sociabilidade, solidariedade e sentido da vida. Segundo ela, através de suas pesquisas, pode constatar que as religiões são lócus de agregação social.

A religião junta os indivíduos, cria laços entre eles e obrigações com o mundo circundante. Em minhas pesquisas tenho percebido uma maior predisposição para a participação social entre as pessoas que escolhem suas religiões e delas participam.

Na entrevista ao Jornal do Brasil, Regina Novaes responde afirmativamente a pergunta que lhe foi dirigida: se a religião traz “paz” para os jovens. A pesquisadora diz que todas as religiões formam grupos de jovens, que acabam sendo um lugar de troca. Neste sentido, o lazer fica associado à religião. Os jovens se encontram, tocam violão, discutem, e esse contato que o jovem estabelece com o outro (alteridade) é importantíssimo. Conforme ela, o jovem necessita de turma, precisa encontrar uma identidade, neste aspecto, diz que jovem e isolamento não combinam. Nestes grupos, eles partilham suas angústias e encontram sentido para a vida. Nos dois grupos religiosos pesquisados, pude reconhecer esse conjunto de valores e expectativas determinados pela prática religiosa a qual o sujeito pertence.

Ainda em matéria sobre o papel das religiões na atualidade, publicada no Jornal da Cidadania/IBASE, referindo-se aos estudos de Regina Novaes, argumenta-se:

¹⁵⁰ Antropóloga, professora do IFCS/UFRJ e Coordenadora de Pesquisas do Instituto de Estudos da Religião (ISER). Entrevista de Regina Novaes ao Jornal do Brasil disponível no site <http://jbonline.terra.com.Br/jb/papel/cidade/08/09/2001/jorcid20010908004.html>

Concordemos ou não, a religiosidade é um fato. Tanto, que até o número de religiosos sem religião, que misturam várias crenças tem crescido. Regina acredita que a postura de fim de século deve ser de cooperação. O que devemos perguntar é o que podemos fazer juntos, as religiões e as forças políticas. Os valores religiosos se encaixam com os valores da justiça, eles podem ser o motor da ação social porque estão diretamente ligados à vida cotidiana. (JORNAL DA CIDADANIA, p.4, dez. 99, jan. 2000).

A igreja Católica garante o espaço físico para os jovens, bem como parte de recursos financeiros e materiais necessários para a existência do movimento, destina verba para viagens de formação da juventude, dispõe de alguns equipamentos, fatores observados também na pesquisa de Nakano (1995). Desta forma, este estudo também não deixa de considerar que existe uma relação estreita e delimitada com a ação, controle e hierarquia da própria instituição. Todavia, percebe-se que essa relação vai além, no que se refere às orientações construídas pelos próprios jovens no interior do grupo que confluem a interdependência e a tensão que forma o “nós” do movimento, garantindo assim a identidade coletiva através dos fins, meios e ambiente que buscam numa relação que Melucci (2002) chama de multipolar.

É através das múltiplas ações, interativas e compartilhadas, que estes jovens constroem a identidade coletiva do grupo, ultrapassando os recursos originários da Igreja, aparece um contínuo vínculo subjetivo e de reciprocidade na busca de investimentos materiais que faz com que se desdobrem em diversas atividades e temáticas para garantir a coesão do grupo e de sua continuidade.

A heterogeneidade das atividades culturais, ações sociais, sociabilidade, lazer, tais como: campanhas, gincanas, visitas a creches, asilos, campanhas em prol da fome, diversas reuniões, shows de bandas religiosas nos eventos promovidos, celebrações, festas de aniversários, construção da homepage do MAVJ, construção do mural jornalístico do site e do Ministério da Música, Chat interativo e digital, produção de CD com músicas religiosas do Ministério da Música, retiros sociais e espirituais, festas religiosas, festas de aniversários dos integrantes em sítios e outros lugares, jantares comemorativos, Campanha de Natal sem Fome, serenatas, teatro e encenações na Páscoa, ensaios da banda, diversas reuniões com aspirantes, se configura num processo e espaço vivido como exercício na construção de suas identidades. A interação, a troca de experiências, a ligação, as trocas afetivas, o reconhecimento recíproco, a diferenciação entre eles e outros grupos garantem

os próprios limites e possibilidades com o ambiente para a formação do grupo pesquisado como um ator coletivo dando forma as suas relações.

Todas estas atividades podem ser vistas, pois estão registradas com fotos na homepage do MAVJ (<http://www2.intercorp.com.br/mavj/fotos.htm>).

Rafael, que é o animador oficial do grupo, diz que costuma se divertir com a namorada, com a família, com seu cachorro e com os amigos do grupo de jovens. Depois daquele período tenso amoroso, acabou voltando para a ex-namorada, atualmente ela participa do mesmo grupo de jovens. Uma das atividades de lazer preferidas pelo jovem, além do grupo que participa, é a pesca:

Ah, se eu estou estressado, eu tenho que pescar. Meu pai cultivou isto em mim desde criança, como ele também é pescador, isso foi passado de pai para filho. Minha namorada diz que sou maníaco. “Só quer pescar, só quer pescar”, ouço bastante essa frase [...] É de barco, não gosto muito de trapiche, de ficar parado, eu gosto de ficar balançando no mar. Minha realização é quando eu vou pescar com meu tio, porque ele tem uma lancha. Eu pesco com rede, tarrafa, linha. Esses dias nós fomos do Pântano do Sul até Garopaba. Ah, que marzão! Aquele cheiro de mar faz um bem. Aquela água verde me deixa tranqüilo. Eu gosto de levar meus amigos. Um dos meus sonhos é ter um barco para levar meus amigos para pescar. Eu não tive ainda esta oportunidade.

O jovem diz que, na hora da diversão, se preocupa com a segurança, no caso da pesca, não abusa do tempo e, quando cai na água, observa tudo atentamente para ver se não tem ninguém. Parece que, quando se diverte, tenta manter o controle, não ultrapassar os limites, diz se preocupar com ele e com ou outros, conta um episódio na hora do lazer que o deixou chateado.

Uma vez nós fomos sair para dançar no Ribeirão da Ilha, depois de uma reunião do grupo de jovens, uma reunião super divertida, chegando lá, estávamos dançando eu e a minha namorada e o meu primo e a namorada dele, de repente, o meu primo vira e sai dando soco no cara. Pô, isso me angustiou muito, fui lá separar a briga, quatro caras batendo nele. Aquilo acabou a noite para mim. Eu detesto briga, apesar de ser meio irritado.

Aprofundando um pouco mais sobre a caracterização do MAVJ, Rafael salienta que, no interior do movimento, é feita uma divisão por assessorias, além disso, comenta como a música começou a fazer parte do grupo de forma mais intensa:

*Assessoria de conhecimentos litúrgicos, assessoria de comunicação (que cuida do jornal), assessoria de tesouraria, assessoria geral, assessoria de eventos e de retiros. De uns anos para cá vimos que nosso grupo precisava de algo mais. Porque a gente fala de nossa crença, de nossa fé, mas ele (Deus) não quer só aquelas pessoas indo para a igreja, rezando Ave Maria, rezando o terço e indo para casa. Ele quer algo mais profundo, que nós experimentássemos alguma coisa em relação ao amor dele, ao amor que ele deixou. Qual a melhor maneira? Algo que contagiasse todo mundo. **A música!** É muito difícil não ter uma música que toque o ser humano. A maneira que ele veio para revolucionar, para renovar foi através da música. Então através da Igreja Católica veio a Renovação Carismática. E isso foi contagiando. Se estudou muito a bíblia e lá fala em diversos tipos de oração, experimentavam tipos de orações diferentes e não só as decoradas. Surgiu, então, a idéia de colocar um grupo de músicos. No começo foi uma banda que era considerada assessoria de animação, pois servia para animar o grupo nas reuniões, encontros e missas. E de um tempo para cá esses grupos da Igreja Católica vieram a se chamar Ministério da Música. Porque foi descoberto a pouco tempo atrás que a música é sagrada. Que na época de Jesus Cristo já existia a música. A bíblia diz que a música é a comissão de frente do exército de Deus. A música vinha anunciando que o rei poderoso estava vindo, que era Jesus Cristo Salvador.*

Segundo o jovem, a música se transforma num ato reflexivo para o grupo, para eles, funciona como uma “flecha disparada no coração”, conta mais detalhes, dando exemplos de como isso ocorre:

Eu tenho um colega que toca comigo e que não sente a mesma fé com a hóstia, com Jesus Cristo. Ele fala que na missa aquilo não toca ele, mas que basta uma música para ele se derreter todo. Ele era roqueiro, disse que hoje toca na igreja porque a musica cativou ele. A música é divina. É como uma lança que fura o teu coração para poder entrar o amor de Deus. Só para você ter uma idéia, a música tirou várias pessoas das drogas. Na verdade, foi Deus através da música. E por isso que nós somos chamados de Ministros de Música, porque, através do nosso dom, deixamos Deus agir sobre todas as pessoas.

Parece relevante analisar a contradição existente na própria influência da música no MAJV. Sugere-se que a difusão do movimento de renovação religiosa e o uso da música gospel ocorrem em paralelo com o movimento da contracultura popularizado na década de 1960 com a música rock e o uso de drogas. Baggio (1997, p 40) afirma que a renovação musical religiosa “é apenas uma forma de adaptar o louvor e a adoração a formas e estilos contemporâneos”, por sua vez, o gospel “é fruto de uma renovação espiritual que aconteceu na América do Norte no início dos anos 70”. Neste sentido, a renovação da música cristã contemporânea teve o objetivo de tornar mais relevante às novas gerações estes estilos que nasceram, de acordo com o autor, do movimento de contracultura dos anos 60. Sabe-se que os

jovens da contracultura dos anos 60 estavam procurando paz, amor, realidade e vida, rejeitavam o consumismo capitalista, a hipocrisia religiosa e a superficialidade da cultura americana.

Será que o movimento de renovação litúrgica incorpora o mesmo espírito de rebelião e rejeição à autoridade e à tradição visto na contracultura, mas diferentemente em relação às drogas? Baggio diz que sim, que não é outra coisa que faz a renovação musical religiosa. Perguntas são feitas de como conciliar o rock, um movimento de protestos, com as letras e mensagens gospel, que falam de Jesus Cristo e de fé? Para Baggio, as diferenças entre o rock cristão não estão no estilo, nem no ritmo, mas especialmente nas letras e no estilo de vida dos músicos cristãos, se esse mesmo ritmo é usado com mensagens positivas, que exaltem Deus, torna-se uma arma para a paz. A única força, conforme este autor, seria definida pelo conteúdo de sua letra e não pelo estilo ou ritmo.

Rafael, argumentando sobre a importância do grupo em sua vida e o que significa participar do MAVJ, não deixa de mencionar os diversos aprendizados, as amizades, o crescimento pessoal, o conviver com as diferenças, com as divergências que se apresentam no próprio movimento:

Poderia falar de muitas coisas, mas é muito aprendizado, muita mudança em minha vida a partir daí, muita coisa boa. Aprendi a ter calma, ter paciência, ter tolerância, ter limites, se fosse o que aprendi na rua, eu já tinha espancado minha chefe faz tempo. Contribuí com minha formação. Até quando terminei com minha namorada, porque eu traí ela com outra pessoa e depois contei, mas fiquei mal, isto já passou. Me ajuda até hoje no relacionamento com minha família, que não é ruim, mas não é dos melhores. O que aprendi desde pequeno é que grupo de jovens de igreja, movimento de jovens é um lugar onde tu procura conhecer mais da bíblia, conhecer outros planos que Deus propõe para ti.. Também é um lugar para tu conhecer mais teu íntimo, as tuas origens, teus amigos, ter tua turma, se socializar. Melhorar teu dia- a- dia com tua família, com teus amigos de trabalho, teu marido, namorada, etc. Encontrar um ponto de equilíbrio para viver melhor. É uma maneira de crescer. Tu não estás sozinho, estás aprendendo com outras pessoas, com outros jovens, grupo é um crescimento mútuo. Todos crescem juntos, tu aprendes comigo e eu aprendo contigo. O respeito ao próximo, valores como honestidade, além do que minhas opiniões são respeitadas. É de integração, eu gosto demais, as festas, as brincadeiras. As amizades, posso dizer que, são é minha segunda família. Meus grandes amigos encontrei aqui. Entrei e logo após me confiaram o cargo de assessor de animação. Eu já conhecia algumas pessoas e isso me facilitou. Todos são muitos ativos, bem integrados, só que vejo muitos jovens sem ideal. Não sei se é o exemplo que têm em casa, tem gente que faz o retiro, fica três meses e depois desanima, não vai mais. Tem gente que entrou, usava drogas, continuou usando e saiu usando, optou pelas drogas. Outra coisa, não somos todos do movimento carismático propriamente dito, mas temos um pezinho lá por causa das músicas que são super alegres, mas há conflitos, alguns não participam porque não

concordam com a “oração em línguas dos anjos”, escrita na bíblia, que faz parte da educação da Renovação Carismática, para muitos jovens, esta língua é incompreensível”. (Rafael, 21 anos)

Em relação às drogas, Rafael conta que sempre teve oportunidades para usá-las, que foram muitas as vezes que as apresentaram, mas sua participação no grupo fez retroceder, conta episódios de amigos que tiveram a mesma caminhada:

O Augusto teve a mesma caminhada que eu, só que ele experimentou dos 15 aos 18 anos, usou drogas pesadas. Ele teve a mesma base, de repente a educação em casa não foi tão aberta como a minha. Mas ele conseguiu sair. Por quê? Conseguiu resgatar os valores de antes. Não deixou que o mundo tirasse dele isso. Nas palestras dele hoje, diz que dá graças a Deus de ter participado da Igreja, se não fossem os valores que a família trouxe com a religião, ele não conseguiria sair das drogas. Eu tive muitas oportunidades, 100 g de maconha e outras na minha mão que um colega na faculdade pediu para passar para outro. Acho que é vontade também, vontade de mudar, tipo “estou na droga, estou no poço, estou enxergando isto”. Quando quer se enxergar o sentido da vida que não é vir para cá sofrer, cheirar cocaína, sofrer de depressão, ficar chorando num canto, ficar dependente, aí sim descobres outros sentidos, que tens algo mais, és um ser humano, tens muita coisa para dar para a sociedade, ser feliz, o sentido da minha vida é Deus sim, porque é através dele que encontro alegria de viver caracterizado pelo grupo que convivo. E o grande mal do mundo é a droga. (Rafael, 20 anos)

Percebe-se que os projetos de Rafael, além de incluírem a pesca, fazer Jornalismo ligado ao meio ambiente, já visto em item anterior, incluem outros sonhos que são ampliados a partir da convivência com o grupo, sentimentos mais humanitários, de transformação, através de pensamentos de solidariedade, felicidade e amor, aparecem para dar tom as suas palavras:

Ser feliz, ter uma família, os homens deveriam ser mais solidários, é só ver o que está escrito na bíblia que Jesus deixou para nós, só este mandamento de amar o próximo como a si mesmo já diz tudo, não teria guerra, fome, diferenças sociais. Não teria essa palhaçada de um cara ganhar 250 mil e outro que corre atrás do caminhão ganhar uma miséria. Tem uma mulher aqui na Assembléia que ficava limpando a mesa do restaurante, colocando cadeira para cima, ela deveria ter cinquenta e poucos anos, quase sessenta e devia ganhar uns R\$ 250 reais ou um pouco mais por mês. É muita diferença. É contra a lei divina. Eu desejo ser útil para as pessoas conseguirem ser feliz e fazer feliz também. Acho possível estes sonhos, é difícil acabar com as drogas, mas pelo menos ajudar na conscientização de como ela é destrutiva. Nesse último domingo estávamos trabalhando no grupo que as coisas impuras estão dentro do nosso coração. Esse papo de que a televisão influencia a usar droga, mas quem inventou a televisão não foi o homem? Quem programa não é o homem? Tudo isso tem a ver com

desejos, com prazer até as últimas conseqüências, o consumismo, essa história que a sociedade impõe um padrão cultural é verdade, as pessoas acabam sendo influenciadas. A batalha é grande, mas na espiritualidade também podem conter desejos que podem ser destrutivos, temos mil desejos, mas sofremos também quando não conseguimos. Tem uma frase que ouvi falar que a princesa Daiana falou para a Madre Tereza de Calcutá, que é assim: “Por dinheiro algum no mundo eu conseguiria fazer o que a senhora faz”, se referindo ao amar os leprosos e cuidá-los. Daí a Madre Tereza respondeu : Nem eu faria por dinheiro algum no mundo, só faço isso por amor! (Rafael, 20 anos)

Em toda a entrevista e a convivência com o grupo, foi possível observar o pertencimento ao grupo, os jovens buscam sentido no grupo como espaço de convivência mútua, sentimento de reconhecer e ser reconhecido, de sociabilidade lúdica, de acolhimento, lugar de intersubjetividades, de emoções, angústias de agregação conforme Regina Novaes. Sem deixar de abordar os conflitos próprios na construção de suas identidades tanto individuais como coletivas, que se apresentam num movimento de permanência e multiplicidade (MELUCCI, 2001) diante das incertezas e dos imprevistos no mundo atual.

8.1.2 Wilson: música religiosa e o grupo como agregador em estar no mundo desempregado

Wilson, 20 anos, na época da entrevista, depois de meses de desemprego, tinha arranjado trabalho numa loja de materiais de construção, tanto que sua situação de trabalho foi analisada a partir deste lugar. No entanto, uma semana atrás caminhando pelo centro da cidade, encontro com sua companheira, me reconheceu e paramos para conversar. Conta que Wilson, depois de cinco meses naquele emprego, foi despedido novamente. A história aconteceu porque, nas palavras de sua esposa, fizeram uma “sujeira”, expressão usada para significar desrespeito por ele, colocaram uma prima da dona do estabelecimento em seu lugar. Sentido que já foi evidenciado pelo jovem quanto se trata dos significados sobre o trabalho, que se apresenta como sobrevivência, dignidade e respeito como formador de identidade. Isto reflete a situação de estar no mundo novamente desempregado e com sentimentos de desvalorização.

Na primeira visita que fiz à casa de Wilson ele falou muito sobre como a religião, o grupo de jovens que participa há sete anos chamado GJEA, no município da Palhoça, e a Renovação Carismática, que entrou faz um ano, lhe ajudam a superar as dificuldades econômicas e as flutuações no estar desempregado. Isto confirma o que disse sua companheira, o grupo como uma forma de terapia, no sentido de não partir provocando

situações negativas, como drogas, etc. A religião tem sido um fator de aproximação, agregação para as experiências dos jovens, momentos de sensibilidade e emoção com outros que se encontram na mesma situação. Conforme Santos (2003, p. 286), a religião, nessa perspectiva, “pode também ser pensada com um caráter compensatório, diante de tantas interdições para a providência das condições mínimas de existência, no momento atual de desordem”. Neste sentido, Balandier (1999 p. 240), em sua obra “O Dédalo” se reporta às “crenças” como um remédio para as doenças da incerteza, assim, o autor sugere não ser o único, mas o mais antigo, “não cura, mas tranqüiliza. Quando a incerteza afeta regularmente as maneiras de ser, transforma-se em ameaça onipresente no curso ordinário das vidas, exaspera a busca das crenças às quais se apegar”. Santos (2003, p. 286-287) argumentando sobre as privações de uma vida de desemprego, menciona sobre os perigos que se introduzem nestas situações que acabam por provocar um não controle “e o sagrado contribui para explicações, oferece saídas mais imediatas: evangelizar e ser evangelizado é salvar a si e ao grupo”.

Ana Lúcia Modesto (1999, p 80-81) assinala, que diante destes problemas, a religião atua para amenizar, possibilitando a reconstituição de uma unidade perdida, tanto individual como em grupos sociais. A ação do ritual religioso promove, na verdade, semelhanças à da terapêutica, ela organiza o mundo do paciente, bem como certas curas nos rituais religiosos. A autora afirma que para o ser humano dotado de razão “nada mais acentua a sensação de impotência e, conseqüentemente, de sofrimento, a falta de capacidade para compreender, de recompor a ordem e o sentido das coisas no mundo atual”. Por tudo isto, a religião seria uma esfera também de conhecimento. Nesta perspectiva, a autora argumenta: se é um saber falso para os cientistas, talvez não o seja para os grupos sociais, pois, “através de suas representações a religião transmite ao indivíduo meios para expressão e explicação dos infortúnios, e com isso o alívio de suas angústias”.

Wilson, que diz que a religião é um suporte para seus momentos difíceis, direciona seu lazer para o grupo de jovens, na igreja onde toca percussão e com a família, também quando pode, gosta de ficar em casa desenhando, como já foi referenciado no item sobre os projetos de vida, o jovem tem paixão pelo desenho. O jovem participa geralmente nas terças e quartas feiras à noite da Renovação Carismática e sábado é dedicado para o grupo de jovens e retiros, diz que espera sempre com muito entusiasmo estes dias para encontrar os amigos e contar o que aconteceu durante a semana. Antes de tudo, expõe que o que mais o deixa realizado, que encontra sentido para sua vida, é o lado espiritual:

Trabalho que já faço há um certo tempo, sempre estou conhecendo pessoas novas, ajudando as pessoas, me preenche espiritualmente, estou sempre me desenvolvendo. No movimento Carismático, a gente pode ajudar os jovens com suas famílias, porque o maior trauma deles é a família hoje em dia, o contato direto com elas, né? Eu também participo de uma banda, toco percussão, tocamos em encontros dos jovens, casamentos, tudo que tem a ver com a igreja, eventos, músicas religiosas, minha banda tem guitarrista, baterista, contrabaixo, tudo. Nosso Ministério da música funciona da seguinte forma: nós somos em 12 músicos, aonde for para animar, desde velório, é, a gente faz animação de velório também. Tem a missa de corpo presente, tocamos em batismo, celebrações na igreja festiva, em encontros gerais de grupos, desde o nascimento até a morte. Até morreu um colega nosso, do grupo de jovens, fizemos uma homenagem para ele, foi só com o violão, lógico que no velório não íamos pegar tudo, bateria, guitarra, etc, foi durante a noite, de madrugada. Nossas músicas a gente toca ritmos variados: rock, reggae, pop, pagode, todos estilos de músicas mas com letra gospel, música sacra, como chama na Igreja, letras voltadas para Deus, louvores a Deus, pois antigamente eles cantavam só hino e não continha instrumentos legais, no máximo era harpa. Hoje não, como têm muitos instrumentos, busca-se a juventude com a música, tipo “tenho esperado este momento, tenho esperado (cantando suavemente)”, tem música mais leve, mais rápida, depende, todo tipo de música a gente consegue transformar, até a clássica a gente muda, claro, com letras de louvor a Deus, na verdade, a gente o que muda é o estilo, o ritmo, temos nossos próprios compositores na Igreja. Eu agora estava também aprendendo o contrabaixo, é a alma né? O peso da música “tum, tum” e, percussão, hoje em dia, qualquer um sabe fazer, tocar uma latinha de cerveja, colocar areia dentro e fazer “chico, Chico”, só que precisa saber, ter ritmo, ter musicalidade. O que quero dizer que é mais fácil a percussão do que o baixo, mas é um instrumento muito caro, tenho um tempo de música, musicalidade, quem sabe, quando puder. Vejo também a dança, a manifestação do corpo na musicalidade da Igreja como uma liberação diferente dos hinos que te falei. (Wilson, 20 anos)

As falas de Wilson refletem aquilo que Dorneles (2000, p 3) tem argumentado sobre a redescoberta do corpo como elemento fundamental do culto que, de certa forma, tem também qualificado as liturgias que estão ocorrendo nos movimentos pentecostais, na Renovação Carismática e mesmo nas comunidades eclesiais de base, no catolicismo. Há, segundo este autor, uma experimentação pelos cristãos com novos elementos de confraternização, em que a liberação da rigidez corporal acaba sendo um componente dos cultos configurando em gestos, em dança, expressões corporais, expressão do amor fraterno. A dança, neste sentido, faz com que as pessoas se toquem, passa a ser “um toque transcendental, na descoberta do outro sobre mim mesmo”. Deste modo, David Tame (1984), no livro “O poder Oculto da Música”, indica que é difícil encontrar uma única fração do corpo que não sofra a influência dos tons musicais:

[...] influi na digestão, nas secreções, na circulação, na nutrição e na respiração [...] se o músico estiver tocando o seu instrumento, poder-se-á também dizer que ele está

tocando o corpo e a mente do público [...] o ritmo, com efeito, nos atinge não só o corpo, a mente e as emoções, mas até o subconsciente, os ritmos acelerados elevam as pulsações do coração e, portanto, a excitação emocional” (TAME, 1984, p 147-149).

Wilson revela, além da especificidade da música como convivência lúdica no grupo, as principais atividades do GJEA que introduzem as ações espirituais e sociais presentes:

As principais atividades do GJEA é levar o jovem a um encontro com Deus, seria uma parte forte do nosso grupo, os grupos de jovens se dividem em partes, a parte espiritual e a parte social. Nosso grupo trabalha mais com a parte espiritual de encontro com Deus, como já falei, seria o primeiro encontro. Se tu não tem amor, como vais para a parte social? Então, é importante tu ir para o social amando as pessoas, como fazer trabalho com elas sem amor. É a socialização deles, levar os jovens a compreenderem muitas coisas sobre drogas, sobre doenças, sobre as pessoas com HIV, porque a maioria dos jovens têm preconceito com pessoas com doenças seja qual for. Eu também faço pregação do Evangelho, mas não é só aquelas coisas de ficar lendo, mas falo para os jovens, por exemplo: carnaval, dou toques para eles se cuidarem, não transar sem camisinha, se prevenir, para que depois de nove meses não tenham que pagar pensão, ou então casar cedo como eu, de repente ver tua vida mudar da água para o vinho num instante, várias outros aprendizados que tentamos passar para a juventude. (Wilson, 20 anos)

Geertz (1978), mesmo estudando comunidades tradicionais em Bali, na Índia, no México, no Himalaia, na África, etc e fazendo um estudo mais ampliado sobre a cultura na análise religiosa destas comunidades, coloca-as num contexto muito mais amplo do pensamento contemporâneo do que as tradições abrangem, a partir delas e com elas, ampliando-as, menciona que:

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida. Essa confrontação e essa confirmação mútuas tem dois efeitos fundamentais. De um lado, objetivam preferências morais e estéticas, retratando-as como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular, como simples senso comum dada a forma inalterável da realidade. De outro lado, apóiam essas crenças recebidas sobre o corpo do mundo invocando sentimentos morais e estéticos sentidos profundamente como provas experimentais da sua verdade. Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com autoridade emprestada do outro. (GEERTZ, 1989, p 103-104).

Me aproprio de suas reflexões numa mediação com meus registros de campo quando Wilson se reporta à importância do grupo como um repensar de sua identidade ressignificada e à religião como uma visão de mundo que se torna para ele convincente no sentido de acomodar tal tipo de vida escolhida:

A importância do grupo, para mim, é fundamental, a religião me dá uma visão diferente do mundo, comecei a conversar melhor com as pessoas, a tratar os outros de igual para igual, tratar ou outros com mais dedicação, trato diferente as pessoas do que antigamente tratava assim, “tá mal vestida, pô, vou sair de perto, vou sair fora”, não trato com esta indiferença, mas pelo contrário, vejo como somos iguais, aprendi a ter mais humildade, aprendo a ter amor pelo outro, pela minha família, minha filha, que amo de paixão. Acho que se eu não tivesse no grupo, eu não teria assumido a paternidade, mas foi o grupo que me ajudou a amadurecer, se fosse antes, não sei se ia assumir toda essa responsabilidade. A gente começa a olhar pro mundo em volta do jeito que está, experimento minha vida religiosa como escolha primeira. (Wilson, 20 anos).

Wilson significa sua vida dizendo que, apesar de toda a situação de privações, o presente é o barco que navega. Diante das incertezas, limites e fronteiras do real e imaginário enraíza no presente seu viver:

Para mim a vida é hoje, simplesmente o agora, amanhã apesar de meus sonhos e projetos não tem o que ser. Então o que eu puder viver da minha vida hoje, para minha família, para meu grupo, o que eu puder fazer para Deus eu faço é hoje, amanhã não estou nem ligando. A manhã eu penso no que fazer, de pois da manhã penso a mesma coisa, o que puder fazer hoje faço, amanhã não sei. Viver apenas o presente, porque amanhã como diz Renato Russo “é preciso amar hoje porque amanhã tu não sabe se vai estar vivo. (Wilson, 20 anos)

Na mesma entrevista já anunciada no Jornal do Brasil em 8/09/2001, a pesquisadora Regina Novaes argumenta sobre a religiosidade e o tempo presente para os jovens:

Eles vivem intensamente o presente. E, no presente, têm desafios muito importantes. No estudo, no trabalho, do ponto de vista emocional. E o tempo todo eles estão preocupados com o futuro. Vivem esta tensão, entre aproveitar a vida e se preocupar com o futuro. E ficam buscando uma explicação para o sentido da vida. Onde poderiam buscar explicação para isso tudo? Em outras gerações se buscou na família, que transmitia uma educação religiosa. Ou então, num certo ateísmo militante, que também dava um sentido para a vida. O que se esperava era que, a partir do desenvolvimento da ciência e do avanço tecnológico, estas explicações fossem surgir. Mas isso não aconteceu. As pessoas continuam procurando um

sentido para a vida e uma forma de lidar com suas angústias e sofrimentos. Os jovens, de qualquer classe social, sofrem. Sofrem pensando no futuro, no mercado de trabalho. Sofrem com a questão da droga. A religião ajuda a tornar o sofrimento suportável.

Em relação à problemática com as temporalidades produzidas pela sobremodernidade, Balandier (1999, p. 61) expressa que “são o flash, o spot, o clip que hoje traduzem em imagens e ritmos a relação estabelecida com o tempo em intensidade, fazem do instante emocional um momento que se basta em si mesmo”. Neste aspecto, alude que já não precisa situar-se na duração, mas vive-se o tempo do efêmero, os tempos sociais se dividem, se diferenciam de acordo com as situações variáveis em que estas operam. Assim, a fluidez ganha domínio, porque nenhum deles se impõem, mas é o relativo que constitui a continuidade. Isto significa dizer que o que contribui para a consciência é a invasão do imediato.

Melucci (1997, p. 10) também chama a atenção sobre a experiência que acaba sendo invadida “pelo apelo simbólico, ela ameaça perder-se num presente ilimitado, [...] sem muitas raízes, resta pouca esperança para o futuro, produzindo frustração, tédio, vazio”. Para lidar com tantas flutuações, oscilações e metamorfoses, os jovens sentem que a identidade deve ser enraizada no presente. Diante de um futuro incerto, muitas vezes sem alternativas, o presente invade as experiências dos jovens gerando ansiedade numa busca frenética por não deixar nada escapar. Na realidade, uma aceleração dos tempos e uma fundamentação do presente, questionam-se os limites que se tornam um problema fundamental para os jovens de hoje. Por isso, encontrar o sentido da vida na religião sugere-se ser algo partilhado por muitos jovens.

Ampliando a discussão, não dá para desconsiderar que são milhões de pessoas que vivem às margens da sociedade, existindo à base de subempregos, ou ligadas a atividades econômicas informais, uma grande massa de excluídos, sem carteira assinada, sem salário digno, sem perspectivas. Para muitos destes, a religião tem oferecido os elementos básicos de cultura que perpassam por uma visão de mundo, conforme Geertz (1978), que com mais simplicidade, mas não menos rigidez, dá sentido às coisas, talvez uma ordem unívoca nos momentos de aflição. Como assinala Modesto (1999, p. 82), uma pedagogia potencial baseada na reciprocidade, na confiança e lealdade marcam a vida destes grupos que, de acordo com esta autora, estaria pautada numa “lógica do desafio entre homens e Deus, por outro lado, trata-se da lei do mercado, a lógica do mercado imposta ao fiel em sua relação

com o divino; a lógica do concreto, onde o sagrado é visto através de elementos retirados do ordinário”.

Segundo Santos (2003), a religião estabelece vínculos para as pessoas, aqui no caso de jovens como Rafael e Wilson, que ultrapassam processos de construção de identidade individual e coletiva apenas por vias do trabalho, conforma o sentido articulador da religião, pois como diz Geertz (1978, p. 143)

A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como força o compromisso emocional. Formulado como **mana**, como **Brahma** ou como Santíssima Trindade, aquilo que é colocado à parte, como além do mundano, é considerado, inevitavelmente, com tendo implicações de grande alcance para a orientação da conduta humana. Não sendo meramente metafísica, a religião também não é meramente ética. Concebe-se que a fonte de sua vitalidade moral repousa na fidelidade com que expressa a natureza fundamental da realidade. Sente-se que o que "deve" poderosamente coercitivo cresce a partir de um "é" fatual e abrangente e, dessa forma, a religião fundamenta as exigências mais específicas da ação humana nos contextos mais gerais da existência humana.

Neste sentido, pensar sobre a adesão a uma determinada crença, sobretudo manifesta nas disposições religiosas, é perceber o papel evangelizador e articulador da religião, que acaba emitindo para os jovens uma explicação e um sentido de vida, uma compreensão de mundo, mantém também laços solidários, ou seja, as disposições e as adesões religiosas, por mais que pareçam absurdas, controladas e perturbadas pela convulsiva transição em que vivemos, contêm ensinamentos, como mostra os resultados da pesquisa.

Portanto, não dá para desconsiderar que as manifestações religiosas desses tempos de rápidas transformações têm cumprido um papel agrupador, bem como incorporam diferenças religiosas e conflitos próprios do social marcados por vários aspectos. Essa mistura na velocidade com que os dramas pessoais são processados segundo os códigos institucionais da crença também marca nosso tempo. Entre as dezenas de acepções possíveis, a cultura é essa via de mão dupla, cada indivíduo, cada grupo é afetado pela dinâmica da história da qual faz parte, mas, ao mesmo tempo, afeta significativamente essa mesma história.

Assim, a falta de qualidade de vida para milhões de pessoas, ao lado dos requintes consumistas sempre possíveis aos poucos que detêm a maior parte da renda e dos benefícios econômicos, é um fator importante na busca de compreensão das mudanças religiosas da passagem do século e do milênio. Para elas se somam o avanço das informações, a ciência,

que por sua própria natureza atual, chama para a era do desencantamento do mundo, da corrida desenfreada por resultados práticos e imediatos.

Não há como negligenciar esse componente nas disposições e adesões religiosas da passagem de milênio, mas melhor seria, como ressalta Gil (2003, p. 139), “se a agregação das pessoas, para discutirem o futuro, fosse o espaço da participação do cidadão em vários níveis”. No entanto, a religião tem muito a ver com a construção de identidades, a experiência religiosa é também pessoal, não é tanto a verdade sobre Deus que anima estas experiências e as novas adesões religiosas, mas incorpora a satisfação de necessidades pessoais e coletivas. Parece que o papel que a religião está cumprindo é de interioridade, de que a fé sustenta, cura, consola, corrige certas injustiças, explica, impõe obrigações, esclarece, concilia, regenera, redime ou, quem sabe, salva a si próprio e o grupo em que cada jovem pertence.

8.2 ALESSANDRA, AURINO E MEIRELLE: CUIDADO, CIDADANIA, SOLIDARIEDADE E COMPAIXÃO COM O OUTRO ATRAVÉS DE AÇÕES VOLUNTÁRIAS

Alessandra, Aurino e Meirelle são jovens que desenvolvem ações sociais ou voluntárias como uma forma associativa para além do mundo do trabalho, da renda, lucro, sem uma retribuição material. Estes jovens se dedicam a esta atividade como um exercício de cidadania, pela satisfação e cuidado com o outro, por vínculos solidários, servindo de ponte para um mundo melhor. A principal motivação para o exercício das ações voluntárias é a satisfação de seu executor, praticá-lo é um ato de cidadania, ato de amor, de altruísmo e compaixão ao próximo.

Conforme Sposito (2000, p. 86), a ação voluntária e os movimentos sociais que envolvem práticas de solidariedade vêm sensibilizando um conjunto crescente de jovens, contudo ainda seria um eixo pouco pesquisado nas investigações que relacionam os movimentos sociais, juventude e educação. Em relação à esta modalidade a autora pondera que ainda está muito constituída por uma “insuficiência das recorrentes explicações em torno da filantropia (leiga ou religiosa) que mobilizaria setores privilegiados em ações assistenciais voltadas para pobres e excluídos”. Não desconsidera que são diversos os segmentos envolvidos com essa ação na sociedade, mas reúne, segundo ela, “um conjunto não desprezível de dificuldades já que sua prática concreta vem revestida, como qualquer ação coletiva ou movimento de múltiplos significados”.

Motivados por valores de participação e solidariedade, Aurino, Alessandra e Meirelle doam seu tempo, talento e trabalho, de maneira espontânea e não remunerada,

trabalho exercido com prazer, doação e entrega em prol da alteridade, constroem sua identidade também como produto e resultado de uma inquietação interior que se materializa por meio da ação solidária. Assumir uma ocupação voluntária, para estes jovens, traz responsabilidades, preocupações e desafios, mas também se refere a um fator de crescimento e desenvolvimento pessoal, sem deixar de fazer diferença na comunidade, pois este não deixa de ser exercido com carinho e responsabilidade como qualquer outro trabalho. Existe, portanto, uma necessidade de sistematização de ações concretas no sentido de encontrar novos caminhos para difundir as ações voluntárias.

Todavia, Reis (2003, p. 3) diz que o conjunto dos Direitos Humanos Fundamentais “visam garantir ao ser humano, entre outros, o respeito ao seu direito à vida, à liberdade, à igualdade e à dignidade; bem como o pleno desenvolvimento de suas potencialidades”. Estes direitos explicitados pelo autor são garantias da não ingerência do Estado na esfera individual, que por si só permite uma proteção que deve ser reconhecida positivamente pelos ordenamentos jurídicos nacionais e internacionais. O trabalho voluntário, de certa forma tenta assegurar também tais direitos desenvolvidos por inúmeros cidadãos do mundo inteiro.

Melucci (2002, p.117) traz questões importantes para pensar a ação voluntária como categoria sociológica, define-a como “aquela que implica a adesão livre a uma forma de solidariedade coletiva e ao pertencimento a uma rede de relações da qual se participa por escolha”. Um outro aspecto revelado pelo autor quanto às características da ação voluntária diz respeito à gratuidade dos serviços ofertados que não estão baseados apenas no fato de que os benefícios econômicos constituam a base da relação entre os que dela participam, nem tampouco aos destinatários da própria ação. Argumenta, que como em qualquer forma de intercâmbio social na ação voluntária, estaria presente uma forma de ação coletiva que indica outros benefícios tais como: vantagens simbólicas, prestígio social, auto-estima e poder.

O “dom” é outro fundamento importante da ação voluntária referendado por Melucci e trazido por Sposito (2002, p 86), que “explicita uma dimensão simbólica que diz respeito à pergunta, muitas vezes insurgente nos tempos atuais, “por que ocupar-se com o outro?”. Reflexão extremamente importante quando a autora dimensiona para o contexto de práticas dominantes que vêm marcadas pela lógica do interesse ou do utilitarismo, que por sua vez, pode vir a direcionar para um campo de conflitos ao redor de valores antagônicos.

Sposito ainda assinala outros elementos que indicam o interesse juvenil pela ação voluntária. Neste aspecto, menciona duas orientações específicas que estariam visíveis nestas iniciativas. Uma delas é a possibilidade de ultrapassar os protestos, denúncias ou meramente o teor crítico, priorizando o agir. Segundo ela, essa disposição percorre um caminho que se

volta para uma modalidade concreta de descoberta do outro, estando incluída aí a inevitável noção de responsabilidade e solidariedade que a acompanha. Uma segunda orientação estaria baseada “na dimensão simbólica relevante na temporalidade que envolve a ação voluntária, pois ela resgata o presente como momento fundamental capaz de articular projetos e utopias de novas relações” (SPOSITO, 2000, p. 87).

Estes argumentos estariam pautados numa nova experiência de tempo, que, na concepção da autora, passam pelas relações entre passado e futuro que denotam profundas modificações, levando a desmanchar certezas e projetos ao fragmentar ainda mais os indivíduos. Neste sentido, se isso acontece com relação à experiência do tempo, uma segunda pergunta fecunda é feita por Sposito (idem): “não seria possível recuperar a dimensão dessa temporalidade o sentido do projeto?” A resposta vem bem formulada e estruturada na ação voluntária protagonizada pela juventude, pois balizaria uma espécie de antecipação da utopia, em anúncios atuais, de forma profética, apontando uma outra possibilidade de vida em conjunto, mesmo que estas iniciativas se apresentem de maneira fluída, fragmentada, instável e difusa.

Isto significa, de acordo com ela, que estas motivações juvenis que surgem nas sociedades complexas evidenciam um teor antagonista por suas próprias características, portanto, estariam desafiando o poder no sentido de inverter a lógica dominante instrumental, produzindo alternativas de sentido.

8.2.1 Alessandra : ser-no-mundo cuidado, compaixão e solidariedade, sociabilidade com as crianças

Alessandra é uma jovem de 24 anos, mora no bairro Córrego Grande, próximo à Universidade Federal de Santa Catarina, estudante no curso de Administração numa faculdade particular no centro da cidade. Como já foi visto faz estágio numa empresa de informática e se considera desempregada, uma vez que recebe poucos rendimentos, significou o trabalho como sobrevivência, independência e auto-realização. Além disso, atua como voluntária no Hospital Infantil Joana de Gusmão no centro de Florianópolis, uma vez por semana, todas às quintas-feiras, constituindo uma atividade permanente já há dois anos, com crianças portadoras do vírus HIV, com vários tipos de câncer e crianças da área dos queimados.

A atuação de Alessandra e de mais duas amigas direcionam suas ações sociais ou voluntárias para atividades autônomas e lúdicas. Introduz-se aqui a sociabilidade de Simmel

(1983, p. 172), uma forma de sociação, cujo fim é a própria relação, seu princípio é que “cada indivíduo deveria oferecer o máximo de valores sociais (de alegria, de realce, de vivacidade, etc) compatível com o máximo de valores que o próprio indivíduo recebe”, sem um caráter instrumental, porém, na pesquisa, o resultado final tem uma conotação de seriedade pela responsabilidade que esse trabalho traz.

Numa visita com Alessandra constatou-se que as jovens se vestem de palhaços, distribuem balão com pequenas esculturas (cachorrinhos, maçã, etc), balas, pirulitos e brincam com as crianças. Quanto à importância de sua participação como voluntária, Alessandra dá seu depoimento, mostrando que mantém uma relação afetiva:

Como eu não tenho esse dom para tirar todo o mal da doença destas crianças, pelo menos vou lá dar alegria. Para as crianças a alegria, a atenção, o carinho é fundamental. Eu saio de lá chorando de emoção por ter feito aquilo, choro pela situação de cada criança. Quando uma morre, tu estás acostumada, imagina, tu convive seis meses ou mais, brinca com ela toda semana, tu sente como fosse de tua família. É sofrido, mas é gratificante ao mesmo tempo, o sorriso de uma criança para mim é algo que agracia tua alma. É doar o pouco que tu tem para quem não tem, acho que o mundo seria melhor se todos doassem um pouco que seja (Alessandra, 24 anos)

O sentimento, a capacidade de emocionar-se, de afetar e de sentir-se afetado, intuir preocupações, ter compaixão, chorar e alegrar-se com o outro é construir laços afetivos. Estes laços, segundo Boff (2001, p.12), em seu livro “Princípio de Compaixão e Cuidado”, fazem com que as pessoas e as situações sejam portadoras de valor. Alessandra sente-se responsável pelos laços que nasceram nesta relação. Esta atuação da jovem revela que não habitamos o mundo somente do trabalho, mas fundamentalmente através do cuidado e da amorosidade, que, conforme o autor, é aqui que aparece o humano do ser humano. Sob essa perspectiva, a razão nem sempre explica tudo, “mas remete a algo mais fundamental e originário que é o sentir, sentir-se afetado e afetar, viver e com-viver em cooperação”. A jovem conta uma situação relacionada a sua ação que a deixou muito emocionada:

Eu conheci uma menina que tinha leucemia e estava com a boca cheia de feridas (o câncer dá feridas), ela não sorria, não brincava, não falava com ninguém, se alguém chegasse perto, ela empurrava com a mão. Quando eu a conheci, tinha quatro anos, agora tem cinco, conseguiu fazer o transplante e, no dia em que nós três soubemos disso, nós choramos muito porque foi uma grande vitória (eu sou doadora de medula óssea por causa disso) . A mãe da menina tinha comentado comigo que ela não sorria, não brincava, então cheguei perto e não falei nada, não fiz nada, só comecei a encher o balão e fazer um cachorrinho e coloquei encima da cama dela, o

cachorrinho caiu e ela disse: “oh, tia, o cachorrinho caiu”. Nessa hora eu senti um negócio e a mãe da menina começou a chorar. Depois disso eu brinquei bastante com ela, e nas outras vezes, eu, a gente chegava lá, ela já sabia o dia, ficava na porta esperando e vinha correndo para nos abraçar. (Alessandra, 24 anos).

Ser- no- mundo pressupõe algo mais abrangente, para além de uma determinação geográfica, estar na natureza junto com árvores, animais e outros seres humanos , mas de acordo com Boff (2001, p 14), este “estar” não deixa de estar incluído, mas “significa uma forma de ex-istir que é sempre co-existir, uma forma de estar presente e de se relacionar com todas as realidades circundantes”. A existência do jogo de “inter-retro-relações” pressupõe que o ser humano constrói sua própria identidade junto com outros que compartilham do mesmo ser-no-mundo. O autor, se referindo a uma determinação básica, entre outras, do ser-no-mundo-com-outros, é o cuidado. Segundo Heidegger (2001 apud Boff 2001, p idem), o cuidado estabelece dois sentidos fundamentais que estão intimamente interligados: como atitude de solicitude e inquietação por ele. “O cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa”. (BOFF, 1999, p 34). Assim, o cuidado é uma dimensão ontológica, um fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana como humana. Alessandra não considera esse trabalho perda de tempo, pelo contrário, sua fala inclui satisfação e cuidado com o outro:

Eu já vi gente dizendo: “Por que tu vai lá perder o teu tempo?”, mas eu não estou perdendo tempo. Tudo que você faz em benefício dos outros tu estás adquirindo uma coisa que não tem nada que pague. Muita gente fala “perder tempo fazendo coisas para os outros”, mas eu não estou fazendo só pelos outros, estou fazendo por mim, porque eu me sinto satisfeita com isso. Eu acho maravilhoso, porque se a gente começar agora, as gerações futuras vão fazer igual talvez. Os jovens que participam é porque pensam como eu, aqueles que não participam é por puro egoísmo (não fazem para mim, por que vou fazer pelos outros) (Alessandra, 24 anos).

Esse trabalho desenvolvido pela jovem requer muita estrutura emocional, muitas são as vezes que diz ficar chateada, por isso não vai todos os dias ao hospital, pois são três andares com as crianças e sempre há óbitos:

A ala que mais me deixa chateada é a dos “queimados”. Na maioria dos casos é descuido dos pais. Quando a doença é adquirida, já é ruim, mas quando é descuido dos pais [...] eu sempre fui tão cuidadosa, não deixo minha filha ficar perto do fogão, não pega álcool, nada diferente, etc, Eu conheci uma criança que perdeu as cordas vocais porque ingeriu soda cáustica, é horrível. (Alessandra, 24 anos)

Alessandra se refere a sua participação como voluntária neste trabalho como um ato de cidadania:

Primeiro o sorriso das crianças e vê-las felizes é o que mais me comove. Depois eu tenho uma filha, então o que vejo lá faz com que redobre meus cuidados, minhas orientações sobre o perigo. Lá eu aprendo muitas coisas, tudo passa a ser uma escola. Não deixo de estar agindo politicamente, exercendo cidadania. Essa participação entra solidariedade, companheirismo, o amor que passamos para estas crianças vem para nós, é uma troca constante. Se eu tiver que parar de fazer isso, a minha vida vai perder sentido. (Alessandra, 24 anos)

A jovem encontra sentido no desenvolvimento de sua ação também quando consegue associar, aproximar, aliar, ampliar outros aprendizados, por exemplo, o que adquiriu no curso de Educação Profissional culminando em interfaces de sua relação com o saber, exemplifica como isso acontece:

Eu comecei o curso e um mês depois comecei a fazer este trabalho no Hospital. No início, tínhamos uma salinha para ensinarmos as mães a fazer crochê, bordar ponto cruz, para elas bordarem o nome das crianças nas toalhinhas. Bem, você sabe que têm muitas crianças pobres nos hospitais. Às vezes, elas não possuem brinquedos. Então, as noções que tive com a costura no curso de qualificação no SENAI levo para o trabalho voluntário. Muitas vezes rasga a roupa da criança e costuro, no momento também tenho feito uma limpa nos brinquedos da minha filha e amigas, conserto as bonecas quebradas, faço roupinhas, reformo para levar para as crianças do hospital, entregamos a boneca nova. Isto dá sentido para a minha vida, para suas mães e para elas. (Alessandra, 24 anos)

Seria muito importante que esse tipo de retorno fosse observado pelos gestores dos cursos e das políticas públicas sobre juventude, que ficassem sabendo dos trabalhos a partir dos cursos. Estes cursos com a juventude deveriam favorecer os encontros, a formação com grupos, ações sociais: trazer grupos musicais, o hip hop, cultura, as pastorais, a diversidade de atuação dos jovens, potencializar a tendência a grupos de jovens.

Talvez essa sensibilidade aguçada de Alessandra seja ampliada por ser mãe. Alessandra também significa sua vida em prol de sua filha dizendo que é seu sol, o motivo que faz levantar todos os dias e deitar. A jovem dedica também seu tempo para a sua família, que é seu alicerce, o lazer é com a família, costuma passear muito com seu marido e filha em parques aquáticos ou shopping, mais importante que sair à noite é estar com sua família, é sua alegria, e o que motiva sua ajuda a outras famílias, representadas pela doença das crianças.

Alessandra significa o mundo dizendo que hoje está tudo muito complicado, nada é seguro, tudo é instável, as futuras gerações estão sem perspectivas, existe muita pobreza, guerra, marginalidade, muita droga. Comenta que muitas vezes fica pensando qual será o futuro de sua filha no meio de tantas angústias existenciais, mas acredita que se cada pessoa começar a transformar seu cotidiano, talvez muitas mudanças possam vir a alegrar o mundo, mas para a jovem a responsabilidade se inicia com cada um, por isso mesmo que já se considera iniciando por meio de suas ações sociais. Seu sonho é se formar e encaminhar sua filha, olhar para ela e ficar satisfeita que teve a oportunidade de educá-la, que pode lhe dar um futuro diferente, acredita nesta possibilidade, com esforço e dedicação acha que tudo é possível, tem esperança nos jovens como força para além dos limites. Os jovens têm necessidades de identificação, do entendimento da vida, energia latente do que vai ser na vida.

8.2.2 Aurino: ações sociais em favor de seus pares e de sua comunidade

Aurino, jovem de 23 anos, mora no bairro Saco Grande, estava cursando o ensino médio. No momento em que se realizou a entrevista, se encontrava desempregado, experimenta situações circulantes, oscilantes, no que se refere ao trabalho, normalmente consegue trabalho temporário em épocas de veraneio, marcas da sazonalidade na microrregião de Florianópolis. O jovem significou o trabalho como sobrevivência e independência para garantir sua liberdade financeira tão sonhada para ajudar a família e poder montar futuramente seu negócio próprio, não há empregos, os sonhos dos jovens estão diante deste contexto concreto, que é a tendência também de empreendedorismo. Aurino costuma se divertir com sua família e com seus amigos, os jogos de vôlei são momentos de descontração com suas sobrinhas, diz que, quando se diverte, a responsabilidade é um fator de limites para ele.

Eu me controlo, porque sou daquele tipo que, se beber três cervejas, já não respondo mais por mim. Então já falo para meus amigos me cortarem já no segundo copo.(Aurino, 23 anos)

O jovem menciona o fato de que um tempo atrás participava de um grupo de jovens da igreja católica. Faz quatro meses que desenvolve ações voluntárias na Associação Comunitária do Loteamento João Gonzaga da Costa, uma associação de moradores do bairro Saco Grande onde mora, constituindo para ele uma forma associativa fluída, não tão constante, mas de extrema importância social. Em seu depoimento, revela a interação entre grupos, jovens e a comunidade:

Para mim é muito importante porque eu já conheço um monte de gente daqui. Então é uma maneira de preservar as amizades, nos eventos que realizamos, a relevância social também aparece nos trabalhos que realizamos com os jovens, na orientação, mesmo que os resultados não sejam imediatos. Estamos sempre realizando um evento, também gosto muito de dar palestras. A formação de grupos é também uma pausa para conversas, resgate das amizades, participação de cidadãos que lutam por seus direitos. O grupo é uma dinâmica para discutir sobre algo de interesse comum dos jovens em suas comunidades, para debater sobre vários assuntos. Quando nós começamos, éramos 10 pessoas, hoje já são 55. Os jovens, como eu, estão gostando do que estamos passando. São coisas que vão interessar para eles para o resto da vida. (Aurino, 23 anos)

É importante notar que esse trabalho de prevenção das drogas ou de assessoria passa ao largo da escola. Jovens orientando jovens, agindo com jovens, portadores de práticas sociais e, por que não, de utopias. A sensibilidade juvenil para a prática da ação voluntária passa por motivações que vão além de iniciativas ou interesses dos jovens das classes médias. Esta pesquisa mostra que os jovens das classes populares que se encontram no próprio limiar da exclusão (Sposito, 2000) surpreendem com suas ações. Conforme Melucci (2001), na vivência concreta do agir altruístico, a paixão está presente configurando a gratuidade do dom, em contraposição à racionalidade do cálculo, da eficiência, da técnica como relação meios-fins. Estas ponderações fazem pensar naquilo que Sposito (2000, p 87) salienta sobre o mundo do trabalho onde o desemprego atinge de forma intensa os jovens na sociedade atual, como é o caso de Aurino, sem desconsiderar “a importância do trabalho na constituição da sociabilidade humana “[...] no entanto, por outros caminhos, a questão do trabalho poderá vir a ser propiciadora de novas práticas e, talvez, de um campo novo de conflito social”. Novas formas de sociabilidade em relação ao trabalho, no caso aqui uma nova modalidade de trabalho não remunerado que esboça na ação voluntária um sentimento de altruísmo, de simbolismo, sem deixar de congrega um sentido de liderança ou poder, como argumenta Melucci (2002). Portanto, aqui responsabilidade, pertencimento e solidariedade acompanham este agir nas ações que são desenvolvidas:

Nós nos reunimos na Associação dos Moradores. Eu me sinto líder destes grupos, alguém tem que tomar a dianteira, mas gosto disso, estou ajudando os outros como eu, estamos lutando por nossos direitos. A gente dá palestras sobre preconceitos da minoria (negros, aidéticos, homossexuais) que muitas vezes não podem se defender, em relação à AIDS, a drogas, mas não ficamos só nisso, agimos na comunidade em relação aos recursos e equipamentos, por exemplo, em relação ao calçamento. Temos um agente que está sempre vigiando os problemas e participamos dos problemas

públicos do bairro. Agora mesmo tinha caído todo o calçamento de uma rua, então um cara do grupo avisou e nós passamos um e-mail para a prefeitura, que depois de um tempo veio calçar. Participamos dos jogos de vôlei, futebol, xadrez, dama, tem o clube de mães também para as mulheres, etc.(Aurino, 23 anos)

Ao ser perguntado por que os jovens participam ou não de ações voluntárias ou grupos, Aurino se reporta à “ocupação do tempo” no sentido de o jovem se distanciar de “patotas”, expressão usada para se referenciar a tribos que os levam para as drogas, ou porque não querem ficar só em casa, então estes jovens entram em grupos de jovens, movimentos etc. Outros, segundo ele, não participam porque existe preconceito “eu não vou gastar meu tempo indo lá escutar um monte de besteiras, prefiro fazer outras coisas como fumar meu baseado, e acabou”. Já para Aurino, a relação que mantém com o grupo lhe traz 70% de amizade e confiança, suas atividades, que são duas vezes por semana, lhe oportunizam ajudar no bairro, que, de acordo com ele, antigamente era um lugar muito bom para morar e que hoje está acontecendo muita morte, muita violência, mas o grupo tem ajudado a tirar muitos jovens da rua e das drogas. Os aprendizados que este trabalho lhe traz são revelados em seu depoimento:

É muito conhecimento. Um deles para minha vida é que tudo que a gente puder fazer de bom para os outros, por exemplo, para a minha vizinhança, tipo “não colocar o lixo, que hoje não é dia”, eles vão estar ouvindo. Isso tudo ajuda nos relacionamentos. Como eu dou palestras, também ouço as palestras dos outros e aprendo. Eu presto atenção nisso. (Aurino, 23 anos)

Aurino revela que o curso de Educação Profissional na CUT o ajudou nas suas ações sociais atuais, na Associação de Moradores, pois em sua interface contribuiu para que tivesse mais aprendizado e conhecimento com trabalho em grupos que desenvolve. Neste sentido, foi através da observação e prática da apresentação dos trabalhos no curso que iniciou as palestras e teve idéias para esse projeto que, conforme ele, deu certo. Para além dessas ações, o jovem se expressa em relação às peças que a vida lhe prega:

Eu acho que a vida às vezes dá muitos tapas na cara da gente, são grandes tombos que a gente pensa até que não vai levantar mais, mas de repente ela própria te levanta, depois dá outro tapa só para ver se tu consegue te levantar novamente. Eu acho que é isso, ela dá tapas, mas também te consola. Ela joga nos dois times. (Aurino, 23 anos)

Neste entrecruzamento, o jovem se refere às transformações que gostaria de empreender em sua vida, especialmente no que tange à sua situação em estar desempregado, que lhe consome muita energia ruim, ao mesmo tempo, crítica os preconceitos que existem nas pessoas sob diferentes ângulos, as guerras, a fome. Neste sentido, comenta que o mundo atual está sem referências para os jovens, trazendo um vazio existencial, que os homens estão se transformando em simples trabalhadores sem lazer, deixando de lutarem por seus direitos. Todavia, suas reflexões, segundo ele, não o impedem de lutar pelos outros para que encontrem um sentido na vida, um ser alguém na vida. Aurino se identifica como um jovem expansivo, por isso desejaria conhecer muitos lugares que ainda não conhece.

8.2.3 Meirelle: solidariedade, altruísmo e cuidado em ações voluntárias espirituais.

Meirelle, jovem de 24 anos, trabalha como professora substituta de educação infantil em escolas do município de Florianópolis. Busca em seu projeto profissional ser efetivada e terminar sua pós-graduação. Significou o trabalho como independência e auto-realização em termos de valorização para além do espaço doméstico, conhecer outras realidades e vidas, acha importante gostar do que se faz, neste sentido, já se sente satisfeita. Quando era mais nova, conta que participava de um grupo de jovens da Igreja Católica, no entanto, atualmente, participa duas vezes por semana como voluntária num grupo espírita de assistência e promoção social chamado Centro Espírita, Amor e Humildade do Apóstolo, no centro da cidade. Descreve seu cotidiano a partir da ligação que estabelece com a família, o trabalho, o curso de pós-graduação e o trabalho voluntário. Sua diversão costuma ser passear com o marido, jantar fora, quando possível, sendo os espaços que mais se realiza o trabalho, a família e a ação voluntária, procura, neste aspecto, o seu bem-estar e dos outros.

Sobre o significado de sua participação neste trabalho voluntário há três anos, Meirelle se reporta:

Ajudar o outro que precisa é algo que me gratifica. É preciso ter disposição, fazer alguns sacrifícios, porque você não está ganhando dinheiro para isso, mas ganha em satisfação na relação com o outro. Tu estás ajudando o outro, te doando e, conseqüentemente, isso reverte para nós. Por exemplo, arrecadamos alimentos e roupas para doar para pessoas cadastradas, pessoas que são visitadas pelo coordenador para verificar se realmente têm necessidades. Eles recebem uma cesta básica todo o mês que é arrecadada pelo Centro ou também por empresários. Estar ajudando o próximo é amor. À vezes eu pensava que, como eu trabalho e passo minhas dificuldades, achava que eles poderiam estar trabalhando também, mas esse trabalho me mostrou que é bem diferente, às vezes eles não têm nem condições físicas,

não têm instrução e outras coisas para estar trabalhando. (Meirelle, 24 anos)

Meirelle é uma destas jovens que descruza os braços ao se dar conta de que pode ser também agente de transformação social. Pela própria generosidade, desprendimento, disponibilidade, é capaz de se relacionar com um amigo, não como professora, no sentido formal, mas, como ela mesma diz, como interlocutora de outros valores. Pensando que até uma pessoa que não tem instrução dispõe de amor, atenção, referência, limites e valores, na maioria das vezes não é preciso ser treinado ou capacitado para auxiliar alguém nas dificuldades. A jovem comenta: “cuidando de quem eu posso, dentro de minhas potencialidades e possibilidades, eu cuido de mim mesma e do mundo”. Os cidadãos engajam-se em atividades voluntárias não apenas para exercitar a caridade, mas para exercer sua cidadania. A identidade do voluntário, conforme artigo publicado no site www.limeira.org.br, acaba ganhando qualidade ética quando a opção é livre no interior de uma tripla aspiração: a sua auto-estima, a solidariedade com o próximo e o compromisso com uma sociedade mais justa.

Sobre as atividades desenvolvidas pelo Centro, Meirelle indica principalmente o atendimento e assistência em geral (alimentação, roupa, etc) e os estudos teóricos para as famílias, além de outras atividades:

Têm grupos de mães que vão lá e com um grupo de voluntárias ajudam a montar enxoval de bebê, tem o grupo de jovens, grupo infanto-juvenil que aos sábados, enquanto os pais assistem às palestras, as crianças ficam lá embaixo com um grupo de recreadores que fazem atividades, desenhos, teatrinho, tudo relacionado à questão do espiritismo. Minha atividade geralmente é organizar e catalogar os alimentos, organizar as roupas (lá separo tudo, roupa de criança, roupa de adulto, roupa de inverno, roupa de verão), quando o coordenador precisa de alguma coisa lá embaixo, organizo tudo. (Meirelle, 24 anos)

A jovem, nas entrevistas, sempre mencionava o quanto era importante a participação de jovens em ações voluntárias ou movimentos sociais. Acha que as pessoas mais velhas participam mais. Também, como Aurino, sugere que a não participação ou a falta de interesse dos jovens passa pela visão de que vão estar “perdendo tempo” ajudando os outros. Meirelle compreende que às vezes estudar e trabalhar atrapalha, não sobrando muito tempo, mas também significa comentando:

Eu acho que o jovem está muito distante, sem muita expectativa na vida, falta visão do que seja estar unido, às vezes você não precisa estar num grupo específico trabalhando, basta contribuir com alguma coisa, seja um alimento, com uma roupa, já vai estar ajudando. O jovem está mais preocupado com benefícios financeiros do que com o benefício espiritual, são os valores da sociedade extremamente individualista, muitos jovens só se interessam por seu próprio benefício, não enxergam que se estiverem ajudando o outro, estarão ajudando a si mesmos. (Meirelle, 24 anos)

As palavras da jovem fazem-na refletir sobre o que seja grupo e de sua participação:

É a mesma coisa que um grupo na escola, nos reunimos, discutimos, colocamos nossas vontades, desejos em busca de algo, objetivos comuns para caminhar, seja ele um grupo escolar, espírita, católico, uma ONG, e assim por diante. É uma atividade que deve ser permanente para dar continuidade ao que se propõem, às vezes tenho que ficar até tarde fazendo grupo de estudo ou reunião com os pais, mas não vou deixar de olhar para os excluídos. Têm pessoas que têm vergonha de estar ali dando e têm outras que te agradecem, que conversam contigo, explicam sua situação, então tu interage na vida deles, mesmo que seja por pouco tempo. (Meirelle, 24 anos)

Pode-se destacar o fato de que muitas pessoas que se envolvem em ações voluntárias nem sempre são especialistas ou pessoas desocupadas. Estes se constituem em cidadãos, de idades e profissões variadas e experiências de vida diversas. Muitas vezes o sentimento é de indignação com as mazelas de um mundo perverso, levando-os a não quererem se sentir impotentes no esforço de ajudar a melhorar a vida dos mais necessitados.

Além dos componentes já abordados por Melucci (2002) sobre a ação voluntária, também se apresentam benefícios indiretos como competências profissionais, responsabilidade, objetivos comuns, forma de organização quando não coincide com uma estrutura associativa institucionalizada, mas também como a fruição do produto por parte dos destinatários que a qualifica como uma forma de altruísmo na ajuda em direção ao outro, dos que sofrem ou são privados de alguns recursos. É uma outra forma de trabalho, não assalariado, sem carteira assinada, mas trabalho com responsabilidade, com produto final, talvez o desemprego, neste caso, com a interferência dos grupos pastorais, influencie a conformação de lógicas de solidariedade, de ajuda, do ver-se no outro estimamente, quem sabe, após esse processo, ocorressem esforços de micro-crédito, investimento do Estado a protagonismos juvenis com o apoio dos grupos, das escolas.

A ligação que Meirelle faz com o curso de Educação Profissional e o trabalho voluntário é o próprio relacionamento com as pessoas, abordagem, que segundo ela, foi muito discutida no curso de capacitação pedagógica. A jovem descreve mais especificamente sobre

os aprendizados que traz para o seu cotidiano ou para as suas vivências diárias no agir voluntário:

Geralmente tudo o que eu quero ter de imediato eu posso ter, mas nem todo mundo tem as mesmas condições. Muita gente sofre, muitos não têm o que comer, tu escuta tantas histórias tristes, daí penso que reclamo muito da minha vida, do que acontece comigo. Então hoje agradeço mais do que reclamo, não é me acomodar, mas aprendo que nem para todo mundo as coisas são fáceis, pelo contrário. Aprendo muitas coisas, é uma lição de vida. Eu aprendi que para chegar onde estou meu caminho foi muito mais fácil do que para aquelas pessoas. Eu tive uma base, uma família que me deu oportunidades de estar estudando e aquelas famílias não. Os filhos mais velhos têm que cuidar dos menores enquanto a mãe vai tentar conseguir alguma coisa para eles comerem. Por isso, além de estar agindo no grupo, me proporciona aprendizado, mais com as pessoas que vão lá do que com o próprio grupo em si. (Meirelle, 24 anos)

Pensando numa analogia da ação voluntária como uma orquestra, o fundamental é o soar bem e não o fato da flauta ou do clarinete ser de madeira ou de metal ou a quem ela pertence, neste sentido, a orquestra também exige coordenação, coerência e concentração de forças. Assim, o voluntário é sempre um “co-equipar”. A ação voluntária requer reciprocidade, não apenas a assistência do outro, há crescimento no reconhecer e ser reconhecido, embora suas contribuições sejam diferentes. A estima, neste aspecto do outro, não exige apenas a acolhida, mas espera também uma resposta análoga. Por isso, o voluntário deverá ter desprendimento e simpatia, uma vez que para o exercício de suas atividades, firmará um contrato de cidadania e responsabilidade na defesa dos direitos fundamentais do ser humano.

Conforme nos chama a atenção, Arruda (2000, p 204), em seu artigo “Um novo humanismo para uma nova economia”, a realidade carrega no interior de si uma outra realidade, que o autor chama de potencial. Nesta perspectiva, se refere que é tudo que “ela está nutrindo, alimentando, potencializando e que pode se transformar em realidades, dadas as condições adequadas”. Isto significa que em grande parte somos nós que damos estas condições. O autor direciona para a seguinte reflexão:

Então, eu redefino a realidade como um universo que é, ao mesmo tempo, uno e múltiplo, que é o universo e multiverso ao mesmo tempo, onde a gente tem esse desafio maravilhoso de procurar criar equilíbrios entre o uno e o múltiplo. Somos, cada um, uma totalidade e, ao mesmo tempo, parcialidades de totalidades maiores, que são as coletividades, que é o oikos, a grande casa (ARRUDA, 2000, p. idem).

Os jovens têm um universo constituído que é uno e múltiplo, constroem suas identidades na permanência e na multiplicidade, mas faltam políticas na área de emprego, trabalho e renda para as potências de ação dos jovens, bem como a escola, ausente de todo esse processo de sociabilidade, de cuidado, de ações sociais que os grupos proporcionam.

8.3 ROSANA E ISRAEL: O ESPORTE COMO LAZER, SOCIABILIDADE E FORMA FLUÍDA DE VIVER

Rosana e Israel se agrupam em torno de atividades desportivas ou do esporte, moram no bairro de Ponta das Canas, que se localiza ao Norte da Ilha de Santa Catarina, cerca de 33 Km do centro de Florianópolis, sendo uma praia muito conhecida nacional e internacionalmente. Israel faz parte de um time de futebol e da “galera do surfe”, por sua vez, Rosana também participa de um time de futebol e de um grupo de vôlei. O esporte se constitui em uma modalidade, entre tantas outras, que abre caminhos para pensar valores, normas e comportamentos como indicadores de relações humanas, assim como de ações que acabam por legitimar formas de interação ou de competição. Por isso mesmo, em alguns casos, propicia coesão grupal, padrão de lazer¹⁵¹ e estilo de vida, critérios flexíveis e ampliáveis de admissão em grupos no sentido de construção de identidades individuais e coletivas.

Num outro sentido, o esporte também é indicativo de modelos de sociabilidade e de conduta. No âmbito da sociabilidade e dos comportamentos de agrupamentos humanos, o esporte, sem dúvida, tem um papel relevante como objeto de estudo, não só pelo aspecto grupal de certas práticas desportivas, mas pelos símbolos e comportamentos sociais que implicam.

Pode-se destacar também que o esporte é um fenômeno social de grande relevância nos tempos modernos. O universo esportivo alicerçado por diversas bases, sejam elas econômicas, sócio-antropológicas ou psicológicas, reúne uma diversidade de elementos que configura diferentes papéis, em diferentes locais e em diferentes populações. Portanto, indica processos educativos, os quais os jovens aprendem a conviver com vitórias e derrotas, especialmente quando o desejo é a profissionalização. Denota também esforço pessoal, prazer, saúde, confiança em si mesmos entre outras questões.

¹⁵¹ Lazer aqui entendido a partir da abordagem de Carrano (2003, p 138), “como um campo potencial de liberdade que pode se constituir numa chave para o necessário equilíbrio entre a autoconsciência e a alteridade [...] os fenômenos relacionados com as atividades de lazer estão no centro dos processos de formação das subjetividades e dos valores sociais nas sociedades contemporâneas”. Segundo o autor, para os jovens as atividades de lazer formalizam um espaço de construção da identidade pessoal e coletiva.

8.3.1 Rosana: o futebol e o vôlei como uma forma de conviver, reconhecer e ser reconhecida

Rosana é uma jovem de 25 anos, possui ensino fundamental incompleto, sua situação de trabalho como faxineira e camareira se constitui numa atividade informal, garantida apenas em épocas de veraneio. Atualmente desempregada, tem sonhos de um dia se tornar uma bancária. Significou o trabalho como sobrevivência, dignidade e respeito como formadores de identidade, como já indicado anteriormente. Participa de um time de futebol composto por 12 jovens entre 16 a 27 anos, que se chama “Seteira Futebol Clube”, e um time de vôlei¹⁵² que, conforme a jovem, não tem nome. Em relação ao nome do time de futebol, comenta que foi um apelido apropriado como referência ao próprio local que aponta uma separação entre os nativos e os turistas de acordo com seu depoimento:

É meio assim: existe uma separação na localidade, as pessoas que são mais pobres, mais humildes, na realidade o pessoal nativo, pescadores, os que se criaram aqui, moram neste trecho que apelidaram de Seteira. E geralmente os turistas não se misturam, por isso tem esse nome o time de futebol, e o vôlei é o grupo de vôlei. (Rosana, 25 anos).

Rosana comenta sobre a existência destes dois grupos desportivos e a importância que adquirem em sua vida:

Faz um ano que participo deste grupo de futebol e vôlei, nos reunimos num campo que existe aqui em Ponta das Canas, na Associação Atlética do bairro, algumas que moram um pouco mais longe pegam o ônibus e vêm para cá, outras vêm e vão de bicicleta, eu moro perto vou a pé. É um momento que falamos das relações afetivas, namoros, aprendo muito no grupo. A importância deste grupo para mim que, como sou muito tímida, me ajuda a conviver melhor com as pessoas, também gosto demais de jogar bola, as mesmas jogadoras de vôlei são também do futebol, mas muda às vezes, nem sempre são as mesmas. A gente se diverte, se distrai, relaxa, faz o que gosta. (Rosana, 25 anos)

As jovens do time de futebol e vôlei experimentam esses pertencimentos marcados pela descontinuidade e fluidez, que não deixa de se apresentar como uma forma coletiva de agir, mas de maneira aberta, usufruindo do prazer de realizar o que gostam, como também, podem viver a possibilidade de vitória quando seu time vence. Pode-se notar, pelo depoimento da jovem, que existe transitoriedade pela própria variação de seus integrantes, como a abertura pelos lugares, pelas ocasiões negociadas em termos de dias, treinos e jogos

¹⁵² Nos dois grupos há uma rotatividade entre as integrantes, nem sempre são as mesmas jovens que fazem parte.

oficiais quando há os campeonatos. Neste sentido, não há um compromisso estanque com o grupo do qual pertencem, mesmo Rosana já participando há um ano.

Também é momentâneo, não jogamos sempre, jogamos mais nos finais de semana, os treinos acontecem duas vezes por semana, por exemplo, para jogar no sábado. Quando tem torneio, os treinos são mais puxados. O vôlei também tem os torneios. A treinadora é aqui da comunidade, mas ela está querendo desistir, mas ela não quis entrar em detalhes com a gente, mas quando é possível, acontece.. Eu gosto de futebol, te ver na televisão, de jogar. Tem gente que acha que futebol é mais para homem do que para mulher, ainda tem muito preconceito. Minha posição é lateral, camisa 6, escolhi porque gosto deste número, acho que me dá sorte.(Rosana, 25 anos)

Os moradores de Ponta das Canas praticam diversas modalidades esportivas como vôlei, futebol, surfe, etc, verifiquei quando estive num sábado, no dia 18/02/2003, para assistir a uma partida de futebol das jovens, entretanto, nota-se que o futebol tem mais adeptos, pois inclusive os rapazes que praticam surfe também jogam futebol. Foi num olhar mais próximo que pude constatar que havia muito mais jovens homens jogando que mulheres. A importância da conquista de espaços para a mulher no mundo do futebol já ganha ares menos preconceituosos, mas, como argumenta a jovem em sua fala, ainda existe muito. Essa importância da conquista do futebol para as mulheres foi também observada na pesquisa de Carrano (2002, p. 92), que conversou com jovens jogadoras que revelaram que sonham com o dia em que o futebol se torne uma modalidade tão lucrativa como é para os homens atualmente. Tanto que as escolinhas de futebol feminino crescem em todos os lugares. Na realidade, conforme o autor, se constitui num mito de ascensão social que no plano simbólico aponta para o encontro de uma certa igualdade. Contudo, Rosana revela que até teria vontade de se profissionalizar, mas acha que é um sonho distante:

Desejo tenho, mas imagina, não consigo nem trabalho, estou desempregada. Os recursos são escassos, não temos patrocínio, alguns da comunidade ajudavam com as camisas, chuteiras, mas normalmente a gente mesmo que tem que comprar para participar dos torneios. Acho muito difícil, mas, mesmo assim, sinto prazer competindo, assim como amadora. (Rosana, 25 anos)

Os jogos ocorrem na praia, tanto os de futebol como os de vôlei, geralmente nos sábados. Quando há os campeonatos, existe um alto índice de competitividade entre os envolvidos, todavia, não se restringe ao “bate bola”, durante as partidas, há os momentos de encontro social, reunião lúdica, brincadeiras, gargalhadas quando se constituem em

verdadeiras “peladas”, simulam lutas que lembram até certas danças. Confrontam-se e solidarizam-se nas areias da praia de Ponta das Canas, onde é montado um campo específico para as atividades. Não é só a técnica que está em jogo, é preciso ter um preparo físico, e pelo que vi, as jovens tinham corpos bem treinados e condicionados. Depois do jogo, os diálogos se estabelecem, sobre a resistência de algumas, a velocidade, a fraqueza de outras, etc. Na organização do jogo de vôlei, a agressividade não é tão notada, mas pode-se verificar a solidariedade entre os jogadores dos dois times que introduz o elemento principal, a amizade. Estes dois esportes são objetivados no contexto social de tal modo que, a partir deles, as jovens constroem e exercitam suas identidades, a partir do socialmente já construído. Sobre estes momentos, Rosana comenta:

Existem os torneios daqui da Ponta das Canas com a Cachoeira, Canasvieiras. Jogamos contra estes times, é conviver, participar, acho o máximo quando têm os torneios, as amizades que fizemos no grupo, é muito importante para mim. Elas me chamaram para jogar no time porque, modéstia à parte, jogo bem, não tinha intimidade, depois fui ganhando, dou muitas dicas, mas o grupo é muito solidário, uma ajuda a outra, há respeito, sinceridade, não tem transtorno, depois do jogo saímos juntas, não tem falsidade, de amizade. (Rosana, 25 anos)

Estes esportes, como é o caso aqui do futebol e do vôlei, se apresentam como modalidades fluídas que se diferenciam do trabalho, que, segundo Nakano (1995, p. 177-118), não têm uma conotação de dever, obrigação, dureza com a vida, neste sentido, se mostram como uma atividade paradoxal, pois “ não é produtiva no sentido radical de provocar uma transformação da natureza e da sociedade”. Nesta perspectiva, isto significa dizer que o esporte como a arte são esferas da vida voltadas mais para si mesmas, pois negam o significado utilitarista, entretanto, “promovem um efeito de pausa, feriado, ou descontinuidade na sofreguidão exigida pela lógica do lucro, do trabalho e do êxito a todo custo”. Porém, não se descarta seu aspecto instrumental ou prático, que leva a fazer coisas, constituir ou promover riquezas, mas, por outro lado, assinala um enorme eixo expressivo e/ou simbólico que, com seus rituais revela quem somos. Além disso, através dessas atividades que as jovens experimentam, que não deixam de ser marcadas pela descontinuidade, abertura, constitui uma forma coletiva de agir, usufruindo do prazer de realizar o que gostam, como também, podem viver a possibilidade da vitória quando seu time vence. Rosana conta feliz uma vitória de seu time, quando ela foi a responsável pelo feito.

Meu pai tem 60 anos, ele tá cheio de troféus, ganhou há três anos passados, tem medalhas também. Meu pai, até pouco tempo, ainda jogava futebol nos sítios, na Sede de Ponta das Canas, mas agora ele deixou, mas sempre chamam ele, principalmente em dias comemorativos como os dias dos pais, etc, por isso acho que tenho esse talento que vem do meu pai. Foi legal um jogo, meu pai disse: “Rosana, tu vai bater o último pênalti, nós temos que ganhar esse jogo que está muito disputado”, era a Noêmia quem estava de goleira, “ele disse de novo: enche o pé, menina”, e eu fui no cantinho e fiz beleza. (Rosana, 25 anos)

O processo de construção de identidade implica alteridade, mas também um si mesmo, ou seja, durante este processo, os indivíduos se percebem em relação com o outro, o construir a identidade passa pela auto-percepção ou auto-reconhecimento que no se envolver com o outro nas relações sociais permite ser reconhecido. Desta forma, Rosana menciona que a participação nos grupos de esporte é muito importante para todos os jovens, no sentido de se relacionar com o outro, bem como outros benefícios também são trazidos em sua reflexão:

Eu acho que se todos participassem mais de grupos de esportes, tivessem condições, não tinha tanta violência, tanta morte, os jovens sairiam mais das ruas, os esportes ajudam em todos os sentidos. Como sou muito tímida, é o que quero mudar na minha vida, me soltar mais, ser mais inteligente, acho que isso me tranca muito, tenho minha mente muito fechada, mas o grupo me ajuda a sair dessa, as amizades, o conviver com os outros, a me expor. Por exemplo, em dias de jogos, vem gente de outros lugares ver a gente jogar, não posso ficar num canto, você tem que circular, se movimentar, isso ajuda na minha timidez, a gente perde um pouco a vergonha, por isso o grupo para mim é muita experiência. (Rosana, 25 anos).

Em relação aos aprendizados que adquiriu no curso de Educação Profissional, que conforme já mencionado não ajudou muito na auto-estima da jovem, mas possibilitou, em sua interface com os grupos que pertence, se reconhecer e ser reconhecida através da matemática:

Me ajudou na divisão no futebol e no vôlei, a matemática para mudar de campo, para lá e para cá, contar os pontos. Às vezes as meninas não sabiam o lugar delas e eu ajudava nisso, minha treinadora passava mais para mim esta tarefa. Me sinto muito bem sendo valorizada, elas reconhecem que posso ajudar. (Rosana, 25 anos)

A necessidade de se tornar reflexivo, aprendendo continuamente a aprender, exige a consideração da identidade, segundo Melucci (2002), como um campo de ação social, de um conjunto de relações sociais que vão tecendo diferentes experiências de vida, requer reciprocidade, ao mesmo tempo que assegura ao grupo a sua continuidade ou permanência. Neste sentido, a identidade é vista como um exercício permanente de interação, de

reconhecimento entre nós e os outros, quando se sente a solidariedade de um grupo, sendo parte de um coletivo, isto ajuda a reforçar a identidade.

8.3.2 Israel: O futebol como adesão ao grupo e o surfe como coexistência lúdica.

Israel, um jovem de 23 anos, sua última ocupação foi de tripulante como marinheiro numa escuna em Canasvieiras, fazendo passeios para turistas no verão. Identificava-se também como pescador e surfista. Como já enfatizado anteriormente, no momento está desempregado, terminando o ensino médio, seus projetos para o futuro incluem a faculdade de Biologia Marinha ou Geografia. Significou trabalho como sobrevivência, atualmente não encontra mecanismos de se realizar no trabalho ou conseguir sua independência. Normalmente no que se refere ao lazer, costuma se divertir com seus amigos pescadores, no time de futebol que participa chamado “Pontal Esporte Clube” e nas ondas com sua “galera do surfe”. Atividades fluídas sem grandes compromissos, como comenta Israel:

:

Para o futebol, nos reunimos na praia, tem um campo do lado do mangue perto da praia, na verdade, construímos este campo. E o surfe a gente convida o grupo, mais quatro ou cinco amigos que fazem parte sempre e vamos para qualquer praia perto que tiver onda. De bicicleta ou a pé. Surfar é quase todo dia, ou de manhã cedinho ou no final da tarde quando não tenho aula. Já fomos acampar na Lagoinha do Leste, fomos para os Naufragados, a gente ficou dois dias na praia da Costeira da Armação. A gente se reúne para jogar bola, para surfar, conversar e às vezes saímos à noite. A prancha e os acessórios, compro com o dinheiro que ganho no verão. (Israel, 23 anos)

Elias & Dunning (1992, apud Carrano, 2003, 138), consideram o lazer “com elementos que caracterizam o tempo livre em que os indivíduos buscam formas que indicam excitação agradável, de expressão e realização individual”. Estes aspectos possibilitam uma fuga temporária à rotina que domina o cotidiano em atividades de trabalho e obrigações sociais. Sendo um dos elementos básicos que se colocam em jogo no lazer, as atividades de sociabilidade, realizadas no âmbito comunitário, permitem, normalmente, tensões e provocam emoções agradáveis, promovem formas descomprometidas de integração social, como no caso dos jovens do time de futebol e da “galera do surfe” que participa Israel.

Carrano (2003, p. 139- 140) afirma que “no espaço/tempo lazer estão diminuídos os contrangimentos da vida social, predominando as atividades e experiências dirigidas para objetivos pessoais”. Na perspectiva estritamente funcional, o lazer incorpora um tempo social acessório do trabalho. Como diz o autor, é comum na satisfação do lazer à

contraposição ao trabalho alienado. No caso de Israel, uma maneira, inclusive, de destencionar não do trabalho alienante, mas da própria experiência em não conseguir trabalho ou estar desempregado, bem como de seu estudo, que não deixa de ser trabalho. O jovem explica como acontece esta atividade de sociabilidade:

É uma modalidade que acontece mais nos finais de semana. Agora que estou desempregado, de vez em quando, durante o dia, vou na casa dos guris. No final de semana a gente se encontra. Durante a semana, no final da tarde (17:00 até as 18:00 horas), o pessoal se reúne na praia para jogar bola, mas eu tenho que ir para a aula, mas eu considero permanente minha participação, porque todo final de semana acontece. Participo deste grupo de futebol desde criança, com uns 10, 11 anos, e o surfe, comecei com uns 16 ou 17 anos.(Israel, 23 anos)

Uma reflexão importante que traz Carrano (2003, p. idem) é que todas as atividades de lazer podem ser consideradas de tempo livre, porém nem todas as de tempo livre podem ser como sendo de lazer. O lazer possibilita às pessoas experimentarem uma maior concentração sobre si mesmas, contudo, é muito comum também as referências aos outros nas atividades de lazer, isto significa que essa conotação pode ser mais relevante do que aparenta ser. O autor diz que os lazeres são experimentados pelos jovens como uma oportunidade de “afrouxamento ou suspensão das tensões impostas de regulamentação moral e da dominada educação civilizante”. É nos momentos de lazer que também os jovens podem encontrar a oportunidade de concentração sobre si mesmos e de interação não obrigatória com o grupo ao qual pertencem. Sobre a importância destes momentos e dos grupos que Israel participa, argumenta:

É muito bom por causa das amizades. A gente coloca o papo em dia, além de estar praticando esporte, que é bom para a saúde. Todos se dão bem. Não há divergências, apenas discussões normais. As pessoas que eu convivo desses grupos são de várias idades, têm pessoas mais velhas e pessoas mais novas. Eu acho que aprendo muito com todos eles, as experiências são diferentes. Aqui tem o grupo de jovens também, mas eu não participo porque só participa quem tem grana. É assim: na praia tem bastante mangue, daí o mar passa por cima, seca e ficam aqueles pedaços de pau para cima. O pessoal apelidou aquilo ali de “Seteira”. Eles falam que o pessoal lá dos lados da praia Brava é o pessoal que tem mais grana, e além de ter mais grana, tem seus próprios grupos. Até daria para entrar, mas não daria certo. A maioria que mora aqui perto da minha casa participa porque todo mundo se conhece. Os pescadores e os garotos que jogam bola com a gente. O grupo é também uma maneira de se expressar, de convivência, de solidariedade, tu tens mais liberdade e intimidade com as pessoas. Me dou bem com todos. (Israel, 23 anos)

No espaço do bairro Ponta das Canas, que não é diferente do Santinho que fica extremamente próximo, talvez um dos bairros mais propícios para o surfe, convivem as mais variadas diferenças configurando uma rede que conforme, Martins (1995, p. 9), relativiza no mesmo lugar: “velhos, jovens, crianças; jovens trabalhadores, jovens não trabalhadores, nativos e turistas, os de fora, os sérios, os irresponsáveis frente ao mundo adulto, o mar, a areia, os surfistas, os futebolistas, etc”. Um espaço onde nada parece ser eterno, onde água-ar-terra proporcionam uma dimensão de efemeridade para as sensações, onde as situações denotam uniformidade e exercício das diferenças, o que permite aos que moram neste lugar e aos que vêm de fora, conviverem com a diversidade. Deste modo, os encontros para conviver são constitutivos de ar livre.

Para o futebol nos reunimos na praia, tem um campo do lado do mangue perto da praia, na verdade construímos este campo. E o surfe a gente convida o grupo, mais 4 ou cinco amigos que fazem parte sempre e vamos para qualquer praia perto que tiver onda. De bicicleta ou a pé. Surfar é quase todo dia, ou de manhã cedinho ou no final da tarde quando não tenho aula. Já fomos acampar na Lagoinha do Leste, fomos para os Naufragados, a gente ficou dois dias na praia da Costeira da Armação. A gente se reúne para jogar bola, para surfar, conversar e as vezes saímos a noite. A prancha e os acessórios compro com o dinheiro que ganha no verão. (Israel, 23 anos)

Os torneios de futebol se tornam momentos de integração comunitária, os recursos são escassos, às vezes a bola é comprada por um dos integrantes dos times, roupas e acessórios são adquiridos mediante “vaquinha”, como já foi observado no time feminino do qual participa Rosana. Neste caso, o clube dispõe de alguns recursos, especialmente quando há os campeonatos, contudo, o melhor parece ser o prêmio.

Os torneios de futebol ocorrem com o pessoal da Barra da Lagoa, Rio Tavares, a gente vai lá e eles também vêm aqui. Fechamos os dias. É pago. Cada time (uns cinco ou seis) junta R\$ 100 reais e daí têm os prêmios. Tem prêmio que é um novilho, uma vaca, um porco, um cabrito, mas o futebol, para mim, é lazer, não tenho ilusões em me profissionalizar, o surfe, gostaria, mas é muito caro e difícil conseguir patrocínio. (Israel, 23 anos)

O surfe é um dos esportes que mais se desenvolveu nos últimos anos em Florianópolis. Segundo Martins (1995), no processo de sua evolução, as administrações públicas – municipal e estadual – têm se apropriado do esporte caracterizando-o como uma atividade vinculada à identidade da população que mora em Florianópolis, que começou

historicamente em conjunto com o advento do turismo na Ilha de Santa Catarina, basicamente na década de 70. Apesar das dificuldades de acesso às praias na época, os surfistas iam descobrindo com seu espírito de aventura outras praias na Ilha e em seu entorno.

Não eram bem vistos na sociedade, cabelos compridos, calças jeans, carros cheios de prancha, meninas rodeando, óculos escuros, chinelão, calção, etc, imagem que muitos associavam a estereótipos como “loucos”, “malandros”, maconheiros, vagabundos e ratos de praia. Na investigação que Martins realizou com vários surfistas na praia do Santinho, constatou estas hipóteses, que ocorreram paralelamente ao desenvolvimento do surfe com o movimento de contracultura que se instalava no país, o qual acabou por influenciar os praticantes de surfe.

O desejo de liberdade no ar e no mar, servia para os jovens como válvula de escape para suportar e se liberar do sistema. É no final da década de 70 que o surfe em Santa Catarina começa a se estruturar e a ganhar muitos adeptos, podendo ser considerado hoje um esporte de massa. A partir da década de 80, Florianópolis passa a ser reconhecida como uma cidade que promove grandes campeonatos, reforçando a prática para os que aqui moram e para muitos que vêm de fora. No entanto, se profissionalizar, como diz Israel, não é tão fácil. O surfe, na medida em que é um esporte mais caro que o futebol, consome tempo, principalmente para aquele que almeja se profissionalizar. Assim, se torna impraticável para um grande número de jovens do lugar, especialmente para os nativos. Estes necessitam se inserir no mercado de trabalho muito cedo, como é o caso de Israel, que começou a trabalhar cedo, aos 14 anos, tendo em vista as necessidades de sua família. Além disso, os surfistas, sobretudo os nativos, concretizam o caráter desigual, contraditório e político na construção de suas identidades individuais e coletivas perante as relações sociais que ocorrem no bairro.

Os nativos, através da prática deste esporte, revelam as diferenças – sociais, econômicas, culturais, que acabam por incorporar um universo simbólico das famílias de ponta das Canas, pois o surfe não é um esporte para todos. Neste sentido, estes jovens surfistas e nativos não deixam de fazer uma leitura diferente da realidade na qual estão inseridos, traçando para o futuro trajetórias sociais diferentes daquelas do lugar. Porém, é através da natureza, com características rituais, que o ideário do surfe – e os surfistas do lugar - ampliam o imaginário e o simbolismo do esporte, tanto que não é para menos que Israel sonha com uma faculdade associada aos recursos naturais, como Biologia Marinha ou Geografia. A sensação de prazer e satisfação em relação ao contato com o mar está expressa neste depoimento de Israel mostrando a coexistência lúdica com esta atividade, garantindo-lhe uma liberdade e autonomia com a “galera do surfe”,

Eu gosto de estar na praia, gosto de estar com os amigos, o mar é, para mim, meu segundo sangue. Dá uma sensação maravilhosa, boa de liberdade, de estar voando em paz. É um momento que ninguém pode me tirar, experimento isso com meus amigos (Israel, 23 anos)

Em relação aos aprendizados que o curso de Educação Profissional lhe trouxe para a convivência ou a ligação que faz com as formas associativas, Israel enfatiza:

Me ajudou a me expressar melhor com meus amigos, conversação, ajuda também com as pessoas estranhas, porque no verão têm várias pessoas (argentinos e uruguaios) que vêm jogar bola com a gente, que vêm surfar. Aprendi espanhol no curso e me viro um pouco. É uma pena que terminou, porque aqui em Ponta das Canas tem muita gente que, pode-se dizer, é analfabeta. (Israel, 23 anos)

Aprendizagens variadas são incorporadas ao seu cotidiano com os amigos dos agregados, diz que aprende principalmente a humildade. Acha que na vida tem que ter muitos amigos, ter bastante saúde, que é o que interessa. Reportando-se à identificação com os outros, assinala: “ todo mundo que eu convivo é pobre, é pescador e tem a vida difícil. A gente vê uma pessoa na pior e a gente não quer o mesmo para nós mesmos. A gente tenta ser um pouco melhor. O que aprendo serve para mim e para o grupo, há uma intercomunicação”

8.4 FLÁVIA: COOPERATIVA COMO UM ESPAÇO DE PARCERIA, AUTO-GESTÃO E VÍNCULOS SOLIDÁRIOS.

Flávia é uma jovem de 24 anos, trabalha na COOSERV, uma cooperativa que presta serviços para várias instituições como a Prefeitura de Florianópolis, Besc, e outras. A jovem comenta que não está insatisfeita com seu trabalho atual, mas seu grande sonho é trabalhar na área de estilismo e moda, como já observado, deseja cursar faculdade e se profissionalizar. O sentido do trabalho evidenciado pela jovem vem marcado pela sobrevivência e independência pessoal em relação aos pais e ao namorado, a renda proporciona ajudar a família e também é para seu próprio consumo.

Flávia é uma jovem, que antes de tudo, diz que o trabalho é muito importante, mas existem outros caminhos que percorre além deste. Desta forma, comenta como costuma se divertir:

Meu divertimento é sair, às vezes para dançar ou jantar com meu namorado, gosto também de ir ao cinema, ir à casa de minhas amigas para conversar, ir à praia, igreja, hoje estou mais calma, na batalha do dia a dia,

acordar cedo. O importante é curtir sossegada, meu bem-estar, o trabalho é consequência, primeiro é estar bem comigo mesma, a espiritualidade.(Flávia, 24 anos)

A satisfação de Flávia na cooperativa¹⁵³, por um lado, remete ao seu salário, o mais alto encontrado entre os jovens desta pesquisa, todavia, salienta também as desvantagens, pois não tem férias, 13º salário e carteira assinada. Entretanto, a cooperativa não está em seus planos futuros não, exatamente por isso, mas porque não é bem o campo desejado:

Nas minhas perspectivas futuras, a cooperativa não está nos meus planos, mas se fosse uma cooperativa ligada à moda ou numa empresa de moda, sim, estar desenhando. Pretendo fazer a faculdade de moda, me profissionalizar na área, mas como já disse, isso é futuro, no momento estou satisfeita, ganho bem em relação a muitos jovens por aí..(Flávia, 24 anos)

O ressurgimento desta forma de associativismo como alternativa ao desemprego, bem como os seus desvirtuamentos, refletem, segundo Misi (2000, p. 86), “ num fenômeno típico do terceiro mundo, ainda marcado pela origem “de cima para baixo” do cooperativismo e pela sua exagerada dependência da ação do Estado”. Na realidade, as transformações socioeconômicas do mundo do trabalho no final do século XX norteiam suas repercussões jurídicas que têm como objetivo sua regulação.

A partir da década de 90, grandes transformações no mundo do trabalho, já bem conhecidas, foram, de certo modo, também operadas pelo avanço tecnológico e pela introdução definitiva da automação e da robotização nos processos de produção. Diante deste contexto, as modalidades de trabalho alternativas ao emprego se colocam em evidência como solução para alocação de mão-de-obra, sob a desregulamentação do mercado de trabalho e o aumento do desemprego, que têm gerado um mundo marcado pelas incertezas. A idéia do cooperativismo de trabalho como alternativa de ocupação de postos de trabalho surge nesse momento de conturbações.

¹⁵³ Antes de iniciar a análise sobre esta experiência, deixa-se claro que o objetivo não é fazer uma incursão sobre o surgimento do cooperativismo em geral. Não se desconhece que a associação de trabalhadores sob a forma de cooperativas, embora esteja presente na pauta de debates acirrados na atualidade, inclusive de forma polêmica como aquelas autênticas e as de fachadas, já no século XVIII, sob o impacto da Revolução Industrial, começou-se a se formar na Europa as primeiras associações de trabalhadores sob os moldes da cooperação. O propósito foi de reunir esforços entre aqueles que se viram privados de seu principal meio de sobrevivência, ao ter sua mão- de- obra substituída pela máquina, que, introduzida na produção, terminou por instaurar um novo período da humanidade. Seu surgimento está estreitamente relacionado com a origem do sindicalismo. Conforme Misi (2000), o ideal das cooperativas foi marcado pelo movimento da Cooperativa de Rochdale, na França, em 1844, embora nesta época já havia um grande número de cooperativas na Inglaterra.

Por certo, essa forma de organização dos trabalhadores pode então vir a exercer um papel, não só de alocador de mão-de-obra, mas também como instrumento de resgate da autonomia do trabalho, pode-se dizer da solidariedade perdida na Revolução Industrial, Também pode vir a se tornar um novo tipo de solidariedade para fazer face às imposições dos interesses econômicos, objetivos do movimento cooperativista desde sua origem no século XVIII. Flávia comenta quais são as relações que estabelece com seu trabalho e como ocorre essa participação:

Participo desta experiência há quatro anos, sou supervisora da equipe de digitadores, pode-se chamar de auto-gestão porque, é uma relação de companherismo, um ajuda o outro, mas é uma empresa, todos recebem a mesma coisa, os supervisores, outros funcionários, todos de forma cooperativada. O trabalho é visto de forma não tão funcional, mas tem muito a ver com outras empresas, todos sabem que precisam cooperar, a palavra já diz tudo, existe esta noção antes de tudo, todos pegam junto. São pessoas que estão juntas para um objetivo comum, inclui parceria, mutualidade, solidariedade, senão [...] A relação é de amizade, parceria, confiança, trabalho todos os dias meio expediente. (Flávia, 24 anos)

Paul Singer (2000, p146), se referindo às cooperativas, chama a atenção que, basicamente no que se refere aos seus princípios, são empresas mais igualitárias, todos trabalham nela por igual. Esta importância não estaria pautada apenas numa certa igualdade na participação do excedente que pode economicamente nem ser tão importante, contudo, politicamente é relevante, no sentido mais democrático, em termos de poder de decisão de todos, pelo menos teoricamente. Porém, acredita nesta possibilidade quando se trata de pequenas cooperativas com 20, 30, 40 pessoas, como é o caso desta que participa Flávia. Neste sentido, há mais facilidade para se reunirem e resolver seus problemas, como também não se criam divisões de classes. O autor questiona a possibilidade de realização de princípios mais democráticos em grandes empresas. As que se tornaram grandes demais deixaram de ser cooperativas, pois com um número muitas vezes ultrapassando a 30 mil pessoas, acabam sendo desiguais e polarizantes. Claro, falando em cooperativas, o ideal seria que houvesse igualdade econômica como no passado.

Pensando nas palavras de Flávia quanto a sua vivência, condições de trabalho e de salário, Singer diz que a grande maioria das cooperativas não paga por igual, mas paga muito menos desigual do que as empresas capitalistas, isto fica visível na experiência da COOSERV, segundo Flávia, que ganha um bom salário. A maneira de decidir o que cada um tira por mês é mais democrática, decisão tomada por todos, como se vê no caso desta cooperativa, mesmo que outras vantagens não compensem muito como a falta de férias,^{13°}

salário, carteira assinada. Pode-se dizer que há uma sensível redução das desigualdades quando da possibilidade de mudanças que a jovem justifica que estão para acontecer:

Em abril vai entrar uma outra cooperativa com carteira assinada, porque atualmente não tem carteira assinada, nem férias, nem 13º salário. Se tu não trabalha, não recebe, no final do ano os lucros são divididos, tudo que a cooperativa recebe é dividido entre os sócios, vai ter carteira assinada, vai melhorar, vai mudar, daí compensa., Geralmente como é uma cooperativa de serviços, pode pegar a Prefeitura, o Besc, etc., (Flávia, 24 anos)

Coraggio (1996, p 188-190), reportando-se ao cenário no qual estamos vivendo, trabalha com a hipótese de que é um período de mudanças nas estruturas sociais, caracterizadas por tendências duais no contexto sócio-econômico, resultado em que predomina tanto tendências à exclusão como à integração econômica por parte do capital. Argumenta que essa exclusão se dá tanto por parte dos mercados, como mecanismos de compensação social, incluindo nessa última matriz elementos centrais de economias domésticas que caracterizam: “unidades pessoais, familiares, comunitárias, cooperativas, cujo seu sentido estaria baseado na utilização do fundo de trabalho formado pelo conjunto das diversas capacidades de trabalho dos membros da unidade doméstica, crianças, jovens, adultos e idosos, homens e mulheres”. Neste conjunto estariam os ativos e as capacidades que formam a reprodução da vida, no sentido de melhores condições possíveis, dependendo de cada referencial cultural. Explica que os intercâmbios internos que permeiam a economia doméstica incluem trocas diretas do trabalho social cooperativo.

Estas formas supõem, de acordo com ele, uma divisão técnica do trabalho no interior da unidade doméstica entre as comunidades. Porém, quando estas são “tratadas pelos agentes externos como “microempresas” atrasadas, ocultam-se as diferenças qualitativas com essa forma de organização”. Não sendo regidas exclusivamente pelas leis do mercado, não desconsidera o fato de que não sejam relações capitalistas de produção, algumas, para o autor, mostram a existência de exploração sobre as bases de gênero, geracionais ou étnicas, mas não é o caso aqui apresentado conforme a jovem entrevistada. Da mesma forma, não se pode postular que todo esse agregado perfaça uma economia de solidariedade, no sentido de que suas relações internas sejam predominantemente solidárias. Sua indagação está intimamente relacionada com o grau e as formas de solidariedade que deverão determinar em cada caso e conjuntura local ou nacional específica. O autor vincula a existência objetiva das economias populares matizadas pela vinculação entre solidariedade e interesse. Deste modo, Flávia não deixa de se reportar que também alguns têm uma visão mais individualista:

Claro, tem os problemas, todos pegam junto no trabalho, mas as vezes alguns folgam, não sabem mesmo o que é trabalhar numa cooperativa. Depende, alguns participam mais, outros já têm uma visão mais egoísta, pensam mais em si próprios. (Flávia, 24 anos)

Coraggio (2000, p. 108) não deixa de esclarecer que existem nestas experiências elementos e materiais subjetivos, que condicionam as possibilidades com que conta uma unidade doméstica no sentido de resolver suas necessidades nesta crise de reprodução. Estes sentimentos de interesse fazem refletir que a participação nas lutas mais tradicionais, luta sindical pelo salário, pelas condições de trabalho e nos movimentos reivindicativos, deve ser considerada como parte das estratégias de sobrevivência das unidades domésticas. Isto requer capacidades e competências do fundo de trabalho, ainda assim, conforme o autor “predominam relações de reciprocidade ou então relações assimétricas, estimulam a cooperação e a solidariedade, mas pode haver um aumento de exploração do trabalho alheio sob diferentes formas”. Na realidade, é um setor muito heterogêneo. Não se pode dizer simplesmente que, “diferentemente do mundo das empresas, que é de exploração e competição, o mundo da economia popular seja um mundo de valores positivos, o mundo da solidariedade”. No entanto, Flávia fala sobre as aprendizagens que resgata nesta relação de trabalho que lhe traz certas satisfações:

Traz muito aprendizado para meu dia a dia, questionamentos sobre a vida, troca de idéias, uma visão mais humana, coisas para refletir sobre o trabalho, há solidariedade, temos uma autonomia que em outras empresas não se tem. Acho que temos que aproveitar todos os minutos da vida, querer sempre saber mais, estar sempre aprendendo com os outros, com a vida, a vida é uma escola qualificada com doutorado, sinto aqui na cooperativa que estou sempre aprendendo, por isso acordo cedo com vontade de vir trabalhar. Por outro lado, também queria estar hoje estudando mais, estar mais perto do meu sonho que é a moda, mais perto da minha profissão. Eu estou contente com meu trabalho, mas não adianta tenho esse meu sonho, mas sei que no momento tenho que aprender mais. (Flávia, 24 anos)

Aprofundando sobre as cooperativas, Gaiger (2000 p, 171) traz questionamentos importantes no que se refere à proliferação de cooperativas de trabalho como um campo controverso. Argumenta que existem iniciativas bastante promissoras de integração e formação de redes ou instâncias de aglutinação, inclusive se constitui como um fenômeno mundial, amplo, sem desconsiderar que cada realidade tem fatores explicativos diferenciados. Segundo ele, existem algumas razões que se colocam especialmente para as cooperativas de trabalho, são segmentos polêmicos, “primeiro porque sabe-se que é aí que proliferam as

cooperativas de fachadas, as falsas cooperativas, muitas vezes criadas como departamentos de produção disfarçadas coligadas a empresas”. Estas se apresentam como um retrocesso das relações de trabalho assalariadas, na medida em que estes trabalhadores não têm as vantagens das cooperativas autênticas, muitas se caracterizam como sendo piores, por que nem os direitos mais elementares são reconhecidos. Entretanto, outra razão emerge pela qual as cooperativas de trabalho são polêmicas, muitas nascem e logo em seguida se inserem dentro de uma cadeia produtiva.

Mas refletindo sob a perspectiva das bem sucedidas, deixando de lado só as que fracassam, o diferencial está baseado em ser uma cooperativa dos trabalhadores, mesmo sabendo que existe toda uma realidade que complica. Neste sentido, o autor menciona os exemplos que existem no Rio Grande do sul, onde há vários segmentos e perfis diferenciados que podem ser considerados de economia solidária ou que envolvem associativismo e cooperação. Por falar em cooperação, diante da complexidade do mundo, Flávia finaliza apontando para a espiritualidade:

Sabe, não gosto muito de falar do mundo, está tudo tão esquisito, guerras, fome, para um, s o trabalho, para outros, violência, drogas, alguns estão se divertindo, outros estão procurando uma cadeira na praia, um corpo sarado, mas é complexo e completo o mundo, o mundo tem suas nuances. O mundo, na realidade, não tem que mudar, mas sim as pessoas que vivem nele, eu, na minha posição espiritual, na minha crença, acredito em mudanças, mas não radicais.

Os jovens criam raízes na própria incompletude da vida, se definem e se redefinem, chamam a atenção da sociedade inteira como diz Melucci (2001) para produzirem sua própria existência, ao contrário de processos de submissão exigem direitos, não só para eles, nem só para seus pares, mas para os que convivem no planeta. São sensíveis, solidários E na complexidade do mundo, Arruda (2000, p 218) fecha este texto trazendo uma dimensão humanitária:

para uma humanidade policêntrica, uma economia policêntrica; para uma humanidade diversa e complementar, uma economia diversa e complementar; para uma humanidade personalizante e socializante; uma economia personalizante e socializante ao mesmo tempo; para uma humanidade autogestionária e solidária, uma economia autogestionária e solidária. Enfim, para uma humanidade espiritualizante e amorizante, uma economia espiritualizante e amorizante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TECER E DESTECER ININTERRUPTO DAS LIGAÇÕES DA REDE

Ao término desta tese, registro que os sentimentos de incômodo, insuficiência, incompletude, que foram apontados no início desta produção, continuam sendo processados em mim como constituintes de minha identidade pelos nós que ficaram em aberto. Isto, talvez, explique um primeiro anúncio elaborado nesta produção, de que nunca estive satisfeita nas malhas do conhecimento, por si só está crença continua a co-existir num movimento que não se finda. No entanto, como pesquisadora, este reconhecimento me provoca uma busca constante de compreensões do mundo, interpretações e transformações permanentes, que transcendem as meras objetividades que se imagina apreender em uma realidade altamente complexa e subjetiva, configurando, deste modo, os sistemas complexos do momento histórico que vivemos. Diante disso, não posso deixar de dizer que ficam as dúvidas, parafraseando Paludo (2000, p. 17), “ se os esforços em alguns momentos podem ter sucumbido a subjetividade e sabotado a objetividade”.

A metáfora de “rede de tecido”, descrita por Elias (1999), foi uma das primeiras contribuições teórico-metodológicas relevantes, na apreensão daquilo que denominei como objeto de estudo da tese, “rede de significados dos processos identitários dos jovens”. Sua apropriação emanou do tipo de inter-relação que se pretendeu construir com os sujeitos e a pesquisadora. Aqui, esta analogia entrou para ajudar na compreensão das relações que os jovens egressos dos cursos de Educação Profissional da CUT e SENAI estabelecem com a família, a escola, a Educação Profissional, o trabalho e seus sentidos, o desemprego, as formas associativas, seus projetos futuros e sonhos.

Desta forma, considera-se que esta rede não se apresenta, com um fim em si mesma, a sua totalidade ultrapassa esta investigação. Para além do texto escrito, dos ditos, do que foi revelado e ao mesmo tempo do que não foi revelado, as ligações, as interações, e a biografia de cada um dos sujeitos envolvidos neste estudo, continuarão a existir na imprevisibilidade da existência de cada um. Nestas considerações, conjugo com as idéias de Melucci e Fabbrini (1992), que a estação da vida “adolescência e juventude” é apenas o começo de tudo. Os dilemas, conflitos, medos, desejos, inseguranças, potencialidades e aprendizados não terminam nesta passagem, mas, inversamente, continuam para toda a vida, denotando na constituição do sujeito um processo aberto e inacabado, que, dependendo dos recursos que se dispõe, proporciona inventar uma vida que valha a pena ser vivida. Neste

sentido, os jovens, atualmente, têm novos pensamentos e alimentam novos sonhos, procuram uma verdade sobre o mundo e sobre si mesmos.

Para a compreensão e as descobertas possíveis, do mundo deste segmento juvenil analisado, foram necessários desdobramentos neste caminhar, entrelaçamentos e envolvimento da pesquisadora nesta rede que se pretendeu construir. O decisivo foi entrar no círculo, que, como sinaliza Heidegger (2001, p 87), “ exprime a estrutura prévia-existencial, própria da presença”. Assim, metodologicamente, a aproximação com os jovens evocou um emaranhado de encontros e desencontros. Desde a primeira etapa na aplicação do questionário, assim como Isis que saiu procurando os corpos de Osíris em terras estranhas e desconhecidas, passei encontrando e desencontrando os sujeitos, percurso este feito de longas caminhadas pela Ilha de Santa Catarina. Neste sentido, o tempo concreto sobrepujou o tempo imaginário. Num segundo momento, nas entrevistas individuais e algumas coletivas, a aproximação se intensificou, mostrando um processo dialógico, de escuta sensível, ética e respeitadora por suas vidas e experiências, desde o início da pesquisa.

O entendimento de como os jovens vêm, sentem, se formam, constroem e agem nos diversos espaços analisados fez com que surgisse uma realidade mais perceptível dessa complexa teia em que estão inseridos. Estes formaram um espelho, que me levou como pesquisadora, a me redescobrir, a analisar aspectos da vida, enfim, também me construir nas múltiplas identidades. Os jovens mostraram que explorar o tempo e o espaço nos quais se movem, nas fronteiras dos sonhos, dos desejos, entre dúvidas e escolhas, nos temores das relações, no esforço de falar e nas necessidades de serem escutados, se espelham num lugar de contrastes, da intensidade do contraditório, do aleatório, das articulações mais significativas da experiência humana, aquelas que se encontram diluídas no tempo da vida (MELUCCI, 2003). Neste sentido, os ganhos como pesquisadora são inquestionáveis.

Muitos retalhos que se encontravam amassados neste percurso teórico-metodológico foram aos poucos sendo delineados, a partir de contribuições importantes de autores que proporcionaram arranjos, pontes, apontaram e iluminaram caminhos, trouxeram novas questões, enfim, ajudaram nas conexões e interlocuções. As elaborações sobre identidade encontraram contribuição essencial na obra de Alberto Meluci, ocorrendo um esforço no levantamento das pesquisas na área juventude, trabalho e educação. Os estudos de Sawaia e Maheirie também levantaram questões importantes na discussão do paradoxo deste conceito. Os estudos de Sposito, Carrano, Dayrell, Dubet e Pais foram centrais em ênfases constitutivas, que rompem com uma visão linear, imobilista e determinista dos processos juvenis, ao contrário, trazem abordagens que potencializam as várias juventudes, em

diferentes cenários, olhando-as em seus traços comuns e diferenciados, num entendimento de que os jovens vivem realidades sociais bastante diversas e constroem identidades também individuais e coletivas distintas. Pode-se dizer que estes assumem características tão diversificadas quanto os universos de relações sociais possíveis, bem como formas expressivas e propiciadoras a partir de práticas educativas de vários segmentos juvenis. Bajoit e Franssen, Corrochano e Zuchetti, além de Arendt e Pais, fomentaram arranjos importantes na descoberta dos sentidos sobre o trabalho.

Por um lado, a abordagem qualitativa que permeia este estudo manteve um grau de importância valioso para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna. Por outro, a investigação quantitativa pode atuar em níveis da realidade, trazendo à luz fenômenos, indicadores e tendências observáveis. Neste estudo, acreditou-se na importância das duas como complementares. Portanto, a riqueza inesgotável dos dados, da palavra sonora, o seu uso conflitivo em contextos situacionais da pesquisa qualitativa, pôde produzir significativas interpretações com apoio nos indicadores e tendências quantitativos.

Os jovens mostraram que vivem movimentos de ir e vir, subir e descer, entre o viver e o imaginar-se vivendo, movimentos estes que também são fontes de discussão para Melucci, de extrema flexibilidade, direções de apostas na construção dos sujeitos como atores de processos, de autoria, no sentido de ir ao encontro de sua autonomia. Isto baseado em movimentos de desenhar e colorir o seu querer, o seu pensar, o seu agir, estabelecendo, assim, na relação com o outro, a sua singularidade. Ao se fazer desta forma, os jovens nesta pesquisa tecem uma ampla rede de nexos que explicam, contextualizam, orientam, permeiam e contornam suas decisões junto ao coletivo, especialmente quando interagem com os grupos dos quais participam, grupos religiosos, de esportes, ações voluntárias e uma experiência de auto-gestão.

O material de análise proporcionou observar uma certa centralidade que a família tem na vida destes jovens, sugere-se que esta continua sendo um referencial importante e estruturante, como lugar de construção positiva de suas identidades e de acolhimento. A família continua sendo um núcleo de segurança e proteção para muitos jovens. As razões para a família ocupar lugar central na vida da maioria destes jovens não deixam de retratar motivações de trocas afetivas, arranjos domiciliares, ambiente protetor e de sociabilidade, mas não sem conflitos, reprodução material de seus membros e outros apoios com os quais estes podem contar.

Outros sentimentos que aparecem nos traços familiares recorrentes, quando se observam as trajetórias dos jovens e de seus familiares em relação ao trabalho, acabam por revelar um sentimento paradoxal. Algumas vezes este aparece como condição da ética do provedor, em outros momentos, aponta a ética do trabalho em seu sentido mais valorativo. O início precoce no trabalho, a responsabilidade, o esforço, a renda, independência, pressão familiar e ética do provedor se misturam aos impulsos éticos da família na motivação para o trabalho, em que algumas vezes este aparece como valor moral e dignidade, tendo a família como maior impulsionadora.

A visão dos pais destes jovens sobre o trabalho possibilita pensar a respeito de uma parte da rede formativa que faz do cotidiano vivido por estes jovens uma experimentação múltipla, suas experiências são marcadas por uma diferenciação em relação à identidade que tentam construir a partir do trabalho. Sob a ótica de seus pais, este lugar aparece algumas vezes de forma diferenciada e concomitantemente se assemelha. Os resultados indicam que os jovens vivem num mundo de incertezas, de continuidades e descontinuidades, de permanência e multiplicidade, é cada vez mais difícil para os jovens fazerem suas escolhas, até porque as opções são diminutas. O contraditório aparece entre os encontros e desencontros que configuram as imposições e as possibilidades de realizações do mundo que os cerca.

As permanências, abandonos e retornos escolares representam um constante movimento circulante em seus cotidianos no sentido de garantir reconhecimentos em trajetórias múltiplas que se moldam, se ressignificam e se modificam em busca de aprendizagens e conhecimentos, ao mesmo tempo em que o cotidiano, o presente, incorpora a permanência materializada em tarefas rotineiras em relação à escola e ao trabalho. Dormir tarde e acordar cedo passa a ser a rotina destes jovens e se torna uma dificuldade a ser enfrentada no dia-a-dia na busca de seus projetos e sonhos, da mesma forma para os que estão desempregados e acordam cedo em busca de trabalho.

A multiplicidade aparece nas alternativas, estratégias e tentativas, no desdobrar dos sacrifícios para aliar trabalho e estudo, as horas vagas são poucas, o esforço pessoal passa a ser uma tentativa de inclusão pelo que já foi produzido em suas trajetórias. Neste sentido, como diz Melucci (2002), o eu não deixa de ser impermeável, ao mesmo tempo que penetra o desraizamento do já constituído, do já vivido. O permanente e o múltiplo, o ir e vir constante marcam o desejo de chegar a ser muito mais do que se foi na construção de suas identidades. Estes voltam à escola com o desejo de obter um emprego, especialmente aqueles que escolheram um supletivo como meio mais rápido de escolarização. Nestes processos

diversos, nota-se que os jovens vivem diferentes situações escolares, de trabalho e de vida, em que cada vez mais a preparação e a elaboração de um projeto para o mundo do trabalho tornam-se complicadas.

A multiplicidade de tempos e papéis que são requeridos em suas experiências acaba por dividir a experiência cotidiana, criando-se circunstâncias num campo aberto de escolhas, pressões, controles e manipulações. Mediante as falas destes jovens, verifica-se que não deixam de perceber as mudanças no mundo do trabalho e sua relação com a escola, por mais que alguns não gostem, a preocupação com a escolaridade está presente, a permanência na escola também se apresenta como possibilidade para o trabalho, apesar de que, para alguns, o trabalho impede a volta para à escola. Para alguns, prolongar a escolaridade seria o caminho mais próximo e estimulante para a satisfação pessoal e um trabalho mais realizador. Não deixam de perceber que a multiplicidade de papéis exigidos lhes impõe capacidade de mudar a forma, permanecendo os mesmos. As mudanças em seus trajetos escolares, de formação e de trabalho, para além da necessidade de aquisição de conteúdos cognitivos, os colocam diante de situações que os levam a enfrentar novos e inesperados problemas, neste ponto, a identidade tem jogo, oscila, se contradiz.

É nesta relação com o passado, o presente e o futuro que os jovens encontram sua unidade e continuidade. A identidade passa a ser sentida como um exercício permanente que necessita de interação, de reconhecimento recíproco entre nós e os outros, contendo uma tensão não resolvida entre a definição de nós mesmos e o reconhecimento que os outros nos dão. Assim, a identidade é reforçada quando no interior das famílias os pais agem de forma solidária, os jovens se sentem parte de um espaço que reforça, garante a identidade, são reconhecidos a partir do que fazem. Isso ajuda a superar alguns conflitos que se introduzem nas relações familiares.

Pode-se dizer que o encantamento e a recusa da escola pressupõem a dialética de afirmação e negação, de permanência e multiplicidade. Neste sentido, as modificações no pensar, no fazer-se cotidianamente redefinem-se em múltiplas identidades, as escolhas fazem parte do jogo, os jovens se espelham em si mesmos como meio para enfrentar os desafios e as mudanças na construção de suas identidades.

A pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa, complementando indicadores de tendências estatísticas, mostraram as diversas situações vivenciadas pelos jovens pesquisados, tais como trabalho informal, precário, temporário, experiências com o desemprego nas várias modalidades que o caracterizam. Essa realidade apreendida quanto ao trabalho e à experiência do não trabalho, entre uma parte significativa dos jovens desta investigação e também dos

jovens da microrregião de Florianópolis (microdados do IBGE) revela um conjunto de situações diferenciadas vividas na condição juvenil, incertezas e inseguranças no mundo do trabalho, frágeis vínculos empregatícios, trabalhos temporários, precarizados, desemprego, o que configura o próprio contexto sócio-econômico das características predominantes do mundo do trabalho na microrregião de Florianópolis.

Isso leva a pensar que o trabalho formal ausente indica que as políticas públicas na área da juventude devam priorizar empreendimentos juvenis de associações, iniciativas culturais para a promoção dos jovens, ocupação, alternativa ao desemprego, etc. Estas características apresentam bem as marcas da informalidade e da sazonalidade na microrregião. Estas trajetórias consideradas em movimentos, cambiantes, se moldam, muitas vezes, num período curto, outras vezes esse se alonga na condição juvenil, aqui chamadas de movimentos de permanência e metamorfose na construção de suas identidades. Para estes jovens não existe uma única realidade de trabalho que se encaixe perfeitamente nos moldes tradicionais, mas sim diversas. As vivências dos jovens se apresentam nas crescentes inconstâncias, flutuações, continuidades e descontinuidades, metamorfoses, movimentos de vaivém, como se estes jovens exercitassem, como assinala Pais (2001), a sua capacidade de pássaros migratórios, naquilo que se configura suas trajetórias de trabalho.

Os cursos de Educação Profissional, para a maioria dos jovens da pesquisa, não ajudaram a conseguir emprego, apenas dois dos oito da pesquisa qualitativa, que fizeram os cursos na CUT, tiveram estas chances, mas se apresentaram como espaços educativos que trouxeram outros benefícios, mais pessoais do que profissionais. Neste sentido, aparecem em espaços mais livres, as regras são mais frouxas, aprendizado mais técnico e específico, menos teórico, diferentemente da escola, onde o conteúdo é mais abrangente, segundo alguns. Tanto os cursos como a escola se apresentam, para alguns, como um espaço de sociabilidade, encontrar amigos e conversas informais. Não se nega que a Educação Profissional se constitui indispensável a um bom desempenho profissional, mas o que está em jogo, na realidade, é a necessidade de investir mais e melhor nela, contudo, isto também não significa solucionar o problema do desemprego juvenil.

Os resultados da investigação também direcionam para os tensionamentos existentes entre as parcerias PLANFOR, CUT e SENAI, quanto aos recursos e concepções da Educação Profissional. Em relação à proposta pedagógica dos cursos, os coordenadores assumem os limites e problemas na prática de uma educação que tem como concepção a omnilateralidade.

Conforme os coordenadores das instituições, esta concepção se perdeu no meio do caminho, ficou para se levar adiante, mas o maior enfrentamento é com os supletivos, longos e caros, na visão do PLANFOR. A própria CUT assume esta responsabilidade. Toda a reflexão foi baseada numa preocupação da pesquisadora, em decifrar esta diversidade encontrada nas experiências juvenis, no sentido de cooperar também com o debate de ressignificação da Educação Profissional, a partir dos sentidos, angústias, práticas, esperanças e sonhos destes jovens, para que possam participar, quem sabe, de uma nova utopia, colaboradores e construtores junto às políticas públicas como protagonistas. Na exploração dos diversos sentidos do trabalho, da formação, da escolarização para os jovens, é possível a concretização de políticas públicas para a juventude. Deste modo, uma segunda preocupação esteve pautada neste estudo, com uma concepção de formação humana que dá conta da pluralidade e diversidade, dos processos educativos como arte de conformar o humano, os sentidos, as vivências, as experiências, os impulsos, a sensibilidade, o vivido, os afetos, etc.

Pensar políticas públicas para a juventude equivale planejar a partir desta diversidade e refletir uma possível ressignificação da Educação Profissional, que deve estar baseada numa formação diferente, que ultrapasse as meras competências para o mercado de trabalho, num cenário em que, para muitos, nem existe mais emprego. Trata-se de pensar que esta deve ir muito mais longe, na perspectiva de uma formação humana, que inclui além do desenvolvimento intelectual, o cognitivo, também o conhecimento tecnológico, o artístico, o afetivo e o emocional, no dar-se conta desta diversidade.

Isto significa refletir que os jovens não sejam apenas ouvidos para subsidiar políticas públicas para si próprios, mas que possam assumir programas, atividades e ações, sejam responsáveis e não apenas executores, mas sujeitos de autoria. Para tanto, há necessidade de uma nova concepção e um novo olhar sobre a juventude nos municípios da microrregião de Florianópolis. Nesta perspectiva, nem todos os setores possuem ações concretas, mas trabalham ainda muito sob o enfoque das prioridades estipuladas em termos de problemas, reportando-se às já analisadas ações públicas brasileiras voltadas, em sua maioria, para a resolução de problemas e para a tentativa de evitá-los, enfatizando mais ações de cunho assistencialistas.

Este enfoque não está baseado apenas em dados quantitativos que possam trazer aspectos do perfil dos jovens, mas sim em indicadores sociais que orientem uma concepção mais democrática na defesa dos jovens como sujeitos de direitos, conforme sugere Sposito e Carrano (2003). As políticas públicas dirigidas à juventude não têm conseguido romper com as lógicas perversas, que, por sua vez, acabam tomando os jovens como simples beneficiários

de serviços públicos, sem aproveitar seu rico potencial como atores estratégicos de desenvolvimento e de direitos. Neste ponto, verifica-se muitas vezes nas políticas públicas uma ênfase distorcida sobre os jovens, ora só se enxerga o lado positivo, ora só o lado negativo, faltando fazer a ponte necessária em suas diferenciações.

Os sentidos do trabalho se apresentam de forma ambivalente, que oscila entre o desejo e a insegurança, como meio de sobrevivência, independência, dignidade ou respeito como formadores de identidade, auto-realização, e a experiência do não-trabalho como vazio, tédio, desvalorização frente ao desemprego.

Em suma, nota-se que o trabalho não deixa de ser importante e central na vida destes jovens, entretanto, vem marcado por sentidos diversos justamente por causa da complexidade da própria identidade sempre em constituição, bem como pela própria conjuntura do mundo do trabalho nas sociedades atuais. Observa-se que um primeiro significado que emerge para os jovens, independente do gênero e da escolaridade, é que o trabalho está intimamente associado à aquisição de renda como possibilidade primeira de adquirir os meios de sobrevivência, para ajudar a família, para a própria continuidade de suas vidas. Num segundo momento, a renda contribui principalmente para os que possam trabalhar ir além na aquisição de casa própria, despesas necessárias de alimentação e bens pessoais, já para outros, proporciona lazer e auxilia como possível concretização de sonhos e projetos de vida.

Aprofundando o que significa trabalhar, para estes jovens, descobrem-se outros sentidos que despontam em seus depoimentos que ultrapassam a renda como mera sobrevivência. Em suas percepções, misturam-se sentidos de independência, dignidade e respeito como formadores de identidade, como auto-realização, e um último sentido ligado à experiência do desemprego como ausência de trabalho e como privações, dependendo dos espaços que ocupam.

A experiência do desemprego de quatro jovens marca este estudo como um aspecto negativo, como flutuações e oscilações no estar empregado e desempregado, indicando sentimentos de desvalorização, tédio, vazio, vergonha, culpa, sentido de inutilidade, impotência. Alguns passam a procurar qualquer emprego, a qualquer custo, com baixos salários, longas horas de trabalho, trabalhos precários e informais numa relação que acaba por gerar atos de submissão, alienação e medo intenso com o desemprego. O trabalho, como expressão das relações humano-sociais, como potencialidades humanas universais, parece não mais ser reconhecido na sociedade. Os jovens vêm estabelecendo com ele um significado ambivalente que oscila entre o desejo e a desconfiança.

Como sujeitos singulares, se apropriam do social, modificando sentidos, aspirações e práticas que se tornam educativas, interpretam e significam seu mundo e as relações que estabelecem. Isto significa que estes oito jovens têm projetos, sonhos e desejos, como já observado. Sintetizado nos resultados desta investigação, montar o próprio negócio é o desejo de um jovem solteiro que quer ter sua própria boate e uma jovem casada, na área de Administração, que quer trabalhar com assessoria. Estes jovens conjugam maior liberdade sem depender da família ou de um patrão.

Encontram-se apenas duas jovens que não desejam mudar de área. No entanto, são seis jovens que sonham com a carreira universitária, uma jovem que deseja ser bancária, mas se impõe muitos limites pela baixa escolaridade e baixa-estima, uma jovem e um jovem que desejam associar cursos à arte, moda e desenho, dispondo seus potenciais talentosos. Outros dois jovens pretendem cursos mais ligados à natureza, um deles, Jornalismo com meio ambiente e, o outro, como é pescador e surfista, deseja fazer Biologia Marinha ou Geografia. Se são possíveis estas realizações? Para alguns o presente se apresenta como possibilidade, já para outros só o futuro, em sua imprevisibilidade, balizará os acontecimentos.

As participações dos jovens nos grupos religiosos direcionam para interligações de uma teia constitutiva na construção da identidade a partir de ações individuais e coletivas que se apresentam numa relação que é interativa, compartilhada, negociada e conflitiva ao mesmo tempo no fazer-se como atores sociais jovens. Ganham existência nestes espaços estabelecendo relações significativas através de suas atividades e temáticas, práticas que se revelaram educativas naquilo que se denominou “potência de ação”, a partir de Spinoza (1957) e Sawaia (1999), como uma maneira de agir, atuar e se emocionar no mundo. Neste aspecto, deixam o isolamento para ocupar um lugar de sociabilidade, solidariedade, interação, conflito, pertencimento, reconhecimento através das relações intersubjetivas que estabelecem nestes lugares.

É mediante os rituais realizados nestes espaços e dos recursos que utilizam que se dá a construção de identidades individuais e coletivas de forma positiva. A religião estaria caracterizando uma função integradora que acaba por reunir sentimentos coletivos e, simultaneamente ao indivíduo, o sentimento de si. Por meio da música religiosa, os resultados da pesquisa apontam, que os jovens estão expressando sua felicidade através da música rock e dos diversos ritmos e estilos populares antes rejeitados pela igreja. Esta mudança vem trazendo um número significativo de jovens para as igrejas. Os sermões expositivos dão o tom conservador da cerimônia, a forma, pode-se dizer que, é diferente do discurso. Tudo isso não deixa de ser paradoxal, que a renovação carismática, com seu discurso conservador, se

aproxima do jovem pelas suas práticas: usar bateria, pop rock nas celebrações. A música entra nas atividades para interiorizar, para a reflexão de todos os momentos possíveis.

Nesta prática de convivência e pertencimento grupal, pode-se perceber quanto o aprendizado, a interação, o diálogo, as trocas afetivas e a emoção são constitutivos da construção de suas identidades. Eles se libertam, choram, falam constantemente de suas vidas, suas angústias, alegrias, divergem, entram em contradição, negociam, cantam, dançam. A religião acaba sendo um fator que agrega o movimento ou grupo. Neste sentido, se “identização”, como explicita Melucci (2002), pressupõe uma relação intersubjetiva, é neste momento que também ela ocorre. Os grupos religiosos são uma escolha espiritual que reflete em termos de sociabilidade, solidariedade e sentido da vida, acabam sendo lócus de agregação social, lugar de troca. Desta maneira, o lazer fica associado à religião.

Não dá para deixar de considerar que a Igreja Católica, restringe o espaço, mantém uma relação estreita e delimitada com a ação, controle e hierarquia da própria instituição. Todavia, percebe-se que essa relação vai além, no que se refere às orientações construídas pelos próprios jovens no interior do grupo que confluem a interdependência e a tensão que forma o “nós” do movimento, garantindo assim a identidade coletiva através dos fins, meios e ambiente que buscam numa relação que Melucci (2002) chama de multipolar.

É através das múltiplas ações, interativas e compartilhadas, que estes jovens constroem a identidade coletiva do grupo, ultrapassando os recursos originários da igreja, aparece um contínuo vínculo subjetivo e de reciprocidade na busca de investimentos materiais que faz com que se desdobrem em diversas atividades e temáticas para garantir a coesão do grupo e de sua continuidade. A interação, a troca de experiências, a ligação, as trocas afetivas, o reconhecimento recíproco, a diferenciação entre eles e outros grupos garantem os próprios limites e possibilidades com o ambiente para a formação do grupo pesquisado como um ator coletivo, dando forma as suas relações.

A importância dos grupos significa diversos aprendizados para os jovens, as amizades, o crescimento pessoal, o conviver com as diferenças, com as divergências que se apresentam no próprio movimento. Em toda a entrevista e a convivência com os jovens, foi possível observar o pertencimento ao grupo. Eles buscam sentido no grupo como espaço de convivência mútua, sentimento de reconhecer e ser reconhecido, de sociabilidade lúdica, de acolhimento, lugar de intersubjetividades, de emoções, de angústias e de agregação. Não se pode deixar de abordar os conflitos próprios na construção de suas identidades tanto

individuais como coletivas, que se apresentam num movimento de permanência e multiplicidade (MELUCCI, 2001) diante das incertezas e dos imprevistos no mundo atual.

Também a religião aparece para ajudar a superar as dificuldades econômicas e as flutuações no estar desempregado. O grupo é uma forma de terapia, no sentido de não partir provocando situações negativas, como drogas, etc. A religião atua para amenizar, possibilitando a reconstituição de uma unidade perdida, tanto individual como em grupos sociais. A ação do ritual religioso promove, na verdade, semelhanças à da terapêutica, ela organiza o mundo do paciente, bem como certas curas nos rituais religiosos. A religião é um suporte para seus momentos difíceis, direciona para o lazer do grupo de jovens.

Para lidar com tantas flutuações, oscilações e metamorfoses, os jovens sentem que a identidade dever ser enraizada no presente. Diante de um futuro incerto, muitas vezes sem alternativas, o presente invade as experiências dos jovens, gerando ansiedade numa busca frenética por não deixar nada escapar. Na realidade, com a aceleração dos tempos e uma fundamentação do presente, questionam-se os limites que se tornam um problema fundamental para os jovens de hoje. Por isso, encontrar o sentido da vida na religião sugere-se ser algo partilhado por muitos jovens.

Portanto, não dá para desconsiderar que as manifestações religiosas desses tempos de rápidas transformações têm cumprido um papel agrupador, bem como incorporam diferenças religiosas e conflitos próprios do social marcados por vários aspectos. Essa mistura na velocidade com que os dramas pessoais são processados segundo os códigos institucionais da crença também marca nosso tempo. Entre as dezenas de acepções possíveis, a cultura é essa via de mão dupla, cada indivíduo, cada grupo é afetado pela dinâmica da história da qual faz parte, mas, ao mesmo tempo, afeta significativamente essa mesma história.

Os jovens também desenvolvem ações sociais ou voluntárias como uma forma associativa para além do mundo do trabalho, da renda, lucro, sem uma retribuição material. Estes jovens se dedicam a esta atividade como um exercício de cidadania, pela satisfação e cuidado com o outro, por vínculos solidários, servindo de ponte para um mundo melhor. A principal motivação para o exercício das ações voluntárias é a satisfação de seu executor, praticá-lo é um ato de cidadania, ato de amor, de altruísmo e de compaixão ao próximo. Motivados por valores de participação e solidariedade, doam seu tempo, talento e trabalho, de maneira espontânea e não remunerada, trabalho exercido com prazer, doação e entrega em prol da alteridade, constroem sua identidade também como produto e resultado de uma

inquietação interior que se materializa por meio da ação solidária. Assumir uma ocupação voluntária, para estes jovens, traz responsabilidades, preocupações e desafios, mas também se refere a um fator de crescimento e desenvolvimento pessoal.

A atuação nestas ações também direciona para atividades autônomas e lúdicas. Introduce-se aqui a sociabilidade, o sentimento e a capacidade de emocionar-se, de afetar e de sentir-se afetado. Intuir preocupações, ter compaixão, chorar e alegrar-se com o outro é construir laços afetivos. Os jovens, neste sentido, se sentem como sendo portadores de valores, fundamentalmente através do cuidado e da amorosidade. Além da compaixão, do sentir-se afetado e afetar, da satisfação e do cuidado com o outro, os resultados da pesquisa apontam que as experiências dos jovens nas ações voluntárias são um ato de cidadania. Seria muito importante que esse tipo de retorno fosse observado pelos gestores dos cursos e das políticas públicas sobre juventude, que ficassem sabendo dos trabalhos a partir dos cursos. Estes cursos com a juventude deveriam favorecer os encontros, a formação com grupos, ações sociais: trazer grupos musicais, o hip hop, cultura, as pastorais, a diversidade de atuação dos jovens, potencializar a tendência a grupos de jovens.

Os jovens têm necessidades de identificação, do entendimento da vida, energia latente do que vão ser na vida. As ações voluntárias desenvolvidas pelos jovens se constituem em potências de ação, como uma maneira de agir, atuar, sentir e se emocionar no mundo, revelando também uma interação entre grupos, jovens e a comunidade. Os jovens constroem suas identidades na permanência e na multiplicidade, mas faltam políticas na área de emprego, trabalho e renda para as potências de ação dos jovens, como também escola, ausente de todo esse processo de sociabilidade, de cuidado, de ações sociais que os grupos proporcionam.

Nos grupos de esportes, foi possível perceber o desenvolvimento de formas de interação e competição, propiciando coesão grupal, padrões de lazer, estilo de vida, formas fluídas de coexistir ludicamente na construção de identidades individuais e coletivas. Os resultados da pesquisa ressaltam que o esporte, futebol, vôlei e surfe, também é indicativo de modelos de sociabilidade e de conduta para os jovens. No âmbito da sociabilidade e dos comportamentos de agrupamentos humanos, o esporte, sem dúvida, tem um papel relevante como objeto de estudo, não só pelo aspecto grupal de certas práticas desportivas, mas pelos símbolos e comportamentos sociais que implicam.

Pode-se destacar também que o esporte é um fenômeno social de grande relevância nos tempos modernos. O universo esportivo alicerçado por diversas bases, sejam elas econômicas, sócio-antropológicas ou psicológicas, reúne uma diversidade de elementos

que configuram diferentes papéis, em diferentes locais e em diferentes populações. Portanto, indica processos educativos, os quais os jovens aprendem a conviver com vitórias e derrotas, especialmente quando o desejo é a profissionalização. Denota também esforço pessoal, prazer, saúde, confiança em si mesmos, entre outras questões.

O processo de construção de identidade em relação aos esportes, aqui no caso do futebol, vôlei e surfe, implica alteridade, mas também um si mesmo, ou seja, durante este processo, os indivíduos se percebem em relação com o outro, o construir a identidade passa pela auto-percepção ou auto-reconhecimento que no se envolver com o outro nas relações sociais pode ser reconhecido. Os grupos de esportes mostraram relações sociais que vão sendo tecidas pelos jovens em diferentes experiências de vida, requerendo reciprocidade, ao mesmo tempo, assegurando ao grupo a sua continuidade ou permanência. Neste sentido, a identidade é vista como um exercício permanente de interação, de reconhecimento entre nós e os outros. Quando se sente a solidariedade de um grupo fazendo parte de um coletivo, isto ajuda a reforçar a identidade. Os grupos de esportes se localizam com um tempo de lazer, fuga temporária do trabalho alienante, tempo livre que provoca excitação, inversão do cotidiano, e os jovens buscam expressão e realização individual.

A experiência de uma cooperativa de serviços em que uma jovem experimenta processos de auto-gestão remete a satisfações e desvantagens, sendo um dos salários mais altos encontrados entre os sujeitos pesquisados, mas sem vínculos empregatícios. Quanto às condições de trabalho e de salário, Singer (2000) diz que a grande maioria das cooperativas não paga por igual, mas paga muito menos desigual do que as empresas capitalistas, isto fica visível na experiência da COOSERV, segundo a jovem que ganha um bom salário. A maneira de decidir o que cada um tira por mês é mais democrática, decisão tomada por todos, como se vê no caso desta cooperativa. Mesmo que outras vantagens não compensem, pode-se dizer que há uma sensível redução das desigualdades quando da possibilidade de mudanças que a jovem justifica que estão para acontecer, dando abertura para estes benefícios. As cooperativas são segmentos polêmicos. Como diz Corragio (2000), podem “predominar relações de reciprocidade ou então relações assimétricas, estimulam a cooperação e a solidariedade, mas pode haver um aumento de exploração do trabalho alheio sob diferentes formas”. Na realidade, é um setor muito heterogêneo. Gaiger (2000 p, 171) traz questionamentos importantes no que se refere à proliferação de cooperativas de trabalho como um campo controverso. Argumenta que existem iniciativas bastante promissoras de integração e formação de redes ou instâncias de aglutinação, inclusive se constituem como um fenômeno mundial, amplo, sem desconsiderar que cada realidade tem fatores explicativos diferenciados.

De acordo com ele, existem algumas razões que se colocam especialmente para as cooperativas de trabalho, são segmentos polêmicos, “primeiro porque se sabe que é aí que proliferam as cooperativas de fachadas, as falsas cooperativas, muitas vezes criadas como departamentos de produção disfarçadas coligadas a empresas”.

Estas se apresentam como um retrocesso das relações de trabalho assalariadas, na medida em que estes trabalhadores não têm as vantagens das cooperativas autênticas, muitas se caracterizam como sendo piores, por que nem os direitos mais elementares são reconhecidos. Entretanto, outra razão emerge pela qual as cooperativas de trabalho são polêmicas, muitas nascem e logo em seguida se inserem dentro de uma cadeia produtiva. Os jovens criam raízes na própria incompletude da vida, se definem e se redefinem, chamam a atenção da sociedade inteira, como diz Melucci (2001), para produzirem sua própria existência, ao contrário de processos de submissão, exigem direitos, não só para eles, nem só para seus pares, mas para os que convivem no planeta. São sensíveis, solidários.

É na complexidade destas relações entre família, escola, formação, o lugar do trabalho em suas vidas e seus sentidos, seus projetos e sonhos, nas formas associativas, que os jovens constroem a sua subjetividade e estabelecem redes de relações sociais significativas. É nestas múltiplas formas de viver, como partícipes de grupos, de ações sociais, como filhos, trabalhadores, desempregados, colegas na escola e nos cursos de formação, que constroem suas trajetórias identitárias, estas, por sua vez, se apresentam ressignificadas, num movimento que é ao mesmo tempo permanente e cambiante, circundante, múltiplo na modelagem do curso de suas vidas.

Finalmente, deixam-se questões em aberto para novos estudos, problematizações e pesquisas, aprofundamento sobre as políticas públicas sobre juventude no município, investigações sobre programas, ações, atividades, que avançam em concepções dos jovens como sujeitos de direitos, expressões culturais de grupos de músicas de rock ou outros estilos para além da música religiosa, redes de sociabilidades e lazer na cidade, ética e juventude, participação em movimentos sociais e ecológicos, jovem e violência, juventude e as questões afro-descendentes, outras práticas educativas no município, a construção da identidade em outros grupos juvenis, modos de vida dos nativos jovens e seus antepassados, as mudanças nas profissões do mundo adulto e o mundo jovem, choques culturais entre os modos de vida tradicionais e os modos de viver em sociedades complexas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED. Número Especial , n. 5 e 6, 1997.

_____. **Cenas Juvenis - punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ANTUNES, Ricardo. **O novo sindicalismo**. São Paulo: Brasil Urgente, 1991.

_____. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARROYO, Miguel G. **As relações sociais na escola e a formação do trabalhador**. In: FERRETTI, Celso João; JÚNIOR, João dos Reis Silva; OLIVEIRA, Maria Rita N. Sales. Trabalho, Formação e Currículo. São Paulo:Xamã, 1999.

_____. **Trabalho - Educação e Teoria Pedagógica**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Educação e crise do trabalho: perspectiva de final de século. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ARRUDA, Marcos. Um novo humanismo para uma nova economia. In: KRAYCHETE, Gabriel; LARA, Francisco; e COSTA, Beatriz (orgs). Economia dos Setores populares: Entre a realidade e a utopia. Petrópolis: Vozes, 2000.

AUED, Bernadete Wrublevski. **Histórias de profissões em Santa Catarina**. Ondas largas “civilizadoras”. Florianópolis: UFSC/SINE, 1999.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

BAGGIO, Sandro. **A Revolução na Música Gospel**. São Paulo: Êxodos, 1997.

BAJOIT, Guy; FRANSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED Número Especial, 5 e 6 , 1997.

BALANDIER, Georges. **O dédalo: para finalizar o século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única – obras escolhidas VII**. Tradução de Rubens Rodrigues Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BIBIANO, Rui. **A juventude como objeto da história**. Texto de quatro páginas, extraído no dia 20/04/2003, disponível na homepage http://www.aph.rhtcts.pt/opinião_0208.html,

BOCK, Silvio D. A inserção do jovem no mercado de trabalho. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virginia; SPOSITO, Marília Pontes (orgs). **Revista Juventude em Debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

_____; em colaboração com Muller Werner. **Princípio de compaixão e cuidado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARÓ, Ignacio Martín. **Acción e ideología**. El Salvador: UCA editores, 1999.

BARONE, Elisa Rosa. Educação e políticas públicas: questões para o debate. **Boletim do Senac** - vol 26 - número 3, setembro/dezembro, 2000.

BERGER, Paulo. **Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Florianópolis: Assembléia Legislativa, 1979.

CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro** - Notícia I. Florianópolis: UFSC, 1971.

CADERNOS DA PASTORAL DA JUVENTUDE DE SANTA CATARINA. Disponível na homepage http://pastoral.sc/juvent_cadernos.cld/lut. Extraído no dia 10/10/2003.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude: as identidades são múltiplas. In: Juventude, Educação e Sociedade. **Revista da faculdade de educação da UFF**. Rio de Janeiro: DP&A, n.º. 1, maio de 2000, 52-72.

_____. **Juventudes e Cidades Educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

CARVALHO, Giane Carmem Alves de. **O Jovem nas Políticas Públicas Municipais de Florianópolis**. Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC. (Monografia) de Conclusão do Curso de Ciências Sociais, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHIESI, Antonio; MARTINELLI, Alberto. O trabalho como escolha e oportunidade. In: *Juventude e Contemporaneidade*. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, Número Especial, 5 e 6, 1997.

COLBARI, Antonia L. **Ética do Trabalho**. São Paulo: Letras & Letras, 1995.

CORAGGIO, José Luiz. **Desenvolvimento Humano e Educação**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1996.

_____. **Da economia dos setores populares à economia do trabalho**. In: KRAYCHETE, Gabriel; LARA, Francisco; e COSTA, Beatriz (orgs). *Economia dos Setores populares: Entre a realidade e a utopia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CORROCHANO, Maria Carla & NAKANO, Marilena. **Jovens, mundo do trabalho e escola**. In: SPOSITO, Marília P. (coord) . *Juventude: estado de conhecimento*. São Paulo, 2000, p.318 . Texto disponível na homepage <http://www.acaoeducativa.org>.

CORROCHANO, Maria Carla. **Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo dos jovens operários de São Bernardo do Campo**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado), 2001

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CUNHA, Luiz Antonio. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. São Paulo: UNESP, Brasília, DF: Flacso, 2000.

_____. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. São Paulo: UNESP, Brasília, DF: Flacso, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Cultura Y Comunicación: entre lo global y lo local**. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: DAYRELL, Juarez (Org). *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura*. Belo Horizonte:UFMG, 1999.

_____. **O Jovem como sujeito social**. Texto apresentado na 25ª reunião da ANPED, anais 2002.

_____. **O rap e o funk na socialização da juventude.** Educ. Pesqui (online) jan./jun. 2002, vol.28, no. 1, p. 117-136. Disponível na Word Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php>.

Documento da Unitrabalho e Confederação Nacional dos Metalúrgicos. **“Diagnóstico da formação profissional: ramo metalúrgico”**, elaborado por vários autores. São Paulo: Artchip, novembro de 1999.

Documentação dos microdados da amostra do censo demográfico 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. CD Rom adquirido no IBGE em março de 2003.

DORNELES, Malvina do Amaral. **Lo publico y lo popular en el ambito racionalizador del orden pedagogico moderno.** Faculdade de Filosofia y Humanidades. Universidad Catolica de Córdoba, Argentina, (Tese de Doutorado) 1996.

DORNELES, Vanderlei. **Transe Místico: o fator de identificação entre o culto carismático e o culto primitivo.** Terceiro capítulo da dissertação de Mestrado “Liturgia Pentecostal Rompe Barreiras entre o Religioso e o Popular”, extraída da homepage <http://www.advir.com.Br/sermões/musicaemovimentocarismatico>. Htm, data 25/08/2003.

DUBET, François. **Sociologie de l’expérience.** Paris: Seuil, 1994.

DUBET, François et MARTUCCELLI, Danilo. **À l’école, Sociologie de l’expérience scolaire.** Paris: Seuil, 1996.

DURAND, Olga Celestina da Silva. **Jovens da Ilha de Santa Catarina: Sociabilidade, socialização.** Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. Tese de Doutorado, 2000.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador.** Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **O lazer no espectro do tempo livre.** In: A busca da excitação. Lisboa:Difel, p. 139-186, 1992.

ELLIS, Normandi. **Deusas e Deuses Egípcios: festivais de luzes.** São Paulo: MADRAS, 2003.

FIDALGO, Fernando. **A formação profissional negociada: França e Brasil, anos 90.** São Paulo: A . Garibaldi, 1999.

FISCHER, Nilton Bueno. Educando o pesquisador: relações entre o objeto e o objetivo. In: **Estudos Leopoldinenses-Série Educação**, vol. 3, n. 5, 1999.

_____. **Movimentos Sociais e Educação: uma reflexividade instituinte.** In: HYPOLITO, Álvaro Moreira e GANDIN, Luiz Armando (orgs). Educação em tempos de incertezas. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FONSECA, Claudia. **Caminhos da Adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.

FRANCO, Maria Ciavatta. Formação profissional para o trabalho incerto: Um estudo comparativo Brasil, México e Itália. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito** In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1999.

GAIGER, Luiz Inácio. **Sentido e possibilidades da economia solidária hoje**. In: KRAYCHETE, Gabriel; LARA, Francisco; e COSTA, Beatriz (orgs). Economia dos Setores populares: Entre a realidade e a utopia. Petrópolis: Vozes, 2000.

GIOVINAZZO, Carlos Antônio. **Reflexões sobre a formação da juventude e da adolescência na sociedade moderna**. Trabalho completo apresentado no Colóquio Nacional “Dialética Negativa, Estética e Educação”. Disponível na homepage http://órbita.starmedia.com/escola_de_Frankfurt/Carlos.ht/

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **A concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid: Tauros, 1987. Tomos I e II

_____. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HIRATA, Helena. **Da polarização das qualificações no modelo das competências**. In: FERRETTI, Celso et alli (orgs). Tecnologias, trabalho e educação. Um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1994.

KUENZER, Acácia. **Educação e Trabalho no Brasil**: o estado em questão. Brasília: INEP/MEC, 1987.

_____. **A reforma do ensino técnico no Brasil e suas consequências** In: FERRETTI, Celso, JUNIOR, João dos Reis Silva, OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. Trabalho, formação e currículo. São Paulo:Xamã, 1999.

_____. **Educação profissional: Categorias para uma nova pedagogia do trabalho**. Texto disponível na homepage <http://www.senac.br/boletim/boltec252.htm>, do dia 30/06/2001.

_____. **Ensino Médio: novos desafios**. In: Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000.

KUHNEN, Ariane. **Lagoa da Conceição: meio ambiente e modos de vida em transformação**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002

LACLAU, Ernesto. **Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social**. In: Revista de Ciências Sociais, vol. 2, p. 41-47.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1996.

LEÓN, Oscar Dávila. **La década perdida en política de juventud en Chile; o la década del aprendizaje doloroso?**. In: LEÓN, Oscar Dávila. Políticas públicas de juventud en América Latina: Políticas Nacionales. Vinã del Mar: Ediciones CIDPA, 2003. Artigo extraído na íntegra na homepage <http://www.Cidpa.cl/>.

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. Volume 1 (da Antiguidade à era moderna). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LINS, Hoyêdo Nunes. **Herança Açoriana e Turismo na Ilha de Santa Catarina**. Boletim de Ciências Sociais, Florianópolis: UFSC, n14, vol. 10, setembro, 1993, p.89-117.

LISBOA, Armando de Melo. **Identidade insular na ilha de Santa Catarina**. Trabalho apresentado no seminário sociedades insulares, NUPAUB-USP, 1996.

MACHADO, Lucília R. de Souza. **Educação e divisão social do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1982.

_____. **Politecnicidade no ensino médio**. São Paulo: Cortez; Brasília: SENE, 1991.

_____. **Mudanças na ciência e na tecnologia e a formação geral em face da democratização da escola**. In: WERNER, Markert (org). Trabalho, qualificação e politecnicidade. Campinas: Papyrus, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MAHEIRIE, Kátia. **Sete mares numa Ilha: A mediação do trabalho acústico na construção da identidade coletiva**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC. São Paulo, (Tese de Doutorado), 2001.

_____. **Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

_____. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. In: **Revista Interações.** Vol. VII, n. 13 . p. 31-44, jan-jun, 2002.

MAIA, Marco Aurélio Spall. **Uma experiência inovadora.** In: Trabalho, Educação e Cidadania, reflexões sobre o programa Integrar-RS. Porto Alegre: CNM/CUT, 1999.

MARQUES, Maria Ornélia da Silveira. Escola noturna e jovens. In : Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo: ANPED. Número Especial , n. 5 e 6, 1997.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples.** São Paulo: Hucitec, 2000.

MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza. O jovem no mercado de trabalho. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo: ANPED. Número Especial, 5 e 6, 1997.

MARTINS, João Batista. **Marolas antropológicas: identidades em mudança na praia do Santinho.** Pós-graduação de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. (Dissertação de Mestrado) , 1995.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos- filosóficos.** Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. **O Capital.** Livro I, vols. 1 e 2, Livro III, vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MELUCCI, Alberto. **Il gioco dell'io: il cambiamento de sé in una società globale.** Milano: Editore Feltrinelli, 1992.

_____. **Movimentos sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento** - entrevista a Leonardo Avritzer e Timo Lyyra. Novos Estudos Cebrap. São Paulo, Cebrap, n. 40, p. 152-166, 1994.

_____. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação** São Paulo: ANPED. Número Especial, n. 5 e 6, 1997.

_____. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas.** Petrópolis: Vozes, 2001.

_____; FABBRINI, Anna. **L'étá dell'óro: adolescenti tra sogno ed esperienza.** Milano: Feltrinelli, 1992.

MILLS, W. C. **Apêndice. Do artesanato intelectual.** In: MILLS, W. C. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975 - pg 211-243.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, . Número Especial, 5 e 6, 1997.

MISI, Márcia Costa. **Cooperativas de Trabalho: Direito do Trabalho e Transformação Social no Brasil**. São Paulo: LTR, 2000.

MODESTO, Ana Lúcia. **Religião, escola e os problemas da sociedade contemporânea**. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos Olhares: sobre educação e cultura**. Belo Horizonte:UFMG, 1999.

MORAES, Carmem Sylvia V. A reforma do ensino médio e a educação profissional.In: **Revista Trabalho e Educação**. Belo Horizonte, n. 3, jan/jul, 1998.

MORIN, Edgar. **Meus Demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

NAKANO, Marilena. **Jovens: Vida Associativa e Subjetividade: um estudo dos jovens do Jardim Oratório**. Departamento de História e Filosofia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. (Dissertação de Mestrado) 1995.

NOSELLA, P. **A escola de Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

NOVAES, Regina R. Entrevista/Regina Novaes. *Jornal do Brasil ON LINE*, 09/09/2001. Disponível na homepage: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2001/09/08/jorcid20010908004.html>.

_____. Entrevista/Regina Novaes. *Jornal da Cidadania/IBASE*, dez, 1999 e jan.2000. Disponível na homepage <http://www.ibase.br>.

PADOIN, Egre. **Educação e Inserção no Mercado de Trabalho: um estudo a partir da intermediação de emprego**. Florianópolis/SC, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. (Dissertação de Mestrado), 2000.

PAIS, José Machado. **Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro** Porto: : Ambar, 2001.

_____. **Culturas Juvenis**. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular em busca de alternativas: Uma leitura desde o Campo Democrático e Popular**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, Número especial, n° 5 e 6, 1997.

POCHMANN, Márcio. **A batalha pelo primeiro emprego**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

_____. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 1990. In: Juventude, Educação e Sociedade. **Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense**, n.1, maio de 2000.

_____. **Colchão social exclui “neopobres” do país**. Entrevista na Folha de São Paulo, do dia 09/05/2003.

RAITZ, Tânia Regina. **Sujeitos plurais assessorando um movimento popular em Florianópolis: estudo de caso de uma Organização Não-Governamental**. Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. (Dissertação de Mestrado) em Sociologia Política, 1994.

REIS, Jair Teixeira dos. **Trabalho voluntário e os direitos humanos**. Pontífica Universidade Católica de Belo Horizonte. Belo Horizonte. (Monografia) final do Curso de Aperfeiçoamento de Direitos Humanos e Direitos dos cidadãos, 2001.

RIBEIRO, Marlene. É possível vincular educação e trabalho em uma sociedade “sem trabalho”? In: **Revista da Universidade Católica de Pelotas**. Pelotas-RS: Educat, n° 1, vol. 8, jan a junho, 1999, pg. 5-27.

ROCHA, Ruth. **Minidiocionário**. São Paulo: Scipione, 1999.

RODRIGUEZ, Ernesto. **Juventud y desarrollo em América Latina: desafios y prioridades em el comienzo de um nuevo siglo**. Disponível na homepage <http://www.Colombiajoven.gov.co/injuve/instit/celaji/>, extraído no dia 20/09/2003.

RUA, Maria das Graças. **As políticas públicas e Juventude dos anos 90**. In: jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília: CNPD, 2v, 1998.

RUMMERT, Sonia Maria. **Educação e Identidade dos Trabalhadores: as concepções do capital e do trabalho**. São Paulo:Xamã; Niterói: Intertexto, 2000.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Simone Valdete dos. **Qualificar RS: implementação de políticas públicas em Educação Profissional, na contramão da desordem do desemprego**. Porto Alegre, Faculdade de Educação, (Proposta de Tese de Doutorado), 2001.

_____. **O Ser e o Estar de Luto na Luta: Educação Profissional em Tempos de Desordem**. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. (Tese de Doutorado), 2003.

SANTOS, Jailson Alves. **A trajetória da Educação Profissional** In: LOPES, Eliane e FILHO, Luciano. 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SARTI, C. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: FAPESP/Autores Associados, 1996.

SAWAIA, Bader B. **“O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão”**. In: As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999. pg. 97-118.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Apresentação trabalho Lagoa da Conceição**. In: KUHNEN, Ariane. Lagoa da Conceição: meio ambiente e modos de vida em transformação. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

_____. **Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade**. Psykhe. Vol. 8, n. 1, 1999. pg. 19-25.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SERRES, Michel. **Diálogo sobre a Ciência, a Cultura e o Tempo**. Lisboa: Instituto Piaget/Epistemologia e Sociedade, 1996.

SHIROMA, Eneida; CAMPOS, Roselane. **Qualificação e reestruturação produtiva: um balanço das pesquisas em educação**. In: Revista Educação e Sociedade. Campinas:Unicamp, ano XVIII, n.61, dez/1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal**. MORAIS FILHO, Evaristo (org) Simmel. São Paulo: Ática, 1983.

SILVA, Gilberto Ferreira da. **Do multiculturalismo à educação intercultural. Estudo dos processos identitários de jovens das escolas públicas de ensino médio na região metropolitana de Porto Alegre**. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. (Tese de Doutorado), 2001.

SINGER, Paul. **Economia dos setores populares: propostas e desafios**. In: KRAYCHETE, Gabriel; LARA, Francisco e COSTA, Beatriz (orgs). Economia dos Setores populares: Entre a realidade e a utopia. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPINOSA, B. **Ética**, 3ª edição, São Paulo: ATENA, 1957.

SPOSITO, Marília Pontes. **A ilusão fecunda**. São Paulo: EDUSP/Hucitec, 1993.

_____. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos, ação coletiva da cidade**. In: Revista de Sociologia da USP. São Paulo, vol. 1-2, p. 161-178, nov. 1994.

_____. Estudos sobre juventude em educação. In: **Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação**. Número Especial, 5 e 6. São Paulo: ANPED, 1997.

_____. **Juventude: Crise, identidade e escola** In: DAYRELL, Juarez (Org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **Educação e Juventude**. In: **Educação em Revista**, FEA/UFMG, n° 29/ p. 3-9, junho, 1999.

_____. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n. 13, 2000.

_____. **A produção de conhecimentos sobre juventude na Área de Educação** no Brasil. Texto retirado da homepage <http://www.hottopos.com/harvard4/marilia.htm>, de 20/06/2001.

SPOSITO, Marília Pontes Y CARRANO, Paulo. **Juventud y Políticas Publicas em Brasil**. In: LÉON, Oscar Dávila (editor). **Políticas publicas de juventud em América Latina: Políticas Nacionales**. Vinã Del Mar: Ediciones CIDPA, 2003. Artigo extraído na íntegra na homepage <http://www.Cidpa.cl/>

SOUZA, Carmem Zeli Vargas Gil de. **No tecer da vida, a juventude; No tecer da juventude, a vida: Práticas educativas de jovens de Santo Antonio da Patrulha, em grupos de música e religião**. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. (Dissertação de Mestrado) , 2003.

SOUZA, Donald de; SANTANA, Marco Aurélio; DELUIZ, Neise. **Trabalho e educação: centrais sindicais e reestruturação produtiva no Brasil**. Rio de Janeiro: Quarter , 1999.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

TAME, David. **O Poder Oculto da Música**. São Paulo: Cultrix, 1984.

THOMPSON, Edward. P. **A miséria da teoria: uma crítica do pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro:Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward. P. **Tradición, revuelta y consciencia de clase**. Barcelona: Crítica, 1984.

THOMPSON, Edward. P. **A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VARELA, Julia; URIA-ALVAREZ, Fernando. A maquinaria escolar. In: **Revista Teoria e Educação**. Porto Alegre, n° 6, p. 68-96. 1992.

VASCONCELOS, Iari de Menezes. **Reverendo a formação profissional: competência e identidade**. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. (Dissertação de Mestrado), 1995.

VIEIRA, Osnildo. **Análise da intermediação de mão-de-obra no SINE/SC entre 1999 e 2002**. Informativo SINE/SC. Florianópolis, março 2003.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**. São Paulo: brasiliense, 1985.

ZUCHETTI, Dinorá. **Jovens: a educação, o cuidado e o trabalho como éticas de ser e estar no mundo**. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. (Tese de Doutorado) , 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1980

_____. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

WEFFORT, Madalena Freire. **“O que é um grupo”**. In: Grupo – indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento. WEFFORT, Madalena Freire et alii. Seminários Espaço Pedagógico. São Paulo, 1994.

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
 PESQUISADORA: TÂNIA REGINA RAITZ
 ORIENTADOR: Dr. NILTON BUENO FISCHER

QUESTIONÁRIO COM EGRESSOS DOS CURSOS DE FORMAÇÃO
 PROFISSIONAL DO SENAI E CUT REALIZADOS COM RECURSOS DO FAT EM
 1999 E 2000 EM FLORIANÓPOLIS

1. Data de aplicação do questionário: ____/____/____
 Local da entrevista (residência, trabalho ou outro local): _____
 Nome do curso:
 Tempo de realização do curso: _____
 Entidade executora:

2. Nome do entrevistado:
 Data de nascimento:
 Local de nascimento:
 Local de residência:
 Estado civil:
 Sexo: feminino () masculino ()
 Situação atual de moradia : () mora sozinho () mora com a família

3. Qual sua escolaridade? (*registrar sua última situação*)

<input type="checkbox"/> nunca estudou <input type="checkbox"/> até a 4 ^a série incompleta <input type="checkbox"/> até a 4 ^a série completa <input type="checkbox"/> até a 8 ^a série incompleta <input type="checkbox"/> até a 8 ^a série completa <input type="checkbox"/> ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/> ensino médio completo <input type="checkbox"/> ensino superior incompleto <input type="checkbox"/> ensino superior completo <input type="checkbox"/> está estudando
--	---

4. No caso de estar estudando, colocar a escolaridade e qual o curso:

5. Qual sua situação de trabalho atual?

<input type="checkbox"/> trabalha	<input type="checkbox"/> não trabalha	<input type="checkbox"/> nunca trabalhou
-----------------------------------	---------------------------------------	--

6. Se está trabalhando, qual sua situação de trabalho ?

<input type="checkbox"/> por conta própria
<input type="checkbox"/> trabalho remunerado exercido regularmente
<input type="checkbox"/> trabalho remunerado exercido de forma irregular, não procurando trabalho diferente do atual
<input type="checkbox"/> negócio familiar
<input type="checkbox"/> servidor público
<input type="checkbox"/> dono do próprio negócio

- membro de associação . Qual? _____
- assalariado com carteira assinada
- assalariado sem carteira assinada
- faz bicos, trabalhador eventual
- empregado doméstico
- faz parte de cooperativa. Qual? _____
- outra situação. Qual? _____

7. Qual sua renda?

- menos de um salário mínimo
- de 1 a 2 salários mínimos
- de 2 a 3 salários mínimos
- de 3 a 4 salários mínimos
- de 4 a 5 salários mínimos
- 5 ou mais

8. Se mora com a família, quanto é a renda total que possuem?

- menos de um salário mínimo
- de 1 a 2 salários mínimos
- de 2 a 3 salários mínimos
- de 3 a 4 salários mínimos
- de 4 a 5 salários mínimos
- 5 ou mais

9. Você ajuda nas despesas da casa?

- Sim Não

10. Depende da família financeiramente?

- Sim Não

11. Se não está trabalhando, qual sua situação de trabalho?

- já trabalhou, mas no momento está desempregado
- desempregado cadastrado no SINE com-seguro desemprego
- desempregado cadastrado no SINE sem seguro desemprego
- cadastrado em outra agência de emprego privada
- está procurando trabalho nos últimos 30 dias mas não exerceu nenhum trabalho nos últimos sete dias (desemprego aberto)
- procurou trabalho efetivamente nos últimos 30 dias ou nos últimos 12 meses e se encontra nas seguintes situações: trabalho irregular, remunerado, trabalho não remunerado de ajuda em negócios de parentes, trabalho recebendo exclusivamente em espécie ou benefício (desemprego oculto pelo trabalho precário).
- sem trabalho e não procurou trabalho nos últimos 30 dias por desestímulo do mercado de trabalho ou por outras circunstâncias, mas procurou de forma efetiva trabalho nos últimos 12 meses.
- desistiu de procurar emprego por desânimo
- não está procurando emprego porque está estudando
- desempregado procurando emprego
- desempregado e com dificuldade para conseguir emprego
- está fazendo serviço militar
- desempregado e não tem dinheiro para procurar emprego ou montar negócio próprio

() Outra situação. Qual? _____

12. Se nunca trabalhou, marque por quê?

() Está em busca de seu primeiro emprego

() Está difícil conseguir o primeiro emprego

() Está fazendo o serviço militar

() Está só estudando e não consegue conciliar estudo e trabalho

() Não sabe como procurar emprego

() Outra situação. Qual ? _____

13. Tem encontrado dificuldades para conseguir uma ocupação?

() Sim () Não

14. Quais são as dificuldades? Escreva a principal dificuldade, a segunda maior dificuldade e uma terceira que lhe impedem de conseguir uma ocupação.

1. _____

2. _____

3. _____

15. Quais os meios de informação e locais que utiliza para buscar trabalho?

() folhetos

() cartazes

() anúncios de rádio

() anúncios de televisão

() anúncios de jornais

() sindicato

() balcão do SINE

() agências de emprego privadas

() indicação de amigos

() executora do curso

() Outros meios. Qual ? _____

16. Quanto ao curso de qualificação profissional que frequentou , quais foram os motivos principais que levaram a fazê-lo? (descreva três principais motivos por ordem de preferência)

1)

2) _____

3) _____

17. O curso de qualificação profissional que frequentou contribuiu para conseguir trabalho?

() Sim () Não

18. Quais foram os efeitos que o curso teve na sua vida profissional após sua realização?
(descreva três principais motivos por ordem de preferência)

1) _____

2) _____

3.) _____

19. Responda se já concluiu o curso:

A entidade que lhe ofereceu o curso mantém alguma forma de contato com você:

() Sim () Não

Se respondeu que sim, assinale de que forma:

() através de cartas

() com reuniões

() realizando entrevistas

() encaminhando para possíveis empregos/trabalhos

() Outra forma. Qual? _____

20. Quanto ao conteúdo desenvolvido no curso que você frequentou, qual sua opinião?

() Ótimo () Bom () Regular () Péssimo

21. O que você mais gostou no curso que frequentou? Escreva três principais motivos por ordem de preferência.

1.) _____

2.) _____

3.) _____

22. O que você menos gostou do curso que frequentou? Escreva três principais motivos por ordem de preferência.

1) _____

2) _____

3) _____

23. Se você pudesse mudar algum aspecto no curso, o que mudaria? Escreva três destes aspectos por ordem de preferência.

1) _____

2) _____

3) _____

24. Quais outros assuntos que você gostaria que estes cursos tratassem e estivessem relacionados com seu momento de ser jovem? Descreva até três assuntos por ordem de preferência.

1) _____

2) _____

3) _____

25. Você participa de alguma forma associativa na sua comunidade ou no município?

Time de futebol

Grupo funk

Grupo de pagode

Grupo de rapp

Grupo de hip hop

Associação de moradores

Grupo de mulheres

Movimento ecológico

Pastoral da juventude

Grêmio estudantil

Grupo de surfe

Outra. Qual? _____

26. O curso que frequentou se parece com a escola regular?

Sim

Não

Justifique sua resposta

27. Quando você não está trabalhando, nem estudando, o que costuma fazer?

Escreva três opções por ordem de preferência.

1) _____

2) _____

3) _____

28. Quais são, na sua opinião, os melhores meios para aprendizagem? Escolha as três principais alternativas:

Família

Trabalho

Curso de qualificação profissional

Escola

Igreja

Grupo funk

Participando de cooperativas

- () Movimento ecológico
- () Grêmio estudantil
- () Rádio
- () Associação de moradores
- () Livros
- () Revistas
- () internet
- () Conversando com amigos
- () Trabalho voluntário
- () Grupp de rapp
- () Grupo de surfe
- () Grupo de mulheres
- () Televisão
- () Jornais

Sua contribuição é extremamente importante no que se refere à sua situação de trabalho, dos processos educativos, da participação em formas associativas, dos cursos de Educação Profissional. Essa participação é essencial para que se possa pensar nas políticas públicas sobre juventude no município de Florianópolis. Peço por gentileza que deixe registrado seu endereço e telefone para que possa encontrá-lo.

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone para contatos/recados: _____

Muito Obrigada!

ANEXO B – LISTA DOS JOVENS NÃO LOCALIZADOS NA PESQUISA

Relação e justificativa dos jovens não encontrados, endereços incompletos ou que não se dispuseram à aplicação do questionário.

Florianópolis e bairros:

1) Fernanda Virgínia Lucas – **Bairro Cachoeira do Bom Jesus**

Não se mostrou disponível a contribuir com o questionário após explicação dos objetivos da pesquisa.

2) Anselmo dos Santos Afonso – **Bairro Cachoeira do bom Jesus**

Não estava em casa, o questionário e dinheiro foram deixados com sua mãe para enviar pelo o correio caso tivesse interesse em participar da pesquisa, no entanto nunca recebi seu envio.

3) Carolina Vieira – **Bairro Ponta das Canas**

Não mora no endereço colocado na ficha de inscrição, ninguém a conhece.

4) Maria Aparecida Schork – **Bairro Ponta das Canas**

Foi morar em Joinville com o propósito de estudar.

5) Marcos Antonio de Almeida – **Bairro Lagoinha**

Mudou-se e os vizinhos desconhecem seu novo endereço.

6) Rafael Linhares Marques – **Bairro Ponta das Canas**

Fez matrícula mas não cursou por causa da idade, 15 anos.

7) Jean Gilberto Leonardo Ferreira – **Bairro Ponta das Canas**

Mudou-se para Santo Antonio de Lisboa, mas os vizinhos não sabiam informar seu novo endereço.

8) Thiago Linhares Marques – **Bairro Ponta das Canas**

Esse jovem vive uma situação de trabalho que eles chamam “embarcado”, viajante de barcos pesqueiros. Na conversa que tive com seus pais me informaram que provavelmente estaria em casa naquele final de semana que era dia dos pais. Liguei na sexta feira, conversamos, expliquei sobre a pesquisa e

marcamos para sábado a tarde minha chegada. Estava na Lagoa da Conceição, teria que pegar dois ônibus, levaria mais ou menos umas duas horas, mas o jovem disse que não teria problema que esperaria. Cheguei no horário marcado e qual minha surpresa? Na verdade foi mais desapontamento, pois ele não estava em casa e ninguém sabia onde se encontrava. Fiquei uma hora na espera e nada. Resolvi desistir bastante decepcionada.

9) Jocemara Tricheis – **Bairro Cachoeira do Bom Jesus**

Mudou de endereço a algum tempo, e ninguém soube informá-lo.

10) Fabiana João de Deus – **Bairro Ponta das Canas**

Inscreveu-se no curso mas não foi sorteada, já seu irmão que é caseiro num Condomínio residencial fez o curso.

11) Marcos Ricardo Borges – **Bairro Lagoinha**

Não havia ninguém com este nome no endereço indicado, deu o endereço errado.

12) Cássio Roberto Veck Bazzan – **Bairro Canasvieiras**

Mudou-se para o Rio Grande do Sul.

13) Valdecir Geremia – **Bairro Canasvieiras**

Não foi encontrado, na época seu endereço era o camping de Canasvieiras. Conforme o atendente estava de férias acampado, mas não saberia onde localizá-lo no momento.

14) Sandra Regina Rodrigues – **Bairro Ribeirão da Ilha**

Aceitou responder o questionário, mas faltou duas vezes ao nosso encontro, resolvi não insistir.

15) Dirmei Pinto de Barros – **Bairro Ribeirão da Ilha**

No seu endereço não consta número, também não existe ninguém com este nome no telefone colocado na ficha de inscrição.

16) Ricardo Osdir Martins - **Bairro Ribeirão da Ilha**

Seu endereço está sem número o que dificulta encontrá-lo, pois a Rodovia Baldicero Filomeno é muita extensa.

17) Elaine Maria de Souza – **Bairro Ribeirão da Ilha**

Outro caso de endereço sem número e telefone.

18) Carmelita Tristão da Silva – **Bairro Ribeirão da Ilha.**

Número do telefone não ativado, endereço sem número, difícil achar a jovem, pois a rodovia é muito extensa vai até o número 15.000, não tem como procurar uma vez que levaria muito tempo percorrendo residência por residência.

19) Patrícia Alexandra Borba – **Bairro Monte Cristo**

A jovem trabalhava de empregada doméstica, mas não mora mais no local e ninguém sabe para onde foi.

20) Cristiano Veloso Rodrigues – **Bairro Monte Cristo**

A rua é muito extensa, ficou difícil achá-lo, o endereço está incompleto sem telefone.

21) Maria Zenir Pereira – **Bairro Monte Cristo**

O mesmo caso do anterior, este bairro da periferia é muito problemático em relação a ordenação das ruas, as vezes existe dois números nas casas, complicado saber qual é o válido.

22) Valmir Zacharias - **Bairro Monte Cristo**

O mesmo caso do anterior, endereço incompleto sem telefone.

23) Cristiano Lourenço Antunes – **Bairro Monte Cristo**

Rua desconhecida, conversando com as pessoas no bairro ninguém conhece.

24) Bruno Leonardo Gonçalves Isami – **Bairro Monte Cristo**

O mesmo caso dos anteriores, endereço incompleto e sem telefone.

25) Ademir Campolim Pessoa - **Bairro Monte Cristo**

O mesmo caso dos anteriores, endereço incompleto e sem telefone.

26) Gisele Guckert Sperber – **Bairro Centro**

Se mudou para outra cidade, Itajaí/SC

27) Maria Elisa Barreto da Silva – **Bairro Centro**

Disse nunca ter feito curso no SENAI, questionei que seu nome estava na ficha de inscrição, mas afirmou nunca ter feito.

28) Charlene Ferreira dos Anjos – **Bairro Centro**

Foi morar no Rio de Janeiro, esposa de um marinho transferido para esta cidade.

29) Françoise Patrícia Pavan – **Bairro Centro**

Fez apenas um dia de curso (costura industrial), desistiu na primeira aula porque achou que tinha muitos alunos, sala muito cheia, decidi não aplicar o questionário, uma vez que a aluna não conseguiria fazer avaliações.

30) João Barbosa Filho – **Bairro Centro**

O telefone não corresponde, endereço sem o número e ninguém conhece jovem.

31) Fernanda Alves Godinho da Silva – **Bairro Centro**

Esta jovem deixou o endereço de uma confecção, em contato com a proprietária esta informou que a Fernanda não trabalha mais no local já a dois anos.

32) Letícia Fagundes – **Bairro Córrego Grande**

Não mora mais no local, foi morar nos Ingleses mas ninguém sabe onde.

33) Rosane Ribeiro Branco – **Bairro Agrônômica**

O telefone não corresponde, a rua existe, porém o número não existe, vizinhos não conhecem-a.

34) Leandro Pereira da Silva – **Bairro Agrônômica**

O telefone também não corresponde, número da residência não existe, conversei com o carteiro que estava descendo a rua, confirmou que este número não existe.

35) Gustavo Pires – **Bairro Capoeiras**

Se mudou para São Paulo para estudar.

36) Maria de Fátima Espírito Santo da Silva - **Bairro Capoeiras**

Esta senhora tem 48 anos, já é avó, disse que é muito estranho mas nunca fez curso no Senai (seu nome consta na ficha de inscrição como se tivesse 21 anos, curso de bordado à máquina). Tinha sido selecionada no SIGAE pela faixa etária.

37) Bruna Mansani Silva - **Bairro Capoeiras**

Conforme moradores deste residencial esta jovem morou neste endereço, mas mudou-se faz um ano.

38) Anna Paula Ferminella – **Bairro Lagoa da Conceição**

Não mora mais no local e os vizinhos não sabem onde localizá-la.

39) Ingrid da Silveira - **Bairro Itacorubi**

Na ida ao local a proprietária da casa que consta no endereço da jovem, disse que estava alugada para ela, mas já saiu faz tempo, não tem conhecimento de seu endereço.

40) Ademar Moraes – **Bairro Saco Grande I**

Município Palhoça e bairros:

46) Edgar Geremias Fernandes – **Bairro Centro**

Mudou-se para outra cidade, Grão Pará/SC.

47) Marcos Aurélio João – **Bairro Ponta do Maruim**

Este jovem nos disse ser difícil falar com ele, não conseguimos marcar entrevista, estava sempre viajando com sua banda de vanerão.

48) Anderson Nazário Espíndola – **Jardim Eldorado**

Seu endereço está incompleto, a rua é enorme, teria que percorrer vários domicílios para poder encontrá-lo, o que dificultaria o término da pesquisa.

49) Fabiana Bitencourt – **Bairro Campinas**

Não encontrado, o endereço está sem número e nesta rua ninguém conhece este jovem, seu telefone também não corresponde.

41) Lucélia da Silva - **Bairro Ingleses**

O endereço está incompleto, residência sem número, difícil achar

42) Carla de Oliveira – **Bairro Ingleses**

Casou-se e foi morar em Curitiba, seus parentes voltaram para o Ceará.

43) Jayson Amaral da Silva – **Bairro Jardim Atlântico**

Foi morar com seus pais em Tijucas num sítio na BR 101 , km 169 , na localidade de Morretes.

44) Regiane Padilha Mendes - **Bairro Coqueiros**

A casa está fechada, conforme informações dos vizinhos ela foi a primeira moradora deste apartamento e já se mudou faz tempo, desconhecem seu paradeiro.

45) Sheila Duarte Portella - **Bairro Rio Vermelho**

Segundo contato telefônico esse número é de um posto de gasolina, ninguém conhece a jovem, como seu endereço está incompleto, fica difícil localizá-la.

O telefone não corresponde, não encontrada no endereço, vizinhos não conhecem

50) Thiago Roberto Schmidt – **Bairro Campinas**

Não quis contribuir com o questionário, está desempregado mas não teve interesse em participar da pesquisa, conforme sua mãe está num processo de depressão, não foi possível comunicação.

51) Daniela Gazola – **Bairro Campinas**

Nos disse que chegava em casa muito tarde, trabalha o dia todo e estuda a noite, nos finais de semana também não tem tempo.

52) Felipe Ferreira – **Bairro Kobrasol**

O endereço estava sem número do domicílio, a avenida é enorme o que acarretaria

muito tempo para fazer o percurso em todas as residências.

53) Fabrício Rodrigo Baixo – **Bairro Kobrasol**

O número do telefone mudou, o endereço está incompleto, complicado achá-lo, a rua é enorme, com muitos blocos de apartamentos..

54) Vivian Nunes – **Bairro Kobrasol**

Já morou neste endereço, mudou faz um ano e meio, o síndico não sabe onde localizá-la.

55) Edivânia Maria da Silva – **Centro de São José**

Endereço incompleto, não tem telefone, difícil achar a jovem.

56) Victor Klein – **Bairro Kobrasol**

O mesmo caso do anterior, endereço incompleto.

Município Biguaçu e bairros:

57) Edeval Júnior – **Bairro Bom Viver**

Está servindo o exército e conforme os pais é muito difícil falar com ele.

58) Vânia Machado Nunes – **Bairro Serraria**

Mudou-se e os vizinhos não sabem para onde, morava próximo ao endereço de inscrição.

Relação dos jovens que compõem o universo da pesquisa, mas não foi possível à aplicação dos questionários.

1) Robson de Souza

Rua Servidão Elvira Zumira Vieira, 123

Fone 99625591

Tapera

Rua Leonel Pereira, 99

Cachoeira do Bom Jesus

2) Débora Lucimar Vieira

Rua Baldicero Filomeno, 2017

Fone 3376368

9) Jean Carlos Dias

Rua São Cristóvão, 3035

Aririú – Palhoça

3) Clecia Maria da Silva Cunha

Rua 625, n 43

Canasvieiras

10) Rosangela Mara Siegel

Rua Olavo Bilac, 3998

Fone 2427645

Jardim Eldorado – Palhoça

4) Claudi Fernandes

Rua Aloizio Boatex, 2748

Cachoeira do Bom Jesus

11) Emerson Roberto Prestes

Rua 22 de Agosto, 230

Caminho Novo/Palhoça

5) Eliane Legal

Rua da Goiaba, 1485 – Cachoeira – casa

12) Lincon de Souza

Rua João Honorato Espíndola, 203

Barra do Iririú – Palhoça

6) Joel de Oliveira

Rua Servidão Dona Joana, 208 A – Ponta das Canas

2ª rua depois do restaurante italiano –

Josiani 91178079 – mãe Kátia

13) Josué Gomes de Oliveira

Rua Araranguá, 477

Jardim Aquarius - Palhoça

7) Clarinda Terezinha Alves

Ligar 99732256

14) Michel Rocha Espíndola Ouriques – CUT

Servidão Vargas, 77

Barra do iririú – Palhoça

8) Ângela Honorato

15) Osmar Vidal Rachadel Neto

Rua São Francisco do Sul, 458

Jardim Aquarius – Palhoça

16) Raul de Espíndola
Rua Nossa Senhora dos Navegantes, 601
Barra do Iriirú – Palhoça

17) Marisa Villace
Loteamento Santa Clara II, 100
Caminho Novo
Palhoça

18) Michel Carlos Cunha
Servidão Vargas, 77
Fone 2405120
Barra do Iriirú - Palhoça

19) Patrícia Corrêa
Rua Santos Dumont, 178
Roçado fone 2591158

20) Marcos José de Souza
Mandar questionário por e-mail
Biluga1313@hotmail.com.br
Celular 96071046

21) Fabiano Pedro de Souza
Ligar na próxima vez
Mora atualmente em Forquilha
Ligar depois das 18:00 horas
3573304

22) Joel dos Santos
Domingos Romão, 263
Ligar 3465102

23) André Anselmo
Rua Jeroncio Thives, s/n bloco
16, apto 03
Barreiros/SJ
Fone 3462092

24) Lielmar Marim Machado
Rua Nossa Senhora Guadalupe, apto 4
Barreiros /SJ fone 2581342

25) Luana Nunes Lopes
Rua São Luiz, 291
Barreiros/SJ
2580913

26) Karin Cristina Leite
Rua Raulino Raitz, 21
Barreiros/SJ
2580551

27) Gláucia Padilha dos Santos
Rua Roberto Borba, 657
Barreiros /SJ
Telefone 2468952

28) Natanael Hasse Victorino
Rua Antenor Valentim da Silva, 1687
Barreiros fone 3466356

29) Karen Cristine Machado
Rua Nove De Julho, 790
Barreiros /SJ
Fone 2462416 ou 9716782

30) Luiz Fabiano do Rosário
Rua Paulo Bastos ao lado do 74
Barreiros

31) Luiz Henrique Bernardo
Rua Irapuã, 1030
Barreiros

32) Anderson Pereira de Oliveira
Rua Alberto Pasqualini, 64
Estreito fone 2487618

33) Marcos Rodrigo Ferreira Franca de Farias
Rua 14 de julho 06 – estreito
Fone 2440966

34) Rodinei Ribeiro Albino
Rua professor Egidio Ferreira, n 95 – Monte
Cristo

35) Silvio Dias
Rua Egídio Ferreira, 03
Monte Cristo
Fone 2406682

36) Graciela Eger da Silva
Rua Joaquim Nabuco, 1100
Bloco 18 apto 104 fone 2814553

37) Anderson Henrique de Souza
Rua Maria Julia Ramos de Souza, 530
Capoeiras fone 2487820

38) Vanessa da Silva
Rua Custodio de Campos 155
Capoeiras

39) Shirlen Vidal de Oliveira
Rua João Gualberto Soares, 9543
Rio Vermelho

- 40) Luciana Zulma Sabino
Rua Do Muquem, s/n
Fone 99677305
Rio Vermelho
- 41)Nilton Nunes Novais
Rua Maurílio Nunes, casa 24
Fone 99732481
Rio Vermelho
- 42) Ana Paula Cardoso Silva
Rua Rio Ponche, s/n
Fone 99694564
Rio Vermelho
- 43)Gabriela Machado
Rua Luiz Oliveira de Carvalho, 207 bloco 6
apto 202
Fone 2334166
Trindade
- 44)Gisele de Aquino
Maria Luiza Rodrigues, 137
Fone 2347918
Caixa Econômica Federal da Trintade
(Universidade)
- 45)Tatiane Romila da Silva
Rua Donícia Maria da Costa, 114
Saco Grande II
- 46) Eudew dos Passos
Rua Tereza Lopes, 208
Fone 2379150
Morro das Pedras
- 47) Mariane de Quadros
Rua dos Eucaliptos, 1058
Fone 3370960 ou 2601177
Campeche
- 48) Andréia Catarina de Amorim
Rua José Antonio Leal Neto, 567
Jardim Janaína
Fone 2437225
Biguaçu
- 49) Renata Rubiê Leal
Rua Major Livramento, 895
Bloco H apto 203 – centro ponto de referência
supermercado
Gêmeos – fone 9720821
Biguaçu
- 50) Jane de Farias
Rua José Onofre Pereira, 1169
Fone 2511553
Bela Vista – Biguaçu ou São José
- 60) Salmir de Souza
Rua 13 de maio, s/n
Fone 99881236
Biguaçu
- 61) Cristiano Moraes Lopes
Loteamento Boa Vista, 39
Fone 2401520
José Nitro – São José
- 62) Márcia Marli Hasckel
Rua Geral Dona Lídia
Fone 9716925
Serraria – São José
- 63) Gabriela Duarte da Silva
Rua Leopoldina Marcelino, 888
Fone 3573120
Forquilhas – São José
- 64) Valéria Duarte da Silva
Rua Leopoldina Marcelino, 888
Fone 3573120
Forquilhas- São José
- 65) Josiani Antunes Costa
Rua papagaio, 395
Fone 2580496
Jadim Zanelato – São José
- 66) Sadi Fernandes da Rosa
Rua dos operários, 355
Fone 3489217
Jardim Zanelato – S. José
- 67)Alcinéia Marli Rodrigues
Rua Carlos Drumond de Andrade, 2740
Real Parque - S. José
- 68) Marcos Custodio Rodrigues
Rua Carlos Drumond de Andrade, 2740
Real parque – S.Jose
- 69) Roseli Domingues
Rua Georgina B. Neto, casa 17
Forquilha – S. Jose
- 70) Sandro de Souza
Rua Manoel Porto Filho , 282
Fone 3570801
Forquilhas – S.Jose

71) Carlos Alberto Pereira
Rua Santa Bárbara, 1173
Fone 2572115
Flor de Nápolis – S.Jose

72) Carlos Alexandre de Araújo
Rua General Vieira da Rosa, 75
Fone 2243322 – Imperatriz
Centro

73) Kelly Cristina Dias
Rua Aldo Alvez, 217 fundos
Casa 263
Fone 3335007
Saco dos Limões – Fpolis

74) Daniel Arruda Maria
Rua Airton Senna, 456
Fone 3336001
Caieira do Saco dos Limões - Fpolis

75) Juliana Gonçalves
Rua Flávia Tavez da Cunha Melo, 159
Fone 2490064
Coqueiros

76) Glaucus W. Farias
Rua Almirante Tamandaré, 530
Fone 3482571
Coqueiros

77) Anderson Schurhaus Godoi de Andrade
Rua Joaquim Neves, 88
Fone 22377061
Atrás da igreja – Pântano do Sul

78) Rodrigo Faturi
Beco dos Surfistas, 201
Fone 2323234 ou 99724895
Lagoa da Conceição

ANEXO C- TABELAS DOS QUESTIONÁRIOS E DOS MICRODADOS DO IBGE

Tabela 1: Sexo - egressos CUT e SENAI

	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Masculino	30	50	50	50
Feminino	30	50	50	100
Total	60	100	100	

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 2: Sexo por idade - Microdados IBGE 2000

Sexo	Faixa etária			Total
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Masculino	Frequência	2790	3913	6703
	Percentual (%)	49,9	49,8	49,8
Feminino	Frequência	2797	3950	6747
	Percentual (%)	50,1	50,2	50,2
Total	Frequência	5587	7863	13450
	Percentual (%)	100,0	100,0	100,0

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 3: Faixa etária - egressos CUT e SENAI

Faixa etária	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
de 16 a 19 anos	13	21,7	22,0	22,0
de 20 a 25 anos	46	76,7	78,0	100,0
Total	59	98,3	100,0	
Ausentes	1	1,7		
Total	60	100,0		

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 4: Faixa etária - Microdados IBGE 2000

Faixa etária	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
de 16 a 19 anos	5587	41,5	41,5	41,5
de 20 a 25 anos	7863	58,5	58,5	100,0
Total	13450	100,0	100,0	

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 5: Faixa etária por sexo - egressos CUT e SENAI

Faixa etária		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
de 16 a 19 anos	Frequência	4	9	13
	Percentual (%)	30,8	69,2	100,0
	Percentual (%)	13,3	31,0	22,0
de 20 a 25 anos	Frequência	26	20	46
	Percentual (%)	56,5	43,5	100,0
	Percentual (%)	86,7	69,0	78,0
Total	Frequência	30	29	59
	Percentual (%)	50,8	49,2	100,0
	Percentual (%)	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 2,600$; $p < 0,101$

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 6: Sexo por Faixa etária - Microdados IBGE 2000.

Sexo		Faixa etária		Total
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Masculino	Frequência	2790	3913	6703
	Percentual (%)	41,6	58,4	100,0
Feminino	Frequência	2797	3950	6747
	Percentual (%)	41,5	58,5	100,0
Total	Frequência	5587	7863	13450
	Percentual (%)	41,5	58,5	100,0

Pearson $\chi^2 = 0,039$; $p < 0,044$

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 7a: Curso - egressos CUT e SENAI

Curso	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Supletivo Ensino fundamental – SENAI	13	21,7	21,7
Supletivo Ens. Fund. (Recomeçar) – CUT	12	20,0	41,7
Informática Básica – SENAI	7	11,7	53,3
Costura Industrial - SENAI -	6	10,0	63,3
Desenho de Moda e estilismo – SENAI	6	10,0	73,3
Mecânica de motor diesel e de popa SENAI	6	10,0	83,3
Pintura de residência SENAI	3	5,0	88,3
Ecoturismo (gestão ambiental) CUT	1	1,7	90,0
Capacitação pedagógica CUT	1	1,7	91,7
Eletrônica SENAI	1	1,7	93,3
Formação de Lideranças CUT	1	1,7	95,0
Reciclagem de papel e lixo CUT	1	1,7	96,7
Reciclagem de papel e lixo SENAI	1	1,7	98,3
Monitor de transporte escolar SENAI	1	1,7	100,0
Total	60	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 7b: Duração do curso - egressos CUT e SENAI

Duração (meses)	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
0 – 2,0	30	50,0	50,0	50,0
2,1 – 6,1	11	18,3	18,3	68,3
6,1 – 12,0	10	16,7	16,7	85,0
12,1 – 24	9	15,0	15,0	100,0
Total	60	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 8: Estuda atualmente - egressos CUT e SENAI

Local de estudo	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Faculdade	6	10,0	27,3	27,3
Pré-vestibular	8	13,3	36,4	63,6
Ensino médio	8	13,3	36,4	100,0
Total	22	36,7	100,0	
Ausentes	38	63,3		
Total	60	100,0		

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 9: Frequenta escola por faixa etária - Microdados IBGE 2000.

Frequente escola		Faixa etária		Total	
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos		
Sim, rede particular	Frequência	1346	946	2292	
	Percentual (%) linha	58,7	41,3	100,0	
	Percentual (%) coluna	24,1	12,0	17,0	
Sim, rede pública	Frequência	2368	1299	3667	
	Percentual (%) linha	64,6	35,4	100,0	
	Percentual (%) coluna	42,4	16,5	27,3	
Não, já frequentou	Frequência	1835	5529	7364	
	Percentual (%) linha	24,9	75,1	100,0	
	Percentual (%) coluna	32,8	70,3	54,8	
Nunca frequentou	Frequência	38	89	127	
	Percentual (%) linha	29,9	70,1	100,0	
	Percentual (%) coluna	0,7	1,1	0,9	
		Frequência	5587	7863	13450
		Percentual (%) linha	41,5	58,5	100,0
		Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 1924,919$; $p < 0,000$

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 10: Escolaridade - egressos CUT e SENAI

Escolaridade	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Ensino fundamental incompleto	14	23,3	25,5	25,5
Ensino fundamental completo	4	6,7	7,3	32,7
Ensino médio incompleto	11	18,3	20,0	52,7
Ensino médio completo	20	33,3	36,4	89,1
Ensino superior incompleto	6	10,0	10,9	100,0
Total	55	91,7	100,0	
Ausentes	5	8,3		
Total	60	100,0		

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 11: Escolaridade categorizada por faixa etária - egressos CUT e SENAI

Escolaridade		Faixa etária		Total
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Ensino fundamental incompl.	Frequência	3	11	14
	Percentual (%) linha	21,4	78,6	100,0
	Percentual (%) coluna	27,3	25,6	25,9
Ensino fundamental completo	Frequência	2	2	4
	Percentual (%) linha	50,0	50,0	100,0
	Percentual (%) coluna	18,2	4,7	7,4
Ensino médio incompleto	Frequência	1	9	10
	Percentual (%) linha	10,0	90,0	100,0
	Percentual (%) coluna	9,1	20,9	18,5
Ensino médio completo	Frequência	5	15	20
	Percentual (%) linha	25,0	75,0	100,0
	Percentual (%) coluna	45,5	34,9	37,0
Ensino superior incompleto	Frequência		6	6
	Percentual (%) linha		100,0	100,0
	Percentual (%) coluna		14,0	11,1
Total	Frequência	11	43	54
	Percentual (%) linha	20,4	79,6	100,0
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 4,637$; $p < 0,327$

7 células tem frequência inferior a 5

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 12: Curso mais elevado que freqüentou - Microdados IBGE 2000.

Curso	Freqüência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Alfabetização de adultos	2	0,0	0,0	0,0
Ensino fundamental 1 grau	4061	30,2	55,1	55,2
Ensino médio 2 grau	2827	21,0	38,4	93,6
Superior – graduação	454	3,4	6,2	99,7
Mestrado ou doutorado	6	0,0	0,1	99,8
Nenhum	14	0,1	0,2	100,0
Total	7364	54,8	100,0	
Ausentes	6086	45,2		
Total	13450	100,0		

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 13: Curso mais elevado que freqüentou por faixa etária e sexo - Microdados IBGE 2000

Curso mais elevado que frequentou		Faixa etária		Total
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Alfabetização de adultos	Freqüência		2	2
	Percentual (%) linha		100,0%	100,0%
	Percentual (%) coluna		0%	0%
Ensino fundamental 1 grau	Freqüência	1232	2829	4061
	Percentual (%) linha	30,3%	69,7%	100,0%
	Percentual (%) coluna	67,1%	51,2%	55,1%
Ensino médio 2 grau	Freqüência	570	2257	2827
	Percentual (%) linha	20,2%	79,8%	100,0%
	Percentual (%) coluna	31,1%	40,8%	38,4%
Superior - graduação	Freqüência	27	427	454
	Percentual (%) linha	5,9%	94,1%	100,0%
	Percentual (%) coluna	1,5%	7,7%	6,2%
Mestrado ou doutorado	Freqüência		6	6
	Percentual (%) linha		100,0%	100,0%
	Percentual (%) coluna		0,1%	0,1%
Nenhum	Freqüência	6	8	14
	Percentual (%) linha	42,9%	57,1%	100,0%
	Percentual (%) coluna	0,3%	0,1%	0,2%
Total	Freqüência	1835	5529	7364
	Percentual (%) linha	24,9%	75,1%	100,0%
	Percentual (%) coluna	100,0%	100,0%	100,0%

Pearson $\chi^2 = 190,313$; $p < 0,000$; 5 células possuem freqüência inferior a 5, a menor freqüência esperada é 0,5.

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 14: Escolaridade por Sexo - egressos CUT e SENAI

Escolaridade		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Ensino fundamental incompleto	Frequência	9	5	14
	Percentual (%) linha	64,3	35,7	100,0
	Percentual (%) coluna	33,3	17,9	25,5
Ensino fundamental completo	Frequência	1	3	4
	Percentual (%) linha	25,0	75,0	100,0
	Percentual (%) coluna	3,7	10,7	7,3
Ensino médio incompleto	Frequência	8	3	11
	Percentual (%) linha	72,7	27,3	100,0
	Percentual (%) coluna	29,6	10,7	20,0
Ensino médio completo	Frequência	7	13	20
	Percentual (%) linha	35,0	65,0	100,0
	Percentual (%) coluna	25,9	46,4	36,4
Ensino superior incompleto	Frequência	2	4	6
	Percentual (%) linha	33,3	66,7	100,0
	Percentual (%) coluna	7,4	14,3	10,9
Total	Frequência	27	28	55
	Percentual (%) linha	49,1	50,9	100,0
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 6,866$; $p < 0,143$

4 células possuem frequência inferior a 5.

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 15: Curso mais elevado que frequentou por sexo – Microdados IBGE 2000.

Curso		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Alfabetização de adultos	Frequência	2		2
	Percentual (%) linha	100,0		100,0
	Percentual (%) coluna	0,1		0,1
Ensino fundamental 1 grau	Frequência	2217	1844	4061
	Percentual (%) linha	54,6	45,4	100,0
	Percentual (%) coluna	60,2	50,1	55,1
Ensino médio 2 grau	Frequência	1255	1572	2827
	Percentual (%) linha	44,4	55,6	100,0
	Percentual (%) coluna	34,1	42,7	38,4
Superior - graduação	Frequência	193	261	454
	Percentual (%) linha	42,5	57,5	100,0
	Percentual (%) coluna	5,2	7,1	6,2
Mestrado ou doutorado	Frequência	3	3	6
	Percentual (%) linha	50,0	50,0	100,0
	Percentual (%) coluna	0,1	0,1	0,1
Nenhum	Frequência	10	4	14
	Percentual (%) linha	71,4	28,6	100,0
	Percentual (%) coluna	0,3	0,1	0,2
Total	Frequência	3680	3684	7364
	Percentual (%) linha	50,0	50,0	100,0
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 84,560$; $p < 0,000$

4 células possuem frequência inferior a 5.

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 16: Local de estudo por sexo - egressos CUT e SENAI

Local de estudo		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Faculdade	Frequência	2	4	6
	Percentual (%) linha	33,3	66,7	100,0
	Percentual (%) coluna	18,2	36,4	27,3
Pré-vestibular	Frequência	5	3	8
	Percentual (%) linha	62,5	37,5	100,0
	Percentual (%) coluna	45,5	27,3	36,4
Ensino médio	Frequência	4	4	8
	Percentual (%) linha	50,0	50,0	100,0
	Percentual (%) coluna	36,4	36,4	36,4
Total	Frequência	11	11	22
	Percentual (%) linha	50,0	50,0	100,0
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 1,167$; $p < 0,558$

6 células possuem frequência inferior a 5, a menor frequência esperada é 3,00.

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 17: Estudo por faixa etária - egressos CUT e SENAI

Local de estudo		Faixa etária		Total
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Faculdade	Frequência		6	6
	Percentual (%) linha		100,0	100,0
	Percentual (%)		42,9	27,3
Pré-vestibular	Frequência	3	5	8
	Percentual (%) linha	37,5	62,5	100,0
	Percentual (%)	37,5	35,7	36,4
Ensino médio	Frequência	5	3	8
	Percentual (%) linha	62,5	37,5	100,0
	Percentual (%)	62,5	21,4	36,4
Total	Frequência	8	14	22
	Percentual (%) linha	36,4	63,6	100,0
	Percentual (%)	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 5,795$; $p < 0,055$

4 células possuem frequência inferior a 5, a menor frequência esperada é 2,18.

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 18: Curso que freqüenta - Microdados IBGE 2000

Curso que freqüenta	Freqüência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Alfabetização para adultos	10	,1	,2	,2
Primeiro grau seriado	824	6,1	13,8	14,0
Primeiro grau não seriado	65	,5	1,1	15,1
Supletivo 1 grau	238	1,8	4,0	19,1
Ensino médio seriado	2237	16,6	37,5	56,6
Ensino médio não seriado	172	1,3	2,9	59,5
Supletivo 2 grau	184	1,4	3,1	62,6
Pré-vestibular	365	2,7	6,1	68,7
Superior	1801	13,4	30,2	98,9
Pós-graduação	63	,5	1,1	100,0
Total	5959	44,3	100,0	
Ausentes	7491	55,7		
Total	13450	100,0		

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 19: Curso que freqüenta por sexo - Microdados IBGE 2000

Curso		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Alfabetização para adultos	Freqüência	7	3	10
	Percentual (%) linha	70,0	30,0	100,0
	Percentual (%) coluna	0,2	0,1	0,2
Primeiro grau seriado	Freqüência	490	334	824
	Percentual (%) linha	59,5	40,5	100,0
	Percentual (%) coluna	16,7	11,1	13,8
Primeiro grau não seriado	Freqüência	31	34	65
	Percentual (%) linha	47,7	52,3	100,0
	Percentual (%) coluna	1,1	1,1	1,1
Supletivo 1 grau	Freqüência	125	113	238
	Percentual (%) linha	52,5	47,5	100,0
	Percentual (%) coluna	4,3	3,7	4,0
Ensino médio seriado	Freqüência	1055	1182	2237
	Percentual (%) linha	47,2	52,8	100,0
	Percentual (%) coluna	35,9	39,1	37,5
Ensino médio não seriado	Freqüência	90	82	172
	Percentual (%) linha	52,3	47,7	100,0
	Percentual (%) coluna	3,1	2,7	2,9
Supletivo 2 grau	Freqüência	103	81	184
	Percentual (%) linha	56,0	44,0	100,0
	Percentual (%)	3,5	2,7	3,1
Pré-vestibular	Freqüência	140	225	365
	Percentual (%) linha	38,4	61,6	100,0
	Percentual (%) coluna	4,8	7,5	6,1
Superior	Freqüência	872	929	1801
	Percentual (%) linha	48,4	51,6	100,0

Pós-graduação	Percentual (%) coluna	29,7	30,8	30,2
	Frequência	26	37	63
	Percentual (%) linha	41,3	58,7	100,0
	Percentual (%) coluna	0,9	1,2	1,1
Total	Frequência	2939	3020	5959
	Percentual (%) linha	49,3	50,7	100,0
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 64,520$; $p < 0,000$

1 célula possui frequência inferior a 5, a menor frequência esperada é 4,93.

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 20: Moradia - egressos CUT e SENAI

Moradia	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Mora sozinho	5	8,3	8,3	8,3
Mora com a família	55	91,7	91,7	100,0
Total	60	100,0	100,0	85,0

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 21: Estado Civil - egressos CUT e SENAI

Estado Civil	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Solteiro	42	70,0	72,4	72,4
Casado	16	26,7	27,6	100,0
Total	58	96,7	100,0	
Ausentes	2	3,3		
Total	60	100,0		

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 22: Estado Civil por sexo - Microdados IBGE 2000

Estado civil		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Casado	Frequência	485	991	1476
	Percentual (%) linha	32,9	67,1	100,0
	Percentual (%) coluna	7,2	14,7	11,0
Desquitado	Frequência	16	57	73
	Percentual (%) linha	21,9	78,1	100,0
	Percentual (%) coluna	0,2	0,8	0,5
Divorciado	Frequência	4	11	15
	Percentual (%) linha	26,7	73,3	100,0
	Percentual (%) coluna	0,1	0,2	0,1
Viúvo	Frequência		7	7
	Percentual (%) linha		100,0	100,0
	Percentual (%) coluna		0,1	0,1
Solteiro	Frequência	6198	5681	11879
	Percentual (%) linha	52,2	47,8	100,0

	Percentual (%) coluna	92,5	84,2	88,3
Total	Frequência	6703	6747	13450
	Percentual (%) linha	49,8	50,2	100,0
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 229,120$; $p < 0,000$

2 células possuem frequência inferior a 5, a menor frequência esperada é 3,49.

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 23: Natureza da união por faixa etária e sexo - Microdados IBGE 2000

Sexo	Natureza da união		Faixa etária		Total
			16 – 19 anos	20 – 25 anos	
Masculino	Casamento civil e relig.	Frequência	8	228	236
		Percentual (%) linha	3,4	96,6	100,0
	Casamento civil	Frequência	4	120	124
		Percentual (%) linha	3,2	96,8	100,0
	Casamento religioso	Frequência	5	86	91
		Percentual (%) linha	5,5	94,5	100,0
	União consensual	Frequência	146	1048	1194
		Percentual (%) linha	12,2	87,8	100,0
	Nunca viveu	Frequência	2627	2431	5058
		Percentual (%) linha	51,9	48,1	100,0
Total	Frequência	2790	3913	6703	
	Percentual (%) linha	41,6	58,4	100,0	
Feminino	Casamento civil e relig.	Frequência	48	550	598
		Percentual (%) linha	8,0	92,0	100,0
	Casamento civil	Frequência	32	214	246
		Percentual (%) linha	13,0	87,0	100,0
	Casamento religioso	Frequência	34	126	160
		Percentual (%) linha	21,3	78,8	100,0
	União consensual	Frequência	435	1279	1714
		Percentual (%) linha	25,4	74,6	100,0
	Nunca viveu	Frequência	2248	1781	4029
		Percentual (%) linha	55,8	44,2	100,0
Total	Frequência	2797	3950	6747	
	Percentual (%) linha	41,5	58,5	100,0	

Pearson $\chi^2 = 912,164$; $p < 0,000$

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 24: Vivem com a companheira por faixa etária e sexo - Microdados IBGE 2000

Sexo	Vivem com companheira		Faixa etária		Total
			16 – 19 anos	20 – 25 anos	
Masculino	Sim	Frequência	134	1263	1397
		Percentual (%) linha	9,6	90,4	100,0
	Não	Frequência	29	219	248
		Percentual (%) linha	11,7	88,3	100,0
	Nunca viveu	Frequência	2627	2431	5058
		Percentual (%) linha	51,9	48,1	100,0
Total	Frequência	2790	3913	6703	

		Percentual (%) linha	41,6	58,4	100,0
Feminino	Sim	Frequência	461	1870	2331
		Percentual (%) linha	19,8	80,2	100,0
	Não	Frequência	88	299	387
		Percentual (%) linha	22,7	77,3	100,0
	Nunca viveu	Frequência	2248	1781	4029
		Percentual (%) linha	55,8	44,2	100,0
Total		Frequência	2797	3950	6747
		Percentual (%) linha	41,5	58,5	100,0

Masculino - Pearson $\chi^2 = 902,768$; $p < 0,000$

Feminino - Pearson $\chi^2 = 848,603$; $p < 0,000$

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 25: Relação com a família - Microdados IBGE 2000

Relação com a família		Faixa etária		Total
		16 – 19 anos	20 – 25 anos	
Responsável	Frequência	256	1797	2053
	Percentual (%) linha	12,5	87,5	100,0
	Percentual (%)	4,6	22,9	15,3
Cônjuge	Frequência	437	1823	2260
	Percentual (%) linha	19,3	80,7	100,0
	Percentual (%)	7,8	23,2	16,8
Filho	Frequência	4371	3484	7855
	Percentual (%) linha	55,6	44,4	100,0
	Percentual (%)	78,2	44,3	58,4
Neto	Frequência	125	66	191
	Percentual (%) linha	65,4	34,6	100,0
	Percentual (%)	2,2	,8	1,4
Irmão	Frequência	112	156	268
	Percentual (%) linha	41,8	58,2	100,0
	Percentual (%)	2,0	2,0	2,0
Outro	Frequência	158	240	398
	Percentual (%) linha	39,7	60,3	100,0
	Percentual (%)	2,8	3,1	3,0
Agregado	Frequência	34	82	116
	Percentual (%) linha	29,3	70,7	100,0
	Percentual (%)	0,6	1,0	,9
Pensionista	Frequência	34	104	138
	Percentual (%) linha	24,6	75,4	100,0
	Percentual (%)	0,6	1,3	1,0
Empregado	Frequência	37	57	94
	Percentual (%) linha	39,4	60,6	100,0
	Percentual (%)	0,7	0,7	,7
Individual em domicílio coletivo	Frequência	23	54	77
	Percentual (%) linha	29,9	70,1	100,0
	Percentual (%)	0,4	0,7	,6
Total	Frequência	5587	7863	13450
	Percentual (%) linha	41,5	58,5	100,0
	Percentual (%)	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 1890,282$; $p < 0,000$

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 26: Qual sua situação de trabalho - egressos CUT e SENAI

Situação de trabalho	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Trabalha	37	61,7	61,7	61,7
Não trabalha	21	35,0	35,0	96,7
Nunca trabalhou	2	3,3	3,3	100,0
Total	60	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 27: Renda Pessoal em salários mínimos - egressos CUT e SENAI

Rendimentos (salários mínimos)	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
menos de 1 salário	5	8,3	14,3	14,3
de 1 a 2 salários	13	21,7	37,1	51,4
de 2 a 3 salários	12	20,0	34,3	85,7
de 3 a 4 salários	4	6,7	11,4	97,1
de 4 a 5 salários	1	1,7	2,9	100,0
Total	35	58,3	100,0	
Ausentes	25	41,7		
Total	60	100,0		

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 28: Trabalhou remunerado - Microdados IBGE 2000

Trabalhou remunerado?	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Sim	6907	51,4	51,4	51,4
Não	6543	48,6	48,6	100,0
Total	13450	100,0	100,0	

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 29: Trabalhou remunerado por sexo - Microdados IBGE 2000

Trabalhou remunerado em julho de 2000		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Sim	Frequência	3910	2997	6907
	Percentual (%) linha	56,6	43,4	100,0
	Percentual (%) coluna	58,3	44,4	51,4
Não	Frequência	2793	3750	6543
	Percentual (%) linha	42,7	57,3	100,0
	Percentual (%) coluna	41,7	55,6	48,6

Total	Frequência	6703	6747	13450
	Percentual (%) linha	49,8	50,2	100,0
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 260,517$; $p < 0,000$

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 30: Trabalhou remunerado por faixa etária - Microdados IBGE 2000

Trabalhou remunerado em julho de 2000		Faixa etária		Total
		16 – 19 anos	20 – 25 anos	
Sim	Frequência	1857	5050	6907
	Percentual (%) linha	26,9	73,1	100,0
	Percentual (%) coluna	33,2	64,2	51,4
Não	Frequência	3730	2813	6543
	Percentual (%) linha	57,0	43,0	100,0
	Percentual (%) coluna	66,8	35,8	48,6
Total	Frequência	5587	7863	13450
	Percentual (%) linha	41,5	58,5	100,0
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 1255,398$; $p < 0,000$

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 31: Rendimentos categorizados por faixa etária - Microdados IBGE 2000

Rendimentos (salários mínimos)		Faixa etária		Total
		16 – 19 anos	20 – 25 anos	
até 1 sm	Frequência	525	504	1029
	Percentual (%) linha	51,0	49,0	100,0
	Percentual (%) coluna	26,6	9,6	14,3
De 1,01 a 2 sm	Frequência	924	1661	2585
	Percentual (%) linha	35,7	64,3	100,0
	Percentual (%) coluna	46,8	31,7	35,8
de 2,01 a 3 sm	Frequência	365	1414	1779
	Percentual (%) linha	20,5	79,5	100,0
	Percentual (%) coluna	18,5	27,0	24,7
de 3,01 a 4 sm	Frequência	104	799	903
	Percentual (%) linha	11,5	88,5	100,0
	Percentual (%) coluna	5,3	15,2	12,5
de 4,01 a 5 sm	Frequência	21	254	275
	Percentual (%) linha	7,6	92,4	100,0
	Percentual (%) coluna	1,1	4,8	3,8
mais de 5 sm	Frequência	35	608	643
	Percentual (%) linha	5,4	94,6	100,0
	Percentual (%) coluna	1,8	11,6	8,9
Total	Frequência	1974	5240	7214
	Percentual (%) linha	27,4	72,6	100,0
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 746,420$; $p < 0,000$

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 32: Renda familiar - egressos CUT e SENAI

Renda	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
menos de 1 salário	1	1,7	1,8	1,8
de 1 a 2 salários	7	11,7	12,3	14,0
de 2 a 3 salários	9	15,0	15,8	29,8
de 3 a 4 salários	10	16,7	17,5	47,4
de 4 a 5 salários	5	8,3	8,8	56,1
5 ou mais	25	41,7	43,9	100,0
Total	57	95,0	100,0	
Ausentes	3	5,0		
Total	60	100,0		

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 33: Você ajuda nas despesas? - egressos CUT e SENAI

Você ajuda nas despesas?	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Sim	25	41,7	41,7	41,7
Não	35	58,3	58,3	100,0
Total	60	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 34: Você depende de sua família? - egressos CUT e SENAI

Você depende de sua família?	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Sim	41	68,3	68,3	68,3
Não	19	31,7	31,7	100,0
Total	60	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 35: Qual a sua situação de trabalho por sexo - egressos CUT e SENAI

Qual sua situação de trabalho?		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Trabalha	Frequência	20	17	37
	Percentual (%) linha	54,1	45,9	100,0
	Percentual (%) coluna	66,7	56,7	61,7
Não trabalha	Frequência	9	12	21
	Percentual (%) linha	42,9	57,1	100,0
	Percentual (%) coluna	30,0	40,0	35,0
Nunca trabalhou	Frequência	1	1	2
	Percentual (%) linha	50,0	50,0	100,0
	Percentual (%) coluna	3,3	3,3	3,3
Total	Frequência	30	30	60
	Percentual (%) linha	50,0	50,0	100,0

Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0
-----------------------	-------	-------	-------

Pearson $\chi^2 = 0,672$; $p < 0,715$

2 células possuem frequência inferior a 5, a menor frequência esperada é 1.

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 36: Qual a situação de trabalho por faixa etária - egressos CUT e SENAI

Qual sua situação de trabalho?		Faixa etária		Total
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Trabalha	Frequência	9	27	36
	Percentual (%) linha	25,0	75,0	100,0
	Percentual (%) coluna	69,2	58,7	61,0
Não trabalha	Frequência	3	18	21
	Percentual (%) linha	14,3	85,7	100,0
	Percentual (%) coluna	23,1	39,1	35,6
Nunca trabalhou	Frequência	1	1	2
	Percentual (%) linha	50,0	50,0	100,0
	Percentual (%) coluna	7,7	2,2	3,4
Total	Frequência	13	46	59
	Percentual (%) linha	22,0	78,0	100,0
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 1,829$; $p < 0,401$

3 células possuem frequência inferior a 5, a menor frequência esperada é 0,44.

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 37: Trabalhou remunerado em julho de 2000 por faixa etária e sexo - Microdados IBGE 2000

Sexo	Trabalhou remunerado em julho de 2000		Faixa etária		Total
			de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Masculino	Sim	Frequência	1065	2845	3910
		Percentual (%) linha	27,2	72,8	100,0
	Não	Frequência	1725	1068	2793
		Percentual (%) linha	61,8	38,2	100,0
Total	Frequência	2790	3913	6703	
	Percentual (%) linha	41,6	58,4	100,0	
Feminino	Sim	Frequência	792	2205	2997
		Percentual (%) linha	26,4	73,6	100,0
	Não	Frequência	2005	1745	3750
		Percentual (%) linha	53,5	46,5	100,0
Total	Frequência	2797	3950	6747	
	Percentual (%) linha	41,5	58,5	100,0	

Masculino - Pearson $\chi^2 = 799,167$; $p < 0,000$

Feminino - Pearson $\chi^2 = 501,834$; $p < 0,000$

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 38: Situação de trabalho (múltiplas respostas) - egressos CUT e SENAI

Situação de trabalho	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)
Por contra própria	4	6,3	10,8
Trabalho remunerado regular	17	27,0	45,9
Trabalho remunerado eventual, temporário, doméstico e cooperativado	3	3,2	5,4
Negócio familiar	3	4,8	8,1
Servidor público	2	3,2	5,4
Empresário	2	3,2	5,4
Membro de associação	1	1,6	2,7
Assalariado com carteira	15	23,8	40,5
Assalariado sem carteira	11	17,5	29,7
Faz bicos	3	4,8	8,1
Outra	3	4,8	8,1
Total	63	100,0	170,3

23 respostas faltantes e 37 respostas válidas

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 39: Nesse trabalho era? por faixa etária e sexo - Microdados IBGE 2000.

Sexo	Nesse trabalho era?		Faixa etária		Total
			De 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Masculino	Trabalhador doméstico cc	Frequência	3	11	14
		Percentual (%) linha	21,4	78,6	100,0
	Trabalhador doméstico sc	Frequência	3	5	8
		Percentual (%) linha	37,5	62,5	100,0
	Empregado cc	Frequência	497	1669	2166
		Percentual (%) linha	22,9	77,1	100,0
	Empregado sc	Frequência	438	640	1078
		Percentual (%) linha	40,6	59,4	100,0
	Empregador	Frequência	5	57	62
		Percentual (%) linha	8,1	91,9	100,0
	Aprendiz ou estagiário sem remuneração	Frequência	137	512	649
		Percentual (%) linha	21,1	78,9	100,0
	Aprendiz ou estagiário com remuneração	Frequência	23	28	51
		Percentual (%) linha	45,1	54,9	100,0
	Não remunerado ajudando a um membro do domicílio	Frequência	31	13	44
		Percentual (%) linha	70,5	29,5	100,0
Trabalhada para consumo próprio	Frequência		2	2	
	Percentual (%) linha		100,0	100,0	
Total	Frequência	1137	2937	4074	
	Percentual (%) linha	27,9	72,1	100,0	
Feminino	Trabalhador doméstico cc	Frequência	77	182	259
		Percentual (%) linha	29,7	70,3	100,0
	Trabalhador doméstico sc	Frequência	94	158	252
		Percentual (%) linha	37,3	62,7	100,0

Empregado cc	Frequência	341	1251	1592
	Percentual (%) linha	21,4	78,6	100,0
Empregado sc	Frequência	243	465	708
	Percentual (%) linha	34,3	65,7	100,0
Empregador	Frequência	1	33	34
	Percentual (%) linha	2,9	97,1	100,0
Aprendiz ou estagiário sem remuneração	Frequência	55	170	225
	Percentual (%) linha	24,4	75,6	100,0
Aprendiz ou estagiário com remuneração	Frequência	19	37	56
	Percentual (%) linha	33,9	66,1	100,0
Não remunerado ajudando a um membro do domicílio	Frequência	9	12	21
	Percentual (%) linha	42,9	57,1	100,0
Trabalhada para consumo próprio	Frequência	1	1	2
	Percentual (%) linha	50,0	50,0	100,0
Total	Frequência	840	2309	3149
	Percentual (%) linha	26,7	73,3	100,0

Masculino - Pearson $\chi^2 = 188,793$; $p < 0,000$; 4 células possuem frequência inferior a 5, a menor frequência esperada é 0,56.
Feminino - Pearson $\chi^2 = 74,670$; $p < 0,000$; 4 células possuem frequência inferior a 5, a menor frequência esperada é 0,56.

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 40a: Ocupações por faixa etária - feminino – corte nas primeiras 16 ocupações - Microdados IBGE 2000.

CBO – feminino	Faixa etária		Total	Percent. (%)
	de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos		
1 Trabalhadores domésticos em geral	146	317	463	14,7
2 Vendedores e demais trab. em lojas e mercados	130	279	409	12,9
3 Escriturários em geral, auxiliares adm.	57	167	224	7,1
4 Secretários de expedientes e estenógrafos	61	124	185	5,9
5 Recepcionistas	41	94	135	4,3
6 Caixas e bilheteiros	25	87	112	3,6
7 Atendentes de creches	52	57	109	3,5
8 Acompanhantes de idosos	25	53	78	2,9
9 Trabalhadores nos serviços de manutenção e conservação de edifícios	13	50	63	2,0
10 Vendedores ambulantes	19	42	61	1,9
11 Cozinheiros	22	38	60	1,9
12 Trabalhadores no serviço de higiene	13	44	57	1,8
13 Agentes em geral	10	43	53	1,7
14 Instrutores	18	32	50	1,6
15 Professores em escolas livres	2	46	48	1,5
16 Professores de nível médio na educação infantil	4	44	48	1,5
17 Outras	202	792	994	31,3
Total	840	2309	3149	100,0

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 40b: Ocupações por faixa etária - masculino – corte nas 16 primeiras ocupações - Microdados IBGE 2000.

CBO - masculino	Faixa etária		Total	Percentual (%)
	de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos		
1 Vendedores e demonstradores em lojas ou mercados	976	242	339	8,3
2 Escriturários em geral, agentes e aux.adm	630	140	203	5,0
3 Trabalhadores de estruturas de alvenaria	44	154	198	4,9
4 Ajudantes em obras civis	84	113	197	4,8
5 Outros trabalhadores dos serviços	60	87	147	3,6
6 Garçons, barmens e copeiros	32	76	108	2,7
7 Contínuos	63	36	99	2,4
8 Mecânicos de manutenção de veículos	36	50	86	2,1
9 Pintores de obras e revist. de interiores	19	62	81	2,0
10 Trabalhadores nos serv. de manutenção e conserv. de edifícios	23	57	80	2,0
11 Gerentes de produção e operações	13	64	77	1,9
12 Marceneiros e afins	20	55	75	1,8
13 Trabalhadores de cargas e descargas	25	44	69	1,7
14 Padeiros, confeitheiros e afins	15	49	64	1,6
15 Representantes comerciais e téc. em vendas	3	59	62	1,5
16 Condutores e operadores polivalentesl	4	53	57	1,4
17 Outras	536	1596	2132	52,4
Total	1137	2937	4074	100,00

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 41: Qual a sua situação de trabalho (múltiplas respostas) - egressos CUT e SENAI

Situação de trabalho?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Trabalhador desempregado	20	24,4	76,9
Desempregado com seguro	1	1,2	3,8
Desempregado sem seguro	9	11,0	34,6
Procurando emprego - ag privada	5	6,1	19,2
Desemprego aberto	9	11,0	34,6
Desempregado oculto pelo trabalho precário	5	6,1	19,2
Desempregado por desestímulo não procurou no último mês	5	6,1	19,2
Desistiu total por desalento	3	3,7	11,5
Estudante	7	8,5	26,9
Desempregado - procurando emprego	2	2,4	7,7
Desempregado com dificuldade obter emprego	7	8,5	26,9
Desempregado, não tem dinheiro para procurar, nem para montar negócio	6	7,3	23,1
Outra	3	3,7	11,5
Total	82	100,0	315,4

34 casos ausentes; 26 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 42: Tem encontrado dificuldade para conseguir ocupação por sexo - egressos CUT e SENAI

Tem encontrado dificuldades para conseguir uma ocupação?		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Sim	Frequência	19	17	36
	Percentual (%) coluna	63,3	56,7	60,0
Não	Frequência	11	13	24
	Percentual (%) coluna	36,7	43,3	40,0
Total	Frequência	30	30	60
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 0,278$; $p < 0,598$

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 43: Quais são as dificuldades? - egressos CUT e SENAI

Quais as dificuldades?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Falta de experiência	22	20,4	41,5
Falta de escolaridade	20	18,5	37,7
Falta de emprego	16	14,8	30,2
Falta de cursos	11	10,2	20,8
Distância do local de trabalho	7	6,5	13,2
Choques de horários	8	7,4	15,1
Gravidez / filhos pequenos	4	3,7	7,5
Falta de tempo / filhos / trat saúde	9	8,3	17,0
Não está procurando / satisfeito	6	5,6	11,3
Outros	5	4,6	9,4
Total	108	100,0	203,8

7 casos ausentes; 53 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 44: Sempre morou neste município? - egressos CUT e SENAI

Sempre morou neste município?		Faixa etária		Total
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Sim	Frequência	13	17	30
	Percentual (%) linha	43	57	100
	Percentual (%) coluna	57	53	55
Não	Frequência	10	15	25
	Percentual (%) linha	40	60	100
	Percentual (%) coluna	43	47	45
Total	Frequência	23	32	55
	Percentual (%) linha	42	58	100
	Percentual (%) coluna	100	100	

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 45: Sempre morou neste município por faixa etária - Microdados IBGE 2000

Sempre morou neste município		Faixa etária		Total
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Sim	Frequência	3224	3580	6804
	Percentual (%) linha	47,4	52,6	100,0
	Percentual (%) coluna	57,7	45,5	50,6
Não	Frequência	2363	4283	6646
	Percentual (%) linha	35,6	64,4	100,0
	Percentual (%) coluna	42,3	54,5	49,4
Total	Frequência	5587	7863	13450
	Percentual (%) linha	41,5	58,5	100,0
	Percentual (%) coluna	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 193,710$; $p < 0,000$

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 46: Quais meios utiliza para buscar trabalho? - egressos CUT e SENAI

Quais meios utiliza para buscar trabalho?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Folhetos	7	4,9	12,3
Cartazes	4	2,8	7,0
Anúncios de rádio	19	13,4	33,3
Anúncios de televisão	6	4,2	10,5
Anúncios de jornais	36	25,4	63,2
Balcão do SINE	13	9,2	22,8
Agências de emprego	11	7,7	19,3
Indicação de amigos	30	21,1	52,6
Executora do curso	2	1,4	3,5
Outros	14	9,9	24,6
Total	142	100,0	249,1

3 casos ausentes; 57 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 47: Providência para conseguir trabalho por faixa etária e sexo – Microdados IBGE 2000.

Sexo	Providência para conseguir trabalho	Faixa etária		Total	
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos		
Masculino	Sim	Frequência	530	453	983
		Percentual (%) coluna	32,1%	46,4%	37,4%
	Não	Frequência	1123	523	1646
		Percentual (%) coluna	67,9%	53,6%	62,6%
	Total	Frequência	1653	976	2629
		Percentual (%) coluna	100,0%	100,0%	100,0%
Feminino	Sim	Frequência	506	540	1046
		Percentual (%) coluna	25,9%	32,9%	29,1%
	Não	Frequência	1451	1101	2552

	Percentual (%) coluna	74,1%	67,1%	70,9%
Total	Frequência	1957	1641	3598
	Percentual (%) coluna	100,0%	100,0%	100,0%

Masculino - Pearson $\chi^2 = 18,793$; $p < 0,000$

Feminino - Pearson $\chi^2 = 14,670$; $p < 0,000$

Fonte: Microdados IBGE 2000

Tabela elaborada e sistematizada pela autora e Artur Mueller

Tabela 48: Quais os motivos para fazer o curso? - egressos CUT e SENAI

Quais os motivos para fazer o curso?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Qualificar	30	17,5	50,0
Obter/melhorar emprego	34	19,9	56,7
Gratuidade / horário / localização	27	15,8	45,0
Elevação de escolaridade	27	15,8	45,0
Aprender / melhorar	32	18,7	53,3
Ocupar o tempo	10	5,8	16,7
Confecção própria / comercialização	7	4,1	11,7
Amizades / satisfação	4	2,3	6,7
Total	171	100,0	285,0

0 casos ausentes; 60 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 49: O curso contribuiu para obter trabalho por faixa etária - egressos CUT e SENAI

O curso contribuiu para obter trabalho?		Faixa etária		Total
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Sim	Frequência	5	20	25
	Percentual (%)	38,5	43,5	42,4
Não	Frequência	8	26	34
	Percentual (%)	61,5	56,5	57,6
Total	Frequência	13	46	59
	Percentual (%)	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 0,104$; $p < 0,747$

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 50: Quais os efeitos do curso? - egressos CUT e SENAI

Quais os efeitos do curso?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Melhorou profissionalmente	27	20,9	45,0
Melhorou pessoalmente	10	7,8	16,7
Não melhorou profision.	21	16,3	35,0
Melhorou os conhecimentos	23	17,8	38,3
Adquiriu experiência / aprendiz.	30	23,3	50,0
Valorização / auto-estima	13	10,1	21,7
Outros	5	3,9	8,3

Total	129	100,0	215,0
-------	-----	-------	-------

0 casos ausentes; 60 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 51: Opinião quanto ao conteúdo do curso por faixa etária - egressos CUT e SENAI

Opinião quanto ao conteúdo do curso?		Faixa etária		Total
		de 16 a 19 anos	de 20 a 25 anos	
Ótimo	Frequência	6	16	22
	Percentual (%)	50,0	34,8	37,9
Bom	Frequência	5	20	25
	Percentual (%)	41,7	43,5	43,1
Regular	Frequência	1	10	11
	Percentual (%)	8,3	21,7	19,0
Total	Frequência	12	46	58
	Percentual (%)	100,0	100,0	100,0

Pearson $\chi^2 = 1,49$; $p < 0,475$

2 células possuem frequência inferior a 5, a menor frequência esperada é 2,28.

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 52: A executora mantém contato contigo? - egressos CUT e SENAI

A executora mantém contato contigo?	Frequência	Percentual (%)	Percentual válido (%)	Percentual acumulado (%)
Sim	3	5,0	5,2	5,2
Não	55	91,7	94,8	100,0
Total	58	96,7	100,0	
Ausentes	2	3,3		
Total	60	100,0		

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 53: O que mais gostou no curso? - egressos CUT e SENAI

O que mais gostou no curso?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Professor	47	29,4	79,7
Currículo / metodologia	36	22,5	61,0
Colegas / amigos	23	14,4	39,0
Horário / localização	8	5,0	13,6
Gratuidade / transp / lanche	9	5,6	15,3
Material e infra-estrutura	28	17,5	47,5
Outros	9	5,6	15,3
Total	160	100,0	271,2

1 Caso ausente; 59 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 54: O que menos gostou no curso? - egressos CUT e SENAI

O que menos gostou no curso?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Professor	9	11,5	20,0
Currículo / metodologia	11	14,1	24,4
Colegas	3	3,8	6,7
Horário / localização	15	19,2	33,3
Gratuidade	9	11,5	20,0
Material e infra-estrutura	23	29,5	51,1
Outros	8	10,3	17,8
Total	78	100,0	173,3

15 casos ausentes; 45 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 55: Cruzamento do que mais gostou com o que menos gostou - egressos CUT e SENAI

Mais gostou	Menos gostou							Total	Percent. (%)
	Professor	Currículo	Colegas	Horário	Gratuidade	Material	Outros		
Professor	6	15	2	21	16	39	10	109	30,6
Currículo	5	18	3	11	8	20	10	75	21,1
Colegas	4	8	1	7	6	18	6	50	14,0
Horário	3	2	2	3	2	7	1	20	5,6
Gratuidade	1	1	1	7	2	7	0	19	5,3
Material	3	9	0	8	7	25	7	59	16,6
Outros	1	1	1	5	3	11	2	24	6,7
Total coluna	23	54	10	62	44	127	36	356	100,0
Percentual da coluna (%)	6,5	15,2	2,8	17,4	12,4	35,7	10,1	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 56: O que você mudaria no curso? - egressos CUT e SENAI

O que você mudaria no curso?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Professor	12	9,0	20,7
Currículo / metodologia	30	22,4	51,7
Colegas / amigos	4	3,0	6,9
Horário / localização	9	6,7	15,5
Gratuidade / transp / lanche	16	11,9	27,6
Material e infra-estrutura	39	29,1	67,2
Não mudaria nada	5	3,7	8,6
Aumentaria a carga horária	17	12,7	29,3
Outros	2	1,5	3,4
Total	134	100,0	231,0

2 casos ausentes; 58 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 57: O curso se parece com a escola? - egressos CUT e SENAI

O curso se parece com a escola?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Professores e colegas iguais	4	4,1	6,8
Conteúdo e metodologia iguais	12	12,4	20,3
Rotina / rituais iguais	7	7,2	11,9
Curso é mais rápido	4	4,1	6,8
Curso é mais específico / técnico	10	10,3	16,9
Curso é mais livre / regras frouxas / ho	17	17,5	28,8
Curso e disciplinas integradas	3	3,1	5,1
Escola mais abrangente / forte	9	9,3	15,3
Curso explora iniciativa	4	4,1	6,8
Conteúdo e metodologia diferentes	9	9,3	15,3
Curso tem um professor e mais qualifiCAD	7	7,2	11,9
Outros	11	11,3	18,6
Total	97	100,0	164,4

1 casos ausentes; 59 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 58: Quais outros temas a abordar nos cursos? - egressos CUT e SENAI

Quais outros temas à abordar nos cursos?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Drogas	21	14,5	38,2
Música	15	10,3	27,3
Ecologia	11	7,6	20,0
Educação sexual	21	14,5	38,2
Política	10	6,9	18,2
Mercado de trabalho	10	6,9	18,2
Relações interpessoais / humanas	9	6,2	16,4
Informática / tecnologia	6	4,1	10,9
Artes / teatro / pintura / dança	12	8,3	21,8
Esportes	4	2,8	7,3
Outros	26	17,9	47,3
Total	145	100,0	263,6

5 casos ausentes; 55 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 59: Melhores meios de aprendizagem? - egressos CUT e SENAI

Melhores meios de aprendizagem?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Família	26	14,5	43,3
Trabalho	18	10,1	30,0
Curso de qualificação	36	20,1	60,0
Escola	22	12,3	36,7
Igreja	7	3,9	11,7

Participando de cooperativas	5	2,8	8,3
Movimento ecológico	2	1,1	3,3
Grêmios estudantis	2	1,1	3,3
Rádio	3	1,7	5,0
Associação de moradores	2	1,1	3,3
Livro	15	8,4	25,0
Revistas	5	2,8	8,3
Internet	10	5,6	16,7
Conversando com amigos	8	4,5	13,3
Trabalho voluntário	6	3,4	10,0
Televisão	6	3,4	10,0
Jornais	6	3,4	10,0
Total	179	100,0	298,3

0 casos ausentes; 60 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

Tabela 60: O que costuma fazer nas horas vagas? - egressos CUT e SENAI

O que costuma fazer nas horas vagas?	Frequência	Percentual (%)	Percentual acumulado (%)
Televisão	22	12,3	36,7
Conversar / reunir	17	9,5	28,3
Música	12	6,7	20,0
Leitura	12	6,7	20,0
Namorar	12	6,7	20,0
Jogar bola	18	10,1	30,0
Praia	17	9,5	28,3
Dançar	12	6,7	20,0
Ficar em casa	28	15,6	46,7
Caminhadas, passeios	14	7,8	23,3
Outros	15	8,4	25,0
Total	179	100,0	298,3

0 casos ausentes; 60 casos válidos

Fonte: Dados da pesquisa e tabela elaborada e sistematizada pela própria autora.

ANEXO D – PERFIL DOS 60 JOVENS PESQUISADOS

Perfil dos 60 jovens pesquisados por município, idade, sexo e cursos

Quadro 1

MUNICÍPIO/BAIRRO	SEXO	IDADE	CURSOS
1) Fpolis/Ponta das Canas	mulher	22 anos	Supletivo – CUT
2) Fpolis/Abraão	mulher	17 anos	Costura Industrial – SENAI
3) Fpolis/Estreito	mulher	24 anos	Desenho de moda – SENAI
4) São José/Kobrasol	homem	25 anos	Mecânica de motor – SENAI
5) Biguaçu/Ipiranga	homem	18 anos	Computação básica – SENAI
6) Fpolis/Saco Grande II	homem	23 nos	Supletivo e Recep. Téc. - CUT
7) Fpolis/Ponta das Canas	homem	25 anos	Supletivo - CUT
8) Fpolis/Monte Cristo	homem	18 anos	Curso de pintura resid. - SENAI
9) Fpolis/Carianos	homem	23 anos	Mecânica de motor – SENAI
10) São José/Campinas	homem	20 anos	Eletrônica – SENAI
11) Fpolis/Ponta das Canas	homem	21 anos	Supletivo - CUT
12) São José/Praia Comprida	homem	20 anos	Informática básica – SENAI
13) Biguaçu/Bom Viver	mulher	18 anos	Costura industrial-SENAI
14)Fpolis/Campeche	mulher	23 anos	Supletivo - CUT
15)Palhoça/S.Sebastião	mulher	18 anos	Informática básica - SENAI
16) Fpolis/C.B. Jesus	homem	22 anos	Supletivo - CUT
17) Fpolis/Costeira	homem	20 anos	Mecânica de motor – SENAI
18) São José/Barreiros	homem	22 anos	Informática básica - SENAI
19) São José/Forquilhas	mulher	24 anos	Desenho de moda - SENAI
20) Fpolis/Saco Grande II	mulher	25 anos	Informática básica - SENAI
21) Fpolis/Prainha	mulher	25 anos	Supletivo - CUT
22) Fpolis/Centro	mulher	22 anos	Informática básica- SENAI
23) Fpolis/Ponta das Canas	mulher	19 anos	Supletivo - CUT
24) Palhoça/Centro	homem	20 anos	Mecânica de motos – SENAI
25) Palhoça/Imaruí	homem	20 anos	Mecânica de motos – SENAI
26) Fpolis/Monte Cristo	homem	20 anos	Supletivo – CUT
27) Biguaçu/Saudade	homem	19 anos	Reclicagem – CUT
28) Fpolis/Ponta das Canas	mulher	24 anos	Capacitação Pedagógica – CUT
29) Fpolis/Ponta das Canas	homem	19 anos	Supletivo - CUT
30) Fpolis/Ponta das Canas	homem	23 anos	Supletivo - CUT
31) São José/Praia Comprida	homem	23 anos	Mecânica de motos – SENAI
32) Fpolis/Agrônômica	homem	25 anos	Supletivo - CUT
33) Palhoça/Eldorado	homem	20 anos	Estilismo e Moda – SENAI
34) Fpolis/ Monte Cristo	homem	25 anos	Curso de pintor – SENAI
35) Fpolis/Monte Cristo	homem	22 anos	Curso de pintor – SENAI
36) Fpolis/Capoeiras	homem	20 anos	Monitor de transporte – SENAI
37) Palhoça/P. de Maruim	mulher	19 anos	Supletivo - SENAI
38) Fpolis/Tapera	mulher	21 anos	Supletivo - SENAI
39) Fpolis/Capoeiras	mulher	24 anos	Bordado à máquina - SENAI
40) Palhoça/P. do Maruim	mulher	24 anos	Desenho de moda - SENAI
41) Fpolis/J. Atlântico	mulher	17 anos	Costura industrial - SENAI
42) Fpolis/C. da Lagoa	mulher	25 anos	Ecoturismo - CUT
43) Fpolis/Córrego Grande	mulher	21 anos	Bordado à máquina - SENAI

44) São José/Kobrasol	mulher	21 anos	Estilismo e moda - SENAI
45) Fpolis/Abraão	mulher	19 anos	Reciclagem - SENAI
46) Biguaçu/Bela Vista II	mulher	18 anos	Desenho de moda - SENAI
47) São José/Campinas	mulher	17 anos	Informática básica - SENAI
48) Fpolis/Ponta das Canas	mulher	25 anos	Supletivo - CUT
49) Biguaçu/M. da Bina	mulher	25 anos	Bordado à máquina - SENAI
50) Fpolis/Monte Cristo	mulher	20 anos	Supletivo - SENAI
51) Fpolis/J. Atlântico	mulher	22 anos	Supletivo - SENAI
52) Fpolis/B. da Lagoa	mulher	24 anos	Supletivo - SENAI
53) Fpolis/Ribeirão da Ilha	homem	20 anos	Supletivo - SENAI
54) Palhoça/J. Zanelatto	mulher	18 anos	Supletivo - SENAI
55) Fpolis/Ribeirão da Ilha	mulher	16 anos	Supletivo - SENAI
56) Biguaçu/Bom Viver	homem	22 anos	Supletivo - SENAI
57) Fpolis/Monte Cristo	homem	19 anos	Supletivo - SENAI
58) Fpolis/Ribeirão da Ilha	homem	20 anos	Supletivo - SENAI
59) Fpolis/Ribeirão da Ilha	homem	24 anos	Supletivo - SENAI
60) Fpolis/Rio Vermelho	homem	20 anos	Supletivo - SENAI

ANEXO E – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS JOVENS

**ROTEIRO DA ENTREVISTA INDIVIDUAL COM OS OITO JOVENS
EGRESSOS DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL QUE ESTAVAM
INTERAGINDO EM GRUPOS DE MÚSICA RELIGIOSA E ESPORTES, AÇÕES
VOLUNTÁRIAS E COOPERATIVA.**

Entrevista realizada: (local).....Dia:

Questões norteadoras para a entrevista

TEMA 1: IDENTIFICAÇÃO (9 QUESTÕES)

1. Nome:
2. Idade:
3. Data de nascimento:
4. Local de nascimento:
5. De onde veio? Desde quando mora aqui? Quais as razões por que veio morar em Florianópolis?
5. Sexo:
6. Profissão ou situação de trabalho:
7. Situação familiar: (solteiro; casado; filhos)
8. Mora com quem?
9. Possui alguma religião? Pratica?

TEMA 2: FAMÍLIA (15 QUESTÕES)

1. Local de nascimento do pai:
2. Local de nascimento da mãe:
3. De qual lugar vieram?
4. Seu pai e sua mãe trabalham?
5. Qual a situação de trabalho ou ocupação deles?
6. Mora sozinho ou com a família?
7. Qual a escolaridade de seu pai?
8. Qual a escolaridade de sua mãe?
9. Tens irmãos? Quantos?
10. Quantas pessoas trabalham em casa? Quem são elas?
12. Qual a renda total da família?
13. Qual a visão que teus pais têm em relação ao seu trabalho e escolaridade?
14. Seus pais gostariam que você seguisse a mesma profissão deles?
15. Como é o relacionamento com seu pai e sua mãe?

TEMA 3. TRABALHO (26 QUESTÕES)

1. Qual sua situação de trabalho hoje? Qual tua ocupação?
2. Trabalhas quantas horas por dia/semana em média?
3. Que idade tinhas quando começou a trabalhar?

4. Estava estudando quando começou a trabalhar?
5. Este é seu primeiro emprego ou já trabalhou anteriormente?
6. O que você pensa da experiência de conseguir trabalho em relação às pessoas mais velhas?
7. Qual a atividade que desempenhavas no teu primeiro emprego?
8. Você já ficou desempregado? Por quanto tempo?
9. Comente sobre a experiência do desemprego para você?
10. O que consideras mais importante no teu emprego?
11. Está satisfeito com seu emprego atual? Comente sobre os aspectos dessa satisfação.
12. Quais os problemas vivenciados neste teu emprego?
13. O que pretendes fazer para conseguir um emprego ou outro emprego caso não esteja satisfeito com o atual? Até quando pretendes continuar neste emprego e por quê?
14. Como você conseguiu seu atual emprego?
15. Qual seu salário mensal em média? Responda se quiser.
16. Como você costuma gastar ou consumir seu salário?
17. Quais foram as reais necessidades que te levaram a trabalhar?
18. Você tem amigos de sua idade ou próxima que estão desempregados? Quais as razões na tua opinião?
19. O que consideras um bom emprego?
20. Quais os pré-requisitos que consideras para encontrar um bom emprego?
21. Na tua opinião, quais os pré-requisitos que as empresas consideram fundamentais para conseguir um bom emprego?
22. Qual é o trabalho de seus sonhos? Caso pudesse escolher, qual seria este trabalho?
23. De maneira geral, qual é o sentido ou significado de trabalho para você?
24. Em relação ao trabalho, você pensa diferente dos seus pais?
25. O que significa trabalhar para seus pais?
26. Quais tuas expectativas futuras em relação ao trabalho?

TEMA 4. ESCOLA (13 QUESTÕES)

1. Está estudando atualmente? Por quê? E qual o curso e série/ grau está?
2. Estuda em escola pública (estadual ou municipal) ou particular?
3. Qual a localização de sua escola?
4. Em que série/grau você parou de estudar? Por quê?
5. Existe alguma relação de seu estudo ou do que você estudou com seu emprego atual?
6. O que mais gosta de fazer na escola? E o que menos gosta?
7. Você já reprovou alguma vez?
8. Você já ficou um tempo sem estudar? Por quanto tempo?
9. Em relação à escola e ao trabalho?, como você lida com estes dois tempos? Um ajuda o outro ou atrapalha?
10. O que significa estudar para você?
11. Em relação à escola, você acha que pensa diferente de seus pais?
12. O que você acha que significa estudar para seus pais?
13. Até quando pretendes estudar?

TEMA 5. CURSOS (6 QUESTÕES)

1. Você já fez cursos de Educação Profissional?
2. Quais? E em que instituição? Você sabe se foi pelo PLANFOR? Foi gratuito?
3. O que significou ter feito este curso ou estes cursos?

4. Te ajudou a conseguir trabalho?
5. Quais foram os benefícios para tua vida tanto profissional quanto pessoal?
6. Na tua opinião, quais as diferenças ou semelhanças entre a escola regular e estes cursos?

TEMA 6. SOCIABILIDADE (6 QUESTÕES)

1. Você costuma se divertir? Com quem?
2. Em relação ao lazer, qual sua atividade predileta?
3. O que é mais importante na sua vida?
4. O trabalho é o mais importante na sua vida ou não? Por que?
5. Em tua opinião, o que pensam os outros jovens sobre o trabalho?
6. Quais os espaços que você mais se sente realizado?

TEMA 7. ACÃO COLETIVA (15 QUESTÕES)

1. Você participa de algum grupo, movimento social ou outro segmento em sua comunidade? Qual?
2. O que significa para você participar desse grupo?
3. O que significa grupo, movimento social para você?
4. E como você vê a participação dos outros no grupo?
5. O que você pensa da participação dos jovens em grupos ou movimentos sociais?
6. Por que você acha que participam e por que não participam?
7. Qual a relação que você mantém com seu grupo?
8. Quantas vezes vocês se reúnem por semana, mês?
9. É uma atividade constante, permanente ou provisória, transitória?
10. Quando você fez o curso de Educação Profissional, já participava desse grupo?
11. Você acha que o que você aprendeu no curso de qualificação te ajudou no grupo? Em quais aspectos?
12. Quanto tempo participa desse grupo (dias, meses, anos)?
13. Onde vocês se reúnem? Quais as atividades principais do grupo?
14. O que você mais gosta desta participação?
15. Quais os aprendizados que você traz para teu cotidiano?

TEMA 8. SONHOS e PROJETOS (7 QUESTÕES)

1. Qual o significado da vida para você?
2. Quais seus projetos atuais e futuros?
2. O que você gostaria de mudar em sua vida hoje?
3. Qual o significado de mundo para você?
5. O que você acha que tem que mudar no mundo hoje?
6. Você tem sonhos? Quais são eles?
7. Você acha possível realizá-los?

ANEXO F – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS COORDENADORES DA CUT E SENAI

**ROTEIRO REFERENTE À ENTREVISTA INDIVIDUAL COM COORDENADORES
DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, ANO 1999 E 2000 DA CUT E DO
SENAI**

Questões norteadoras para as entrevistas

(Total: 19 questões)

Entrevista realizada: (local) dia

TEMA 1: IDENTIFICAÇÃO (16 QUESTÕES)

1. Nome: 2
2. Idade:
3. Data nascimento:
4. Local de nascimento:
5. De onde veio? Desde quando mora aqui? Quais as razões por que veio morar em Florianópolis?
6. Sexo:
7. Profissão:
8. Escolaridade:
9. Situação familiar (solteiro; casado; filhos)
10. Mora com quem?
11. Renda:
12. Qual a renda total da família?
13. Qual a tua situação de trabalho hoje? Qual tua ocupação?
14. E no ano de 1999 e 2000, qual era tua situação de trabalho ou ocupação?
15. Quais eram suas atividades principais?
16. Quanto tempo ficou como coordenador dos cursos?

**TEMA 2: CURSOS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL/PARCEIRIAS/
RECURSOS/COORDENAÇÃO (8 QUESTÕES)**

1. Para quem eram executados os cursos, qual a clientela?
2. Com quem era feita a parceria que a instituição firmou para a execução destes cursos?
3. Como eram distribuídos os recursos para a qualificação? O que houve que no início os cursos eram gratuitos, principalmente os supletivos, depois começaram a ser cobrados? Isso gerou muitas expectativas que foram constatadas em nossa pesquisa com os jovens. Um aluno mencionou o fato de que, quando vinha a supervisão do SINE, eram dados os passes para transporte, depois diziam não ter dinheiro, porque o SINE não estava repassando. O que realmente aconteceu?
4. Nos questionários aplicados com os jovens apenas um mencionou o contato da executora após o curso? Por quê? Vocês não realizam pesquisas com os egressos?
5. O que consideravas mais importante no teu trabalho de coordenador? Quais os aspectos dessa satisfação?
- 6. Quais os problemas vivenciados como coordenador?**
7. Como era feita a seleção dos alunos? O que se leva em consideração na hora da inscrição?
- 8. Qual o perfil da clientela?**

TEMA 3. QUALIFICAÇÃO/ TRABALHO/ EMPREGO (18 QUESTÕES)

1. **Você acha que estes cursos contribuem para conseguir emprego/ trabalho? Por quê?**
2. Caso ache que não, responda por quê?
3. Se não contribuem para conseguir emprego/ trabalho, qual é o propósito?
4. Na tua opinião, quais são as maiores dificuldades que os jovens enfrentam para conseguir uma ocupação?
5. Em relação aos meios de informação e locais que eles utilizam para buscar emprego, os percentuais mais altos foram jornais e indicação de amigos, o que você acha disso? Agências como o SINE e a executora dos cursos são pouco procuradas pelos jovens. Na sua opinião, por que isso ocorre?
6. Quais seriam os motivos que levam um jovem a procurar um curso de qualificação profissional?
7. Na sua opinião, como fazer quando não se tem recursos para estudar, ou como aconteceu em 2000, que os recursos foram cortados no meio dos cursos?
8. Nesse caso, como fica a população mais carente?
9. Uma das reclamações dos jovens é que os cursos são muito rápidos e não se aprende, não contribui. O que você acha disso?
10. Por que nos supletivos (Elevação de Escolaridade) coloca-se o aluno já alfabetizado com aquele que ainda não está? Muitos reclamaram que isso atrasava a aprendizagem, as aulas se tornavam repetitivas e massantes, que tinham que esperar os outros, etc.?
12. Na sua opinião, quais as dificuldades que os jovens enfrentam atualmente para conseguir trabalho?
13. Você acha que estes cursos trazem benefícios para os jovens? Quais
14. Na tua opinião, quais as diferenças ou semelhanças entre a escola regular e estes cursos?
15. Você acha que o que o aluno aprende no curso de Educação Profissional? Em que sentido ajuda no seu dia a dia?
16. Na sua opinião, quais os atributos que uma empresa considera na hora da contratação? Quais os critérios considerados diante das transformações no mundo do trabalho?
17. Quais os critérios que as empresas utilizam para admissão e demissão?
18. Você acha que a idade e o sexo são aspectos importantes para admissão e demissão?
19. Na tua opinião, como gestam trabalhadores jovens em cursos de qualificação profissional, em um espaço de pleno desenvolvimento da informalidade, rotatividade, de circulação interna de pessoas pela Ilha durante um período do ano? (trabalho sazonal na Ilha)?

TEMA 4. PROGRAMAS/TREINAMENTO/PROJETOS DA INSTITUIÇÃO (18 QUESTÕES)

1. Quais os programas de treinamento/educação/qualificação da instituição?
2. Como são estes programas (conteúdo, carga horária, etc)?
3. Qual o projeto educacional da instituição?
4. Que critérios a instituição adota para definir quem participa dos cursos?
5. Quais as mudanças que a instituição enfrentou nesta última década?
6. Quais os maiores problemas enfrentados pela instituição?
7. Quais os principais avanços?
8. A instituição tem projetos específicos para os jovens? Quais?
9. Caso não? Por que?
10. Quando perguntamos para os jovens sobre o que menos gostaram no curso e o que mudariam, os maiores percentuais apareceram nas categorias **“material”**

(precário, inadequado, falta de material) e **“infraestrutura”** (localização –distância da moradia e trabalho -, local péssimo, salas com pouca iluminação ou sem ventilação) O que pensas sobre isso? Por quê?

11. Sobre temáticas que os alunos gostariam que os cursos tratassem além das específicas , apareceram diversas (drogas, sexualidade, ecologia, música, arte, teatro, pintura, etc). Esta questão, no nosso modo de ver, estaria sugerindo uma educação mais integral ou abrangente. Qual sua opinião sobre o assunto? Como são planejados os cursos?

12. É feita alguma pesquisa com os jovens em termos dos conteúdos abordados?

13. Se não ocorre, por quê? Há muita reclamação que os cursos são muito rápidos, técnicos, específicos demais?

14. Esses cursos pretendem se diferenciar da escola regular? Por quê?

15. Na pesquisa, uma das perguntas era sobre os melhores meios de aprendizagem, as três alternativas mais apontadas foram para os cursos de qualificação, família e escola. Qual sua opinião sobre o assunto?

16. Quanto aos instrutores ou professores dos cursos, qual a escolaridade, formação?

17. Como é feita a seleção e quais os critérios considerados?

18. Qual tua opinião sobre as críticas de que muitos não são especializados para a função?

ANEXO G – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Esta pesquisa tem como objetivo central investigar as redes de significados dos processos identitários de jovens egressos dos cursos de Educação Profissional da CUT e SENAI. Quatro municípios, Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu, que fazem parte da microrregião de Florianópolis constituíram o cenário da pesquisa..

Os jovens pesquisados são integrantes de grupos religiosos musicais e de esportes, participam de ações voluntárias e de uma cooperativa.

Foram também entrevistados os coordenadores dos cursos de Educação Profissional da CUT e do SENAI.

Diário de campo, observação indireta, questionário individuais e entrevistas individuais foram estratégias importantes usadas na investigação.

Procurei respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as entrevistas e questionários nos encontros com os sujeitos pesquisados. Nos relatos individuais, foi mantido sigilo e respeito do que os jovens solicitaram para não ser divulgado. Entretanto, permitiram que seus nomes reais fossem mantidos no trabalho.

Como pesquisadora responsável por esta investigação procurei em todos os momentos esclarecer adequadamente as dúvidas sobre a divulgação da pesquisa, deixando os jovens pesquisados muito a vontade para participar ou não do trabalho.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa, revisado e aprovado a transcrição de minhas falas e ter esclarecido todas as minhas dúvidas;

Eu, _____, R.G. sob. n° _____, concordo com a apresentação oral, escrita ou publicação do que foi escrito nesta pesquisa.

Assinatura do/a Participante

Assinatura da Pesquisadora

_____, _____ de _____ de _____

Dados da Pesquisadora:

Tânia Regina Raitz

Formada em Ciências Sociais, Mestrado em Sociologia Política e doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professora universitária da Universidade do Vale do Itajaí – Univali

E-mail: floraitz@terra.com.br Fone: (48) 3347576
